

TERRY BROOKS



A ESPADA DE
SHANNARA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Lendas e mitos
que não existiam no
mundo do passado
existirão no mundo
de amanhã. Coisas
más, cruéis e astutas
acordarão agora,
depois de passar
séculos adormecidas.
A sombra do Lorde
Feiticeiro começa
a cair sobre
as quatro terras.



manifesto da coleção bang!

Este é o nosso compromisso com você:

*Queremos ser a melhor coleção de
literatura fantástica do Brasil.*

*Vamos publicar apenas os grandes
livros dos grandes autores.*

*Todas as obras são válidas, desde que
ignorem as limitações do realismo.*

Queremos mexer com a sua cabeça.

Mas um click não basta.

É preciso um Bang!

a espada de shannara

trilogia a espada de shannara / livro um

Terry Brooks

Tradução de Ana Cristina Rodrigues



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

TÍTULO: *A Espada de Shannara / nº 6 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Terry Brooks*

EDITOR: *Luís Corte Real*

© 2014 por *Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.*

The Sword of Shannara © 1997 *Terry Brooks*. Publicado originalmente nos E.U.A. por *The Random House Publishing Group*, 2002

TRADUÇÃO: *Ana Cristina Rodrigues*

ADAPTAÇÃO: *Bruno Anselmi Matangrano*

REVISÃO: *Rebeca Bolite e Tomaz Adour*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Luis Melo*

PRODUÇÃO DIGITAL: *SBNigri Artes e Textos Ltda.*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B888e

Brooks, Terry

A Espada de Shannara [recurso eletrônico] / Terry Brooks [tradução de Ana Cristina Rodrigues]; Rio de Janeiro: Saída de Emergência, 2014.

recurso digital

Tradução de: *The Sword of Shannara*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-67296-12-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana Cristina. II. Título.

14-08872

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil,
por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.

Rua Luiz Câmara, 443

Suplementar: Rua Felizardo Fortes, 420 – Ramos

21031-160 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2538-4100

www.sdebrasil.com.br



TERRAS DO NORTE

PANTANO DE MALG

MTS. CHARNAL

REINO DA CAVEIRA

Deserto Kierlak

Mt. da Caveira

Mts. da Lâmina da Faca

Rio Lethe



PLANÍCIE DE STRELEHEIM

Passo Jannisson

Vale do Rhenn

TERRAS DO OESTE

PARANOR

Fortaleza dos Druidas

PLANÍCIE DE RABB

TERRAS DO LESTE

Rio Rabb

ANAR SUPERIOR

Rio Mermidon

dentes de dragão

Salão dos Reis

KERN

Passo Kennon

Vale do Xisto

Varfleet

Storlock

Mts. Wolfkkaar

CALLAHORN

CYRSIS

MONTANHAS DE RUNNE

Passo de Jade

Passo do Lago

FLORESTA DE ANAR

TERRAS DO SUL



LAGO ARCO-IRIS

Rio Prata

Culhaven

Floresta Duln

Pântano das Névoas

LEAH

PLANÍCIE DE BATTLEMOUNDS

ANAR INFERIOR

Vale Sombrio

Planícies de Clate

Carta do Editor

“A dor conduz à amargura; e esta, à raiva.
Se você segue por esse caminho, está perdido.”

— Terry Brooks

Quando foi lançado, em 1977, *A Espada de Shannara* causou uma grande sensação, vendendo mais de 125.000 cópias em poucos dias. Foi o primeiro livro de fantasia a entrar na lista de mais vendidos do *The New York Times*, na qual ficou durante quase seis meses. Com esse sucesso, Terry Brooks mudou a percepção que editores, livreiros e críticos tinham da literatura fantástica. Não é exagerado dizer que Brooks deu início à Era de Ouro da fantasia épica, tornando-a um dos gêneros mais rentáveis e abrindo portas para os autores que surgiram em seguida: Raymond E. Feist, David Gemmell, Robert Jordan e até George R. R. Martin.

Brooks levou sete anos para escrever *A Espada de Shannara*. Antes havia tentado a sorte em ficção científica, westerns, histórias de guerra, mas nada o satisfazia. Só depois de ler Tolkien descobriu o gênero perfeito para ele: a fantasia épica. O famoso editor Lester del Rey também viu em *A Espada de Shannara* a obra ideal para lançar o seu selo. Hoje a Del Rey é a casa de gigantes como Isaac Asimov, Arthur C. Clarke, Philip K. Dick e China Miéville.

A Espada de Shannara conta as aventuras de pessoas comuns que vivem circunstâncias extraordinárias. Assim como Tolkien havia ignorado deuses e heróis e transformado Bilbo e Frodo Bolseiro em seus personagens principais, Brooks também optou por esse heroísmo mundano, contando-nos as histórias de homens e mulheres normais tentando fazer o que é certo.

A inspiração de Brooks para criar uma das sagas mais bem-sucedidas da fantasia épica veio de muitas fontes. Se o seu editor foi uma grande

influência, o mesmo se pode dizer de Tolkien, cujo encanto e magia Brooks tentou transportar para os mundos de Walter Scott, Robert Louis Stevenson e Alexandre Dumas. Mas enquanto Tolkien era um acadêmico, Brooks sempre se assumiu como autor das massas. Enquanto Tolkien se alongava em poemas, apêndices de linguagem e origens de personagens, Brooks procurou aventura, emoção, reviravoltas inesperadas e ação frenética.

Mas que ninguém pense que o mundo de Shannara é pobre em detalhes. Brooks fez do seu universo um dos personagens principais da história, dando-lhe vida, personalidade e muitos toques de originalidade. Não é todos os dias que encontramos uma saga de pura fantasia épica que se passa no futuro, muitos séculos após um tremendo holocausto nuclear, cuja consequente radiação foi responsável pelo aparecimento de seres como os trolls, gnomos e anões. Com o desaparecimento da tecnologia, a magia ressurgiu e o mundo mergulhou num período que se pode identificar como uma Idade Média na qual todos nós gostaríamos de viver.

Por isso, fãs de fantasia épica, preparem-se para uma saga que atravessa séculos e continentes. Venham descobrir por que o nome “Shannara”, tal como “Terra-Média” ou “Hogwarts”, é um dos poucos que até mesmo os fãs mais distraídos de literatura fantástica reconhecem. É sinônimo de pura aventura!

Luís Corte Real

Aos meus pais,
Que acreditaram

Nota do Autor

Escrevi *A Espada de Shannara* quando estava na faculdade de Direito. Eu tinha me inscrito nesse curso porque todos achavam que era uma boa ideia. Inclusive meus pais, que deviam saber das coisas. Eu havia acabado o primeiro dos três anos de estudo e detestara cada momento. Claro que a ideia de advogar me intrigava. Mas as longas e áridas descrições de antigos casos durante as aulas eram insuportáveis.

Decidi largar o Direito. Na verdade, só tinha ido à universidade para que pudesse ter uma profissão que me permitisse ganhar algum dinheiro enquanto via se era possível ganhar a vida como escritor. Mais do que qualquer outra coisa, eu amava escrever. Desde os 5 anos, era um contador de histórias e tinha passado grande parte da infância brincando de interpretar personagens. Mas eu sabia quanto era difícil ser publicado. E sabia que mais difícil ainda era vender os livros depois, e em quantidade suficiente para sobreviver com os rendimentos dos direitos autorais. Os números apresentados nos Estados Unidos naquela época eram intimidantes: só três por cento de todos os autores conseguiam viver apenas de sua escrita; o restante tinha que encontrar outra fonte de renda.

Então ali estava eu, preso na faculdade de Direito, sofrendo e sentindo pena de mim mesmo. Liguei para os meus pais e lhes disse que estava largando o curso. Eles bancavam meus estudos – o que mostra um pouco o tipo de pessoa que eram –, portanto mereciam ser os primeiros a saber. “Acho que não nasci para isso”, argumentei. Minhas notas eram muito baixas e eu não me encaixava. Deveria seguir outro caminho.

Eles me persuadiram a continuar por mais um ano. “Dê uma chance”, incentivaram. “Nós acreditamos em você. Apenas faça o melhor que puder.”

O que eu poderia responder? Concordei. Esperaria mais um ano. Mas, secretamente, disse a mim mesmo que algumas coisas iriam mudar. Eu havia passado todo o primeiro ano só estudando Direito; não escrevera uma

palavra sequer. Nesse segundo ano, escreveria alguma coisa. Não algo qualquer, como antes, mas um livro com que eu sentisse uma forte ligação. Eu me dedicaria a isso.

Então tive a ideia de combinar as aventuras europeias que eu tanto amava – as histórias de Robert Louis Stevenson, Alexandre Dumas e Sir Robert Scott – ao mundo claustrofóbico do condado de Yoknapatawpha, Mississippi, que William Faulkner criara, onde a antiga nobreza proprietária de terras, representada pela família Compson, estava perdendo espaço para a família Snopes, menos escrupulosa e infinitamente mais desonesta. Eu colocaria tudo isso numa estrutura parecida com a de *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, um mundo habitado por criaturas dos contos de fadas e dos mitos, no qual, em vez da ciência, o poder dominante seria a magia.

Sete anos e três rascunhos depois – com um ano de intervalo para me recuperar da exaustão e reescrever completamente o livro que estava terminado –, eu tinha o original de *A Espada de Shannara*. Também me formara em Direito com notas satisfatórias e, nos últimos cinco anos, trabalhava para uma pequena firma em Illinois, meu estado natal.

Nunca se sabe como as coisas se desenrolarão.

— Terry Brooks, Janeiro de 2014.

Capítulo I

O sol já estava mergulhando no verde profundo das colinas a oeste do vale, as sombras vermelhas e rosadas tocando os cantos da terra, quando Flick Ohmsford começou a descer. A trilha estendia-se irregularmente pela encosta ao norte, serpenteando pelas grandes rochas que cravejavam o terreno acidentado em enormes maciços, e desaparecia dentro das florestas densas das planícies para reaparecer em breves vislumbres nas pequenas clareiras e áreas desbastadas do bosque. Flick seguia a trilha familiar com os olhos, enquanto caminhava, cansado, com a bolsa leve pendurada frouxamente sobre o ombro. Seu rosto largo e castigado pelo vento apresentava uma expressão plácida, e apenas os grandes olhos cinzentos revelavam a energia irrequieta que ardia sob a calma exterior. Ele era um homem jovem, embora a forma robusta, o cabelo castanho que começava a ficar grisalho e as sobrancelhas desgrenhadas o fizessem parecer mais velho. Vestia as roupas largas de trabalho do povo do vale e carregava na bolsa vários utensílios de metal que chacoalhavam uns contra os outros.

O ar noturno estava um pouco frio e Flick apertou a gola da camisa de lã junto ao pescoço. O trajeto adiante atravessava florestas e planícies, ainda indistinguíveis enquanto ele passava pela floresta e pelos altos carvalhos; sombrias nogueiras elevavam-se até encobrir o céu sem nuvens da noite. O sol tinha se posto, deixando o azul-escuro do céu pontilhado por milhares de estrelas acolhedoras. As enormes árvores, no entanto, apagavam até mesmo aquela luz, e Flick ficou sozinho na escuridão silenciosa percorrendo lentamente o caminho conhecido. Por ter viajado por aquela mesma rota centenas de vezes, o jovem percebeu de imediato a imobilidade incomum que parecia encantar o vale inteiro naquela noite. Os familiares zumbidos e chilros dos insetos em geral presentes na quietude noturna, os gorjeios dos pássaros que acordavam ao pôr do sol para voar em busca de alimento — todos estavam ausentes. Flick escutou com atenção à procura de algum som

de vida, mas seus ouvidos sensíveis não conseguiram detectar nada. Balançou a cabeça, apreensivo. O silêncio era perturbador, particularmente por causa dos rumores sobre uma criatura assustadora de asas negras vista no céu noturno ao norte do vale poucos dias antes.

Ele se forçou a assobiar e voltou os pensamentos para o dia de trabalho na região logo ao norte do vale, onde famílias que viviam afastadas cultivavam a terra e criavam gado doméstico. Ele viajava até suas casas toda semana, fornecendo vários itens de que necessitavam, levando notícias sobre o vale e ocasionalmente sobre as distantes cidades das Terras do Sul. Poucos conheciam as zonas rurais ao redor tão bem quanto ele, e menos ainda se importavam em viajar para longe da relativa segurança de suas casas no vale. Naquela época, os homens estavam mais inclinados a permanecer em comunidades isoladas e deixar o resto do mundo viver da melhor maneira que podia. Flick, porém, gostava de se aventurar para longe do vale de tempos em tempos e os donos das propriedades mais remotas precisavam de seus serviços e estavam dispostos a pagar pelo incômodo. O pai de Flick não era do tipo que deixava passar uma oportunidade de ganhar dinheiro, e o arranjo parecia funcionar bem para todos os envolvidos.

Um galho baixo roçou sua cabeça e fez Flick se sobressaltar e pular para o lado. Irritado, endireitou-se e olhou para o obstáculo de folhas antes de continuar o trajeto em um ritmo um pouco mais rápido. Estava agora embrenhado na floresta da planície e apenas fragmentos de luar conseguiam ultrapassar os ramos espessos acima, para iluminar parcamente o caminho sinuoso. Parecia tão escuro que Flick tinha dificuldade em encontrar a trilha, e enquanto estudava o terreno adiante, ficou novamente consciente do pesado silêncio. Era como se toda a vida tivesse se extinguido abruptamente e somente ele continuasse vivo para encontrar a saída daquele cemitério de floresta. Lembrou-se de novo dos estranhos rumores. Ele se sentiu um pouco ansioso; mesmo contra sua vontade, olhou em volta preocupado. Mas nada se agitou na trilha adiante nem se moveu nas árvores por perto, e ele sentiu um alívio envergonhado.

Parando por um momento em uma clareira iluminada pelo luar, observou a imensidão do céu noturno antes de caminhar para o meio das árvores logo adiante. Ele andava lentamente, escolhendo com cuidado o caminho pela trilha sinuosa que se estreitara após a clareira e que parecia desaparecer sob

uma parede de árvores e moitas. Flick sabia que era apenas uma ilusão, mas mesmo assim olhou apreensivo ao redor. Momentos depois, ele se encontrava de novo em uma trilha mais ampla e conseguia ver pedaços do céu através da folhagem das árvores. Estava quase no sopé do vale e a cerca de três quilômetros de casa. O jovem sorriu e começou a assobiar uma antiga canção de taverna enquanto caminhava apressadamente. Estava tão concentrado na trilha e no terreno aberto além da floresta que não notou a enorme sombra negra que pareceu se avolumar de repente, separando-se do carvalho à sua esquerda e se movendo rapidamente para interceptá-lo no meio do caminho. A figura sombria já estava quase em cima de Flick quando ele sentiu sua presença se assomando diante de si como uma imensa rocha negra que ameaçava esmagar o pequeno jovem. Com um grito surpreso de medo, saltou para o lado, a bolsa caindo no meio da trilha com barulho de metais enquanto ele sacava com a mão esquerda a longa e fina adaga presa à cintura. Ao se posicionar para se defender, foi acalmado por um braço imponente erguido acima da figura à sua frente e por uma voz profunda, mas tranquilizadora, que falou com rapidez:

— Espere um momento, meu amigo. Não sou nenhum inimigo e não tenho intenção de feri-lo. Apenas procuro o caminho e ficaria grato se você pudesse me mostrar a direção correta.

Flick baixou um pouco a guarda e tentou perscrutar as sombras da figura adiante em um esforço para descobrir alguma semelhança com um ser humano. No entanto, ele não conseguia enxergar nada e se moveu para a esquerda em uma tentativa de ver as feições da figura sombria no luar encoberto pelas árvores.

— Eu lhe asseguro, não desejo causar nenhum mal — continuou a voz, como se lesse a mente do rapaz do vale. — Não quis assustá-lo, mas não o vi até você estar quase na minha frente e fiquei receoso de que passasse por mim sem perceber que eu estava aqui.

A voz fez uma pausa e a figura enorme ficou em silêncio, embora Flick pudesse sentir seus olhos seguindo-o enquanto ia para a beira da trilha posicionar as próprias costas contra a luz. Lentamente, o luar pálido começou a desvendar as feições do estranho em linhas vagas e sombras azuladas. Os dois se encararam em silêncio por um longo momento,

analisando-se, com Flick se esforçando para decidir o que ele via e o estranho na expectativa.

Então, abruptamente, a enorme figura lançou-se sobre ele com uma rapidez desconcertante e suas mãos poderosas agarraram os pulsos de Flick, ergueram-no do chão e o seguraram no alto, a adaga caindo dos dedos enfraquecidos ao ouvir a voz profunda rir zombeteiramente dele.

— Ora, ora, meu jovem amigo! O que você vai fazer agora, eu lhe pergunto. Eu poderia arrancar seu coração do peito e deixá-lo aqui para os lobos devorarem se quisesse, não é mesmo?

Flick lutou violentamente para se libertar, o terror paralisando sua mente para qualquer outro pensamento além da fuga. Não fazia ideia de que tipo de criatura era aquela que o subjugara, mas era muito mais poderosa do que qualquer homem normal e, aparentemente, estava pronta para matá-lo com rapidez. De súbito, seu captor o segurou bem perto de seu rosto e a voz desdenhosa tornou-se gélida de desgosto.

— Chega, garoto! Já fizemos nosso joguinho e você continua sem saber nada sobre mim. Estou cansado e com fome e não tenho a menor intenção de me atrasar na trilha da floresta durante o frio da noite, enquanto você se decide se sou um homem ou uma fera. Colocarei você no chão para que possa me mostrar o caminho. E lhe aviso: não tente fugir de mim ou será pior para você. — A voz poderosa se abrandou e o tom de desgosto desapareceu quando a pitada anterior de zombaria retornou com uma breve risada. — Além do mais — murmurou a figura enquanto os dedos de ferro soltavam Flick, que escorregou para o chão —, eu posso ser um amigo muito melhor do que você imagina.

A figura deu um passo para trás e Flick se levantou, esfregando os pulsos com cuidado para restaurar a circulação às mãos dormentes. Ele queria fugir, mas tinha certeza de que o estranho o alcançaria e, então, acabaria com ele sem pensar duas vezes. Inclinou-se com cautela e apanhou a adaga, colocando-a de volta no cinto.

Flick conseguia enxergar com mais clareza agora e uma análise rápida revelou que a figura era definitivamente humana, embora muito maior que qualquer outro homem que já tivesse visto. Tinha mais de dois metros de altura e era excepcionalmente magro, apesar de ser difícil afirmar com certeza, pois sua silhueta estava envolta por um largo manto negro com um

capuz frouxo cobrindo-lhe a cabeça. O rosto obscurecido era comprido e bastante enrugado, o que lhe conferia uma aparência craquelada. Os olhos eram fundos e estavam quase ocultos por sobrancelhas desgrenhadas, firmemente fixas sobre um longo nariz chato. Uma barba curta e negra emoldurava uma boca ampla, que era apenas uma linha fina no rosto — uma linha que nunca parecia se mover. A aparência geral era assustadora, tudo escuridão e tamanho, e Flick teve de lutar contra a vontade crescente de correr para dentro da floresta. Encarou os olhos fundos e duros do estranho, não sem alguma dificuldade, e conseguiu dar um débil sorriso.

— Pensei que você fosse um ladrão — balbuciou, hesitante.

— Estava errado — foi a réplica calma. Então, a voz se suavizou um pouco. — Você deve aprender a diferenciar um amigo de um inimigo. Algum dia, sua vida poderá depender disso. Agora, me diga seu nome.

— Flick Ohmsford. — Flick hesitou por um momento e então continuou em um tom de voz um pouco mais corajoso. — Meu pai é Curzad Ohmsford. Ele é dono de uma hospedaria no Vale Sombrio a dois ou três quilômetros daqui. Você pode encontrar abrigo e alimento lá.

— Ah, o Vale Sombrio — exclamou o estranho. — Sim, é para lá que estou indo. — Ele fez uma pausa, como se refletisse sobre as próprias palavras. Flick o observou com cautela enquanto o outro esfregava o rosto enrugado com dedos tortos e olhava além da floresta para as pradarias do vale. Ele continuava a olhar para longe quando voltou a falar: — Você... tem um irmão.

Não era uma pergunta, mas uma simples afirmação. Foi dita de modo tão distante e calmo, como se o estranho não estivesse nem um pouco interessado em qualquer resposta, que Flick quase não o ouviu. Mas logo percebeu a importância da exclamação. Ele parou e olhou rapidamente para o outro.

— Como você...?

— Ah, bem... — disse o homem. — Não é verdade que todo jovem do vale como você tem um irmão em algum lugar?

Flick assentiu sem conseguir falar mais nada, incapaz de compreender o que o outro estava tentando dizer com aquilo e se perguntando quanto ele sabia sobre o Vale Sombrio. O estranho o olhava de forma questionadora, evidentemente esperando ser guiado até a comida e o abrigo prometidos.

Flick voltou-se depressa para encontrar sua bolsa caída no chão, apanhou-a e a pendurou sobre o ombro, olhando para a figura que se erguia acima dele.

— O caminho é por aqui. — Ele apontou, e os dois começaram a caminhar.

Saíram da floresta densa e subiram por colinas suaves que seguiriam até a vila do Vale Sombrio no outro extremo. Fora da mata, a noite estava clara; a lua cheia era um globo branco acima deles, seu brilho iluminando a paisagem e a trilha que os dois viajantes seguiam. O caminho em si era uma linha indefinida e sinuosa sobre as colinas gramadas, distinguível apenas pelos ocasionais sulcos molhados pela chuva e pedaços de terra duros e planos que irrompiam da grama espessa. O vento ganhara força e soprava sobre os dois homens em rápidas rajadas que açoitavam suas roupas ao andarem, forçando-os a baixarem as cabeças um pouco para proteger os olhos. Nenhum dos dois falou uma palavra enquanto prosseguiam, concentrados no terreno adiante, com novas colinas e pequenas depressões que apareciam a cada monte. A não ser pelo barulho do vento, a noite permanecia silenciosa. Flick escutava com atenção, e em certo momento pensou ouvir um grito agudo vindo do norte, mas o som desapareceu no instante seguinte e ele não o escutou novamente. O estranho não parecia estar preocupado com o silêncio. Sua atenção estava voltada para uma mudança no terreno cerca de dois metros à frente. Não consultava e nem mesmo olhava para o jovem guia enquanto viajavam. Em vez disso, parecia saber exatamente para onde o outro estava indo e andava com segurança ao seu lado.

Depois de um tempo, Flick começou a ter dificuldade em acompanhar o ritmo do homem alto, que caminhava com passos largos e entusiasmados que contrastavam com seus passos mais curtos. Algumas vezes, o rapaz do vale quase teve que correr para acompanhá-lo. Em uma ou duas ocasiões, o outro homem olhou para o companheiro mais baixo e, percebendo sua dificuldade em tentar igualar as passadas, diminuiu para um ritmo mais lento. Finalmente, quando os declives ao sul do vale se aproximavam, as colinas começaram a se nivelar com as pastagens cobertas de arbustos que indicavam o aparecimento de novas florestas. O terreno se inclinou em um declive suave, e Flick localizou vários pontos de referência que faziam

fronteira com os arredores do Vale Sombrio. Ele sentiu uma onda de alívio involuntário. A aldeia e sua casa aquecida estavam logo adiante.

O estranho não falou uma palavra durante a breve jornada, e Flick sentia-se relutante em iniciar uma conversa. Em vez disso, tentou analisar o gigante com breves olhares enquanto caminhavam, evitando que o outro percebesse. Estava compreensivelmente espantado. O rosto longo e enrugado sombreado pela densa barba negra o fazia recordar dos temerosos Feiticeiros que anciões severos descreveram para ele em frente às brasas reluzentes de uma fogueira tarde da noite, quando era apenas uma criança. Ainda mais assustadores eram os olhos do estranho — ou, melhor dizendo, as cavernas escuras e fundas abaixo das sobrancelhas desgrenhadas onde os olhos deveriam estar. Flick não conseguia atravessar as pesadas sombras que continuavam a mascarar toda aquela área de seu rosto. A fisionomia profundamente vincada parecia esculpida em pedra, fixa e curvada para o caminho à sua frente. Enquanto Flick refletia sobre o semblante impenetrável, ele subitamente percebeu que o estranho não mencionara o próprio nome.

Os dois se encontravam na fronteira externa do vale, onde o caminho, bastante distinguível, serpenteava entre enormes arbustos que quase fechavam a passagem de seres humanos. O estranho alto parou de súbito e baixou a cabeça, escutando com atenção. Flick se deteve ao seu lado e aguardou quieto, também escutando, mas incapaz de detectar qualquer som. Continuaram parados por minutos aparentemente intermináveis, e, então, o homem maior voltou-se com pressa para o pequeno companheiro.

— Rápido! Esconda-se naqueles arbustos. Vá agora, corra!

Ele meio empurrou, meio jogou Flick na frente, enquanto corria velozmente em direção ao arbusto mais alto. Flick correu temeroso para o refúgio das moitas, com a bolsa batendo contra suas costas e os utensílios de metal tilintando. O estranho virou-se para ele e pegou a bolsa, guardando-a sob o longo manto.

— Silêncio! — sussurrou ele. — Corra agora. Sem fazer barulho.

Eles correram com rapidez para o paredão escuro de folhagem cerca de quinze metros adiante, e o homem alto empurrou Flick em meio aos galhos que chicoteavam seus rostos, puxando-o rudemente para o meio de um amontoado de mato, onde ficaram parados, com a respiração pesada. Flick

olhou para o companheiro e notou que ele não observava a região ao redor através da moita, mas examinava o céu noturno visível através de brechas pequenas e irregulares na folhagem. O céu pareceu claro para o rapaz do vale enquanto ele acompanhava o olhar determinado do outro, e somente as estrelas imutáveis piscaram de volta quando ele olhou e esperou. Vários minutos se passaram; tentou falar, mas foi rapidamente silenciado pelas mãos fortes do estranho, que agarraram seus ombros como advertência. Flick continuou de pé, observando a noite e espichando as orelhas para algum som do aparente perigo. Não ouviu nada, porém, além da respiração dos dois e de uma suave lufada de vento entre os ramos de seu esconderijo.

Então, no instante em que Flick se preparava para relaxar os membros cansados e se sentar, o céu foi subitamente encoberto por alguma coisa enorme e negra que flutuava acima deles e logo desapareceu. Um momento depois, a coisa passou de novo, circulando lentamente sem parecer se mover, sua sombra pairando de maneira nefasta acima dos dois viajantes escondidos como se estivesse prestes a descer sobre eles. Uma sensação repentina de terror percorreu os pensamentos de Flick, prendendo-os em uma malha de ferro enquanto se esforçava para escapar da loucura medonha que os penetrava. Algo parecia entrar em seu peito, espremendo devagar o ar de seus pulmões; ele ficou sem fôlego. Uma visão passou bruscamente por ele — uma imagem negra entremeada de vermelho, de mãos com garras e asas gigantescas, algo tão maligno que sua mera existência ameaçava a frágil vida do jovem. Por um momento, pensou em gritar, mas a mão do estranho agarrou seu ombro com mais força, afastando-o do precipício. Tão repentinamente quanto aparecera, a sombra gigantesca sumiu e o céu da noite ficou tranquilo de novo.

A mão sobre o ombro de Flick soltou-o devagar, e o jovem do vale escorregou pesadamente para o chão, com o corpo flácido e suando frio. O estranho alto sentou-se de maneira calma ao lado do companheiro e um pequeno sorriso passou-lhe pelo rosto. Ele colocou uma mão comprida sobre a de Flick e deu-lhe um tapinha de leve, como se ele fosse uma criança.

— Vamos, meu jovem amigo — sussurrou —, você está vivo e a salvo, e o vale está logo adiante.

Flick observou com olhos arregalados de medo o rosto calmo do outro enquanto concordava com a cabeça.

— Aquela coisa! O que era aquela coisa horrível?

— Apenas uma sombra — respondeu o homem com facilidade. — Mas esse não é o lugar nem a hora para nos preocuparmos com tais questões. Falaremos sobre isso depois. No momento, eu gostaria de comida e de um fogo quente antes de perder toda a paciência.

Ele ajudou o rapaz do vale a se levantar e devolveu-lhe a bolsa. Então, com um gesto amplo do braço coberto pelo manto, indicou que estava pronto para seguir se o outro estivesse em condições de guiá-lo. Saíram do esconderijo nos arbustos, Flick receoso enquanto olhava apreensivamente para o céu noturno. Era como se tudo não tivesse passado de imaginação. Flick refletiu solenemente sobre o assunto e logo decidiu que, qualquer que fosse o caso, ele já tinha experimentado o suficiente por uma noite: primeiro esse gigante sem nome e depois aquela sombra assustadora. Prometeu a si mesmo em silêncio que pensaria duas vezes antes de viajar de novo durante a noite para tão longe da segurança do vale.

Vários minutos mais tarde, as árvores e arbustos começaram a rarear e o bruxulear da luz amarelada ficou visível através da escuridão. Ao se aproximarem, as formas vagas das construções assumiram o formato de massas quadradas e retangulares sob as sombras. O caminho se alargou para uma estrada de terra suave que levava diretamente à vila, e Flick sorriu agradecido para as luzes que brilhavam, cumprimentando-o de forma amigável pelas janelas das casas silenciosas. Não havia movimento algum na estrada; se não fosse pelas luzes, seria bem possível pensar que ninguém morava no vale. No entanto, dadas as circunstâncias, os pensamentos de Flick estavam longe de tais questões. Já considerava o que contaria a seu pai e a Shea, pois não desejava preocupá-los com estranhas sombras que poderiam ser produto de sua imaginação e da noite escura. O estranho ao seu lado poderia prestar algum esclarecimento sobre o assunto futuramente, mas até o momento ele não provara ser de muita conversa. Mais uma vez, ele sentiu um calafrio ante a escuridão do homem. Ela parecia refletir de seu manto e capuz por sobre a cabeça abaixada e mãos finas para encobrir a figura inteira em nebulosidade. Quem quer que fosse, Flick tinha certeza de que seria um inimigo perigoso.

Passaram devagar entre as construções da aldeia, e Flick conseguiu ver as tochas acesas através das molduras de madeira das amplas janelas. As casas eram estruturas baixas e compridas, de andar térreo e telhado levemente inclinado, que na maioria dos casos se estendia em um dos lados para abrigar uma pequena varanda e era sustentado por colunas pesadas fixadas em um longo pórtico. As construções eram feitas de madeira, com fundação de pedras e fachadas também de pedras em algumas delas. Flick olhou pelas janelas encortinadas, vislumbrando os habitantes, e deixando que os rostos familiares o confortassem no meio da escuridão. Fora uma noite assustadora, e ele sentia alívio por estar em casa entre pessoas que conhecia.

O estranho permanecia distraído. Apenas olhou de relance para a vila e não falou nada desde que entraram no vale. Flick continuava estranhando a maneira como o outro o seguira. Ele não o seguia de modo algum; parecia saber exatamente para onde o rapaz ia. Quando a estrada se dividiu em dois caminhos de direções opostas entre fileiras de casas idênticas, o homem alto não teve dificuldade em determinar a rota correta, apesar de não olhar para Flick e nem levantar a cabeça para analisar a estrada. Flick percorria a trilha enquanto o outro guiava.

Os dois alcançaram a hospedaria rapidamente. Era uma estrutura grande, constituída por uma construção principal e um pórtico com varanda, com duas alas compridas que se estendiam para trás pelos dois lados. Era feita de troncos imensos, sobre uma fundação alta de pedras, coberta com o familiar telhado de madeira, este em particular muito mais alto do que os das moradias das famílias. A construção principal estava bem iluminada e era possível ouvir vozes abafadas lá dentro, intercaladas por gritos e risadas ocasionais. As alas da hospedaria estavam no escuro; era onde se localizavam os quartos dos hóspedes. O cheiro de carne assada permeava o ar noturno, e Flick subiu depressa os degraus de madeira do comprido pórtico até as amplas portas duplas no centro da construção. O estranho alto o seguiu em silêncio.

Flick deslizou o pesado trinco de metal e puxou as maçanetas. A grande porta à direita se abriu para permitir a entrada deles em um grande salão cheio de bancos, cadeiras de encosto alto e várias mesas compridas de madeira pesada, dispostas contra a parede à esquerda e ao fundo. O aposento estava bastante iluminado pelas velas longas nas mesas, lamparinas

na parede e pela enorme lareira embutida no centro da parede esquerda; Flick ficou cego por um momento, enquanto se acostumava com a luz. Apertou os olhos com força, mirando para além da lareira e da mobília, para as portas duplas fechadas ao fundo do aposento e para o comprido bar que se estendia por toda a parede à direita. Os homens reunidos no bar olharam indolentemente para a dupla que entrava, demonstrando em seus rostos um assombro indisfarçado diante da aparência do estranho. Mas o silencioso companheiro de Flick não parecia tê-los visto, e, logo, todos retornaram às conversas e às bebidas, olhando uma ou duas vezes para os recém-chegados para ver o que iriam fazer.

A dupla continuou em frente à porta por mais algum tempo enquanto Flick olhava para os rostos da pequena multidão uma segunda vez, à procura do pai. O estranho foi na direção das cadeiras à esquerda.

— Vou me sentar enquanto você procura seu pai. Talvez possamos jantar juntos quando você voltar.

Sem comentar mais nada, ele foi calmamente até uma pequena mesa no fundo do aposento e se sentou de costas para os homens no bar, com o rosto um pouco abaixado e voltado para o lado oposto de Flick. Os homens do vale o observaram por um momento, e, então, ele atravessou as portas duplas que davam para um corredor do outro lado do salão. Seu pai estava provavelmente na cozinha, jantando com Shea. Flick acelerou pelo corredor, passando por várias portas fechadas antes de alcançar a que dava na cozinha da hospedaria. Ao entrar, os dois cozinheiros que estavam trabalhando o cumprimentaram com um animado boa-noite. Seu pai estava sentado na ponta de um comprido balcão à esquerda. Como Flick pensara, terminava de jantar e acenou com a mão forte para ele.

— Você está mais atrasado do que de costume — resmungou ele cordialmente. — Venha para cá jantar enquanto ainda há comida.

Flick foi até seu pai, cansado, colocou a bolsa de viagem no chão com um ruído baixo e se sentou em um dos bancos altos do balcão. Seu forte pai se endireitou, enquanto afastava o prato vazio e olhava para o outro inquisitivamente, enrugando a testa.

— Encontrei um viajante na estrada que também vinha para o vale — explicou Flick hesitante. — Ele quer um quarto e comida. Pediu para nos juntarmos a ele.

— Bem, ele veio para o lugar certo — declarou o velho Ohmsford. — Não vejo por que não nos juntarmos a ele. Eu poderia facilmente me servir de mais um prato.

Ele levantou o corpo grande do banco e ordenou aos cozinheiros que levassem três pratos de jantar para eles. Flick procurou por Shea, mas ele não estava ali. Seu pai andou pesadamente até os cozinheiros para dar instruções especiais sobre a preparação do jantar para o pequeno grupo, e Flick foi até a bacia perto da pia lavar a terra e a sujeira da estrada. Quando o pai voltou, perguntou aonde o irmão tinha ido.

— Shea saiu para fazer uma tarefa para mim e deve voltar a qualquer momento — respondeu. — Aliás, qual é o nome do homem que você trouxe para cá?

— Não sei. Ele não me disse — respondeu Flick, dando de ombros.

Seu pai franziu a testa e murmurou alguma coisa sobre estranhos calados; terminou o comentário abafado com a promessa de não aceitar mais tipos misteriosos na hospedaria. Gesticulando para o filho, liderou o caminho pela porta da cozinha, com os ombros largos esbarrando na parede enquanto ia na direção do salão. Flick o seguiu rapidamente, com uma expressão de dúvida no rosto.

O estranho ainda estava sentado em silêncio, de costas para os homens reunidos no bar. Ao ouvir as portas ao fundo se abrirem, mexeu-se para ver quem entrava. O estranho estudou a grande semelhança entre pai e filho. Ambos eram de altura mediana e estrutura corpulenta, com o mesmo rosto tranquilo e largo e o cabelo castanho grisalho. Eles pararam na soleira da porta e Flick apontou a figura escura. Ele pôde ver a surpresa nos olhos de Curzad Ohmsford quando o dono da hospedaria olhou para ele por um minuto antes de se aproximar. O estranho levantou-se com cortesia, postando-se frente aos dois que se aproximavam dele.

— Seja bem-vindo à minha hospedaria, estranho — cumprimentou o Ohmsford mais velho, tentando em vão olhar por baixo do capuz que sombreava o rosto escuro do outro. — Meu nome, como meu filho deve ter lhe dito, é Curzad Ohmsford.

O estranho apertou a mão estendida com uma força que fez o homem troncudo contorcer o rosto em uma careta e então acenou com a cabeça para Flick.

— Seu filho foi muito gentil em me trazer a esta agradável hospedaria. — Ele deu um sorriso que Flick podia jurar ser zombeteiro. — Espero que você se junte a mim para o jantar e um copo de cerveja.

— Certamente — respondeu o dono da hospedaria, passando pelo outro até uma cadeira vazia onde se sentou pesadamente.

Flick também puxou uma cadeira e se sentou, ainda olhando o estranho, que estava elogiando seu pai por ter uma hospedaria tão simpática. O Ohmsford mais velho brilhava de satisfação e acenou satisfeito para Flick enquanto pedia três copos para um dos homens no bar. O homem alto ainda não tirara o capuz que encobria seu rosto. Flick queria olhar por baixo das sombras, mas teve receio de que o estranho percebesse, e a primeira tentativa já lhe causara pulsos doloridos e o fizera ter um respeito saudável pela força e pelo temperamento do estranho. Era mais seguro ficar na dúvida.

Ele ficou sentado em silêncio enquanto a conversa entre o pai e o estranho se estendia de comentários educados sobre o clima brando para uma discussão mais íntima sobre as pessoas e os acontecimentos do vale.

Flick notou que o pai, que nunca precisara de muito encorajamento para falar, mantinha a conversa toda com apenas algumas perguntas casuais feitas pelo outro homem. Provavelmente não tinha importância, mas os Ohmsford não sabiam nada sobre o estranho. Ele sequer dissera o nome. E sutilmente estava obtendo informações sobre o vale do inocente dono da hospedaria. A situação perturbava Flick, mas ele não tinha certeza sobre o que fazer. Começou a desejar que Shea aparecesse e visse o que estava acontecendo. Mas o irmão continuava ausente e o esperado jantar foi servido e consumido antes que uma das portas duplas da frente se abrisse e Shea surgisse da escuridão.

Pela primeira vez, Flick viu o estranho encapuzado demonstrar mais do que um interesse passageiro por alguém. Mãos fortes agarraram a mesa enquanto a figura sombria se levantava em silêncio, agigantando-se sobre os Ohmsford. Ele parecia ter se esquecido de que eles estavam lá, enquanto sua testa se franzia ainda mais e as feições enrugadas irradiavam uma intensa concentração. Por um segundo assustador, Flick pensou que o estranho estivesse prestes a destruir Shea de alguma maneira, mas então a ideia sumiu.

e foi substituída por outra. O homem estava vasculhando a mente de seu irmão.

Ele encarava Shea atentamente, com os olhos profundos e sombreados percorrendo o semblante delgado de estrutura pequena. Ele percebeu as feições élficas características de imediato — as orelhas levemente pontudas sob o cabelo loiro desgrenhado, as sobrancelhas finas como se fossem desenhadas a lápis que subiam em um ângulo agudo a partir da ponte do nariz em vez de da testa, o nariz e o queixo finos. Ele via inteligência e honestidade naquele rosto, e agora que Shea se aproximava, também determinação nos penetrantes olhos azuis — uma determinação que se espalhava com rubor pelas feições juvenis enquanto os dois homens se encaravam. Shea parou por um momento, espantado com a aparição sombria e imensa do outro lado do salão. Ele se sentiu inexplicavelmente encurralado, mas imbuíu-se de resolução e caminhou na direção da figura ameaçadora.

Flick e o pai observaram Shea se aproximar, com os olhos ainda fixos no estranho alto, e então, como se subitamente percebessem quem ele era, os dois se levantaram das cadeiras. Houve um momento de silêncio constrangedor enquanto se olhavam, e então os três Ohmsford começaram a se cumprimentar, com uma repentina confusão de palavras que aliviou a tensão inicial. Shea sorriu para Flick, mas não conseguia tirar os olhos da figura imponente diante dele. Shea era um pouco mais baixo que o irmão e, portanto, ficava ainda mais à sombra do estranho, embora estivesse menos nervoso com isso ao olhar para o homem. Curzad Ohmsford falava com ele sobre a tarefa e sua atenção foi desviada momentaneamente enquanto respondia as perguntas insistentes do pai. Após algumas observações, Shea voltou-se para o recém-chegado do vale.

— Não acredito que já tenhamos sido apresentados; mas você parece me conhecer de algum lugar e eu tenho a estranha sensação de que deveria conhecê-lo.

O rosto sombrio concordou enquanto exibia brevemente o já familiar sorriso zombeteiro.

— Talvez você devesse me conhecer, apesar de não ser nenhuma surpresa que não se lembre. Mas eu sei quem você é; na verdade, eu o conheço muito bem.

Shea ficou perplexo com a resposta e, incapaz de responder, encarou o estranho. O outro ergueu uma mão fina até o queixo para coçar a curta barba negra, olhando lentamente para os três homens que esperavam que ele prosseguisse. A boca aberta de Flick emoldurava a pergunta na mente dos Ohmsford quando o estranho puxou o capuz para trás e revelou o rosto sombrio, envolto pelo longo cabelo negro cortado na altura dos ombros, e os olhos fundos e escuros, que ainda pareciam pequenas fendas negras sob as grossas sobrancelhas.

— Meu nome é Allanon — anunciou ele, calmamente.

Houve um momento de silêncio espantado enquanto os três ouvintes se encaravam com assombro. Allanon — o misterioso andarilho das quatro terras, historiador das raças, filósofo e professor, e, alguns diziam, praticante das artes místicas. Allanon, o homem que estivera em todos os lugares, desde os portos mais sombrios de Anar até as alturas proibitivas das Montanhas Charnal. Seu nome era conhecido até mesmo pelos povos das comunidades mais isoladas das Terras do Sul. E, naquele momento, ele estava inesperadamente diante dos Ohmsford, que nunca se aventuraram para longe de seu vale natal mais do que algumas poucas vezes durante a vida.

Allanon sorriu calorosamente pela primeira vez, mas no íntimo sentia pena deles. A tranquila existência que conheceram por tantos anos terminara, e, de certa maneira, por sua culpa.

— O que o traz até aqui? — perguntou Shea afinal.

O homem alto olhou com firmeza para ele e produziu uma risada baixa e profunda, que pegou todos de surpresa.

— Você, Shea — murmurou ele. — Eu vim procurar você.

Capítulo II

Shea acordou cedo na manhã seguinte, levantando do calor de sua cama para se vestir com pressa no frio úmido do ar matinal. Ele descobriu que levantara tão cedo que mais ninguém na hospedaria, fosse hóspede ou membro da família, estava acordado. A comprida construção estava silenciosa enquanto ele passava de seu pequeno quarto nos fundos da seção principal para o grande salão onde logo acendeu o fogo na lareira de pedra, com os dedos quase dormentes de frio. O vale era sempre surpreendentemente frio no início da manhã, antes de o sol alcançar o alto das colinas, mesmo durante as estações mais quentes do ano.

O Vale Sombrio era bem protegido, não somente dos olhos dos homens, mas da fúria das condições climáticas perversas que vinham das Terras do Norte. Ainda assim, apesar das fortes tempestades do inverno e da primavera não atingirem o vale, o intenso frio das manhãs se assentava nas colinas altas o ano inteiro, até que a calidez do sol do meio-dia viesse espantá-lo.

O fogo crepitava e estalava a madeira enquanto Shea relaxava em uma das cadeiras altas de encosto reto e refletia sobre os acontecimentos da noite anterior. Ele se recostou, cruzou os braços para se aquecer e encolheu-se na madeira pesada. Como Allanon poderia conhecê-lo? Ele saíra do vale pouquíssimas vezes e certamente se lembraria do outro homem se o tivesse encontrado em uma de suas raras viagens. Allanon se recusara a falar mais sobre o assunto depois daquela única declaração. Terminou o jantar em silêncio, deixando claro que continuaria a se explicar na manhã seguinte, e voltou a ser a figura ameaçadora que Shea vira ao entrar na hospedaria naquela noite. Após a refeição, pediu para ser levado até seu quarto e pediu licença. Nem Shea nem Flick conseguiram que ele dissesse mais uma palavra sobre a viagem até o Vale Sombrio e seu interesse por Shea. Os dois irmãos conversaram mais tarde naquela noite, e Flick contou a história do encontro com Allanon e o incidente com a aterradora sombra.

Os pensamentos de Shea voltaram à questão inicial: como Allanon poderia conhecê-lo? Ele repassou os acontecimentos de sua vida mentalmente. Os primeiros anos eram vagos em sua memória. Não sabia onde nascera. Fora adotado pelos Ohmsford ainda muito novo e eles lhe contaram apenas que nascera em uma pequena comunidade nas Terras do Oeste. Seu pai morrera antes que fosse possível fixar dele uma impressão duradoura, e já não conseguia se lembrar de quase mais nada. Sua mãe ficara com ele por algum tempo, e ele se recordava de fragmentos dos anos que passara com ela, brincando com as crianças élficas, cercado por árvores altas e uma solidão verdejante. Ele tinha cinco anos quando ela adoeceu subitamente e decidiu voltar para o seu povo na aldeia do Vale Sombrio. Ela deve ter percebido que estava prestes a morrer, mas sua preocupação principal era o filho. A viagem para o sul fora muito dura para ela, que falecera logo após alcançar o vale.

Os parentes que sua mãe deixara no vale ao se casar haviam morrido, exceto pelos Ohmsford, que eram apenas primos distantes. Curzad Ohmsford tinha perdido a esposa a menos de um ano e estava criando o filho Flick sozinho, enquanto gerenciava a hospedaria. Shea tornou-se parte da família e os dois meninos cresceram como irmãos, ambos carregando o sobrenome Ohmsford. Shea nunca soube seu sobrenome verdadeiro e nem se preocupara em perguntar. Os Ohmsford eram a única família com quem ele se importava e eles o aceitaram como um deles. Havia momentos em que ser um mestiço o perturbava, mas Flick insistia que isso era uma vantagem, já que ele possuía os instintos e a índole de duas raças para se desenvolver.

Entretanto, ele não conseguia se lembrar de nenhum encontro com Allanon. Era como se aquilo nunca tivesse acontecido de fato. Talvez não tivesse mesmo. Ele se remexeu na cadeira e olhou distraidamente para o fogo. Havia alguma coisa no andarilho sombrio que o assustava. Talvez fosse só imaginação, mas tinha a sensação de que o homem conseguia ler seus pensamentos de alguma maneira; ver através dele sempre que quisesse. Parecia ridícula, mas a ideia perdurara na mente do rapaz desde o encontro no salão da hospedaria. Flick também sentira o mesmo. E fora mais além, sussurrando na escuridão do quarto para o irmão, com medo de ser ouvido de alguma forma, que achava que Allanon era perigoso.

Shea se espreguiçou e suspirou profundamente. Já estava ficando claro lá fora. Ele se levantou para colocar mais madeira no fogo e escutou a voz do pai no corredor, resmungando alto sobre assuntos cotidianos. Suspirando de resignação, Shea abandonou seus pensamentos e se apressou a ajudar nos preparos matinais da cozinha.

Era quase meio-dia quando Shea finalmente viu Allanon, que evidentemente permanecera no quarto durante toda a manhã. Ele apareceu de repente, saindo de um dos lados da hospedaria, quando Shea descansava sob a sombra de uma árvore enorme nos fundos da construção, comendo um lanche que preparara para si. Seu pai estava ocupado dentro da construção e Flick saíra para fazer uma tarefa qualquer. O estranho sombrio da noite anterior não parecia menos ameaçador à luz do sol. Ainda era uma figura obscura de altura considerável, apesar de parecer ter mudado o manto negro para outro cinza-claro. O rosto fino estava virado para baixo enquanto andava na direção de Shea e se sentava na grama ao lado do morador do vale, olhando distraidamente para o alto das colinas ao leste, que apareciam acima das árvores da aldeia. Os dois continuaram em silêncio por longos minutos, até que Shea não conseguiu mais suportar.

— Por que você veio para o vale, Allanon? Por que estava me procurando?

O rosto sombrio voltou-se para ele e um leve sorriso surgiu nas feições finas.

— É uma pergunta, meu jovem amigo, que não pode ser tão facilmente respondida como você gostaria. Talvez, a melhor maneira de responder seja lhe fazendo uma pergunta primeiro. Você já leu alguma coisa sobre a história das Terras do Norte? — Ele fez uma pausa. — Você conhece o Reino da Caveira?

Shea se empertigou com a menção àquele nome — um nome que era sinônimo de todas as coisas horríveis na vida, reais ou imaginárias, um nome usado para assustar criancinhas travessas ou adultos com histórias contadas à beira da fogueira. Era um nome que evocava fantasmas e goblins, astuciosos gnomos da floresta do leste e grandes trolls de pedra no norte. Shea olhou para o semblante sombrio à sua frente e assentiu lentamente. Allanon pausou mais uma vez antes de continuar:

— Eu sou um historiador, Shea, entre outras coisas, talvez o historiador vivo mais viajado dos dias de hoje, já que poucos além de mim entraram nas

Terras do Norte nos últimos quinhentos anos. Conheço coisas sobre a raça dos homens que ninguém mais suspeita. O passado se tornou uma vaga lembrança, e talvez seja melhor assim, porque a história dos homens não foi particularmente gloriosa nos últimos dois mil anos. Os homens de hoje se esqueceram do passado; sabem pouco sobre o presente e menos ainda do futuro. A Humanidade vive quase que somente nos confins das Terras do Sul. Não sabe nada sobre as Terras do Norte e seus povos, e pouco sobre as Terras do Leste e do Oeste. É lamentável que tenham se tornado pessoas de visão tão limitada, pois já foram a raça mais visionária de todas. Mas agora se satisfazem em viver longe das outras raças, isolados dos problemas do resto do mundo. Permanecem satisfeitos porque esses problemas ainda não os alcançaram e porque o medo do passado os persuadiu a não encarar o futuro.

Shea se sentiu um pouco irritado com tantas acusações e sua resposta foi cortante.

— Você fala como se fosse uma coisa terrível querer ficar em paz. Eu conheço história o suficiente, não, conheço a vida o suficiente, para saber que a única esperança de sobrevivência da Humanidade é continuar longe das outras raças a fim de reconstruir tudo o que foi perdido nos últimos dois mil anos. Então, talvez seja esperta o bastante para não perder tudo pela segunda vez. Ela quase se aniquilou por inteiro durante as Grandes Guerras pela intervenção persistente nos assuntos dos outros e sua rejeição mal concebida de uma política de isolamento.

O rosto sombrio de Allanon ficou tenso.

— Eu tenho plena consciência das consequências catastróficas que essas guerras trouxeram, produtos do poder e da ganância que a raça dos homens causou a si mesma por meio de uma combinação de imprudência e de falta de visão impressionantes. Isso aconteceu há muito tempo. E o que mudou desde então? Você acha que os Homens podem recomeçar, certo, Shea? Bem, você pode ficar surpreso ao aprender que algumas coisas nunca mudam e que os perigos do poder estão sempre presentes, até mesmo para uma raça que quase se destruiu completamente. As Grandes Guerras do passado podem ter terminado, as guerras entre raças, políticas e nacionalismo, e as guerras de energia pura, por poder absoluto. Mas nós enfrentamos novos perigos agora, e esses perigos são uma ameaça muito

maior para a existência das raças do que aquelas do passado! Se acha que o homem está livre para construir uma nova vida enquanto o resto do mundo fica à deriva, então você não conhece nada de história! — Ele pausou subitamente, com as feições sombrias contraídas de raiva. Shea o encarou de volta desafiadoramente, embora se sentisse pequeno e assustado por dentro. — Chega — recomeçou Allanon, com o rosto se suavizando enquanto sua mão forte se erguia para segurar o ombro de Shea em sinal de amizade. — Não podemos mudar o passado, e é com o futuro que devemos nos preocupar. Deixe-me refrescar sua memória por um momento contando sobre a história das Terras do Norte e sobre a lenda do Reino da Caveira. Como tenho certeza de que sabe, as Grandes Guerras deram fim a uma época em que os homens eram a raça dominante. Os homens foram quase completamente aniquilados e até mesmo a geografia que conheciam foi toda alterada e reestruturada. Países, nações e governos deixaram de existir quando os últimos membros da raça humana partiram em direção ao sul a fim de sobreviver. Passaram-se quase mil anos para que os homens conseguissem se reerguer acima dos animais que caçavam e fossem capazes de estabelecer um tipo de civilização progressiva. Era primitiva, é claro, mas havia ordem e certa semelhança com governo. E então a Humanidade descobriu que havia outras raças habitando o mundo, criaturas que sobreviveram às Grandes Guerras e desenvolveram as próprias raças. Nas montanhas, existiam os gigantescos trolls, seres poderosos e ferozes, mas satisfeitos com o que tinham. Nas colinas e florestas, existiam as pequenas e astutas criaturas que chamamos gnomos. Muitas batalhas foram travadas entre homens e gnomos pelo direito ao território nos anos que se seguiram às Grandes Guerras, e as lutas causaram perdas para ambas as raças. Mas lutaram pela sobrevivência, e não existe lugar para bom senso na mente de uma criatura que luta pela própria vida. O homem também descobriu que existia outra raça: homens que fugiram para debaixo da terra com o objetivo de fugir dos efeitos das Grandes Guerras. Após anos vivendo em grandes cavernas sob a crosta da terra e longe da luz do sol, a aparência deles se alterou. Eles se tornaram baixos e atarracados, com braços e peitos poderosos e pernas fortes e grossas para escalar e escavar o subterrâneo. A visão deles no escuro tornou-se superior à das outras criaturas, mas pouco enxergavam à luz do sol. Eles viveram debaixo da terra por centenas de

anos, até que finalmente emergiram e voltaram a viver sobre a terra. No início, como sua visão era muito ruim, resolveram construir casas nas florestas mais escuras das Terras do Leste. Desenvolveram a própria linguagem, apesar de mais tarde retornarem à linguagem humana. Quando os homens descobriram os remanescentes dessa raça perdida, eles os chamaram de anões, por causa de uma raça fictícia dos tempos antigos.

A voz de Allanon abrandou e ele ficou em silêncio por alguns minutos, olhando para o alto das colinas, que exibiam um tom verde-brilhante sob a luz do sol. Shea considerou as observações do historiador. Ele nunca vira um troll, e apenas um ou dois gnomos e anões, mas não se lembrava muito bem deles.

— E os elfos? — perguntou, finalmente.

Allanon olhou para ele pensativo e abaixou mais um pouco a cabeça.

— Ah, sim, eu não me esqueci deles. Uma raça de criaturas impressionantes, os elfos. Talvez o povo mais importante de todos, embora ninguém jamais tenha se dado conta disso. Mas a lenda do povo élfico deve ficar para outra hora; basta dizer que eles sempre estiveram nas grandes florestas das Terras do Oeste, apesar de as outras raças raramente os encontrarem nesse estágio da história. Agora, devemos ver quanto você sabe sobre as Terras do Norte, meu jovem amigo. Hoje em dia, é uma terra habitada quase que somente pelos trolls, um território estéril e ameaçador para onde poucas pessoas de qualquer raça se atrevem a ir e muito menos se estabelecer. Já os trolls, é claro, foram criados para sobreviver lá. Atualmente, os homens vivem no calor e conforto do clima ameno e terreno verdejante das Terras do Sul. Eles se esqueceram de que as Terras do Norte também já foram habitadas por criaturas de todas as raças, não somente os trolls nas regiões montanhosas, mas homens, anões e gnomos nas planícies e florestas. Foi na época em que todas as raças estavam começando a reconstruir uma nova civilização com novas ideias, novas leis e muitas novas culturas. Era um futuro muito promissor, mas os homens de hoje se esqueceram de que aquela época existiu; esqueceram que são mais que uma raça derrotada tentando viver longe daqueles que os abateram e prejudicaram seu orgulho. Não havia divisão entre países naquele tempo. Era uma terra renascida, onde cada raça tinha uma segunda chance de construir o mundo. Porém, é claro, eles não perceberam a importância de tal

oportunidade. Estavam muito preocupados em assegurar o que consideravam possuir e em construir seus pequenos mundinhos separados. Cada raça tinha certeza de que estava destinada a ser o poder dominante nos anos que se seguiriam, reunidas como um bando de ratos raivosos protegendo um pedaço imprestável de queijo rançoso. E o homem, ah, sim, em toda a sua glória, estava rosando e se estapeando diante daquela chance exatamente como os outros. Você sabia disso, Shea?

O jovem do vale fez que não com a cabeça lentamente, incapaz de acreditar que o que ouvia pudesse ser verdade. Disseram-lhe que o homem fora um povo perseguido desde as Grandes Guerras, lutando para manter vivas sua dignidade e honra e proteger o pouco de terra que possuía frente à selvageria das outras raças. A raça humana nunca fora a opressora nessas batalhas; era sempre a oprimida. Allanon sorriu sombriamente, os lábios se retorcendo de satisfação zombeteira ao ver o efeito que suas palavras tiveram sobre Shea.

— Vejo que você não havia percebido que as coisas tinham ocorrido dessa forma. Mas não importa. Será a menor das surpresas que estou reservando para você. A Humanidade nunca foi o grande povo que pensou ser. Naquele tempo, os homens lutavam como o restante, embora eu admita que talvez tivessem uma noção de honra maior e um propósito mais claro de reconstrução que algumas das outras raças, e eram levemente mais civilizados. — Ele distorceu a palavra enquanto a pronunciava, costurando-a com um sarcasmo indisfarçado. — Todas essas observações, porém, têm muito pouco a ver com o ponto principal da nossa conversa, que espero deixar claro em breve. Foi mais ou menos nessa mesma época, em que as raças descobriram umas as outras e lutavam pela soberania, que o Conselho Druida abriu pela primeira vez os salões de Paranor na parte baixa das Terras do Norte. A história sobre as origens e os propósitos dos Druidas é muito vaga, entretanto, acredita-se que eles eram um grupo extremamente culto de integrantes de todas as raças, peritos em muitas das artes perdidas do mundo antigo. Eram filósofos e visionários, estudiosos de todas as artes e ciências, e, sobretudo, eram os educadores dos povos. Eram eles que distribuía o poder, poder de se obter novos conhecimentos sobre a vida. Eram liderados por um homem chamado Galaphile, um historiador e filósofo, assim como eu, que convocou as melhores mentes da terra para

formar um conselho e estabelecer a paz e a ordem. Esse homem confiava no conhecimento do grupo para predominar sobre as raças, em suas habilidades de distribuir conhecimento para ganhar a confiança das pessoas. Os Druidas foram uma força muito poderosa durante esses anos e o plano de Galaphile parecia funcionar como ele planejara. No entanto, com o passar do tempo, tornou-se evidente que alguns membros do Conselho possuíam poderes que superavam em muito os dos outros, poderes que estavam adormecidos e ganharam força com mentes geniais. Seria difícil explicar tais poderes para você sem demorar muito, mais do que podemos. O importante é saber que alguns daqueles que possuíam as mentes mais geniais do Conselho ficaram convencidos de que estavam destinados a moldar o destino das raças. No final, eles se separaram do Conselho para formar o próprio grupo, desapareceram e ficaram esquecidos por algum tempo. Cerca de mil e cinquenta anos mais tarde, ocorreu uma terrível guerra civil entre a raça dos homens, que ao final expandiu-se para a Primeira Guerra das Raças, como os historiadores a chamaram. Sua causa era incerta mesmo naquele tempo, e agora já foi quase esquecida. Em resumo, uma pequena parcela da raça dos homens se revoltou contra os ensinamentos do Conselho e formou um exército muito poderoso e bem treinado. A finalidade proclamada da revolta era subjugar o resto dos homens a um governo central de forma a garantir a melhoria da raça e o incremento de seu orgulho enquanto povo. No fim das contas, quase todos os segmentos da raça se juntaram à nova causa e a guerra se iniciou contra as outras raças, aparentemente para concretizar esse novo objetivo. A figura central por trás da guerra era um homem chamado Brona, um termo arcaico da linguagem dos gnomos para “Mestre”. Foi dito que ele era o líder dos Druidas do primeiro Conselho que se desintegrou e desapareceu nas Terras do Norte. Nenhuma fonte confiável jamais relatou ter falado com ele ou o avistado, e, no fim, concluiu-se que Brona era somente um nome, um personagem fictício. A insurreição, se quiser chamá-la assim, foi finalmente esmagada pelo poder combinado dos Druidas e de outras raças aliadas. Você sabia disso, Shea?

O rapaz do vale concordou com a cabeça e deu um pequeno sorriso.

— Ouvi falar sobre o Conselho Druida, sobre seu propósito e trabalho; uma história antiga, já que o Conselho terminou há muito tempo. E ouvi

falar sobre a primeira Guerra das Raças, embora não da maneira como contou. Acho que você chamaria a minha versão de tendenciosa. A guerra foi uma lição amarga para a Humanidade. — Allanon aguardou pacientemente enquanto Shea refletia sobre o que sabia sobre o passado antes de continuar. — Sei que os sobreviventes de nossa raça partiram para o sul depois que a guerra terminou e permanecem lá desde então, reconstruindo as casas e as cidades que perderam, tentando criar vida em vez de destruí-la. Você parece pensar que é um isolamento nascido do medo. Mas eu acredito que era e ainda é a melhor maneira de viver. Governos centralizados sempre foram o maior dos perigos para a Humanidade. Agora não há mais nenhum; a nova lei da vida são as pequenas comunidades. É melhor para todos deixar certas coisas em paz.

O homem alto deu uma risada profunda e sem alegria que fez Shea se sentir tolo.

— Você sabe tão pouco, embora o que tenha falado seja verdade. As verdades absolutas, meu jovem amigo, são as filhas inúteis de uma visão retrospectiva. Bem, eu não pretendo discutir com você agora sobre as sutilezas da reforma social, e muito menos do ativismo político. Vamos ter de deixar isso para outra hora. Conte-me o que você sabe sobre a criatura chamada Brona. Talvez... Não, espere um momento. Tem alguém chegando.

As palavras mal foram ditas antes de a figura corpulenta de Flick aparecer na esquina da hospedaria. O jovem do vale parou abruptamente ao ver Allanon e hesitou até Shea acenar para ele. Aproximou-se devagar e continuou de pé, olhando o rosto sombrio, enquanto o homem alto sorria lentamente para ele, torcendo os cantos da boca daquela maneira enigmática já familiar.

— Eu estava me perguntando aonde você tinha ido — começou Flick, falando com o irmão —, não queria interromper...

— Você não está interrompendo nada — respondeu Shea rapidamente. Allanon, porém, parecia discordar.

— Essa conversa era somente para seus ouvidos — declarou ele, categoricamente. — Se seu irmão escolher ficar, ele terá decidido o próprio destino nos dias que virão. Sugiro firmemente que ele não permaneça aqui para ouvir o resto de nossa discussão e esqueça que nos viu conversando. Ainda assim, a escolha é dele.

Os irmãos se entreolharam, sem conseguir acreditar que o homem alto falava sério. Contudo, o rosto sombrio dele indicava que não estava brincando, e os dois rapazes hesitaram por um momento, relutando em dizer qualquer coisa. Finalmente, Flick falou:

— Não faço ideia sobre o que vocês estão conversando, mas Shea e eu somos irmãos e o que acontece com um deve acontecer com o outro. Se ele estiver com algum problema, eu devo dividi-lo com ele. Essa é minha escolha, e não tenho dúvidas sobre isso.

Shea olhou para ele, surpreso. Ele nunca ouvira Flick ser tão assertivo sobre qualquer coisa em toda a sua vida. Ficou orgulhoso do irmão e sorriu para ele com gratidão. Flick retribuiu com uma piscadela e se sentou rapidamente, sem olhar para Allanon. O andarilho coçou a barba curta e negra com a mão fina e sorriu inesperadamente.

— Certamente, a escolha é sua e, com suas palavras, você provou ser um ótimo irmão. Mas são as ações que fazem a diferença. Você pode se arrepender da escolha que fez nos próximos dias... — Ele pausou, perdido nos pensamentos, enquanto analisava a cabeça abaixada de Flick por longos minutos antes de se voltar a Shea. — Bem, não posso recomeçar minha história só para seu irmão ouvir. Ele terá de acompanhar da melhor maneira que puder. Agora me conte o que você sabe sobre Brona.

Shea pensou por alguns minutos e então deu de ombros.

— Não sei quase nada, na verdade. Ele era um mito, como você disse, o líder fictício da revolta da Primeira Guerra das Raças. Ele deveria ter sido um Druida que abandonou o Conselho e usou seu poder maléfico para comandar a mente de seus seguidores. Historicamente, nunca foi visto, capturado ou morto na batalha final. Ele nunca existiu.

— Historicamente preciso, é claro — resmungou Allanon. — O que você sabe sobre a associação dele com a Segunda Guerra das Raças?

Shea deu um sorriso breve com a pergunta.

— Bem, a lenda conta que ele foi a força central por trás dessa guerra também, mas isso veio a se mostrar outro mito. Supostamente, fora ele que organizara os exércitos dos homens na primeira guerra, exceto que daquela vez ele foi chamado de Lorde Feiticeiro; o equivalente maléfico do Druida Bremen. Bremen, no entanto, deveria tê-lo matado na segunda guerra. Mas tudo isso era só fantasia. — Flick apressou-se em balançar a cabeça em

concordância, mas Allanon não disse nada. Shea esperou por algum tipo de confirmação, claramente entretido com o assunto. — Qual o rumo dessa conversa toda, afinal? — perguntou ele depois de um momento.

Allanon olhou para ele severamente, arqueando uma sobrancelha escura, refletindo.

— Sua paciência é notavelmente limitada, Shea. Afinal das contas, nós repassamos em questão de minutos toda a história de mais de mil anos. Contudo, se você acha que consegue se controlar por mais algum tempo, acredito que posso prometer que sua pergunta será respondida.

Shea assentiu, sentindo-se bastante mortificado com a reprimenda. Não foram as palavras que o magoaram, mas a maneira como Allanon as disse — com aquele sorriso zombeteiro e o sarcasmo mal disfarçado. O rapaz recuperou a compostura rapidamente, no entanto, e deixou de lado a ansiedade para permitir que o historiador continuasse no próprio ritmo.

— Muito bem — reconheceu o outro. — Tentarei terminar nossa conversa rapidamente. Tudo o que falamos até esse ponto foi pano de fundo para o que vou contar agora; a razão pela qual eu vim encontrá-lo. Deixe-me lembrar os fatos da Segunda Guerra das Raças, a guerra mais recente na nova história da Humanidade, ocorrida há menos de quinhentos anos nas Terras do Norte. A raça dos homens não teve nenhuma participação nessa guerra; era a raça derrotada da primeira e agora vivia no coração das Terras do Sul, em poucas e pequenas comunidades que tentavam com muito esforço sobreviver à ameaça da extinção total. Essa foi uma guerra das grandes raças: o povo élfico e os anões lutando contra o poder dos selvagens trolls de pedra e dos astuciosos gnomos.

“Após o término da Primeira Guerra das Raças, o mundo conhecido se dividiu nas quatro terras existentes, e as raças mantiveram a paz por um longo tempo. Durante esse período, o poder e a influência do Conselho Druida diminuíram enormemente enquanto a evidente necessidade de sua assistência parecia deixar de existir. É justo acrescentar que os Druidas tinham ficado negligentes com relação às raças, e durante muitos anos os novos membros se esqueceram dos propósitos do Conselho e se afastaram dos problemas dos povos em favor de preocupações mais pessoais, vivendo uma existência mais isolada de estudo e meditação. O povo élfico era o mais poderoso, mas preferia ficar em sua terra natal no oeste, onde estava

satisfeito em permanecer em relativo isolamento, um erro de que seus membros se arrependeriam profundamente. Os outros povos se espalharam e desenvolveram sociedades menos unificadas e menores, principalmente nas Terras do Leste, embora alguns grupos tenham se estabelecido em partes das cidades fronteiriças das Terras do Oeste e do Norte. A Segunda Guerra das Raças começou quando um enorme exército de trolls desceu das Montanhas Charnal e invadiu todo o território das Terras do Norte, inclusive a Fortaleza Druida em Paranor. Os Druidas foram traídos por vários membros de seu próprio povo, que foram persuadidos por promessas e ofertas do comandante inimigo, então desconhecido. Os restantes, salvo alguns poucos que escaparam ou estavam viajando, foram capturados e presos nas masmorras do Forte para nunca mais serem vistos. Aqueles que escaparam ao destino de seus irmãos espalharam-se pelas quatro terras em procura de refúgio. O exército troll imediatamente atacou o povo anão nas Terras do Leste com a intenção óbvia de esmagar toda resistência o mais rápido possível. Mas os anões se reuniram nas profundezas das grandes florestas de Anar, que apenas eles conheciam bem o suficiente de modo a garantir a sobrevivência por muito tempo, e lá se mantiveram firmes contra os avanços dos exércitos dos trolls, apesar da ajuda de algumas tribos de gnomos que se juntaram às forças invasoras. Raybur, o Rei Anão, relatou na história de seu povo quem ele descobrira ser o verdadeiro inimigo: o Druida rebelde, Brona.

— Como o Rei Anão pôde acreditar nisso? — interrompeu Shea. — Se fosse verdade, o Lorde Feiticeiro teria mais de quinhentos anos de idade! De qualquer forma, talvez algum místico ambicioso tenha sugerido a ideia para o rei na esperança de reviver um mito antigo e superado, provavelmente para aumentar sua posição na corte ou algo do tipo.

— É uma possibilidade — admitiu Allanon. — Mas me deixe continuar. Depois de longos meses de luta, os trolls foram levados a concluir que os anões haviam sido derrotados e então voltaram as legiões de guerra para o oeste e começaram a marchar contra o poderoso reino élfico. Mas, durante os meses em que os trolls travavam batalha contra o povo anão, os poucos Druidas que escaparam de Paranor foram reunidos pelo famoso místico Bremen, um ancião muito admirado do Conselho. Ele os guiou até o reino élfico nas Terras do Oeste para avisar o povo dessa nova ameaça e prepará-

los para a invasão quase certa dos nortistas. O Rei Elfo naquele ano era Jerle Shannara, talvez o maior de todos os reis elfos, com a exceção de Eventine. Bremen alertou o Rei sobre o provável ataque em suas terras, e o governante élfico rapidamente preparou os exércitos antes que as hordas dos trolls alcançassem as fronteiras. Tenho certeza de que você conhece a história suficientemente bem para se lembrar do que aconteceu quando a batalha foi travada, Shea, mas quero que você preste atenção aos detalhes que vou lhe contar a seguir.

Tanto Shea quanto um entusiasmado Flick concordaram.

— O Druida Bremen deu a Jerle Shannara uma espada especial para a batalha contra os trolls. Quem quer que empunhasse essa espada seria invencível, até mesmo contra o incrível poder do Lorde Feiticeiro. Quando as legiões dos trolls entraram no Vale de Rhenn, na fronteira do reino élfico, foram atacadas e pegas em uma armadilha criada pelos exércitos dos elfos que lutavam no terreno mais elevado e, assim, foram duramente derrotados em uma acirrada batalha de dois dias. Os elfos foram liderados pelos Druidas e por Jerle Shannara, que carregava a maravilhosa espada dada a ele por Bremen. Eles lutaram juntos contra os exércitos dos trolls, que diziam possuir a força aumentada por seres do mundo dos espíritos que se encontravam sob o domínio do Lorde Feiticeiro. Mas a coragem do Rei Elfo e o poder da fabulosa espada sobrepujaram os espíritos, destruindo-os. Quando o resto do exército troll tentou escapar para a segurança das Terras do Norte pelas Planícies de Streleheim, foram pegos entre o exército em perseguição dos elfos e um exército de anões que se aproximava pelas Terras do Leste. Uma batalha terrível foi travada, e o exército troll foi massacrado quase até o último homem. Durante a batalha, Bremen desapareceu enquanto combatia ao lado do Rei Elfo, lutando contra o Lorde Feiticeiro. Foi relatado que tanto o Druida quanto o Feiticeiro desapareceram durante a luta e nenhum dos dois jamais foi visto novamente. Nem mesmo os cadáveres foram encontrados.

“Jerle Shannara empunhou a famosa espada até sua morte alguns anos mais tarde. Seu filho devolveu a arma para o Conselho Druida em Paranor, e ela foi fixada em um enorme bloco de Rocha-Tre e colocada em um cofre no Forte dos Druidas. Estou certo de que vocês estão bem familiarizados com a lenda da espada e o que ela representa, o que ela significa para todas as

raças. A grande espada descansa em Paranor há quinhentos anos. Eu fui suficientemente claro em minha narrativa, homens do vale?

Flick assentiu com assombro, ainda empolgado com a história. Shea, porém, concluía que já ouvira demais. Nada que Allanon lhes contara sobre a história das raças era fato — não se ele acreditasse em tudo o que lhe fora ensinado pelo seu povo desde que era criança. O homem alto apenas relatara uma história fantástica de sua infância que era passada de geração a geração há muitos e muitos anos. Ele ouviu, paciente, a tudo que Allanon apresentara falsamente como sendo a verdade sobre as raças, satisfazendo a vontade dele apenas por respeito à sua reputação. Contudo, a lenda da espada era ridícula, e Shea estava cansado de ser tratado como um tolo.

— O que isso tudo tem a ver com sua vinda para o Vale Sombrio? — insistiu ele, com um sorriso fraco que traía sua repulsa. — Nós ouvimos tudo sobre uma batalha que aconteceu quinhentos anos atrás; uma batalha que nem mesmo dizia respeito aos homens, mas a trolls, elfos e anões e sabe-se lá mais quem, como você disse. Você falou que havia espíritos ou algo do tipo? Lamento se pareço incrédulo, mas acho essa história toda um pouco difícil de engolir. A lenda da espada de Jerle Shannara é conhecida por todas as raças, mas é ficção, não fato; uma lenda glorificante de heroísmo criada para incutir uma noção de lealdade e dever nas raças que fazem parte dessa história. A lenda de Shannara é uma história para crianças que conta como os adultos devem amadurecer para aceitar as responsabilidades da humanidade. Por que você perdeu seu tempo relatando esse conto de fadas, quando tudo o que eu quero é uma simples resposta para uma pergunta ainda mais simples? Por que você estava procurando por... mim?

Shea parou de falar quando viu as feições sombrias de Allanon se endurecerem e ficarem negras de raiva, com as grandes sobrancelhas se emaranhando sobre repentinos pontos de luz acima das sombras profundas que escondiam seus olhos. O homem alto parecia lutar para conter uma terrível fúria interna, e por um momento Shea pensou que ele fosse estrangulá-lo com as enormes mãos que se espalmaram na frente de seu rosto enquanto o homem o olhava com raiva. Flick deu um passo apressado para trás e tropeçou nos próprios pés, com o medo crescendo dentro de si.

— Tolo... seu tolo — rugiu o gigante com fúria quase fora de controle. — Vocês sabem tão pouco... Crianças! O que a raça dos homens sabe sobre a verdade? O que a Humanidade fez além de se esconder, rastejando de medo em esconderijos lastimáveis nas regiões mais profundas das Terras do Sul como coelhos assustados? Você ousa me dizer que eu falo sobre contos de fadas! Você, que nunca esteve em nenhum conflito, mas são e salvo aqui no seu precioso vale! Eu vim procurar a linhagem dos reis, mas encontrei um moleque que se esconde debaixo de mentiras. Você não é nada além de uma criança!

Flick desejava fervorosamente poder afundar dentro do chão sob seus pés ou simplesmente desaparecer, quando, para seu completo assombro, viu Shea se erguer diante do homem alto, com as feições finas coradas de raiva e os punhos cerrados enquanto se preparava para lutar. O rapaz do vale estava tão dominado pela raiva que não conseguia falar, e se postava em frente ao acusador, tremendo de fúria e humilhação. Mas Allanon não ficou impressionado e recomeçou a falar com a voz profunda:

— Espere, Shea. Não seja ainda mais tolo! Preste atenção ao que lhe digo agora. Tudo o que contei para você atravessou os tempos como lenda e dessa maneira foi passado para a raça humana. Mas o tempo dos contos de fadas acabou. O que eu lhe contei não é lenda; é a verdade. A espada é real; ela continua em Paranor. Mas, o mais importante de tudo, o Lorde Feiticeiro é real. Ele ainda vive e o Reino da Caveira é seu domínio!

Shea sobressaltou-se, percebendo afinal que o homem não estava mentindo deliberadamente; que ele não acreditava que aquilo fosse um conto de fadas. Acalmou-se e se sentou devagar, com os olhos ainda fixos no rosto sombrio. De repente, lembrou-se das palavras do historiador.

— Você disse rei... que estava procurando por um rei...?

— Qual é a lenda da Espada de Shannara, Shea? O que diz a inscrição cravada no bloco da Rocha-Tre?

Shea ficou perplexo, incapaz de se lembrar da lenda.

— Eu não sei... Não consigo me recordar do que a inscrição dizia. Alguma coisa sobre a próxima vez...

— Um filho! — falou Flick subitamente do outro lado. — Quando o Lorde Feiticeiro surgir novamente na Terra do Norte, um filho da Casa de Shannara empunhará a espada contra ele. Essa era a lenda!

Shea olhou para o irmão, lembrando-se afinal da inscrição. Ele voltou o olhar para Allanon, que o observava com atenção.

— E o que isso tem a ver comigo? — perguntou ele rapidamente. — Eu não sou um filho da Casa de Shannara. Nem sou um elfo. Sou um mestiço, não um elfo, nem um rei. Eventine é o herdeiro da Casa de Shannara. Você está me dizendo que sou um filho perdido? Um herdeiro desaparecido? Não acredito!

Ele procurou apoio no irmão, mas Flick parecia completamente surpreso e encarava com assombro o rosto de Allanon. O homem sombrio falou com calma:

— Você tem sangue élfico, Shea, e não é filho verdadeiro de Curzad Ohmsford. Isso você deve saber. E Eventine não é descendente direto de Shannara.

— Eu sempre soube que era filho adotivo — admitiu o rapaz do vale —, mas certamente não vim da... Flick, fale para ele!

Seu irmão apenas olhou para ele, atônito, incapaz de formular uma resposta. Shea parou de falar abruptamente, balançando a cabeça com descrença. Allanon assentiu.

— Você é filho da Casa de Shannara; somente um filho mestiço, no entanto, e bem distante da linha direta de ascendência que pode ser traçada através dos últimos quinhentos anos. Eu o conheci quando criança, Shea, antes de você ser trazido para o lar dos Ohmsford como filho. Seu pai era elfo. Um homem muito bom. Sua mãe era da raça humana. Ambos morreram quando você ainda era muito novo, e então foi entregue a Curzad Ohmsford para ser criado como sendo parte da família. Mas você é descendente de Jerle Shannara, apesar de ser um descendente distante e não ter o sangue puro dos elfos.

Ele concordou distraidamente com a explicação do homem alto, confuso e ainda desconfiado. Flick olhava para o irmão como se nunca o tivesse visto.

— O que tudo isso significa? — perguntou ele a Allanon com ansiedade.

— O que acabei de lhe contar também é de conhecimento do Lorde da Escuridão, embora ele não saiba ainda onde mora ou quem você é. Mas seus emissários o encontrarão mais cedo ou mais tarde, e quando o fizerem, você será destruído.

Shea virou a cabeça e olhou para Flick, com medo, lembrando-se da enorme sombra que vira na fronteira do vale. Seu irmão também sentiu um arrepio repentino ao recordar aquela sensação horrível de terror.

— Mas por quê? — perguntou Shea rapidamente. — O que eu fiz para merecer isso?

— Você deve entender muitas coisas, Shea, antes de conseguir compreender a resposta para essa pergunta — disse Allanon —, e eu não tenho tempo para lhe explicar tudo agora. Você deve acreditar em mim quando lhe digo que é descendente de Jerle Shannara, que possui sangue élfico e que os Ohmsford são sua família adotiva. Você não era o único filho da Casa de Shannara, mas é o único filho que ainda vive. Os outros eram elfos e foram encontrados facilmente e destruídos. Foi isso que impediu o Lorde Sombrio de encontrá-lo por tanto tempo. Ele desconhecia o fato de que existia um filho mestiço vivendo nas Terras do Sul. Ele tinha conhecimento de toda a família élfica desde o começo. Mas saiba disso, Shea. O poder da espada é ilimitado. É o único grande temor de Brona, o único poder ao qual ele não consegue resistir. A lenda da espada é um amuleto poderoso nas mãos das raças, e Brona deseja dar um fim a ela. Ele fará isso destruindo a família inteira de Shannara, para que nenhum filho possa empunhar a espada contra ele!

— Mas eu nem sabia sobre a espada — protestou Shea. — Eu nem sabia quem eu era, nem nada sobre as Terras do Norte ou sobre...

— Não importa! — interrompeu Allanon rudemente. — Se você estiver morto, não haverá mais dúvidas sobre você.

Sua voz se desvaneceu em um murmúrio cansado, e ele voltou a olhar para os cumes distantes das montanhas além da copa dos olmos altos. Shea deitou-se lentamente na grama macia, olhando para o azul pálido do céu do inverno salpicado por pequenas nuvens brancas que se moviam nas colinas. Por alguns momentos agradáveis, a presença de Allanon e a ameaça de morte foram suprimidas pela calidez modorrenta do sol da tarde e pelo cheiro fresco das árvores altas. Ele fechou os olhos e pensou sobre sua vida no vale, os planos que fizera com Flick e suas esperanças para o futuro. Tudo viraria fumaça se o que o homem alto dissera fosse verdade. Ele considerou todas essas coisas com calma e finalmente se sentou, com os braços às costas.

— Eu não sei bem o que pensar — começou ele lentamente. — Há tantas perguntas que preciso lhe fazer. Estou confuso com a ideia de não ser um Ohmsford; ser alguém ameaçado de morte nas mãos de um... mito. O que você sugere que eu faça?

Allanon sorriu calorosamente pela primeira vez.

— No momento, nada. Não existe perigo imediato para você. Pense sobre o que eu lhe contei e nós conversaremos sobre as implicações disso em outra hora. Então, eu terei prazer em responder a todas as suas perguntas. Mas não fale sobre isso com mais ninguém, nem mesmo com seu pai. Aja como se essa conversa nunca tivesse acontecido até que tenhamos oportunidade de elaborar melhor uma solução para o problema.

Os jovens se entreolharam e balançaram a cabeça em concordância, embora fosse difícil fingir que nada acontecera. Allanon se levantou em silêncio, esticando o corpo alto para aliviar os músculos dormentes. Os irmãos também se levantaram e ficaram quietos enquanto ele os observava.

— Lendas e mitos que não existiam no mundo do passado existirão no mundo de amanhã. Coisas más, cruéis e astutas acordarão agora, depois de passar séculos adormecidas. A sombra do Lorde Feiticeiro começa a cair sobre as quatro terras.

Ele parou de falar subitamente.

— Eu não queria ser duro — disse ele com um sorriso gentil e inesperado —, mas, se essa for a pior coisa que acontecer nos dias que virão, você deverá ficar realmente grato. Você está enfrentando uma ameaça real, não um conto de fadas risível. Nada disso será justo. Você aprenderá muitas coisas sobre a vida de que não vai gostar.

Ele fez uma pausa, uma sombra alta e cinzenta contra o verde das colinas distantes, com o manto puxado cuidadosamente contra o corpo macilento. A mão grande se esticou para segurar com firmeza o ombro magro de Shea, e, por um instante, transformou os dois em uma só pessoa. Então, ele se virou e partiu.

Capítulo III

O plano de Allanon de impedir uma discussão não funcionou. Ele deixou os irmãos sentados conversando em murmúrios nos fundos da hospedaria e voltou para o quarto. Shea e Flick finalmente retomaram seus afazeres e logo depois foram enviados pelo pai para cumprir uma tarefa na fronteira ao norte do vale. Já estava escuro quando retornaram; apressaram-se para o salão esperando fazer mais perguntas para o historiador, mas ele não apareceu. Os dois jantaram com pressa, sem poder conversar sobre os acontecimentos da tarde na presença do pai. Após comerem, esperaram durante quase uma hora, mas ainda assim ele não apareceu e, por fim, muito depois do pai sair da cozinha, decidiram ir até o quarto de Allanon. Flick estava relutante em procurar pelo estranho sombrio, especialmente depois do encontro no vale na noite anterior. Mas Shea insistiu tanto que o irmão enfim concordou em acompanhá-lo, esperando que ficassem mais seguros em dupla.

Quando chegaram ao quarto, encontraram a porta destrancada e nenhum sinal do andarilho. Parecia inclusive que ninguém usara o quarto recentemente. Fizeram uma busca rápida na hospedaria e nas propriedades ao redor, mas não encontraram Allanon. Por fim, foram obrigados a concluir que o estranho homem tivera de abandonar o Vale Sombrio por alguma razão desconhecida. Shea ficou claramente zangado por Allanon ir embora sem se despedir, mas, ao mesmo tempo, começou a sentir uma preocupação crescente de que talvez não estivesse mais sob a proteção do historiador. Flick, por outro lado, estava muito contente com a partida do homem. Ao se sentar com Shea nas cadeiras de encosto alto diante da fogueira no salão da hospedaria, tentou garantir ao irmão que o que aconteceu foi o melhor para ele. Flick nunca acreditou inteiramente na história bárbara do historiador sobre as guerras nas Terras do Norte e sobre a Espada de Shannara, argumentou, e mesmo que alguma parte daquilo

fosse verdade, certamente a parte sobre a linhagem de Shea e a ameaça de Brona era exagerada — um conto de fadas ridículo.

Shea escutou em silêncio a racionalização atrapalhada de Flick sobre as possibilidades, oferecendo somente um aceno ocasional em concordância, com os próprios pensamentos concentrados em decidir o que deveria fazer em seguida. Tinha sérias dúvidas sobre a credibilidade da história de Allanon. Afinal de contas, qual o motivo do historiador vir procurá-lo, para início de conversa? Ele aparecera convenientemente, pelo que parecia, para contar a Shea sobre seu estranho passado e alertá-lo de que estava em perigo, e então desaparecera sem dizer uma palavra sobre o próprio interesse no assunto. Como ele poderia ter certeza de que Allanon não viera com algum motivo obscuro, esperando usar o homem do vale como marionete? Havia perguntas demais para as quais ele não tinha respostas.

Depois de um tempo, Flick se cansou de dar conselhos para um silencioso Shea e parou de falar sobre o assunto, afundando na cadeira e olhando de maneira resignada para o fogo crepitante. Shea continuou a refletir sobre os detalhes da história de Allanon, tentando decidir o que faria. Entretanto, após uma hora de calma deliberação, jogou as mãos para o alto em desespero, tão confuso quanto antes. Saiu do salão e foi para seu quarto com o leal Flick logo atrás. Nenhum dos dois se sentia inclinado a continuar a conversa. Quando chegaram ao pequeno quarto na ala leste, Shea caiu sobre uma cadeira com um silêncio mal-humorado. Flick se jogou na cama e ficou olhando desinteressadamente para o teto.

As velas na mesinha de cabeceira lançavam um brilho suave sobre o aposento, e Flick logo ficou sonolento. Ele se sacudiu rapidamente para acordar e, esticando as mãos sobre a cabeça, encontrou um comprido pedaço de papel dobrado que escorregara entre o colchão e a cabeceira. Curioso, ele o levou até os olhos e descobriu que estava endereçado a Shea.

— O que é isso? — resmungou, jogando o papel para o abatido irmão.

Shea rasgou o selo e inspecionou o papel com pressa. Ele mal começara a ler quando deixou escapar um assobio baixo e se levantou de um pulo. Flick logo se sentou também, percebendo de quem deveria ser o bilhete.

— É de Allanon — confirmou Shea. — Escute só isso, Flick: *Eu não tenho tempo para encontrá-lo e lhe dar mais explicações. Algo da maior importância aconteceu, e devo partir imediatamente; talvez até seja tarde demais. Você*

deve confiar em mim e acreditar no que lhe contei, apesar de eu não poder mais voltar para o vale.

“Você não ficará seguro por muito tempo no Vale Sombrio e deve se preparar para fugir rapidamente. Se sua segurança for ameaçada, encontrará refúgio em Culhaven, nas florestas de Anar. Enviarei um amigo para guiá-lo até lá. Deposite sua confiança em Balinor.

“Não fale com ninguém sobre nosso encontro. O perigo para você é extremo. No bolso da sua capa de viagem marrom, coloquei uma pequena sacola contendo três Pedras Élficas. Elas fornecerão conselho e proteção quando nada mais for capaz. Seja cauteloso — elas são somente para Shea e devem ser usadas apenas quando tudo o mais falhar.

“O sinal da Caveira será seu alerta para fugir. Que a sorte esteja com você, meu jovem amigo, até nos reencontrarmos.

Shea olhou com entusiasmo para o irmão, mas o desconfiado Flick balançou a cabeça em descrença e franziu a testa.

— Eu não confio nele. Do que ele está falando, afinal? Caveiras e Pedras Élficas? Eu nunca nem ouvi falar de um lugar chamado Culhaven, e as florestas de Anar ficam a quilômetros daqui, dias e mais dias de viagem. Não gosto nada disso.

— As Pedras! — exclamou Shea, e se levantou para buscar a capa de viagem pendurada no armário.

Procurou entre as roupas por vários minutos enquanto Flick o observava ansioso, e então se voltou com uma pequena bolsa de couro balançando suavemente na mão direita. Ele a ergueu, testou seu peso, mostrando-a para o irmão, e depois correu para se sentar na beirada da cama. Em um segundo, desamarrou o cordão e esvaziou o conteúdo da bolsa na mão aberta. Três pedras de um tom azul-escuro rolaram, cada uma do tamanho médio de um seixo, finamente cortadas e brilhando fortemente sob a luz fraca das velas. Os irmãos as olharam com curiosidade, esperando que talvez fizessem alguma coisa incrível naquele mesmo instante. Mas nada aconteceu. Permaneceram paradas sobre a mão de Shea, bruxuleando como estrelinhas azuis roubadas da noite, tão límpidas que era quase possível ver através delas, como se fossem apenas vidro pintado. Finalmente, depois de Flick reunir coragem suficiente para tocar uma delas, Shea as colocou de volta na sacolinha e a guardou no bolso do casaco.

— Bem, ele estava certo sobre as pedras — arriscou Shea um momento depois.

— Talvez sim, talvez não, talvez não sejam Pedras Élficas — sugeriu Flick, desconfiado. — Como você sabe? Já viu alguma? E o resto do bilhete? Eu nunca ouvi falar de ninguém chamado Balinor e muito menos de Culhaven. É melhor esquecermos essa história toda, principalmente o fato de um dia termos visto Allanon.

Shea assentiu, incerto, sem conseguir responder as perguntas do irmão.

— Por que deveríamos nos preocupar agora? Tudo o que temos de fazer é ficar atentos ao sinal da Caveira, seja lá o que isso for, e à chegada do amigo de Allanon. Talvez nada aconteça, no final das contas.

Flick continuou a expressar sua desconfiança sobre o bilhete e seu autor por mais vários minutos antes de perder o interesse. Os irmãos estavam cansados e decidiram dormir. Enquanto as velas se apagavam, o último gesto de Shea foi colocar a bolsa cuidadosamente debaixo do travesseiro, onde podia sentir o volume pressionando seu rosto. Não importava o que Flick pensasse, ele resolvera manter as pedras sempre por perto nos próximos dias.

No dia seguinte, começou a chover. Nuvens negras e enormes chegaram do norte subitamente e se assentaram sobre o vale, apagando qualquer traço do sol e do céu ao lançar torrentes de uma chuva arrasadora que assolou a pequena aldeia com ferocidade inacreditável. Todo o trabalho nos campos teve de ser interrompido e as viagens para fora ou dentro do vale cessaram — primeiro por um, depois por dois e então por três dias inteiros. O aguaceiro foi um espetáculo terrível de raios ofuscantes que cruzavam o céu escurecido pelas nuvens e de trovões ondulantes que trepidavam sobre o vale em rajadas estremecedoras, uma após outra, que terminavam em estrondos distantes e ainda mais nefastos em algum lugar além da escuridão do norte. Choveu por três dias inteiros, e o povo do vale começou a temer que enchentes viessem das colinas ao redor e devastassem seus lares e campos desprotegidos. Os homens se reuniam diariamente na hospedaria de Ohmsford e discutiam, apreensivos, com as canecas de cerveja à frente, lançando olhares preocupados para a chuva que caía continuamente além das janelas encharcadas. Os irmãos Ohmsford observavam em silêncio, escutando as conversas e inspecionando os rostos ansiosos dos homens do

vale que se reuniam em pequenos grupos no salão lotado. No início, tinham esperança de que a tempestade passasse logo, mas, mesmo depois de três dias, não havia sinal de melhora no tempo.

No final da manhã do quarto dia, a chuva diminuiu do aguaceiro constante para uma garoa abafada misturada com uma neblina pesada e um calor úmido e pegajoso que deixou todos completamente irritados e desconfortáveis. A multidão na hospedaria começou a diminuir à medida que os homens retomavam ao trabalho, e logo Shea e Flick ficaram ocupados com reparos e limpeza em geral. A tempestade despedaçara persianas e arrancara telhas de madeira, espalhando-as pelas redondezas. Grandes goteiras se formaram no teto e paredes das alas da hospedaria, e o pequeno galpão de ferramentas nos fundos da propriedade dos Ohmsford fora esmagado por um olmo caído, desenraizado pela força da chuva. Os dois jovens passaram vários dias remendando os buracos, consertando o telhado e substituindo telhas e persianas quebradas ou perdidas. Era um trabalho tedioso, e as horas se arrastavam.

Após dez dias, a chuva parou completamente; as enormes nuvens foram embora, o céu escuro ficou limpo e se iluminou com um azul-claro amistoso pontilhado por nuvens brancas. As enchentes não vieram, e à medida que os homens do vale voltavam para os campos, o sol morno reaparecia e o terreno do vale começava a secar a lama até virar terra sólida, salpicada aqui e ali por pequenas poças de água turva que desafiavam o terreno sempre sedento. Por fim, até as poças desapareceram e o vale voltou a ser o que era; a fúria da tempestade se tornou apenas uma vaga lembrança.

Depois de terminarem os outros reparos na hospedaria, Shea e Flick foram reconstruir o galpão de ferramentas e acabaram escutando trechos de conversas dos homens do vale e de hóspedes sobre a chuva pesada. Ninguém conseguia se lembrar de uma tempestade de tamanha ferocidade durante aquela época do ano no vale. Fora equivalente a um vendaval de inverno, do tipo que apanhava os viajantes despreparados nas grandes montanhas ao norte e os varria das trilhas nos penhascos para nunca mais serem vistos. Seu surgimento repentino fez todos na aldeia pararem para refletir mais uma vez sobre os contínuos rumores de acontecimentos estranhos no norte.

Os irmãos prestaram bastante atenção a esses comentários, mas não descobriram nada de interessante. Eles conversavam frequentemente sobre Allanon e sua estranha história sobre a herança de Shea. O pragmático Flick há muito já rejeitara tudo, considerando bobagem ou piada sem graça. Shea o ouvia com paciência, embora estivesse menos propenso que o irmão a se esquecer do assunto. Mas, apesar de não rejeitar a história, não conseguia aceitá-la. Ele sentia que ainda havia muita coisa oculta, muita coisa sobre Allanon que nem ele nem Flick sabiam. Até que soubesse de todos os fatos, preferia deixar o assunto vivo. Mantinha a bolsa que continha as Pedras Élficas consigo todo o tempo. Enquanto Flick continuava resmungando, geralmente várias vezes por dia, sobre a tolice que era carregar as pedras e acreditar que qualquer coisa que Allanon contara para eles fosse verdade, Shea observava cuidadosamente todos os estranhos que passavam pelo vale, examinando com ansiedade seus pertences, à procura do sinal da Caveira. Mas, com o passar do tempo, não notou nada e se sentiu obrigado a pensar no assunto como uma experiência na fina arte da ingenuidade.

Nada aconteceu para mudar a opinião de Shea até certa tarde mais de três semanas depois da partida súbita de Allanon. Os irmãos estiveram fora o dia inteiro, cortando telhas para a hospedaria, e já era quase noite ao voltarem. O pai estava sentado em sua cadeira preferida no balcão comprido da cozinha quando eles entraram, com o rosto largo curvado sobre um prato fumegante de comida. Ele cumprimentou os filhos com um aceno da mão.

— Chegou uma carta para você enquanto esteve fora, Shea — informou ele, estendendo uma comprida folha de papel branco dobrado. — Diz ser de Leah.

Shea deixou escapar uma exclamação de surpresa e pegou logo a carta. Flick grunhiu alto.

— Eu sabia, eu sabia; era bom demais para ser verdade — resmungou ele. — O maior vagabundo de todas as Terras do Sul resolveu que já era hora de sofrermos mais. Rasgue a carta, Shea.

Shea já abrira o selo e estava lendo o conteúdo da carta, ignorando totalmente os comentários de Flick. O irmão deu de ombros com desgosto e se sentou num banco próximo do pai, que voltara a comer.

— Ele quer saber onde estamos nos escondendo. — Shea riu. — Ele quer que a gente vá se encontrar com ele o mais rápido possível.

— Ah, é claro — resmungou Flick. — Deve estar encrencado e quer alguém para colocar a culpa. Por que não pulamos logo do precipício mais perto? Você se lembra do que aconteceu na última vez que Menion Leah nos convidou para visitá-lo? Nós nos perdemos nos Carvalhos Negros por dias e quase fomos devorados por lobos! Nunca vou me esquecer daquela aventura. É mais fácil as Sombras me pegarem do que eu aceitar outro convite dele!

O irmão riu e colocou o braço sobre os ombros largos de Flick.

— Você tem inveja porque Menion é filho de reis e pode viver da maneira que quiser.

— Um reino do tamanho de uma poça — retorquiu Flick. — E sangue real é o que mais tem hoje em dia. Olha só para o seu...

Ele se conteve e calou a boca rapidamente. Os dois olharam para o pai, mas ele não parecia ter escutado nada e ainda estava concentrado na comida. Flick encolheu os ombros pedindo desculpas e Shea sorriu para o irmão tentando animá-lo.

— Tem um homem na hospedaria à sua procura, Shea — anunciou Curzad Ohmsford de repente, olhando para ele. — Mencionou aquele estranho alto que esteve aqui muitas semanas atrás. Nunca o vi antes no vale. Ele está no salão principal.

Flick se levantou lentamente, com o medo se apossando dele. Shea foi pego de surpresa pela mensagem, mas chamou depressa o irmão, que estava prestes a falar algo. Se esse novo estranho fosse um inimigo, precisava descobrir logo. Apertou o bolso do casaco, para se certificar que as Pedras Élficas ainda estavam lá.

— Como é esse homem? — perguntou, incapaz de pensar em outra maneira de descobrir sobre a marca da Caveira.

— Não sei dizer, filho — respondeu o pai, com a voz abafada enquanto mastigava; o rosto curvado sobre o prato. — Ele está coberto por um manto comprido e verde. Chegou nessa tarde; montando um belo cavalo. Estava muito ansioso para lhe encontrar. É melhor ver logo o que ele quer.

— Você viu alguma marca? — perguntou o exasperado Flick.

O pai parou de mastigar e olhou para ele com o rosto franzido e uma expressão confusa.

— Do que você está falando? Ficaria satisfeito se eu fizesse um desenho com giz? Qual é o problema de vocês, afinal?

— Não é nada, de verdade — interrompeu Shea. — Flick só estava pensando se... se o homem se parecia com Allanon... Você se lembra dele?

— Ah, sim. — O pai sorriu com compreensão, enquanto Flick reprimia um suspiro de alívio. — Não, eu não notei nenhuma semelhança, apesar desse homem também ser alto. Mas vi uma cicatriz comprida no lado direito de seu rosto, provavelmente de um corte de faca.

Shea agradeceu e puxou Flick atrás de si enquanto ia pelo corredor até o salão principal. Apressaram-se na direção das amplas portas duplas e pausaram sem fôlego. Com cuidado, Shea empurrou uma das portas e inspecionou a multidão. Por um momento, não viu nada além dos rostos familiares dos clientes usuais e dos viajantes de sempre do vale, mas então deu um pulo para trás e deixou a porta se fechar enquanto encarava o ansioso Flick.

— Ele está lá fora, perto do canto da frente, ao lado da lareira. Não consigo saber quem é ou como se parece daqui; está coberto pelo manto verde, exatamente como o pai nos falou. Temos de nos aproximar.

— Lá fora? — Flick estava ofegante. — Você enlouqueceu? Se ele souber quem está procurando, vai reconhecer você em um segundo.

— Então vá você — ordenou Shea com firmeza. — Finja que vai colocar mais troncos no fogo e dê uma olhada rápida nele. Veja se ele possui a marca da Caveira.

Flick arregalou os olhos e se virou para fugir, mas Shea o pegou pelo braço e puxou de volta, empurrando-o contra a vontade pelas portas para dentro do salão e sumindo rapidamente de vista. Logo depois, abriu uma fresta entre as portas e espiou para ver o que estava acontecendo. Ele viu Flick caminhar indeciso pelo aposento até chegar à lareira e começar a cutucar as brasas reluzentes de modo indolente, finalmente acrescentando outro tronco. O jovem do vale estava ganhando tempo, tentando ficar em uma posição em que pudesse olhar de relance para o homem coberto pelo manto verde. O estranho estava sentado em uma mesa a vários metros da lareira, de costas para Flick mas com o corpo levemente inclinado na direção da porta atrás da qual Shea se escondia.

De repente, quando pareceu que Flick estava pronto para voltar, o estranho se moveu de leve em sua cadeira e fez um comentário rápido que deixou Flick paralisado. Shea viu o irmão se virar para o estranho e responder, olhando rápido para o esconderijo de Shea. Shea escorregou para as sombras do corredor e deixou a porta se fechar. De alguma maneira, eles tinham se entregado. Enquanto pensava se deveria fugir, Flick empurrou abruptamente as portas duplas, com o rosto branco de medo.

— Ele viu você aqui na porta. O homem tem olhos de águia! Ele me disse para levar você lá para fora.

Shea pensou por um momento e finalmente concordou, sem outra alternativa. Afinal de contas, para onde poderiam fugir sem ser encontrados em questão de minutos?

— Talvez ele não saiba de tudo — sugeriu ele, confiante. — Talvez ele ache que nós sabemos para onde Allanon foi. Tenha cuidado com o que vai contar a ele, Flick.

Ele foi na frente, passando pelas amplas portas e cruzou o salão até a mesa à qual se sentava o estranho. Pararam logo atrás dele e esperaram, mas sem se virar. O homem indicou com um aceno de mão cadeiras do outro lado da mesa. Obedeceram relutantes ao comando silencioso e os três ficaram calados, olhando uns para os outros por alguns minutos. O estranho era um homem grande, de estrutura larga, apesar de não ter a altura de Allanon. O manto cobria todo seu corpo e apenas a cabeça estava visível. Suas feições eram rugosas e fortes, agradáveis ao olhar, exceto pela cicatriz escura que descia da ponta da sobrancelha direita pela bochecha até acima da boca. Os olhos pareciam curiosamente meigos para Shea enquanto estudavam o jovem homem do vale; eram de uma cor avelã e denunciavam uma doçura sob a superfície dura. O cabelo loiro era curto e caía despenteado sobre a testa ampla e em volta das orelhas pequenas. Ao examinar o estranho, Shea achava difícil de acreditar que aquele homem pudesse ser o inimigo sobre quem Allanon o alertara. Até mesmo Flick parecia calmo em sua presença.

— Não há tempo para jogos, Shea — falou o recém-chegado em uma voz suave, mas cansada. — Sua cautela é sensata, mas eu não sou portador da marca da Caveira. Sou amigo de Allanon. Meu nome é Balinor. Meu pai é Ruhl Buckhannah, o Rei de Callahorn.

Os irmãos reconheceram o nome instantaneamente, mas Shea não estava disposto a se arriscar.

— Como eu posso saber que você é quem diz ser? — exigiu ele.

O estranho sorriu.

— Da mesma maneira que eu sei quem você é, Shea. Pelas três Pedras Élficas que carrega no bolso do casaco. As Pedras Élficas que Allanon lhe deu.

O aceno de cabeça surpreso do rapaz do vale foi quase imperceptível. Somente alguém enviado pelo historiador poderia saber sobre as pedras. Ele se inclinou para a frente com cuidado.

— O que aconteceu com Allanon?

— Eu não tenho certeza — respondeu o homem, com delicadeza. — Não o vejo e nem falo com ele há mais de duas semanas. Quando o deixei, ele estava viajando para Paranor. Havia rumores sobre um ataque ao Forte; ele temia pela segurança da espada. Ele me enviou aqui para protegê-lo. Eu teria chegado mais cedo, mas me atrasei por causa do tempo ruim e daqueles que pretendiam me seguir até aqui. — Ele fez uma pausa e olhou diretamente para Shea, com os olhos castanhos subitamente sérios ao encarar o jovem. — Allanon revelou a verdadeira identidade a você e contou sobre o perigo que você enfrentaria. Caso tenha ou não acreditado nele, agora não importa mais. A hora chegou. Você deve partir do vale imediatamente.

— O quê? Apenas me levantar e ir embora? — exclamou um perplexo Shea. — Eu não posso fazer isso!

— Você pode e é o que fará, se deseja continuar vivo. Os portadores da Caveira suspeitam que esteja no vale. Em questão de um ou dois dias, eles o encontrarão e será seu fim, se ainda estiver aqui. Você deve partir agora. Viaje rapidamente e leve pouca bagagem; caminhe pelas trilhas que conhece e se refugie na floresta sempre que puder. Se for forçado a andar em campo aberto, viaje somente durante o dia, quando o poder deles é mais fraco. Allanon lhe disse para onde deve ir, mas você tem de confiar nas próprias habilidades para chegar até lá.

O confuso Shea encarou o homem por um momento e então se voltou para Flick, que estava sem fala com essa reviravolta nos acontecimentos. Como o homem podia esperar que ele simplesmente fizesse as malas e fugisse? Era ridículo.

— Preciso partir. — O estranho se levantou de repente, o manto envolvendo sua estrutura larga. — Eu o levaria comigo se pudesse, mas fui seguido. Aqueles que desejam destruí-lo esperam que eu, enfim, revele onde você está. Eu o servirei melhor como isca; talvez continuem me seguindo, e poderei lhe dar a oportunidade de escapar sem ser notado. Cavalgarei para o sul por um tempo, e então me voltarei na direção de Culhaven. Nós nos reencontraremos lá. Lembre-se do que eu lhe disse. Não se demore no vale. Parta agora, hoje à noite! Faça o que Allanon mandou e guarde as Pedras Élficas com cuidado. Elas são uma arma poderosa.

Shea e Flick se levantaram com ele e apertaram a mão estendida, notando pela primeira vez que o braço exposto estava coberto por uma malha metálica reluzente. Sem mais palavra, Balinor andou com rapidez pelo aposento e desapareceu pela porta da frente para a escuridão da noite.

— Bem, e agora? — perguntou Flick, jogando o corpo na cadeira.

— Como é que eu vou saber? — respondeu Shea, cansado. — Eu não sou adivinho. Não tenho a menor ideia se o que ele nos disse é verdade, assim como o que Allanon contou! Se ele estiver certo, e eu tenho a incômoda suspeita de que haja alguma verdade no que ele diz, então, pelo bem de todos os envolvidos, devo sair do vale. Se alguém estiver atrás de mim, não posso ter certeza de que outras pessoas, como você e o pai, não vão ser feridos se eu ficar.

Ele olhou com desalento para o salão, tão enredado pelas histórias que ouvira que não conseguia decidir o que seria melhor fazer. Flick o observava em silêncio, sabendo que não podia ajudá-lo, mas sentindo a mesma confusão e preocupação que o irmão. Por fim, ele se inclinou e colocou a mão sobre o ombro de Shea.

— Eu vou com você — anunciou com suavidade.

Shea olhou de volta para ele, claramente surpreso.

— Eu não posso deixar você fazer isso. O pai nunca entenderia. Além do mais, talvez eu nem vá para lugar nenhum.

— Lembre-se do que Allanon disse: eu estou nessa com você — insistiu Flick, com obstinação. — E você é meu irmão. Não posso deixá-lo ir sozinho.

Shea olhou para ele contemplativamente, e então assentiu e sorriu em agradecimento.

— Falaremos sobre isso mais tarde. De qualquer forma, não posso partir antes de me decidir para onde vou e do que precisarei. Isso se eu for mesmo. Tenho de deixar um bilhete para o pai. Não posso simplesmente ir embora, não importa o que Allanon e Balinor achem.

Eles se levantaram da mesa e foram jantar na cozinha. Os dois passaram o resto da noite ocupados, andando do salão para a cozinha e com várias viagens para os dormitórios, onde Shea inspecionava seus pertences, observando o que possuía e separando itens aleatórios. Flick o seguia em silêncio, sem querer deixá-lo sozinho, temeroso de que o irmão decidisse ir para Culhaven sem lhe avisar. Ele viu Shea colocar roupas e material de acampamento em uma bolsa de couro, e quando lhe perguntou por que ele estava fazendo as malas, ouviu o irmão dizer que era apenas por precaução, no caso de ele realmente ter de fugir subitamente. Shea lhe garantiu que nunca partiria sem se despedir, mas a confirmação não deixou Flick mais tranquilo e ele continuou a observar Shea atentamente.

Estava escuro como breu quando Shea foi acordado por uma mão segurando seu braço. Ele tinha o sono leve e o toque frio o acordou instantaneamente, seu coração batendo acelerado. Ele se debateu com força, incapaz de enxergar na escuridão, e tentou segurar o atacante invisível com a mão livre. Um sussurro rápido alcançou seus ouvidos e, de repente, ele reconheceu as feições largas de Flick ligeiramente delineadas à meia-luz das estrelas encobertas pelas nuvens e pela pequena lua crescente que brilhava através das cortinas. O medo diminuiu e foi substituído pelo alívio da visão familiar do irmão.

— Flick! Você me assustou...

O alívio foi interrompido quando Flick tapou com a mão forte sua boca aberta e deu outro sussurro de alerta. Na penumbra, Shea conseguiu ver rugas profundas de medo no rosto do irmão, a pele pálida esticada pelo frio do ar noturno. Ele começou a se mexer, mas os braços fortes que o seguravam o apertaram mais firme e puxaram seu rosto para perto dos lábios bem cerrados.

— Não fale — soou o sussurro em seus ouvidos, a voz gaguejando de terror. — Para a janela, rápido!

As mãos afrouxaram o aperto e o empurraram gentilmente, mas com rapidez, da cama para o chão, até que os dois irmãos ficaram agachados nas tábuas de madeira grossa nas sombras do quarto. Então, Shea rastejou com Flick na direção da janela parcialmente aberta, tentando respirar sem fazer barulho. Quando alcançaram a parede, Flick puxou Shea para um dos lados da janela com as mãos tremendo.

— Shea, ao lado da construção, olhe!

Completamente aterrorizado, ele levantou a cabeça até o parapeito da janela e inspecionou com cuidado a estrutura de madeira na escuridão à frente. Ele viu a criatura quase de imediato — uma forma negra enorme e terrível, que se mantinha inclinada ao rastejar, esgueirando-se lentamente pelas sombras das construções do outro lado da hospedaria, com as costas curvadas cobertas por um manto que subia e inchava de maneira suave enquanto alguma coisa por baixo empurrava e se debatia contra ele. O som áspero e hediondo de sua respiração era claramente audível mesmo daquela distância, e seus pés emitiam um curioso ruído de arranhão ao se moverem pela terra escura. Shea segurou o parapeito com força, os olhos fixos na criatura que se aproximava, e, no exato instante antes de se abaixar sob a janela aberta, ele vislumbrou um pingente de prata no formato de uma reluzente Caveira.

Capítulo IV

Shea deixou-se cair sem falar nada ao lado da silhueta do irmão, e eles ficaram unidos na escuridão. Podiam ouvir a criatura se mover, o som áspero ficando mais alto com o passar dos segundos, e tiveram certeza de que haviam levado em consideração o alerta de Balinor tarde demais. Eles esperaram, sem ousar falar ou mesmo respirar enquanto escutavam. Shea queria fugir, angustiado pela consciência de que aquela coisa lá fora o mataria se o encontrasse, mas tinha medo de que, caso se mexesse, fosse ouvido e pego no flagra. Flick estava sentado tenso ao seu lado, balançando com o vento frio da noite que fazia as cortinas baterem contra a moldura da janela.

De repente, ouviram o latido agudo de um cachorro soar várias vezes para então mudar para um rosnado rouco de medo e ódio misturados. Com cautela, os irmãos ergueram as cabeças acima do parapeito e olharam para fora, piscando na luz fraca. A criatura que portava a marca da Caveira estava agachada contra a parede da construção logo em frente à janela deles. A cerca de três metros se encontrava um enorme cão-lobo caçador de um dos homens do vale, com os caninos brancos expostos e brilhando enquanto observava o intruso. As duas figuras se encaravam nas sombras da noite; a criatura respirando com o mesmo ofegar lento e áspero, e o cão rosnando baixo para o ar diante de si, avançando devagar e rente ao chão. Logo, com um rosnado de raiva, o cão-lobo atacou o intruso com a mandíbula aberta procurando o pescoço negro. Mas o cão foi pego no ar abruptamente por um membro em forma de garra que surgiu por debaixo do manto flutuante e que apertou o pescoço do animal indefeso, esmagando-o até deixá-lo sem vida no chão. Tudo aconteceu em um instante, e os irmãos ficaram tão assombrados que quase se esqueceram de abaixar para evitar serem vistos. Um momento depois, escutaram novamente o estranho som áspero à medida que a criatura se arrastava pela parede da construção adjacente; contudo, o som ficou mais fraco e pareceu se afastar da hospedaria.

Longos minutos se passaram enquanto os irmãos esperavam sem fôlego nas sombras do quarto, tremendo incontrolavelmente. A noite ficou silenciosa, e eles apuraram os ouvidos para tentar descobrir algum indício da localização da criatura. Finalmente, Shea tomou coragem para espiar mais uma vez sobre a beirada do parapeito da janela para a escuridão. Quando ele voltou a se abaixar, o assustado Flick já estava pronto para correr até a saída mais próxima, mas Shea balançou rápido a cabeça para assegurar-lhe de que a criatura fora embora. Flick se afastou da janela e voltou para a cama quente, mas parou de se enfiar debaixo das cobertas ao ver Shea se vestir apressadamente no escuro. Tentou falar, mas Shea colocou um dedo sobre os lábios. Na hora, Flick começou a colocar as roupas também. O que quer que Shea estivesse pensando, para onde quer que ele estivesse indo, Flick estava determinado a segui-lo. Quando ambos estavam vestidos, Shea puxou o irmão para perto e sussurrou em seu ouvido:

— Todos no vale estarão em perigo se nós ficarmos. Devemos partir hoje à noite. Agora! Está decidido a ir comigo? — Flick concordou enfaticamente e Shea continuou: — Vamos até a cozinha pegar um pouco de comida para levar conosco, o suficiente para durar alguns dias. Vou deixar um bilhete para o pai lá.

Sem dizer mais uma palavra, Shea pegou a trouxa de roupas do armário e sumiu sem fazer barulho no corredor escuro como breu que levava até a cozinha. Flick o seguiu apressadamente, Tateando pelo quarto atrás do irmão. Era impossível enxergar qualquer coisa, e eles demoraram vários minutos para encontrar o caminho apenas encostando nas paredes e cruzando esquinas até a ampla porta da cozinha. Ao entrarem, Shea acendeu uma vela e pediu para Flick buscar comida na despensa enquanto escrevia um bilhete para o pai em uma folha de papel e o colocava debaixo de uma caneca de cerveja. Flick terminou a tarefa em poucos minutos e voltou para junto do irmão, que apagou a vela rapidamente e foi para a porta dos fundos, onde parou e se virou.

— Assim que sairmos, não fale mais nada. Apenas me siga de perto.

Flick assentiu com dúvidas, preocupado com o que poderia estar esperando por eles além da porta fechada — esperando para rasgar seus pescoços como fizera com o do cão-lobo poucos minutos antes. Mas não havia mais tempo para hesitação, e Shea abriu a porta de madeira com

cuidado; olhou para o quintal iluminado pelo luar e cercado pelos troncos pesados das árvores. Um momento depois, acenou para Flick e os dois saíram cuidadosamente da construção para o ar frio da noite, fechando a porta atrás deles. Estava mais claro lá fora sob a luz suave da lua e das estrelas, e um olhar rápido revelou não haver ninguém por perto. Faltavam somente uma ou duas horas até o amanhecer, quando a aldeia começaria a acordar. Os irmãos pararam ao lado da construção e escutaram em busca de algum barulho que os alertasse de perigo. Sem ouvir nada, Shea liderou o caminho pelo quintal e eles desapareceram nas sombras de uma fileira de arbustos, com Flick lançando um último olhar melancólico para o lar que talvez nunca voltasse a ver.

Shea caminhou silenciosamente entre as construções da aldeia. O rapaz do vale sabia que o Portador da Caveira não tinha certeza de quem ele era ou os teria capturado na hospedaria. Mas a criatura suspeitava de que ele morava ali e então fora até a vila adormecida do Vale Sombrio em busca do filho mestiço perdido da casa de Shannara. Shea revisou os planos de viagem que estabelecera apressadamente na hospedaria. Se o inimigo descobrisse onde ele estava, como Balinor alertara, então todas as possíveis rotas de fuga estariam sendo vigiadas. Além disso, quando descobrissem que ele fugira, não perderiam tempo, logo o seguiriam. Ele tinha que pressupor que havia mais de uma daquelas criaturas assustadoras e que provavelmente estavam observando o vale inteiro. Flick e ele teriam de aproveitar a vantagem da fuga furtiva e do sigilo para sair do vale e dos campos que os cercavam nos próximos dias. Aquilo significava uma marcha forçada e poucas horas de sono. Isso já seria difícil o bastante, mas o verdadeiro problema era para onde eles poderiam fugir. Eles precisariam de mais suprimentos em alguns dias, e uma viagem até Anar levaria semanas. O campo além do vale não era familiar a nenhum dos irmãos, a não ser por algumas poucas estradas bem conhecidas e aldeias que os Portadores da Caveira certamente estariam vigiando. Dada a situação atual, não seria possível fazer muito mais do que escolher uma direção. Porém, que caminho eles deveriam tomar? Para qual direção as criaturas errantes menos esperariam que fossem?

Shea considerou as alternativas com cautela, apesar de já ter tomado uma decisão. O oeste do vale era um campo aberto exceto por algumas vilas, e se tomassem aquele caminho estariam se afastando de Anar. Se viajassem para

o sul, acabariam chegando até a relativa segurança das cidades maiores das Terras do Sul, Pia e Zolomach, onde tinham amigos e família. Mas essa era a rota mais lógica para escapar dos Portadores da Caveira, e as criaturas estariam vigiando de perto as estradas ao sul do vale. Além do mais, os campos depois da floresta de Duln eram amplos e abertos, oferecendo pouco abrigo para os fugitivos e prometendo uma viagem longa até as cidades, durante a qual poderiam ser facilmente capturados e mortos. Ao norte do vale e além de Duln, havia uma vasta extensão de terra que abrangia o Rio Rappahalladran e o enorme Lago Arco-íris além de quilômetros de terras selvagens e desabitadas que levavam até o reino de Callahorn. Os Portadores da Caveira deviam ter passado por lá vindos das Terras do Norte e era provável que conhecessem o terreno muito melhor do que os irmãos e que o estariam vigiando se desconfiassem que Balinor viera para o vale passando por Tyrsis.

Anar ficava a nordeste do vale, após quilômetros da terra mais árdua e traiçoeira de toda a região das Terras do Sul. Essa rota direta era a mais perigosa de todas, mas a que seus inimigos considerariam menos provável que ele seguisse. Ela serpenteava por florestas escuras, planícies pérfidas, pântanos ocultos e uma variedade de perigos desconhecidos que tiravam a vida de viajantes desavisados todos os anos. Porém, havia algo mais além das florestas de Duln que nem mesmo os Portadores da Caveira poderiam saber: a segurança das montanhas de Leah. Lá, os irmãos poderiam pedir a ajuda de Menion Leah, grande amigo de Shea, e, apesar dos temores de Flick, a única pessoa que poderia mostrar aos dois um caminho seguro através da terra que seguia até Anar. Para Shea, essa parecia ser a única alternativa razoável.

Os irmãos alcançaram a fronteira sudeste da cidade e pararam sem fôlego ao lado de um velho depósito de madeira, encostados na tábua áspera. Shea olhou com cautela à frente. Ele não tinha ideia de onde a criatura errante da Caveira poderia estar àquela hora. Tudo parecia ainda nebuloso sob o brilho fraco do luar da noite que morria. Em algum lugar à esquerda, vários cachorros latiram furiosamente e luzes espalhadas surgiram nas janelas das casas próximas enquanto os donos sonolentos olhavam com curiosidade para a escuridão. Faltava pouco mais de uma hora para o amanhecer e Shea sabia que teriam de arriscar serem descobertos e correr até os limites do vale

para o esconderijo das florestas de Duln. Se eles ainda estivessem no vale quando amanhecesse, a criatura que os procurava os avistaria escalando as colinas e seriam pegos tentando escapar.

Shea bateu nas costas de Flick e fez um gesto com a cabeça, começando a correr enquanto se afastava do abrigo das casas do vale, em direção às massas de árvores e arbustos que pontilhavam o chão. A noite estava silenciosa, exceto pelo som abafado de seus pés contra a grama comprida e úmida por causa do sereno. Galhos cheios de folhas batiam em seus rostos e mãos desprotegidos enquanto corriam, com golpes que ardiam e deixavam o sereno grudado na pele. Eles apressaram-se pelo declive suave e coberto de arbustos ao leste do vale, esquivando-se dos carvalhos e noqueiras, saltando sobre cascas de nozes e ramos caídos e espalhados ao pé das árvores cujas copas brincavam no céu acima. Alcançaram o declive e dispararam pelo descampado o mais rápido que suas pernas aguentavam, sem parar para olhar para trás e nem para baixo na escuridão; olhavam somente para a frente, para o chão que corria na direção deles em saltos súbitos e desaparecia no vale logo atrás. Escorregando muitas vezes na grama úmida, os dois finalmente chegaram até os limites do vale, onde puderam ter uma visão clara das grandes paredes do vale a leste, salpicadas de pedregulhos sem forma definida e arbustos esparsos, assomando como uma enorme barreira ao mundo lá fora.

Shea estava em excelente condição física, e sua silhueta leve voava pelo chão irregular, movendo-se agilmente entre as massas de capim e pequenas pedras que bloqueavam o caminho. Flick o seguia com perseverança, com os músculos fortes das pernas trabalhando sem descanso para manter sua estrutura mais corpulenta em igualdade com a figura veloz adiante. Somente uma vez arriscou-se a olhar para trás, e seus olhos registraram uma imagem borrada das copas das árvores misturadas que se erguiam sobre a cidade já oculta e delineadas pelo brilho das estrelas evanescentes e da lua encoberta. Ele observava Shea correr à sua frente, saltando suavemente sobre as pequenas subidas e pedras espalhadas, aparentemente determinado em alcançar a pequena área arborizada próxima ao pé do declive a leste do vale a cerca de um quilômetro e meio. As pernas de Flick estavam começando a ficar cansadas, mas o medo de que a criatura estivesse em algum lugar atrás deles o impediu de se demorar. Pensou sobre o que aconteceria com eles,

fugitivos do único lar que já conheceram e perseguidos por um inimigo tão incrivelmente maléfico que lhes extinguiria a vida como a chama de uma pequena vela caso fossem apanhados. Aonde poderiam ir para não serem encontrados? Pela primeira vez desde que Allanon partira, Flick desejou fervorosamente que o misterioso andarilho reaparecesse.

Os minutos passaram rápido e a pequena mata adiante se aproximou enquanto os irmãos corriam cansados e em silêncio na noite fria. Nenhum som chegava a seus ouvidos; nada se movia na terra à frente. Parecia que eram os únicos seres vivos em uma vasta arena, sozinhos, a não ser pelas estrelas que piscavam para eles solenemente com um contentamento tranquilo. O céu estava clareando enquanto a noite chegava a um melancólico fim, e a plateia de estrelas desaparecia aos poucos na luz da manhã. Os irmãos continuaram a correr, esquecidos de tudo além da necessidade de ir mais rápido — para escapar de serem pegos pela luz reveladora do nascer do sol que ocorreria em poucos minutos.

Quando os corredores finalmente chegaram à área arborizada, deixaram-se cair sem fôlego no chão coberto de ramos sob uma muralha de altasogueiras, com os corações batendo forte pelo esforço. Permaneceram parados por vários minutos, respirando fundo. Então, Shea se levantou devagar e olhou na direção do vale. Nada se movia no chão nem no ar, e parecia que os irmãos conseguiram chegar até aquele ponto sem serem notados. Mas ainda não estavam fora do vale. Shea esticou o braço e forçou Flick a se levantar, arrastando-o enquanto se movia entre as árvores e começava a subir o declive íngreme. Flick o seguia sem dizer palavra, sem nem mesmo pensar, mas concentrando sua frágil força de vontade em colocar um pé diante do outro.

O declive a leste era irregular e traiçoeiro, sua superfície era uma massa de pedregulhos, árvores caídas e arbustos espinhentos que tornavam a escalada longa e difícil. Shea estabeleceu o ritmo, movendo-se pelos grandes obstáculos o mais rápido que podia, enquanto Flick seguia seus passos. Os jovens escalaram até chegar ao topo do declive. O céu clareou mais ainda e as estrelas desapareceram completamente. À frente, acima dos limites do vale, o sol enviava o primeiro brilho fraco no céu noturno em tons de laranja e amarelo que refletia vagamente a silhueta do horizonte distante. Shea estava começando a se cansar, com a respiração vindo em golfadas curtas

enquanto continuava a tropeçar. Atrás dele, Flick obrigou-se a rastejar, arrastando o corpo exausto até o irmão mais leve, com as mãos e cotovelos arranhados e cortados pelos arbustos e rochas afiados. A escalada parecia interminável. Eles se moviam no ritmo de uma lesma pelo terreno acidentado, e somente o medo de serem descobertos forçava as pernas cansadas a continuarem se mexendo. Se fossem pegos ali, em campo aberto, depois de todo o esforço...

De repente, quando atingiram três quartos da escalada, Flick deu um grito alto de alerta e caiu sem conseguir respirar. Shea deu meia-volta com medo e seus olhos viram na hora o enorme objeto negro que subia devagar do distante vale, ascendendo em espiral como um pássaro grande na claridade indistinta do sol do amanhecer. O rapaz caiu duro entre o capim e as rochas, indicando para o irmão rastejar rápido para longe do campo de visão e torcendo para que a criatura não os tivesse visto. Ficaram deitados sem se mexer na encosta enquanto o assombroso Portador da Caveira se erguia mais no alto, ampliando a área de voo e se aproximando de onde os irmãos estavam. Um súbito urro arrepiante irrompeu da criatura, drenando a débil esperança que os dois jovens tinham de escapar. A mesma sensação inexplicável de terror que imobilizara Flick, quando este se escondera nos arbustos com Allanon debaixo da enorme sombra negra, os tomara agora; no entanto, dessa vez, não havia lugar para se esconder. O terror aumentou rapidamente para os estágios iniciais da histeria quando a criatura pairou acima de onde estavam, e, naquele breve instante, souberam que iriam morrer. Contudo, no momento seguinte, o caçador negro girou em pleno voo e foi para o norte em uma reta inalterada, recuando em ritmo constante para o horizonte, até sumir do campo de visão dos dois.

Os rapazes do vale continuaram petrificados, enterrados no escasso capim entre rochas soltas por incontáveis minutos, temerosos de que a criatura voltasse para destruí-los no momento em que tentassem se mover. Porém, quando o medo irracional e terrível diminuiu, levantaram-se tremendo e, com um silêncio exausto, continuaram a escalada cansativa até o cume do vale. Faltava uma distância curta até a borda do declive íngreme, e eles se apressaram pelo pequeno campo aberto adiante para o esconderijo da floresta de Duln. Dentro de minutos, estavam perdidos entre as grandes

árvores, e o brilho do sol nascente da manhã encontrou o terreno que se estendia até os campos silenciosos e vazios do vale.

Os jovens diminuíram o ritmo ao entrarem em Duln, e Flick, que não fazia ideia de onde estavam indo, finalmente inquiriu Shea:

— Por que tomamos esse caminho? — perguntou ele. Sua própria voz lhe pareceu estranha depois do longo silêncio. — Para onde estamos indo, afinal?

— Para onde Allanon disse para irmos: Anar. Nossa melhor chance é seguir o caminho que os Portadores da Caveira menos esperam. Então, iremos para leste até os Carvalhos Negros e de lá viajaremos para o norte, esperando encontrar ajuda no caminho.

— Espere aí! — exclamou Flick, entendendo tudo subitamente. — O que você está dizendo é que estamos indo para leste através de Leah, esperando que Menion nos ajude. Você está completamente louco? Por que não nos entregamos logo para aquela criatura? Seria mais rápido!

Shea jogou as mãos para o alto e se voltou exausto para encarar o irmão.

— Nós não temos outra escolha! Menion Leah é a única pessoa para quem podemos pedir ajuda. Ele conhece o terreno depois de Leah. Ele pode conhecer um caminho entre os Carvalhos Negros.

— Ah, claro — assentiu Flick, sombriamente. — Você está esquecendo que ele nos deixou perdidos por lá na última vez? Eu não confiaria nele nem um centímetro a mais do que conseguisse jogá-lo para longe e duvido que consiga até mesmo levantá-lo!

— Nós não temos escolha — repetiu Shea. — Você não precisava ter vindo nessa viagem, sabe disso.

Ele abrandou a voz e se virou para o outro lado.

— Desculpe-me por ter perdido a cabeça. Mas temos de fazer isso do meu jeito, Flick.

Ele voltou a caminhar em um silêncio abatido e Flick o seguiu apático, balançando a cabeça em sinal de desaprovação. Para começar, a ideia de fugir já era ruim, apesar de saberem que aquela criatura monstruosa estava perambulando pelo vale. Mas a ideia de ir até Menion Leah era ainda pior. Aquele vagabundo convencido os levaria direto para uma armadilha, isso se não os fizesse se perderem primeiro. Menion só se interessava por si mesmo,

o grande aventureiro, preparado para mais uma expedição selvagem. A ideia de pedir ajuda para ele era ridícula.

Flick era confessadamente tendencioso. Ele desaprovava Menion Leah e tudo o que ele representava — desde que o encontrara pela primeira vez, cinco anos antes. O filho único de uma família que governava seu pequeno reino nas montanhas durante séculos, Menion passara a vida inteira se metendo em uma aventura louca após outra. Ele nunca tivera de trabalhar, e até onde Flick sabia, nunca fizera nada de útil. Passava a maior parte do tempo caçando ou lutando, atividades que os trabalhadores do vale considerariam coisa de desocupados. Suas atitudes eram igualmente irritantes. Nada sobre sua vida, família, cidade natal ou país parecia ter muita importância para ele. O montanhês parecia pairar sobre a vida como uma nuvem em um céu vazio, sem tocar em nada e não deixando nenhum sinal de sua passagem. Foi essa abordagem negligente da vida que quase os matou no ano anterior nos Carvalhos Negros. Ainda assim, Shea gostava dele; e, de seu jeito irreverente, o montanhês parecia reagir com uma afeição genuína. Mas Flick nunca se convencera de que era uma amizade com a qual pudesse contar, e agora seu irmão propunha confiar a vida deles aos cuidados de um homem que não sabia nada sobre responsabilidade.

Refletiu sobre a situação, pensando no que poderia ser feito para prevenir o inevitável. Finalmente, chegou à conclusão de que o melhor seria observar Menion com atenção e alertar Shea com muito tato quando suspeitasse que estavam fazendo a coisa errada. Se ele se distanciasse do irmão naquele momento, não teria chance de mais tarde se opor ao mau conselho do Príncipe de Leah.

Já era fim de tarde quando os viajantes alcançaram as margens do grande Rappahalladran. Shea guiou o caminho pela beira do rio por cerca de um quilômetro e meio até chegarem a um local onde a margem do outro lado atravessava na direção deles e o canal começava a se estreitar consideravelmente. Lá, pararam e olharam para as florestas adiante. O pôr do sol aconteceria em mais ou menos uma hora, e Shea não queria continuar daquele lado da margem durante a noite. Ele se sentiria mais seguro com as águas entre ele e quaisquer perseguidores. Explicou a Flick, que concordou, e os dois começaram a construir uma pequena jangada usando martelos e facas de caça. A jangada era obrigatoriamente pequena, já

que seu único propósito era levar as bolsas de comida e roupas. Não havia tempo para construir algo grande o suficiente para carregá-los, e teriam de nadar no rio rebocando seus pertences. Completaram o trabalho de maneira rápida e, tirando as roupas e bolsas, as amarraram no meio da jangada e mergulharam nas águas geladas do Rappahalladran. A correnteza era veloz, mas não perigosa naquela época do ano, com o degelo da primavera já tendo passado. O único problema era encontrar um local apropriado para desembarque nas margens altas do outro lado do rio. Entretanto, a correnteza os arrastou por quase um quilômetro enquanto lutavam para atravessar a desajeitada jangada, e quando finalmente conseguiram cruzar o rio, descobriram que estavam muito próximos de uma enseada estreita que oferecia um fácil desembarque. Saíram da água fria, tremendo no ar do anoitecer, e depois de arrastarem a jangada para a terra, secaram-se logo e vestiram as roupas. A operação toda demorou pouco mais de uma hora, e o sol já não podia mais ser visto debaixo das árvores altas, deixando somente um brilho avermelhado para iluminar o céu do fim de tarde nos minutos que restavam antes da escuridão.

Os irmãos não estavam prontos para interromper a viagem, mas Shea sugeriu que dormissem por algumas horas para recuperar as forças e continuassem durante a noite, para evitar qualquer chance de serem vistos. O abrigo da enseada parecia seguro, e eles se enrolaram nos cobertores debaixo de um grande olmo e logo caíram no sono. Já era meia-noite quando Shea acordou Flick com uma sacudidela de leve, e, rapidamente, guardaram todo o equipamento e se prepararam para continuar a caminhada por Duln. Em certo momento, Shea pensou ter escutado alguma coisa espreitando na outra margem e alertou Flick. Ouviram em silêncio por longos minutos, mas não conseguiram detectar nada se movendo na escuridão das árvores gigantescas e finalmente concluíram que Shea deveria ter se enganado. Flick logo observou que eles não conseguiriam ouvir nada mesmo por causa do barulho da correnteza do rio, e que a criatura da Caveira provavelmente ainda estava procurando por eles no vale. Sua confiança aumentara consideravelmente pela convicção equivocada de que haviam ludibriado os perseguidores por um tempo.

Andaram até o nascer do sol, tentando seguir em direção ao leste, mas sem conseguirem ver muito bem do ponto de vista baixo em que se

encontravam. Qualquer visão clara das estrelas era encoberta pela confusa rede de galhos pesados e folhas farfalhantes. Quando finalmente pararam, ainda estavam na floresta de Duln e não tinham ideia de quanto mais deveriam caminhar antes de alcançarem a fronteira de Leah. Shea ficou aliviado quando o sol nasceu em frente a eles; continuavam na direção certa. Ao encontrarem uma clareira abrigada por um grupo de grandes olmos cercados em três lados por arbustos espessos, os jovens largaram as bolsas e dormiram rapidamente, exaustos pela fuga desgastante. No final da tarde do dia seguinte, acordaram e começaram as preparações para a caminhada noturna. Sem querer acender um fogo que poderia chamar atenção, contentaram-se em comer carne seca e vegetais crus, completando a refeição com frutas e água. Enquanto comiam, Flick novamente levantou a questão sobre o destino da viagem.

— Shea — começou, com cautela —, eu não quero insistir nesse assunto, mas você tem certeza de que esse é o melhor caminho? Você sabe, mesmo que Menion esteja disposto a nos ajudar, nós podemos facilmente nos perder nos pântanos e colinas que existem depois dos Carvalhos Negros e nunca mais sair de lá.

Shea concordou com a cabeça devagar e então deu de ombros.

— É esse caminho ou seguir mais para o norte onde há menos esconderijos e o terreno é desconhecido até para Menion. Você acha que temos uma escolha melhor?

— Acho que não — respondeu Flick, tristemente. — Mas não paro de pensar no que Allanon nos disse, você se lembra? Sobre não contarmos para ninguém e sermos cuidadosos ao confiar em outras pessoas. Ele foi categórico sobre isso.

— Não vamos começar com isso de novo — exaltou-se Shea. — Allanon não está aqui e a decisão é minha. Eu não vejo como chegar até as florestas de Anar sem a ajuda de Menion. Além disso, ele sempre foi um bom amigo e é um dos melhores espadachins que conheço. Precisaremos da experiência dele se formos forçados a lutar.

— O que certamente teremos de fazer com ele por perto — concluiu Flick enfaticamente. — Além do mais, que chance nós temos contra uma coisa como aquela criatura da Caveira? Ora, ela vai nos fazer em pedacinhos!

— Não seja tão pessimista, ainda não estamos mortos. Não se esqueça, nós temos a proteção das Pedras Élficas.

Flick não ficou particularmente convencido com aquele argumento, mas achou que seria melhor deixar o assunto para lá por ora. Tinha de admitir que Menion Leah seria um bom homem para se ter ao lado durante uma luta, mas, ao mesmo tempo, não tinha muita certeza sobre que lado aquele sujeito imprevisível escolheria. Shea confiava em Menion porque passara a gostar do aventureiro espalhafatoso instintivamente durante as viagens para Leah com o pai nos últimos anos. Flick, porém, não sentia que o irmão era de todo racional em sua análise do Príncipe de Leah. Leah era uma das poucas monarquias remanescentes das Terras do Sul, e Shea era um defensor aberto do governo descentralizado, um oponente do poder absoluto. No entanto, mantinha amizade com o herdeiro de um trono monárquico — fato que, na opinião de Flick, parecia completamente inconsistente. Ou você acreditava em alguma coisa ou não — você não podia ficar em cima do muro e ser honesto consigo mesmo.

Terminaram a refeição em silêncio, enquanto as primeiras sombras da noite começavam a surgir. O sol desaparecera havia muito e seus raios dourados mudaram aos poucos para um vermelho profundo que se misturava aos galhos verdes das enormes árvores. Os irmãos guardaram rapidamente os poucos pertences e iniciaram a marcha lenta e constante em direção ao leste, de costas para o pôr do sol. A floresta estava estranhamente silenciosa, mesmo para o começo da noite, e os cautelosos rapazes do vale caminharam inquietos pela escuridão da noite; a lua parecia um farol distante, surgindo somente em breves intervalos por entre os galhos escuros. Flick estava bastante perturbado pelo silêncio anormal de Duln, um silêncio estranho para essa floresta enorme, mas desconfortavelmente familiar para o robusto rapaz. De tempos em tempos, paravam em meio à escuridão, escutando o profundo silêncio; então, sem ouvir nenhum som, continuavam a marcha cansativa, procurando uma abertura na floresta adiante até as montanhas. Flick odiava o silêncio opressivo e começou a assobiar baixo, mas ficou calado quando Shea fez um sinal de alerta.

Em algum momento durante as primeiras horas da manhã, os irmãos chegaram na fronteira de Duln e começaram a atravessar os gramados cobertos de arbustos que se estendiam por quilômetros até as montanhas de

Leah. O sol da manhã ainda demoraria várias horas para nascer, e os viajantes continuaram seguindo para o leste. Os dois se sentiram imensamente aliviados por estarem livres de Duln, longe do confinamento sufocante de suas árvores monstruosas e do silêncio desagradável. Poderiam estar mais seguros nas sombras ocultantes da floresta, mas se sentiam muito melhor preparados para lidar com qualquer perigo que os ameaçasse em campo aberto. Até voltaram a conversar em tom baixo enquanto andavam. Cerca de uma hora antes do nascer do sol, chegaram até um pequeno vale coberto de arbustos, onde pararam para comer e descansar. Eles já conseguiam ver as montanhas vagamente iluminadas de Leah a leste, a distância de mais um dia de viagem. Shea estimou que, se começassem a caminhar novamente ao pôr do sol, conseguiriam facilmente chegar até o destino antes do início do próximo dia. Então, tudo dependeria de Menion Leah. Com esse pensamento em mente, rapidamente caiu no sono.

Apenas alguns minutos se passaram e já estavam acordados de novo. Não foi nenhum movimento que os fez se levantarem com uma apreensão repentina, mas um silêncio mortal que se assentou de maneira abominável sobre os gramados. Imediatamente, sentiram a presença inconfundível de outro ser. A sensação atingiu ambos no mesmo instante e os dois se levantaram de um salto, sem dizer nenhuma palavra, com as adagas desembainhadas brilhando sob a luz débil, enquanto inspecionavam com cuidado o pequeno esconderijo. Nada se moveu. Shea acenou para o irmão segui-lo até o declive coberto de arbustos do pequeno vale de onde poderiam enxergar o terreno adiante.

Ficaram parados entre os arbustos, perscrutando as sombras do início da manhã, com os olhos se estreitando para detectar o que espreitava adiante. Não questionaram o fato de que havia alguma coisa lá fora. Não havia necessidade — ambos reconheceram a sensação diante da janela do quarto. Aguardavam, mal ousando respirar, imaginando se a criatura os encontrara afinal, rezando para que houvessem sido cuidadosos o suficiente para disfarçar seus passos. Parecia impossível que fossem pegos logo depois da árdua luta para escapar e errado que a morte chegasse quando a segurança de Leah estava a algumas horas.

Então, com uma precipitação súbita de vento e folhas, a sombra negra do Portador da Caveira se ergueu de uma longa fileira de arbustos à esquerda

sem fazer nenhum som. O vulto escuro pareceu subir e pairar pesadamente sobre a terra por um longo tempo, como se fosse incapaz de se mover, delineado contra a luz fraca do amanhecer que se aproximava. Os irmãos permaneceram imóveis na beira da elevação, tão silenciosos quanto os arbustos ao redor, esperando a criatura se mexer. Como ela conseguira rastreá-los tão longe — se de fato o fizera —, eles somente podiam adivinhar. Talvez fora apenas o acaso que os reunira naquele específico e vazio pedaço de savana, mas a verdade era que estavam sendo caçados e que a morte se tornara uma possibilidade muito real.

A criatura continuou parada no céu por mais um momento, e então, muito vagarosamente, com as enormes asas abertas, começou a se mover na direção do esconderijo dos dois. Flick ofegou de consternação e afundou ainda mais nos arbustos, com o rosto pálido sob a luz cinzenta; a mão segurando o braço comprido de Shea. Entretanto, antes de alcançá-los e ainda a quilômetros de distância, a criatura se enfiou em um pequeno agrupamento de árvores e ficou momentaneamente fora de vista. Os irmãos espiaram em desespero sob a vaga luz, incapazes de enxergar o perseguidor.

— Agora — sussurrou a voz determinada de Shea com urgência no ouvido do irmão—, enquanto a criatura não pode nos ver. Vamos para aquela fileira de arbustos lá na frente!

Flick não precisou ouvir duas vezes. Quando o monstro negro terminasse de olhar nas árvores que prendiam sua atenção, a próxima parada seria o esconderijo onde estavam. O rapaz do vale disparou com medo dos arbustos, meio correndo, meio rastejando pela grama úmida da manhã, com a cabeça balançando para olhar por sobre os ombros, esperando que o Portador da Caveira se erguesse a qualquer momento do arvoredo e o avistasse. Shea corria logo atrás, com o corpo esguio agachado próximo ao chão, enquanto se arremessava pelo campo aberto, fazendo o caminho em zigue-zague atrás da figura corpulenta do irmão. Alcançaram os arbustos sem contratempos, e então Shea se lembrou de que haviam se esquecido das bolsas — que estavam no pé do vale que tinham acabado de deixar. A criatura certamente as veria e, quando o fizesse, a perseguição estaria terminada e não haveria dúvida sobre qual caminho haviam seguido. Shea sentiu o estômago embrulhar. Como puderam ser tão estúpidos? Ele agarrou o ombro de Flick em desespero, mas o irmão também já tinha percebido o

erro e se sentou pesadamente no chão. Shea sabia que tinha de voltar para buscar as bolsas delatoras, mesmo arriscando ser visto; não havia escolha. Porém, quando começou a se levantar, hesitante, a forma negra do caçador reapareceu, pairando no céu que se iluminava. Ele perdera a oportunidade.

Mais uma vez, foram salvos pelo amanhecer. Enquanto o Portador da Caveira se equilibrava silenciosamente sobre o campo, o aro dourado do sol da manhã saiu do lugar de descanso nas colinas a leste e enviou seus primeiros emissários do dia para iluminar a terra e o céu com seu brilho cálido. A luz do sol emanou sobre a massa sombria da criatura noturna, que, ao perceber que seu tempo acabara, subiu abruptamente pelo céu, girando pelo terreno em grandes círculos. Deu seu grito de morte com um ódio assustador, congelando por um instante todos os sons suaves da manhã; então foi na direção norte e voou rapidamente para longe de vista. Um momento depois a criatura já havia desaparecido, deixando os dois rapazes do vale agradecidos e incrédulos olhando mudos para o céu vazio e distante da manhã.

Capítulo V

Ao final da tarde daquele mesmo dia, os rapazes do vale chegaram à cidade montanhosa de Leah. As muralhas de pedra e argamassa que a cercavam eram um refúgio bem-vindo para os viajantes cansados, apesar do sol brilhante da tarde fazer a massa cinzenta e quente parecer tão amistosa quanto ferro aquecido. O tamanho e o volume das muralhas eram repulsivos para eles, que preferiam a liberdade das florestas mais exploráveis que circundavam sua casa, mas a exaustão logo os fez deixar de lado qualquer aversão e adentrarem sem hesitar pelos portões a oeste as ruas estreitas da cidade. Era horário comercial, e as pessoas se acotovelavam pelas lojas pequenas e mercados que circundavam a entrada da cidade murada e seguiam até a casa de Menion, uma imponente e antiga mansão protegida por árvores e sebes e com gramados muito bem cuidados e jardins perfumados. Leah parecia ser uma grande metrópole para os homens do Vale Sombrio, mas era na verdade pequena se comparassem com as grandes cidades das Terras do Sul ou até mesmo com a cidade fronteiriça de Tyrasis. Leah era uma cidade separada do resto do mundo, e raramente os viajantes adentravam seus portões. Era independente, existindo sobretudo para atender as necessidades de seu povo. A monarquia que governava a cidade era a mais antiga das Terras do Sul. Era a única lei que seus súditos conheciam — talvez a única de que precisavam. Shea nunca se convencera disso, apesar de, em sua maioria, o povo montanhês parecer satisfeito com o governo e o estilo de vida que oferecia.

Enquanto seguiam entre a multidão, Shea se pegou refletindo sobre a improvável amizade com Menion Leah. Teria de ser qualificada como improvável, ele meditou, porque eles pareciam ter muito pouco em comum à primeira vista. Um homem do vale e um montanhês, com passados tão completamente diferentes que desafiavam qualquer comparação significativa. Shea, o filho adotado de um dono de hospedaria, teimoso, pragmático e criado na tradição de homens trabalhadores. Menion, o filho

único da casa real de Leah e herdeiro do trono, nascido para uma vida repleta de responsabilidades as quais desconsiderava completamente, possuidor de uma autoconfiança atrevida que tentava ocultar com pouco sucesso e abençoado com o instinto excepcional de caçador que lhe concedia um respeito relutante mesmo de um crítico tão severo quanto Flick. Os pontos de vista políticos eram tão contrários quanto seus passados. Shea era incondicionalmente conservador, um defensor das tradições, enquanto Menion estava convencido de que as tradições se provaram ineficazes para lidar com os problemas das raças.

Entretanto, mesmo com todas as diferenças, eles desenvolveram uma amizade que evidenciava o respeito mútuo. Menion achava o amigo muitas vezes antiquado na maneira de pensar, mas admirava sua convicção e determinação. O jovem do vale, diferentemente de Flick, não era cego aos defeitos de Menion, mas via no Príncipe de Leah uma coisa que as outras pessoas estavam inclinadas a ignorar: uma forte e admirável noção de certo e errado.

Naquela época, Menion Leah vivia sem qualquer preocupação com o futuro. Viajava bastante e caçava nas florestas das montanhas, mas, na maior parte do tempo, parecia procurar novas maneiras de arrumar encrenca. A habilidade com o arco e com o rastreador que adquirira merecidamente não atingira nenhum propósito útil. Pelo contrário, só servira para irritar o pai, que tentara repetidamente e sem sucesso fazer o filho e único herdeiro se interessar pelos problemas do governo do reino. Algum dia Menion seria rei, mas Shea duvidava que o amigo despreocupado já considerara a possibilidade por mais de um instante. Isso era tolice, apesar de ser de certa forma esperado. A mãe de Menion morrera havia muitos anos, pouco após Shea visitar as montanhas pela primeira vez. O pai de Menion não era um homem velho, mas a morte de um rei nem sempre acontecia com a idade, e muitos dos antigos governantes de Leah morreram súbita e inesperadamente. Se algum imprevisto acontecesse com seu pai, Menion se tornaria rei mesmo que não estivesse preparado. Aprenderia algumas boas lições com isso, Shea pensou, sorrindo involuntariamente.

A mansão ancestral de Leah era uma construção ampla de pedra de dois andares, aninhada tranquilamente no meio de um grupo de nogueiras e pequenos jardins. O terreno era protegido da cidade que o circundava por

altos arbustos. Uma grande praça se estendia em frente à passagem de entrada da casa, e enquanto os rapazes do vale o atravessavam, cansados, a caminho do portão, crianças brincavam esparramando água de um pequeno lago ao centro de uma de suas muitas trilhas. O dia ainda estava quente, e as pessoas corriam diante dos viajantes para encontrar os amigos ou chegar em casa e rever a família. No oeste, o céu do final da tarde se aprofundava em uma suave neblina dourada.

Os altos portões de ferro estavam abertos, e os rapazes caminharam rápido até a porta de entrada da casa, serpenteando pelos arbustos e jardins do longo caminho de pedra. Ainda estavam se aproximando do umbral de pedra na frente da casa quando a pesada porta de carvalho se abriu e, inesperadamente, apareceu Menion Leah. Vestido com um manto multicolorido e um colete verde e amarelo-claro, sua silhueta esguia moveu-se com a graça de um gato. Ele não era um homem grande, embora vários centímetros mais alto que os homens do vale, mas os ombros largos e os braços longos lhe conferiam uma aparência longilínea. Ele ia tomar um caminho ao lado da casa, mas, quando viu as duas figuras empoeiradas e esfarrapadas se aproximando pela calçada principal, parou de imediato. Um momento depois, seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Shea! — exclamou ele, bruscamente. — O que em nome de tudo... O que aconteceu com você?

Ele correu até o amigo e apertou a mão magra calorosamente.

— É muito bom ver você, Menion — disse Shea com um sorriso.

O montanhês deu um passo para trás e seus olhos cinzentos os estudaram com astúcia.

— Nunca esperei que minha carta fosse dar resultado tão rapidamente... — Ele parou de falar e olhou para o rosto cansado do outro. — E não deu, certo? Mas não me conte, prefiro não saber. Prefiro acreditar, pelo bem de nossa amizade, que você veio apenas para me visitar. E trouxe o velho e desconfiado Flick também, pelo que vejo. Essa é uma surpresa e tanto.

Ele deu um sorriso forçado para o carrancudo Flick, que fez um seco aceno de cabeça.

— Não foi ideia minha, pode ter certeza.

— Eu gostaria que nossa amizade fosse o único motivo da visita — respirou fundo Shea. — Gostaria de não ter de envolvê-lo em nada disso,

mas receio estarmos com um problema sério e que você seja a única pessoa que pode nos ajudar.

Menion começou a sorrir, mas mudou de ideia ao ver a expressão refletida no rosto abatido do outro e assentiu com sobriedade.

— Não há nada de divertido nisso, não é? Bem, acho que vocês devem tomar um banho quente e jantar primeiro. Podemos conversar sobre o que os trouxe até aqui depois. Entrem. Meu pai está ocupado na fronteira, mas eu estou à disposição.

Ao entrar, Menion ordenou aos servos que cuidassem dos habitantes do vale e eles foram encaminhados para um banho de boas-vindas e roupas limpas. Uma hora mais tarde, os três amigos se reuniram no grande salão para um jantar que normalmente alimentaria seis pessoas, mas que nessa noite quase não os deixou satisfeitos. Enquanto comiam, Shea relatou para Menion a estranha história por trás da fuga do Vale Sombrio. Ele descreveu o encontro de Flick com o misterioso andarilho Allanon e toda a história acerca da Espada de Shannara. Era necessário, apesar do alerta de Allanon por discricção, já que teria de pedir a ajuda de Menion. Ele contou sobre a vinda de Balinor com seu aviso sucinto, sobre como escaparam por um triz da criatura negra da Caveira e, finalmente, sobre a fuga para as montanhas. Shea foi o único a falar. Flick não estava disposto a participar da conversa, resistindo à tentação que sentia de explicar mais a sua participação nos eventos das últimas semanas. Ele escolheu ficar calado por estar determinado a não confiar em Menion. Convencera-se de que era melhor para os dois se ao menos um deles mantivesse a guarda e a boca fechada.

Menion Leah escutou em silêncio a longa história, não demonstrando nenhuma surpresa até chegar na parte sobre o passado de Shea, com o qual ele pareceu ficar imensamente contente. Seu rosto fino e bronzeado permaneceu uma máscara inescrutável na maior parte do tempo, a não ser pelo perpétuo sorriso de canto de boca e pelas pequenas rugas nos cantos de seus perspicazes olhos cinzentos. Ele entendeu rapidamente por que os homens do vale o haviam procurado. Eles nunca conseguiriam seguir de Leah através das planícies de Clete e de lá atravessar os Carvalhos Negros sem a assistência de alguém que conhecesse o terreno — alguém em quem pudessem confiar. Correção, pensou Menion, sorrindo interiormente: alguém em quem Shea pudesse confiar. Ele sabia que Flick jamais teria

concordado em vir até Leah se o irmão não tivesse insistido. Nunca existiu muita amizade entre Flick e ele. Ainda assim, os dois estavam lá, dispostos a pedir sua ajuda, seja lá qual fosse a razão, e ele seria incapaz de negar algo a Shea, mesmo que significasse um risco para a própria vida.

Shea terminou a história e esperou pacientemente pela resposta de Menion. O montanhês parecia concentrado em seus pensamentos, com os olhos fixos no copo de vinho pela metade próximo do seu cotovelo. Quando começou a falar, sua voz estava distante:

— A Espada de Shannara. Há anos não escuto essa história. Nunca acreditei que fosse verdade. E agora, da completa obscuridade, ela reaparece tendo meu velho amigo Shea Ohmsford como seu herdeiro. Será que é mesmo? — Seus olhos se arregalaram de repente. — Você poderia ser uma distração, uma isca para essas criaturas das Terras do Norte caçarem e destruírem. Como podemos ter certeza sobre Allanon? Pelo que você me contou, ele parece ser quase tão perigoso quanto essas coisas que o estão perseguindo; talvez até mesmo seja um deles.

Flick se sobressaltou claramente com a sugestão, mas Shea balançou a cabeça com firmeza.

— Eu não consigo acreditar nisso. Não faz nenhum sentido.

— Talvez não — continuou Menion lentamente, refletindo sobre a possibilidade. — Pode ser que eu esteja ficando velho e desconfiado. Francamente, a história toda parece bastante improvável. Se for verdade, você teve sorte de chegar tão longe sozinho. Existem muitas lendas sobre as Terras do Norte, do mal que reside no deserto para além das Planícies Strelheim, um poder, pelo que dizem, além da compreensão de qualquer ser mortal...

Ele pausou por um momento, e então deu um gole no vinho.

— A Espada de Shannara... Só a possibilidade de a lenda ser verdadeira é suficiente para... — Ele balançou a cabeça e deu um sorriso largo. — Como eu poderia me negar a chance de descobrir? Você vai precisar de um guia para chegar em Anar, e esse guia sou eu.

— Eu sabia que seria.

Shea se esticou e apertou sua mão em agradecimento. Flick gemeu baixo, mas conseguiu dar um fraco sorriso.

— Então, vamos ver em que pé estamos. — Menion rapidamente se posicionou e Flick voltou a beber vinho. — E essas Pedras Élficas? Vamos dar uma olhada nelas.

Shea logo pegou a pequena bolsa de couro e esvaziou o conteúdo na palma da mão aberta. As três pedras reluziram sob a luz das tochas, com o brilho azul profundo e rico. Menion tocou em uma delas delicadamente e depois a pegou.

— Elas são realmente bonitas — reconheceu ele, aprovando. — Eu não sei se já vi algo semelhante. Mas como podem nos ajudar?

— Não sei ainda — admitiu o rapaz do vale relutantemente. — Só sei o que Allanon nos contou: que as pedras só devem ser utilizadas em situações de emergência e que são muito poderosas.

— Bem, espero que ele esteja certo — bufou o outro. — Detestaria descobrir da pior maneira que ele estava enganado. Mas acho que vamos ter de viver com essa possibilidade.

Ele fez uma pausa por um momento e observou Shea recolocar as pedras na bolsa e enfiar o recipiente de couro na parte da frente de sua túnica. Quando o jovem do vale olhou para cima novamente, ele estava fitando inexpressivamente a taça de vinho.

— Sei algumas coisas sobre o homem chamado Balinor, Shea. Ele é um bom soldado, duvido encontrarmos outro igual em toda a extensão das Terras do Sul. Talvez seja melhor procurarmos a ajuda do pai dele. Você estaria mais protegido pelos soldados de Callahorn do que pelos anões que vivem na floresta de Anar. Conheço as estradas para Tyrsis, todas são seguras. Mas quase qualquer caminho para Anar segue através dos Carvalhos Negros, que não é o lugar mais seguro nas Terras do Sul, como você bem sabe.

— Allanon nos disse para irmos para Anar — insistiu Shea. — Ele deve ter tido uma boa razão, e até eu encontrá-lo novamente, não vou correr riscos. Além disso, o próprio Balinor nos aconselhou a seguir suas instruções.

Menion deu de ombros.

— É uma pena, porque, mesmo se conseguirmos atravessar os Carvalhos Negros, eu realmente não conheço muito o terreno adiante. Já me disseram que a terra é relativamente desabitada até as florestas de Anar. Os habitantes

são sobretudo sulistas e anões, que não devem se revelar perigosos para nós. Culhaven é uma pequena vila de anões ao longo do Rio Prateado no baixo Anar; acho que não vamos ter muita dificuldade em encontrá-la, se conseguirmos chegar tão longe. Primeiro, teremos de passar pelas Planícies de Clete, que estarão especialmente ruins com o degelo da primavera e, em seguida, pelos Carvalhos Negros. Será a parte mais perigosa da viagem.

— Não podemos encontrar uma maneira de contornar...? — perguntou Shea, esperançoso.

Menion se serviu de mais uma taça de vinho e passou o decantador para Flick, que aceitou sem pestanejar.

— Levaria semanas. Ao norte de Leah está o Lago Arco-íris. Se formos por esse caminho, teremos de circundar todo o lago ao norte passando pelas Montanhas Runne. Os Carvalhos Negros se estendem ao sul do lago por cerca de cento e sessenta quilômetros. Se tentarmos ir para o sul e voltarmos para o norte do outro lado, demoraremos pelo menos duas semanas e estaremos em campo aberto todo o caminho. Sem abrigo nenhum. Temos de ir para leste pelas planícies e, em seguida, atravessar os carvalhos.

Flick franziu a testa, recordando o fato de, em sua última visita a Leah, Menion ter conseguido perdê-los por vários dias na temida floresta, onde foram ameaçados por lobos e devastados pela fome. Quase não escaparam com vida.

— O velho Flick se lembra dos Carvalhos Negros. — Menion riu ao ver a expressão sombria do outro. — Bem, Flick, dessa vez nós estaremos bem mais preparados. É um terreno traiçoeiro, mas ninguém o conhece melhor do que eu. E é improvável que nos sigam até lá. Ainda assim, não contaremos para ninguém aonde estamos indo. Vamos apenas dizer que estamos partindo em uma longa viagem de caça. Meu pai tem seus próprios problemas, e nem vai sentir minha falta. Ele está acostumado com minhas viagens, que chegam a durar às vezes várias semanas.

Ele fez uma pausa por um momento e olhou para Shea para ver se tinha esquecido alguma coisa. O rapaz do vale sorriu com o indisfarçável entusiasmo do montanhês.

— Menion, eu sabia que poderíamos contar com você. Será bom ter sua companhia.

Flick olhou para eles evidentemente contrariado; e Menion, percebendo o olhar, não poderia deixar passar a oportunidade de se divertir à custa do outro.

— Acho que deveríamos falar um pouco sobre o que eu ganho com isso — declarou ele de repente. — Quero dizer, o que recebo se guiá-los em segurança até Culhaven?

— O que você ganha? — exclamou Flick, sem pensar. — Por que você deveria...

— Está bem — interrompeu o outro rapidamente. — Eu tinha me esquecido de você, velho Flick, mas não precisa se preocupar; eu não pretendo pegar nada seu.

— Do que você está falando, espertalhão? — enfureceu-se Flick. — Eu não tenho intenção de pegar nada...

— Chega! — Shea se inclinou para a frente, com o rosto ruborizado. — Vocês não podem continuar com isso se quisermos viajar juntos. Menion, você deve acabar com as tentativas de deixar meu irmão com raiva; e você, Flick, deve colocar de lado, de uma vez por todas, suas suspeitas inúteis sobre Menion. Devemos ter fé um no outro e devemos ser amigos!

Menion olhou para baixo timidamente, e Flick mordeu o lábio em desgosto. Shea se sentou em silêncio enquanto a raiva se dissipava.

— Muito bem — reconheceu Menion depois de um momento. — Flick, aqui está minha mão. Vamos fazer uma trégua temporária, pelo menos. Por Shea.

Flick olhou para a mão estendida e então lentamente a aceitou.

— As palavras vêm fácil para você, Menion. Espero que você esteja falando sério dessa vez.

O montanhês aceitou a repreensão com um sorriso.

— Uma trégua, Flick.

Ele soltou a mão do rapaz e terminou a taça de vinho. Sabia que não tinha convencido Flick de nada.

Já estava ficando tarde, e os três estavam ansiosos para concluir os planos e irem dormir. Rapidamente decidiram que partiriam de manhã cedo. Menion arranhou para que tivessem um material de acampamento leve, incluindo mochilas, capas de caça, provisões e armas. Conseguiu um mapa do campo a leste de Leah, mas tinha poucos detalhes, já que o terreno era

muito pouco conhecido. As Planícies de Clete, que se estendiam das montanhas a leste em direção aos Carvalhos Negros eram um pântano mortal e traiçoeiro — apesar de no mapa não passar de uma área em branco com o nome escrito por cima. Os Carvalhos Negros se destacavam proeminentes, uma massa densa de floresta que seguia do Lago Arco-íris para o sul, que se elevava como uma grande muralha entre Leah e Anar. Menion falou brevemente com os rapazes do vale sobre seu conhecimento do terreno e as condições climáticas naquela época do ano. No entanto, como o mapa, as informações eram incompletas. Não havia como antecipar com precisão a maioria das coisas que os viajantes iriam encontrar, e o inesperado poderia ser muito perigoso.

À meia-noite, os três estavam na cama, com os preparativos para a viagem a Anar completos. No quarto que compartilhava com Flick, Shea se deitou cansado na maciez da cama e observou por um momento a escuridão para além da janela aberta. A noite tinha apagado tudo; o céu se tornara uma massa negra pesada que pairava ameaçadoramente sobre as montanhas enevoadas. O calor do dia se fora, soprado para o leste pela brisa fria da noite, e em toda a cidade adormecida havia uma solidão pacífica. Na cama ao seu lado, Flick já adormecera; sua respiração estava pesada e regular. Shea o observou pensativo. A própria cabeça estava pesada e o corpo cansado da luta para alcançar Leah, porém, ele permanecia acordado. Estava começando a perceber, pela primeira vez, a verdade sobre sua situação. A fuga para chegar a Menion era apenas o primeiro passo de uma jornada que muito possivelmente poderia continuar por anos. Mesmo se conseguissem chegar em Anar em segurança, Shea sabia que, no fim das contas, seriam forçados a fugir novamente. A busca por eles continuaria até que o Lorde Feiticeiro fosse destruído — ou Shea morresse. Até que isso acontecesse, não poderiam voltar para o vale, para o lar e para o pai que tinham abandonado, e para onde quer que fossem, sua segurança duraria apenas até que os caçadores alados os encontrassem mais uma vez.

A verdade era aterrorizante. Na escuridão silenciosa, Shea Ohmsford estava sozinho com seu medo e lutou contra o crescente terror que havia dentro de si. Ele levou um bom tempo para finalmente adormecer.

Foi um dia sem sol que se seguiu, um dia úmido e gélido para o corpo humano. Shea e seus dois companheiros enfrentaram uma manhã desprovida de qualquer calor e conforto enquanto viajavam para o leste pelas montanhas enevoadas de Leah e começaram uma lenta descida em direção ao clima sombrio das planícies adiante. Não conversavam enquanto seguiam em fila única pelas trilhas estreitas que serpenteavam tediosamente sobre pedregulhos cinzentos e pesados e aglomerados de arbustos sem forma e mortos. Menion os guiava, com os olhos ansiosos, escolhendo cuidadosamente os traços muitas vezes obscuros de uma trilha; seus passos longos e relaxados enquanto se movia quase graciosamente sobre a irregularidade crescente do terreno. Nas costas magras, carregava uma bolsa pequena, na qual tinha prendido um grande arco e algumas flechas. Além disso, abaixo da bolsa e fixado ao seu corpo por uma cinta de couro longa, havia a antiga espada que seu pai lhe dera quando atingira a maioridade — a espada que era direito de nascença do Príncipe de Leah. O ferro fundido frio e cinzento brilhava fracamente na penumbra; e Shea, que o seguia vários passos atrás, se perguntou se ela seria parecida com a lendária Espada de Shannara. Suas sobranças de elfo se levantaram inquisitivamente enquanto tentava perscrutar a escuridão sem fim do terreno em frente. Não parecia haver nada vivo. Era uma terra morta para coisas mortas, e os vivos eram invasores ali. Não era uma ideia muito animadora; sorriu fracamente para si mesmo e forçou sua mente a se concentrar em outros assuntos. Flick trazia o equipamento, com as costas fortes carregando o monte de provisões que teria de sustentá-los até que atravessarem as Planícies de Clete e os impenetráveis Carvalhos Negros. Quando chegassem tão longe — caso conseguissem — seriam forçados a comprar ou negociar comida com os poucos habitantes da terra adiante, ou, como último recurso, procurar alimento na própria terra, uma perspectiva que Flick não achava nada agradável. Embora ele se sentisse um pouco mais seguro agora que Menion estava genuinamente interessado em ajudá-los nessa jornada, ainda não tinha certeza da capacidade do montanhês de realmente fazê-lo. Os acontecimentos da viagem passada ainda estavam frescos em sua mente, e Flick não queria passar por outra experiência arrepiante como aquela.

O primeiro dia passou rapidamente com os três viajando para além das fronteiras do reino de Leah. Ao cair da noite chegaram aos limites das letais

Planícies de Clete. Encontraram abrigo para a noite em um pequeno vale sob a proteção insignificante de algumas árvores desalinhadas e arbustos pesados. A umidade da neblina havia encharcado completamente suas roupas e o ar gelado da noite que caía os deixou tremendo de frio. Fizeram uma breve tentativa de acender uma fogueira para obter um pouco de calor e se secarem, mas a madeira da região estava tão saturada de umidade que era impossível fazê-la queimar. Eles acabaram desistindo do fogo e se sentaram para comer embrulhados nos cobertores à prova de água que escolheram cuidadosamente no início da viagem. Pouco foi dito, porque ninguém se sentia muito inclinado a conversar além de resmungar sobre o tempo ruim. Não se ouvia nenhum som vindo da escuridão além de onde se sentavam abrigados em meio aos arbustos; era o silêncio penetrante que estimulava suas mentes com uma súbita e inesperada apreensão, forçando-os a escutar em um esforço temeroso de apanhar algum farfalhar fraco porém reconfortante de vida. Contudo, havia apenas o silêncio e a escuridão, e nem mesmo o sopro de um vento breve tocou seus rostos gelados enquanto ficavam quietos debaixo dos cobertores. O cansaço da marcha do dia acabou se apoderando deles, e um a um, caíram inquietos no sono.

O segundo e terceiro dias foram inimaginavelmente piores do que o primeiro. Choveu o tempo inteiro — uma garoa lenta e gélida, que encharcou primeiro as roupas e depois penetrou na pele e nos ossos para finalmente atingir os centros nervosos, fazendo com que a única sensação que o corpo cansado conseguia ter fosse de uma completa e desconfortável umidade. O ar estava úmido e frio durante o dia, e ficou quase congelante durante a noite. Tudo ao redor dos três viajantes parecia abatido pelo frio persistente; os poucos arbustos e folhagens que podiam ser vistos estavam retorcidos e morrendo; massas disformes de madeira e folhas murchas que esperavam silenciosamente se desintegrar e desaparecer por completo. Nenhum ser humano ou animal vivia ali. Até mesmo o menor dos roedores seria engolido e consumido pela maciez da terra infiltrada pela umidade de longos dias e noites sem sol nem vida.

Nada se movia, nada se agitava enquanto os três caminhavam para o leste através de um terreno disforme onde não havia nenhuma trilha, nenhuma indicação de que alguém ou alguma coisa já passara por ali antes, ou o faria

novamente. O sol não despontou nenhuma vez durante a marcha, nenhum traço fraco de seus raios chegou até eles para mostrar que em algum lugar além daquela terra morta e esquecida havia um mundo de vida. Se era a neblina perpétua, as nuvens pesadas ou uma combinação de ambas que encobriam o céu tão completamente, não havia como saber. Aquele mundo era uma terra cinzenta, odiosa e triste pela qual caminhavam.

No quarto dia, começaram a se desesperar. Mesmo que não tivessem visto sinal dos caçadores alados do Lorde Feiticeiro e parecesse que qualquer perseguição fora abandonada, a possibilidade oferecia pouco consolo enquanto as horas se arrastavam e o silêncio aumentava com a terra cada vez mais sombria. Até o espírito alegre de Menion começou a vacilar e a dúvida se infiltrou de maneira furtiva em sua mente normalmente confiante. Ele começou a se perguntar se tinham perdido a direção, se talvez estivessem andando em círculos. Sabia que o terreno nunca lhes daria nenhuma indicação, que, uma vez perdidos naquela terra desolada, estariam perdidos para sempre. Shea e Flick sentiram o medo ainda mais profundamente. Eles não conheciam nada das planícies e lhes faltava o instinto de caçador que Menion possuía. Dependiam dele, mas pressentiam que algo estava errado, apesar do montanhês se manter propositalmente em silêncio sobre suas próprias dúvidas para não preocupá-los. As horas passaram, e o frio, a umidade e a morte odiosa da terra permaneceram inalterados. Sentiram a última réstia de confiança um no outro e em si mesmos começar a desaparecer lenta e dolorosamente. Enfim, quando o quinto dia de viagem chegou ao fim e a desolação das planícies ainda se estendia sem nenhum sinal visível dos desesperadamente procurados Carvalhos Negros, Shea interrompeu a marcha interminável, cansado, e caiu pesadamente no chão, com os olhos questionadores sobre o príncipe de Leah.

Menion deu de ombros e olhou, distraído, para as planícies enevoadas sobre eles, o rosto bonito abatido pelo ar frio.

— Não vou mentir para você — murmurou ele. — Não tenho certeza se continuamos na direção certa. Podemos ter andado em círculos; podemos até mesmo estar desesperadamente perdidos.

Flick largou a bolsa com desdém e olhou para o irmão com aquele seu olhar todo especial de “Eu disse”. Shea olhou para ele e depois encarou Menion.

— Não acredito que estamos completamente perdidos! Há alguma forma de sabermos onde estamos?

— Estou aberto a sugestões. — O amigo sorriu sem achar graça, se esticando enquanto também largava a mochila no chão áspero e se sentava ao lado do acabrunhado Flick. — Qual é o problema, velho Flick? Eu o meti em encrenca de novo?

Flick olhou para ele com raiva; mas ao encarar aqueles olhos cinzentos, ele logo reconsiderou sua antipatia pelo homem. Havia uma preocupação genuína neles e até um traço de tristeza só de pensar que falhara com os amigos. Com uma afeição rara, Flick estendeu e colocou uma mão reconfortante nos ombros do outro, assentindo silenciosamente. De repente, Shea pulou e abriu sua bolsa às pressas, vasculhando o conteúdo.

— As pedras podem nos ajudar — gritou ele.

Por um momento, os outros dois olharam-no sem entender e, em seguida, com uma compreensão súbita, levantaram-se com expectativa. Um momento depois, Shea pegou a pequena bolsa de couro com seu precioso conteúdo. Todos olharam para o recipiente surrado com a esperança muda de que as Pedras Élficas enfim provariam seu valor, que de alguma forma elas os ajudariam a escapar do deserto de Clete. Avidamente, Shea abriu os cordões e cuidadosamente deixou cair as três pequenas pedras azuis na palma da mão. Elas ficaram cintilando fracamente enquanto os três observavam e esperavam.

— Levante-as, Shea — exortou Menion depois de um momento. — Talvez elas precisem de luz.

O rapaz do vale fez o que lhe fora sugerido, observando as pedras azuis ansiosamente. Nada aconteceu. Esperou mais um pouco antes de abaixar a mão. Allanon o advertira contra o uso das Pedras Élficas, exceto nas emergências mais graves. Talvez as pedras só viriam em seu auxílio em situações especiais. Começou a se desesperar. Qualquer que fosse o caso, ele fora confrontado com o fato de que não tinha ideia de como as pedras deveriam ser usadas. Ele olhou em desespero para os amigos.

— Bem, tente outra coisa! — exclamou Menion acaloradamente.

Shea pegou as pedras entre as mãos e as esfregou umas contra as outras com força, então as sacudiu e lançou como dados. Nada aconteceu. Lentamente, ele as apanhou da umidade da terra e as limpou com cuidado.

Sua cor azul-escura parecia atraí-lo, e ele olhou atentamente para o centro límpido e claro como vidro, como se de alguma forma a resposta pudesse ser encontrada ali.

— Talvez você devesse conversar com elas ou algo do tipo... — falou Flick baixinho, com esperança.

Uma imagem do rosto escuro de Allanon, curvado e profundamente concentrado, apareceu com nitidez na mente de Shea. Talvez o segredo das Pedras Élficas pudesse ser desbloqueado de forma diferente, pensou de repente. Segurando-as na palma da mão aberta, o pequeno rapaz do vale fechou os olhos e concentrou os pensamentos em atingir a profunda cor azul, buscando o poder de que necessitavam tão desesperadamente. Em silêncio, encorajou as Pedras Élficas a ajudá-los. Longos momentos se passaram, aparentemente horas. Ele abriu os olhos e os três amigos observaram e esperaram enquanto as pedras descansavam na palma de Shea, seu brilho azul embaçado na escuridão e umidade da neblina.

Então, com uma ferocidade repentina, elas se inflamaram com um brilho tão ofuscante que fez os viajantes se afastarem, cobrindo os olhos desprotegidos. A aura era tão poderosa que, espantado, Shea quase deixou cair as pequenas gemas. O brilho penetrante se tornou cada vez mais forte, iluminando a terra dos mortos como o sol nunca fora capaz de fazer. A claridade intensificou o azul-escuro para um azul-brilhante, tão deslumbrante, que os três observadores espantados ficaram realmente hipnotizados. Ela aumentou, estabilizou-se e abruptamente lançou um jato de luz como um enorme farol, viajando para a esquerda deles, atravessando sem esforço a escuridão coberta pela neblina para descansar, enfim, algumas centenas, talvez milhares de metros adiante sobre os grandes troncos torcidos dos antigos Carvalhos Negros. A luz continuou por um breve momento, e depois desapareceu. A névoa cinzenta voltou com sua umidade gelada e as três pequenas pedras azuis voltaram a brilhar calmamente como antes.

Menion se recuperou de pronto, batendo nas costas de Shea com entusiasmo e sorrindo abertamente. Em um movimento rápido, colocou a mochila e já estava pronto para viajar, seus olhos escrutinando o ponto agora inexistente onde Carvalhos Negros apareceram. Shea guardou depressa as Pedras Élficas, e os rapazes do vale penduraram as bolsas nas

costas. Eles não disseram nenhuma palavra enquanto caminhavam com pressa na direção que o farol apontara, cada um aguardando ansiosamente pela floresta há muito esperada. Eles não se importavam mais com o frio da escuridão cinzenta nem com a garoa dos últimos cinco dias. E não sentiam mais o enorme desespero de poucos minutos antes. Havia somente a convicção de que a fuga daquelas temidas planícies chegaria. Não questionavam, não duvidavam da visão que as pedras revelaram para eles. Os Carvalhos Negros eram a floresta mais perigosa das Terras do Sul, mas, naquele momento, parecia um refúgio de esperança em comparação com a terra de Clete.

O tempo parecia não passar enquanto seguiam. Poderiam ter se passado horas ou talvez apenas alguns minutos quando de repente a névoa cinzenta relutantemente deu lugar a enormes troncos cobertos de musgo que se elevavam até se perderem na bruma acima. O trio exausto parou ao mesmo tempo, os olhos cansados mirando com alegria os monstros melancólicos que se postavam uniforme e infinitamente diante deles, suas massas como uma parede impenetrável de umidade, os troncos marcados, as raízes largas e profundas que se fincaram ali por incontáveis gerações de homens e muito provavelmente estariam lá até a destruição da terra. Era uma visão impressionante, mesmo sob a luz fraca das planícies enevoadas, e eles sentiram a presença inegável de uma força de vida tão incrivelmente antiga naquelas matas que quase ordenava um respeito profundo e rancoroso por todos os seus anos. Era como se tivessem entrado em outra época, em outro mundo, e tudo o que se erguia tão silenciosamente adiante possuía a magia de um sedutor e perigoso conto de fadas.

— As pedras estavam certas — murmurou Shea com suavidade, com um sorriso lento se espalhando no rosto cansado, mas feliz. Ele respirou profundamente, com alívio, e riu.

— Os Carvalhos Negros — falou Menion com admiração.

— Lá vamos nós outra vez — suspirou Flick.

Capítulo VI

Eles passaram a noite acampados dentro da margem protetora dos Carvalhos Negros, em uma pequena clareira protegida pelas grandes árvores e arbustos densos que expulsavam o tempo cinzento das Planícies de Clete a menos de cinquenta metros a oeste. A neblina pesada se dissipava na floresta, e era possível olhar para o céu e ver a copa magnífica de ramos e folhas entrelaçados muito acima. Se não havia nenhum sinal de vida nas planícies mortas, nos carvalhos gigantes os sons misturados de insetos e vida animal sussurraram através da noite. Era agradável ouvir coisas vivas de novo, e os três viajantes cansados se sentiram à vontade pela primeira vez em dias. Entretanto, persistia em suas mentes a memória da viagem anterior para aquele refúgio enganosamente tranquilo, quando tinham se perdido por vários dias e quase foram devorados pelos lobos vorazes que rondavam seus confins. Além disso, as histórias de viajantes desafortunados que haviam tentado atravessar aquela mesma floresta eram muito numerosas para serem desconsideradas.

No entanto, os jovens sulistas se sentiam razoavelmente seguros nos limites dos Carvalhos Negros e com gratidão fizeram os preparativos para iniciar uma fogueira. A madeira era abundante e seca. Eles se despiram e penduraram as roupas encharcadas próximo à pequena chama. Uma refeição foi rapidamente preparada — a primeira quente em cinco dias — e devorada em questão de minutos. O chão da floresta era macio e liso, uma cama confortável em comparação com a terra molhada das planícies. Ao se deitarem olhando para as copas das árvores que balançavam suavemente, a brilhante luz da fogueira subia em faixas alaranjadas que davam a impressão de um altar queimando em um grande santuário. A luz dançava e cintilava contra os troncos grossos e o musgo verde e macio que se agarrava como manchas escuras às árvores enormes. Os insetos da floresta mantinham seu zumbido constante com contentamento. Ocasionalmente, um deles voava para as chamas da fogueira e extinguiu sua breve vida com um lampejo

deslumbrante. Uma ou duas vezes, ouviram o burburinho de algum animal pequeno distante da luz da fogueira; observando-os de dentro da escuridão protetora.

Depois de um tempo, Menion rolou de lado e olhou com curiosidade para Shea.

— Qual é a fonte do poder daquelas pedras, Shea? Elas podem conceder qualquer desejo? Ainda não tenho certeza...

Sua voz se perdeu e ele balançou a cabeça vagamente. Shea continuou deitado de costas sem se mexer, olhando para cima por alguns momentos, enquanto pensava sobre os acontecimentos daquela tarde. Percebeu que nenhum deles tinha falado sobre as Pedras Élficas desde a visão misteriosa dos Carvalhos Negros naquela demonstração extraordinária de poder incompreensível. Olhou para Flick, que o observava atentamente.

— Não acho que eu tenha tanto controle sobre elas — anunciou de súbito. — Foi quase como se *elas* tivessem tomado a decisão... — Ele fez uma pausa, e então acrescentou distraidamente: — Eu não acho que possa controlá-las.

Menion concordou pensativamente e se deitou de novo. Flick pigarreou.

— Qual é a diferença? Elas nos tiraram daquele pântano deprimente, não foi?

Menion olhou incisivamente para Flick e encolheu os ombros.

— Pode ser útil saber quando podemos contar com esse tipo de ajuda, não acha? — Ele respirou fundo e apertou as mãos atrás da cabeça, e voltou o olhar perspicaz para a fogueira a seus pés. Flick ficou perturbado com isso, olhando de Menion para seu irmão e de volta para ele. Shea não disse nada, com o olhar concentrado em algum ponto imaginário acima deles. Um longo momento se passou antes do montanhês voltar a falar. — Bem, pelo menos nós chegamos até aqui — declarou, alegremente. — Agora vamos para a próxima etapa da viagem!

Ele se sentou e começou a esboçar um mapa rápido da área na terra seca. Shea e Flick sentaram-se com ele e observaram em silêncio.

— Nós estamos aqui — apontou Menion para um ponto no mapa de terra que representava a margem dos Carvalhos Negros. — Pelo menos é onde eu acho que estamos — acrescentou rapidamente. — Para o norte se encontra o Pântano das Névoas e mais ao norte ainda o Lago Arco-íris, do qual corre o Rio Prateado a leste até as florestas de Anar. Nossa melhor chance é viajar

para o norte amanhã até alcançarmos a beira do Pântano das Névoas. Então, rodeamos a margem do pântano — ele traçou uma longa linha — e saímos do outro lado dos Carvalhos Negros. A partir daí, podemos viajar diretamente para o norte até chegarmos ao Rio Prateado, e isso deve nos levar em segurança para Anar. — Ele fez uma pausa e olhou para os outros dois. Nenhum deles parecia feliz com o plano. — Qual é o problema? — perguntou ele com perplexidade. — O plano foi feito para passarmos pelos Carvalhos Negros sem sermos forçados a atravessá-los, o que foi a causa de todas as encrencas da última vez em que estivemos aqui. Não se esqueçam de que aqueles lobos ainda estão lá em algum lugar!

Shea assentiu lentamente e franziu a testa.

— Não é o plano geral — começou ele, hesitante —, mas é que ouvimos histórias sobre o Pântano das Névoas...

Menion bateu a mão na testa de espanto.

— Ah, não! Não aquelas histórias da carochinha sobre um Espectro da Névoa que se esconde na beira do pântano esperando para devorar viajantes perdidos! Não me diga que vocês acreditam nisso!?

— Eu sabia que você ia dizer isso — explodiu Flick com raiva. — Suponho que tenha esquecido quem nos contou como os Carvalhos Negros eram seguros antes da última viagem!

— Tudo bem — abrandou o caçador. — Eu não estou dizendo que é uma parte segura das Terras do Sul e que não há algumas criaturas muito estranhas habitando essas matas. De qualquer forma ninguém nunca viu essa tal criatura do pântano, mas nós vimos os lobos. Qual deles você escolhe?

— Suponho que seu plano seja o melhor — interrompeu Shea apressadamente. — Mas eu preferiria cruzar para o leste tanto quanto for possível, enquanto viajamos pela floresta para evitar ao máximo o Pântano das Névoas.

— De acordo! — exclamou Menion. — Mas isso pode vir a ser um pouco difícil se não virmos o sol por três dias e não tivermos mais certeza sobre qual direção é o leste.

— Subimos em uma árvore — sugeriu Flick casualmente.

— Subimos em uma... — gaguejou o outro em espanto descarado. — Ora, mas é claro! Por que eu não pensei nisso? Posso subir uns cinquenta metros

de tronco liso, úmido e coberto de musgo com minhas próprias mãos e pés!
— Ele balançou a cabeça com um assombro zombeteiro. — Às vezes você me assusta.

Ele olhou exausto para Shea pedindo compreensão, mas o rapaz fora animadamente para o lado do irmão.

— Você trouxe o equipamento de escalada? — perguntou, espantado; quando o outro assentiu com a cabeça, deu um tapa caloroso nas costas amplas.

— Botas especiais, luvas e corda — explicou Shea rapidamente para um desnorteado Príncipe de Leah. — Flick é o melhor alpinista do vale, e, se existe alguém que pode subir em um desses monstros, é ele.

Menion balançou a cabeça sem compreender.

— As botas e luvas são revestidas com uma substância especial antes do uso que as torna ásperas o suficiente para grudar mesmo em um tronco úmido e com musgo. Ele conseguirá subir em um destes carvalhos amanhã e verificar a posição do sol.

Flick sorriu presunçosamente e assentiu com a cabeça.

— Sim, é verdade, a maravilha das maravilhas.

Menion balançou a cabeça e olhou para o atarracado rapaz do vale.

— Até o lerdo está começando a pensar. Meus amigos, pode ser que consigamos.

Quando acordaram na manhã seguinte, a floresta ainda estava escura, com apenas fracos traços de luz se infiltrando no alto dos grandes carvalhos. Uma névoa fina vinha das planícies que, quando vistas da margem da floresta, pareciam mais escuras e sombrias do que nunca. Fazia frio na floresta; não úmido e penetrante como nas terras da planície, mas o frio leve e revigorante da manhã de uma floresta.

Comeram um café da manhã rápido e depois Flick se preparou para subir em um dos imponentes carvalhos. Ele colocou as luvas e as botas pesadas e flexíveis, que Shea revestiu com uma substância pastosa e espessa de um recipiente pequeno. Menion olhou inquisitivamente, mas sua curiosidade mudou para admiração quando o atarracado jovem do vale agarrou a base da grande árvore e, com uma destreza que contrastava com seu tamanho volumoso e a dificuldade da tarefa, começou a subir rapidamente em direção ao cume. Seus membros fortes o impulsionavam para cima pelo

emaranhado de galhos pesados e a escalada se tornou mais lenta e difícil. Ele ficou brevemente fora de vista ao atingir os galhos mais altos, e então reapareceu, escorregando pelo tronco liso para se reunir aos amigos.

O equipamento de escalada foi rapidamente empacotado e o grupo prosseguiu na direção nordeste. Baseada no relatório de Flick sobre a posição atual do sol, a rota escolhida deveria levá-los até um ponto ao longo da borda leste do Pântano das Névoas. Menion acreditava que a caminhada na floresta poderia ser concluída em um dia. Era ainda cedo de manhã, e estavam determinados a atravessar os Carvalhos Negros antes que a escuridão caísse. Iniciaram uma marcha regular, rápida, em fila única. O atento Menion guiava, escolhendo o melhor caminho, confiando bastante em seu senso de direção na penumbra. Shea o seguia de perto, e Flick ficava na retaguarda, olhando de vez em quando por cima dos ombros para a floresta imóvel. Pararam apenas três vezes para descanso e mais uma vez para almoçar, sempre retomando rapidamente a caminhada. Falavam pouco, mas quando o faziam a conversa era jovial e alegre. O dia passou rapidamente, e logo os primeiros sinais do anoitecer eram visíveis. A floresta ainda se estendia adiante sem nenhuma indicação de brecha entre as grandes árvores. Pior do que isso, uma nebulosidade pesada e cinzenta começara a se infiltrar mais uma vez em um volume que aumentava gradualmente. Mas era um novo tipo de neblina. Faltava-lhe a inconsistência de névoa das planícies; era quase uma substância parecida com fumaça que uma pessoa poderia realmente sentir se agarrando ao corpo e roupas, segurando com sua própria forma particularmente desagradável. Parecia estranhamente como centenas de mãos pequenas, pegajosas e geladas tentando puxar o corpo para baixo e os três viajantes sentiram uma repulsa inconfundível com seu toque insistente. Menion indicou que a substância pesada e nebulosa vinha do Pântano das Névoas, e que estavam muito perto do fim da floresta.

Por fim, a névoa ficou tão pesada que era impossível para os três enxergar mais do que alguns metros adiante. Menion desacelerou para um ritmo lentíssimo por causa da visibilidade cada vez pior, e permaneceram próximos uns dos outros para evitar se separarem. A essa altura, o dia já estava no final, e, mesmo sem a névoa, a floresta pareceria quase negra; no entanto, com a escuridão adicionada pela parede de umidade pesada era

quase impossível escolher qualquer caminho. Era quase como se os três estivessem suspensos em um limbo, onde apenas a solidez da terra invisível em que caminhavam oferecia uma evidência da realidade. Finalmente, tornou-se tão difícil de enxergar que Menion instruiu os outros dois a se unirem a ele por uma corda para evitar a separação. Isso foi feito rapidamente e retomaram a marcha lenta. Menion sabia que tinham de estar muito perto do Pântano das Névoas e espiou com atenção a escuridão à frente em um esforço de vislumbrar algum sinal de avanço.

Mesmo assim, quando enfim chegou às margens do pântano na fronteira norte dos Carvalhos Negros, não soube que o tinha alcançado até dar um passo e afundar até os joelhos nas espessas águas verdes. O aperto gelado e mortal da lama, juntamente com sua surpresa, fez com que escorregasse ainda mais, e apenas seu alerta rápido salvou Shea e Flick de um destino igual. Respondendo ao seu grito, eles puxaram a corda que os unia e retiraram apressadamente o companheiro da morte certa no grande pântano. Suas águas sombrias e viscosas cobriam apenas levemente a lama sem fundo, que não possuía a rápida sucção de areia movediça, mas conseguia o mesmo resultado em um intervalo de tempo ligeiramente maior. Qualquer coisa ou pessoa pega em sua aderência estava condenada a uma morte lenta por asfixia em um abismo imensurável. Por eras incontáveis, a superfície silenciosa tinha enganado criaturas incautas que tentaram atravessar, margear ou talvez apenas testar suas águas embaçadas, e os restos apodrecidos de todos permaneciam enterrados em algum lugar sob sua face calma. Os três viajantes ficaram parados em silêncio em suas margens, olhando e experimentando internamente o horror de seu segredo sombrio. Até Menion Leah estremeceu ao se lembrar do convite breve e insistente para que ele compartilhasse o destino de tantos outros. Por um segundo encantado, os mortos desfilaram como sombras diante deles e se foram.

— O que aconteceu? — exclamou Shea de repente, a voz quebrando o silêncio com uma agudeza ensurdecadora. — Deveríamos ter evitado este pântano!

Menion olhou para cima e ao redor por alguns segundos e balançou a cabeça de um lado para outro.

— Viemos longe demais para o oeste. Teremos de rodear a borda do pântano para o leste até conseguirmos nos libertar da neblina e dos Carvalhos Negros.

Ele fez uma pausa e considerou a hora.

— Não vou passar a noite neste lugar — declarou Flick com veemência, antecipando o pedido do outro. — Prefiro andar a noite inteira e a maior parte de amanhã, e provavelmente de depois de amanhã!

A decisão rápida dos três foi continuar ao longo da borda do Pântano das Névoas até chegarem aos campos ao leste e depois parar durante a noite. Shea ainda estava preocupado em ser pego em campo aberto pelos Portadores da Caveira, mas o pavor crescente do pântano ofuscava até mesmo esse medo, e seu pensamento mais importante era se afastar o máximo possível. O trio apertou a corda nas cinturas e em fila única começaram a se mover ao longo da costa irregular do pântano, os olhos grudados no caminho em frente. Menion os guiava com cautela, evitando o emaranhado de raízes traiçoeiras e ervas daninhas que cresciam em abundância na beira do pântano, com as formas nodosas e torcidas parecendo vivas na penumbra sinistra da névoa cinzenta. Às vezes, a terra tornava-se uma lama macia perigosamente semelhante ao pântano e tinha de ser contornada. Outras vezes, árvores enormes bloqueavam o caminho, seus grandes troncos inclinados em direção à superfície opaca e sem vida das águas do pântano, com os ramos caindo tristemente e imóveis enquanto aguardavam a morte alguns centímetros abaixo. Se as Planícies de Clete foram uma terra moribunda, o pântano era a morte que os aguardava — uma morte eterna e infinita que não dava nenhum sinal ou aviso prévio, que não fazia nenhum movimento enquanto se ocultava dentro da terra que destruíra tão brutalmente. A umidade gélida das planícies estava ali, e com ela a sensação inexplicável de que o lodo pesado e estagnado das águas do pântano permeava também a neblina, agarrando com ansiedade os viajantes cansados. A névoa ao redor deles girou devagar, mas não havia nenhum sinal de vento, nenhum som de brisa farfalhando a grama alta do pântano ou os carvalhos moribundos. Tudo ainda estava quieto; um silêncio de morte permanente de quem sabia muito bem quem era o mestre.

Tinham caminhado por talvez uma hora quando Shea sentiu que alguma coisa estava errada. Não havia nenhuma razão para a sensação; ela se

apoderou dele aos poucos até que todos os sentidos ficaram sintonizados, tentando encontrar onde estava o problema. Caminhando em silêncio entre os outros dois, procurava ouvir atentamente, perscrutando primeiro os grandes carvalhos e, então, o pântano. Enfim, concluiu com uma certeza arrepiante que não estavam sós; outra coisa estava por ali, invisível, perdida na névoa, mas capaz de vê-los. Por um breve momento, o jovem do vale ficou tão aterrorizado com o pensamento que foi incapaz de falar ou até mesmo se mexer. Apenas seguia em frente, com a mente congelada, esperando o indizível acontecer. Mas então, com um esforço tremendo, acalmou os pensamentos dispersos e fez os outros dois homens pararem abruptamente.

Menion olhou ao redor com curiosidade e começou a falar, mas Shea o silenciou colocando um dedo nos próprios lábios e fazendo um gesto em direção ao pântano. Flick já estava olhando cautelosamente naquela direção; o próprio sexto sentido o alertava sobre o medo do irmão. Por longos momentos, ficaram imóveis à beira do pântano, os olhos e os ouvidos concentrados na névoa impenetrável que se movia lentamente acima da superfície da água morta. O silêncio era opressivo.

— Eu acho que você estava enganado — sussurrou Menion finalmente ao relaxar a vigilância. — Às vezes quando se está muito cansado, é fácil imaginar coisas.

Shea balançou a cabeça negativamente e olhou para Flick.

— Não sei — admitiu o outro. — Pensei sentir algo...

— O Espectro da Névoa? — repreendeu Menion, sorrindo.

— Talvez você tenha razão — intercedeu Shea rapidamente. — Estou muito cansado e poderia imaginar qualquer coisa nesse momento. Vamos continuar andando e sair deste lugar.

Eles retomaram a caminhada sombria apressadamente, mas nos minutos que se seguiram ficaram alertas para qualquer coisa fora do comum. Como nada aconteceu, começaram a deixar os pensamentos vagarem para outros assuntos. Shea acabara se convencendo de que tinha se enganado e sido vítima de uma imaginação hiperativa causada pela falta de sono quando Flick gritou.

Imediatamente, Shea sentiu a corda que os unia balançar com violência e começar a arrastá-los na direção do pântano mortal. Perdeu o equilíbrio e

caiu, incapaz de distinguir qualquer coisa na neblina. Por um momento fugaz, pensou ter visto o corpo do irmão suspenso vários metros no ar sobre o pântano, com a corda ainda amarrada à cintura. Um segundo depois, Shea sentiu o frio do pântano envolver suas pernas.

Os três poderiam ter afundado se não fossem os reflexos rápidos do Príncipe de Leah. No primeiro puxão forte da corda, ele instintivamente agarrou a única coisa perto o suficiente para mantê-lo de pé: um carvalho enorme, cujo tronco estava tão afundado no solo macio que os galhos superiores estavam ao seu alcance. Menion rapidamente prendeu um braço no mais próximo e com o outro agarrou a corda em sua cintura e tentou puxá-la. Shea, cujos joelhos já estavam submersos na lama do pântano, sentiu a corda se esticar na ponta de Menion e se esforçou para ajudar. Flick estava berrando na escuridão acima do pântano, e tanto Menion quanto Shea gritaram de volta para ele em encorajamento.

De repente, a corda entre Flick e Shea ficou frouxa e da névoa cinzenta emergiu a forma corpulenta de Flick Ohmsford, ainda suspenso sobre a superfície da água, com a cintura envolta pelo que parecia ser uma espécie de tentáculo esverdeado coberto de ervas. Sua mão direita empunhava a longa adaga de prata, que brilhava ameaçadoramente enquanto atravessava em cortes repetidos a coisa que o segurava. Shea puxou forte a corda que os unia, tentando ajudar o irmão a se libertar, e um momento depois, teve êxito quando o tentáculo chicoteou de volta para a neblina largando Flick, que caiu no pântano.

Shea tinha acabado de puxar o irmão exausto das garras do pântano, o libertar da corda e o ajudar a se levantar, quando vários outros braços esverdeados saíram da escuridão enevoada. Eles derrubaram o assustado Flick e o estenderam no chão, e um deles se fechou sobre o braço esquerdo de um atônito Shea antes que ele pudesse pensar em se esquivar. Sentiu que era levado em direção ao pântano e sacou a adaga para atacar ferozmente o tentáculo viscoso. Enquanto lutava, vislumbrou algo enorme dentro da água, seu volume encoberto pela noite. De um lado, Flick novamente foi envolvido nas garras de mais dois tentáculos; sua forma atarracada, arrastada implacavelmente em direção à beira da água. Corajoso, Shea se libertou do tentáculo que segurava seu braço, partindo o repulsivo membro com um grande corte. Lutando para alcançar o irmão, sentiu outro tentáculo segurar

sua perna e derrubá-lo. Ao cair, sua cabeça bateu na raiz de carvalho e ele perdeu a consciência.

Novamente, foram salvos por Menion, cuja forma ágil saltou da escuridão com a grande espada desenhando um amplo arco que cortou com um golpe poderoso o tentáculo que segurava o inconsciente Shea. Um segundo depois, o montanhês estava ao lado de Flick, cortando e talhando o caminho através dos braços que subitamente começaram a tentar alcançá-lo na escuridão; com uma série de golpes rápidos e ritmados libertou o outro jovem do vale. Por um momento, os tentáculos desapareceram na névoa do pântano e Flick e Menion se apressaram em retirar Shea da margem desprotegida da água. Mas, antes que qualquer um deles conseguisse alcançar a segurança dos grandes carvalhos, os braços esverdeados saltaram de novo da escuridão. Sem hesitar, Menion e Flick se posicionaram na frente do amigo imóvel e lutaram com os tentáculos envolventes. A luta foi silenciosa, exceto pela respiração pesada dos rapazes ao golpear várias vezes, cortando pedaços e, às vezes, toda a extremidade dos tentáculos. Porém, qualquer dano que causassem não parecia afetar o monstro do pântano, que atacava com fúria renovada a cada golpe. Menion se amaldiçoou por não se lembrar de pegar o grande arco para atirar flechas na coisa que havia além da névoa.

— Shea! — gritou desesperadamente. — Shea, acorde, pelo amor de Deus, ou estamos perdidos!

A forma silenciosa atrás dele se mexeu um pouco.

— Levante-se, Shea! — implorou Flick com a voz rouca, os braços exaustos pelo grande esforço de lutar contra os tentáculos.

— As pedras! — gritou Menion. — Pegue as Pedras Élficas!

Shea se esforçou para ficar de joelhos, mas foi derrubado de novo pelo vigor da batalha à sua frente. Ele ouviu os gritos de Menion e procurou atordoado por sua bolsa, percebendo quase imediatamente que a derrubara enquanto ajudava Flick. Viu que estava a vários metros à direita, com os tentáculos ondulando ameaçadoramente sobre ela. Menion pareceu perceber isso no mesmo momento e disparou para a frente com um grito selvagem, sua longa espada abrindo caminho para os outros. Flick estava ao seu lado, a pequena adaga ainda na mão. Com um ímpeto final de força, Shea se levantou e correu na direção da bolsa que continha as preciosas

Pedras Élficas. Seu corpo magro escorregou entre vários dos braços envolventes, enquanto ele se atirava sobre a bolsa. Sua mão já estava dentro, tateando pelo recipiente de couro, quando o primeiro tentáculo atingiu suas pernas desprotegidas. Chutando e se debatendo, lutou para manter a liberdade pelos segundos necessários até encontrar as pedras. Por um momento, pensou que as perdera novamente. Então sua mão se fechou sobre a pequena bolsa de couro e ele a puxou da mochila caída. Um golpe súbito dos tentáculos contorcidos quase fez com que a soltasse, e Shea apertou a bolsa com força contra o peito enquanto abria os cordões com uma lentidão entorpecente. Flick foi forçado a ir para trás e tropeçou contra o corpo estendido de Shea e caiu em cima dele, com os tentáculos descendo sobre os dois. Só a forma esguia de Menion estava entre eles e o atacante gigantesco, com ambas as mãos segurando firmemente a grande Espada de Leah.

Quase sem perceber, Shea encontrou as três pedras azuis em sua mão, finalmente livres da bolsa de couro. Rastejando para trás e se levantando com esforço, o jovem soltou um grito selvagem de triunfo e mostrou as Pedras Élficas, que brilhavam debilmente. O poder dentro delas se inflamou na mesma hora, inundando a escuridão com a luz azul ofuscante. Flick e Menion saltaram para trás, protegendo os olhos do brilho. Os tentáculos recuaram hesitantes e incertos, e quando os três homens arriscaram um segundo olhar de relance, viram a luz brilhante das Pedras Élficas emanar até a névoa acima do pântano, cortando através de seu vapor com a agudeza de uma faca. Viram-na golpear com um impacto dilacerador a forma enorme e indescritível que os atacara, e o monstro começou a afundar lentamente nas águas viscosas. Naquele mesmo instante, o brilho acima do monstro alcançou a intensidade de um pequeno sol e a água ferveu com chamas azuis que subiam queimando em direção ao céu encoberto. No momento seguinte, o brilho ardente e as chamas sumiram. A névoa e a noite retornaram, e os três companheiros ficaram sozinhos novamente na escuridão pantanosa.

Rapidamente embainharam suas armas, pegaram as mochilas caídas e voltaram para o meio dos enormes carvalhos negros. O pântano permaneceu silencioso como tinha sido antes do ataque inesperado, suas águas paradas perturbadoramente plácidas sob a névoa cinzenta. Por vários

momentos, ninguém falou enquanto se jogaram em silêncio contra os troncos das árvores grandes e respiraram profundamente, gratos por estarem vivos. A batalha aconteceu depressa, como a passagem de um breve e terrível instante em um pesadelo real demais. Flick estava encharcado pelas águas do pântano, e Shea estava molhado da cintura para baixo. Ambos tremiam no ar frio da noite; e, após apenas alguns segundos de descanso, começaram a se mover devagar em um esforço para afastar o frio entorpecente.

Percebendo que deveriam sair do pântano rápido, Menion moveu o corpo cansado para longe de seu lugar de descanso contra o tronco áspero do carvalho e com um movimento suave jogou a mochila sobre seus ombros. Shea e Flick se apressaram em segui-lo, embora com um pouco menos de ânimo. Discutiram brevemente para decidir qual direção seria melhor tomar. Era uma escolha simples: avançar através dos Carvalhos Negros com o risco de se perderem ou de serem cercados pela matilha de lobos errantes que rondava por ali, ou seguir a borda do pântano e sob a ameaça de um segundo encontro com o Espectro da Névoa. Nenhuma das opções era muito animadora, mas a batalha contra a criatura do Pântano das Névoas era recente demais para permitir que qualquer um deles se arriscasse a repeti-la. Portanto, foi tomada a decisão de continuarem na floresta, tentando seguir um curso paralelo à margem do pântano; com sorte, chegariam em campo aberto dentro de algumas horas.

Haviam alcançado um ponto onde as longas horas de viagem junto com a expectativa do perigo tinham desgastado o raciocínio claro da manhã. Estavam cansados e com medo do mundo estranho em que tinham entrado, e o único pensamento claro em suas mentes adormecidas era atravessar a floresta sufocante para conseguirem algumas horas bem-vindas de sono. Com esse pensamento dominando suas mentes e superando a cautela tão desesperadamente necessária, esqueceram-se de se amarrarem um ao outro com a corda novamente.

A viagem continuou como antes, com Menion na liderança, Shea alguns passos atrás e Flick na retaguarda, andando em silêncio e com firmeza, as mentes fixas no pensamento reconfortante que adiante estavam os gramados abertos e iluminados pelo sol que levavam até Anar.

A névoa parecia ter se dissipado um pouco e apesar da silhueta de Menion ser apenas uma sombra, Shea conseguia vê-lo bem o suficiente para segui-lo. Ainda assim, às vezes, tanto Shea quanto Flick não conseguiam enxergar a pessoa imediatamente à frente e precisavam estreitar os olhos com atenção para manter o caminho que Menion abria para eles. Os minutos se passaram com uma lentidão agonizante e a nitidez da visão de cada um começou a diminuir com a crescente necessidade de sono. Minutos se transformaram em horas intermináveis; mesmo assim, continuaram se arrastando lentamente através da névoa dos grandes Carvalhos Negros. Não sabiam dizer a distância que tinham viajado nem quanto tempo se passara. Logo, isso perdeu toda a importância. Tornaram-se sonâmbulos em um mundo de sonhos e pensamentos divagantes sem uma interrupção na marcha desgastante ou uma brecha entre os troncos negros intermináveis e silenciosos que vinham aos milhares. A única mudança foi um aumento gradual do vento de algum lugar na noite encoberta, sussurrando seu primeiro grito fraco e então crescendo para um som entorpecente que se apoderou de mente cansada dos três viajantes como uma magia fascinante. Ele os chamava, recordando-lhes da brevidade dos dias que se passaram e dos que ainda estavam por vir, alertando-os de que eram criaturas mortais sem importância naquela terra, pedindo para que se deitassem na tranquilidade do sono. Ouviram e lutaram contra o apelo tentador com a última réstia de força que tinham, concentrando-se distraidamente em colocar um pé na frente do outro, em uma interminável sucessão de passos. Em um minuto, os três estavam lá em uma fileira irregular; no próximo, Shea olhou para a frente e Menion desaparecera.

A princípio, ele não conseguiu aceitar o fato; sua mente, em geral perspicaz, parecia nebulosa pela falta de sono; ele continuou a caminhar lentamente para a frente, procurando em vão pela figura encoberta do alto montanhês. Então, do nada, parou ao perceber com um medo lancinante que, de alguma forma, haviam se separado. Procurou por Flick desesperadamente e agarrou a túnica solta do irmão quando o fatigado rapaz do vale tropeçou nele, como um morto, mas em pé. Flick olhou sem pensar para ele, sem saber e nem sequer se importando com o motivo de terem parado. Esperava apenas que pudesse finalmente se deitar e dormir.

O vento na escuridão da floresta parecia uivar de alegria selvagem, e Shea gritou, desesperado, chamando o príncipe das montanhas, mas ouviu apenas o eco do seu berro inútil. Ele chamou Menion repetidas vezes, sua voz subindo para um grito de desespero e medo; contudo, só ouviu de volta o som da própria voz, abafada e distorcida pelo assobiar selvagem do vento sobre os grandes carvalhos, que envolvia os silenciosos troncos e galhos e passava entre o farfalhar das folhas. Em certo momento, pensou ouvir alguém chamando seu nome; respondendo ansiosamente, arrastou-se junto de Flick por entre o labirinto de árvores na direção do som. Entretanto, não havia nada. Caindo no chão da floresta, gritou até a voz não aguentar mais, porém apenas o vento respondeu com uma risada zombeteira para lhe dizer que tinha se perdido do Príncipe de Leah.

Capítulo VII

Quando Shea acordou na manhã seguinte, já era meio-dia. O sol forte passou por seus olhos semiabertos queimando enquanto ele permanecia deitado de costas na grama alta. No começo, não conseguiu lembrar nada da noite anterior, além do fato de que ele e Flick tinham se perdido de Menion nos Carvalhos Negros. Parcialmente acordado, ergueu-se em um cotovelo, olhando sonolento ao redor, e descobriu que estava em campo aberto. Atrás, erguiam-se os Carvalhos Negros; soube assim que, de alguma forma, depois de perder Menion, conseguira encontrar um caminho pela floresta antes de desmaiar, exausto. A memória do que se passara depois de se separarem era nebulosa. Ele não podia imaginar como tivera forças para completar a marcha. Nem mesmo conseguia se lembrar de ter saído da floresta interminável para as planícies cobertas de grama em que estava. Toda aquela experiência parecia estranhamente distante enquanto esfregava os olhos e suspirava satisfeito sob o sol quente e o ar fresco. Pela primeira vez em muitos dias, as florestas Anar pareciam estar ao seu alcance.

De repente, lembrou-se de Flick e olhou ansioso ao redor, procurando o irmão. Pouco depois, viu sua forma corpulenta caída no sono a vários metros. Shea ficou em pé devagar e se espreguiçou sem pressa, aproveitando para localizar sua mochila. Curvou-se e remexeu em seu conteúdo até achar o saco com as Pedras Élficas, certificando-se de que ainda estavam seguras e ao seu alcance. Erguendo a mochila, caminhou até o irmão adormecido e o sacudiu gentilmente. Flick se mexeu, resmungando, visivelmente insatisfeito por ser acordado. Shea foi forçado a sacudi-lo várias vezes até que, enfim, abriu seus olhos a contragosto e os estreitou, chateado. Ao ver Shea, ele se ergueu até se sentar e olhou devagar ao redor.

— Ei, conseguimos! — exclamou. — Mas não sei como. Não me lembro de nada depois de nos perdermos de Menion além de andar e andar até minhas pernas quase caírem.

Shea sorriu, concordando, e deu um tapinha nas costas do irmão. Sentiu uma onda de gratidão invadi-lo ao pensar em tudo pelo que passaram juntos. Tantas dificuldades e perigos e Flick ainda conseguia rir. Foi tomado pela sensação repentina e aguda de seu amor por Flick, um irmão que, apesar de não ser de sangue, era ainda mais próximo por sua amizade tão profunda.

— Sim, conseguimos — sorriu — e vamos conseguir terminar o resto da caminhada também, se você conseguir se levantar do chão.

— Não dá para acreditar na crueldade de certas pessoas. — Flick sacudiu a cabeça, com incredulidade debochada; então, ficou de pé e encarou o irmão, curioso. — Menion...?

— Perdido... Não sei aonde...

Flick desviou o olhar, sentindo o amargo desapontamento de seu irmão, mas não estava disposto a admitir para si mesmo que não estavam em melhor situação sem o príncipe das montanhas. Ele desconfiava de Menion por instinto, porém, o montanhês salvara a vida deles na floresta e isso não era algo que Flick pudesse esquecer facilmente. Ele pensou sobre isso por um momento, para depois bater de leve no ombro do irmão.

— Não se preocupe com aquele malandro. Ele vai aparecer, provavelmente na hora errada.

Shea sacudiu a cabeça em silêncio, e a conversa depressa se voltou para a tarefa em mãos. Concordaram que o melhor plano era viajar para o norte até alcançarem o Rio Prateado, que corria para o Lago Arco-íris, e segui-lo corrente acima até Anar. Com sorte, Menion também seguiria o rio e os encontraria em alguns dias. Sua habilidade para sobreviver na floresta faria com que em algum momento conseguisse escapar dos Carvalhos Negros e encontrasse a trilha para segui-los aonde quer que fossem. Shea estava relutante em deixar o amigo para trás, mas era sábio o bastante para entender que qualquer tentativa de procurá-lo na floresta iria acabar com eles se perdendo também. Além disso, o perigo de serem descobertos pelas patrulhas dos Portadores da Caveira era muito maior do que quaisquer riscos que Menion pudesse encontrar, mesmo naquela floresta. Não havia nada a se fazer além de continuarem.

A dupla caminhou apressada pela planície verde e silenciosa, esperando alcançar o rio antes do cair da noite. A tarde já estava no meio e não havia

como saber qual era a distância até o rio. Com o sol os guiando, sentiam-se mais seguros de sua posição do que haviam estado nos confins enevoados dos Carvalhos Negros, onde foram forçados a depender de seu pouco confiável senso de direção. Falavam livremente, iluminados pelo sol, que ficara ausente por tantos dias, e por um sentimento não expresso de gratidão por ainda estarem vivos depois da experiência quase mortal no Pântano das Nevoas. Enquanto caminhavam, pequenos animais e pássaros surgiam à sua passagem. Uma vez, sob a luz que se desvanecia do sol da tarde, Shea acreditou ter visto a figura pequena e encolhida de um velho um pouco para leste, afastando-se lentamente. Contudo, sob aquela luz e àquela distância, não poderia ter certeza, e um momento depois percebeu que não via mais ninguém. Flick não viu nada e o incidente foi esquecido.

Ao anoitecer, avistaram um córrego estreito ao norte, que rapidamente identificaram como o famoso Rio Prateado, a fonte do fabuloso Lago Arco-íris a oeste e de milhares de lendas e histórias de aventuras. Diziam que existira um Rei do Rio Prateado, cuja riqueza e poder estavam além do que podia ser descrito, mas que apenas se preocupava em manter as águas do grande rio correndo e limpas para homens e animais. Segundo as histórias, ele raramente era visto pelos viajantes, mas sempre estava lá para oferecer ajuda se fosse necessária, ou para punir quem violasse seus domínios. Ao avistar o rio, Shea e Flick podiam ver que era muito bonito à luz do sol, com o leve tom de prata que seu nome sugeria. Quando enfim chegaram às suas margens, a noite tinha ficado escura demais para que pudessem ver quão claras as águas realmente eram, mas, provando-as, descobriram que eram limpas o bastante para beber.

Encontraram uma pequena clareira coberta de grama na margem sul do rio, sob o abrigo de uma copa ampla que oferecia um lugar ideal para acamparem naquela noite. Mesmo a curta jornada daquela tarde os cansara, e preferiram não se locomover no escuro em campo aberto. Havia acabado de exaurir seus suprimentos e, depois daquela refeição noturna, teriam de caçar seus alimentos. Era um pensamento bastante desanimador, principalmente ao lembrarem que as únicas armas que carregavam para matar animais eram as pequenas e bastante ineficazes facas de caça. Menion carregava o único arco longo. Comeram o resto de sua comida em silêncio, sem acender fogueira, que poderia chamar atenção para sua presença. A lua

estava pela metade, a noite sem nuvens, fazendo com que milhares de estrelas da galáxia infinita brilhassem em um branco ofuscante, iluminando o rio e a terra além em uma estranha claridade esverdeada. Quando terminaram a refeição, Shea se voltou para Flick.

— Você já pensou sobre essa viagem, sobre todo esse assunto de estarmos fugindo? — questionou. — Quero dizer, o que realmente estamos fazendo?

— Engraçado ser você a perguntar isso — exclamou o outro.

Shea sorriu e assentiu.

— Acho que é. Mas eu tenho que justificar isso para mim mesmo e não é uma tarefa fácil. Posso compreender a maior parte do que Allanon nos contou, sobre o perigo para os herdeiros da espada. Mas de que vai adiantar ficarmos escondidos em Anar? Esse tal de Brona deve estar atrás de outra coisa além da Espada de Shannara para se dar esse trabalho e procurar os herdeiros da Casa élfica. O que ele quer? O que pode ser?

Flick deu de ombros e jogou um seixo na corrente suave do rio, sua própria mente confusa, incapaz de uma resposta decente.

— Talvez ele queira dominar os elfos — sugeriu, sem convicção. — Não é o que todo mundo quer, mais cedo ou mais tarde? Um pouco de poder?

— Sem dúvida — concordou Shea sem muita certeza, pensando que aquele tipo de ambição levara as raças ao ponto em que estavam, depois das longas e amargas guerras que quase destruíram a vida completamente. No entanto, já haviam se passado anos desde a última guerra, e o surgimento de comunidades independentes, sem vínculos entre si, parecia ter dado uma resposta parcial para a longa procura pela paz. Ele se voltou para um Flick pensativo. — O que iremos fazer quando chegarmos aonde estamos indo?

— Allanon irá nos dizer — seu irmão respondeu, hesitante.

— Allanon não poderá nos dizer sempre o que fazer — Shea respondeu, rápido. — Além do mais, ainda não estou convencido de que ele tenha contado a verdade sobre si mesmo.

Flick concordou com a cabeça, lembrando-se daquele primeiro encontro amedrontador com o gigante sombrio que o jogara de um lado para outro como um boneco de trapo. Seu comportamento sempre parecera para Flick como o de alguém acostumado a conseguir o que queria, quando e como queria. Tremeu involuntariamente, lembrando-se da primeira vez em que

quase fora encontrado pelo sombrio Portador da Caveira, e de novo foi confrontado pelo fato de que fora Allanon que o salvara.

— Não tenho certeza se quero saber a verdade sobre isso. Não sei se eu iria entender — Flick murmurou em voz baixa.

Shea ficou surpreso com o comentário e voltou para as águas do rio iluminadas pelo luar.

— Podemos ser pessoas sem importância para Allanon, mas, a partir de agora, não me mexo sem uma razão.

— Talvez — a voz de seu irmão flutuou até ele. — Mas talvez...

Sua voz sumiu, cheia de augúrios em meio aos sons da noite e do rio, e Shea preferiu não insistir no assunto. Os dois se deitaram e rapidamente pegaram no sono, seus pensamentos cansados fluindo devagar para os sonhos coloridos e brilhantes do mundo fugaz do sono. Naquela segura dimensão de fantasia, suas mentes cansadas podiam relaxar, libertando seus temores escondidos do futuro para que emergissem da forma que quisessem, e ali, naquele santuário longínquo da alma humana, serem encarados de forma isolada e derrotados. Mas mesmo com os sons tranquilizadores da vida ao redor e com o barulho pacífico do rio que corria para aliviar suas preocupações, um espectro inescapável e mordaz de apreensão abria sutilmente caminho até aquele mundo de sonhos, e ali, à vista de sua mente, empoleirava-se e esperava, sorrindo apático e com ódio, conhecendo bem os limites de sua resistência. Os dois se debatiam com força, incapazes de se libertar da presença daquela aparição assustadora, entrincheirada profundamente dentro de si mesmos, mais pensamento do que forma.

Talvez fosse aquela sombra de aviso, irradiando o cheiro particular do medo, que se instalou ao mesmo tempo nas mentes inquietas dos jovens do vale e fez com que os dois acordassem simultaneamente espantados, os olhos sem sono e o ar cheio da loucura aguda e congelante que os agarrava em um abraço apertado, começando a espremê-los. Reconheceram o que era na hora e o pânico brilhou em seus olhos enquanto ficavam sentados imóveis, os sentidos atentos aos sons que sabiam que iriam ouvir. Escutaram o temido bater das asas grandes e juntos olharam para o rio para ver a imensa e silenciosa forma do Portador da Caveira voar quase graciosamente, saindo das planícies e atravessando o rio ao norte para se estabilizar,

planando durante muito tempo, indo exatamente para onde estavam escondidos. Os dois ficaram congelados de medo, incapazes de pensar, muito menos de se mover, enquanto observavam a criatura se aproximando. Não importava que ainda não os tivesse visto, que talvez sequer soubesse onde estavam. Saberia nos próximos segundos, e para os irmãos não havia tempo para fugir, lugar para se esconder ou chance para escapar. Shea sentiu a boca seca e de algum ponto de sua mente embaralhada, lembrou-se das Pedras Élficas, mas seu cérebro estava entorpecido. Ficou ali, paralisado, junto com o irmão, esperando pelo final.

Miraculosamente, ele não chegou. Quando parecia que o servo do Lorde Feiticeiro com certeza os encontraria, um clarão de luz vindo da outra margem chamou a atenção dele. Rapidamente, virou-se na direção da luz, e logo surgiu outra um pouco além, outra mais adiante, e ainda mais uma — ou teria se enganado? Voava depressa, procurando ansioso, sua mente perspicaz lhe dizendo que a procura chegara ao fim, a longa caçada finalmente terminava. Ainda assim, não conseguia achar a origem da luz. De repente, o clarão surgiu de novo, só para desaparecer com a rapidez de um piscar de olhos. A criatura enlouquecida planou naquela direção, sabendo que a luz se afundava na escuridão do outro lado do rio, perdida em algum lugar entre os milhares de barrancos e campos das planícies. A luz misteriosa brilhou de novo e de novo, a cada vez se afastando mais do rio, tentando, desafiando a fera enraivecida. Na outra margem, as figuras petrificadas dos dois habitantes do vale permaneciam escondidas na escuridão, enquanto seus olhos assustados observavam a sombra voadora se afastar rapidamente até não mais ser vista.

Eles continuaram imóveis depois da partida do Portador da Caveira. Mais uma vez, tinham encarado a morte e conseguido se esquivar de seu toque fatal. Ficaram em silêncio, escutando os sons dos insetos e de outros animais voltando à noite. Minutos se passaram e eles começaram a respirar normalmente, suas figuras rígidas relaxando em formas mais confortáveis enquanto se entreolhavam em um alívio espantado, sabendo que a criatura partira, mas sem compreender como havia acontecido. Então, antes que tivessem chance de falar sobre o que ocorrera, a luz misteriosa que brilhara do outro lado do rio reapareceu em uma colina a centenas de metros atrás deles, sumindo por um instante para depois brilhar novamente, mais

próxima do que antes. Shea e Flick olharam surpresos, enquanto ela se movia em sua direção, oscilando levemente.

Momentos depois, a figura de um homem muito, muito velho surgiu à frente deles, encurvado devido à idade e vestido como um homem da floresta, o cabelo prateado à luz das estrelas, o rosto emoldurado por uma longa barba branca, bem aparada e penteada. A estranha luz em sua mão era ferozmente brilhante vista tão de perto, e não havia sinal de chama em seu centro. De repente, desapareceu e em seu lugar surgiu um objeto cilíndrico apertado na mão em garra do velho. Ele olhou para eles e sorriu em saudação. Shea encarou em silêncio o rosto antigo, sentindo que o estranho merecia seu respeito.

— A luz... — Shea finalmente perguntou. — Como...?

— O brinquedo de um povo que morreu e se foi há muito tempo — a voz fluiu em um sussurro firme que flutuava no ar frio. — Assim como a criatura malévola... — As palavras sumiram e ele apontou na direção em que o Portador da Caveira sumira com um braço fino e enrugado que parecia suspenso na noite como um graveto áspero de madeira morta. Shea o olhou, desconfiado, sem saber o que deveria fazer.

— Estamos viajando para o leste... — Flick disse espontaneamente.

— Para Anar — a voz gentil o interrompeu, a velha cabeça sacudindo em compreensão, os olhos enrugados duros sob a luz suave da lua enquanto iam de um irmão para o outro.

De repente, ele foi para além deles, até a borda do rio, voltou-se e gesticulou para que se sentassem. Shea e Flick obedeceram sem hesitar, incapazes de duvidar das intenções do velho. Enquanto se acomodavam, um imenso cansaço caiu sobre seus corpos, os olhos subitamente enfrentando dificuldades em se manterem abertos.

— Durmam, jovens viajantes, para que a longa jornada possa diminuir. — A voz ficou mais forte em suas mentes, mais imperativa. Não conseguiam resistir ao cansaço, tão prazeroso e bem-vindo, e se esticaram obedientemente na grama macia. A figura à frente começou a mudar lentamente para algo diferente, e atrás de pálpebras semicerradas e de olhos embaçados, parecia que o velho estava ficando mais novo e que suas roupas tinham mudado também. Shea começou a murmurar, tentando se manter

acordado, tentando entender, mas, em minutos, os dois habitantes do vale estavam adormecidos.

Enquanto dormiam, flutuaram como nuvens por dias esquecidos de luz e felicidade no pacífico lar na floresta que haviam deixado tantos dias antes. Mais uma vez, vaguearam nos limites amigáveis da Floresta Duln e nadaram nas águas frias do rio Rappahalladran, os medos e as preocupações de uma vida inteira varridos em um instante. Caminharam através das colinas e dos vales arborizados do campo com uma liberdade que jamais haviam experimentado. Em seu sono, tocaram, como se fosse a primeira vez, cada planta e animal, pássaro e inseto com um novo entendimento da importância que tinham como seres vivos, mesmo que pequenos e insignificantes. Flutuaram à deriva como o vento, capazes de sentir o cheiro do frescor da terra, capazes de ver a beleza da vida que a natureza colocara ali. Tudo era um caleidoscópio de cores e cheiros, com apenas sons gentis alcançando suas mentes cansadas, sons do ar aberto e do campo silencioso. Esqueceram os longos e duros dias de jornada pelas planícies cobertas pela névoa de Clete, os dias sem sol nos quais a vida era uma alma perdida vagando sem destino em uma terra agonizante. Esqueceram a escuridão dos Carvalhos Negros, a loucura das árvores gigantescas, que nunca acabavam, escondendo o sol e o céu. A lembrança do Espírito da Névoa se fora, assim como a do Portador da Caveira que os perseguia, firme e obstinado em sua caçada. Os jovens moviam-se em um lugar sem os medos e as preocupações do mundo real, e naquelas horas, o tempo se dissolveu em paz com a beleza momentânea de um arco-íris no fim de uma tempestade repentina e violenta.

Eles não tinham ideia de quanto tempo ficaram perdidos no mundo de sonhos, muito menos do que lhes acontecera naquele tempo. Apenas sabiam, quando começaram a acordar gentilmente, que não estavam mais nas margens do Rio Prateado. Sabiam muito bem que o tempo era novo, de algum jeito diferente; a sensação era empolgante, mas muito segura.

Conforme a visão retornava, Shea percebeu que havia gente ao seu redor, observando e esperando. Ele se ergueu lentamente em um cotovelo, a visão embaçada distinguindo grupos de figuras pequenas de pé, inclinadas de forma ansiosa. Daquele cenário vago, surgiu uma figura alta e majestosa

envolta em roupas largas, inclinando-se na direção dele, uma mão larga em seu ombro fino.

— Flick? — gritou ele, preocupado, esfregando o sono dos olhos com a mão, enquanto tentava se focar para distinguir o rosto da figura.

— Você está salvo agora, Shea — a voz profunda parecia fluir da forma velada. — Aqui é Anar.

Shea piscou rapidamente, tentando se levantar enquanto a mão larga o empurrava para a cama. Sua visão começou a clarear, e ele viu de relance a figura semierguida de seu irmão perto, acabando de acordar de seu sono profundo. Ao redor, estavam as figuras atarracadas e corpulentas que Shea no mesmo instante percebeu serem anões. Seus olhos distinguiram o rosto forte da pessoa ao seu lado, e no momento em que repousaram na brilhante cota de malha que cobria a mão e o antebraço estendido que seguravam seu ombro, soube que a viagem até Anar terminara. Ele encontrara Culhaven e Balinor.

A última parte da jornada de Menion Leah até Anar não fora tão simples. Quando percebeu que se separara dos rapazes do vale, entrou em pânico. Não estava com medo por si, mas temia o pior para os Ohmsford se tivessem que encontrar sozinhos o caminho pelos enevoados Carvalhos Negros. Ele também gritara chamando por eles inutilmente, tropeçando às cegas na escuridão até ficar rouco. Mas, no final, foi forçado a admitir para si mesmo que a procura seria inútil naquelas condições. Exausto, prosseguiu pela floresta na direção que acreditava ser a das planícies, consolando-se como pôde com a promessa de que iria encontrar os outros à luz do dia. Ficou na floresta um pouco mais do que planejara, só conseguindo sair perto da alvorada, desmaiando nos limites das planícies. Apesar de ainda não saber, tinha chegado a um ponto ao sul de onde os irmãos dormiam. Naquela hora, sua resistência tinha chegado ao limite, e o sono se abateu sobre ele tão rápido que não conseguiu se lembrar de mais nada além da sensação lenta de queda enquanto se jogava na grama alta da planície. Parecia que dormira por muito tempo, mas na verdade acordara apenas poucas horas depois de Shea e Flick terem começado a jornada na direção do Rio Prateado. Acreditando estar a uma distância considerável ao sul da direção que o grupo estivera seguindo nos Carvalhos Negros, Menion

rapidamente escolheu viajar para o norte e tentou cruzar com seus companheiros antes que alcançassem o rio. Se não conseguisse encontrá-los até então, sabia que teria de considerar a desagradável probabilidade de que ainda estivessem perdidos na floresta.

Apressadamente, o montanhês colocou sua mochila leve nas costas, prendeu o grande arco longo e a Espada de Leah e começou a marchar para o norte. As poucas horas de luz da tarde que restavam desapareceram enquanto andava, seus olhos aguçados procurando cuidadosamente por qualquer sinal de passagem humana. Estava quase anoitecendo quando afinal encontrou vestígios de alguém viajando na direção do Rio Prateado. Viu que a trilha já tinha várias horas, e estava quase certo de ser de mais de uma pessoa. Mas não havia como saber quem eram os viajantes, então Menion prosseguiu apressado sob a meia-luz do crepúsculo, esperando alcançá-los quando parassem à noite. Sabia que os Portadores da Caveira também estariam procurando por eles; deixou, porém, seus medos de lado, lembrando que não havia nada que o ligasse aos habitantes do vale. De qualquer jeito, era um risco calculado que deveria correr se quisesse ajudar seus amigos.

Pouco depois, assim que o sol sumiu completamente no horizonte, Menion viu uma figura a leste, viajando na direção oposta. Menion depressa gritou para o outro, que ficou surpreso com a súbita aparição do montanhês e tentou se afastar. Menion então caçou o homem, correndo atrás do viajante assustado, dizendo que não queria machucá-lo. Depois de vários minutos, conseguiu alcançar o homem, que vendia utensílios de cozinha para as aldeias próximas e para as famílias daquelas terras baixas. O vendedor, um sujeito tímido e curvado que tinha se assustado muito com a perseguição inesperada, estava completamente apavorado com a visão daquele montanhês alto, com uma espada na cintura, encarando-o ao anoitecer no meio do nada. Menion rapidamente explicou que não queria fazer mal a ele e estava apenas procurando por dois amigos de quem havia se separado enquanto viajavam pelos Carvalhos Negros. Não poderia ter dito nada pior para o homenzinho, que estava convencido de que o estranho era louco. Menion pensou em contar que era o Príncipe de Leah, mas rapidamente deixou a ideia de lado. Ao fim, o vendedor revelou que vira dois viajantes que batiam com a descrição dos habitantes do vale mais cedo

naquela tarde. Menion não soube dizer se o homem dissera aquilo por medo de morrer ou para agradá-lo, mas aceitou a história e desejou boa-noite ao homenzinho, que ficou encantado por sair tão facilmente daquela situação e escapou correndo para o sul, na escuridão protetora da noite.

Menion foi forçado a admitir para si mesmo que já estava escuro demais para tentar seguir a trilha de seus amigos, então montou um pequeno acampamento. Encontrou um par de pinheiros grandes que pareciam ser o melhor abrigo disponível e foi até lá, olhando ansioso para o límpido céu noturno. A luz que havia era suficiente para qualquer criatura inquisidora do norte encontrar com facilidade um viajante e Menion rezou em silêncio para que seus amigos tivessem bom senso para escolher um lugar escondido para passar a noite. Ele largou sua mochila e suas armas debaixo de um dos pinheiros e rastejou para o abrigo de seus galhos baixos. Faminto por causa da viagem de dois dias, devorou o que sobrara de seus suprimentos, pensando que os dois amigos também seriam afligidos pela falta de comida nos próximos dias. Resmungando alto sobre a má sorte que os separara, enrolou-se relutante em seu cobertor leve e rapidamente adormeceu, a Espada de Leah desembainhada ao seu lado, brilhando à luz da lua.

Sem saber do que acontecera naquela noite enquanto dormia a muitos quilômetros do Rio Prateado, Menion Leah acordou no dia seguinte com um novo plano na cabeça. Se conseguisse cortar caminho pelo campo, viajando para o nordeste, iria alcançar os jovens do vale com mais facilidade. Tinha certeza de que eles seguiriam a margem do Rio Prateado em seu trajeto serpenteante para as florestas de Anar a leste, então se cruzariam rio acima. Abandonando os vestígios fracos deixados no dia anterior, Menion começou a viagem através das planícies na direção do oriente. Decidiu em silêncio que, se não encontrasse nenhum sinal deles rio acima quando chegasse na beira da água, poderia voltar acompanhando o curso do rio. Também tinha esperança de esbarrar com algum pequeno animal que pudesse prover carne para a refeição da noite. Ele assobiou e cantou para si mesmo enquanto andava, o rosto relaxado e animado com a possibilidade de reencontrar seus amigos perdidos. Ele podia ver a descrença estampada no rosto sério do velho Flick quando o visse retornar. Caminhava com tranquilidade, com passos longos que cobriam o caminho com rapidez, os passos calculados e treinados de um caçador experiente.

Enquanto viajava, seus pensamentos voltaram para os acontecimentos dos últimos dias, e refletiu sobre o significado de tudo o que ocorrera. Sabia pouco sobre a história das Grandes Guerras e do reinado do Conselho Druida, a aparição misteriosa do assim chamado Lorde Feiticeiro e sua derrota pelo poder combinado de três nações. O mais perturbador de tudo era seu total desconhecimento da lenda por trás da Espada de Shannara, a arma tão famosa que por tanto tempo tinha sido um emblema simbólico da liberdade conseguida pela coragem, que, por direito de nascença, passara a pertencer a um órfão desconhecido, meio humano, meio elfo. O pensamento era tão despropositado, que ele ainda achava impossível conceber Shea naquele papel. Sabia instintivamente que estava fazendo algo naquele cenário, algo tão básico para todo aquele enigma da grande Espada de Shannara que, sem o conhecer, os três amigos eram apenas folhas sopradas pelo vento.

Menion também sabia que ele não era parte daquela aventura apenas pelo bem da amizade. Flick estava certo. Mesmo naquele momento, ainda não tinha certeza do motivo de ter aceitado participar daquela jornada. Sabia que era menos do que um Príncipe de Leah deveria ser. Tinha noção de que seu interesse no povo era menos profundo do que deveria e que nunca quis conhecê-los na verdade. Ele nem sequer tentara entender os problemas mais importantes de se fazer um governo justo em uma sociedade onde a palavra do monarca era a única lei. Mesmo assim, sentia que, à sua maneira, ele era tão bom quanto qualquer outro homem. Shea o considerava um exemplo. Talvez fosse, pensou preguiçosamente, mas sua vida até então parecia ser uma longa linha de experiências ameaçadoras e fugas ensandecidas que tiveram pouco ou nenhum propósito construtivo.

As planícies tranquilas e cobertas de grama mudaram para um solo árido e irregular, subindo abruptamente em pequenas colinas e descendo sem aviso em vales íngremes e escondidos que deixaram sua jornada lenta e quase perigosa em alguns pontos. Menion olhou apreensivo à frente, procurando alguma indicação de terreno mais plano, mas era impossível ver muito longe, mesmo do topo das subidas íngremes. Ele prosseguiu, com firmeza e propósito, ignorando o terreno irregular e silenciosamente amaldiçoando sua decisão de tomar aquele caminho. Sua mente vagou por um momento, sendo alertada pelo som de uma voz humana. Escutou com

atenção por alguns instantes, mas não conseguiu ouvir mais nada e deixou de lado, considerando ter sido fruto da imaginação ou do vento. Um momento depois, ouviu de novo, e, dessa vez, era o som claro da voz de uma mulher, cantando de forma suave em algum lugar à sua frente, um canto fraco e vago. Andou mais rápido, imaginando se seus ouvidos estariam lhe enganando, porém continuou ouvindo a voz aveludada da mulher ficar cada vez mais alta. Logo, o som hipnotizante daquele canto encheu o ar em um abandono feliz e quase selvagem, que alcançava os cantos mais profundos da mente do montanhês, chamando-o para segui-lo, para ser livre como aquela canção. Em uma espécie de transe, ele prosseguiu, sorrindo largamente para as imagens que a canção lhe conjurava. Vagamente, imaginou o que uma mulher estaria fazendo naquela terra tão desolada, a quilômetros de qualquer sinal de civilização; mas a música parecia dispersar todas as suas dúvidas com uma segurança calorosa que vinha de seu coração.

No alto de uma colina particularmente sombria, um pouco mais alta do que as outras ao redor, Menion a encontrou, sentada debaixo de uma árvore retorcida com galhos longos e revirados que o lembraram raízes de salgueiro. Era uma jovem, muito bonita e obviamente muito à vontade naquelas terras, pois cantava com força, pelo jeito sem perceber que alguém poderia ser atraído pelo som de sua voz. Ele não disfarçou sua aproximação; ao contrário, foi direto até ela, sorrindo gentilmente pelo seu frescor e juventude. Ela sorriu de volta, mas não se moveu para se levantar ou cumprimentá-lo; continuou a entoar os tons alegres da música que estivera cantando por todo aquele tempo. O Príncipe de Leah parou a uma boa distância; ela, contudo, rapidamente sinalizou para que ele se aproximasse e se sentasse ao seu lado debaixo da árvore de formato estranho. Foi quando, de algum lugar em seu interior, Menion sentiu um nervo se retorcer em aviso. Um sexto sentido ainda não cativado pela canção vibrante o cutucou e exigiu saber por que aquela jovem chamaria um completo desconhecido para se sentar ao seu lado. Não havia motivo para sua hesitação, além de, talvez, a desconfiança natural do caçador por tudo que estivesse fora de lugar e época na natureza; qualquer que fosse a razão, o montanhês parou. Naquele momento, a garota e a canção dissolveram-se em fumaça, deixando Menion encarando a árvore estranha naquela colina desolada.

Por um segundo, Menion vacilou, incapaz de acreditar no que acabara de acontecer, e depois recuou rapidamente. Mas o chão sob seus pés se abriu de súbito, fazendo surgir um conjunto denso de raízes retorcidas e grossas que se enrolaram nos tornozelos do jovem, prendendo-o com força. Menion tropeçou para trás, tentando se libertar. Por um momento, pensou em quão ridícula era sua situação. No entanto, por mais que tentasse, não conseguia se soltar do aperto das raízes. A estranheza de tudo aquilo aumentou quando levantou os olhos e viu a árvore com seus galhos estranhos, antes imóvel, aproximando-se com movimentos lentos e alongados, os galhos estendidos em sua direção, as pontas contendo pequenas agulhas, de aparência mortal. Já bastante preocupado, Menion largou a mochila e o arco e desembainhou a espada, percebendo que a garota e sua música haviam sido uma ilusão para atraí-lo até aquela árvore. Cortou as raízes que o prendiam, com movimentos lentos, pois estavam tão apertadas em seus tornozelos que precisava ter cuidado. Foi tomado por um pânico repentino ao perceber que poderia não se libertar a tempo, mas engoliu o sentimento e gritou desafiador para a planta, que já estava quase em cima dele. Golpeando em fúria enquanto ela se aproximava, rapidamente cortou vários dos galhos ameaçadores fazendo-a recuar um pouco; toda a estrutura tremendo de dor. Menion sabia que quando ela se aproximasse de novo, teria de acertar seu centro nervoso, caso quisesse destruí-la. A estranha árvore, porém, tinha outras ideias: recolheu os galhos retorcidos para depois lançá-los, um de cada vez, na direção do viajante aprisionado, fazendo as pequenas agulhas choverem sobre ele. Muitas erraram completamente o alvo e outras bateram sem feri-lo em sua túnica e botas. Entretanto, outras atingiram a pele exposta de suas mãos e cabeça, e penetraram provocando uma sensação de formigamento. Menion tentou espaná-los com a mão, enquanto se protegia de outros ataques, mas as pequenas agulhas se quebraram, deixando as pontas em sua pele. Ele percebeu, na hora, que as agulhas tinham algum tipo de droga que servia para colocar a presa da planta para dormir, deixando-a indefesa e ao seu alcance. Lutou fortemente contra a sensação que invadia seu corpo, mas logo caiu de joelhos, incapaz de continuar, sabendo que a árvore ganhara.

Surpreendentemente, a árvore mortal pareceu hesitar e depois afastou-se um pouco, encolhendo-se de novo para atacar. Passadas pesadas e lentas

soavam atrás do príncipe caído, aproximando-se cautelosamente. Ele não podia virar a cabeça para ver quem era, e uma voz grave o avisou abruptamente para ficar parado. A árvore preparou-se para o ataque, mas, um instante antes de lançar suas agulhas envenenadas, foi golpeada com grande impacto por uma maçã enorme que voou por cima do ombro do caído Menion. A estranha árvore foi totalmente derrubada pelo ataque. Visivelmente ferida, lutou para se erguer e contra-atacar. Atrás dele, Menion escutou o assobio de um arco sendo usado e uma longa flecha negra enterrou-se profundamente no tronco grosso da árvore. Na hora, as raízes ao redor de seu pé o soltaram e sumiram na terra; a árvore sacudiu-se com violência, os galhos balançando no ar e jogando agulhas em todas as direções. Um momento depois, caiu devagar. Depois de um último espasmo, ficou imóvel.

Ainda muito intoxicado pelas agulhas, Menion sentiu as mãos fortes de seu salvador agarrarem seus ombros de forma rude e o forçarem a se erguer, enquanto uma faca de caçar de lâmina larga cortava os poucos galhos que ainda prendiam seu pé. A figura à sua frente era um anão corpulento, vestido com a roupa verde e marrom típica de quem vivia na floresta, independentemente da raça. Era alto para um anão, com um pouco mais de um metro e meio de altura, e carregava um pequeno arsenal amarrado à sua cintura ampla. Ele olhou para baixo, encarando o ainda drogado Menion, e balançou a cabeça de um lado para outro.

— Você deve ser de fora para fazer algo tão estúpido — repreendeu com sua voz grave e profunda. — Ninguém com bom senso brinca com sereias.

— Eu sou de Leah... do oeste — Menion conseguiu falar em um arquejo, sua voz enrolada e estranha aos seus próprios ouvidos.

— Um homem das montanhas... Já deveria ter desconfiado. — O anão riu com gosto. — É, tinha de ser, eu acho. Bem, não se preocupe, você irá se recuperar em alguns poucos dias. Essa droga não vai matá-lo se nós o tratarmos, mas você vai ficar apagado por um tempo.

Riu de novo e se virou para recuperar a maçã. Menion reuniu suas últimas forças e o agarrou pela túnica.

— Preciso alcançar... Anar... Culhaven — sussurrou. — Leve-me até Balinor...

O anão voltou-se para ele na mesma hora, mas Menion estava inconsciente. Resmungando para si mesmo, pegou suas armas e as do montanhês caído. Depois, com surpreendente força, levantou o corpo mole de Menion sobre seus ombros largos, testando o peso para se equilibrar. Quando ficou satisfeito, começou a trotar com firmeza, ainda resmungando, caminhando na direção das florestas de Anar.

Capítulo VIII

Flick Ohmsford estava sentado em silêncio em um longo banco de pedra em um dos níveis mais altos dos belos e luxuriantes Jardins de Meade na comunidade anã conhecida como Culhaven. Ele tinha uma visão perfeita dos jardins estendendo-se pela colina íngreme em degraus, cujas laterais terminavam em pedras cuidadosamente colocadas, parecendo uma longa cachoeira descendo por uma encosta suave. A criação de jardins como aquele da colina, que antes fora desolada, era uma façanha realmente incrível. Solos especiais tinham sido trazidos de regiões mais férteis para serem colocados no jardim, permitindo que milhares de belas flores e plantas florescessem durante todo o ano no clima ameno da parte sul de Anar. A cor era indescritível. Comparar aquela miríade de tons das cores com um arco-íris seria uma grande injustiça. Flick tentou contar as várias gradações, uma tarefa que logo se mostrou impossível. Ele desistiu e voltou sua atenção para a clareira ampla no pé do jardim, onde os membros da comunidade anã estavam passando em seu caminho, indo ou vindo de qualquer trabalho em que estivessem envolvidos. Eram um povo que provocavam curiosidade, pelo menos em Flick, tão dedicados ao trabalho duro e a uma vida muito bem organizada. Tudo o que faziam era cuidadosamente planejado, pensado em detalhes em um grau que até o cauteloso Flick se irritava com o tempo gasto na preparação. Porém, as pessoas eram amáveis e ávidas para ajudar, uma gentileza que não passava despercebida por nenhum dos dois visitantes, que se sentiam muito deslocados naquela terra estranha.

Estavam em Culhaven há dois dias e ainda não sabiam o que lhes acontecera, porque estavam ali ou por quanto tempo ficariam. Balinor não lhes dissera nada, pois avisou que também pouco sabia e que tudo seria revelado em seu devido tempo, um comentário que Flick achou, além de melodramático, irritante. Não havia sinal de Allanon, nem notícias sobre sua localização. O pior de tudo era que também não havia notícias do ausente

Menion, e os irmãos estavam proibidos de deixar a segurança da vila anã por qualquer motivo.

Flick olhou de relance para o chão do jardim, para ver se seu guarda-costas ainda estava ali, e rapidamente o encontrou ao seu lado, o olhar incansável ainda fixado no jovem do vale. Shea ficara furioso com esse tratamento, porém Balinor apontara que deveriam ter sempre alguém ao lado para o caso de sofrerem mais um atentado contra suas vidas por parte de uma daquelas criaturas flutuantes. Flick aquiescera na mesma hora, lembrando-se muito bem de quão perto chegara de ser morto pelos Portadores da Caveira. Ele deixou seus pensamentos ociosos de lado ao ver Shea se aproximar pelo caminho tortuoso do jardim.

— Alguma coisa? — perguntou Flick, ansioso, quando o outro chegou até ele e se sentou ao seu lado.

— Nem uma palavra — foi a resposta curta.

Shea sentia-se levemente exausto de novo, mesmo já tendo tido dois dias para se recuperar da estranha odisseia que os levara de sua casa no Vale Sombrio até as Florestas de Anar. Eram muito bem tratados, mesmo que por vezes de maneira exagerada, mas as pessoas pareciam legitimamente preocupadas com seu bem-estar. Ninguém dissera, porém, nada sobre o que aconteceria em seguida. Todos, incluindo Balinor, pareciam esperar alguma coisa. Talvez a chegada de Allanon. Balinor fora incapaz de lhes explicar como haviam alcançado Anar. Respondendo a uma luz misteriosa, ele os encontrara deitados em uma margem baixa do rio logo na entrada de Culhaven dois dias antes, e os levara para a aldeia. Não sabia nada sobre o velho ou como haviam viajado aquela enorme distância rio acima. Quando Shea mencionou as lendas sobre o Rei do Rio Prateado, Balinor deu de ombros e apenas concordou que tudo era possível.

— Sem notícias de Menion? — perguntou Flick, hesitante.

— Apenas que os anões ainda estão procurando por ele, e continuarão a fazê-lo por algum tempo — respondeu Shea. — Não sei o que fazer depois disso.

Por dentro, Flick admitiu que aquela última frase resumia a história de toda aquela jornada. Olhou para a parte mais baixa dos Jardins, onde um pequeno grupo de anões fortemente armados se reunia ao redor da figura imperiosa de Balinor, que aparecera de repente vindo da floresta. Mesmo de

seu ponto de observação no alto do jardim, os humanos podiam ver que ele ainda usava a cota de malha sob o longo manto de caça que já conheciam bem. Ele discutiu animadamente com os outros por alguns minutos, seu rosto contraído em função dos pensamentos. Shea e Flick sabiam muito pouco sobre o Príncipe de Callahorn, mas o povo de Culhaven parecia tê-lo em alta conta. Menion também falara bem de Balinor. Sua terra natal era o reino mais ao norte das espalhadas Terras do Sul. Comumente referidas como terras fronteiriças, serviam como uma zona de segurança contra os limites ao sul das Terras do Norte. Os cidadãos de Callahorn eram em sua maioria humanos, mas em contraste com o comportamento geral de sua raça, misturavam-se livremente com as demais e não tinham uma política de isolamento. A famosa Legião da Fronteira ficava aquartelada naquela região distante, um exército profissional comandado por Ruhl Buckhannah, Rei de Callahorn e pai de Balinor. Historicamente, as Terras do Sul se apoiavam em Callahorn e na Legião para enfraquecer os golpes iniciais de um exército invasor, dando ao resto da nação uma chance de se preparar para a batalha. Em quinhentos anos desde sua formação, a Legião nunca fora derrotada.

Balinor começara uma lenta subida até o banco de pedra onde os dois humanos o esperavam, pacientes. Sorriu em saudação ao se aproximar, sabendo do desconforto que sentiam por não saberem o que iria acontecer e pela preocupação em relação à segurança do amigo desaparecido. Sentou-se próximo a eles e ficou em silêncio por alguns minutos antes de falar.

— Sei como deve estar sendo difícil para vocês — começou. — Coloquei todos os anões disponíveis para procurar o amigo de vocês. Se alguém é capaz de achar algo nessa região, são eles. E não vão desistir, garanto. — Os irmãos assentiram, entendendo os esforços de Balinor para ajudá-los de todas as formas possíveis. — Estamos em uma época perigosa para este povo, apesar de Allanon não falar sobre isso. Eles estão enfrentando a ameaça de uma invasão de gnomos através do Alto de Anar. Já houve confrontos em toda a fronteira e há sinais de um grande exército se reunindo em algum lugar acima das Planícies de Streleheim. E como vocês devem imaginar, isso tudo está ligado ao Lorde Feiticeiro.

— Isso quer dizer que as Terras do Sul também estão em perigo? — Flick perguntou ansioso.

— Sem dúvida — assentiu Balinor. — Essa é uma das razões para eu estar aqui, para coordenar uma estratégia defensiva com a nação dos anões para o caso de um ataque massivo.

— Afinal, onde Allanon está? — perguntou Shea na mesma hora. — Ele vai chegar a tempo de nos ajudar? O que a Espada de Shannara tem a ver com tudo isso?

Balinor olhou para os rostos confusos e balançou a cabeça devagar.

— Devo confessar, honestamente, que não posso dar as respostas para nenhuma dessas perguntas. Allanon é uma figura muito misteriosa, mas é um homem sábio que sempre foi um aliado de confiança quando precisamos no passado. Da última vez em que o vi, semanas antes de encontrar vocês no Vale Sombrio, marcamos uma data para nos vermos aqui em Anar. Ele já está três dias atrasado.

Ele parou, em silenciosa especulação, olhando para os jardins e para além deles, para as grandes árvores da Floresta de Anar, escutando o som da natureza e as vozes baixas dos anões caminhando na clareira abaixo. De repente, um grito veio de um grupo de anões no sopé dos jardins, seguido por outros gritos e berros misturados em um grande rebuliço vindo da floresta além de Culhaven. Os homens levantaram-se incertos do banco de pedra, olhando rapidamente ao redor, à procura de algum sinal de perigo. A mão firme de Balinor parou no punho de sua espada larga, escondida sob seu manto. Um momento depois, um dos anões veio correndo pelo caminho, gritando loucamente:

— Ele foi encontrado, ele foi encontrado! — berrava animado, quase tropeçando, na pressa de chegar até eles.

Shea e Flick trocaram olhares espantados. O mensageiro parou sem fôlego à frente deles, e Balinor apertou seu ombro, ansioso.

— Eles encontraram Menion Leah? — exigiu saber.

O anão assentiu alegremente, sua forma sólida e pesada tremendo com o esforço da corrida que fez para alcançá-los com a boa notícia. Sem falar nada, Balinor desceu pulando pelo caminho na direção dos gritos, com Shea e Flick logo atrás. Chegaram à clareira em questão de segundos e correram pela trilha da floresta que levava até a aldeia de Culhaven. À frente, podiam escutar os gritos animados do povo anão cumprimentando quem quer que tivesse encontrado o montanhês perdido. Chegaram à aldeia e, passando

pela multidão que bloqueava o caminho, foram direto ao centro da comoção. Um círculo de guardas se abriu para deixá-los entrar em um pequeno pátio ladeado por edifícios, com um muro alto de pedra ao fundo. Em uma longa mesa de madeira estava o corpo imóvel de Menion Leah, o rosto pálido parecendo sem vida. Uma equipe de médicos anões se curvava diligentemente sobre a figura inerte, pelo que parecia cuidando de algum ferimento. Shea deu um grito agudo e tentou correr, mas o braço forte de Balinor o segurou enquanto o guerreiro gritava para um dos anões mais próximos:

— Pahn, o que aconteceu?

Um anão de aparência sólida, de armadura e que, pelo visto, estivera no grupo de busca, correu para o lado deles.

— Ele vai ficar bem depois de ser tratado. Foi encontrado enrolado em uma das sereias no meio das planícies do Monte da Batalha, logo abaixo do Rio Prateado. Nossa equipe de busca não o havia visto. Foi Hendel quem o achou quando voltava das cidades ao sul de Anar. — Balinor assentiu e procurou algum sinal do salvador. — Ele foi para a Assembleia fazer o relatório — o anão respondeu à pergunta que não fora feita.

Acenando para os dois rapazes o seguirem, Balinor abriu caminho na multidão e atravessou a rua principal até o largo prédio da Assembleia. Lá, ficavam as salas dos oficiais de governo da aldeia e a sala de reunião, na qual encontraram o anão Hendel sentado em um dos bancos compridos, comendo ferozmente enquanto um escriba anotava seu relato. Hendel ergueu a vista quando se aproximaram, olhando curioso para os habitantes do vale e acenou brevemente para Balinor, continuando a devorar a refeição. Balinor dispensou o escriba e os três se sentaram na frente do anão desinteressado, que parecia exausto e faminto.

— Que idiota, atacando as sereias com uma espada — resmungou. — Mas ele tem garra. Como está?

— Vai ficar bem com o tratamento — respondeu Balinor, sorrindo para reconfortar os humanos preocupados. — Como você o encontrou?

— Escutei os gritos — o outro continuava comendo sem parar. — Tive de carregá-lo por mais de dez quilômetros antes de encontrar Pahn e o grupo de busca na margem do Rio Prateado. — Ele parou e olhou para os dois rapazes, que escutavam atentamente.

O anão os avaliou, interessado, e voltou-se para Balinor, com as sobrancelhas erguidas.

— Amigos do montanhês. E de Allanon — respondeu o homem da fronteira, inclinando significativamente a cabeça.

Hendel apenas acenou, de forma educada.

— Nunca saberia quem ele era se não tivesse mencionado seu nome — Hendel os informou, apontando para o homem da fronteira. — Ajudaria se de vez em quando alguém me contasse o que está acontecendo antes, não apenas depois.

Ele se recusou a fazer mais comentários, e Balinor sorriu para os dois irmãos confusos se divertindo e dando de ombros para indicar que o anão era irascível por natureza. Shea e Flick estavam um pouco inseguros com o temperamento do sujeito e ficaram quietos enquanto os outros dois conversavam, apesar de estarem ansiosos para ouvirem toda a história do resgate de Menion.

— O que você descobriu sobre Sterne e Wayford? — perguntou Balinor finalmente, referindo-se às grandes cidades das Terras do Sul, logo a oeste e sul de Anar.

Hendel parou de comer e riu de repente.

— Os governantes daquelas duas comunidades vão pensar no assunto e mandar um relatório. Isso é típico deles; eleitos por pessoas sem interesse em equilibrar a situação, não resolvem nada até passarem o problema para outro tolo. Cinco minutos depois que eu comecei a falar, pude ver que me achavam louco. Não veem o perigo até a espada estar no pescoço, então vão gritar pedindo ajuda para nós, que sabíamos disso o tempo todo. — Parou e voltou à sua refeição, obviamente chateado com tudo aquilo.

— Eu devia ter esperado isso — Balinor soou preocupado. — Como poderemos convencê-los do perigo? Faz tanto tempo que não temos uma guerra, que ninguém quer acreditar que uma delas está acontecendo agora.

— Esse não é o problema e você sabe disso — Hendel interrompeu, irritado. — Eles simplesmente acham que não precisam se envolver. Afinal, as fronteiras são protegidas pelos anões, pelas cidades de Callahorn e pela Legião. Estivemos fazendo isso até agora, por que não podemos continuar fazendo? Pobres tolos...

Ele deixou a voz morrer, terminando sua declaração e sua comida, cansado da longa viagem para casa. Estivera na estrada por quase três semanas, viajando para as cidades das Terras do Sul, e parecia que todo o esforço fora em vão. Sentia-se profundamente desanimado.

— Não entendi o que aconteceu — declarou Shea, em voz baixa.

— Bem, somos dois — respondeu Hendel, amargo. — Vou deitar por duas semanas. Vejo vocês em breve.

Ele se levantou de forma abrupta e saiu da sala sem uma breve despedida sequer, com seus ombros largos curvados de cansaço. Os três o viram se afastar em silêncio, os olhos fixos na figura que partia até perderem-no de vista. Shea voltou-se questionador para Balinor.

— É uma longa história de complacência, Shea. — O guerreiro alto suspirou e se espreguiçou ao se levantar. — Estamos à beira da maior guerra dos últimos milhares de anos, mas ninguém quer aceitar isso. Todos agem da mesma maneira, deixando poucos tomando conta dos portões da cidade enquanto o resto desiste e volta para casa. Isso de depender de poucos para proteger todos se tornou um hábito. E um dia... os poucos não serão o bastante e o inimigo estará na cidade, passando pelos portões abertos.

— Vai mesmo acontecer uma guerra? — perguntou Flick, com uma pontada de medo.

— É essa a pergunta — respondeu Balinor devagar. — O único homem que poderia nos responder está ausente... e atrasado.

Com o entusiasmo de encontrar Menion vivo e bem, os jovens do vale se esqueceram de Allanon por um momento, o homem que era a razão de estarem em Anar. As perguntas já familiares novamente passaram por suas mentes com mais persistência, mas nas últimas semanas haviam aprendido a conviver com elas e colocaram todas as dúvidas de lado mais uma vez. Balinor chamou a atenção deles ao se mover na direção da porta aberta. Ambos o seguiram na mesma hora.

— Sabem, vocês não devem ligar para Hendel — assegurou enquanto caminhavam. — Ele é rabugento assim com todo mundo, mas é um dos melhores amigos que alguém poderia ter. Ele lutou e venceu os gnomo na parte superior de Anar por anos, protegendo seu povo e os cidadãos relapsos das Terras do Sul que esquecem muito facilmente o papel crucial que os

anões têm como guardiões dessas fronteiras. Os gnomos gostariam de colocar as mãos nele.

Shea e Flick não disseram nada, envergonhados com o fato de pessoas de sua própria raça serem tão egoístas, e, ao mesmo tempo, percebendo que também ignoravam a situação em Anar antes de Balinor contá-la. Ficaram incomodados ao saberem de novas hostilidades entre as raças, lembrando-se das lições de História sobre as antigas guerras raciais e o terrível ódio que permeava durante aqueles anos terríveis. A possibilidade de uma terceira guerra das raças era aterrorizante.

— Por que vocês dois não voltam para os jardins? — aconselhou o Príncipe de Callahorn. — Eu envio uma mensagem assim que souber de qualquer mudança no estado de Menion.

Os irmãos concordaram, relutantes, conscientes de que não teriam escolha. Antes de se recolherem naquela noite, passaram na sala onde estava Menion, apenas para ouvirem de um anão sentinela que o amigo estava dormindo e não deveria ser incomodado.

Na tarde seguinte, contudo, o montanhês acordou e recebeu a visita dos dois amigos ansiosos. Até Flick estava aliviado em ver o outro vivo e bem, apesar de declarar solenemente que previra a desgraça muitos dias antes, quando decidiram viajar através dos Carvalhos Negros. Menion e Shea riram com o eterno pessimismo de Flick, mas não discutiram. Shea explicou como Menion fora levado para Culhaven por Hendel, e continuaram com o relato da maneira misteriosa como ele e Flick foram encontrados às margens do Rio Prateado. Menion estava tão espantado quanto eles com aquela estranha jornada e também não tinha uma explicação lógica. Shea deixou cuidadosamente de lado qualquer menção à lenda de um Rei do Rio Prateado, sabendo muito bem qual seria a reação do montanhês a qualquer especulação que envolvesse uma velha história popular.

Naquele mesmo dia, no começo da noite, receberam a notícia do retorno de Allanon. Shea e Flick estavam preparando-se para visitar Menion quando ouviram gritos animados dos anões passando debaixo das janelas abertas de seu quarto e indo na direção da Assembleia, onde algum tipo de reunião estava para começar. Os dois mal tinham dado um passo além da porta

quando foram cercados por um grupo de quatro guardas e conduzidos apressadamente através da multidão, pelas portas abertas da grande Assembleia até uma pequena sala ao lado, onde foi pedido que permanecessem. Os anões fecharam a porta sem dizer nada ao saírem, colocando as trancas no lugar e assumindo posição de guarda do lado de fora. A sala estava muito iluminada e mobiliada com várias mesas longas e bancos, nos quais os espantados rapazes do vale sentaram-se em silêncio. As janelas da sala estavam fechadas e, mesmo sem verificar, Shea sabia que estavam trancadas, tal como a porta. Da sala da Assembleia, vinha o som da voz grave de uma única pessoa.

Vários minutos depois, a porta se abriu e Menion, corado e reestabelecido, foi bruscamente jogado para dentro por dois guardas. Quando foram deixados a sós, o montanhês explicou que havia passado pela mesma situação que os dois irmãos. Pelos trechos de conversas que ouvira no caminho, parecia que os anões de Culhaven, e provavelmente em toda Anar, estavam se preparando para a guerra. Quaisquer que fossem as notícias que Allanon houvesse trazido consigo, deixara a comunidade anã em total confusão. Pensou ter visto Balinor de relance pelas portas abertas da Assembleia, na plataforma à frente do edifício, mas os guardas o apressaram e por isso não tinha certeza.

As vozes da reunião do lado de fora da porta subiram de tom para um rugido trovejante, e os três pararam, esperando. Segundos se passaram enquanto os gritos continuavam no salão amplo, espalhando-se pelo terreno aberto do lado de fora, igualmente tomado por anões. Quando os gritos ficaram ensurdecadores, a porta da sala se abriu de repente para deixar passar a figura escura e majestosa de Allanon.

Ele foi até os dois jovens do vale e apertou suas mãos, cumprimentando-os pela jornada bem-sucedida até Culhaven. Vestia-se da mesma forma de quando Flick o encontrara pela primeira vez, o rosto magro parcialmente escondido pelo capuz, sua aparência sombria e fatídica. Cumprimentou Menion com cortesia e foi até a cabeceira da mesa mais próxima, sinalizando para que também se sentassem. Fora seguido por Balinor e por mais alguns anões que aparentemente eram os líderes da comunidade, entre eles o temperamental Hendel. Por fim, atrás de todos, vinham duas figuras esbeltas e cinzentas, vestidas com roupas largas de caçadores; ambas se

sentaram em silêncio próximo a Allanon na cabeceira da mesa. Shea podia vê-los com nitidez de onde estava, na outra ponta, e depois de uma rápida análise, concluiu que eram elfos das distantes Terras do Oeste. Seus rostos finos, com sobrancelhas arqueadas e estranhas orelhas pontudas, marcavam-nos de forma distintiva. Shea voltou-se e viu que tanto Flick quanto Menion o observavam, curiosos, obviamente admirando a forte semelhança do amigo com os dois estranhos. Nenhum deles jamais vira um elfo, e apesar de saberem que Shea tinha sangue élfico e de terem ouvido descrições sobre aquele povo, nunca haviam tido a chance de compará-los com ele.

— Meus amigos — a voz grave de Allanon ressoou sobre os murmúrios enquanto se erguia imperioso com seus mais de dois metros de altura. A sala ficou imediatamente em silêncio e todos os rostos se viraram em sua direção. — Meus amigos, preciso dizer a vocês algo que ainda não contei a ninguém. Nós sofremos uma grave perda. — Ele parou e olhou os rostos ansiosos ao redor. — Paranor caiu. Uma divisão de gnomos caçadores, sob o comando do Lorde Feiticeiro, tomou a Espada de Shannara.

O silêncio mortal reinou por quase dois segundos, quando os anões se levantaram, gritando com raiva. Balinor levantou-se também e tentou acalmá-los. Shea e Flick se entreolhavam sem acreditar. Apenas Menion parecia não ter sido afetado, o rosto fino analisando com cuidado a figura sombria na cabeceira da mesa.

— Paranor foi tomada por dentro — continuou Allanon, depois que a ordem voltou parcialmente. — Temos poucas dúvidas sobre o destino dos que guardavam a Fortaleza e a espada. Disseram-me que foram executados. Ninguém sabe exatamente como aconteceu.

— Você esteve lá? — perguntou Shea de repente, sentindo na mesma hora que era um questionamento estúpido.

— Deixei sua casa no vale tão de repente porque recebi notícias de que estavam tentando capturar Paranor. Cheguei tarde demais para ajudar quem estava dentro e quase não escapei. Esta foi uma das razões de eu ter me atrasado para chegar em Culhaven.

— Mas se Paranor caiu e a espada foi tomada...? — A pergunta sussurrada por Flick era cheia de presságios.

— O que poderemos fazer? — completou Allanon, rispidamente. — É esse o problema que enfrentamos, o problema para o qual precisamos de

uma resposta imediata e a razão para este conselho. — Allanon deixou sua posição na cabeceira da mesa de repente e postou-se atrás de Shea. Colocou uma mão grande no ombro fino e encarou sua audiência atenta. — A Espada de Shannara é inútil nas mãos do Lorde Feiticeiro. Só pode ser erguida por um filho da Casa de Jerle Shannara e apenas isso impede que o mal nos ataque agora. Por isso, ele tem sistematicamente caçado e matado todos os membros dessa Casa, um de cada vez, um após o outro, mesmo que eu tenha tentado proteger todos os que encontrei. Agora, todos estão mortos; todos menos um: o jovem Shea. Ele é apenas metade elfo, mas é um descendente direto do Rei que mereceu a espada tantos anos atrás. E ele deve erguê-la novamente.

Shea teria saído correndo pela porta se não fosse a mão forte agarrando seu ombro. Olhou desesperado para Flick e viu o medo em seus olhos espelhado nos de seu irmão. Menion não se mexeu, mas parecia estar visivelmente impressionado por aquela declaração sombria. O que Allanon esperava de Shea era muito mais do que qualquer homem teria o direito de pedir.

— Bem, acho que abalamos um pouco o nosso jovem amigo. — Allanon deu uma risada curta. — Não se desespere, Shea. As coisas não são tão ruins quanto podem parecer agora. — Virou-se de repente e voltou para a cabeceira da mesa para encarar os demais. — Precisamos recuperar a espada de qualquer jeito. Não temos escolha. Se falharmos, toda a terra será lançada na maior guerra que as raças já viram desde a que quase destruiu a vida, há dois mil anos. A espada é a chave. Sem ela, precisaremos contar apenas com nossa força mortal e nossa habilidade de luta; uma batalha com ferro e músculo que apenas resultará em mortes incontáveis para ambos os lados. O mal é o Lorde Feiticeiro e ele não pode ser destruído sem a espada e a coragem de alguns homens, sendo que alguns estão nessa sala.

Novamente, fez uma pausa para medir o impacto de suas palavras. O silêncio era absoluto enquanto olhava incerto para a galeria de rostos sérios que o encaravam. De repente, Menion Leah levantou-se do outro lado da mesa e encarou o gigante.

— Você está sugerindo que devemos ir atrás da espada... em Paranor.

Allanon assentiu devagar, um meio sorriso brincando em seus lábios finos enquanto esperava a reação dos espantados ouvintes. Seus olhos fundos

brilhavam negros debaixo da testa, observando cuidadosamente os rostos ao redor. Menion sentou-se devagar, a descrença clara no rosto bonito enquanto Allanon continuava:

— A espada ainda está em Paranor e é bem provável que continue lá. Nem Brona nem os Portadores da Caveira podem removê-la pessoalmente. A mera presença física do talismã é uma maldição para sua existência no mundo físico. Qualquer exposição a ela por mais de sete minutos gerará uma dor excruciante. Isso significa que qualquer tentativa de transportar a espada para o Reino da Caveira precisa ser feita pelos gnomos que estão em Paranor. Eventine e seus guerreiros élficos tinham a tarefa de proteger a fortificação druida e a espada. Apesar de Paranor estar perdida para nós, os elfos ainda detêm o trecho sul de Streleheim, ao norte da Fortaleza, e qualquer tentativa de viajar até o Lorde das Trevas envolve passar por essas patrulhas. Parece que Eventine não estava em Paranor quando ela caiu, e creio que ele tentará retomar a espada ou pelo menos impedir qualquer tentativa de removê-la. O Lorde Feiticeiro tem consciência disso e não acho que se arriscará a perder a arma deixando que gnomos a carreguem. Em vez disso, vai se entrincheirar em Paranor até que seus exércitos se movam para o sul. Há ainda a possibilidade de que o Lorde Feiticeiro não espere que tentemos recuperar a espada. Ele pode considerar que a Casa de Shannara já foi exterminada. Pode estar esperando que nos concentremos em fortalecer nossas defensas contra o assalto iminente. Se agirmos agora, um pequeno grupo pode conseguir chegar até a Fortaleza sem ser detectado e recuperar a espada. Uma missão dessas é perigosa, mas caso haja uma chance mínima de sucesso, vale o risco.

Balinor se levantara, indicando que queria falar. Allanon assentiu e se sentou.

— Não entendo o poder que a espada tem sobre o Lorde Feiticeiro, admito honestamente — o guerreiro alto começou. — Mas sei da ameaça que todos iremos enfrentar se o exército de Brona invadir as Terras do Sul e Anar, como nossos informantes dizem que está prestes a fazer. Minha terra será a primeira a encarar essa ameaça, e se eu puder impedir isso de qualquer maneira, então não há outra coisa a fazer: irei com Allanon.

Os anões pularam da cadeira e gritaram seu apoio com entusiasmo. Allanon ergueu-se e levantou o longo braço pedindo silêncio.

— Esses dois jovens elfos ao meu lado são primos de Eventine. Irão me acompanhar, pois têm tanto a perder quanto nós, talvez mais. Balinor também irá, assim como um dos líderes dos anões; apenas um. Precisa ser um grupo pequeno e muito eficiente de caçadores para termos sucesso. Escolham o melhor entre vocês e o deixem vir conosco.

Olhou para a outra mesa, onde Shea e Flick observavam tudo, em um estado que misturava choque e confusão. Menion Leah pensava, sem olhar para ninguém. Allanon relanceou Shea, cheio de expectativas, seu rosto sério suavizando-se ao ver os olhos espantados do jovem que chegara tão longe, enfrentando tantos perigos, àquele santuário pacífico, apenas para dizer que deveria deixá-lo para fazer uma viagem ainda mais perigosa para o norte. Mas não houvera tempo para prepará-lo melhor. Sacudiu a cabeça em dúvida e esperou.

— Acho melhor eu ir também — a declaração abrupta veio de Menion, que novamente se levantara para encarar os outros. — Eu vim com Shea até aqui para ter certeza de que ele alcançaria a segurança de Culhaven, o que ele fez. Meu dever com ele terminou, mas devo proteger meu povo e minha terra de todas as formas possíveis.

— E o que você tem a oferecer? — perguntou Allanon bruscamente, surpreso pelo montanhês ter se oferecido sem antes ter consultado os amigos. Shea e Flick estavam visivelmente surpresos com aquela declaração inesperada.

— Sou o melhor arqueiro das Terras do Sul — respondeu Menion. — E talvez também seja o melhor rastreador. — Allanon hesitou por um momento e depois olhou para Balinor, que deu de ombros. Por um instante, Allanon e Menion se encararam, como se julgassem a intenção um do outro. Menion sorriu friamente para o historiador e perguntou: — E por que eu deveria responder a você?

A figura do outro lado da mesa o observou, quase curiosamente, e um silêncio mortal se abateu sobre todos. Até Balinor deu um passo curto para trás, chocado. Shea soube na hora que Menion procurava encrenca e todos na mesa pareciam saber algo sobre o agourento Allanon que os três amigos desconheciam. O assustado rapaz do vale olhou rapidamente para Flick, cujo rosto corado havia ficado pálido ao pensar em um confronto entre os

dois homens. Desesperado para evitar qualquer problema, Shea se levantou de repente e pigarreou. Todos olharam para ele e sua mente ficou em branco.

— Você tem algo a dizer? — perguntou Allanon, sombrio. Shea assentiu e sua mente correu desesperadamente, sabendo que todos aguardavam. Olhou de novo para Flick, que conseguiu fazer um aceno quase imperceptível de cabeça, indicando que concordaria com o que o irmão decidisse. Shea pigarreou novamente e disse: — Minha habilidade especial parece ser a de ter nascido na família errada, mas pretendo resolver esse assunto. Flick e eu, e Menion também, iremos para Paranor.

Allanon balançou a cabeça, aprovando, e conseguiu até mesmo dar um leve sorriso. Por dentro, estava satisfeito com o jovem. Shea, mais do que qualquer um dos outros, precisava ser forte. Ele era o último membro da Casa de Shannara e o destino de muitos dependia daquela pequena e singular sorte de nascimento.

Do outro lado da mesa, Menion Leah relaxou em silêncio, um suspiro de alívio quase inaudível escapando de seus lábios enquanto ele se parabenizava internamente. Ele provocara Allanon de propósito e, ao fazer isso, forçara Shea a resgatá-lo, concordando em ir até Paranor. Fora uma aposta desesperada para induzir o amigo a decidir que iria acompanhá-los. O montanhês chegara muito perto do que poderia ter sido um confronto fatal com Allanon. Tivera sorte. Perguntou-se se a sorte continuaria sorrindo para ele durante a jornada.

Capítulo IX

Shea ficou na escuridão do lado de fora da Assembleia em silêncio, deixando o ar noturno lavar seu rosto quente com ondas frias. Flick, logo à sua direita, o rosto largo e sério sob a luz sombria da lua. Menion estava encostado de qualquer jeito no tronco de um carvalho alto, alguns metros à esquerda. A reunião acabara e Allanon pedira que o esperassem. O nômade alto continuava lá dentro, com alguns anões anciões, fazendo os preparativos para conter a invasão que esperavam na parte alta de Anar. Balinor estava com eles, coordenando a defesa da famosa Legião da Fronteira, na distante Callahorn, com a ajuda do exército anão das Terras do Leste. Shea sentiu alívio por estar fora da pequena e lotada sala; ali, na noite aberta, podia pensar mais claramente em sua decisão apressada de se juntar ao grupo que ia para Paranor. Ele sabia — e supunha que Flick também — que não poderiam esperar ficar de fora do inevitável conflito que envolvia a Espada de Shannara. Poderiam permanecer em Culhaven, vivendo quase como prisioneiros, na esperança de que os anões os defendessem dos Portadores da Caveira. Poderiam ficar naquela terra estranha, longe de todos aqueles que os conheciam, esquecidos por todos com o tempo, exceto pelos anões. Mas se alienar assim seria pior do que qualquer destino que fossem encontrar nas mãos do inimigo. Pela primeira vez, Shea percebeu que deveria aceitar, de uma vez por todas, o fato de que não era mais apenas o filho adotivo de Curzad Ohmsford. Ele era filho da Casa Élfica de Shannara, filho de reis e herdeiro da famosa espada, e mesmo que quisesse que as coisas fossem de outro jeito, deveria aceitar o que a sorte lhe decretara.

Olhou em silêncio para o irmão, que estava perdido em pensamentos, encarando a terra escurecida, e sentiu uma pontada aguda de tristeza ao se lembrar da lealdade dele. Flick era corajoso e o amava, mas não esperava aquela mudança de planos que iria levá-los direto para o coração dos domínios do inimigo. Shea não queria que Flick se envolvesse naquele

assunto, não era sua responsabilidade. Sabia que o homem corpulento jamais o abandonaria enquanto achasse que poderia ajudar, mas talvez agora Flick pudesse ser convencido a ficar para trás, até mesmo a retornar para o vale e explicar ao pai o que acontecera com eles. Porém, mesmo enquanto brincava com a ideia, logo a descartou, sabendo que Flick jamais desistiria. Independentemente do que acontecesse, iria até o final.

— Houve uma época — a voz baixa de Flick estilhaçou seus pensamentos — em que eu poderia jurar que passaria minha vida inteira sozinho e tranquilo no Vale Sombrio. Agora, parece que vou ser parte de um esforço para salvar a humanidade.

— Você acha que eu deveria ter feito outra escolha? — perguntou Shea, depois de pensar por um momento.

— Não, não acho. — Flick negou com a cabeça. — Mas você se lembra do que conversamos na viagem até aqui, sobre as coisas fugindo de nosso controle e até de nossa compreensão? Veja como temos pouco controle sobre o que está acontecendo conosco. — Ele parou e olhou por cima do irmão. — Acho que você fez a escolha certa e, o que quer que aconteça, estarei com você.

Shea deu um sorriso largo e colocou a mão no ombro do irmão, pensando que aquilo era exatamente o que previra que Flick diria. Era um gesto simples, talvez, mas significava mais do que qualquer outro. Percebeu a aproximação súbita de Menion e se virou para encarar o montanhês.

— Suponho que vocês me consideram um idiota depois do que aconteceu esta noite — declarou Menion, abruptamente. — Mas esse idiota concorda com o velho Flick. O que quer que aconteça, iremos enfrentar juntos, seja um mortal ou um espírito.

— Você fez aquela cena para fazer Shea concordar em deixar você vir junto, não foi? — irado, Flick perguntou. — Foi o truque mais baixo que já vi.

— Deixe para lá, Flick — Shea logo o interrompeu. — Menion sabia o que estava fazendo e foi a coisa certa. Eu teria escolhido ir, de qualquer jeito, pelo menos eu acho. Agora, precisamos esquecer o passado, esquecer nossas diferenças e permanecer juntos para o nosso próprio bem.

— Se ele ficar onde eu possa vê-lo, tudo bem — respondeu o irmão, amargo.

A porta da sala de reuniões se abriu de repente e a figura larga de Balinor se destacou sob a luz das tochas de dentro. Ele observou os três jovens parados logo à sua frente na escuridão; fechou a porta e foi até eles, sorrindo levemente enquanto se aproximava.

— Estou feliz por vocês terem decidido vir conosco. Todos vocês — declarou. — Devo acrescentar, Shea, que sem você a viagem não teria sentido. Sem o herdeiro de Jerle Shannara, a espada é apenas um pedaço de metal.

— O que você pode nos contar sobre essa arma mágica? — perguntou Menion.

— Vou deixar isso para Allanon — respondeu Balinor. — Ele quer falar com vocês aqui, dentro de alguns minutos.

Menion assentiu, intimamente perturbado com a ideia de encontrar o homem alto de novo naquela noite, mas curioso em ouvir mais sobre o poder da espada. Shea e Flick trocaram olhares rápidos. Ao menos, aprenderiam toda a história sobre o que estava acontecendo nas Terras do Norte.

— Por que você está aqui, Balinor? — perguntou Flick, cuidadoso, não querendo se intrometer em assuntos pessoais do homem da fronteira.

— É uma história longa demais para ser interessante — respondeu o outro, quase rispidamente, fazendo Flick acreditar que passara dos limites. Balinor viu sua expressão preocupada e sorriu para acalmá-lo. — Minha família e eu não estamos nos dando bem ultimamente. Meu irmão mais novo e eu tivemos um... desentendimento, e eu quis deixar a cidade por um tempo. Então, Allanon pediu para que eu o acompanhasse até Anar, e como Hendel e os outros são velhos amigos, concordei.

— Uma história bem familiar para mim — comentou Menion, secamente. — Muitas vezes tive problemas parecidos.

Balinor assentiu e deu um meio sorriso, mas, pelos seus olhos, Shea podia ver que ele não considerava o assunto divertido. O que quer que tivesse causado a sua saída de Callahorn, era bem mais sério do que qualquer coisa que Menion tivesse enfrentado em Leah. Shea rapidamente mudou de assunto.

— O que você pode nos dizer de Allanon? Estamos confiando nele mais do que o habitual e ainda não sabemos nada sobre o homem. Quem é ele?

Balinor levantou as sobrancelhas e sorriu, divertindo-se com a pergunta e, ao mesmo tempo, parecendo indeciso sobre como deveria respondê-la. Afastou-se um pouco, para pensar, e depois voltou de repente, acenando de forma vaga na direção da Assembleia.

— Na verdade, eu também não sei muito sobre Allanon — admitiu, sincero. — Ele viaja muito, explorando o mundo, anotando as mudanças e o crescimento da terra e de seu povo. Ele é bem conhecido em todas as nações; acho que já estive em todos os lugares. Seu conhecimento deste mundo é extraordinário, e a maioria não se encontra nos livros. Ele é notável...

— Mas quem é ele? — Shea insistiu, ansioso, sentindo que o outro deveria conhecer a verdadeira origem do historiador.

— Não sei dizer ao certo, pois nunca confiou em ninguém completamente, nem mesmo em mim, que sou quase um filho para ele — Balinor disse em voz baixa, tão suavemente que os outros tiveram de se aproximar um pouco para ter certeza de que não perderiam nenhuma palavra. — Os anciões de meu povo e dos anões dizem que ele é o maior dos Druidas, um membro daquele conselho quase esquecido que governou os homens, há mais de mil anos. Dizem que ele descende diretamente do Druida Bremen; talvez até mesmo do próprio Galaphile. Eu acho que há muita verdade nisso, pois ele ia com frequência a Paranor e lá ficava por longos períodos, anotando suas descobertas nos grandes livros de registro que ficam guardados.

Parou por um momento e seus três ouvintes se entreolharam, pensando se o austero historiador poderia mesmo ser um descendente direto dos Druidas, maravilhados com os séculos de história por trás do homem. Shea já suspeitara que Allanon era um dos antigos filósofos-professores conhecidos como Druidas, e era óbvio que o homem tinha mais conhecimento sobre as raças e as origens da ameaça que os afligia do que qualquer outro. Ele virou-se para Balinor, que estava falando de novo:

— Não posso explicar, mas não acho que tenhamos melhor companhia para enfrentar qualquer perigo, mesmo se tivermos de encarar o Lorde Feiticeiro em pessoa. Apesar de eu não ter nenhuma prova concreta ou mesmo um exemplo para compartilhar com vocês, estou certo de que o

poder de Allanon vai além de qualquer coisa que já vimos. Ele seria um inimigo muito, muito perigoso.

— Disso não tenho a menor dúvida — Flick resmungou, seco.

Poucos minutos depois, a porta da sala de reuniões se abriu e Allanon surgiu silencioso. À meia-luz do luar, ele parecia imenso e ameaçador, quase uma réplica dos temíveis Portadores da Caveira que tanto temiam; a capa negra sacudindo levemente enquanto ele se aproximava, o rosto fino escondido nas sombras do grande capuz. Ficaram em silêncio, imaginando o que ele lhes contaria, o que significaria para eles nos dias que viriam. Talvez ele soubesse o que estavam pensando por instinto, pois não conseguiam penetrar a máscara inescrutável que escondia sua expressão severa e protegia o homem sob ela. Podiam apenas ver o repentino brilho dos olhos quando ele parou à frente de todos e observou lentamente cada rosto. Um silêncio profundo e cheio de presságios desceu sobre o pequeno grupo.

— Chegou a hora de vocês conhecerem a história completa por trás da Espada de Shannara, aprender a história das raças como apenas eu conheço — sua voz os alcançou e desviou imperiosamente a atenção. — É essencial que Shea entenda, e como os demais compartilham os riscos envolvidos, também devem conhecer a verdade. O que vocês irão aprender agora deve ficar em segredo até que eu diga que não tem mais importância. Será difícil, mas vocês deverão fazê-lo.

Ele acenou para que o seguissem e afastou-se da clareira, afundando-se na escuridão das árvores. Quando estavam a centenas de metros, dentro da floresta, virou para uma clareira pequena e quase escondida. Sentou-se no toco gasto de um tronco antigo e gesticulou para que se acomodassem. Todos o fizeram rapidamente e esperaram em silêncio enquanto o famoso historiador unia seus pensamentos e se preparava para falar.

— Há muito tempo — enfim começou, ainda pensando nas palavras enquanto falava —, antes das Grandes Guerras, antes da existência das raças da forma como as conhecemos hoje, a terra era, ou pelo menos se pensava que era, habitada apenas por humanos. A civilização se desenvolveu por milhares e milhares de anos, anos de trabalho duro e de aprendizado que levaram a Humanidade a quase compreender o próprio segredo da vida. Era um tempo fabuloso e excitante para se viver, tão grandioso que a maior parte seria incompreensível para vocês se eu tivesse o poder para apresentar

a imagem mais perfeita. Contudo, enquanto o homem trabalhou durante tantos anos para descobrir os segredos da vida, nunca conseguiu fugir de seu fascínio avassalador pela morte. Era sempre uma alternativa, mesmo na nação mais civilizada. Estranhamente, o catalisador de cada descoberta era sempre a mesma busca sem fim: a ciência. Mas não as ciências que as raças conhecem hoje; não era o estudo da vida dos animais e das plantas, da terra e das artes simples. Era uma ciência de máquinas e poder, uma que se dividia em infinitos campos de exploração, todos trabalhando na direção de dois fins: descobrir maneiras melhores de viver ou maneiras mais rápidas de matar. — Ele parou e sorriu sombriamente para si mesmo, inclinando a cabeça na direção do atento Balinor. — Muito estranho mesmo, se pararmos para pensar que a Humanidade tenha perdido tanto tempo trabalhando com dois objetivos tão diferentes. Inclusive agora, nada mudou, mesmo depois de tantos anos.

Sua voz foi sumindo por um momento e Shea arriscou observar rapidamente os outros, cujos olhos estavam fixos no homem que falava.

— Ciências do poder! — A exclamação súbita de Allanon fez a cabeça de Shea virar com um estalo. — Esses eram os meios para todos os fins daquela era. Dois mil anos atrás, as conquistas da raça humana eram inigualáveis na história da Terra. A velha inimiga do homem, a Morte, só poderia reclamar aqueles que tinham vivido seu tempo natural. A doença estava virtualmente erradicada e, com mais algum tempo, a Humanidade encontraria um jeito de prolongar a vida. Alguns filósofos proclamavam que os segredos da vida eram proibidos para os mortais. Ninguém provou o contrário. Poderiam tê-lo feito, mas o tempo deles acabou e os mesmos elementos de poder que tornaram sua vida livre de doenças e enfermidades quase os destruíram. As Grandes Guerras começaram, crescendo gradativamente de pequenas disputas entre alguns povos e espalhando-se rapidamente, apesar de terem percebido o que estava acontecendo. Espalhou-se de assuntos triviais para ódios primitivos: raça, nacionalidade, fronteiras, credos... No final, tudo. E, de repente, tão subitamente que poucos sabiam o que estava acontecendo, o mundo inteiro estava envolvido em uma série de ataques retaliatórios de países diferentes, todos muito cientificamente planejados e executados. Em questão de minutos, a ciência de milhares de anos, o conhecimento de séculos, culminou na destruição quase total da vida. As Grandes Guerras —

a voz profunda tinha um tom soturno; seus olhos escuros brilhavam, observando cuidadosamente os rostos de seus ouvintes. — Um nome bem escolhido. O poder usado naqueles poucos minutos de batalha não só teve sucesso em apagar aqueles milhares de anos do crescimento humano, como também iniciou uma série de explosões e elevações que alteraram completamente a superfície da terra. A força inicial fez a maior parte do estrago, matando tudo o que estava vivo em noventa por cento da face da terra, mas os efeitos posteriores deram continuidade às mudanças e às extinções, separando os continentes, secando oceanos, tornando terras e mares inabitáveis por várias centenas de anos. Deveria ter sido o fim de toda a vida, talvez o fim do mundo. Apenas um milagre impediu esse fim.

— Não posso acreditar — as palavras fugiram antes que Shea conseguisse se controlar e Allanon olhou em sua direção, o familiar sorriso debochado no rosto.

— Essa é a história do homem civilizado, Shea — murmurou, sombrio. — Mas o que aconteceu depois nos preocupa mais. Remanescentes da raça humana conseguiram sobreviver durante o período terrível que se sucedeu ao holocausto, vivendo em setores isolados do mundo, lutando contra os elementos para sobreviver. Era o começo do desenvolvimento das raças como as conhecemos hoje; humanos, anões, gnomos, trolls e, segundo alguns, elfos. Porém, todos sempre estiveram aqui e esta é uma história para outra hora.

Allanon fizera exatamente o mesmo comentário sobre o povo élfico para os irmãos Ohmsford no Vale Sombrio. Shea queria muito interromper a narrativa naquele ponto sobre os elfos e sua origem. Entretanto, sabia muito bem que não deveria irritar o mago interrompendo-o como o fizera várias vezes em seu primeiro encontro.

— Poucos homens se lembravam dos segredos das ciências que definiram a maneira de viver antes da destruição do velho mundo. Apenas poucos lembravam. A maior parte era de criaturas primitivas e aqueles poucos podiam apenas recolher trechos e pedaços de conhecimento. Mas mantiveram intactos seus livros de aprendizado, que podiam contar a maioria dos segredos das antigas ciências. Esconderam todos os livros e os protegeram durante aqueles primeiros séculos, incapazes de colocar as palavras em uso, esperando a época em que conseguiriam. Em vez disso,

liam seus preciosos textos e então, quando os livros começaram a se estragar com o tempo e não havia forma de preservá-los ou copiá-los, aqueles poucos homens que possuíam os livros começaram a memorizar a informação. Os anos se passaram e o conhecimento era transmitido cuidadosamente de pai para filho, cada geração mantendo o conhecimento seguro na família, protegendo-o daqueles que não o usariam com sabedoria, que poderiam criar um mundo em que as Grandes Guerras talvez acontecessem de novo. No final, mesmo depois que se tornara possível gravar a informação daqueles livros insubstituíveis, os homens que os memorizaram se recusaram a registrá-los. Ainda temiam consequências, tinham medo de seus companheiros e até de si mesmos. Então decidiram, a maioria individualmente, esperar a hora certa para oferecer seu conhecimento às novas raças que cresciam. Os anos se passaram dessa forma enquanto as novas raças lentamente se desenvolviam além do estágio da vida primitiva. Começaram a se unificar em comunidades, tentando construir uma nova vida a partir da ruína da antiga, mas, como já disse, eles não estavam à altura dessa tarefa. Brigavam violentamente por causa de terra; travaram disputas mesquinhas que logo viraram conflitos armados entre as raças. Foi nesse momento, quando os filhos dos primeiros homens, que haviam guardado os segredos da antiga vida e das velhas ciências, viram que tudo estava regredindo para o que destruíra o mundo antigo, que decidiram agir. Um humano chamado Galaphile viu o que estava acontecendo e percebeu que se nada fosse feito as raças certamente entrariam em guerra. Assim, chamou um grupo seletivo de homens, todos os que pôde encontrar que detinham algum conhecimento sobre os velhos livros, para um conselho em Paranor.

— E esse foi o primeiro Conselho Druida — murmurou Menion, admirado. — Um conselho reunindo todos os homens sábios daquela era, unindo seus conhecimentos para salvar as raças.

— Um esforço muito louvável para explicar uma tentativa desesperada de impedir o extermínio da vida. — Allanon deu uma breve risada. — O Conselho Druida foi formado com as melhores intenções da parte da maioria, talvez até por todos. Eles tiveram uma grande influência sobre as raças por serem capazes de oferecer muitas coisas que faziam a vida melhor para todos. Operavam estritamente como um grupo, cada homem contribuindo com o que sabia para o benefício de todos. Apesar de terem

conseguido impedir o começo de uma guerra e manter a paz entre as raças no início, encontraram problemas inesperados. O conhecimento que cada um possuía tinha se alterado um pouco por ter sido contado de geração em geração, então muitos dos elementos-chave eram diferentes do que haviam sido. Para complicar a situação existia uma compreensível incapacidade para coordenar os diferentes materiais, os conhecimentos das diversas ciências. Para muitos membros do conselho, o conhecimento passado por seus ancestrais não possuía nenhum significado prático e muita coisa parecia se resumir a palavras confusas. Por isso, enquanto os Druidas, nome que adotaram inspirados em um antigo grupo que procurava a sabedoria, eram capazes de ajudar as raças de muitas maneiras, eram incapazes de juntar o bastante dos textos que haviam memorizado para entender prontamente qualquer conceito importante das grandes ciências, conceitos que, tinham certeza, ajudariam a terra a crescer e a prosperar.

— Então, os Druidas queriam reconstruir o mundo antigo à própria maneira — Shea pronunciou-se. — Eles queriam impedir as guerras que os destruíram da primeira vez, mas mesmo assim recriar os benefícios das antigas ciências.

Flick sacudiu a cabeça, admirado, incapaz de ver o que tudo aquilo tinha a ver com o Lorde Feiticeiro e com a espada.

— Exato — disse Allanon. — Mas o Conselho Druida, apesar de todo o vasto conhecimento e de suas boas intenções, deixou de observar um conceito básico da existência da Humanidade. Sempre que uma criatura inteligente possui um desejo inato de melhorar sua condição e descobrir os segredos do progresso, irá encontrar os meios para isso. De um jeito ou de outro. Os Druidas se recolheram em Paranor, longe de todas as raças do mundo, enquanto trabalhavam sozinhos ou em pequenos grupos para dominar os segredos das antigas ciências. A maioria se apoiava no que tinha à mão, o conhecimento dos membros relatado ao conselho inteiro para tentar reconstruir as velhas maneiras de controlar o poder. Alguns, porém, não se contentaram com essa forma. Sentiram que, em vez de tentar entender melhor as palavras e os pensamentos das velhas coletâneas, o conhecimento já compreensível deveria ser utilizado e desenvolvido em conexão com novas ideias e racionalizações. Então, alguns poucos membros do conselho, agindo sob a liderança de Brona, começaram a mexer nos

antigos mistérios sem esperar uma compreensão total das velhas ciências. Tinham mentes brilhantes, alguns eram gênios, e estavam ansiosos para conseguir, impacientes para dominar o poder que seria tão útil para as raças. No entanto, em uma estranha virada do destino, suas descobertas e avanços os levaram mais e mais além dos estudos do Conselho. As antigas ciências eram enigmas sem respostas para eles, e, assim, desviaram para outras linhas de pensamento, lenta e incansavelmente, emaranhando-se em um campo de estudo que ninguém nunca dominara nem chamara de ciência. O que eles começaram a desvendar foi o poder místico infinito: a feitiçaria! Eles dominaram alguns dos segredos místicos antes de serem descobertos pelo Conselho, que ordenou que interrompessem o trabalho. Houve um desentendimento violento e os seguidores de Brona deixaram o Conselho furiosos e determinados a continuar o projeto de seu próprio jeito. Desapareceram e não foram vistos novamente. — Ele parou por um momento, pensando sua explicação. Seus ouvintes esperaram impacientes. — Agora, sabemos o que aconteceu nos anos seguintes. Durante seus estudos, Brona descobriu os segredos mais profundos da feitiçaria e os dominou. Mas, durante o processo, perdeu a própria identidade, e, ao fim, a própria alma para os poderes que procurou tão ardentemente. Ele se esqueceu das antigas ciências e de seu propósito no mundo. Esqueceu-se do Conselho Druida e de seu objetivo de um mundo melhor. Esqueceu-se de tudo, exceto daquela necessidade de aprender cada vez mais sobre as artes místicas e sobre os segredos do poder da mente para alcançar outros mundos. Brona estava obcecado com a necessidade de aumentar seu poder de dominar os homens e o mundo que habitavam através do domínio daquela força terrível. O resultado dessa ambição foi a infame Primeira Guerra das Raças, quando ele conseguiu dominar as mentes fracas e confusas da raça humana, fazendo aquelas pessoas guerrearem com as outras raças, subjugando-as ante o poder de um homem que não era mais um homem, que nem sequer dominava a si mesmo.

— E seus seguidores? — Menion perguntou, lentamente.

— Vítimas também. Tornaram-se servos de seu líder, escravos do estranho poder da feitiçaria... — a voz de Allanon sumiu, hesitante, como se fosse acrescentar algum efeito aos seus ouvintes. Pensando melhor, continuou: — O fato de esses Druidas infelizes terem esbarrado no exato

oposto do que estavam procurando é em si uma lição para a Humanidade. Talvez, com paciência, tivessem conseguido juntar os elos perdidos das antigas ciências em vez de descobrir o terrível poder do mundo espiritual que se alimentou com voracidade de suas mentes desprotegidas até serem totalmente consumidas. Mentes humanas não estão equipadas para encarar as realidades de existência não material nessa esfera. É demais para qualquer mortal suportar.

Novamente, sua voz sumiu, até cair um silêncio cheio de presságios. Seus ouvintes estavam entendendo a natureza do inimigo que tentavam derrotar. Eles estavam contra um homem que não era mais humana, mas a projeção de uma grande força além da própria compreensão, uma força tão poderosa que Allanon temia ser capaz de afetar a mente humana.

— O resto vocês já conhecem — Allanon retomou, de forma abrupta. — A criatura chamada Brona, que já não tem mais nada de humana, foi a força que guiou as duas Guerras das Raças. Os Portadores da Caveira são os seguidores do antigo mestre Brona. Eles já foram Druidas e humanos; um dia fizeram parte do Conselho de Paranor. Mas não podem fugir de seu destino. As formas que agora têm são a encarnação do mal que representam. Porém, ainda mais importante para nossos propósitos é saber que eles representam uma nova era para a Humanidade, para todas as pessoas nas quatro terras. Enquanto as antigas ciências desapareceram na história, tão completamente esquecidas quanto os anos em que as máquinas eram as emissárias de uma vida fácil, o encantamento da feitiçaria as substituiu, uma ameaça mais poderosa e perigosa para a vida do que qualquer outra antes. Não duvidem de mim, amigos. Vivemos na era do feiticeiro e seu poder ameaça consumir a todos nós.

Houve um momento de silêncio. Um silêncio profundo pendia na floresta naquela noite enquanto as últimas palavras de Allanon pareciam ecoar de volta de forma aguda.

— Qual é o segredo da Espada de Shannara? — perguntou Shea, em voz baixa.

— Na Primeira Guerra das Raças — a resposta de Allanon era quase um sussurro —, o poder do Druida Brona era limitado. Assim, a força combinada das outras raças, aliada ao conhecimento do Conselho Druida, derrotou seu exército e o fez se esconder. Ele poderia ter apenas deixado de

existir e todo o incidente teria ficado para trás como um outro capítulo da História, uma outra guerra entre mortais, se não tivesse conseguido descobrir o segredo para perpetuar sua essência espiritual mesmo muito tempo depois de seus restos mortais terem se decomposto e virado pó. De alguma forma, ele preservou o próprio espírito, alimentando-se do poder das forças místicas que possuía e que lhe davam uma vida à parte da materialidade, à parte da mortalidade. Ele se tornou capaz de transitar entre os dois mundos: aquele em que vivemos e o mundo espiritual além, onde convocou as aparições sombrias que ficaram adormecidas por séculos, e esperou a hora de atacar novamente. Enquanto esperava, viu as raças se afastarem, como sabia que iria acontecer com o tempo, e o poder do Conselho Druida evanecer conforme o interesse pelas raças enfraquecia. Como tudo o que é maligno, esperou até que o peso do ódio, da inveja e da ganância, os defeitos humanos comuns a todas as raças, superassem a bondade e a gentileza, e então atacou. Ganhou controle facilmente sobre os primitivos trolls de pedra das Montanhas Charnal e reforçou seus números com as criaturas do mundo espiritual a que servia, assim seu exército marchou sobre as raças divididas. Como vocês sabem, eles esmagaram o Conselho Druida, exceto alguns poucos que fugiram. Um dos que escaparam foi um velho místico chamado Bremen, que previra o perigo e tentara, em vão, alertar os demais. Como um Druida, ele fora originalmente um historiador, por isso estudara a Primeira Guerra das Raças e sabia sobre Brona e seus seguidores. Intrigado com o que haviam tentado fazer e suspeitando que talvez o misterioso Druida tivesse conseguido descobrir poderes que ninguém conhecia ou poderia combater, Bremen começou o próprio estudo sobre as artes místicas, mas com mais cuidado e respeito pelo poder que poderia encontrar. Depois de muitos anos nessa busca, ficou convencido de que Brona ainda existia e que a próxima guerra começaria e seria decidida pelos poderes da feitiçaria e da magia negra. Vocês podem imaginar o modo como essa teoria foi recebida; ele foi praticamente expulso de Paranor. Como resultado, começou a aprender as artes místicas sozinho e não estava presente quando o castelo de Paranor caiu para o exército troll. Ao descobrir que o Conselho fora tomado, sabia que se não agisse, as raças ficariam indefesas contra o encantamento que Brona havia dominado, um poder que os mortais desconheciam. Mas ele teve de encarar um problema:

como derrotar uma criatura que não podia ser tocada por nenhuma alma mortal e que sobrevivera por quinhentos anos? Ele foi, então, até a maior nação de seu tempo, a dos elfos, comandada por um jovem e corajoso Rei chamado Jerle Shannara, e ofereceu a ele seus serviços. O povo élfico sempre respeitara Bremen, porque o entendiam melhor do que seus colegas Druidas. Ele passou a viver entre eles e lá ficou por vários anos antes da queda de Paranor, enquanto estudava a ciência do misticismo.

— Há uma coisa que não entendi — Balinor falou de repente. — Se Bremen era um mestre das artes místicas, por que não desafiava, ele mesmo, o poder do Lorde Feiticeiro?

A resposta de Allanon foi evasiva.

— Ele confrontou Brona no final, nas planícies de Streleheim, apesar de não ter sido uma batalha visível para olhos mortais e dos dois terem sumido depois disso. Presume-se que Bremen tenha derrotado o Rei dos Espíritos, mas o tempo mostrou o contrário e agora... — ele hesitou por apenas um instante antes de retomar a narrativa, mas a ênfase daquela pausa não se perdeu em nenhum dos seus ouvintes. — De qualquer jeito, Bremen percebeu que precisava de um talismã para servir como um escudo contra o possível retorno de alguém como Brona em uma outra época em que ninguém conheceria as artes místicas para ajudar os povos das quatro terras. Então, teve a ideia de uma espada, uma arma que conteria o poder para derrotar o Lorde Feiticeiro. Bremen forjou a Espada de Shannara com a própria habilidade mística, moldando-a com mais do que o mero metal de nosso mundo, dando-lhe aquela característica especial protetora de todos os talismãs contra o desconhecido. A espada deveria extrair sua força das mentes dos mortais a quem protegeria; o poder da espada viria do próprio desejo deles de permanecerem livres e de darem suas vidas para preservar essa liberdade. Esse era o poder que poderia ser usado para enviar o Lorde Feiticeiro de volta ao limbo ao qual pertencia e de lá aprisioná-lo por toda a eternidade, cortando sua ligação com este mundo. Mas, enquanto ele tiver a espada, ele tem a chance de impedir esse poder de ser usado para destruí-lo para sempre, e isso, meus amigos, é o que não podemos deixar acontecer.

— Mas, como assim, se só um filho da Casa de Shannara...? — A questão formou-se nos lábios hesitantes de Shea, sua mente dando voltas, confusa.

— E essa é a maior ironia de todas! — exclamou Allanon, antes que a pergunta fosse completada. — Se você tiver acompanhado tudo o que contei sobre a mudança na vida depois das Grandes Guerras, como as antigas ciências materialistas deram lugar à ciência de nossos dias, a ciência mística, então você irá entender o que direi: o mais estranho fenômeno de todos. Enquanto as ciências de antigamente operavam em teorias práticas construídas ao redor de coisas que poderiam ser vistas, tocadas e sentidas, a feitiçaria de nosso próprio tempo opera em um princípio totalmente diferente. Seu poder só funcionava quando havia crença nele, pois o poder sobre a mente não pode ser tocado nem visto pelos sentidos humanos. Se a mente não encontra alguma base para acreditar em sua existência, ela não tem efeito real. O Lorde Feiticeiro percebeu isso: o medo e a crença da mente no desconhecido e nos mundos, criaturas e todos os acontecimentos que não podem ser entendidos pelos limitados sentidos humanos, tudo isso junto oferece a ele base mais do que suficiente para praticar as artes místicas. Ele tem se apoiado nessa premissa por mais de quinhentos anos. Do mesmo jeito, a Espada de Shannara não pode ser uma arma eficaz a não ser que aquele que a segurar realmente acredite em seu poder. Quando Bremen deu a espada para Jerle Shannara, ele cometeu o erro de entregá-la diretamente a um Rei e à sua Casa; ele não a entregou para o povo das Terras. Como resultado, por causa da incompreensão humana e de uma confusão histórica, cresceu uma crença universal de que a espada era arma do Rei élfico e somente aqueles que descendessem de seu sangue poderiam usar a espada contra o Lorde Feiticeiro. Então, agora, a não ser que ela seja empunhada por um filho da Casa de Shannara, a pessoa jamais irá acreditar totalmente em seu direito de usá-la. A tradição antiga de que apenas uma determinada pessoa pode empunhá-la faz com que todos os outros tenham dúvidas; e não pode haver dúvidas, ou ela não irá funcionar. Ao contrário, será apenas um mero pedaço de metal. Apenas o sangue e a crença de um descendente de Shannara podem invocar o poder latente da grande espada.

Ele terminou. O silêncio que se seguiu era vazio. Não havia mais nada a ser dito ou contado. Allanon reconsiderou brevemente o que havia prometido a si mesmo. Ele não contara tudo, reservando para si de propósito o pouco que faltara e que poderia ser o horror final para eles. Por dentro, sentiu-se dividido entre o desejo de contar tudo e a percepção

mordaz de que aquilo destruiria qualquer chance de sucesso. O sucesso deles era de importância vital e apenas ele sabia a verdade completa daquele fato. Então, permaneceu sentado em silêncio, amargo em seu conhecimento secreto, com raiva pelos limites autoimpostos, limites que proibiam uma revelação total para aqueles que passaram a depender tão completamente dele.

— Então apenas Shea pode usar a espada se... — Balinor quebrou o silêncio.

— Apenas Shea tem o direito de nascença. Apenas Shea.

Tudo estava tão quieto que até a vida noturna da floresta parecia ter cessado completamente seu barulho constante para contemplar de forma solene a resposta sombria do historiador. O futuro de cada um deles surgia como uma simples declaração de existência: ter sucesso ou ser destruído.

— Agora, retirem-se — Allanon mandou, subitamente. — Durmam enquanto puderem. Deixaremos esse santuário ao amanhecer em direção aos salões de Paranor.

Capítulo X

A manhã chegou rapidamente para o pequeno grupo e a meia-luz dourada os encontrou se preparando para começar a longa jornada com olhos sonolentos. Balinor, Menion e os dois jovens do vale esperavam que Allanon e os primos de Eventine aparecessem. Ninguém falava, em parte porque ainda estavam semiadormecidos e não estavam com o melhor dos humores, e em parte porque cada um pensava sobre a perigosa viagem que teriam à frente. Shea e Flick estavam sentados em um pequeno banco de pedra, sem se olhar, enquanto consideravam a história que Allanon lhes contara na noite anterior, imaginando quais chances teriam de recuperar a Espada de Shannara, usá-la contra o Lorde Feiticeiro para destruí-lo e ainda voltarem vivos para sua terra natal. Shea, principalmente, já havia passado do ponto de sentir medo; já estava tomado por um entorpecimento que deixava sua mente em uma rendição autoimposta, uma aceitação automática do fato de que estava sendo levado para um matadouro. Apesar dessa atitude resignada em relação à viagem para Paranor, em algum lugar no fundo de sua mente havia a crença persistente de que poderia ultrapassar todos esses obstáculos aparentemente intransponíveis. Ele podia sentir a esperança ali, aguardando um momento mais oportuno para surgir e exigir respostas. Mas, naquele momento, deixou-se levar por aquela aceitação entorpecida.

Os jovens do vale estavam vestidos com roupas dadas pelos anões, adequadas para caminhar nas florestas; as vestes incluíam os mantos quentes nos quais estavam enrolados para se proteger do frio do começo da manhã. Além disso, carregavam as facas curtas de caça, que haviam trazido do vale, presas em seus cintos de couro. Suas mochilas eram compactas, apropriadas a seu tamanho pequeno. A região por onde passariam ofereceria algumas das melhores caças de todas as Terras do Sul, e havia várias pequenas comunidades amigas de Allanon e dos anões. Mas também era o lar dos gnomos, inimigos amargos e de longa data dos anões. O pequeno grupo

tinha esperança de manter a vantagem do segredo e da discrição em sua viagem, evitando qualquer confronto com gnomos caçadores. Shea guardara as Pedras Élficas com cuidado no saco de couro, sem mostrá-las para ninguém. Allanon não tocara no assunto desde que chegara em Culhaven. Tivesse ele esquecido ou não, Shea não iria revelar a única arma realmente potente que tinha e manteve o saco escondido em sua túnica.

Menion estava em pé a vários metros dos irmãos, caminhando de um lado para o outro, tranquilamente. Usava roupas de caça sem nenhuma distinção, largas e tingidas de modo a poderem se misturar com a terra, o que tornava suas tarefas de rastreador e caçador o mais descomplicadas possível. Seus sapatos eram de couro macio, endurecido com óleos para torná-lo capaz de seguir qualquer coisa sem ser ouvido e ainda assim andar pelo solo mais irregular sem machucar os pés. Amarrada às suas costas estava a espada embainhada, o punho forte brilhando de leve sob a luz da manhã, enquanto ele andava sem parar. No ombro, levava o arco longo e suas flechas, suas armas favoritas em expedições de caça.

Balinor usava seu manto de caça habitual, enrolado firmemente em seu corpo largo e alto, o capuz puxado sobre a cabeça. Por baixo do manto, trajava sua cota de malha, que brilhava sempre que seus braços emergiam da proteção da vestimenta em breves movimentos. Ele carregava uma faca longa de caça na cintura, assim como a espada mais gigantesca que os jovens do vale já haviam visto. Era tão grande que acharam que um único golpe da lâmina larga poderia atravessar um homem. Estava escondida sob o manto, mas os irmãos a viram amarrada ao seu lado quando ele viera na direção deles naquela manhã.

A espera finalmente chegou ao fim quando Allanon se aproximou, vindo da Assembleia, acompanhado pelas figuras esguias dos dois elfos. Sem parar, deu bom-dia a todos e os direcionou em fila para começarem a viagem, avisando ríspidamente que assim que cruzassem o Rio Prateado, vários quilômetros à frente, estariam na região em que os gnomos viajavam e as conversas deveriam ser reduzidas ao mínimo necessário. A rota os levaria do rio diretamente pelas Florestas de Anar até as montanhas do outro lado. As chances de serem detectados naquela região inóspita seriam menores do que nas planícies mais a oeste, onde o terreno era mais plano e acessível. O segredo era a chave do sucesso. Se o propósito daquela viagem fosse

revelado ao Lorde Feiticeiro, estariam acabados. A viagem se restringiria às horas de claridade enquanto estivessem camuflados pelas florestas e montanhas, e só se atreveriam a viajar de noite, arriscando serem detectados pelos Portadores da Caveira, quando fossem forçados a atravessar as planícies distantes, ao norte.

O líder dos anões escolheu como representante de seu povo na expedição o calado Hendel, o mesmo que salvara Menion da sereia. Hendel guiou o grupo para fora de Culhaven, já que estava mais familiarizado com aquela parte do mundo. Ao seu lado ia Menion, que falava apenas de vez em quando, concentrando-se em ficar fora do caminho do anão emburrado e tentando não chamar atenção para sua presença, algo que o anão achava totalmente desnecessário. Vários passos atrás, vinham os dois elfos, suas figuras esbeltas parecendo sombras esquivas enquanto se moviam com graciosidade e sem esforço, falando entre si com vozes baixas e melódicas que Shea considerava reconfortantes. Os dois carregavam arcos longos de freixo, parecidos com o de Menion. Não usavam mantos, apenas estranhas roupas justas que usaram na reunião da noite anterior. Shea e Flick os seguiam, e atrás dos dois vinha o silencioso líder do grupo, com longos passos que atravessavam o caminho com facilidade, o rosto sombrio voltado para a trilha. Balinor ia na retaguarda. Shea e Flick logo notaram que sua posição ao centro era para garantir a maior proteção possível. Shea sabia como os outros o consideravam valioso para o sucesso da missão, mas também estava dolorosamente consciente de que achavam que era incapaz de se defender no caso de algum perigo.

O grupo chegou ao Rio Prateado e o atravessou em um trecho mais estreito, onde o curso tortuoso de águas brilhantes era cruzado por uma robusta ponte de madeira. Toda a conversa cessou quando chegaram do outro lado e todos os olhos se voltaram para a densa floresta à frente, observando-a com ansiedade. O caminho ainda estava relativamente tranquilo; o terreno era plano enquanto a trilha serpenteava em curvas agudas pela imensa floresta, levando-os sempre na direção norte. A luz do sol da manhã brilhava em longas faixas através de frestas entre os pesados galhos, cortando de vez em quando o caminho e batendo em seus rostos, esquentando-os brevemente no ar frio da floresta. Aos seus pés, galhos e folhas caídos estavam ensopados com a umidade, parecendo uma almofada

que amortecia o som dos passos e ajudava a manter o silêncio diurno. Ao redor, ouviam sons de vida, apesar de verem apenas pássaros multicoloridos e esquilos que corriam por seus domínios nos topos das árvores, fazendo chover uma torrente de nozes e ramos nos viajantes enquanto pulavam de galho em galho. As árvores impediam qualquer um deles de ver muito além, com troncos de até três metros de diâmetro e raízes imensas que irradiavam dos troncos como dedos de mamute e se enterravam impiedosas no solo da floresta. A vista em qualquer direção estava encoberta e o grupo tinha de se contentar em confiar na familiaridade de Hendel com a região e no conhecimento de Menion em encontrar a trilha para guiá-los pelo labirinto de vegetação.

O primeiro dia se passou sem nenhum incidente; passaram a noite embaixo das gigantescas árvores, em algum ponto ao norte do Rio Prateado e de Culhaven. Aparentemente, Hendel era o único que sabia com precisão onde estava, apesar das breves conversas entre ele e Allanon sobre a localização e a direção que deveriam seguir. O grupo jantou uma comida fria, temendo que uma fogueira chamasse atenção. Mas o humor de todos estava leve e as conversas eram agradáveis. Shea aproveitou a oportunidade para falar com os dois elfos. Eles eram primos de Eventine, escolhidos para acompanhar Allanon como representantes do reino élfico e ajudá-lo na procura pela Espada de Shannara. Eram irmãos. O mais velho, magro e quieto, chamava-se Durin e habitava as Terras do Oeste; parecera a Shea — e ao sempre presente Flick — ser confiável. O irmão mais novo chamava-se Dayel, um sujeito tímido e agradável, muitos anos mais novo que Shea. Seu charme de menino tinha um estranho apelo para os membros mais velhos do grupo, principalmente Balinor e Hendel, veteranos endurecidos em anos de batalhas protegendo as fronteiras de suas terras. Os anciões enxergavam na juventude e visão jovial da vida praticamente uma segunda chance de resgatarem uma sensação que não tinham havia alguns anos. Durin contou a Shea que seu irmão deixara o lar dias antes de seu casamento com uma das jovens mais bonitas daquela região. Shea não teria achado que Dayel tivesse idade o suficiente para se casar, e teve dificuldades de entender por que alguém partiria na véspera do casamento. Durin assegurou-lhe que fora por escolha própria, porém, mais tarde, Shea disse a Flick que achava que a relação de Dayel com o Rei influíra naquela decisão. Então, quando o grupo

estava sentado, conversando em voz baixa, à exceção do taciturno Hendel, Shea se perguntou o quanto o jovem elfo devia lamentar sua decisão de deixar a noiva e vir em uma jornada perigosa até Paranor. Por dentro, desejava que Dayel não tivesse escolhido fazer parte daquele grupo, mas que houvesse permanecido seguro nos limites protetores de sua terra natal.

Mais tarde naquela noite, Shea aproximou-se de Balinor e lhe perguntou por que haviam permitido que Dayel fosse em uma expedição como aquela. O Príncipe de Callahorn sorriu diante da preocupação do jovem, pensando que, para ele, quase não havia diferença de idade entre os dois. Respondeu a Shea que, em tempos em que as casas de tantos estavam ameaçadas, ninguém questionava por que outra pessoa estava ali para ajudar — apenas aceitavam. Dayel escolhera ir porque seu Rei pedira e porque em sua cabeça ele seria menos valoroso se declinasse. Balinor explicou que Hendel batalhava constantemente com os gnomos, já havia alguns anos, para proteger sua terra. A responsabilidade fora delegada a ele por ser um dos mais experientes e conhecedores das fronteiras nas Terras do Leste. Ele tinha esposa e família em casa, que só vira uma vez nas últimas oito semanas e não esperava rever tão cedo. Todos naquela jornada tinham muito a perder, concluiu, mais do que Shea podia perceber. Sem explicar aquela declaração final, o homem alto afastou-se para conversar com Allanon sobre outros assuntos. Descontente com o fim repentino da conversa, Shea voltou para perto de Flick e dos dois irmãos elfos.

— Que tipo de pessoa é Eventine? — Flick estava perguntando quando Shea se juntou ao grupo. — Sempre ouvi dizer que ele é considerado o maior dos reis élficos e que é muito respeitado por todos. Como ele realmente é?

A pergunta fez Durin dar um sorriso largo e Dayel rir com gosto, pois a acharam divertida e inesperada.

— O que podemos dizer sobre nosso próprio primo?

— Ele é um grande rei — Durin respondeu sério, depois de alguns momentos. — Muito jovem para ser rei, segundo poderiam dizer outros monarcas e líderes. Mas ele tem visão e, mais importante ainda, ele faz as coisas antes do tempo se esgotar. Ele tem o amor e a estima de todo o povo élfico. Qualquer elfo o seguiria para qualquer lugar, faria o que ele mandasse, o que é benéfico para todos nós. Os anciões de nosso conselho prefeririam ignorar as outras terras e tentar nos manter isolados. Pura tolice,

mas eles têm medo de outra guerra. Apenas Eventine ergueu-se contra eles e essa política. Ele sabe que o único caminho para evitar a guerra que tanto temem é atacar antes e cortar a cabeça do exército que nos ameaça. Essa é uma das razões desta missão ser tão importante, para garantir que essa invasão seja impedida antes que tenha tempo para se desenvolver em uma guerra de amplas proporções.

Menion se aproximara vindo do outro lado do pequeno acampamento e acabava de se sentar com eles a tempo de ouvir o último comentário.

— O que vocês sabem sobre a Espada de Shannara? — perguntou, curioso.

— Na verdade, muito pouco — Dayel admitiu. — Apesar de ser algo mais histórico do que lendário, para nós. A espada sempre representou para os elfos a promessa de que jamais voltariam a temer as criaturas do mundo espiritual. Sempre se acreditou que a ameaça terminara com o fim da Segunda Guerra das Raças, por isso ninguém se preocupou muito com o fato de que toda a Casa de Shannara morrera com o passar dos anos, exceto por uns poucos, como Shea, que ninguém conhecia. A família de Eventine, nossa família, tornou-se a governante cem anos atrás, os Elesedil. A espada permaneceu em Paranor, esquecida por quase todos até agora.

— Qual é o poder da espada? — Menion insistiu, ansioso demais para o gosto de Flick, que lançou um olhar de alerta para Shea.

— Não sei responder a essa pergunta — Dayel admitiu e olhou para Durin, que deu de ombros e balançou a cabeça de um lado para outro. — Apenas Allanon sabe disso.

Por um momento, todos olharam na direção da figura alta sentada que conversava concentrado com Balinor, do outro lado da clareira. Durin retomou a palavra:

— Temos sorte de ter Shea conosco, um filho da Casa de Shannara. Ele vai conseguir liberar o poder da espada assim que a pegarmos e com esse poder poderemos atacar o Lorde das Trevas antes que ele crie a guerra que destruiria a todos.

— Se pegarmos a espada, você quer dizer — Shea o corrigiu na mesma hora. Durin aceitou o comentário com uma gargalhada curta e um aceno confiante.

— Tem alguma coisa nisso que ainda não se encaixa — Menion declarou em voz baixa, levantando-se de repente e indo procurar um lugar para dormir. Shea observou-o se afastar e se viu concordando com o montanhês, mas era incapaz de ver o que poderiam fazer com aquela insatisfação. Naquele momento, sentia que havia tão pouca esperança no sucesso na recuperação da espada que por enquanto se concentraria apenas em completar a viagem até Paranor. Não queria sequer pensar no que poderia acontecer depois disso.

O grupo estava acordado e de volta ao caminho sinuoso ao romper da aurora, guiados por um vigilante Hendel. O anão fez com que caminhassem em um ritmo rápido pela massa de grandes árvores e folhagem pesada que ficava cada vez mais densa conforme se aprofundavam em Anar. A trilha começava a subir levemente, sinal de que estavam se aproximando das montanhas localizadas ao centro da floresta. Em algum ponto mais ao norte, seriam forçados a atravessar os picos largos para alcançarem as planícies a oeste que ficavam entre eles e os salões de Paranor. A tensão era crescente enquanto se moviam mais para dentro do território dos gnomos. Começavam a ter a sensação desagradável de que estavam sendo constantemente vigiados por alguém escondido na densa floresta, esperando o momento certo de atacar. Apenas Hendel parecia inabalável enquanto os liderava, os olhos vasculhando a floresta silenciosa ao redor.

Ao meio-dia, o caminho passou a subir abruptamente e o grupo começou a escalar. As árvores se tornaram mais distantes umas das outras e a folhagem mais espaçada. O céu estava visível através dos galhos, um azul profundo que não era perturbado nem pelo mais leve traço de nuvens. O sol estava quente, brilhando bravamente pelas árvores espalhadas e iluminando toda a floresta. Pedras começavam a aparecer em pequenos montes e já podiam ver a terra à frente se erguer em picos altos e penhascos salientes que assinalavam o começo da parte sul das montanhas do centro de Anar. O ar esfriava conforme subiam e respirar ficava mais difícil. Depois de muitas horas, o grupo chegou aos limites de uma floresta muito densa de pinheiros mortos tão próximos uns dos outros que era impossível ver mais do que cinco ou seis metros à frente em qualquer direção. Dos dois lados do caminho, rochedos altos e pontudos subiam por centenas de metros contra o azul do céu da tarde. A floresta estendia-se por quilômetros em todas as

direções, terminando nas paredes dos penhascos. No limite da floresta de pinheiros, Hendel pediu uma pequena parada e falou por vários minutos com Menion, apontando para a mata e depois para os penhascos, aparentemente questionando algo. Allanon juntou-se a eles, e depois gesticulou para que o resto do grupo se reunisse em um círculo próximo.

— As montanhas que iremos cruzar em breve são as Montanhas Wolfsktaag, uma terra de ninguém, tanto para anões quanto para gnomos — Hendel explicou em voz baixa. — Escolhemos esse caminho, pois há menos chances de encontrarmos uma patrulha de caça de gnomos, algo que com certeza resultaria em luta. Dizem que as montanhas são habitadas por criaturas de outro mundo. Irônico, não é?

— Vá direto ao ponto — interrompeu Allanon.

— O ponto é que — Hendel continuou, aparentemente ignorando o historiador — fomos avistados a uns quinze minutos por um ou talvez dois patrulheiros gnomos. Deve haver mais deles por aí, mas não podemos ter certeza. O montanhês disse ter visto sinais de um grupo grande. De qualquer jeito, os patrulheiros irão falar de nós e trazer ajuda rapidamente, então teremos de caminhar mais rápido.

— Pior do que isso! — Menion declarou na mesma hora. — Esses sinais indicam que há gnomos na nossa frente, em algum lugar, depois dessas árvores ou entre elas.

— Talvez sim, talvez não, montanhês — Hendel interrompeu, ríspido. — Essas árvores se mantêm assim por quase três quilômetros e os penhascos continuam dos dois lados, mas se estreitam floresta adentro para formar o Passo do Laço, a entrada para as Wolfsktaag. Esse é o caminho que temos de seguir. Tentar outra rota nos custaria mais dois dias e estaríamos arriscando um encontro quase certo com os gnomos.

— Chega de discussão — Allanon disse, firme. — Vamos sair daqui rápido. Assim que chegarmos do outro lado do passo, estaremos nas montanhas. Os gnomos não nos seguirão até lá.

— Com certeza, isso é encorajador — Flick resmungou entre dentes.

O grupo caminhou para a densa floresta de pinheiros, seguindo em fila, enquanto contornavam os troncos grossos e desalinhados. Agulhas mortas e caídas acumulavam-se aos montes sobre todo o solo da floresta, criando um manto suave sobre o qual a passagem dos pés não fazia nenhum som. As

árvores de troncos brancos se erguiam altas e finas, as copas esqueléticas quase se tocando como uma intrincada teia de aranha, desenhando padrões fascinantes no azul do céu. O grupo continuou firme pelo labirinto de troncos e galhos atrás de Hendel, que escolhia a rota logo e sem hesitar. Não haviam avançado mais do que cem metros quando Durin os fez parar de repente e pediu silêncio com gestos, olhando intrigado ao redor, aparentemente procurando por algo no ar.

— Fumaça! — exclamou. — Colocaram fogo na floresta!

— Não sinto cheiro nenhum — Menion declarou, farejando o ar.

— Você também não tem os sentidos aguçados de um elfo — Allanon respondeu, seco. Voltou-se para Durin. — Pode dizer onde foi que a incendiaram?

— Também estou sentindo o cheiro de fumaça — Shea declarou, surpreso por seus sentidos serem tão aguçados quanto os dos elfos.

Durin refletiu por um instante, tentando captar o cheiro de fumaça de uma direção específica.

— Não sei dizer ao certo, mas parece que foi em mais de um lugar. Se foi, a floresta vai sumir em questão de minutos!

Allanon hesitou por um breve segundo, então gesticulou para que continuassem em direção ao Passo do Laço. O ritmo aumentou bastante enquanto aceleravam para alcançar a saída da armadilha em que haviam sido colocados. Fogo naquela madeira seca impediria qualquer chance de escapar quando se espalhasse nos topos das árvores. Os passos compridos de Allanon e do homem da fronteira forçaram Shea e Flick a correr para não ficarem para trás. Allanon gritou alguma coisa para Balinor em um momento da corrida, e a figura larga foi na direção das árvores, sumindo de vista. À frente, Menion e Hendel já tinham desaparecido, e só se vislumbravam breves relances dos irmãos élficos, correndo suavemente entre os pinheiros inclinados. Apenas Allanon mantinha-se à vista, alguns passos atrás, gritando para que se apressassem. Grossas nuvens de fumaça branca e densa começavam a aparecer entre os troncos mais próximos como um nevoeiro pesado, obscurecendo o caminho e tornando a respiração cada vez mais difícil. Ainda não havia sinal de fogo. Ainda não estava forte o bastante para se espalhar entre os galhos entrelaçados e prender a todos. A fumaça, em questão de minutos, estava em toda a parte, e tanto Shea quanto

Flick tossiam a cada inspiração, os olhos começando a arder com o calor e a irritação. De repente, Allanon gritou para que parassem. Relutantes, pararam e esperaram a ordem para continuar, mas Allanon parecia olhar para trás à procura de algo, sua figura escura e fina estranhamente acinzentada na fumaça branca. Logo o contorno amplo de Balinor ressurgiu da floresta atrás deles, enrolado em seu longo manto de caça.

— Você estava certo, estão atrás de nós — informou ao historiador, jogando as palavras enquanto lutava por fôlego. — Eles incendiaram a floresta toda às nossas costas. Parece uma armadilha para nos conduzir ao Passo do Laço.

— Fique com eles — Allanon ordenou rapidamente, apontando para os dois apavorados jovens do vale. — Preciso alcançar os outros antes que alcancem o passo.

Com uma velocidade incrível para um homem tão grande, o líder alto pulou e correu até as árvores à frente, desaparecendo quase imediatamente. Balinor indicou para que os dois o seguissem, e continuaram em passo rápido na mesma direção, lutando para respirar e enxergar em meio à fumaça sufocante. Então, de repente, ouviram o som apavorante de madeira queimada se quebrando e a fumaça começou a soprar em grandes nuvens de calor branco ofuscante. O fogo se aproximava. Em alguns minutos ia alcançá-los e seriam queimados vivos! Tossindo furiosamente, os três se lançaram de qualquer jeito entre os pinheiros, desesperados para escapar do inferno em que se encontravam. Shea olhou rápido para cima, e para seu horror viu as chamas pulando enlouquecidas nos topos das árvores altas ao redor, queimando enquanto traçavam caminho tronco abaixo.

De repente, a impenetrável barreira de pedra dos penhascos apareceu entre a fumaça e as árvores, e Balinor gesticulou para que fossem naquela direção. Minutos depois, enquanto tropeçavam à procura do caminho pela face do penhasco, viram o resto do grupo agachado em uma clareira além dos limites das árvores que pegavam fogo. À frente deles havia um caminho aberto que subia na direção das rochas entre os penhascos e desaparecia no Passo do Laço. Os três rapidamente se juntaram aos outros enquanto a floresta inteira ardia em chamas.

— Estão nos obrigando a escolher entre assar naquela floresta ou tentar atravessar o passo — Allanon gritou por cima do barulho da madeira

queimando, olhando ansioso para a trilha à frente. — Eles sabem que só temos dois caminhos, mas vão ter que fazer a mesma escolha e é aí que perdem a vantagem. Durin, vá na frente e veja se os gnomos prepararam uma emboscada.

O elfo disparou sem fazer som algum, abaixando-se e se mantendo perto da parede do penhasco. Todos o seguiram com o olhar até ele desaparecer mais acima. Shea juntou-se aos outros, desejando que houvesse algo a fazer para ajudar.

— Os gnomos não são tolos — a voz de Allanon interrompeu seus pensamentos. — Os que estiverem no passo sabem que estão separados dos que colocaram fogo na floresta a não ser que passem por nós primeiro. Não vão arriscar recuar pelas montanhas por nenhum motivo. Ou eles têm uma imensa força de gnomos no passo, o que Durin será capaz de nos dizer, ou os planos deles são outros.

— O que quer que estejam tramando, planejam colocar em prática na parte chamada Nó — Hendel informou. — Naquele ponto, a trilha fica tão estreita que só é possível passar uma pessoa por vez pelo caminho formado pelos penhascos. — Ele parou e parecia estar pensando em mais alguma coisa.

— Não entendo como eles planejam nos impedir — Balinor se intrometeu. — Esses penhascos são quase verticais. Ninguém consegue escalá-los sem uma subida longa e perigosa. Os gnomos não tiveram tempo de chegar lá desde que nos avistaram.

Allanon assentiu pensativo, obviamente concordando com o homem da fronteira, também incapaz de ver o que os gnomos estavam planejando para eles. Menion Leah falou em voz baixa com Balinor e de repente afastou-se, indo até a entrada do passo onde as paredes dos penhascos começavam a se estreitar; lá, observou o chão com atenção. O calor da floresta em chamas estava tão intenso que foram obrigados a entrar mais na boca do passo. Tudo ainda estava obscurecido pela fumaça branca que fluía das árvores moribundas como um muro e se dispersava lentamente no ar. Longos momentos se passaram enquanto os seis esperavam o retorno de Menion e Durin. Ainda podiam ver o montanhês estudando o chão na entrada do passo, sua figura alta e sombria no ar cheio de fumaça. Finalmente, ele se levantou e voltou, junto com o elfo que também retornava.

— Há pegadas, mas nenhum outro sinal de vida no passo à frente — Durin relatou. — Tudo está aparentemente intocado até os mínimos detalhes. Não fui além.

— Tem mais uma coisa — Menion interrompeu. — Na entrada, encontrei dois conjuntos claros de pegadas entrando e dois saindo. Pés de gnomos.

— Eles devem ter passado a nossa frente e depois saído, ficando próximo às paredes do penhasco enquanto estávamos no meio — Balinor disse, com raiva. — Mas se estiveram lá na nossa frente, o que...?

— Não iremos descobrir se ficarmos aqui sentados e discutindo — Allanon concluiu, contrariado. — Só podemos tentar adivinhar. Hendel, assumo a liderança com o montanhês e tome cuidado. O resto, mantenha a formação de antes.

O corpulento anão afastou-se com Menion ao seu lado, seus olhos aguçados pregados em todas as pedras que ladeavam o caminho tortuoso que se estreitava até o passo. Os outros seguiam vários passos atrás, lançando olhares apreensivos para o terreno acidentado ao redor. Shea arriscou uma olhada rápida para trás e notou que, embora Allanon viesse logo atrás, Balinor não estava à vista. Aparentemente, Allanon deixara o outro para servir como retaguarda nos limites dos pinheiros em chamas, para observar a aproximação inevitável dos gnomos caçadores que estavam escondidos em algum lugar. Shea sabia por instinto que haviam sido pegos em uma armadilha cuidadosamente preparada pelos gnomos, e só lhe restava descobrir que forma ela tomaria.

O caminho à frente erguia-se abruptamente nos primeiros cem metros, para depois se nivelar aos poucos e estreitava-se até só haver lugar para passar uma pessoa por vez entre os penhascos. O passo não era nada além de um nicho profundo na face do penhasco, as laterais inclinando-se para dentro e quase se fechando acima. Apenas uma fina faixa do céu azul fluía até alcançá-los, iluminando levemente o sinuoso caminho entre as pedras. O progresso do grupo diminuiu perceptivelmente quando os líderes pararam para procurar armadilhas deixadas pelos gnomos. Shea não tinha ideia do ponto até onde Durin fora em sua missão de patrulha, mas aparentemente ele não se aventurara até o lugar que Hendel chamara de Nó. Ele podia adivinhar de onde viera o nome. A passagem estreita dava a nítida impressão de estar atravessando o nó do laço de um enforcador para

encontrar o mesmo destinado de um condenado. Ele podia ouvir a respiração difícil de Flick quase em sua orelha e experimentou uma sensação desagradável de sufocamento com a proximidade das paredes de pedra. O grupo movia-se devagar, encurvado para evitar os lados estreitados dos penhascos e as agudas projeções de pedra.

De repente, o ritmo cessou completamente e a fila se reuniu. Atrás de si, Shea ouviu a voz grave de Allanon resmungando zangada, exigindo saber o que havia acontecido, pedindo para deixarem-no passar. Contudo, naquele espaço estreito era impossível dar passagem. Shea espiou à frente e percebeu um intenso raio de luz para além dos guias da comitiva. Pelo visto, a trilha estava enfim se alargando. Estavam quase livres do passo. Mas na hora que Shea sentiu que estavam chegando à segurança do outro lado, ouviu exclamações e a fila inteira parou. A voz de Menion cortou a penumbra surpresa e enraivecida, fazendo com que Allanon desfiasse uma longa jura furiosa e ordenasse ao grupo para continuar. Por um momento, nada aconteceu. Aos poucos, o grupo avançou, entrando em uma vasta clareira às sombras dos penhascos que bruscamente se abriam para o céu ensolarado.

— Eu temia isso — Hendel resmungava para si mesmo enquanto Shea seguia Dayel para fora. — Tinha esperanças de que os gnomos não tivessem explorado tão longe neste terreno que lhes é proibido. Mas parece, montanhês, que eles nos pegaram.

Shea pisou em uma plataforma de pedra iluminada, onde os outros membros do grupo conversavam em vozes apressadas, com raiva e frustração. Allanon surgiu quase no mesmo instante e juntos observaram a cena à sua frente. A plataforma onde estavam estendia-se da abertura do Passo do Laço por quase cinco metros formando uma pequena saliência que abruptamente virava um abismo de centenas de metros de profundidade. Mesmo com a luz forte do sol, ele parecia não ter fundo. As paredes do penhasco espalhavam-se às suas costas para formar um semicírculo ao redor do abismo e depois se inclinavam de forma irregular, dando lugar a densas florestas que começavam a centenas de metros além. O abismo, um truque da natureza, tinha a forma bem peculiar de um laço denteado. Não havia como atravessar o largo. Do outro lado da fissura, balançavam os restos do que havia sido uma ponte de madeira e corda, que um dia fora o único meio de travessia para viajantes. Oito pares de olhos examinaram as paredes

irregulares dos penhascos, procurando um jeito de escalar as superfícies lisas. Estava bem claro, porém, que o único jeito de chegar ao outro lado era pelo que estava à frente.

— Os gnomos sabiam o que estavam fazendo quando destruíram a ponte — Menion reclamou com ninguém em específico. — Eles nos deixaram presos entre eles e esse buraco sem fundo. Nem precisam vir atrás de nós, podem apenas esperar morrermos de fome. Idiotas...

Sua voz sumiu em meio à fúria. Todos sabiam que haviam sido tolos em se deixar atrair para uma armadilha tão simples, porém eficaz. Allanon foi até a beira do abismo, olhou atentamente para suas profundezas e depois observou o terreno do outro lado, procurando uma forma de atravessá-lo.

— Se fosse mais estreito ou se houvesse mais espaço para correr, eu talvez conseguisse pular — disse Durin obstinado e esperançoso. Shea estimou que a distância entre os dois lados era de mais de dez metros. Sacudiu a cabeça, em dúvida. Mesmo que Durin fosse o melhor saltador do mundo, questionaria uma tentativa naquelas circunstâncias.

— Esperem um pouco! — Menion gritou de repente, pulando para o lado de Allanon e apontando para o norte. — E aquela velha árvore pendurada na lateral esquerda do penhasco?

Todos olharam ansiosos, incapazes de entender o que o montanhês estava sugerindo. A árvore de que falava crescia incrustada na face do penhasco a mais de cem metros deles. Sua forma acinzentada contrastava fortemente contra o céu claro, seus galhos nus, caídos como os membros cansados de algum gigante exaurido, congelado em movimento. Era a única árvore que conseguiam ver no caminho rochoso que saía do abismo e desaparecia debaixo das laterais do penhasco até as florestas mais além. Shea olhou junto com os demais, mas não podia ver nada que os ajudasse ali.

— Se conseguirmos colocar uma flecha com uma corda amarrada naquela árvore, alguém mais leve poderia atravessar com as mãos e firmar a corda melhor para o resto de nós — o Príncipe de Leah sugeriu, agarrando o grande arco de freixo.

— É um tiro de mais de cem metros — Allanon replicou. — Com o peso extra de uma corda amarrada na flecha, você teria de fazer o melhor tiro do mundo apenas para conseguir que chegasse até lá, imagine então fincar a

flecha fundo o bastante na árvore para aguentar o peso de um homem. Não acho que possa ser feito.

— Bem, temos de pensar em alguma coisa ou podemos esquecer a Espada de Shannara e todo o resto — rosou Hendel, o rosto enrugado vermelho de raiva.

— Eu tenho uma ideia — Flick arriscou-se a dizer, dando um passo à frente. Todos olharam para o corpulento jovem como se o vissem pela primeira vez, esquecendo que ele estivera ali o tempo todo.

— Bem, não a guarde só para si — exclamou Menion, impaciente. — O que é, Flick?

— Se tivermos um arqueiro experiente entre nós — Flick lançou um olhar venenoso para Menion —, ele poderia ser capaz de colocar uma flecha com uma corda nos restos de madeira da ponte que estão pendurados do outro lado, e puxá-los até o nosso lado.

— Essa ideia vale uma tentativa — Allanon concordou rapidamente. — Agora quem...

— Eu consigo — Menion respondeu, encarando Flick.

Allanon assentiu e Hendel arranhou uma corda grossa que Menion Leah amarrou com força na ponta de uma flecha, prendendo a ponta solta em seu cinto de couro. Encaixou a flecha no arco e mirou. Todos os olhares foram para o outro lado do abismo, para o pedaço de corda da ponte que pendia do outro lado. Menion seguiu o comprimento da corda na escuridão do fosso até encontrar um pedaço de madeira pendurado a quase dez metros abaixo, ainda preso à ponte quebrada. O grupo assistiu sem respirar enquanto ele puxou a corda do arco; mirou rapidamente e soltou a flecha com um estalo. A flecha voou pela fenda e se firmou na madeira, a corda balançando.

— Belo tiro, Menion — Durin aprovou e o montanhês sorriu.

Cuidadosamente, a ponte foi puxada até que as cordas partidas fossem reunidas. Allanon procurou em vão por algo para segurá-las, mas as travas haviam sido retiradas pelos gnomos. No final, Hendel e Allanon firmaram-se na borda do abismo e mantiveram a ponte de corda firme enquanto Dayel atravessava o grande abismo usando as mãos, carregando uma segunda corda na cintura. Houve alguns momentos tensos em que o gigante vestido de negro e o anão silencioso aguentaram firmes o esforço, mas, no fim,

Dayel estava são e salvo do outro lado. Balinor reapareceu e informou que o fogo estava começando a se extinguir sozinho e que em breve os caçadores gnomos iriam para o passo. Logo, a corda que Dayel carregara foi jogada de volta depois que ele firmou a ponta de seu lado e seu maior comprimento foi colocado nas pedras da entrada do passo e preso no lugar. Os demais membros do grupo começaram a atravessar o abismo da mesma forma que Dayel, um de cada vez, em fila, usando as mãos, até que todos estivessem seguros do outro lado. Cortaram a corda e a jogaram no fosso, junto com o que sobrara da velha ponte, para terem certeza de que não seriam seguidos.

Allanon ordenou que o grupo se movimentasse em silêncio para não alertar os gnomos que haviam conseguido escapar daquela armadilha cuidadosamente elaborada. Antes de saírem, no entanto, o alto historiador aproximou-se de Flick e colocou uma fina mão escura em seu ombro, sorrindo sombriamente.

— Hoje, meu amigo, você ganhou o direito de ser um membro deste grupo, um direito acima e além de sua amizade por seu irmão.

Ele se virou abruptamente e sinalizou para Hendel tomar a liderança. Shea olhou para o rosto corado e feliz de Flick, e deu um tapa cordial nas costas do irmão. Ele realmente ganhara o direito de estar ao lado dos demais, um direito que Shea talvez ainda não tivesse adquirido.

Capítulo XI

O grupo viajou por mais de quinze quilômetros antes que Allanon os fizesse parar. O Passo do Laço e o perigo de serem atacados por gnomos ficaram para trás fazia muito tempo, e já estavam muito adentro da floresta. A viagem foi rápida e sem obstáculos até aquele ponto, os largos caminhos estavam desimpedidos e o terreno era plano, apesar de ser no alto das montanhas. O ar era cortante e frio, o que fazia a marcha ser quase agradável, e o sol quente da tarde brilhava sobre eles com um clarão que deixava os ânimos elevados. As florestas se espalhavam nas montanhas, separadas por elevações rochosas e picos desolados cobertos de neve. Apesar de aquela ser uma região historicamente proibida até para os anões, ninguém conseguia ver sequer uma indicação de algo fora do comum que poderia significar perigo. Todos os sons costumeiros das florestas estavam presentes, desde o ressonante estrilar dos insetos até as canções alegres de uma imensa variedade de pássaros coloridos, de todas as formas e tamanhos. Parecia que haviam escolhido um jeito inteligente para se aproximar dos ainda longínquos salões de Paranor.

— Vamos parar para dormir em algumas horas — o andarilho alto anunciou depois que os reuniu ao seu redor. — Mas irei deixá-los de manhã cedo para patrulhar o outro lado das Wolfsktaag, à procura de sinais do Lorde Feiticeiro e de seus emissários. Assim que completarmos nossa viagem por essas montanhas e por um pequeno trecho das florestas de Anar, ainda teremos de cruzar as planícies até os Dentes de Dragão, logo abaixo de Paranor. Se as criaturas das Terras do Norte ou seus aliados tiverem bloqueado a entrada, preciso saber logo para que possamos escolher uma nova rota.

— Você irá sozinho? — perguntou Balinor.

— Acho que será mais seguro. Corro pouco perigo e vocês podem precisar de todos quando alcançarem as florestas de Anar novamente. Não duvido que os grupos de caça dos gnomos ainda estejam vigiando os passos

que saem das montanhas para terem certeza de que vocês não escaparão vivos. Hendel pode guiá-los por essas armadilhas tão bem quanto eu, e tentarei encontrá-los em algum lugar do caminho antes que cheguem às planícies.

— Por onde você sairá? — perguntou o taciturno anão.

— O Passo de Jade é o que oferece mais proteção. Irei marcar o caminho com pedaços de pano, como fizemos antes. Vermelho significa perigo. Sigam os panos brancos e tudo estará bem. Agora, vamos continuar enquanto ainda há luz.

Viajaram determinados através das Wolfsktaag até o sol desaparecer além da linha de montanhas no oeste e não ser mais possível ver o caminho com clareza. Era uma noite sem lua, apesar das estrelas lançarem um brilho fraco no cenário acidentado. O grupo acampou debaixo de um penhasco alto e escarpado que se elevava como uma grande lâmina cortando o céu escuro. Nas laterais abertas do acampamento, havia troncos altos de pinheiros fechando-os contra o muro de rocha em um semicírculo que lhes dava uma boa proteção por todos os lados. Jantaram novamente comida fria, ainda não querendo correr o risco de o fogo revelar sua presença. Hendel organizou um esquema de vigia contínua para a noite, uma prática que considerava essencial em um lugar hostil. Os membros do grupo se revezaram, cada um sendo o sentinela por algumas horas enquanto o resto do grupo dormia. A conversa depois da refeição foi pouca e, logo, eles se enrolaram em seus cobertores, cansados do longo dia de caminhada.

Shea se voluntariou para o primeiro turno de vigia, ansioso para participar, pois ainda sentia que contribuía pouco enquanto todos os outros estavam arriscando as vidas em seu benefício. A atitude de Shea em relação à viagem para Paranor havia mudado muito durante os dois últimos dias. Estava começando a perceber como era importante conseguirem a Espada de Shannara e como as pessoas das quatro terras dependiam dela para se protegerem contra o Lorde Feiticeiro. Antes, ele tinha corrido do perigo dos Portadores da Caveira e de sua herança como um filho da Casa de Shannara. Mas, agora, corria na direção de uma ameaça ainda maior, um confronto com um poder tão incrível que seus limites nunca foram definidos e com pouco mais do que a coragem de sete mortais como proteção. Contudo, mesmo sabendo disso, Shea sentia profundamente que, se recusar a ir, não

oferecer o pouco que tinha, seria uma amarga traição para com sua herança dupla, élfica e humana, e uma negação absurda do orgulho que sentia de cuidar da segurança e da liberdade de todos. Sabia que tentaria, mesmo que dissessem que ele fracassaria.

Allanon se ajeitara sem dizer uma palavra a ninguém e adormecera em segundos. Shea observou a figura imóvel durante seu turno de uma hora e depois se retirou para Durin assumir. Só quando Flick acordou, depois da meia-noite, para sua vez de vigiar, que a figura alta do líder se agitou levemente. Erguendo-se, em seguida, em um único movimento fluido, enrolou-se de forma solene no grande manto negro, do mesmo jeito que estava quando Flick o encontrara pela primeira vez no Vale Sombrio. Parou por um momento para olhar os membros adormecidos do grupo e para Flick, sentado imóvel em uma pedra de um lado da clareira. Então, sem uma palavra ou gesto, virou-se para o norte, no caminho que o afastaria deles, e desapareceu na escuridão da floresta.

Allanon caminhou pelo resto da noite sem parar em sua jornada para alcançar o Passo de Jade, no centro de Anar, e, mais além, as planícies a oeste. Sua figura escura passou pela floresta silenciosa com a rapidez de uma sombra furtiva, tocando a terra apenas por um momento antes de seguir em frente. Sua forma parecia insubstancial ao passar por seres pequenos que o viam brevemente e logo o esqueciam; sem mudá-los nem deixá-los completamente inalterados, sua imagem indelével se fixava em suas mentes incapazes de entender. Mais uma vez pensou sobre a viagem que estavam fazendo até Paranor e refletiu sobre o que só ele sabia. Sentiu-se estranhamente indefeso ao seguir em frente com a certeza de que aquela era a mudança de uma era. Os outros apenas suspeitavam de seu papel no que acontecera e em tudo que ainda iria acontecer, porém só ele era forçado a viver com a verdade por trás de seu próprio destino e do dos demais. Resmungou alto quando pensou nisso; odiava o que estava acontecendo, mas sabia que não havia escolha. Seu rosto comprido e fino era uma máscara negra de indecisão na floresta silenciosa que atravessou em sua marcha solitária, um rosto profundamente marcado pela preocupação, mas endurecido pela determinação interior que sustentaria a alma quando o coração se fosse.

A chegada do dia o encontrou caminhando por um trecho particularmente denso de árvores que se estendia por quilômetros sobre um terreno elevado, cheio de pedras e troncos caídos. Ele logo percebeu que aquela parte da floresta estava estranhamente silenciosa, como se um tipo especial de morte houvesse colocado sua mão congelante sobre ela. O caminho atrás de si estava cuidadosamente marcado com pequenas tiras de pano branco. Andou mais devagar. Nada até ali o preocupara, mas um sexto sentido surgiu em sua mente, avisando que nem tudo estava como devia ser. Alcançou um ponto onde a trilha principal se dividia em duas ramificações. Para a esquerda, um caminho claro e largo que parecia ter sido uma estrada principal, e que descia para o que parecia ser um grande vale. Era difícil dizer por que a floresta havia reclamado tudo, obscurecendo a vista da trilha além dos primeiros cem ou duzentos metros. O segundo caminho estava coberto por arbustos densos. Só era possível passar uma pessoa por vez ali sem ser necessário abrir um caminho maior. A trilha estreita levava para cima em direção a uma crista alta que se inclinava para longe do Passo de Jade.

De repente, o sombrio historiador se enrijeceu ao sentir a presença de outro ser, uma forma de vida inegavelmente má, em algum lugar mais à frente na trilha que levava ao vale escondido. Não havia som. O que quer que fosse, preferia esperar suas vítimas na trilha baixa. Allanon rapidamente rasgou duas tiras de roupa, uma vermelha e outra branca, amarrando a vermelha no caminho mais largo que levava para o vale e a branca no menor, que subia. Com a tarefa executada, parou e ouviu de novo, mas, embora ainda sentisse a presença da criatura no caminho até o vale, não podia detectar nenhum movimento. O poder dela não seria páreo para o de Allanon, porém podia ser perigoso para os que vinham atrás dele. Checando as tiras de pano uma última vez, moveu-se silenciosamente para cima, no caminho mais estreito, e desapareceu sob a vegetação densa.

Passou-se quase uma hora antes de a criatura que esperava no caminho que levava ao vale decidir investigar. Ela era extremamente inteligente, uma possibilidade que Allanon não considerara, e sabia que quem quer que tivesse passado por ali sentira sua presença e a evitara de propósito. Sabia também que aquele homem tinha poderes muito maiores do que os seus, por isso ficou em silêncio na floresta e esperou até que fosse embora. Mas já

esperara muito. Minutos depois, observou atentamente o ponto na trilha principal onde dois pequenos pedaços de tecido esvoaçavam na leve brisa da floresta. Como eram estúpidos aqueles sinais, pensou mordaz a criatura, e com passos trovejantes moveu seu grande e deformado corpo para a frente.

Balinor pegou o último turno da noite e, quando a alvorada começava a surgir em fulgurantes raios dourados sobre o horizonte montanhoso, o homem alto acordou gentilmente o restante do grupo de seu sono pacífico para o ar frio do começo da manhã. Eles se ajeitaram logo e engoliram um desjejum às pressas enquanto tentavam se aquecer no ar ainda gelado do dia ensolarado; arrumaram os equipamentos em silêncio e se prepararam para começar a marcha diurna. Alguém perguntou sobre Allanon, e Flick respondeu sonolento que o historiador partira perto da meia-noite, mas não dissera mais nada. Ninguém estava realmente surpreso que ele houvesse partido de forma tão silenciosa; pouco mais se disse sobre o assunto.

Em meia hora, o grupo estava no caminho para o norte, atravessando as florestas das Wolfsktaag, movendo-se com determinação, sem conversar na maior parte do tempo, na mesma ordem de antes. Hendel deixara seu lugar à frente para o talentoso Menion Leah, que se movia com a graça silenciosa de um gato através dos galhos e arbustos emaranhados sobre o chão coberto de folhas. Entretanto, o anão também sabia que o montanhês era impetuoso e pouco experiente, e naquelas terras apenas os cautelosos e experientes sobreviviam. A prática, porém, era a única forma de aprendizado, e o anão deixou, a contragosto, que o jovem rastreador liderasse o grupo, contentando-se em checar uma segunda vez tudo que aparecia no caminho.

Um detalhe em especial perturbou o anão e chamou sua atenção quase imediatamente, embora tenha passado despercebido por seus companheiros. A trilha não revelava nenhum sinal do homem que por ali passara horas antes. Apesar de examinar o chão com toda a atenção, Hendel foi incapaz de perceber o mais leve traço de uma pegada humana. As tiras de pano branco surgiam a intervalos regulares, como Allanon prometera, mas, ainda assim, não havia sinal de sua passagem. Hendel conhecia as histórias sobre o misterioso viajante e ouvira dizer que ele possuía poderes extraordinários. Contudo, nunca imaginara que o homem fosse um

rastreador tão bom a ponto de encobrir completamente a própria trilha. O anão não entendia aquilo, mas resolveu guardar para si.

No final da fila, Balinor também pensava no misterioso homem de Paranor, o historiador que sabia tanto sobre tantas coisas que os demais nem sequer imaginavam; o andarilho que parecia ter estado em todos os lugares e que, apesar disso, ainda era um desconhecido. Ele havia encontrado Allanon algumas vezes enquanto crescia no reino de seu pai, mas se lembrava dele apenas vagamente, um estranho sombrio que ia e vinha sem aviso, que era sempre gentil, embora nunca falasse nada sobre seu passado misterioso. Os sábios de todas as Terras conheciam Allanon como um intelectual e um filósofo inigualável. Outros o conheciam como um viajante que abria portas com bons conselhos e que possuía um sombrio bom senso que nunca falhara. Balinor aprendera muito com ele e passara a confiar nele com o que chegava a ser uma fé quase cega. Mesmo assim, nunca entendera o historiador. Refletiu sobre aquilo por um momento, e percebeu, de forma quase casual, que, em todo o tempo que passara com Allanon, jamais vira sequer um sinal de envelhecimento.

O caminho começou a subir de novo e a se estreitar enquanto as grandes árvores das florestas e os arbustos densos se aproximavam em paredes quase sólidas. Menion seguira as tiras de pano com cautela e não tinha dúvidas de que estavam no caminho certo, mas começou automaticamente a conferir tudo conforme o caminho foi ficando mais difícil. Era quase meio-dia quando a trilha se bifurcou e Menion, surpreso, parou.

— Isso é estranho. Uma bifurcação e nenhuma marcação. Não entendo porque Allanon não teria deixado um sinal.

— Algo deve ter acontecido com o pano — Shea concluiu, suspirando pesadamente. — Que caminho devemos tomar?

Hendel examinou o chão com atenção. No caminho que subia na direção da crista rochosa, havia indicações da passagem de alguém, com galhos partidos e folhas recém-derrubadas. Na trilha que descia, no entanto, havia sinais de pegadas, embora muito leves. Por instinto, ele sabia que havia algo muito perigoso em uma das trilhas, talvez até nas duas.

— Não estou gostando disso. Tem algo errado — resmungou para ninguém em particular. — Os sinais estão confusos e talvez seja de propósito.

— Talvez toda aquela conversa sobre esta terra ser proibida não fosse bobagem, afinal — Flick comentou, seco, sentando-se em uma árvore caída.

Balinor foi para a frente e conversou com Hendel rapidamente, preocupado com a direção do Passo de Jade. Hendel admitiu que a trilha de baixo seria o caminho mais rápido e claramente parecia ser a passagem principal. Entretanto, não havia como dizer que trilha Allanon escolhera. Enfim, Menion ergueu as mãos, frustrado, e pediu que fizessem uma escolha.

— Sabemos que Allanon não teria passado por aqui sem deixar um sinal, então a conclusão óbvia é que algo aconteceu com o sinal ou que algo aconteceu com ele. Em todo caso, não podemos nos sentar aqui e esperar encontrar uma resposta. Ele disse que ia nos encontrar no Passo de Jade ou, mais além, na floresta, então eu voto que peguemos o caminho para baixo, ou seja, o mais rápido!

Hendel voltou a expressar sua confusão com os sinais na trilha de baixo e a sensação irritante de que havia algo perigoso à frente, um sentimento que Shea compartilhara no momento em que chegaram naquele ponto e não encontraram as tiras de tecido. Balinor e os demais discutiram acaloradamente por alguns minutos e, ao fim, concordaram com o montanhês. Seguiriam a rota mais rápida, mas ficariam ainda mais atentos até estarem fora daquelas montanhas misteriosas.

A fila voltou a se formar com Menion liderando o grupo. Começaram a descer rapidamente o declive suave da trilha que parecia levá-los até um vale bastante camuflado pelas grandes árvores que cresciam por quilômetros em todas as direções. Sentiram que a estrada começou a se alargar depois de uma pequena distância, as árvores e os arbustos recuavam e a geografia cedia para uma descida quase imperceptível. Seus temores começaram a se dissipar conforme a viagem ficava mais fácil e ficou evidente que, em tempos há muito idos, a estrada fora um caminho importante para os habitantes daquela terra. Andaram por menos de uma hora antes de alcançar o nível do vale. Era difícil dizer onde estavam em relação à cordilheira ao redor. As árvores da floresta bloqueavam tudo à exceção do caminho imediatamente à frente e do céu azul e sem nuvens acima.

Depois de andarem um pouco pelo vale, perceberam uma estrutura estranha que crescia no meio das árvores como uma imensa armação.

Pareceria uma parte da floresta, se não fosse a regularidade incomum de seus galhos, e, em pouco tempo, estavam perto o bastante para ver que era uma série de vigas, cobertas de ferrugem, enquadrando porções do céu aberto. O grupo diminuiu o ritmo automaticamente, olhando atento ao redor, para ter certeza de que aquilo não era um tipo de armadilha para viajantes descuidados. Mas, como nada se moveu, continuaram a se aproximar, intrigados pela estrutura que aguardava em silêncio.

A estrada acabava do nada e a estranha armação revelou-se por inteiro, as grandes travas de metal deterioradas com o tempo, mas ainda retas e aparentemente tão resistentes quanto foram em épocas anteriores. Eram parte do que fora uma cidade construída havia tanto tempo que ninguém mais se lembrava de sua existência, esquecida como o vale e as montanhas onde descansava, um monumento final para uma civilização de seres que se foram. A armação de metal estava presa no lugar por fundações de algo parecido com pedras, moídas e lascadas pelo clima e pelo tempo. Em alguns lugares, vestígios de antigas paredes ainda eram visíveis. Um grande número daqueles prédios agonizantes estava agrupado, estendendo-se por vários quilômetros à frente, e terminavam onde o muro da floresta marcava o fim da vã invasão humana na natureza indestrutível. Dentro das estruturas, entre as fundações e o metal, cresciam pequenas árvores e arbustos em uma abundância de tal modo, que parecia que a cidade estava morrendo sufocada e não desmoronando com o tempo. O grupo ficou em silêncio perante aquele estranho testemunho de outra era, o feito de pessoas como eles, tantos anos antes. Shea sentiu uma onda avassaladora de desesperança ao ver aquelas formas sombrias enferrujando-se até sumirem.

— Que lugar é esse? — perguntou em voz baixa.

— As ruínas de alguma cidade. — Hendel deu de ombros, virando-se para o jovem. — Ninguém vem aqui há séculos, acho.

Balinor foi até a estrutura mais próxima e esfregou a trava de metal. Grandes pedaços de ferrugem e sujeira se soltaram como uma chuva, mostrando uma cor cinza-metálica que demonstrava a força que ainda existia no prédio. Os outros seguiam o homem da fronteira que caminhava devagar pelas fundações, olhando com cuidado para a substância que parecia pedra. Um momento depois, parou em um canto e limpou a sujeira

da superfície para revelar uma simples data ainda legível na parede em ruínas. Todos se inclinaram para ler.

— Uau, essa cidade estava aqui antes das Grandes Guerras — Shea disse, espantado. — Não posso acreditar, deve ser a estrutura mais antiga que ainda existe!

— Eu me lembro do que Allanon disse sobre os homens que viveram aqui — Menion falou em um raro momento de recordação. — Que essa foi a grande era e, apesar disso, eis tudo o que tem para nos mostrar. Nada além de algumas travas de metal.

— E se descansássemos por alguns minutos antes de continuar? — Shea sugeriu. — Queria olhar os outros prédios antes de irmos.

Balinor e Hendel sentiram-se inquietos em parar ali, mas concordaram com um descanso rápido se todos ficassem juntos. Shea foi até o edifício mais próximo, acompanhado de Flick; Hendel sentou-se e olhou cansado para as imensas estruturas, desaprovando cada minuto que passavam naquela selva de metal, tão diferente da floresta em que vivia. Os outros seguiram Menion até o outro lado do edifício onde haviam encontrado a data e descobriram parte de um nome em um pedaço caído da parede. Poucos minutos se passaram; Hendel sonhava acordado com Culhaven e sua família. Ao perceber isso, na mesma hora se endireitou, observando tudo com atenção. Todos estavam à vista, mas Shea e Flick tinham ido mais para a esquerda da cidade morta, ainda olhando curiosos para as ruínas e procurando sinais da antiga civilização. No mesmo instante, percebeu que, à exceção das vozes baixas de seus companheiros, a floresta ao seu redor havia caído em um silêncio mortal. Nem mesmo o vento se mexia no vale tranquilo, nem um pássaro voava acima dele, não se ouvia nem o zumbido vibrante de um inseto. Sua própria respiração pesada soava áspera aos seus ouvidos.

— Tem algo errado — as palavras deixaram sua boca instintivamente, enquanto pegava sua pesada maça de batalha.

Naquele momento, Flick percebeu algo branco no chão, em uma das laterais do prédio que estava examinando com Shea, parcialmente escondido pela fundação. Curioso, aproximou-se dos objetos que pareciam ser gravetos de vários tamanhos e formatos espalhados aleatoriamente. Shea não percebeu o interesse do irmão e afastou-se do prédio, encarando fascinado

as ruínas de outra estrutura. Flick aproximou-se, mas ainda não conseguia ver o que eram os gravetos brancos de onde estava. Só quando estava parado sobre eles e os viu brilhando fracamente contra o solo escuro, ao sol do meio-dia, que percebeu, com um arrepio, que eram ossos.

A selva atrás do corpulento rapaz do vale abriu-se em um tumulto trovejante de galhos e arbustos. De seu esconderijo emergia um horror acinzentado, cheio de pernas, monstruoso. Um pesadelo mutante de carne viva e máquinas, as pernas tortas equilibrando um corpo formado em parte por placas de metal e em parte por carne coberta de pelos grossos. Uma cabeça insectoide balançava em um pescoço metálico. Tentáculos terminados em ferrões inclinavam-se levemente acima de dois olhos brilhantes e mandíbulas selvagens que estalavam famintas. Criado pelos homens de outro tempo para servir a seus mestres, sobrevivera ao holocausto que os destruíra, mas, para sobreviver e preservar sua existência de séculos com os pedaços de metal colados em sua forma decadente, evoluíra para uma aberração deformada e, pior, comedora de carne.

Estava sobre sua vítima indefesa antes que qualquer um pudesse se mover. Shea estava mais perto quando a criatura mastodôntica golpeou seu irmão com uma perna estendida, derrubando-o e o prendendo ao chão; arranhando o rapaz enquanto descia as mandíbulas. Shea não parou para pensar, simplesmente gritou, feroz, e pegou sua faca de caça, brandindo a arma insignificante enquanto corria para resgatar o irmão. A criatura acabara de agarrar a vítima inconsciente quando sua atenção foi desviada para o outro humano que corria selvagemmente para atacá-lo. Hesitando, diante da situação inesperada, soltou seu aperto mortal e deu um passo cauteloso para trás, sua forma imensa preparada para golpear uma segunda vez com os olhos verdes e esbugalhados fixos no pequeno homem à sua frente.

— Shea, não... — Menion gritou aterrorizado enquanto o jovem golpeava inutilmente uma das pernas retorcidas da criatura.

Uma onda de fúria surgiu dentro do corpo imenso do monstro, que lançou uma perna para prendê-lo no chão. Mas Shea saltou em segurança poucos centímetros para o lado e golpeou outro ponto com sua arma minúscula. Então, diante dos olhares horrorizados dos outros viajantes, aquele pesadelo selvagem correu para o desafortunado jovem em uma

confusão de pernas e pelos. No momento em que Shea se preparava para pegar Flick e levá-lo para um lugar seguro, a criatura o surpreendeu, e por um segundo tudo desapareceu em uma nuvem de poeira.

As coisas aconteceram tão depressa que ninguém mais tivera tempo de reagir. Hendel nunca vira uma criatura daquele tamanho e ferocidade, uma criatura que aparentemente vivera naquelas montanhas por anos incontáveis, esperando em silêncio por suas vítimas indefesas. O anão era quem estava mais longe da batalha, mas se moveu rápido para ajudar os jovens caídos. No mesmo momento, os outros também reagiram. Quando a poeira baixou o bastante para mostrar a cabeça horrenda, três cordas de arco soaram em harmonia e flechas se enterraram fundo na massa negra coberta de pelos, com baques audíveis. A criatura rugiu em fúria e levantou o corpo, as patas da frente estendidas, procurando os novos atacantes.

O desafio não ficou sem resposta. Menion Leah deixou o arco de lado e desembainhou a espada, agarrando-a com as duas mãos.

— *Leah! Leah!* — o grito milenar explodiu enquanto o Príncipe corria como um selvagem entre as fundações esfareladas de paredes caídas para alcançar o monstro.

Balinor também desembainhara a espada, a lâmina imensa brilhando com força sob a luz do sol, e correu para ajudar o montanhês. Durin e Dayel atiravam torrentes de flechas na cabeça da fera gigantesca, que gritava, furiosa, usando as patas da frente para tentar retirar algumas flechas de sua pele grossa. Menion alcançou a aberração antes de Balinor e com um golpe amplo da espada cortou fundo a perna mais próxima, sentindo o ferro bater no osso com um impacto estrondoso. Enquanto o monstro recuava e derrubava Menion, recebeu um golpe poderoso na cabeça; a maça de guerra de Hendel o atingira com força estonteante. Um segundo depois, Balinor estava firme na frente da imensa criatura, o manto de caça às suas costas, balançando atrás da cota de malha brilhante. Com uma série de golpes rápidos e potentes da espada larga, o Príncipe de Callahorn cortou completamente uma segunda perna. A besta contra-atacou, furiosa, tentando, sem sucesso, prender um dos atacantes contra o chão para esmagá-lo até a morte. Os três homens fizeram soar seus gritos de guerra e atacaram ferozmente, tentando, desesperados, afastar o monstro de suas

vítimas caídas. Atacaram com precisão, golpeando lugares desprotegidos e fazendo o monstro ir de um lado para outro.

Durin e Dayel se aproximaram e continuaram a fazer chover flechas no imenso alvo. Muitas eram repelidas pelas placas de metal, mas o assalto incansável distraía constantemente a criatura enlouquecida. Hendel recebeu um golpe tão forte que caiu sem sentidos por uns poucos segundos, e seu atacante moveu-se de forma veloz para terminar com ele. Porém, um determinado Balinor, reunindo cada grama de força que possuía, golpeou com tanta força e rapidez que a criatura não conseguiu alcançar o anão caído antes de Menion erguê-lo e levá-lo para longe.

Enfim, as flechas de Durin e Dayel cegaram parcialmente o olho direito da criatura. Sangrando muito pelo olho e por uma dúzia de outras feridas, o monstro sabia que perdera a batalha e que, provavelmente, perderia a vida se não escapasse. Fazendo um movimento curto na direção do atacante mais próximo, virou-se, de repente, com uma destreza surpreendente, e correu rápido para a segurança de sua toca na floresta. Menion o seguiu depressa, mas a criatura distanciou-se dele e desapareceu entre as grandes árvores. Os cinco voltaram, então, a atenção para os dois jovens caídos, que estavam encolhidos e imóveis na terra amassada. Hendel os examinou, já que tinha alguma experiência em cuidar de ferimentos de batalha. Havia vários cortes e contusões, mas nenhum osso quebrado. Era difícil dizer se sofreram algum dano interno. Os dois haviam sido picados pela criatura; Flick na nuca e Shea no ombro, as fortes manchas roxas indicavam que a pele fora rompida. Veneno! Os dois permaneciam inconscientes mesmo depois de várias tentativas de acordá-los, a respiração curta e a pele pálida, ficando acinzentada.

— Não sei cuidar disso — Hendel declarou preocupado. — Temos de levá-los até Allanon. Ele conhece algumas coisas sobre esses assuntos, ele pode ajudá-los.

— Eles estão morrendo, não é? — a pergunta de Menion saiu em um sussurro quase inaudível.

Hendel assentiu sem força no silêncio que se seguiu. Balinor imediatamente tomou conta da situação, mandando Durin e Menion cortarem varas para fazer padiolas, enquanto Hendel e ele preparavam as redes para imobilizá-los. Dayel foi colocado de guarda caso a criatura

retornasse inesperadamente. Quinze minutos depois, as padiolas estavam prontas, os homens inconscientes amarrados em segurança e cobertos para protegê-los do frio da noite que se aproximava, e o grupo estava pronto para avançar. Hendel assumiu a liderança, com os outros quatro carregando as padiolas. O grupo logo atravessou as ruínas da cidade mortalmente silenciosa e, depois de alguns minutos, localizou uma trilha que levava para fora do vale escondido. Os rostos sérios do anão e dos portadores das formas inconscientes sobre as padiolas improvisadas olharam para trás, em uma raiva inútil contra as estruturas ainda visíveis. Um sentimento amargo de desamparo crescia dentro deles. Chegaram ao vale como um grupo forte e determinado, cheio de confiança em si mesmo e acreditando na missão que os reunira; contudo, deixavam-no como vítimas desencorajadas e derrotadas por um destino cruel.

Andaram rapidamente para fora do vale, subindo os leves declives da cordilheira seguinte por um caminho largo e sinuoso envolto em árvores altas e silenciosas; seus pensamentos voltados apenas para os homens feridos que carregavam. Os sons familiares da floresta retornavam, indicando que o perigo do vale passara. Nenhum deles tivera tempo de perceber isso, exceto o taciturno anão, cuja mente treinada para a guerra registrava as mudanças da floresta automaticamente. Ele se lembrou com amargor da escolha que os levara até o vale, perguntando-se o que acontecera com Allanon e com os sinais que haviam combinado. Quase sem perceber, sabia que o viajante deveria ter colocado marcadores antes de pegar o caminho que subia, e que algo ou alguém, talvez a criatura que os encontrara, percebera o que eram e os retirara. Balançou a cabeça em face à própria imbecilidade, por falhar em ver os fatos e pisou com mais força no chão, esmagando sua raiva em pedaços.

Alcançaram a boca do vale e continuaram, sem parar, através de florestas que se estendiam em uma massa ininterrupta de grandes troncos e galhos pesados, emaranhados e misturados como se quisessem bloquear o céu da montanha. O caminho estreitava-se mais uma vez, fazendo-os andar em fila com as padiolas. O céu da tarde mudava rapidamente de um azul-profundo para uma mistura de vermelho-sangue e roxo que marcava o fim de mais um dia. Hendel calculava que não teriam mais uma hora de luz do sol. Não tinha ideia do quão longe estavam do Passo de Jade, mas tinha quase certeza

de que não era tão distante. Todos sabiam que não iriam parar quando a noite caísse, não iriam dormir naquela noite e possivelmente nem no dia seguinte se quisessem salvar a vida dos dois jovens do vale. Tinham de achar Allanon rápido e cuidar dos ferimentos dos irmãos antes que o veneno alcançasse seus corações. Ninguém emitiu opinião alguma e ninguém quis discutir o assunto. Só havia uma escolha e eles a aceitaram.

Quando o sol caiu atrás das montanhas no oeste, uma hora depois, os braços dos quatro haviam alcançado seu limite, rígidos e cansados da caminhada ininterrupta desde o vale. Balinor disse que era hora de um breve descanso e o grupo se jogou no chão, respirando fundo no silêncio do começo da noite. Com o anoitecer, Hendel cedeu sua posição de líder do grupo para Dayel, que visivelmente fora quem mais se cansara carregando a padiola de Flick. Os dois jovens ainda estavam inconscientes, enrolados nos cobertores que os aqueciam, os rostos encovados e cinzentos sob a luz fraca, cobertos com uma fina camada de suor. Hendel procurou pelo pulso dos dois e mal pôde discernir um lampejo de vida em seus braços moles. Menion andava de um lado para outro, em vez de descansar, em uma fúria descontrolada, jurando se vingar de tudo que se lembrava, o rosto fino vermelho pelo calor da batalha passada e pelo desejo ardente de encontrar algo em que descontar sua ira.

O grupo retomou a marcha forçada depois de um descanso de dez minutos. O sol já desaparecera por completo, deixando-os envoltos por uma escuridão entrecortada apenas pela luz pálida das estrelas e por uma faixa de luz da lua nova. A ausência de uma luminosidade mais forte tornou a viagem lenta e perigosa, já que o caminho era sinuoso e nem sempre plano. Hendel assumira a posição de Dayel no final da padiola de Flick, enquanto o elfo magro utilizava seus sentidos muito desenvolvidos para localizar a trilha no escuro. O anão pensava pesadamente nas tiras de pano que Allanon prometera deixar para guiá-los para fora do Wolfsktaag. Mais do que antes, precisavam seguir a rota adequada, não por eles, mas pelos dois jovens do vale, cujas vidas dependiam da rapidez. Enquanto andava, seus braços já não sentiam o esforço de carregar a padiola, pois sua mente não parava de remoer a situação. Ele encarava quase sem notar os dois picos altos, que quebravam a suavidade do céu noturno ao seu lado. Demorou vários

minutos para se dar conta de que estava olhando para a entrada do Passo de Jade.

No mesmo momento, Dayel anunciou que o caminho se dividia em três direções. Hendel rapidamente informou que o passo poderia ser alcançado se seguissem o caminho da esquerda. Sem parar, foram em frente. A trilha começou a levá-los para baixo, na direção dos dois picos gêmeos. Reconfortados com a ideia de que a chegada estava próxima, marcharam mais rápido, suas forças se renovando com a esperança de Allanon os estar esperando.

Shea e Flick não estavam mais imóveis nas padiolas; haviam começado a tremer involuntariamente e a se sacudir com violência por debaixo dos cobertores apertados. Uma batalha entre o aperto da morte e a vontade de viver estava sendo travada em seus corpos envenenados. Hendel pensou consigo mesmo que isso era um bom sinal. Seus corpos ainda não haviam desistido de lutar. Virou-se para os outros e descobriu que olhavam com atenção para uma luz que brilhava nitidamente contra o horizonte escuro entre os dois picos gêmeos. Seus ouvidos captaram um barulho estrondoso ao longe e um murmúrio baixo de vozes vindo de onde estava a luz. Balinor mandou continuarem a andar, mas disse a Dayel para ir na frente e manter os olhos abertos.

— O que foi aquilo? — Menion perguntou, curioso.

— Não posso ter certeza por causa da distância — respondeu Durin —, mas pareceu serem tambores e homens cantando.

— Gnomos — Hendel declarou como um presságio.

Outra hora de viagem os deixou perto o bastante para perceberem que a estranha luz era causada por centenas de pequenas fogueiras e que o barulho vinha realmente do bater de dúzias de tambores e do canto de vários homens. O som havia atingido uma proporção ensurdecidora e os dois picos que marcavam a entrada do Passo de Jade agigantavam-se à frente como pilares imensos. Balinor tinha certeza de que, se as criaturas fossem gnomos, não iriam entrar em território proibido para colocar guardas, então o grupo estaria em relativa segurança até entrar no passo. O som dos tambores e dos cantos continuava a vibrar pelas árvores da floresta. Quem quer que estivesse bloqueando o passo, viera para ficar por um tempo. Minutos depois, o grupo chegou à beira do Passo de Jade, no limite do

alcance da luz do fogo. Movendo-se em silêncio, o grupo saiu da trilha e enfiou-se nas sombras onde puderam conversar brevemente.

— O que está acontecendo? — Balinor perguntou ansiosamente a Hendel, quando estavam todos agachados na proteção da floresta.

— É impossível dizer a essa distância, a não ser que você leia mentes — o anão grunhiu, irado. — O canto parece ser de gnomos, mas as palavras estão confusas. É melhor eu ir na frente e verificar.

— Acho melhor não — Durin avisou. — Essa é uma tarefa para um elfo, não para um anão. Eu posso me mover mais rápido e mais silenciosamente do que você, e terei como sentir a presença de guardas.

— Então é melhor que seja eu — sugeriu Dayel. — Sou menor, mais leve e mais rápido do que qualquer um de vocês. Volto em um minuto.

Sem esperar resposta, entrou na floresta e desapareceu antes que alguém pudesse fazer uma objeção. Durin xingou em voz baixa, temendo pela vida do seu irmão... Se realmente fossem gnomos no Passo de Jade, iriam matar qualquer elfo perdido que encontrassem rondando no escuro. Hendel deu de ombros, contrariado, e sentou-se encostado em uma árvore para esperar o retorno de Dayel. Shea começou a gemer e se debater com mais força, jogando os cobertores para longe e quase rolando para fora da padiola. Flick se comportava do mesmo jeito, embora com menos força, grunhindo baixo, sua face assustadoramente abatida. Menion e Durin foram rapidamente prender os cobertores de volta nos jovens, dessa vez amarrando-os com longas tiras de couro. Os grunhidos continuaram, mas o grupo não tinha medo de ser descoberto por causa de todo o barulho que vinha do outro lado do passo. Sentaram-se em silêncio, esperando por Dayel, olhando ansiosos para o horizonte e ouvindo os tambores, sabendo que de algum jeito encontrariam uma forma de passar por quem quer que estivesse bloqueando a entrada. Foram longos minutos até que Dayel saiu de repente da escuridão.

— São gnomos? — Hendel perguntou ríspidamente.

— Centenas deles — o elfo respondeu, sério. — Estão espalhados por toda a entrada do passo e acenderam dúzias de fogueiras. Deve ser algum tipo de cerimônia, pelo jeito como estão batendo tambores e cantando. O pior é que estão voltados diretamente para o passo. Ninguém pode entrar ou sair sem ser visto.

Parou e olhou rapidamente para os corpos devastados pelo veneno dos jovens feridos antes de encarar Balinor.

— Patrulhei toda a entrada e os dois lados dos picos. Não há como passar exceto pelo meio dos gnomos. Eles fizeram uma armadilha.

Capítulo XII

O relato sombrio de Dayel gerou uma reação imediata. Menion pulou, pegando a espada e ameaçando abrir caminho ou morrer tentando. Balinor tentou contê-lo, ou pelo menos acalmá-lo, mas a confusão foi completa por vários minutos enquanto os demais se juntavam ao redor do montanhês exaltado. Hendel perguntou ao abalado Dayel o que ele vira na entrada do passo e, depois de algumas respostas rápidas, gritou para que os demais ficassem quietos.

— Os chefes de clã dos gnomos estão lá — disse para Balinor, que finalmente conseguira conter Menion tempo o bastante para ouvir o anão. — Todos os sumos sacerdotes e os membros das vilas próximas estão lá para uma cerimônia especial que acontece uma vez por mês. Eles chegam ao pôr do sol e cantam louvores a seus deuses para que os protejam da maldade da terra proibida, as Wolfsktaag. Vai durar a noite toda, e de manhã será tarde demais para ajudarmos nossos jovens amigos.

— Um povo maravilhoso, os gnomos! — Menion explodiu. — Temem os poderes malignos deste lugar, mas se aliam ao Reino da Caveira. Não sei vocês, mas eu não vou desistir por causa de um punhado de gnomos imbecis cantando feitiços inúteis.

— Ninguém está desistindo, Menion — Balinor respondeu na mesma hora. — Nós vamos sair dessas montanhas hoje. Agora!

— E como você pretende fazer isso? — Hendel questionou. — Quer passar bem no meio de metade da nação dos gnomos? Ou talvez possamos voar por cima deles?

— Espere um minuto! — Menion exclamou de repente e inclinou-se sobre o inconsciente Shea. Procurou avidamente em suas roupas até que encontrou a pequena bolsa de couro que continha as poderosas Pedras Élficas.

— As Pedras Élficas irão nos tirar daqui — anunciou para os outros, agarrando a bolsa.

— Ele perdeu a cabeça? — Hendel perguntou, sem acreditar no que via.

— Não vai funcionar, Menion — Balinor declarou, calmo. — O único com poder para usar as pedras é Shea. Além disso, Allanon uma vez me contou que só podem ser usadas contra forças sobrenaturais, perigos que confundem a mente. Gnomos são mortais, de carne e osso, não são criaturas do mundo espiritual ou da imaginação.

— Não sei do que você está falando, mas eu sei que essas pedras deram um jeito naquela criatura do Pântano das Névoas e eu as vi funcionar... — A voz de Menion sumiu enquanto ele refletia sobre o que estava falando, até que abaixou a bolsa e seu conteúdo precioso. — Para que insistir? Você deve estar certo. Nem sei mais o que estou falando.

— Deve haver um jeito! — Durin se adiantou, pedindo sugestões. — Tudo o que precisamos é de um plano para distraí-los por cinco minutos para podermos passar por eles.

Menion animou-se com a sugestão, aparentemente achando a ideia válida, mas era incapaz de pensar em um modo de distrair milhares de gnomos. Balinor andou de um lado para outro por alguns minutos, perdido em pensamentos enquanto os outros faziam sugestões aleatórias. Hendel sugeriu, com um humor ácido, andar no meio deles e se deixar capturar. Os gnomos estariam tão exaltados por finalmente colocarem as mãos nele, o homem que tentavam destruir havia anos, que iriam se esquecer de todo o resto. Menion não gostou da piada e quase concordou com a ideia.

— Chega de conversa! — rugiu o Príncipe de Leah, finalmente perdendo a paciência. — Precisamos de um plano que nos tire daqui agora, antes que nossos amigos estejam fora do alcance de qualquer ajuda. O que podemos fazer?

— Qual a largura do passo? — Balinor perguntou, distraído.

— Uns cento e oitenta metros no ponto em que os gnomos estão reunidos — Dayel respondeu, evitando confronto com Menion. Pensou mais um pouco e estalou os dedos ao se lembrar. — O lado direito do passo é completamente aberto, mas do lado esquerdo há umas árvores pequenas e arbustos crescendo na lateral do penhasco que nos dariam alguma cobertura.

— Mas não o bastante — Hendel interrompeu. — O Passo de Jade é largo o bastante para um exército passar, mas tentar atravessar com tão pouca

cobertura seria suicídio. Eu o vi do outro lado e qualquer gnomo que olhasse naquela direção nos veria em segundos!

— Bem, então eles precisam estar olhando para o outro lado — Balinor grunhiu enquanto a faísca de um plano começava a se formar em sua mente. Ele parou de repente e, ajoelhando-se no chão da floresta, desenhou um diagrama rudimentar da entrada do passo, olhando para Dayel e Hendel para ver se aprovavam.

Menion tinha parado de reclamar por um tempo para se unir a eles.

— Pelo desenho, parece que teremos de ficar cobertos e fora do alcance da luz até chegarmos aqui — Balinor explicou, indicando um ponto perto da linha que representava a lateral do penhasco à esquerda. — A subida é suave o bastante para ficarmos acima dos gnomos e cobertos pelos arbustos. Aqui começa um espaço aberto por mais ou menos uns vinte, vinte e cinco metros até as florestas que começam no lado mais íngreme do penhasco. Esse é o ponto crítico, onde a luz nos mostrará mais claramente para quem estiver olhando. Os gnomos terão de estar virados para outro lado para podermos atravessar essa área.

Ele parou e olhou para os quatro rostos ansiosos, desejando ardentemente um plano melhor, mas sabendo que não teriam tempo para pensar em outro se quisessem preservar qualquer chance de recuperar a Espada de Shannara. Qualquer outra coisa que estivesse em jogo não seria de importância tão crucial quando a vida do jovem do vale de aparência frágil, o herdeiro do poder da espada e a única chance que restara aos povos das quatro terras para evitar um conflito que os consumiria. Suas próprias vidas valeriam pouco para preservar aquela única esperança.

— Iremos precisar do melhor arqueiro das Terras do Sul — disse o homem alto inesperadamente. — E esse homem só pode ser Menion Leah.

O montanhês levantou os olhos surpreso com a declaração inesperada, incapaz de esconder o orgulho que sentia.

— Você só terá uma chance — o Príncipe de Callahorn continuou. — Se não acertar exatamente no alvo, tudo estará perdido.

— Qual é seu plano? — Durin interrompeu, curioso.

— Quando alcançarmos o fim de nossa proteção e entrarmos em espaço aberto, Menion irá localizar um dos chefes de clã dos gnomos, do outro lado

do passo. Ele terá a chance de atirar uma vez e matá-lo. Começando uma confusão e nos permitindo passar.

— Não vai funcionar, meu amigo — Hendel grunhiu. — No minuto em que virem o chefe morto com uma flecha, irão correr para a entrada do passo. Vocês serão encontrados em segundos.

Balinor sacudiu a cabeça e sorriu, embora de modo pouco convincente.

— Não, não seremos, porque eles estarão atrás de outra pessoa. No instante em que o chefe do clã cair, um de nós se exibirá lá no passo. Os gnomos estarão tão irritados e tão ansiosos para colocar as mãos nele que não irão perder tempo procurando outra pessoa, e poderemos passar despercebidos na confusão.

Um silêncio saudou essa possibilidade e os rostos ansiosos se entreolharam, o mesmo pensamento em todas as mentes.

— Parece muito bom para todos, menos para quem ficar para trás para se exibir — Menion falou, descrente. — Quem vai ficar com essa tarefa suicida?

— O plano é meu — Balinor declarou. — Será meu dever ficar para trás e levar os gnomos de volta para as Wolfsktaag, até que eu consiga dar a volta e encontrar vocês mais tarde, nos limites de Anar.

— Você deve estar maluco se está achando que iremos deixar você ficar para trás e levar com todo o crédito — Menion declarou. — Se eu fizer o disparo, ficarei para levar o arco. E se eu errar...

A voz sumiu aos poucos e ele sorriu, dando de ombros casualmente, batendo no ombro de Durin, que o olhava sem acreditar. Balinor estava prestes a discordar quando Hendel deu um passo à frente sacudindo sua cabeça larga em desaprovação.

— O plano parece bom, mas todos sabemos que quem ficar para trás vai ter milhares de gnomos tentando encontrá-lo, ou ainda, esperando que saia da terra proibida. Aquele que ficar precisa ser alguém que conheça os gnomos, seus métodos, como lutar e sobreviver a eles. Nesse caso, esse homem é um anão que tem o conhecimento de uma vida. Deve ser eu. Além do mais — acrescentou, sério — já contei a vocês o quanto eles querem minha cabeça. Não vão deixar passar a chance depois de uma afronta dessas.

— E eu já disse — Menion insistiu. — É meu...

— Hendel tem razão — Balinor o cortou, rispidamente. Os outros o olharam, surpresos. Apenas Hendel sabia que a decisão tomada pelo homem

da fronteira, mesmo sendo desagradável, era a mesma que ele faria se suas posições estivessem invertidas. — A escolha foi feita e iremos respeitá-la. Hendel terá mais chances de sobreviver.

Ele se virou para o corpulento guerreiro anão e estendeu uma mão larga. O outro a apertou com força por um breve momento e virou-se rapidamente, afastando-se e desaparecendo na trilha em um trote lento. Os outros observavam, mas ele sumiu em segundos. O bater dos tambores e o canto dos gnomos fluía gravemente vindo do céu iluminado a oeste.

— Amordacem os dois para que não gritem — Balinor mandou, assustando os outros três com a rispidez de seu comando. Quando Menion ficou imóvel, enraizado onde estava, olhando em silêncio para o caminho que Hendel tomara um minuto antes, Balinor aproximou-se e colocou uma mão em seu ombro. — Garanta, Príncipe de Leah, que seu disparo valha o sacrifício que ele está fazendo por nós.

Os corpos dos dois jovens, que ainda se debatiam, foram logo presos nas padiolas improvisadas e seus gritos devidamente abafados por mordanças bem apertadas. Os quatro remanescentes pegaram os equipamentos e as padiolas, movendo-se para fora da proteção das árvores na direção do Passo de Jade. As fogueiras dos gnomos ardiam à frente, iluminando o céu noturno em uma aura brilhante de amarelo e laranja. Os tambores continuavam a soar em um ritmo constante, o som ensurdecendo os ouvidos dos quatro conforme se aproximavam. O canto ficava cada vez mais alto, até parecer que toda a nação dos gnomos estava reunida. A sensação que ficava era de irrealidade, como se tivessem se perdido em um mundo semionírico atravessado por mortais e espíritos em rituais estranhos que não serviam a nenhum propósito identificável. As paredes dos penhascos se erguiam irregulares contra o céu noturno dos dois lados; intrusos distantes, mas imensos, na pequena cena que acontecia na entrada do Passo de Jade. Paredes de pedra brilhavam em uma chuva de cores: vermelho, laranja e amarelo misturados até um verde-profundo que dançava e bruxuleava no fogo aceso pelos gnomos. A cor refletia a dureza da pedra e se espelhava com suavidade nos rostos sérios dos quatro amigos que carregavam as padiolas, revelando, momentaneamente, o medo que tentavam esconder.

Enfim, os homens se encontravam no corredor do passo, no limite da visão dos gnomos que cantavam. As encostas subiam íngremes em ambos os

lados; a inclinação ao norte não oferecia nenhuma cobertura, enquanto a ao sul estava coberta por pequenas árvores e arbustos fechados que cresciam tão próximos que pareciam se sufocar. Balinor sinalizou em silêncio para que os outros seguissem para a encosta sul. Ele assumiu a liderança, procurando o caminho mais seguro, movendo-se com cautela para cima, na direção das árvores que cresciam no topo da montanha. Demoraram um pouco para alcançar a segurança das árvores e Balinor os conduziu lentamente pela boca do passo. Conforme avançavam devagar, Menion podia olhar por frestas na linha de árvores e arbustos e ver breves relances das fogueiras ardendo abaixo; à frente, as chamas brilhantes estavam quase completamente cobertas pelas centenas de pequenas e retorcidas criaturas que se moviam ritmicamente à luz do fogo, cantando em um zumbido grave e sobrenatural para os espíritos de Wolfsktaag. Sua boca estava seca enquanto imaginava o que aconteceria se fossem descobertos, e pensou em Hendel. De repente sentiu muito medo pelo anão. Os arbustos e as árvores começaram a rarear, indo mais para cima na encosta, e os quatro praticamente rastejavam, devagar e hesitantes, enquanto Balinor mantinha o olhar fixo nos gnomos. Durin e Dayel caminhavam como gatos; suas esguias figuras élficas moviam-se silenciosamente pelos galhos secos e ásperos, misturando-se ao terreno. Novamente Menion deu uma olhada para os gnomos, já bem mais próximos, seus corpos amarelados balançando no ritmo dos tambores, brilhando com o suor de horas clamando por seus deuses e rezando para as montanhas.

Os quatro alcançaram o fim da proteção. Balinor apontou na escuridão, mostrando as centenas de metros de espaço aberto entre eles e as densas florestas de Anar do outro lado. Era uma grande distância e não haveria nada entre eles e o passo além de alguns arbustos e esparsas folhas de grama, secas pelo sol. Diretamente abaixo, os gnomos cantavam, dançando no brilho do fogo e em posição perfeita para ver alguém tentando cruzar o espaço muito bem iluminado da encosta sul. Dayel estava certo: teria sido suicídio se esgueirar para tentar atravessar naquelas condições. Menion olhou para cima e rapidamente viu que quaisquer esforços para alcançar maior altitude com os dois feridos seriam vãos, devido à parede do penhasco que subia abruptamente vários metros, inclinando apenas levemente enquanto subia em direção a seu pico invisível. Ele se voltou para

olhar novamente o espaço aberto. Parecia ainda mais distante do que antes. Balinor levou os demais para um círculo.

— Menion, vá até o limite das árvores — sussurrou com cautela. — Depois que escolher seu alvo e atingi-lo, Hendel irá focar a raiva deles, chamando atenção para si mesmo, dentro do passo, lá no alto da outra encosta. Ele já deve estar a postos agora. Quando os gnomos correrem para ele, nós correremos pelo espaço aberto o mais rápido possível. Não parem para olhar, apenas continuem andando.

Os outros três concordaram e todos os olhos se demoraram em Menion, que soltara o arco longo de freixo e testava sua força. Escolheu uma única flecha, longa e negra, mirando e hesitando por um minuto. Olhou para baixo através da proteção velada das árvores para as centenas de gnomos no solo. De repente, percebeu o que queriam dele. Deveria matar alguém, não em batalha ou em um combate justo, mas em emboscada, com discrição, e esse alguém não teria defesa. Sabia instintivamente que não podia fazer aquilo, que não era o guerreiro veterano que Balinor era; não tinha a determinação fria de Hendel. Ele era impetuoso e até mesmo corajoso, às vezes, pronto para enfrentar qualquer um em combate, mas não era um assassino. Olhou de relance para os outros, que perceberam na mesma hora o que estava acontecendo.

— Você precisa fazer isso — Balinor sussurrou, ríspido, os olhos brilhando com determinação feroz.

O rosto de Durin estava ligeiramente afastado à meia-luz, congelado ante a incerteza. Dayel encarou Menion, seus olhos élficos arregalados, assustado com a escolha que o montanhês enfrentava; sua aparência juvenil parecia abatida e pálida.

— Não posso matar alguém dessa maneira — Menion tremeu involuntariamente com suas próprias palavras. — Nem mesmo para salvar a vida deles. — Parou por um instante e Balinor continuou a encará-lo, esperando algo mais. — Eu posso fazer a tarefa — Menion anunciou de repente, após uma reflexão momentânea. — Mas farei de forma diferente.

Sem explicar mais, moveu-se entre o amontoado de árvores e ajoelhou-se em silêncio no limite, quase além de sua pouca proteção. Seus olhos procuraram rapidamente as formas dos gnomos abaixo. Afinal, viu um de seus chefes do outro lado do passo. O gnomo estava em pé na frente de seus

súditos, seu rosto amarelado e velho levantado, suas pequenas mãos estendidas, segurando em oferenda uma tigela larga de brasas brilhantes. Estava imóvel enquanto liderava o cântico com outros chefes gnomos, seu rosto virado para a entrada das Wolfsktaag. Menion tirou uma segunda flecha da aljava e a colocou à sua frente. Então, abaixou-se e ficou apoiado em um dos joelhos, deixando a segurança da pequena árvore onde se posicionara e encaixando a primeira flecha no arco. Mirou. Os outros três aguardavam, sem respirar, de dentro dos limites da folhagem, observando o arqueiro. Por um segundo, tudo pareceu parar por completo, e depois a corda tesa do arco foi solta com um estalo audível e a flecha voou, invisível, para o alvo. Como se fizesse parte do mesmo movimento, Menion encaixou a segunda flecha na corda, mirou e atirou com uma rapidez ofuscante, para depois cair imóvel na sombra da árvore mais próxima.

Tudo aconteceu tão rápido que nenhum deles viu tudo, apenas relances das ações do arqueiro e da cena que se seguiu no meio dos gnomos. A primeira flecha atingiu a tigela nas mãos estendidas do chefe dos gnomos cantores, fazendo-a explodir em um turbilhão de lascas de madeira. Os carvões em brasa voaram em uma chuva de faíscas. No instante seguinte, enquanto o gnomo atônito e seus seguidores ainda em transe ficaram temporariamente paralisados, a segunda flecha enterrou-se dolorosamente no vulnerável traseiro do chefe de clã, que deu um uivo de agonia que pôde ser ouvido em todo o Passo de Jade. A sincronia foi perfeita. Aconteceu tão depressa que nem mesmo a azarada vítima teve tempo, ou cabeça, para refletir sobre a direção de onde aquele vergonhoso ataque viera ou quem fora o atacante traiçoeiro. O chefe de clã pulou aterrorizado e com dor por vários minutos, enquanto seus companheiros o observavam em uma mistura de espanto e apreensão, emoções que mudaram rapidamente. A cerimônia foi interrompida e um de seus líderes, atingido em uma emboscada. Estavam humilhados e perigosamente enraivecidos.

Alguns segundos após as flechas terem atingido seus alvos, antes que qualquer um tivesse chance de organizar seus pensamentos, uma tocha apareceu à distância no passo, na parte mais alta da encosta norte. Lançava uma gigantesca chama que queimava no céu noturno como se a própria terra tivesse entrado em erupção em resposta aos gritos dos gnomos vingativos. E, na frente da chama ascendente, estava a figura larga e imóvel

de Hendel, seus braços levantados em desafio, uma mão agarrando a maça em uma provocação ameaçadora a todos que o olhavam. Sua gargalhada ecoou ensurdecadora nas paredes dos penhascos.

— Venham me encarar, gnomos! Minhocas da terra! — rugiu em deboche. — Venham e lutem, já que é óbvio que não vão poder se sentar por enquanto! Seus deuses bobos não podem salvá-los dos poderes de um anão, o que dirá dos espíritos das Wolfsktaag!

O rugido de fúria que subiu dos gnomos era aterrorizante. Movendo-se como se fossem um só, avançaram para o Passo de Jade para alcançar a figura zombeteira acima na encosta, determinados a arrancar seu coração pela vergonha e humilhação que os fizeram passar. Atingir um líder de clã era ruim, mas insultar sua religião e coragem de uma só vez era imperdoável. Alguns dos gnomos reconheceram o anão na hora e gritaram seu nome para os outros, exigindo sua morte. Enquanto os gnomos avançavam às cegas pelo passo, a cerimônia já esquecida e as fogueiras queimando sem que ninguém as visse, os quatro homens se levantaram e agarraram firmes as varas das padiolas com sua carga preciosa. Começaram a correr abaixados pela encosta sul, aberta e desprotegida, totalmente expostos ao brilho do fogo, suas sombras aparecendo como imensos fantasmas contra a parede do penhasco acima. Ninguém parou para acompanhar o progresso dos gnomos; iam em frente enlouquecidos, os olhos grudados na escuridão protetora da floresta de Anar, que pairava à distância.

Miraculosamente, conseguiram chegar à segurança da floresta. Ali, pararam, respirando pesadamente à sombra fria das grandes árvores, escutando os sons do passo. Abaixo, o solo da entrada do passo estava vazio exceto por um pequeno grupo de gnomos, um deles ocupado em ajudar o chefe ferido a retirar a flecha. Menion riu baixo com a cena, um sorriso lento se espalhando em seu rosto magro. Mas ele logo desapareceu quando olhou para o passo onde a chama na encosta norte ainda brilhava com força. Os gnomos enlouquecidos escalavam em todas as direções, um número incontável de pequenos corpos amarelados, os que estavam mais à frente já se aproximando da tocha. Não havia sinal de Hendel, mas aparentemente ele estava preso em algum lugar nas encostas. Os quatro observaram por apenas

um minuto, e Balinor sinalizou em silêncio para que seguissem. O Passo de Jade ficou para trás.

Estava escuro na floresta densa quando o grupo ultrapassou o limite da luz das fogueiras dos gnomos. Balinor colocou o Príncipe de Leah na frente com instruções para descer a encosta sul a fim de encontrar a trilha que os levaria para o oeste. Não demoraram muito para achá-la, e o pequeno bando foi para o centro de Anar. A floresta ao redor bloqueava a maior parte da luz fraca das estrelas distantes, e as grandes árvores emolduravam o caminho à frente como muros negros.

Os jovens do vale se sacudiam violentamente nas padiolas de novo, e gemiam dolorosamente, mesmo com as mordanças. Os carregadores estavam começando a perder as esperanças por seus amigos. O veneno se infiltrava lentamente em seus sistemas e quando alcançasse o coração, o fim seria instantâneo. Os quatro homens não tinham como saber quanto tempo ainda restava aos irmãos, nem qual era a distância a que estavam de qualquer tipo de auxílio médico. O único homem que conhecia a região ficara para trás, encurralado nas Wolfsktaag e lutando por sua vida.

De repente, tão bruscamente que os quatro nem sequer tiveram tempo de deixar a trilha para evitarem serem notados, um grupo de gnomos surgiu de dentro da muralha de árvores no caminho à frente. Por um momento, todos ficaram imóveis, os dois grupos apertando os olhos sob a luz fraca. Demorou apenas um instante para reconhecerem um ao outro. Os quatro homens rapidamente abaixaram as padiolas e formaram uma linha que atravessava a trilha. Os gnomos, uns dez ou doze, reuniram-se por um momento e um deles desapareceu nas árvores.

— Foram chamar ajuda — Balinor sussurrou para os demais. — Se não os derrotarmos rápido, chegarão reforços para acabar conosco.

Ele mal conseguiu acabar de falar, quando o resto dos gnomos soltou um grito de batalha terrível, avançando contra os quatro, as espadas curtas e de aparência cruel brilhando fracamente. As flechas silenciosas de Menion e dos irmãos elfos derrubaram três deles no meio do movimento antes que os demais os cercassem como lobos selvagens. Dayel foi completamente envolvido pelo assalto e os demais o perderam de vista. Balinor manteve-se firme enquanto sua lâmina larga cortava dois dos infelizes gnomos ao meio com um único golpe. Os minutos seguintes foram cheios de gritos agudos e

respirações difíceis enquanto os guerreiros lutavam na trilha estreita. Os gnomos tentavam quebrar a vantagem do maior alcance dos homens na defensiva, que manobravam para se manterem entre os ferozes atacantes e seus dois companheiros feridos. Ao fim, todos os gnomos estavam mortos na trilha ensanguentada, os corpos em pequenas pilhas sob a luz fraca das estrelas. Dayel recebera um sério corte nas costelas que precisava ser suturado e Menion e Durin tinham pequenos ferimentos. Balinor estava intocado, seu corpo protegido das espadas dos gnomos pela cota de malha sob seu manto em farrapos.

Os quatro pararam apenas pelo tempo necessário para suturar o ferimento de Dayel antes de pegarem as padiolas e continuarem, em um ritmo ainda mais rápido pelo caminho deserto. Tinham razões para se apressar. Caçadores gnomos estariam em seu encalço assim que encontrassem os companheiros mortos. Menion tentou adivinhar a hora pela posição das estrelas, calculando o tempo de viagem desde o pôr do sol nas Montanhas Wolfsktaag, mas concluiu apenas que estavam nas primeiras horas da manhã. O montanhês sentiu os últimos sinais da fadiga começarem a tomar seus braços doloridos e seus músculos das costas exauridos, enquanto andava rapidamente atrás da forma larga de Balinor, que assumira a liderança. Estavam perto da exaustão, os corpos quebrados pelo dia de viagem e os encontros, primeiro com o monstro nas Wolfsktaag e depois com os gnomos. Mantinham-se de pé sobretudo por saberem o que poderia acontecer com os jovens se parassem. No entanto, trinta minutos depois da breve luta com a guarda de gnomos, Dayel desmaiou enquanto andava, uma vez que perdera muito sangue e estava cansado. Os outros demoraram vários minutos para reanimá-lo e colocá-lo em pé de novo. Mesmo assim, o ritmo diminuiu sensivelmente.

Balinor foi forçado a permitir mais um descanso muito necessário de alguns minutos logo depois. Eles se acomodaram em silêncio em um lado da trilha e ouviram desanimados o tumulto crescente ao redor. Gritos e batidas abafadas, ainda que distantes, recomeçaram desde o confronto na trilha. Pelo visto, os gnomos foram avisados sobre sua presença rápido o bastante para convocarem um grande número de grupos de caças e rastreá-los. Soava como se toda a floresta de Anar estivesse viva com gnomos enraivecidos. Eles vigiavam as árvores e as colinas ao redor em um esforço para capturar o

inimigo que passara por eles na trilha e matara dez ou mais dos seus para não serem capturados.

Cansado, Menion olhou para os dois jovens com rostos pálidos e cobertos por uma grossa camada de suor. Ele os ouvia gemendo através das mordanças e via seus membros convulsionando enquanto o veneno agia sem cessar em seus sistemas. Olhou para eles e de repente sentiu que havia de alguma forma falhado quando mais precisaram e, agora, pagariam o preço de sua falha. A raiva crescia quando refletiu sobre toda a ideia louca de viajar para Paranor de forma a reaver uma relíquia de eras passadas que salvaria a todos de uma criatura como o Lorde Feiticeiro. E, mesmo enquanto pensava assim, sabia que era errado questionar algo que haviam aceitado de início como nada mais do que uma possibilidade remota. Olhou para Flick e se perguntou por que não eram mais amigos.

O súbito sussurro de aviso de Durin fez com que saíssem apressadamente da trilha exposta com as padiolas para o esconderijo das árvores, agachando-se e esperando, sem respirar. Um minuto depois, o som típico de botas pesadas reverberou pela trilha deserta, e, pela direção da qual tinham vindo, um grupo de guerreiros gnomos marchou para fora da escuridão indo para o lugar em que se escondiam. Balinor soube na hora que havia gnomos demais para lutarem e com a mão impediu o exaltado Menion de fazer qualquer movimento inesperado. Os gnomos marchavam pela trilha em formação, os rostos amarelos rígidos à luz das estrelas enquanto seus olhos separados vasculhavam a floresta escura. Alcançaram o ponto em que o grupo estava escondido e continuaram subindo a trilha sem parar, não percebendo que seu alvo estava a poucos metros. Quando desapareceram de vista e não era possível ouvir mais nenhum som, Menion virou-se para Balinor.

— Estamos perdidos se não encontrarmos Allanon. Não vamos aguentar mais um quilômetro carregando Shea e Flick nessas condições se não obtivermos ajuda.

Balinor assentiu devagar, mas não comentou nada. Sabia a situação deles. Mas também sabia que parar seria pior do que a captura ou um novo encontro com os gnomos. Tampouco poderiam deixar os irmãos para trás na floresta, na esperança de encontrá-los depois, assim que conseguissem ajuda; era arriscado demais. Gesticulou para que os outros se levantassem.

Sem falar, pegaram as padiolas e voltaram à marcha cansada pelo caminho na floresta, sabendo que os gnomos estavam tanto na frente quanto atrás. Menion pensou novamente no que teria acontecido ao galante Hendel. Parecia impossível que mesmo aquele anão cheio de recursos, com toda sua habilidade em lutar nas montanhas, pudesse escapar daqueles gnomos enraivecidos por qualquer tempo que fosse. De qualquer jeito, o anão não poderia estar pior do que eles, andando a esmo por Anar com dois homens feridos e sem ajuda à vista. Se os gnomos os encontrassem novamente, antes que chegassem a um lugar seguro, Menion não duvidava de qual seria o resultado.

Novamente os ouvidos apurados de Durin captaram o som de pés se aproximando e novamente todos saltaram para a segurança das árvores. Mal tinham saído da trilha aberta e se encolhido entre os arbustos da floresta quando viram pessoas surgindo das árvores. Mesmo sob a luz fraca das estrelas, os olhos sensíveis de Durin imediatamente distinguiram o líder do pequeno grupo, um homem gigantesco envolto em uma longa túnica negra larga em seu corpo magro. Um momento depois, os outros também o viram. Era Allanon. Mas um repentino gesto alarmado de Durin calou as exclamações de alívio que se formavam nos lábios de Menion e Balinor. Olharam melhor na escuridão e viram que as pequenas figuras vestidas de branco que acompanhavam o historiador eram gnomos.

— Ele nos traiu! — Menion sussurrou ríspidamente, sua mão indo por instinto para a longa faca de caça em seu cinto.

— Não, espere um pouco — Balinor ordenou, indicando para ficarem abaixados enquanto o grupo se aproximava de seu esconderijo.

A figura alta de Allanon se aproximava lentamente pela trilha, sem pressa, os olhos fundos mirando à frente enquanto andava. Sua testa escura estava franzida em concentração. Menion soube instintivamente que seriam encontrados e preparou os músculos para pular na trilha, onde o primeiro golpe destruiria o traidor. Sabia que não teria uma segunda chance. Os gnomos de branco seguiam seu líder prontamente, sem nenhuma ordem específica enquanto iam de um lado para outro, aparentemente desinteressados. De repente, Allanon parou e olhou ao redor, como se tivesse notado a presença do grupo de repente. Menion se preparou para

pular, mas uma mão pesada agarrou seu ombro, segurando-o firmemente contra o solo.

— Balinor — o viajante alto chamou no mesmo lugar, sem se mover para a frente ou para os lados enquanto olhava ao redor ansioso.

— Me solta! — Menion pediu furioso para o Príncipe de Callahorn.

— Eles estão desarmados! — a voz de Balinor cortou sua raiva, fazendo-o examinar de novo os gnomos de branco ao lado do homem alto. Não havia armas visíveis.

Balinor ergueu-se devagar e avançou na direção da clareira, a espada firme em uma das mãos. Menion estava logo atrás. Percebeu, então, a figura esguia de Durin nos limites das árvores, uma flecha fixa no arco em prontidão. Allanon avançou com um suspiro de alívio e estendeu a mão para Balinor, parando rapidamente ao ver a leve desconfiança nos olhos do homem da fronteira e a amargura estampada no rosto do montanhês. Ele pareceu intrigado por um momento, e depois olhou de novo para as pequenas figuras paradas imóveis atrás de si.

— Não, está tudo bem — exclamou, rapidamente. — São amigos. Eles não têm nada contra vocês, nem trazem armas. São médicos e curandeiros.

Por um momento, ninguém se mexeu. Balinor embainhou a espada e apertou a mão estendida de Allanon. Menion seguiu-o, ainda desconfiado dos gnomos que esperavam na trilha.

— Agora me contem o que aconteceu — ordenou Allanon, mais uma vez no comando do exausto grupo. — Onde estão os outros?

Balinor então contou o que havia acontecido com eles nas Wolfsktaag, a escolha errada na bifurcação, a batalha que se seguira com a criatura nas ruínas da cidade, a jornada até o passo e o plano que os fizera passar pelos gnomos reunidos. Ao ouvir sobre o ferimentos dos jovens do vale, Allanon imediatamente falou com os gnomos que o acompanhavam, informando o desconfiado Menion que poderiam tratar dos ferimentos de seus amigos. Balinor continuou sua história enquanto os gnomos vestidos de branco corriam para o lado dos jovens feridos e debruçavam-se sobre eles com óbvia preocupação, aplicando um líquido de alguns frascos que carregavam. Menion os observou, ansioso, perguntando-se por que aqueles gnomos eram diferentes dos outros. Quando Balinor terminou, Allanon sacudiu a cabeça, contrariado.

— A culpa foi minha, eu calculei errado — murmurou zangado. — Estava planejando muito à frente, sem observar de perto os perigos mais imediatos. Se esses dois morrerem, toda essa viagem terá sido em vão! — Ele falou de novo com os apressados gnomos e um deles partiu correndo pela trilha que levava ao Passo de Jade. — Mandei um deles de volta para ver se descobre algo sobre Hendel. Se alguma coisa aconteceu com ele, eu serei o único culpado.

Mandou que os médicos gnomos carregassem os homens do vale e o grupo inteiro voltou para a trilha, na direção oeste; os gnomos que carregavam as padiolas seguiam à frente e os membros exaustos do grupo se arrastavam atrás. O ferimento de Dayel também foi examinado e ele já conseguia andar sem ajuda. Enquanto o grupo caminhava na trilha deserta, Allanon lhes explicou por que não encontrariam gnomos naquela região.

— Estamos nos aproximando das terras dos stors, esses gnomos que me acompanham — informou-os. — Eles são curandeiros, vivem isolados do resto das nações de gnomos e de todas as outras raças e se dedicam a auxiliar aqueles que precisam de abrigo ou de ajuda médica. Eles se governam sozinhos, vivendo à parte das brigas mesquinhas dos outros, algo que a maioria não consegue fazer. Todos nesta parte do mundo os respeitam e admiram. Sua terra, na qual entraremos em breve, chama-se Storlock. É um campo sagrado que nenhum grupo de caça gnomo se atreveria a atravessar sem ser convidado. Podem ficar tranquilos que os convites para esta noite foram limitados.

Ele continuou a explicar como era amigo daquele povo inofensivo há anos, compartilhando seus segredos, vivendo com eles por meses. Os stors seriam capazes de curar o que quer que estivesse errado com os jovens, assegurou a Menion. Eram os melhores curandeiros do mundo, e não por acaso estavam com o historiador em seu retorno por Anar para encontrar o grupo no Passo de Jade. Ouviu sobre as coisas estranhas que haviam acontecido de um gnomo assustado que encontrara na trilha na fronteira de Storlock. Ele disse que os espíritos da terra proibida estavam livres e matando a todos, então pediu aos stors que fossem com ele procurar seus amigos, temendo que tivessem se machucado no passo.

— Eu não fazia ideia de que a presença que detectei naquele vale nas Wolfsktaag seria de uma criatura com inteligência suficiente para remover

os marcadores da trilha depois que passei — admitiu, enfurecido. — Mas eu deveria ter suspeitado e deixado outros sinais para vocês. Pior ainda, atravessei direto o Passo de Jade no começo da tarde sem perceber que os gnomos estavam se reunindo naquela noite para purgar os espíritos da montanha. Parece que falhei terrivelmente com vocês.

— Todos falhamos — Balinor declarou, apesar de Menion, que ouvia silenciosamente do outro lado, não estar tão disposto a acreditar nisso. — Se tivéssemos ficado mais alertas, nada disso teria acontecido. O que importa agora é curar Shea e Flick, e tentar ajudar Hendel antes que os caçadores gnomos o encontrem.

Caminharam em silêncio por um tempo, homens abatidos e cansados demais para pensar em qualquer assunto, concentrando-se apenas em colocar um pé na frente do outro até que alcançaram a prometida segurança da aldeia dos stors. A trilha parecia se curvar incessantemente através das árvores da floresta de Anar, e, depois de um tempo, os quatro já haviam perdido a noção de tempo e de espaço, as mentes entorpecidas pela exaustão. A noite passou devagar e, enfim, os primeiros raios da luz da alvorada apareceram inesperadamente no horizonte; ainda não haviam chegado ao seu destino. Apenas uma hora depois, enfim, viram a luz das fogueiras noturnas queimando na aldeia, refletindo-se nas árvores que cercavam os viajantes cansados. Sem perceber, chegaram à aldeia, rodeados pelos fantasmagóricos stors enrolados nas mesmas roupas brancas. Eles os encaravam com rostos tristes, enquanto ajudavam os caminhantes exaustos a se abrigarem em um dos prédios baixos.

Uma vez lá dentro, os membros do grupo caíram sem palavras nas camas macias, cansados demais para se lavarem ou tirarem as roupas. Todos adormeceram em segundos, exceto Menion Leah, cujo temperamento forte lutava contra as garras do sono insistente tempo o bastante para que seus olhos cansados procurassem silenciosamente Allanon pelo quarto. Não o encontrou, por isso levantou-se devagar da maciez da cama e tropeçou até a porta de madeira fechada, que se lembrava vagamente que levava para um outro quarto. Apoiando-se pesadamente na porta, sua orelha pressionada contra o batente, ouviu trechos da conversa entre o historiador e os stors. Semiadormecido, ouviu uma breve explicação sobre a situação de Shea e Flick. As pequenas e estranhas pessoas achavam que os homens do vale

iriam se recuperar com descanso e remédios especiais. De repente, outra porta se abriu e várias pessoas entraram, suas vozes misturando-se sem sentido em exclamações de choque e horror. A voz grave de Allanon interrompeu-os com gélida clareza.

— O que vocês descobriram? — perguntou. — É tão ruim quanto temíamos?

— Eles pegaram alguém nas montanhas — foi a resposta tímida. — Era impossível dizer quem foi ou mesmo o que era quando terminaram. Eles o despedaçaram!

Hendel!

Chocado, mesmo naquela condição de exaustão, o montanhês forçou-se a se levantar e tropeçou de volta para a cama que o esperava, incapaz de acreditar que havia escutado corretamente. Um grande vazio se abriu em seu íntimo. Lágrimas de desamparo e raiva nasceram, incapazes de alcançar seus olhos ainda secos, e ficaram ali suspensas até que o Príncipe de Leah finalmente caiu em um sono reconfortante.

Capítulo XIII

Quando Shea finalmente abriu os olhos, já estavam no meio da tarde do dia seguinte. Ele parecia estar descansando confortavelmente, deitado em uma cama larga, coberto com mantas e lençóis limpos; suas roupas de caça haviam sido trocadas por uma camisola branca e larga. Na cama a seu lado, estava o ainda adormecido Flick; seu rosto largo já não estava tão mais abatido e pálido, mas tranquilo e corado de novo com os tons da vida e em seu sono. Eles estavam em um quarto pequeno com paredes de gesso e com longas vigas de madeira sustentando o teto. Pelas janelas, o jovem podia ver as árvores de Anar e o azul-brilhante do céu vespertino. Não tinha ideia de quanto tempo passara inconsciente ou do que havia acontecido naquele meio-tempo que o trouxera até ali. Mas tinha certeza de que a criatura nas Wolfsktaag quase o matara, e que ele e Flick deviam suas vidas aos outros do grupo. Sua atenção rapidamente se voltou para a porta que se abria em um dos lados do pequeno quarto e para a aparição de um ansioso Menion Leah.

— Bem, velho amigo, vejo que está de volta ao mundo dos vivos! — O montanhês sorriu devagar enquanto se aproximava da cama. — Você nos deu um belo susto, sabe?

— Conseguimos, não foi? — Shea sorriu feliz para a voz familiar e brincalhona.

Menion assentiu e voltou-se para a figura forte de Flick que se mexera levemente debaixo dos cobertores e começava a acordar. O corpulento jovem abriu os olhos devagar e levantou o olhar, hesitante, ao ver o rosto sorridente do montanhês.

— Eu sabia que era bom demais para ser verdade — grunhiu dolorosamente. — Mesmo depois de morto, não consigo escapar dele. É uma maldição!

— O velho Flick se recuperou completamente também. — Menion deu uma risada breve. — Espero que ele seja grato pelo trabalho que tivemos

para carregar esse corpanzil dele o dia todo.

— Ficarei surpreso no dia em que você trabalhar honestamente — Flick resmungou, tentando limpar os olhos ainda embaçados de sono. Ele olhou para um Shea sorridente e respondeu acenando em saudação.

— E onde nós estamos, por falar nisso? — Shea perguntou, curioso, forçando-se a se sentar na cama. Ele ainda se sentia fraco. — Por quanto tempo fiquei inconsciente?

Menion sentou-se na beira da cama e repetiu toda a história da jornada depois que escaparam da criatura no vale. Falou sobre a marcha até o Passo de Jade e do encontro com os gnomos, o plano que fizeram, e os resultados. Sua voz tremeu um pouco ao contar sobre o sacrifício de Hendel pelo grupo. A expressão no rosto dos jovens do vale foi de choque quando ouviram sobre a morte horrenda do valente anão nas mãos dos gnomos furiosos. Menion rapidamente continuou a história, explicando como vagaram por Anar até serem descobertos por Allanon e o estranho povo chamado de stors, que haviam cuidado de seus ferimentos e os trazido até aquele lugar.

— Essa terra se chama Storlock — concluiu. — E essas pessoas são gnomos que dedicam a vida a curar doentes e feridos. É realmente impressionante o que são capazes de fazer. Eles têm um unguento que, ao ser aplicado em uma ferida aberta, a fecha e a cura em doze horas. Eu vi funcionar em um ferimento de Dayel.

Shea sacudiu a cabeça, incrédulo, e estava quase pedindo mais detalhes quando a porta se abriu de novo para deixar Allanon passar. Pela primeira vez, Shea achou que o andarilho parecia verdadeiramente feliz, e detectou um sorriso sincero no rosto sério. O homem andou rápido até eles e acenou satisfeito.

— Certamente, estou muito contente por ver que vocês dois se recuperaram de seus ferimentos. Estava seriamente preocupado, mas acho que os stors trabalharam bem. Vocês estão recuperados o bastante para se levantar e andar um pouco, talvez pegar algo para comer? — Shea olhou interrogativamente para Flick e os dois concordaram. — Muito bem, então acompanhem Menion e testem sua força — sugeriu o historiador. — É importante que vocês estejam bem o bastante para viajar em breve.

Sem dizer mais nada, saiu pela mesma porta, fechando-a suavemente atrás de si. Eles o viram partir, perguntando-se como podia continuar a ser

tão frio e formal em relação a eles. Menion deu de ombros e avisou aos dois que iria procurar suas roupas de caça que haviam sido levadas para lavar. Voltou depressa com elas, e os dois jovens se levantaram ainda sem forças e se vestiram enquanto Menion falava mais sobre os stors. Explicou que desconfiara deles no começo, por serem gnomos, mas o medo sumiu logo ao vê-los cuidando dos rapazes do vale. Os outros do grupo tinham dormido quase a manhã toda e estavam agora espalhados pela aldeia, apreciando o breve descanso na jornada até Paranor.

Os três deixaram o quarto logo depois e entraram em outro prédio que servia de salão de jantar para a vila, onde foram servidos com generosas porções de comida quente para apaziguar o apetite voraz. Mesmo com seus ferimentos, os dois jovens descobriram que conseguiam devorar várias porções do alimento nutritivo. Quando terminaram, Menion os levou para fora, onde encontraram Durin e Dayel completamente recuperados e maravilhados ao verem os dois de pé. Por sugestão de Menion, os cinco caminharam até o extremo sul da aldeia para apreciarem o maravilhoso Lago Azul sobre o qual os stors haviam falado para Menion mais cedo. Demorou apenas alguns minutos para alcançarem o pequeno lago. Sentaram-se às suas margens, debaixo de um salgueiro, e fitaram a plácida superfície azul em silêncio. Menion contou que os stors faziam muitos de seus unguentos e bálsamos com as águas do lago, que diziam ter elementos curativos especiais impossíveis de serem encontrados em qualquer outro lugar do mundo. Shea provou a água e achou que, de fato, era diferente de qualquer outra coisa que já houvesse provado, mas que não era desagradável. Os outros também provaram e murmuraram em aprovação. O Lago Azul era um lugar tão pacífico que por um momento se sentaram ali e esqueceram a viagem perigosa, lembrando-se de suas casas e das pessoas que deixaram para trás.

— Esse lago me lembra de Beleal, minha casa nas Terras do Oeste. — Durin sorriu para si mesmo enquanto passava um dedo na água, traçando alguma imagem mental. — Lá consigo encontrar essa mesma paz que estou sentindo aqui.

— Estaremos de volta antes que perceba — Dayel prometeu e completou rapidamente, quase infantil: — E eu vou me casar com Lynliss e teremos vários filhos.

— Esqueça isso — Menion declarou abruptamente. — Fique solteiro e seja feliz.

— Você nem a viu, Menion — Dayel continuou animado. — Ela não é como nenhuma outra. É uma jovem suave e gentil, tão bonita quanto este lago é límpido.

Menion balançou a cabeça em um desespero fingido e deu um tapa de leve no ombro do frágil elfo, sorrindo ao compreender o profundo sentimento do outro pela moça élfica. Ninguém falou nada por alguns minutos, enquanto continuavam fitando as águas azuis do lago dos stors com sentimentos confusos. Shea virou-se para eles, então, questionador.

— Vocês acham que estamos fazendo a coisa certa? Quero dizer, sobre essa viagem e a coisa toda? Vocês acham que vai valer a pena?

— É uma pergunta engraçada vinda de você, Shea — Durin comentou, pensativo. — Pois me parece que você é quem mais tem a perder nos acompanhando. Na verdade, você é o propósito dessa viagem. Acha que vale a pena?

Shea refletiu enquanto os outros o encaravam em silêncio.

— Não é justo perguntar isso para ele — Flick o defendeu.

— É, sim — Shea interrompeu, sério. — Eles estão arriscando suas vidas por mim e eu sou o único que tem dúvidas sobre o que estamos fazendo. Mas não posso responder à minha própria pergunta, nem para mim mesmo, porque acho que ainda não sei exatamente o que está acontecendo. Não acho que temos o cenário completo na nossa frente.

— Entendo o que você quer dizer — concordou Menion. — Allanon não nos contou tudo sobre esta viagem. Não sabemos tudo sobre a Espada de Shannara.

— Alguém já viu a espada? — Dayel perguntou de repente. Os outros negaram com a cabeça. — Talvez a espada não exista.

— Ah, eu acho que a espada existe, sim — Durin declarou. — Mas, assim que a pegarmos, o que iremos fazer com ela? O que Shea pode fazer contra o poder do Lorde Feiticeiro, mesmo com a Espada de Shannara?

— Acho que devemos confiar em Allanon para responder a isso quando chegar a hora — outra voz disse.

A voz recém-chegada veio de trás dos cinco, e eles se viraram abruptamente, soltando um suspiro de alívio ao perceberem que era Balinor.

Ao ver o Príncipe de Callahorn se aproximando, Shea se perguntou por que todos ainda tinham um medo não expresso de Allanon. O homem da fronteira sorriu para cumprimentar Shea e Flick antes de se sentar para se unir a eles.

— Bem, parece que nossas dificuldades para atravessar o Passo de Jade valeram a pena no final. Estou feliz de ver que vocês estão bem.

— Lamento por Hendel — Shea soou desconfortável até para si mesmo. — Sei que ele era um amigo muito próximo.

— Foi um risco calculado que a situação exigiu — respondeu Balinor, suavemente. — Ele sabia o que estava fazendo e quais eram as chances. Fez aquilo por todos nós.

— O que vai acontecer agora? — perguntou Flick.

— Vamos esperar que Allanon decida nossa rota para o trecho final da jornada — Balinor respondeu. — Aliás, eu falei sério sobre confiar nele. É um grande homem, um homem bom, apesar de, às vezes, não demonstrar. Ele nos conta o que acha que precisamos saber, mas, acreditem em mim, se preocupa com todos nós. Não o julguem apressadamente.

— Você sabe que ele não nos contou tudo — Menion declarou simplesmente.

— Tenho certeza de que ele nos contou apenas uma parte da história — Balinor concordou. — Mas, para começar, ele é o único que percebeu a ameaça para as quatro terras. Devemos muito a ele, e o mínimo que podemos ter é um pouco de confiança.

Os outros assentiram lentamente, mais por respeitarem Balinor do que por estarem convencidos de suas palavras. E isso se aplicava sobretudo a Menion, que reconhecia Balinor como um homem de grande coragem, o tipo de pessoa que enxergava como líder. Não falaram mais do assunto, mas começaram uma nova discussão sobre os stors, sua história como um ramo das nações gnômicas e a longa amizade com Allanon. O sol estava se pondo quando o historiador apareceu de repente e se juntou a eles no Lago Azul.

— Depois que eu terminar de falar com vocês, quero os dois jovens do vale de volta na cama para descansarem mais algumas horas. E não vai ser ruim se o restante também dormir um pouco. Iremos deixar este lugar por volta da meia-noite.

— Não é cedo demais depois de tantos ferimentos para Shea e Flick? — Menion perguntou cautelosamente.

— Não posso evitar, montanhês. — O rosto sério estava escuro mesmo na luz do sol que sumia. — Estamos ficando sem tempo. Se notícias de nossa missão, ou mesmo de nossa presença nesta parte de Anar, chegarem ao Lorde Feiticeiro, ele vai tentar deslocar a espada imediatamente, e sem ela essa viagem não tem sentido.

— Flick e eu aguentamos — Shea declarou resolutamente.

— Qual será nosso caminho? — Balinor perguntou.

— Iremos atravessar as Planícies de Rabb esta noite, uma caminhada de quase quatro horas. Se tivermos sorte, não seremos encontrados em campo aberto, embora eu tenha quase certeza de que os Portadores da Caveira estejam procurando tanto por Shea quanto por mim. Podemos apenas torcer que não tenham conseguido nos rastrear até Anar. Não contei para você antes, pois vocês já tinham bastante coisa para se preocupar, mas o uso das Pedras Élficas entrega nossa posição para Brona e seus caçadores. O poder místico das pedras pode ser detectado por qualquer criatura do mundo espiritual, avisando-a que uma magia similar a deles está sendo usada.

— Então, quando usamos as Pedras Élficas no Pântano da Névoa... — Flick começou a dizer, horrorizado.

— Vocês contaram aos Portadores da Caveira exatamente onde estavam — Allanon completou com seu sorriso irritante. — Se vocês não tivessem se perdido na neblina e nos Carvalhos Negros, eles os teriam capturado naquele momento.

Shea sentiu um arrepio ao lembrar como estiveram perto da morte naquele momento, sem perceber o verdadeiro perigo pelo qual passavam tão próximos das criaturas que mais temiam.

— Se você sabia que o uso das pedras iria atrair as criaturas espirituais, por que não nos avisou? — Shea perguntou, furioso. — Por que você nos deu como proteção quando você sabia o que podia acontecer?

— Vocês foram avisados, meu jovem amigo — a resposta lenta e grunhida de Allanon mostrava que estava perdendo a paciência. — Sem elas, vocês estariam à mercê de outros elementos igualmente perigosos. Além do mais, elas são proteção o bastante contra aqueles seres alados.

Ele dispensou mais perguntas, indicando que o assunto estava encerrado e fazendo Shea ficar mais desconfiado e irritado. Durin, observador, viu todos os sinais e colocou uma mão firme no ombro do jovem, sacudindo a cabeça como aviso.

— Se pudermos voltar ao assunto — Allanon continuou em um tom mais moderado —, deixem-me explicar sem interrupções a rota escolhida para os próximos dias. A viagem pelas Planícies de Rabb irá nos colocar ao pé dos Dentes de Dragão ao raiar do dia. Aquelas montanhas irão oferecer toda a proteção de que precisaremos. Mas o verdadeiro problema será atravessá-las e descer para o outro lado, até as florestas ao redor de Paranor. Todos os passos conhecidos nos Dentes de Dragão estarão fortemente protegidos pelos aliados do Lorde Feiticeiro, e qualquer tentativa de escalar aqueles picos sem usar um desses passos irá matar metade de nós. Então, iremos atravessar as montanhas por um caminho diferente, um que eles não estarão vigiando.

— Espere um minuto! — Balinor exclamou, surpreso. — Você não está planejando nos levar pela Tumba dos Reis!

— Não há alternativa disponível se quisermos evitar sermos descobertos. Podemos entrar no Salão dos Reis ao nascer do sol e estaremos do outro lado das montanhas e fora de Paranor ao pôr do sol sem que os guardas nos passos nem sequer desconfiem.

— Mas as histórias dizem que ninguém jamais atravessou aquelas cavernas e saiu vivo! — Durin insistiu, vindo rapidamente ajudar Balinor a desmontar o plano sugerido. — Nenhum de nós tem medo dos vivos, mas os espíritos dos mortos habitam aquelas cavernas e apenas os mortos passam incólumes. Nenhuma pessoa viva jamais fez isso!

Balinor balançou a cabeça devagar, concordando, enquanto os outros o olhavam, ansiosos. Menion e os dois jovens do vale jamais tinham ouvido falar do lugar que os outros pareciam temer mortalmente. Allanon estava sorrindo de um jeito estranho diante do último comentário de Durin, seus olhos escuros sob as sobrancelhas grossas e seus dentes brancos se mostrando de forma ameaçadora.

— Você não está totalmente certo, Durin — respondeu, depois de algum tempo. — Eu atravessei o Salão dos Reis, e posso lhe dizer que sim, isso pode ser feito. Não é uma jornada livre de riscos. As cavernas são de fato

habitadas por espíritos dos mortos, e é nisso que Brona confia para impedir a entrada de humanos. Mas meu poder deve ser o bastante para nos proteger.

Menion Leah não tinha ideia do que havia nas cavernas para fazer um homem como Balinor pensar duas vezes, mas, o que quer que fosse, sentia que havia um motivo para temê-las. Além do mais, depois do que passara no Pântano da Névoa e nas Wolfsktaag, não estava mais disposto a fazer pouco caso do que sempre chamara de lendas tolas e histórias da carochinha. O que realmente o preocupava era que tipo de poderes o homem que propunha liderá-los pelas cavernas abaixo dos Dentes de Dragão poderia ter para protegê-los de espíritos.

— Toda essa viagem tem sido um risco calculado — Allanon estava falando de novo. — Todos sabíamos dos perigos quando começamos. Vocês querem dar meia-volta daqui ou vão até o fim?

— Nós iremos segui-lo — Balinor declarou, depois de uma hesitação momentânea. — Você sabe que sim. O risco é válido se conseguirmos colocar as mãos na espada.

Allanon sorriu de leve, seus olhos fundos viajando pelo rosto dos demais, encarando fixamente cada olhar e no fim parando em Shea. O jovem o encarou de volta sem desviar a vista, apesar de seu coração sentir pontadas de medo e incerteza enquanto aqueles olhos afundavam em seus pensamentos mais íntimos, aparentemente conhecendo cada dúvida secreta que tentava esconder.

— Muito bem — Allanon assentiu. — Vão descansar.

Virou-se de repente e dirigiu-se de volta para a aldeia stor. Balinor se apressou em seguir a figura, aparentemente querendo perguntar mais alguma coisa. Os outros observaram os dois até sumirem de vista. Foi quando Shea percebeu pela primeira vez que já estava quase escuro. O sol abaixava-se lentamente além do horizonte e o crepúsculo era uma suave luz branca no céu púrpura. Por um momento, ninguém se moveu e depois, em silêncio, levantaram-se e foram até a tranquila aldeia para dormir até a hora marcada.

Shea sentiu como se tivesse acabado de adormecer quando uma mão forte lhe agarrou rudemente o ombro e o sacudiu para acordá-lo. Um momento depois, o forte brilho de uma tocha bruxuleava no quarto escuro, fazendo-o apertar os olhos ainda sonolentos que tentavam se ajustar à luz. Através da neblina de sono, ele viu o rosto determinado de Menion Leah, os olhos ansiosos dizendo-lhe que chegara a hora de partir. Levantou-se cambaleante no ar frio da noite e, depois de hesitar por um momento, vestiu-se com pressa. Flick já estava acordado e parcialmente vestido, seu rosto sólido era uma visão bem-vinda no silêncio estranho da meia-noite. Shea sentiu-se forte de novo, o bastante para fazer a longa marcha pelas Planícies de Rabb até os Dentes de Dragão e além, se necessário. Tudo para chegar ao final da viagem.

Minutos depois, os três companheiros abriam caminho pela aldeia adormecida a fim de encontrarem os demais. As casas eram massas quadradas e escuras à luz fraca do céu noturno sem lua e bloqueado com um pesado cobertor de nuvens que se moviam devagar para algum destino indeterminado. Era uma boa noite para viajar em campo aberto, e Shea sentiu-se mais confiante pela ideia de que quaisquer emissários do Lorde Feiticeiro teriam dificuldades em encontrá-los. Enquanto andavam, percebeu que mal podia detectar as pegadas das botas leves no chão molhado. Tudo parecia trabalhar a favor deles.

Quando alcançaram a fronteira oeste de Storlock, encontraram todos os outros os esperando, exceto Allanon. Durin e Dayel pareciam formas vazias na escuridão, suas figuras finas como sombras enquanto caminhavam de um lado para outro em silêncio, ouvindo os sons da noite. Passando perto deles, Shea foi atingido por suas expressões élficas, as orelhas pontudas e as finas sobrancelhas que se erguiam. Perguntou-se se os outros humanos olhavam para ele do mesmo jeito que encarava os dois irmãos. Eram realmente criaturas diferentes? Pensou de novo na história do povo élfico, a história que Allanon dissera ser notável, mas que nunca lhe contara. A história deles também era a sua, sabia agora o que sempre suspeitara. Era algo que a vida inteira quisera conhecer mais profundamente, mesmo que apenas para entender melhor sua própria herança e a história da Espada de Shannara.

Olhou para a figura alta e larga de Balinor parada como uma estátua ao seu lado, seu rosto inexpressivo na escuridão. Balinor era

inquestionavelmente a coisa mais reconfortante de toda a expedição. Havia algo de duradouro naquele homem, uma indestrutibilidade que se estendia aos outros membros do grupo e que lhes dava coragem. Nem mesmo Allanon os inspirava assim, apesar de Shea achar que, de longe, ele era o mais poderoso dos dois. Talvez Allanon, com aquela aparência de quem sabia tudo sobre tudo, soubesse o efeito que Balinor causava aos outros e o tivesse trazido precisamente por aquele motivo.

— Quase isso, Shea — a voz suave estava tão perto de sua orelha que o jovem pulou, surpreso, enquanto o andarilho de negro passava por ele e chamava os outros com um gesto. — A viagem tem de ser feita enquanto ainda podemos contar com a proteção da noite. Fiquem juntos e mantenham seus olhos no homem à frente. Não haverá conversas.

Sem mais nenhum cumprimento, o gigante os liderou para a floresta de Anar por uma trilha estreita que seguia diretamente a oeste saindo de Storlock. Shea marchava atrás de Menion, o coração ainda na boca com o susto que tomara, sua mente correndo loucamente pelos seus encontros com o homem estranho, perguntando a si mesmo se o que suspeitava era verdade. De qualquer jeito, guardaria os pensamentos para si quando Allanon estivesse por perto, mesmo que fosse uma tarefa muito difícil.

O grupo alcançou o limite oeste da floresta de Anar e o começo das Planícies de Rabb antes do que Shea esperava. Apesar da escuridão do céu noturno, os jovens podiam sentir a presença imponente dos Dentes de Dragão ao longe; sem falar, os dois se olharam depressa, então se viraram de novo para perscrutar ansiosamente a escuridão. Allanon os levava através da terra vazia sem parar e sem diminuir o ritmo. As planícies eram lisas, totalmente livres de obstruções naturais e, pelo que podiam ver, sem vida. As únicas coisas que cresciam ali eram pequenas árvores e arbustos áridos espalhados, parecidos com esqueletos. O chão da planície era de terra batida, tão dura que em algumas partes havia rachaduras longas e dentadas. Nada se movia ao redor, enquanto caminhavam em silêncio, com os olhos e ouvidos alertas para qualquer coisa fora do normal. Em um determinado ponto, quando já estavam há quase três horas nas Planícies de Rabb, Dayel os fez parar com um gesto brusco, indicando que ouvira algo atrás deles, na escuridão. Abaixaram-se em silêncio e ficaram imóveis por vários minutos,

mas nada aconteceu. No fim, Allanon deu de ombros e os colocou de volta em fila, retomando a marcha.

Alcançaram os Dentes de Dragão pouco antes do amanhecer, o céu noturno ainda escuro e nublado enquanto pararam no sopé das montanhas que se espalhavam para cima em seu caminho como estacas monstruosas em um portão de metal. Shea e Flick sentiam-se bem, mesmo depois da longa caminhada, e logo indicaram aos outros que estavam prontos para seguir sem descansar. Allanon parecia ansioso para continuar imediatamente, quase como se estivesse determinado a cumprir um compromisso. Ele os guiou para as montanhas de aparência traiçoeira por uma trilha coberta de pedregulhos que subia em curvas gentis até o que parecia ser um bolsão na lateral do penhasco. Flick percebeu que estava olhando para os picos dos dois lados da trilha enquanto andava, esticando o pescoço grosso nos ângulos certos para ter relances ocasionais dos cumes irregulares. Dentes de Dragão parecia um nome adequado.

As montanhas dos dois lados começaram a se debruçar sobre eles enquanto subiam na direção do bolsão ao pé do penhasco. Além daquele passo, podiam vislumbrar outras montanhas, mais altas e claramente intransponíveis por qualquer um que não fosse capaz de voar. Shea parou momentaneamente, pegou um pedaço de pedra solta debaixo de seus pés e a examinou, curioso, enquanto voltava a andar. Para sua surpresa, ela era lisa, de superfície achatada, quase vítrea, e sua cor era de um preto profundo e espelhado que o fazia lembrar do carvão que vira queimando em algumas das comunidades das Terras do Sul. Porém, parecia ser mais resistente do que carvão, como se tivesse sido pressionada e polida até ficar daquele jeito. Passou-a para Flick, que a olhou de relance, dando de ombros desinteressado e jogando-a longe.

A trilha começou a se contorcer através de grandes grupos de rochas caídas, fazendo os viajantes perderem temporariamente as montanhas de vista. Vagaram pela confusão de pedras por muito tempo, ainda escalando na direção do bolsão, o escuro líder aparentemente ignorando o fato de que ninguém tinha ideia de como era o lugar para onde estavam indo. Ao fim, chegaram a um espaço limpo entre as pedras onde tinham uma boa vista dos penhascos altos ao redor e perceberam que estavam na abertura do bolsão e próximos do topo da trilha que teriam de descer se não quisessem

cruzar as montanhas. Foi ali que Balinor quebrou o silêncio com um assobio baixo, fazendo o grupo parar. Falou rapidamente com Durin, que ficara para trás com o montanhês desde que passaram pelo sopé das montanhas, e, depois, virou-se para Allanon e os demais, com surpresa estampada no rosto.

— Durin tem certeza de que ouviu alguém nos seguindo pela trilha — informou, tenso. — Não há dúvida desta vez, tem alguém atrás de nós.

Allanon olhou para o céu noturno. Sua testa escura franzida de preocupação, o rosto magro revelando que estava profundamente angustiado com esse relato. Olhou para Durin, incerto.

— Tenho certeza — o elfo afirmou.

— Não posso parar aqui para lidar com isso. Tenho de estar naquele vale antes do raiar do dia — Allanon declarou, abruptamente. — O que quer que esteja atrás de nós tem de ser atrasado até que eu termine, isso é crucial! — Shea nunca o vira tão determinado e percebeu as expressões de consternação de Flick e Menion enquanto os dois se entreolhavam. O que quer que Allanon precisasse fazer no vale, era crucial que não fosse interrompido antes de terminar.

— Eu fico para trás — Balinor se ofereceu, desembainhando sua espada. — Esperem por mim no vale.

— Você não vai ficar sozinho — Menion acrescentou na mesma hora. — Eu também vou ficar.

Balinor deu um breve sorriso e assentiu, concordando com o montanhês. Allanon olhou-o por um momento como se fosse fazer alguma objeção, mas simplesmente assentiu e acenou para que os demais o seguissem. Os irmãos elfos apressaram-se pela trilha atrás do líder, mas Shea e Flick ficaram para trás indecisos, até Menion acenar para que se fossem. Shea acenou de volta, relutante em deixar o amigo, porém percebendo que seria de pouca ajuda se ficasse. Olhou para trás apenas uma vez e viu os dois homens se posicionando entre as rochas que ladeavam a trilha estreita, as espadas brilhando na luz fraca das estrelas, seus mantos escuros misturando-se às sombras das rochas.

Allanon liderou os quatro membros restantes do grupo pelo monte cheio de pedregulhos, no ponto em que a face do penhasco se dividia, subindo na direção do que parecia ser o começo do vale misterioso. Em poucos

minutos, já estavam lá em silêncio, fitando curiosos o que estava à frente. O vale era um ermo bárbaro de pedras quebradas e rochas espalhadas pelo chão, pretas e brilhantes como a pedra que Shea examinara na trilha e que cobriam totalmente o lugar. Nada mais era visível exceto por um pequeno lago de águas turvas que brilhava em um tom preto-esverdeado, com pequenos e lentos rodamoinhos, como se tivesse vida própria. Shea ficou espantado com o estranho movimento da água. Não havia vento para causar aquela lenta ondulação. Olhou para o silencioso Allanon e ficou chocado ao ver um estranho brilho irradiando em seu rosto escuro. O andarilho parecia perdido em pensamentos enquanto fitava o lago e o jovem percebeu uma melancolia incomum naquela observação tão intensa que o homem fazia das águas que se moviam preguiçosamente.

— Este é o Vale do Xisto, a porta de entrada para o Salão dos Reis, habitado por espíritos antigos — a voz grave surgiu de repente, vinda das profundezas daquele tórax imenso. — O lago se chama Hadeshorn e suas águas são um veneno fatal para os mortais. Venham comigo até o vale, pois de lá preciso seguir sozinho.

Sem esperar resposta, começou a descer lentamente a encosta, pisando com segurança nas pedras soltas, o olhar fixo no lago. Os outros o seguiam em um silêncio espantado, sentindo que aquele seria um momento importante para todos, já que ali, mais do que em qualquer lugar, Allanon era rei. Sem conseguir explicar por quê, Shea sabia que o historiador, o andarilho, o filósofo e o místico, enfim, o homem que os trouxera por inúmeros perigos em uma aposta louca que só ele entendia completamente, o misterioso homem que conheciam como Allanon, tinha enfim voltado para casa. Momentos depois, quando estavam juntos no Vale do Xisto, virou-se para eles de novo.

— Vocês devem me esperar aqui. Não importa o que acontecer, não devem me seguir. Não saiam deste lugar até que eu termine. Para onde eu vou, só existe a morte.

Eles ficaram enraizados naquele lugar enquanto ele se afastava pelo chão rochoso na direção do lago cheio de mistérios. Ficaram observando a figura alta e escura andar com firmeza sem mudar de velocidade ou direção, o longo manto balançando ligeiramente. Shea olhou rápido na direção de Flick, cujo rosto tenso mostrava o medo do que estava para acontecer. Por

um breve instante, Shea considerou a ideia de sair dali, mas na mesma hora percebeu que seria algo idiota de se fazer. Instintivamente agarrou a túnica, sentindo a forma reconfortante da pequena bolsa na qual levava as Pedras Élficas. A presença delas o fazia se sentir mais seguro, apesar de duvidar que fossem úteis contra qualquer coisa que pudesse derrotar Allanon. Olhou ansioso para os outros, que observavam a figura que diminuía ao se afastar, e virou-se, percebendo que Allanon alcançara a margem do Hadeshorn, onde parecia esperar algo. Um silêncio mortal caiu no vale inteiro. Os quatro esperavam com os olhos presos na figura escura que estava imóvel na beira da água.

Lentamente, o viajante levantou os braços para o céu e os homens admirados viram o lago começar a se movimentar, borbulhando em grande insatisfação. O vale tremeu, como se uma forma de vida escondida tivesse sido despertada. Os aterrorizados mortais olharam ao redor sem acreditar, temendo ser engolidos pela mandíbula cheia de pedras de algum pesadelo cujo disfarce seria o vale. Allanon permaneceu firme às margens enquanto a água fervia ferozmente; um jato de névoa subiu para os céus escuros com um assobio agudo de alívio pela liberdade recém-adquirida. Do ar noturno, vieram gemidos baixos, os gritos de almas aprisionadas, seu sono perturbado pelo homem na beira do Hadeshorn. As vozes, inumanas e geladas como a morte, romperam o limite da sanidade dos quatro, que tremiam e assistiam a tudo na borda do vale, forçando suas mentes assustadas e as retorcendo com crueldade até que toda a coragem lhes fosse arrancada, deixando-os completamente indefesos. Incapazes de se mover, de falar, e até mesmo de pensar, ficaram paralisados de terror enquanto os sons do mundo espiritual os alcançavam e passavam por suas mentes, alertando-os sobre as coisas que ficavam além da vida e da compreensão.

No meio dos gritos aterrorizantes, com um grunhido baixo que soava como se viesse do coração da terra, o Hadeshorn se abriu ao meio como um redemoinho e de suas águas turvas surgiu a figura de um velho curvado envolto em uma mortalha. Ele se ergueu e parecia andar sobre a água, o corpo fino e alto de cor cinza translúcida, com uma luz fantasmagórica brilhando como o lago abaixo dele. Flick ficou totalmente branco. A aparição daquele último horror apenas confirmou sua crença de que estavam em seus últimos momentos sobre a terra.

Allanon estava imóvel na beira do lago, seus braços finos abaixados, o manto negro enrolado próximo a sua figura imponente, o rosto virado para a sombra à frente. Pareciam conversar, mas os quatro observadores não conseguiam ouvir nada além do som contínuo e sobrenatural de gritos inumanos que se erguiam cortantes da noite a cada vez que a criatura do lago gesticulava. A conversa não durou mais do que uns breves minutos, terminando quando a aparição se virou bruscamente na direção deles, levantou um braço esquelético e apontou. Shea sentiu seu corpo desprotegido ser percorrido por um arrepio que pareceu cortar seus ossos, e soube que, por um breve instante, havia sido tocado pela morte. A sombra, então, virou-se e, com um último gesto de despedida para Allanon, afundou lentamente nas águas escuras do Hadeshorn e se foi. Conforme desaparecia, novamente as águas se agitavam lentamente e os gemidos e gritos alcançaram um tom ainda mais alto antes de cessarem em um longo uivo de angústia. O lago ficou liso e calmo, e os homens estavam sozinhos.

Quando o sol começava a surgir no leste, a figura escura na beira do lago balançou levemente antes de cair no chão. Por um segundo, os quatro homens hesitaram, mas depois correram pelo vale até o líder caído, escorregando e tropeçando nas pedras soltas. Alcançaram-no em segundos e se debruçaram cuidadosamente sobre eles, sem saber o que fazer. Por fim, Durin estendeu a mão e sacudiu o corpo imóvel com força, chamando-o pelo nome. Shea esfregou suas mãos, sentindo a pele pálida fria como gelo. Mas seus medos desvaneceram quando depois de alguns minutos Allanon se mexeu e os olhos fundos se abriram novamente. Ele os encarou por alguns segundos e se sentou devagar, enquanto se agachavam ao seu redor.

— O esforço deve ter sido demais — murmurou, esfregando a testa. — Desmaiei quando o contato foi quebrado. Ficarei bem em um minuto.

— O que era aquela criatura? — Flick perguntou em voz baixa, com medo de que fosse reaparecer sem aviso.

Allanon refletiu sobre a pergunta, olhando o vazio enquanto seu rosto escuro se contorcia de angústia, antes de relaxar.

— Uma alma perdida, um ser esquecido por este mundo e seus habitantes — declarou, tristemente. — Ele se condenou a uma semiexistência que irá durar por toda a eternidade.

— Não entendi — Shea disse.

— Não importa agora — Allanon deixou a questão de lado. — Aquela figura triste com quem acabei de falar é a Sombra de Bremen, o Druida, que lutou contra o Lorde Feiticeiro. Eu falei com ele sobre a Espada de Shannara, sobre nossa viagem a Paranor e sobre o destino deste grupo. Descobri pouco, uma pista de que nossos destinos não serão decididos em um futuro próximo, mas em um futuro ainda distante, à exceção de um de nós.

— O que isso quer dizer? — Shea perguntou.

Allanon levantou-se cansado, olhou o vale ao redor em silêncio, como se procurasse ter certeza de que o encontro com o fantasma acabara, e virou-se para os rostos ansiosos ao seu redor.

— Não há um jeito fácil de dizer isso, mas você veio até aqui, quase até o final da jornada. Você fez por merecer e tem o direito de saber. A Sombra de Bremen fez duas profecias sobre o destino deste grupo quando a convoquei do limbo em que está confinada. Ela prometeu que em duas alvoradas teremos a Espada de Shannara. Também viu que um membro de nossos grupo não chegará do outro lado dos Dentes de Dragão, mas será o primeiro a colocar as mãos na lâmina sagrada.

— Ainda não entendi — Shea admitiu depois de pensar um pouco. — Nós já perdemos Hendel. Ele deveria estar falando dele.

— Não, meu jovem amigo, você está errado. — Allanon suspirou. — Ao dizer a última parte da profecia, a sombra apontou para vocês quatro, no limite do vale. Um de vocês não chegará a Paranor!

Menion abaixou-se em silêncio, escondido pelas rochas que ladeavam a trilha que subia até o Vale do Xisto, esperando ansiosamente pela criatura misteriosa que os estava seguindo até os Dentes de Dragão. Do outro lado, escondido pela escuridão, estava o Príncipe de Callahorn, a lâmina de sua espada equilibrada nas pedras, uma das mãos sobre o punho. Menion agarrou a própria arma e vasculhou a escuridão. Nada se movia. Ele podia ver apenas uns quinze metros à frente, antes que a curva abrupta no caminho escondesse o resto da trilha atrás de um monte de pedras gigantescas. Estavam esperando já fazia, no mínimo, meia hora e nada aparecera, apesar da certeza de Durin de que estavam sendo seguidos. Menion perguntou-se se a criatura que os seguia não seria um dos emissários do Lorde Feiticeiro. Um Portador da Caveira poderia ir pelo ar e

passar por eles para alcançar os demais. A ideia o assustou e estava prestes a chamar Balinor quando um barulho repentino na trilha chamou sua atenção. Na mesma hora, encolheu-se contra as pedras.

O som de alguém subindo pela trilha sinuosa era perfeitamente audível, enquanto avançava devagar entre as pedras sob a luz fraca da alvorada que se aproximava. Quem ou o que quer fosse, pelo jeito não suspeitava da presença deles, ou — o que seria pior — não se importava, pois não fazia o menor esforço para disfarçar sua aproximação. Segundos depois, um vulto apareceu no caminho logo abaixo do local onde se escondiam. Menion arriscou um rápido olhar e por um breve instante a figura atarracada e seu modo de andar o fizeram se lembrar de Hendel. Apertou o punho da Espada de Leah e esperou. O plano de ataque era simples. Ele pularia na frente do intruso, bloqueando o caminho. No mesmo instante, Balinor impediria a retaguarda.

Veloz como um raio, o montanhês pulou para fora das pedras e encarou o misterioso intruso, sua espada erguida enquanto gritava para que parasse. A figura se abaixou e um braço poderoso se ergueu, segurando uma imensa maça de ponta de ferro que brilhava sombriamente. Um segundo depois, quando os olhos dos combatentes se encontraram, os braços caíram com o choque do reconhecimento e um grito de surpresa escapou dos lábios do Príncipe de Leah.

— Hendel!

Balinor saiu das sombras atrás do recém-chegado a tempo de ver um Menion eufórico pular com um berro selvagem e correr para abraçar a figura atarracada com uma alegria insuperável. O Príncipe de Callahorn embainhou a espada aliviado, sorrindo e sacudindo a cabeça ao ver o extasiado montanhês e o anão resmungão que haviam dado como morto. Pela primeira vez desde que escaparam do Passo de Jade, sentia que o sucesso era possível e que com certeza o grupo estaria junto em Paranor para pegar a Espada de Shannara.

Capítulo XIV

A alvorada despontava sobre os vastos desfiladeiros e picos dos Dentes de Dragão com uma determinação fria e acinzentada, nada alegre ou acolhedora. O calor e a claridade do sol nascente estavam totalmente bloqueados pelas nuvens baixas e pela névoa pesada que se acomodara nos altos e não se moviam. Os ventos sopravam com força perversa sobre as rochas nuas, chicoteando pelos desfiladeiros e escarpas, nas encostas e penhascos, batendo na escassa vegetação e a curvando até quase quebrar; mesmo assim, passava pela cobertura de nuvens e névoas com uma rapidez vaga, deixando-a inexplicavelmente imóvel. O som do vento era como o rugido profundo do oceano quebrando em uma praia, pesado e revoltoso, cobrindo os picos vazios em um mundo particular que, uma vez que os envolvia por um tempo, criava uma redoma de silêncio. Pássaros subiam e desciam no vento, seus gritos distantes e abafados. Havia poucos animais naquelas alturas isoladas, rebanhos de uma raça bastante resistente de cabritos montanheses e pequenos ratos peludos que habitavam os nichos mais internos das pedras. O ar estava mais do que gelado, estava congelante. A neve cobria os picos mais altos dos Dentes de Dragão e a mudança nas estações pouco efeito tinha naquela altitude onde a temperatura raramente alcançava zero grau.

Aquelas eram montanhas traiçoeiras, largas, altas e incrivelmente poderosas. Naquela manhã, pareciam envoltas em uma estranha expectativa, e os oito homens que compunham o pequeno grupo de Culhaven não podiam ignorar a sensação de desconforto que ocupava seus pensamentos enquanto marchavam cada vez mais fundo no cinza frio. Era mais do que a profecia perturbadora de Bremen, ou mesmo do que o conhecimento de que em breve tentariam passar pelo Salão dos Reis. Algo esperava por eles, algo paciente e esperto, uma força que se escondia no terreno rochoso e desolado pelo qual passavam, cheio de um ódio vingativo contra eles, observando enquanto se esforçavam para ir cada vez mais fundo nas montanhas

gigantescas que bloqueavam o caminho até Paranor. Marchavam para o norte em uma linha quebrada, que se estendia pelo horizonte, seus corpos enrolados com força nos mantos de lã para se protegerem do frio, os rostos abaixados por causa do vento. As encostas e desfiladeiros estavam cobertos de pedras soltas e com rachaduras escondidas que faziam cada passo ser extremamente perigoso. Mais de uma vez, um membro do pequeno bando caiu em uma chuva de poeira e pedras. Mesmo assim, o que estava escondido naquela terra preferiu não se revelar, contentando-se apenas em deixar sua presença ser percebida e esperar o efeito desse conhecimento desgastar a resistência dos oito homens. Então os caçadores se tornariam a caça.

Não demorou muito. As incertezas começaram a surgir silenciosas, persistindo em suas mentes cansadas — dúvidas que se erguiam como fantasmas dos medos e segredos que mantinham escondidos dentro de si. Isolados dos demais pelo frio e pelo rugido do vento, cada um estava sozinho, e a incapacidade de se comunicar apenas aumentava o sentimento crescente de desconforto. Só Hendel era imune. Sua natureza solitária e taciturna o endurecera contra a falta de confiança em si mesmo, e ter escapado por pouco dos gnomos enlouquecidos no Passo de Jade dissipara, mesmo que temporariamente, todo o medo de morrer. Chegara perto da morte, tão perto que, no fim, o que o salvara fora apenas seu instinto. Os gnomos estavam se aproximando de todas as direções, subindo a encosta como um enxame descuidado, enraivecidos a ponto de só o derramamento de sangue conseguir acalmá-los. Ele fora rápido, escorregando para as laterais das Wolfsktaag, imóvel sob os arbustos, calmamente deixando os gnomos se exaurirem até que um chegou perto o bastante. Demorou poucos segundos para incapacitar o caçador, que não desconfiava de nada, vestir o prisioneiro com sua roupa típica de anões e depois gritar pedindo ajuda. Na escuridão, cegos pela excitação da caçada, os gnomos não conseguiam reconhecer nada além do manto. Partiram o próprio irmão em pedaços sem perceber. Hendel permaneceu escondido para atravessar o passo no dia seguinte. Sobrevivera novamente.

Os jovens do vale e os dois elfos não tinham a autoconfiança de Hendel. A profecia da Sombra de Bremen os deixara em choque. As palavras pareciam se repetir indefinidamente nos uivos do vento. Um deles iria morrer. Ah, as

palavras da profecia eram diferentes, mas o sentido era inconfundível. Era um destino amargo para se encarar, e nenhum deles conseguia aceitá-lo. De algum jeito, encontrariam uma forma de provar que a profecia estava errada.

Na frente, com o corpo curvado contra a força dos ventos da montanha, Allanon ruminava o que havia ocorrido no Vale do Xisto. Repassou pela centésima vez o seu estranho encontro com a Sombra de Bremen, o velho Druida condenado a vagar pelo limbo até que o Lorde Feiticeiro fosse finalmente destruído. Mas não fora a aparição que o perturbara tanto. Era o conhecimento terrível que carregava, enterrado fundo entre as verdades mais negras. Seu pé bateu em uma pedra, fazendo-o tropeçar de leve e lutar para manter o equilíbrio. Um falcão deu um grito agudo na penumbra e mergulhou do céu sobre um penhasco distante. O Druida virou-se enquanto a fila atrás de si lutava para manter o ritmo. Ele havia aprendido mais com a Sombra, além das palavras da profecia. Porém, não contara toda a verdade aos outros, que confiavam nele, assim como não contara toda a história por trás da lendária Espada de Shannara. Seus olhos fundos queimaram com a fúria interna que sentia com a situação em que se colocara ao não contar tudo a eles, e por um momento chegou a pensar em fazê-lo. Eles deram tanto de si, e só estava começando... Mas, um momento depois, arrancou a ideia de sua mente. A necessidade era um deus maior do que a confiança.

A cor cinzenta da alvorada lentamente deu lugar ao cinzento do meio-dia e a marcha nos Dentes de Dragão continuava. Os penhascos e encostas apareciam e sumiam com uma regularidade assustadora que criava nas mentes dos cansados viajantes a impressão de que não estavam avançando. À frente, uma linha vasta e alta de picos se erguia sombriamente contra o horizonte ao norte, e parecia que estavam se movendo na direção de uma impenetrável parede de pedra.

Entraram em um desfiladeiro largo que se voltara abruptamente para baixo, até um caminho estreito e sinuoso que se dividia entre dois grandes penhascos e sumia na névoa. Allanon os liderava no redemoinho cinzento enquanto o horizonte sumia e o vento morria. O silêncio foi repentino e inesperado, quase um sussurro suave passando pela massa de pedra, soprando palavras apressadas de cautela nos ouvidos dos viajantes. O passo alargou-se um pouco e a névoa deu lugar a uma bruma leve, revelando a

imensa abertura de uma caverna na lateral do penhasco onde a trilha terminava.

A entrada do Salão dos Reis.

Era maravilhosa, majestosa, assustadora. De cada lado da entrada retangular estavam duas monstruosas estátuas esculpidas na rocha, erguendo-se mais de trinta metros. As sentinelas de pedra tinham a forma de guerreiros de armadura, vigiando na profunda escuridão, as mãos agarrando os punhos de imensas espadas, que descansavam na ponta de seus pés. Seus rostos barbados tinham marcas do tempo e do vento, mas os olhos pareciam quase vivos, cuidadosamente fixos nos oito mortais que estavam no limiar do velho salão que guardavam. Acima da entrada, impressas na pedra, três palavras de uma língua milenar e há muito esquecida serviam como aviso para os que entravam: aquele era o túmulo dos mortos. Além da vasta abertura, tudo era escuridão e silêncio.

Allanon os reuniu junto de si.

— Anos atrás, antes da Primeira Guerra das Raças, homens, que serviam como sacerdotes dos deuses da morte, realizavam um culto, cujas origens se perderam no tempo. Dentro dessas cavernas, enterraram os monarcas das quatro terras, com suas famílias, servos, posses favoritas e boa parte de suas riquezas. A lenda cresceu para dizer que só os mortos poderiam sobreviver dentro dessas câmaras e apenas os sacerdotes tinham permissão para enterrar os falecidos governantes. Todos os outros que entravam jamais eram vistos de novo. Com o tempo, o culto deixou de existir, mas o mal instilado no Salão dos Reis permaneceu, seguindo cegamente a sacerdotes cujos ossos voltaram para a terra há anos. Poucos homens já passaram... — Ele interrompeu-se, ao ver a pergunta nos olhos de seus ouvintes. — Eu já passei pelo Salão dos Reis, fui o único dessa era. E agora, vocês também passarão. Eu sou um Druida, o último a andar sobre esta terra. Como Bremen e como Brona, estudei as artes negras e sou um feiticeiro. Eu não tenho o poder do Lorde Sombrio, mas posso fazer com que passemos de forma segura pelas cavernas até o outro lado dos Dentes de Dragão.

— E então? — a pergunta de Balinor flutuou suavemente na neblina.

— Uma trilha estreita chamada de Ruga de Dragão desce para fora dessas montanhas. Uma vez nela, já poderemos avistar Paranor. — Houve um silêncio longo e desconfortável. Allanon sabia o que estavam pensando,

apesar disso continuou: — Além dessa entrada, existem várias passagens e câmaras, um labirinto para quem não conhece o caminho. Algumas são perigosas, outras não. Assim que entrarmos, chegaremos ao túnel das esfinges, estátuas gigantescas como essas sentinelas, cujos corpos foram esculpidos para representar seres metade homens, metade fera. Se olharem em seus olhos, virarão pedra na hora. Então, vou precisar vendá-los. Também irei prendê-los um ao outro com cordas. Vocês precisam se concentrar em mim, pensar apenas em mim, pois a vontade delas, o poder mental que têm, é forte o bastante para forçá-los a arrancar as vendas para encará-las.

Os setes se entreolharam, em dúvida. Começavam a questionar a sabedoria daquele plano.

— Assim que passarmos pelas esfinges, passaremos por vários corredores inofensivos que nos levarão ao Corredor dos Ventos, um túnel habitado por seres invisíveis chamados de banshees, como os lendários espíritos astrais. Não são mais do que vozes, mas podem levar os mortais à loucura. Terei então de tapar suas orelhas para protegê-los, porém, novamente o mais importante é se concentrarem em mim, deixar minha mente cobrir a de vocês para bloquear a força dessas vozes. Vocês precisam relaxar, não podem lutar contra mim. Entenderam?

Ele contou sete acenos quase imperceptíveis.

— Assim que atravessarmos o Corredor dos Ventos, estaremos na Tumba dos Reis. Ali teremos apenas mais um obstáculo...

Parou de falar, seus olhos virando-se cautelosamente para a entrada da caverna. Por um momento, parecia que iria parar de falar, mas acenou para que fossem até a entrada escura. Ficaram ali, desconfortáveis entre os gigantes de pedra, a névoa cinzenta cobrindo as paredes dos penhascos ao redor, a imensa abertura negra à frente esperando como se fosse a mandíbula aberta de algum gigantesco predador. Allanon deu a cada um deles um pedaço largo de tecido. Usando um bom comprimento de corda, os integrantes do pequeno grupou se amarraram um ao outro. Durin assumiu a liderança; o Príncipe de Callahorn novamente ficou na retaguarda. As vendas estavam presas em seus lugares e as mãos se uniram em uma corrente. Um minuto depois, a linha se moveu cuidadosamente pela entrada do Salão dos Reis.

Havia um profundo silêncio nas cavernas, aumentado pelo repentino cessar dos ventos e pelo eco de seus passos pela passagem rochosa. O chão do túnel estava estranhamente plano e limpo, mas o frio que se acomodara naquelas pedras em séculos de temperaturas constantes logo se infiltrou nos corpos tensos, deixando-os gelados e trêmulos. Ninguém falava, cada um tentando relaxar enquanto Allanon os liderava com cuidado por uma série de túneis de curvas suaves. No meio da fila, Shea sentia a mão de Flick apertar a sua com força na escuridão que os envolvia. Haviam se aproximado ainda mais desde a fuga do vale, unidos pelos laços das experiências compartilhadas mais do que por laços de família. O que quer que acontecesse com eles, Shea sabia que jamais deixariam de ser tão próximos e que jamais esqueceria o que Menion fizera por ele. Pensou no Príncipe de Leah e sorriu. O montanhês mudara tanto nos últimos dias que era quase uma pessoa diferente. O velho Menion ainda estava ali, mas havia uma nova dimensão nele que Shea não conseguia definir. Porém, todos eles — Menion, Flick e ele mesmo — tinham mudado em muitos detalhes impossíveis de serem prontamente detectados, a não ser que se considerassem os homens como um todo. Perguntou-se se Allanon percebera as mudanças nele — Allanon, que sempre o tratara mais como menino do que como homem.

Pararam incertos e, no silêncio que se seguiu, a voz imperiosa do Druida sussurrou sem emitir nenhum som na mente de cada um: *Lembrem-se de meu aviso e deixem seus pensamentos em mim, concentrem-se apenas em mim.* A fila seguiu, as solas das botas ecoando no chão da caverna. Na hora, os homens vendados puderam sentir a presença de algo que pacientemente esperava por eles. Os segundos fugiram enquanto o grupo se aprofundava na caverna. Sentiram formas imensas e imóveis se erguendo de ambos os lados, imagens esculpidas na pedra com rostos humanos unidos a corpos agachados de feras indescritíveis. As esfinges. Em suas mentes, podiam ver aqueles olhos queimando além da imagem fugaz de Allanon, e começaram a ter que se esforçar para se concentrar no Druida. A vontade insistente dos monstros de pedra forçava em suas mentes, enrolando-se em seus pensamentos dispersos, trabalhando de forma tenaz para conseguir que os olhos humanos encontrassem seu olhar sem vida. Cada um deles passou a

sentir um desejo crescente de arrancar o tecido que bloqueava a visão, arrancar a escuridão e encarar livremente as criaturas maravilhosas que os observavam em silêncio.

No momento em que parecia que o sussurro insistente das esfinges finalmente quebraria a vontade dos homens cansados e distrairia seus pensamentos da figura evanescente de Allanon, um pensamento de ferro entrou neles com a dureza de uma faca, chamando-os sem emitir nenhum som. *Pensem apenas em mim.* Suas mentes obedeceram por instinto, libertando-se da vontade quase irresistível de olhar os rostos de pedra. A estranha batalha prosseguiu sem trégua enquanto a fileira de homens, suados e arquejantes, tropeçava pelos labirintos de imagens não vistas, amarrados pela cintura, em uma corrente de mãos apertadas com força, que ouvia a voz imperiosa de Allanon. Ninguém se soltou. O Druida os levou com firmeza pelas fileiras de esfinges, os próprios olhos fixos no chão da caverna, seu poder indestrutível lutando para segurar as mentes de seus amigos vendados, até que finalmente os rostos das criaturas de pedra começaram a sumir, ficando para trás, deixando os mortais sozinhos no silêncio e na escuridão.

Eles continuaram andando, enfiando-se em uma série de passagens sinuosas. Mais uma vez a fila parou e a voz baixa de Allanon cortou a escuridão, ordenando que tirassem as vendas. Assim o fizeram, hesitantes, e se viram em um túnel estreito onde a pedra nua soltava um brilho esverdeado. Seus rostos abatidos, banhados na estranha claridade, se entreolharam rapidamente para se assegurarem de que estavam todos ali. A figura escura do Druida passou sem fazer nenhum ruído pela fila, testando a corda amarrada nas cinturas e avisando que o Corredor dos Ventos ainda não fora atravessado. Colocou pedaços de pano nos ouvidos e os prendeu com as vendas para bloquear os sons dos seres invisíveis que Allanon chamara de banshees. Todos se deram as mãos novamente.

A fila seguiu devagar pela luz verde do túnel estreito, seus passos quase imperceptíveis para seus ouvidos cobertos. Aquela parte das cavernas estendia-se por mais de um quilômetro e meio, para depois sumir de repente, quando a passagem se alargava para dar lugar a um corredor alto totalmente escuro. As paredes de pedra afastaram-se e o teto se ergueu até desaparecer por completo, deixando o grupo sozinho em um limbo

estranho de escuridão, onde apenas o chão liso da caverna oferecia algum indício de que a terra não se dissolvera. Allanon os liderava pela escuridão, sem hesitar.

De repente, o som começou. Sua fúria inacreditável os pegou completamente desprevenidos, e por um momento ficaram em pânico. O choque inicial aumentou para um rugido enorme, como o som de milhares de ventos combinados em fúria e força. Por baixo daquilo, havia o grito aterrorizante de almas angustiadas, vozes que arranhavam e se retorciam atravessando um caminho torturante por todos os horrores imagináveis, em um desespero amargo, sem qualquer chance de salvação. O urro aumentou até se tornar um guincho, alcançando um tom tão acima da compreensão das mentes atordoadas dos mortais que a sanidade do grupo começou a se desmanchar. Os sons terríveis escorriam sobre eles, espelhando o próprio desespero crescente, enterrando-se sem descanso em seus nervos que eram arrancados em retalhos, como se fossem camadas de pele, até os ossos ficarem expostos.

Demorou apenas um instante. Em outro, estariam perdidos, pela segunda vez; porém, os humanos, irremediavelmente entorpecidos, foram salvos da loucura total pela poderosa vontade de Allanon, que irrompeu sobre o som enlouquecido para cobri-los com seu conforto protetor. Os gritos e urros diminuíram até virarem um zumbido estranho, enquanto o rosto escuro e sombrio se projetava nas sete mentes febris; seus pensamentos firmes falavam suavemente, ordenando: *Deixem a mente relaxar. Pensem apenas em mim.* Os homens caminhavam aos tropeços de forma mecânica pela pesada escuridão do túnel, as mentes agarradas na linha de segurança de calma e coerência que o Druida lhes estendia. As paredes do corredor vibravam com os guinchos ainda audíveis, e a pedra maciça da caverna ribombava assustadoramente. Por uma última vez, as vozes das banshees subiram em um guincho fervoroso e violento, em uma tentativa desesperada de quebrar a barreira subconsciente erguida pela mente poderosa do Druida, mas ela não cedeu e o poder das vozes se consumiu e diminuiu até um sussurro mortal. Pouco depois, a passagem se estreitou mais uma vez e o grupo saiu do Corredor dos Ventos.

Visivelmente abalados, os rostos molhados de suor, os homens pararam como idiotas ao comando de Allanon. Sacudindo seus pensamentos

dispersos até fazer algum sentido, tiraram a corda das cinturas e os pedaços de pano dos ouvidos. Estavam em uma pequena caverna, voltada para duas imensas portas de pedra com detalhes em ferro. As paredes rochosas emitiam aquela mesma luz verde de antes. Allanon esperou pacientemente até que todos estivessem recuperados, então os fez continuar. Parou na frente dos portais de pedra. Com um leve empurrão de sua mão fina, as portas maciças se abriram em silêncio. A voz grave do Druida era apenas um sussurro.

— O Salão dos Reis.

Por mais de mil anos, ninguém além de Allanon entrara na tumba proibida. Por todo aquele tempo, ela não fora perturbada. Era uma imensa caverna circular, com paredes lisas e polidas e um teto brilhante com uma claridade verde igual à que se refletia nos túneis pelos quais haviam passado. Circulando as paredes daquela cúpula gigantesca, estavam estátuas de pedra dos governantes mortos exibindo o mesmo orgulho desafiador que tiveram em vida, todas viradas para o centro da câmara e para o estranho altar que ali se erguia na forma de uma serpente enrolada. Na frente de cada estátua estavam as riquezas dos falecidos, barris e baús com metais e pedras preciosos, peles, armas, todas as posses favoritas dos que se foram. Nas paredes imediatamente atrás, ficavam as aberturas retangulares lacradas onde descansavam os restos mortais dos reis, suas famílias e serviçais. As inscrições acima das criptas contavam a história dos governantes ali enterrados, muitas vezes em idiomas desconhecidos para os membros curiosos do grupo. A câmara inteira estava banhada em luz verde. O metal e a rocha pareciam absorver a cor. Poeira cobria tudo, um pó grosso de pedra que havia se acomodado durante séculos e que se erguia em pequenas nuvens conforme os passos daqueles homens incomodavam seu descanso. Por mais de mil anos, ninguém violara a paz daquela câmara antiga. Ninguém perturbara seus segredos ou tentara abrir as portas que guardavam os mortos e suas posses. Ninguém além de Allanon. E agora...

Shea tremeu violentamente, sem explicação. Ele não deveria estar ali, ouvia uma voz fraca e distante dizendo que ele não deveria estar ali. Não era pelo Salão dos Reis ser sagrado ou proibido. Mas era uma tumba, uma tumba para os mortos de um tempo antigo. Não era lugar para os vivos. Algo o agarrou, e sobressaltado percebeu que era a mão de Allanon em seu

ombro. O Druida franziu a testa para ele e depois chamou os demais em voz baixa. Agruparam-se em silêncio na luz verde enquanto ele falava, apressado:

— Além daquelas portas do outro lado está a Assembleia. — Ele dirigiu o olhar dos demais para o lado mais distante da câmara redonda, onde um segundo par de portas de pedra permanecia fechado. — Uma larga escada de pedra desce para um poço, alimentado por uma nascente que vem debaixo das montanhas. No pé daquelas escadas, logo antes do poço, está a Pira dos Mortos, onde os monarcas aqui enterrados eram deixados por alguns dias, de acordo com sua riqueza e posição, para que suas almas pudessem escapar para o além-vida. Temos de passar por ali para alcançar o caminho que irá nos levar para a Ruga do Dragão, do outro lado das montanhas. — Ele parou e respirou fundo. — Quando estive aqui antes, consegui me esconder da vista das criaturas que vivem lá para destruir os invasores. Não posso fazer isso por vocês. Existe algo na Assembleia, algo cujo poder pode se mostrar maior do que o meu. Apesar de não conseguir sentir minha presença, eu senti a dela escondida embaixo das águas profundas do poço. Sob as escadas, nos dois lados do poço, existem caminhos estreitos que levam para o outro lado da câmara e para a saída. Esses caminhos são o único jeito de passar pelo poço. O que quer que guarde a Pira dos Mortos irá nos atacar ali. Quando chegarmos naquela sala, Balinor, Menion e eu iremos para o caminho da esquerda. Isso fará a criatura sair de seu esconderijo. Quando formos atacados, Hendel levará o resto de vocês pela passagem da direita até a abertura do outro lado. Não parem até chegar na Ruga do Dragão. Vocês entenderam?

Eles assentiram devagar. Shea sentia-se estranhamente encurralado, mas falar sobre isso naquele momento não levaria a nada. Allanon endireitou seus mais de dois metros de altura e sorriu ameaçadoramente, seus dentes fortes brilhando. O pequeno rapaz do vale sentiu um calafrio percorrer a espinha e ficou dez vezes agradecido por não ser inimigo do místico. Em um único movimento, sem esforço, Balinor empunhou sua espada larga, a lâmina de metal tilintando ao deixar a bainha. Hendel já estava se movendo pela câmara, a maça pesada segura com força. Menion começou a segui-lo, mas parou, olhando incerto para os montes de tesouros encostados nas tumbas. Faria mal levar um pouco? Os dois jovens do vale e os elfos estavam

seguindo Balinor e Hendel. Allanon observou o montanhês, os braços escondidos pelo manto negro. Menion se virou e olhou interrogativamente para o místico.

— Eu não faria isso se fosse você — avisou, seco. — Estão cobertos por uma substância venenosa para a pele de seres vivos. Se tocar, morrerá em menos de um minuto.

Menion o encarou incrédulo por um momento, olhou de relance para o tesouro e sacudiu a cabeça, resignado. Já estava na metade da câmara quando, por uma inspiração súbita, pegou duas longas flechas e foi até um baú aberto, cheio de peças de ouro. Com cuidado, esfregou as pontas metálicas no metal precioso, tomando cuidado para que suas mãos não tocassem nada além das flechas emplumadas. Sorrindo com uma satisfação cruel, ele se juntou aos demais no outro lado da sala. O que quer que esperasse além das portas de pedra, teria a chance de testar sua resistência a esse veneno que supostamente matava qualquer criatura viva.

O grupo se reuniu em um círculo fechado ao redor de Allanon, as armas de metal emitindo um brilho frio. O silêncio ocupou a grande sala, sendo quebrado apenas pela respiração dos oito homens reunidos perto das portas fechadas. Shea olhou por um momento de volta ao Salão dos Reis. A tumba parecia imperturbada, exceto pela trilha irregular de passos na poeira atravessando a câmara. Uma nuvem densa de poeira girava na luz verde, agitada pela passagem dos invasores, mas lentamente voltava ao chão da caverna. Com o tempo, qualquer evidência de sua passagem seria apagada, conforme seus passos fossem cobertos.

As portas se abriram com o toque de Allanon e o grupo se moveu em silêncio para dentro da Assembleia. Estavam em uma plataforma alta que levava até uma câmara ampla e depois descia em uma série de escadas largas. A caverna do outro lado era enorme, alta e ampla, ainda exibindo o esplendor inalterado de sua criação pelas mãos cuidadosas da natureza. Do teto alto, penduravam-se estalactites irregulares, pingentes formados pelo depósito de água e minerais, durante milhares de anos. Debaixo daquelas lanças esculpidas em pedra, havia um poço longo e retangular de uma água verde-escura, cuja superfície era lisa como vidro. Quando uma única gota de água caiu pesadamente de uma das projeções de pedra, a superfície plácida agitou-se uma única vez e parou. Os homens exaustos foram até a beira da

plataforma e olharam para o altar de pedra colocado no pé das escadas à frente do poço, sua superfície velha e marcada quase se desfazendo em alguns lugares. A caverna estava fracamente iluminada por linhas fosforescentes que corriam por suas paredes de pedra, dando um brilho fantasmagórico e fluorescente para a câmara.

Lentamente, os homens desceram a escada, os olhos captando uma única palavra inscrita no altar de pedra. Poucos conheciam seu significado. *Valg*, uma palavra tirada da antiga língua dos gnomos. Significava *Morte*. Seus passos reverberavam em ecos abafados pela caverna. Nada se movia. Tudo estava envolto pelo tempo e pelo silêncio. Ao alcançarem o pé da longa escadaria, hesitaram por um segundo, os olhos fixos no poço. Impacientemente, Allanon acenou para que Hendel e seus protegidos fossem para a direita, e então, com Menion e Balinor logo atrás, moveu-se rapidamente para a trilha da esquerda. Um passo em falso poderia ser fatal. Do outro lado do poço, Shea observou as três figuras fazendo seu caminho em silêncio, seguindo a áspera parede de pedra, mantendo-se no fundo da passagem aberta. Não havia movimento nas águas calmas. Estavam no meio do caminho e só então Shea respirou.

Foi quando a superfície parada da água explodiu para cima e de suas profundezas surgiu um pesadelo. Com a aparência de uma serpente, o monstro repulsivo parecia encher totalmente a caverna, sua forma coberta de gosma erguendo-se até o teto, estilhaçando as estalactites. Seu guincho de fúria ecoou pela Assembleia. O corpo imenso contorceu-se e dobrou-se enquanto saía da água. Longas pernas dianteiras terminadas em garras mortalmente recurvadas agarravam o vazio e as imensas mandíbulas se fechavam com força, trincando os dentes enegrecidos e pontiagudos que as recobriam. Os olhos gigantesco queimavam, vermelhos, no meio de várias protuberâncias e chifres curtos que cobriam sua cabeça deformada. Todo o corpo possuía uma pele reptiliana da qual pingava sujeira e lodo que deviam ter sido trazidos por ela dos fossos mais profundos do mundo inferior. Da boca, escorria um veneno que caía na água, fazendo se erguerem pequenas nuvens de vapor. A monstruosidade encarou os três humanos na trilha e chiou com ódio incontrolável. Mandíbulas abertas, guinchando em antecipação ao prazer de matar. Atacou.

Todos reagiram instantaneamente. O arco longo de Menion Leah cantava em *staccato* conforme as flechas envenenadas voavam com precisão mortal, enterrando-se profundamente na carne desprotegida do interior da boca aberta da fera. A criatura recuou com a dor, e Balinor aproveitou a oportunidade. Movendo-se para a borda da trilha, o gigante golpeou com força o braço exposto do monstro. Porém, para sua surpresa, a espada apenas arranhou a pele escamosa, raspando a grossa camada de gosma. O outro braço tentou atingi-lo, mas ele escapou por centímetros ao se afastar para o lado. Na outra trilha, Hendel corria para a passagem no fim do poço, empurrando os elfos e os jovens do vale para a frente. Mas um deles disparou uma armadilha escondida e um pesado pedaço de pedra caiu na frente da abertura, fechando a rota de fuga. Em desespero, Hendel jogou seu corpo forte contra a barricada de pedra, mas ela se recusou a se mover.

A serpente foi atraída pelo som da pedra caindo. Virando-se de costas para Menion e Balinor, moveu-se voraz para aqueles inimigos menores. Aquele poderia ter sido o fim se não fosse a reação rápida do anão que já era veterano. Esquecendo-se da pedra caída e deixando a própria segurança completamente de lado, Hendel atacou o monstro imenso que avançava contra eles e golpeou o olho incandescente mais próximo com a pesada maça de ferro. A arma atingiu o globo ocular com tanta força que o esmagou. A serpente recuou com a dor excruciante, batendo com força nas estalactites enquanto contorcia seu corpo de um lado para outro. Os afiados fragmentos de pedra choviam por toda a câmara. Flick caiu após um golpe na cabeça. Na beira do poço, Hendel foi enterrado sob uma cascata de pedra partida e ficou paralisado. Os outros três se encostaram à barricada de pedra enquanto o imenso atacante pairava acima.

Finalmente, Allanon se uniu à batalha desigual. Levantando os dois braços, estendeu as mãos finas e seus dedos acenderam como se fossem bolas brilhantes. Jatos de chamas azuis ofuscantes saíam das pontas, atingindo a cabeça da criatura enfurecida. A força daquele novo ataque atordoou completamente a serpente desprevenida, que se contorceu furiosa na água fervente do poço, guinchando de dor e de raiva. Rapidamente, o Druida avançou pela trilha e atacou uma segunda vez, as chamas azuis brilhando na cabeça do monstro enfurecido, torcendo-a completamente. Aquele segundo golpe jogou o corpo escamoso para trás, contra a parede

onde, ao se contorcer incontrolavelmente, derrubou a pedra que bloqueava a saída. Shea e os irmãos elfos mal tiveram tempo de arrastar o inconsciente Flick para fora do caminho do corpo pesado que quase o esmagou. Ouviram a pedra cair para a frente e, ao verem a passagem aberta, gritaram de maneira selvagem para os demais. Balinor atacava a criatura que se retorcia e se aproximara de novo, tentando inutilmente atingir a cabeça que balançava em sua direção, ainda abalada pela força do ataque de Allanon. O Druida tinha os olhos fixos na serpente, e só Menion viu por que os outros estavam gritando e acenou loucamente para que fossem para a abertura. Dayel e Shea pegaram o caído Flick e o carregaram para fora. Durin ia segui-los, porém hesitou ao ver Hendel inconsciente, ainda soterrado pelas pedras. Virando-se, correu até a beira do poço e agarrou o braço do anão, tentando inutilmente tirá-lo dos destroços.

— Saia daqui! — Allanon rugiu, ao ver o elfo perto da abertura.

Escolhendo aquele momento de distração, a serpente contra-atacou. Com um único golpe de seu braço em garra, jogou Balinor para um lado, esmagando-o contra a parede da câmara. Menion saltou na direção do monstro, mas um súbito movimento o jogou para longe, deixando-o fora da vista. A serpente, ainda sentindo as dores de seus muitos ferimentos, só podia pensar em atingir a figura alta de roupa escura para arrancar-lhe a vida. A besta tinha mais uma arma à disposição e usou-a naquele momento. As mandíbulas cobertas de veneno abriram-se ao ver a pretensa vítima, sozinha e desprotegida, e grandes camadas de fogo surgiram, cercando completamente o Druida. Durin, que em sua posição pôde ver tudo o que estava acontecendo, arfou consternado. Shea e Dayel, parados na entrada do túnel que saía da Assembleia, assistiram, mudos de horror, as chamas cobrirem o místico. Porém, um segundo depois, as chamas morreram e Allanon surgiu, parado e intocado, na frente dos atônitos observadores. Levantou as mãos e jatos de chamas azuis saíram de seus dedos estendidos, acertando a cabeça da serpente com uma força terrível, fazendo o corpo escamado recuar uma vez mais. Vapor subia em grandes nuvens das águas agitadas do poço, combinando-se em uma densa neblina com a poeira e a fumaça causadas pela batalha até toda a vista ficar obscurecida.

Balinor surgiu do lado de Durin, saindo da névoa, seu manto em farrapos, a cota de malha amassada e lascada, o rosto coberto de suor e

sangue. Juntos, os dois puxaram Hendel de debaixo das pedras. Com apenas um de seus braços grandes, o Príncipe de Callahorn levantou a figura silenciosa e a colocou sobre o ombro, indicando a Durin que seguisse até a passagem onde Dayel e Shea ainda esperavam com o inconsciente Flick. O homem da fronteira mandou que pegassem o jovem caído e, sem esperar para ver se tinha sido obedecido, desapareceu no corredor escuro, Hendel em um ombro, a grande espada em um aperto firme na outra mão. Os irmãos elfos rapidamente fizeram como ele pedira, mas Shea hesitou, procurando algum sinal de Menion. A Assembleia estava em ruínas, as grandes fileiras de estalactites, quebradas, as trilhas, cobertas de detritos, as paredes, rachadas e partidas, tudo enevoado com a mistura de pó e vapor do poço que fervia. Em um dos lados da caverna, o corpo da serpente ainda estava visível, retorcendo-se em agonia contra a parede quebrada; sua forma gigantesca era uma massa trêmula de escamas e sangue. Nem Menion nem Allanon estavam à vista. Mas logo depois, os dois saíram da densa névoa, Menion mancando levemente, mas ainda agarrado a seu arco e a sua espada, a forma escura de Allanon esfarrapada e coberta de poeira e cinzas. Sem dizer nada, o Druida acenou para que Shea seguisse na frente, e juntos os três tropeçaram pela abertura parcialmente bloqueada.

O que aconteceu depois não ficou claro na mente de ninguém. Entorpecido, o grupo abatido caminhou pelo túnel, carregando os dois feridos desmaiados. O tempo arrastava-se, agonizante, e, de repente, estavam do lado de fora, piscando por causa da luz forte do sol da tarde, na beira de um penhasco perigosamente íngreme. À direita, a Ruga do Dragão abriu seu caminho para baixo até uma região de campo aberto. Subitamente, a montanha toda começou a retumbar ameaçadoramente, sacudindo-se em tremores curtos sob os pés de todos. Com um comando ríspido, Allanon ordenou que descessem a trilha estreita. Balinor liderou o caminho, carregando a forma imóvel de Hendel, com Menion Leah alguns passos atrás. Durin e Dayel vinham em seguida, carregando Flick. Depois deles, vinha Shea e, por fim, Allanon. O sinistro rugido continuava em algum lugar nas profundezas da montanha.

Devagar, o pequeno grupo se moveu pela trilha até a estrada. O caminho curvava-se desigual entre plataformas irregulares e interrupções súbitas, e os homens se viam forçados a se encostarem na face do penhasco com

frequência, para evitarem perder o equilíbrio e caírem nas pedras, centenas de metros abaixo. A Ruga do Dragão tinha um nome adequado; suas curvas e voltas contínuas exigiam concentração e cautela; os tremores recorrentes tornavam a tarefa duplamente perigosa.

Haviam avançado apenas uma pequena distância pela trilha traiçoeira quando ouviram um novo som, um rugido profundo que logo abafou os estrondos da montanha. Shea, o último na fila ao lado de Allanon, não conseguiu distinguir a origem do rugido até estar quase em cima dela. Ao fazer uma curva fechada na lateral da montanha, que o levou até uma plataforma voltada para o norte, descobriu uma imensa cachoeira à sua frente. Toneladas de água cascateavam e se batiam com um rugido ensurdecido em um grande rio centenas de metros abaixo, fluindo pelas montanhas e descendo em uma série de corredeiras para o oeste, na direção das Planícies de Rabb. O poderoso rio corria por baixo da plataforma onde ele estava e da trilha estreita adiante, suas águas brancas agitando-se e batendo contra as laterais dos dois picos que as aprisionavam. Shea observou o rio por um breve instante e apressou-se na trilha por ordem de Allanon. O resto do grupo estava a uma boa distância e, por um momento, ficaram fora de sua vista entre as pedras.

Shea já estava a uns trinta metros da plataforma quando um tremor repentino, mais violento do que os outros, sacudiu a montanha até seu núcleo. Sem aviso, a seção da trilha onde ele estava se quebrou e caiu pela encosta da montanha, carregando o jovem indefeso. Ele gritou amedrontado, tentou parar sua queda ao ver que escorregava na direção de uma saliência íngreme, que dava lugar a uma longa, longa queda até o rio turbulento na superfície do vale. Allanon correu enquanto o jovem escorregava desorientadamente em uma nuvem de pó e pedras até a saliência.

— Agarre-se em alguma coisa! — rugiu o Druida. — Agarre-se em alguma coisa!

Shea tentou em vão, esforçando-se para se agarrar na lateral nua do penhasco, e só quando estava quase na beira da queda, conseguiu se segurar em uma protuberância rochosa. Ele se encostou na superfície quase vertical, sem se atrever a escalar de volta, seus braços quase se quebrando com o esforço.

— Aguenta, Shea! — Allanon o encorajou. — Vou pegar uma corda. Não se mova!

Allanon gritou para seus companheiros, mas se eles poderiam ou não ajudar, Shea nunca soube. Enquanto o Druida procurava auxílio, um segundo tremor sacudiu a montanha, fazendo o desafortunado jovem se soltar de seu precário apoio e escorregar para além da saliência rochosa antes mesmo que pudesse pensar em se segurar. Braços e pernas agitaram-se loucamente; então, caiu de cabeça nas águas rápidas do rio abaixo. Allanon olhou, sem conseguir fazer nada, enquanto o jovem do vale mergulhou com força, voltando uma vez à superfície antes de ser arrastado para o leste, para as planícies do outro lado, sendo jogado e revirado no rio como uma pequena rolha, até ser perdido de vista.

Capítulo XV

Flick Ohmsford estava em silêncio na base dos Dentes de Dragão e encarava o nada. Os últimos raios do sol da tarde batiam em seu corpo em lampejos fracos, projetando sua sombra nas pedras da gigantesca montanha às suas costas. Escutou por um momento os sons ao redor, as vozes abafadas do grupo à esquerda, o canto dos pássaros na floresta à frente. Em sua mente, ouviu a voz determinada de Shea, e se lembrou da imensa coragem do irmão diante dos perigos que haviam passado juntos. Shea se fora, provavelmente estava morto, levado pelo rio desconhecido até as planícies do outro lado das montanhas que lutaram tanto para atravessar. Esfregou a testa gentilmente, sentindo o galo e a dor fraca onde o pedaço de pedra o golpeara, fazendo com que desmaiasse e o impedindo de ajudar quando seu irmão mais precisara. Quase morreram nas mãos dos Portadores da Caveira, quase encontraram seu fim nas lâminas de gnomos enraivecidos e quase sucumbiram aos horrores do Salão dos Reis. Mas tudo acabar assim, por um capricho da natureza na beirada estreita de um penhasco, quando estavam tão perto de conseguir, era demais para aceitar. Flick sentia uma amargura tão grande dentro de si que tinha vontade de chorar. Porém, não podia. Seu interior estava preso por uma raiva que não conseguia dissipar, deixando-o apenas com uma grande sensação de vazio.

Menion Leah era um contraste marcante, ao andar de um lado para outro em um desespero furioso a vários metros do habitante do vale, sua figura esbelta curvada, exibindo sua dor. Seus pensamentos queimavam com a raiva, o tipo de ira fútil que uma fera enjaulada demonstra quando não há esperança de escapar, e só lhe resta seu orgulho e seu ódio pelo que lhe aconteceu. Não havia nada que pudesse ter feito para ajudar Shea, ele sabia. Só que isso não aliviava o sentimento de culpa que sentia por não ter estado lá quando a beirada despencou e o jovem foi jogado nas águas agitadas das corredeiras abaixo. Algo poderia ter sido feito para impedir isso, se Shea não

estivesse sozinho com o Druida. Sabia que não era culpa de Allanon; ele fizera todo o possível para proteger Shea. Menion se movia com passos longos, cheios de raiva, machucando o solo com os saltos de suas botas. Ele se recusava a aceitar que a jornada tinha acabado, que teriam de aceitar a derrota quando a Espada de Shannara estava tão perto, quase ao alcance. Parou por um momento para refletir sobre o objeto que estavam procurando. Ainda não fazia sentido para ele. Mesmo se pegassem a espada, o que um homem, não mais do que um garoto crescido, poderia fazer contra o poder de uma criatura como o Lorde Feiticeiro? Nunca saberiam, pois Shea provavelmente estava morto, e mesmo que houvesse sobrevivido, estaria perdido. Nada parecia fazer mais muito sentido, e Menion Leah percebeu subitamente o quanto aquela amizade casual e descontraída significara para ele. Nunca tinham falado sobre isso, nunca reconheceram abertamente, mas ela tinha estado ali mesmo assim e lhe fora muito preciosa. Mas acabara. Menion mordeu o lábio em sua raiva inútil e continuou a andar.

Os outros estavam reunidos próximos ao pé da Ruga do Dragão, que terminava a alguns metros. Durin e Dayel conversavam entre si em um tom baixo, seus rostos delicados enrugados de preocupação, os olhos baixos, entreolhando-se apenas ocasionalmente. Perto deles, com o corpo forte encostado em uma grande pedra, Hendel descansava, pois, embora sempre fosse de falar pouco, estava ainda mais irritado e inacessível. Seu ombro e perna estavam enfaixados, o rosto, machucado e cheio de hematomas por causa da luta contra a serpente. Ele pensou rapidamente em sua terra, em sua família que o esperava e por um instante desejou poder ver o verde de Culhaven uma vez mais. Sabia que sem a Espada de Shannara e sem Shea para empunhá-la, sua terra seria arrasada pelos exércitos das Terras do Norte. E Hendel não era o único a pensar assim. Balinor pensava o mesmo, os olhos no gigante solitário parado em um pequeno bosque a uma curta distância deles. Sabia que estavam enfrentando uma decisão impossível. Ou desistiam da jornada e voltavam, esforçando-se para alcançarem suas terras e talvez encontrar Shea, ou continuavam até Paranor para pegar a Espada de Shannara sem o jovem. Era uma escolha difícil, e ninguém ficaria muito satisfeito, de qualquer jeito. Ele sacudiu a cabeça com tristeza quando a lembrança da discussão amarga que tivera com seu irmão passara

momentaneamente por sua mente. Tinha uma decisão a tomar quando voltasse à cidade de Tyrsis, e não seria agradável. Ele não conversara com os outros sobre isso, e no momento seus problemas pessoais eram secundários.

Subitamente, o Druida girou nos calcanhares e foi para perto deles; sua decisão obviamente fora tomada. Eles o observaram enquanto se aproximava. Sua comprida túnica preta esvoaçava delicadamente enquanto seu rosto escuro parecia resoluto mesmo naquele momento de derrota amarga. Menion parara, o coração batendo como louco, enquanto esperava o confronto que sabia que iria acontecer entre eles, pois o montanhês havia escolhido o próprio rumo e suspeitava que não seria o mesmo de Allanon. Flick captou o traço de medo no rosto do Príncipe de Leah, mas, ao mesmo tempo, viu uma estranha coragem enquanto ele se preparava. Todos se levantaram hesitantes e se reuniram quando a forma escura se aproximou, suas mentes cansadas e desanimadas repentinamente regeneradas com uma determinação feroz de não aceitar a derrota. Não sabiam o que Allanon iria dizer, mas sabiam que tinham ido longe demais, sacrificado coisas demais, para desistirem.

Ele ficou na frente deles, os olhos fundos queimando com uma mistura de sentimentos, o rosto encoberto como uma muralha de granito e de força, gasta e marcada. Quando falou, as palavras foram frias e cortantes no silêncio.

— Pode ser que estejamos derrotados, mas voltar daqui seria nos desonrar tanto diante de nós mesmos quanto diante daqueles que dependem de nós. Se é para sermos derrotados pelo mal que vem das Terras do Norte, por coisas nascidas no mundo espiritual, então devemos nos virar e encará-las. Não podemos recuar e esperar um milagre e o que, com certeza, está se preparando agora mesmo para nos escravizar e destruir. Se a morte vier, irá nos encontrar com as armas empunhadas e a Espada de Shannara em nossas mãos!

Ele soltou a última frase com uma determinação tão gélida que até Balinor sentiu um leve arrepio de euforia passar por seu corpo. Todos ficaram mudos, admirando a força incansável do Druida, e sentiram um orgulho repentino por estarem com ele, por fazerem parte do pequeno grupo que ele escolhera para aquela busca perigosa e custosa.

— E Shea? — Menion falou de repente, talvez um pouco ríspidamente, quando os olhos penetrantes do Druida se focaram nele. — O que vai ser dele, já que, para começar, é o motivo desta expedição?

Allanon sacudiu a cabeça devagar, considerando mais uma vez o destino do jovem.

— Não tenho como saber mais do que você. Ele foi levado na direção das planícies por aquele rio. Talvez esteja vivo, talvez não, mas não podemos fazer nada por ele agora.

— O que você está propondo é que o deixemos de lado para irmos atrás da espada, que, sem seu legítimo dono, é só um pedaço inútil de metal? — Menion gritou com raiva, a frustração acumulada finalmente aflorando. — Bem, eu não dou um passo à frente antes de saber o que aconteceu com Shea, mesmo se isso significar deixar a busca e ir procurá-lo até encontrá-lo. Eu não vou abandonar o meu amigo!

— Cuidado, montanhês — avisou a voz lenta e debochada do místico. — Não seja tolo. Culpar-me pela perda de Shea é inútil, pois, mais do que todos, eu não desejava nenhum mal para ele. O que você sugere não é nem um pouco racional.

— Chega de palavras sábias, Druida! — Menion arremeteu, dando um passo à frente sem se preocupar com o que poderia lhe acontecer, seu temperamento explosivo já no limite ante a aceitação impassível do viajante diante da perda de seu amigo. — Nós o seguimos por semanas, por centenas de terras e perigos, sem questionar suas ordens nem uma vez sequer. Só que isso é demais para mim. Eu sou o Príncipe de Leah, não um pedinte que faz o que lhe mandam sem perguntar nada, sem se preocupar com mais ninguém além de si mesmo! Minha amizade com Shea pode não ser nada para você, mas para mim vale mais do que cem Espadas de Shannara! Agora, saia da minha frente! Eu vou sozinho!

— Tolo, você é mais um palhaço e menos um príncipe para falar assim!

Allanon enfureceu-se, seu rosto se transformando em uma máscara de ira, as mãos imensas cerradas à sua frente. Os outros empalideceram ao verem os dois oponentes se atacarem verbalmente em uma fúria descontrolada. Sentindo que o combate físico estava prestes a acontecer, entraram no meio, falando rapidamente, tentando acalmá-los com a razão, temendo que uma cisão no grupo naquele momento marcasse o fim de

qualquer chance de sucesso. Somente Flick não se mexeu, seus pensamentos ainda voltados para o irmão, infeliz com o desamparo que sentia por não poder fazer nada além de se sentir inútil. No momento em que Menion falara, sabia que o montanhês estava expressando também seus próprios sentimentos, e que ele não sairia dali sem saber o que acontecera com Shea. Mas sempre parecia que Allanon sabia tão mais do que os outros, que suas decisões eram sempre as certas. Ignorar totalmente as palavras do Druida parecia errado. Lutou contra a própria mente por um momento, tentando descobrir o que Shea faria naquela situação, o que sugeriria para os outros. E, então, quase sem perceber, tinha a resposta.

— Allanon, existe um jeito — declarou de repente, gritando para ser ouvido por cima da confusão. Todos olharam em sua direção ao mesmo tempo, surpresos pelo olhar determinado no rosto do jovem. Allanon assentiu para indicar que estava ouvindo. — Você tem o poder para falar com os mortos. Nós o vimos fazer isso no vale. Não tem como você saber se Shea está vivo? Seu poder é forte o bastante para procurar os vivos, já que pode erguer os mortos. Você pode descobrir onde ele está, não pode?

Todos olharam de volta para o Druida, esperando para ver o que ele iria fazer. Allanon suspirou pesadamente e olhou para baixo, a raiva que sentia de Menion esquecida enquanto refletia sobre a pergunta.

— Eu posso fazer isso — respondeu para o espanto e o alívio de todos. — Mas não o farei. Se eu usar meu poder para descobrir onde Shea está, vivo ou morto, com certeza revelarei nossa presença para o Lorde Feiticeiro e seus Portadores da Caveira. Estarão alertas, só esperando por nós em Paranor.

— Se formos para Paranor — Menion interrompeu, rispidamente, fazendo Allanon se virar para ele em fúria, com sua raiva revivida.

Novamente, todos pularam para separá-los.

— Parem com isso, parem! — Flick ordenou, com raiva. — Isso não está ajudando ninguém, muito menos Shea. Allanon, eu não pedi nada durante toda essa viagem. Não tenho esse direito, já que pedi para vir. Mas agora tenho esse direito, porque Shea é meu irmão, talvez não de sangue ou de raça, mas por laços ainda mais fortes. Se você não usar seu poder para descobrir onde ele está e o que aconteceu com ele, então irei com Menion procurar Shea e não voltaremos até encontrá-lo.

— Ele tem razão, Allanon. — Balinor assentiu devagar, uma mão pousando de leve no ombro do jovem. — O que quer que aconteça conosco, esses dois têm o direito de saber se há alguma chance para Shea. Eu sei o que significa se formos descobertos, mas digo que devemos arriscar.

Durin e Dayel assentiram vigorosamente, concordando. O místico olhou para Hendel, tentando descobrir sua opinião, mas o anão taciturno não fez nenhum movimento, simplesmente encarou o outro. Allanon olhou para eles, um por um, talvez avaliando seus verdadeiros sentimentos enquanto pensava no risco envolvido, pesando o valor da espada contra a perda de dois membros do grupo. Olhou distraído para o sol que se punha enquanto o crepúsculo do começo da noite caía sobre as montanhas com as lentas ondas de escuridão misturando-se com o vermelho e o púrpura do dia que se esvaía. Fora uma viagem longa e árdua, e não tinha nada para mostrar, além da perda daquele por quem a jornada acontecera. Parecia tão errado, e podia entender a relutância em continuar. Acenou para si mesmo, compreensivo, observou os outros e viu seus olhos se acenderem de repente, acreditando que ele estava concordando com o pedido de Flick. Sem um sorriso sequer, o andarilho alto sacudiu a cabeça com firmeza.

— A escolha é de vocês. Farei como pedem. Afastem-se, e não falem comigo nem cheguem perto de mim até eu dizer que podem.

Os membros do grupo recuaram enquanto ele permaneceu no mesmo lugar, com a cabeça abaixada em concentração e os longos braços cruzados com as mãos enterradas no manto. Só se ouviam os sons distantes do anoitecer na escuridão que aumentava. O Druida enrijeceu-se e um brilho branco se espalhou de seu corpo denso; uma aura ofuscante, que fez os outros apertarem os olhos e depois protegê-los com as mãos. Em um instante, o brilho estava em todo o lugar. Então, a figura escura de Allanon saiu de foco, lampejou com força e sumiu. Allanon estava do mesmo jeito que antes, imóvel na escuridão e lentamente caiu ao chão, uma mão pressionando sua testa com força. Os homens hesitaram por um momento e depois ignoraram a ordem anterior e correram para ele, temendo que tivesse se ferido. Allanon levantou o olhar, zangado com a desobediência, até ver nos rostos uma preocupação profunda. Olhou, sem acreditar, e entendeu de repente, enquanto se agrupavam em silêncio. Ficou profundamente comovido, um calor estranho espalhando-se por ele enquanto registrava a

lealdade que aqueles seis homens de raças diferentes, terras diferentes, vidas diferentes sentiam por ele, mesmo depois de tudo o que acontecera. Pela primeira vez desde que perderam Shea, Allanon sentiu alívio. Ele se levantou trêmulo, apoiando-se de leve no braço forte de Balinor, ainda fraco pelo esforço de procurar Shea. Ficou em silêncio por um momento e deu um sorriso fraco.

— Nosso jovem amigo está vivo, sim, apesar de isso ser um milagre que eu não consigo explicar. Localizei sua força vital do outro lado das montanhas, provavelmente em algum ponto perto do rio que o carregou para as planícies. Havia outras pessoas com ele, mas não posso determinar o que querem sem uma sonda mental mais forte. Isso com certeza revelaria nossa posição e me enfraqueceria até ficar incapacitado.

— Mas você tem certeza de que ele está vivo? — Flick perguntou, ansioso.

Allanon assentiu, confirmando. O grupo todo sorriu aliviado. Menion deu um tapa no ombro do extasiado Flick, dançando e pulando.

— Então o problema se resolveu — o Príncipe de Leah exclamou. — Devemos voltar para o outro lado dos Dentes de Dragão e encontrá-lo, para continuar a viagem até Paranor e pegar a espada.

Seu sorriso sumiu de repente e uma raiva queimou devagar ao ver Allanon sacudir a cabeça negativamente. Os demais o encararam atônitos, certos de que aquela seria a sugestão do Druida.

— Shea está nas mãos de uma patrulha de gnomos — o místico esclareceu. — Está sendo levado para o norte, muito provavelmente para Paranor. Não poderemos alcançá-lo sem lutar na travessia dos passos vigiados dos Dentes de Dragão e seguir seu rastro pelas planícies infestadas de gnomos. Iremos nos desviar do caminho por dias, talvez semanas, e nossa presença logo será detectada.

— Não temos garantias de que já não sabiam sobre nós — Menion gritou, irritado. — Você mesmo disse isso. O que irá adiantar para Shea se ele cair nas mãos do Lorde Feiticeiro? De que servirá a espada para nós sem o portador?

— Não podemos abandoná-lo — Flick implorou, dando um passo à frente.

Os outros não disseram nada, mas ficaram imóveis e em silêncio, esperando a explicação de Allanon. A escuridão já envolvera completamente

a região montanhosa, e os homens mal conseguiam distinguir o rosto um do outro na luz fraca. A lua estava escondida pelos picos monstruosos que se erguiam atrás deles.

— Vocês se esqueceram da profecia — advertiu Allanon, paciente. — A última parte prometia que um de nós não veria o outro lado dos Dentes de Dragão, mas que seria o primeiro a colocar as mãos na Espada de Shannara. Sabemos que esse alguém é Shea. Além do mais, a profecia disse que os que alcançassem o outro lado das montanhas iriam ver a espada antes que duas noites se passassem. O destino irá nos reunir.

— Isso pode ser bom o bastante para você, mas não para mim — Menion declarou, de forma seca, com Flick concordando vigorosamente. — Como podemos confiar em uma promessa doida feita por um fantasma? Você está pedindo que arrisquemos a vida de Shea.

Allanon pareceu arder de fúria por um momento, lutando para controlar seu temperamento e depois olhou com calma para os dois, sacudindo a cabeça desapontado.

— Vocês não acreditaram em uma lenda desde o começo? — perguntou em voz baixa. — Vocês não viram com os próprios olhos o limiar que o mundo espiritual colocou em nosso mundo de carne e sangue, terra e pedra? Não estamos desde o início lutando contra seres nascidos nesse outro mundo, seres com poderes que com certeza não pertencem a homens mortais? Vocês testemunharam a potência das Pedras Élficas. Por que agora dão as costas para tudo isso em favor do que diz o bom senso, um processo de racionalização que se baseia em fatos e estímulos acumulados neste mundo, no mundo material, incapazes de se transporem para uma existência onde até nossa compreensão mais básica não significa nada.

Eles o encararam sem dizer nada, percebendo que ele estava certo, mas sem quererem abandonar seu plano de encontrar Shea. Toda aquela jornada se baseou em sonhos e velhas lendas, não no bom senso, e subitamente decidir que era hora de serem práticos de novo era de fato uma ideia idiota. Flick desistira de ser prático no dia em que saíra correndo de medo do vale Sombrio.

— Eu não me preocuparia, meus jovens amigos — Allanon os tranquilizou, aproximando-se e colocando uma mão no ombro de cada um, estranhamente reconfortante. — Shea ainda está carregando as Pedras

Élficas e o poder delas o protegerá. Elas também poderão guiá-lo até a espada, já que estão sintonizadas com ela. Com sorte, nós o encontraremos quando alcançarmos a espada em Paranor. Todas as estradas agora levam até a Fortaleza dos Druidas, e nós precisamos ter certeza de que estaremos lá para dar toda a ajuda possível a Shea.

Os outros membros do grupo já tinham reunido suas armas e mochilas e estavam prontos; suas silhuetas pareciam sombras sob a luz das estrelas, linhas finamente traçadas contra a escuridão das montanhas. O olhar de Flick foi para o norte, para a floresta sombria que cobria a terra baixa além dos Dentes de Dragão. Entre eles, erguendo-se como um obelisco, estavam os penhascos de Paranor, e em seu topo a Fortaleza dos Druidas e a Espada de Shannara. O fim da jornada. Flick observou em silêncio por alguns instantes o pináculo solitário e virou-se para Menion. O montanhês concordou relutante.

— Nós vamos com vocês — a voz de Flick era um suspiro apressado no silêncio.

As águas agitadas do rio batiam loucamente contra as muralhas confinadoras do seu canal entre as montanhas, colidindo furiosas em seu caminho para o leste, arrastando com elas detritos e pedaços de madeira que haviam caído em seu aperto incansável. Iam para baixo e para fora das montanhas em corredeiras que se batiam ferozmente contra pedras lisas e curvas bruscas, curvando-se aos poucos para a placidez dos rios calmos que se entroncavam nas terras baixas próximas das Planícies de Rabb. Foi em um daqueles pequenos afluentes que o rapaz, ainda preso a um galho partido por seu cinto de couro, enfim foi deixado em uma margem enlameada, inconsciente e quase afogado. Suas roupas estavam rasgadas e esfarrapadas, as botas de couro, perdidas, o rosto úmido, acinzentado e ensanguentado devido às colisões no percurso pelas corredeiras rio abaixo, até chegar naquele lugar. Ele acordou, percebendo que, finalmente, estava em terra. Soltando-se com movimentos débeis do galho, arrastou-se com as mãos e joelhos para longe da margem, para a grama alta de uma colina baixa. Como que por reflexo, suas mãos machucadas procuraram a pequena bolsa de couro em sua cintura e aliviado sentiu que ainda estava ali,

seguramente amarrada com laços de couro. Um momento depois, o resto de suas forças acabou; caiu em um sono pesado e bem-vindo.

Ele dormiu profundamente no calor silencioso do dia até o final da tarde, quando a grama batendo em seu rosto devido à brisa do anoitecer o agitou lentamente. Havia ainda mais alguma coisa, algo em sua mente descansada que o avisava de repente que estava em perigo. Mas ele mal conseguia levantar o corpo lento para se sentar, quando um grupo de dez ou doze criaturas surgiu no topo da colina acima. Pararam surpresos ao verem sua figura meio sentada e correram para alcançá-lo. Em vez de virarem-no com cuidado para ver se não estava ferido, jogaram-no no chão, colocando seus braços indefesos às suas costas e os amarrando com tiras de couro que cortaram a pele desprotegida. Seus pés também foram amarrados. Por fim, viraram-no para cima e ele enfim pôde focar seus captores. Seus piores medos se confirmaram imediatamente. Os rostos amarelos e retorcidos, as vestes de floresta e as espadas curtas eram facilmente reconhecíveis depois da descrição que Menion fizera do incidente de poucos dias antes no Passo de Jade. Ele olhou aterrorizado para os olhos cortantes dos gnomos enquanto eles analisavam, com algum espanto, seu rosto meio-humano e meio-élfico e os restos de sua estranha vestimenta das Terras do Sul. Finalmente, o líder se abaixou e começou a revistá-lo. Shea resistiu, por isso recebeu vários tapas. Por fim, conformou-se, ficando imóvel enquanto os gnomos removiam a pequena bolsa contendo as Pedras Élficas.

Os gnomos se reuniram curiosos quando o líder colocou na mão as três pedras azuis, que brilhavam com força na luz quente do sol. Houve uma breve discussão, que o cativo foi incapaz de acompanhar, acerca do que ele estaria fazendo com as pedras e onde as teria encontrado. Finalmente decidiram que tanto o prisioneiro quanto as pedras deveriam ser levados para o acampamento central em Paranor, onde seus superiores seriam consultados. Os gnomos o levantaram à força, cortando os laços que prendiam suas pernas, e o obrigaram a marchar para o norte, empurrando-o quando diminuía o ritmo por causa do cansaço.

Ainda estavam andando quando o sol se pôs, no mesmo momento em que, do outro lado da barreira montanhosa conhecida como Dentes de Dragão, o líder Druida de um pequeno bando de aventureiros lutava com sua mente para localizar o desaparecido Shea Ohmsford.

Foi nas primeiras horas da manhã, envoltos pelo silêncio da escuridão e escondidos pelas sombras da densa floresta que bloqueava completamente a luz reconfortante da lua e das estrelas, que o grupo enfim alcançou os penhascos de Paranor. Guardariam para sempre aquele momento em suas lembranças, os olhos ansiosos viajando, subindo pelas paredes íngremes de rocha, sem trilhas ou plataformas. Nada havia para cima, além dos pinheiros e carvalhos, que acabavam abruptamente quando os penhascos começavam em direção aos céus até a estrutura construída pelos homens em seu topo: a Fortaleza dos Druidas. A Fortaleza parecia um castelo, com muros antigos de pedra crescendo em torreões e torres espiraladas que cortavam o céu, em um desafio orgulhoso. Era uma fortaleza, sem dúvida, construída para resistir ao ataque do mais forte exército, o antigo lar e o protetorado da raça praticamente extinta dos homens chamados Druidas. Dentro do coração da fortaleza de pedra e ferro descansara por muito tempo o memorial do triunfo do homem sobre as forças do mundo espiritual; o símbolo da coragem e da esperança das raças em épocas passadas, esquecido com o passar dos anos enquanto as gerações se sucediam e as velhas lendas morriam: a fabulosa Espada de Shannara.

Enquanto os outros sete homens observavam a Fortaleza dos Druidas, a mente de Flick voltava ao que tinha ocorrido desde que o grupo deixara os Dentes de Dragão, ao pôr do sol. Havia viajado rapidamente pelas planícies descobertas que os separavam da floresta que cercava Paranor, alcançando o abrigo de seu perímetro sombrio sem nenhum incidente em apenas algumas horas. Naquele momento, Allanon os informara sobre o que esperar. A floresta, ele dissera, era impenetrável, a não ser que a pessoa soubesse como evitar os perigosos obstáculos que o Lorde Feiticeiro havia criado para desencorajar qualquer tentativa de alcançar a Fortaleza. Lobos habitavam aquelas florestas, bestas imensas e cinzentas que eram capazes de agarrar qualquer coisa, em uma ou duas pernas, e fazê-la em pedaços em questão de segundos. Além dos lobos, ao redor da base dos penhascos embaixo da Fortaleza, havia uma barreira inexpugnável de espinhos, coberta por um veneno para o qual não se conhecia cura. Mas o Druida estava preparado. Atravessaram velozes a floresta sombria, sem se preocupar com

outra rota senão a mais direta, o caminho os levando em linha reta até a Fortaleza. Allanon os avisou para ficarem perto dele, mas não era necessário. Apenas Menion parecia ansioso para estar à frente do grupo, e o montanhês se uniu a eles ao primeiro som de lobos. As imensas feras atacaram minutos depois de os homens entrarem na floresta. Seus olhos injetados de sangue brilhavam na escuridão; suas mandíbulas gigantescas estalavam com ódio cego. Antes, porém, que os alcançassem, Allanon colocou um estranho apito na boca e assoprou suavemente. Um som de frequência tão alta que não era ouvido pelos homens foi emitido e os lobos se afastaram desorientados, em círculos; depois sumiram com altos gritos de angústia, seus latidos assustados ainda audíveis muito depois de terem desaparecido.

Os lobos surgiram mais duas vezes durante a jornada pela floresta, apesar de ser impossível saber se era a mesma matilha ou outra. Flick estava inclinado a acreditar que eram matilhas diferentes ao ver o efeito daquele apito estranho. A cada sopro, os lobos se encolhiam de terror, deixando os viajantes intocados. O grupo alcançou a barreira de espinhos sem dificuldade. Mas a massa eriçada de agulhas envenenadas que os encarou parecia mesmo impenetrável, até mesmo para o temível Allanon. Mais uma vez, ele os lembrou de que aquela era a terra dos Druidas, não do Lorde Feiticeiro. Levando-os para a direita, seguiu pela borda da barreira até alcançar um ponto que o satisfez. Percorreu rapidamente a distância até um carvalho próximo, que para Flick parecia igual a qualquer outro, e marcou um ponto no chão na frente da espinhenta estrutura, sinalizando para os outros que aquele seria o ponto de entrada. Então, para a surpresa deles, o místico sombrio simplesmente andou até os espinhos afiados e sumiu na vegetação, reaparecendo momentos depois, ileso. Com calma, explicou aos demais que naquele ponto a barreira era fraca e inofensiva, uma passagem secreta até a Fortaleza. Havia outros também, todos indistinguíveis para qualquer um que não soubesse o que procurar. Assim o grupo atravessou a barreira, descobrindo que os espinhos realmente eram inofensivos. Enfim, chegaram às muralhas de Paranor.

Parecia impossível para Flick que estivessem ali. A jornada fora infinita enquanto a percorriam; os perigos encontrados pareciam que jamais eram superados, mas simplesmente evitados e, por fim, substituídos por outros. Mesmo assim, estavam ali. Só precisavam escalar os penhascos e pegar a

espada, uma tarefa nada simples, porém não mais difícil que as outras que encararam e completaram com sucesso. Olhou para cima, para as ameias do castelo, estudando rapidamente as tochas espaçadas que iluminavam os muros, sabendo que os inimigos guardavam aquelas muralhas e a espada dentro delas. Imaginou quem seria o inimigo, ou o que seria. Não os gnomos ou os trolls, mas o verdadeiro inimigo, a criatura que pertencia a outro mundo, mas que invadira aquele de algum jeito inexplicável para escravizar os humanos que o habitavam. Imaginou vagamente se algum dia saberia o motivo de tudo o que acontecera com eles, a razão de estarem ali naquele momento, caçadores da lendária Espada de Shannara, da qual nenhum deles, exceto o Druida, sabia qualquer coisa. Sentiu que havia uma lição a ser aprendida em algum lugar, mas que lhe escapava. Ele só queria acabar com aquilo e sair vivo.

Seus pensamentos foram bruscamente interrompidos quando Allanon indicou que seguissem pelas íngremes paredes do penhasco. Novamente, o Druida parecia procurar alguma coisa. Poucos minutos depois, parou diante de uma parte lisa da lateral do penhasco, tocou em algo na pedra, e uma porta escondida se abriu, revelando uma passagem. Allanon entrou por um momento e retornou com tochas apagadas, dando uma para cada membro do grupo e indicando que deveriam segui-lo. Moveram-se silenciosamente, parando por um momento na pequena entrada quando a porta de pedra se fechou ruidosamente atrás deles. Apertando os olhos na escuridão quase total, viram uma silhueta vaga de degraus de pedra subindo na rocha, pouco visíveis sob a luz fraca de uma tocha solitária que bruxuleava logo à frente na passagem. Subiram com cuidado até a tocha e cada um acendeu a sua para conseguirem luz suficiente para a subida ao castelo. Colocando um dedo nos lábios para indicar que esperava silêncio absoluto, a figura escura de seu líder virou-se e começou a subir os úmidos degraus de pedra, seu manto negro balançando de leve enquanto andava, preenchendo toda a passagem com sua sombra. Os outros seguiam sem uma palavra. O ataque à Fortaleza dos Druidas tinha começado.

A escadaria subia em uma espiral contínua, torcendo-se e curvando-se até não saberem mais a distância que tinham percorrido. O ar na passagem ficava gradualmente mais quente e mais confortável para respirar e a umidade das paredes e degraus diminuiu até desaparecer. As botas de caça

do líder corpulento raspavam de leve nas pedras, ecoando no silêncio profundo das cavernas. Centenas de passos e muitos minutos depois, a companhia alcançou o fim do túnel. Uma porta de madeira maciça, com ligas de ferro e presa na pedra, bloqueava a passagem. Mais uma vez Allanon provou que sabia o caminho. Um único toque na liga de ferro e a porta se abriu silenciosamente para deixá-los entrar em uma câmara larga com diversas passagens, todas bem iluminadas com tochas acesas. Um rápido olhar ao redor revelou que não havia ninguém à vista, então Allanon reuniu o grupo ao redor, de novo.

— Estamos bem abaixo do castelo — explicou em um sussurro praticamente inaudível, fazendo os demais se aproximarem. — Se conseguirmos alcançar a sala onde a Espada de Shannara está sem sermos vistos, poderemos escapar sem lutar.

— Há algo errado — Balinor falou. — Onde estão os guardas?

Allanon balançou de um lado para outro a cabeça, indicando que não podia responder, mas os outros viram a preocupação em seus olhos.

Tinha algo errado.

— A passagem que usaremos vai até os dutos do aquecimento principal e uma escada leva para o salão central. Não digam mais nada até chegarmos lá, mas mantenham os olhos abertos.

Sem esperar resposta, virou-se e moveu-se rapidamente por um dos túneis, e os outros seguiram depressa. A passagem subia, contorcendo-se tanto em uma curta distância que parecia que tinham passado pelo mesmo caminho. Balinor descartara a sua tocha e desembainhou a espada depois de alguns passos; o resto do grupo foi rápido em seguir seu exemplo. A luz bruxuleante das rochas, presas em ganchos de ferro na pedra da caverna, lançava suas sombras agachadas nas paredes, suas imagens refletidas movendo-se como criaturas furtivas procurando fugir da luz. Caminharam com atenção pelos velhos túneis — o Druida, os dois Príncipes, o jovem do vale, os irmãos elfos e o anão —, todos observando ansiosamente, capturados pelo entusiasmo proveniente do fim de uma longa caçada. Afastados uns dos outros, espalharam-se entre as paredes da passagem, as armas prontas, olhos e ouvidos alertas para qualquer sinal de perigo. Seguiam com firmeza, subindo cada vez mais para o núcleo da Fortaleza dos Druidas. O silêncio diminuía aos poucos, e ouviram um som abafado, como

o de uma respiração pesada, e o calor ficou mais intenso. Adiante, a passagem terminava e uma porta de pedra com uma maçaneta de ferro surgiu com suas bordas delineadas pela luz ofuscante que vinha do outro lado. O som misterioso aumentou e tornou-se identificável. Era o zumbido do maquinário alojado na rocha abaixo, bombeando em um ritmo constante. Apreensivos, os membros do grupo aproximaram-se da porta fechada sob o comando silencioso de Allanon.

Assim que o gigantesco Druida abriu a pesada barreira de pedra, os homens despreparados foram atingidos por uma onda de ar quente que irrompeu violentamente por seus pulmões e alojou-se em seus estômagos. Arquejantes, hesitaram por um momento, e moveram-se relutantes pela sala. A porta bateu atrás deles. Em um instante, souberam onde estavam. A sala realmente era pouco mais do que uma passarela circular sobre um poço imenso que se estendia por mais de trinta metros. Ao fundo, flamejava uma chama ardente, alimentada por uma fonte desconhecida, as chamas vermelho-alaranjadas pulando na direção do topo. O poço ocupava a maior parte da câmara, deixando apenas uma pequena passagem com alguns metros de largura, com um corrimão de ferro guarnecendo sua beirada interna. Do teto e das paredes, corriam vários dutos de aquecimento que carregavam o ar quente para outras partes da construção. Um sistema de bombeamento escondido controlava a quantidade de calor gerada pela fornalha aberta. Como era noite, o sistema estava desligado e o nível da temperatura na passarela ainda era tolerável, apesar do calor intenso do poço abaixo. Quando em funcionamento total, qualquer ser humano que passasse pela câmara seria queimado em segundos.

Menion, Flick e os irmãos elfos pararam no corrimão para olhar melhor o sistema. Hendel ficou para trás, desconfortável naquela estrutura apertada, se comparada às florestas que lhe eram familiares. Allanon foi para o lado de Balinor e conversou com ele por alguns instantes, olhando de relance para as várias portas fechadas que saíam da câmara e apontando para a escada em espiral que levava para os salões superiores do castelo. Por fim, os dois assentiram em concordância e sinalizaram para que os outros se aproximassem. Hendel ficou feliz em obedecer. Menion e os irmãos elfos se afastaram do corrimão para se juntarem a eles. Apenas Flick ficou do outro lado por mais um segundo, estranhamente atraído pela fogueira fascinante

abaixo. Aquele leve atraso produziu um resultado inesperado. Quando levantou os olhos para relancear o outro lado da câmara, viu a figura escura de um Portador da Caveira aparecer do nada.

Flick congelou na mesma hora. A criatura permaneceu agachada à sua frente, do outro lado do poço. Seu corpo era uma massa escura, mesmo sob a luz do fogo; as asas encolhidas balançavam levemente atrás de si. Suas pernas eram torcidas e os pés terminavam em garras de aspeto cruel que pareciam capazes de cortar pedra. Encolhida entre os ombros enormes, a cabeça e o rosto tinham uma vaga semelhança com carvão. Os olhos malignos se fixaram no jovem que ficara mudo, as profundezas o atraindo para o brilho avermelhado que queimava lá dentro em um convite para a morte. Com passos lentos e arrastados, a criatura começou a andar pela câmara. Sua respiração arranhava a cada passo trabalhoso, enquanto se aproximava de um Flick enfeitiçado. Ele queria gritar, fugir, fazer alguma coisa que não fosse ficar imóvel daquele jeito, mas os estranhos olhos o mantinham parado. Ele sabia que era seu fim.

Mas os outros perceberam sua forma imóvel, acompanharam seu olhar amedrontado até o outro lado da câmara e descobriram o Portador da Caveira arrastando-se sem fazer barulho pela borda do poço. Em um instante, Allanon pulou na frente de Flick, sacudindo-o para quebrar o feitiço dos terríveis olhos. Atordoadado, Flick tropeçou para trás, caindo nos braços de Menion, que apressara-se para ajudá-lo. Os outros estavam logo atrás do Druida, as armas a postos. A criatura parou a vários metros de Allanon, ainda agachada, escondendo a face horrenda do brilho do fogo com uma asa erguida e uma mão em garra. Sua respiração soava em arquejos lentos enquanto os olhos cruéis repousavam na figura alta que estava entre ele e o jovem.

— Druida, você é um tolo ao se opor a mim — a voz sibilou, vinda de algum lugar no rosto disforme da criatura. — Estão condenados. Vocês se condenaram no momento em que escolheram vir atrás da espada. O Mestre sabia que você viria, Druida! Ele *sabia!*

— Fuja enquanto pode, ser odioso! — Allanon ordenou, no tom mais ameaçador que qualquer um deles jamais o ouvira usar. — Você não assusta ninguém aqui. Iremos pegar a espada e você não vai ficar no caminho. Saia da frente, lacaio, e deixe que seu Mestre se mostre.

As palavras queimavam no ar, cortando o Portador da Caveira como lâminas. A criatura sibilou, furiosa, sua respiração difícil vindo rápida e arfante enquanto dava mais um passo, agachando-se, seus olhos terríveis de se olhar ardendo com mais ódio.

— Irei destruí-lo, Allanon. E não sobrará ninguém para se opor ao Mestre! Você foi nosso peão desde o começo, mas não tinha como saber. Agora, temos você ao nosso alcance, junto com seus valiosos aliados. E olhe o que trouxe para nós, o último herdeiro de Shannara.

Para o espanto de todos, a criatura apontou a garra para Flick. A criatura parecia não perceber que Flick não era herdeiro ou que haviam perdido Shea nos Dentes de Dragão. Por um momento, ninguém falou. O fogo rugia no poço, fazendo subir uma nuvem de ar quente que queimou os rostos desprotegidos dos mortais. As garras da criatura negra espiritual estendiam-se na direção deles.

— Agora, seus tolos — a voz cheia de ódio grunhiu. — Vocês terão a morte que sua espécie merece.

Capítulo XVI

Conforme as palavras finais da criatura negra sumiam no ar em chamas, tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. Com um movimento dramático de seu braço fino e uma ordem tão severa que os colocou em ação no mesmo instante, o Druida mandou os membros de seu pequeno grupo correrem para a escadaria que levava para o salão principal da Fortaleza dos Druidas. Enquanto os seis corriam loucamente até a escada em caracol atrás de Allanon, o Portador da Caveira o atacou. O impacto da colisão pôde ser ouvido inclusive pelos fugitivos, que já estavam subindo a escadaria. Todos, menos um. Flick hesitava, dividido entre o desejo de escapar, mas enfeitiçado pela luta titânica entre os dois seres poderosos em combate a centímetros das chamas que subiam da grande fornalha. Ele parou no pé da escada, ouvindo os passos de seus companheiros sumirem, conforme fugiam para o salão superior. Um momento depois, os passos desapareceram; fora deixado como única testemunha para a batalha entre o Druida e o Portador da Caveira.

As figuras vestidas de negro estavam imóveis na beira da fornalha, estátuas congeladas pelo esforço da batalha; seus rostos escuros a centímetros de distância dos braços finos do Druida, que seguravam firmemente os membros terminados em garras da criatura espiritual. O Portador da Caveira estava tentando deixar suas mãos afiadas perto o bastante do pescoço desprotegido do místico, para arrancar-lhe a vida e acabar rapidamente com a briga. As asas negras erguiam-se com o esforço, agitando-se em fúria para dar força ao ataque. O arquejo inconfundível de sua respiração cortava o ar quente com desespero enraivecido. Subitamente, a perna retorcida da criatura do norte se esticou, derrubando o Druida, que caiu de costas no chão de pedra na beira do poço. Como uma flecha, o atacante já estava sobre ele, uma garra descendo depressa para matá-lo. Mas a vítima era rápida demais; rolou com destreza para longe das garras fatais, ficando livre de seu aperto. Mesmo assim, Flick viu o golpe pegar em uma

parte de seu ombro e ouviu o som característico de tecido rasgando enquanto a primeira gota de sangue era derramada. Flick arquejou, preocupado, mas, um momento depois, o Druida já estava de pé, sem nenhuma ferida aparente. Dois raios idênticos de chamas azuis foram atirados dos dedos estendidos de suas mãos, acertando o Portador da Caveira, com uma força devastadora, jogando a criatura contra o corrimão. Contudo, embora os raios místicos tivessem machucado visivelmente a serpente na batalha do Salão dos Reis, não fizeram mais que retardar o avanço daquela criatura por alguns segundos. Rugindo de fúria, ela contra-atacou. Raios vermelhos e incandescentes saíram de seus olhos em chamas. Allanon ergueu seu manto e os raios foram refletidos, atingindo as paredes de pedra da câmara. Por um momento, a criatura hesitou e os dois oponentes se rodearam como duas feras na floresta, presos em uma disputa de vida ou morte, da qual só um sairia vivo.

Pela primeira vez, Flick percebeu que a temperatura estava aumentando. Com a aproximação da alvorada, os responsáveis pela fornalha se levantaram para cuidar das necessidades de aquecimento do castelo que acordava. Sem saberem da batalha que ocorria na passarela acima, ativaram o maquinário adormecido no fundo do poço, alimentando o fogo para aumentá-lo a uma intensidade que permitiria que o ar aquecido esquentasse todos os cômodos da Fortaleza dos Druidas. Como resultado, as chamas eram visíveis acima na borda do poço e a temperatura da câmara subia sem parar. Flick sentia o suor escorrendo por seu rosto, molhando a roupa de caça. Mesmo assim, não conseguia ir embora. Sentia que, se Allanon fosse derrotado, estariam condenados, e estava decidido a saber o resultado. A Espada de Shannara não significaria nada para eles se o homem que os trouxera até aquele campo de batalha fosse destruído. Com uma fascinação cativada obscurecendo seu rosto, Flick Ohmsford observou o que poderia muito bem ser o destino das raças e das terras sendo decidido por dois protagonistas aparentemente indestrutíveis representando os povos mortais e o Lorde Espiritual.

Allanon atacou novamente com seus raios azuis, atingindo o Portador da Caveira com golpes breves e mordazes, tentando forçá-lo a fazer um movimento impensado para que escorregasse e cometesse algum erro fatal. A criatura não era tola, mas um mal nascido de centenas de caçadas em que

fora sempre vitoriosa; suas vítimas há muito esquecidas pelo mundo dos mortais. Ela se esquivava e se contorcia com assustadora agilidade, sempre voltando para a mesma posição, agachada, tensa, observando e esperando pelo momento adequado para atacar. Em um movimento totalmente inesperado, abriu as asas negras, sobrevoou as chamas da fornalha e desceu novamente, com imensa velocidade, mergulhando contra a figura alta de Allanon. As mãos em garra golpearam para baixo e por um instante Flick pensou que tudo estava perdido. Por milagre, o Druida no chão escapou das mãos mortais, empurrando o Portador da Caveira com força. A criatura, sem defesa, voou pelo ar e bateu ruidosamente na parede de pedra do outro lado. Levantou-se depressa, mas a força do golpe a abalara, deixando-a lenta, e antes que pudesse escapar, o Druida já estava sobre ela.

As duas figuras sombrias se debatiam contra a parede como se estivessem inextricavelmente unidas — seus membros trançados um no outro como galhos retorcidos. Quando se levantaram, Flick pôde ver que Allanon estava por trás do Portador da Caveira, agarrando a cabeça da criatura fortemente com seus braços poderosos, esmagando-a aos poucos até a morte com seus músculos. As asas da vítima batiam-se sem parar, os braços procurando inutilmente por algo que ajudasse a sair do aperto que a destruía. Os olhos vermelhos como fogo queimavam com a fúria da fornalha, lançando raios de fogo que atingiam as paredes de pedra, deixando buracos enegrecidos. Os combatentes afastaram-se da parede e foram cambaleando em direção ao poço ardente no centro da câmara aquecida até estarem encostados no corrimão baixo. Por um momento, o jovem do vale chegou a pensar que os dois iriam perder o equilíbrio e cair nas chamas abaixo. Porém, Allanon endireitou-se de repente, com muito esforço, arrastando seu prisioneiro da beira do corrimão por alguns poucos centímetros. Aquele movimento súbito despertou o espírito preso, cujos olhos cheios de ódio encontraram o jovem parcialmente escondido. Agarrando qualquer oportunidade de distrair o Druida para conseguir uma chance de escapar dos braços que o esmagavam, o Portador da Caveira atacou o despreparado Flick. Raios de fogo saíram de seus olhos, quebrando os blocos de pedra da escada em fragmentos mortais que voaram em todas as direções como pequenas lâminas. Flick agiu por instinto, mergulhando para a passarela, cortando as mãos e o rosto com a pedra, mas salvando sua vida devido à sua rapidez. Enquanto saltava, toda a

entrada tremeu e caiu em uma cascata de blocos de pedra quebrados, que fecharam totalmente a passagem para cima, agitando a poeira em grandes nuvens acima dos destroços.

No mesmo instante, enquanto Flick estava caído no chão de pedra da câmara, assustado e abalado, porém consciente, as chamas do poço ruidoso altas o bastante para alcançarem as nuvens de poeira da passagem bloqueada. O aperto de Allanon afrouxou o suficiente para permitir que a esperta criatura se libertasse. Rodopiando com um grito de ódio, ela atacou o Druida distraído com um golpe esmagador na cabeça, fazendo-o cair de joelhos. A criatura das Terras do Norte moveu-se para matá-lo, mas o místico atordoado já estava em pé de novo, com os raios azuis em suas mãos brilhando ferozmente ao acertarem a cabeça desprotegida do atacante. Dos punhos poderosos choveram golpes sonoros dos dois lados da cabeça negra da criatura, fazendo a figura massacrada se virar novamente enquanto seus braços grandes se prendiam com força esmagadora no peito dela, pregando as asas e as mãos em garra contra o corpo que se retorcia. Segurando assim a criatura, o Druida rangeu os dentes com fúria e apertou Flick, ainda caído no chão enquanto os dois combatentes erguiam-se acima dele. Ouviu um som horrível de algo sendo esmagado, quando alguma coisa se partiu dentro do corpo do Portador da Caveira. Então, com dificuldade, as duas figuras estavam novamente perto do corrimão de ferro, suas expressões realçadas pelas chamas. O rugido do poço equiparara seu poder e fúria ao grito de agonia da vítima prostrada, quando o corpo negro tremeu mais uma vez. Da força do ódio dentro de si, o Portador da Caveira reuniu um último e desesperado vestígio de poder, jogando-se pelo corrimão, agarrando seu atacante com as mãos enquanto caía. Arrastando o odiado inimigo, as duas figuras se perderam no brilho das chamas famintas.

Flick levantou-se atônito, o choque espalhando-se em seu rosto abatido. Deu alguns passos vacilantes na direção do poço, mas o calor era tanto que teve de recuar. Tentou mais uma vez, de novo sem sucesso. O suor escorria de sua testa até os olhos e a boca, misturando-se lentamente com as lágrimas de sua raiva impotente. As chamas do poço ardiam acima do corrimão baixo, lambendo as pedras e crepitando com nova vida como se reconhecendo a adição das duas criaturas vestidas de negro ao combustível que consumia. Através da névoa que bloqueava os olhos ardentes, Flick

olhou fixamente na direção do poço. Não havia nada além do brilho vermelho das chamas e do calor insuportável. Desesperado, gritou o nome do Druida várias vezes em vão, cada grito ecoando nas paredes de pedra e morrendo no calor do fogo. O jovem do Vale Sombrio descobriu-se sozinho com o rugido das chamas e soube que o Druida se fora.

Entrou em pânico. Em uma corrida louca, rastejou para longe do poço. Alcançou os destroços da escada antes de lembrar que havia sido bloqueada e se deixou cair no meio das pedras quebradas. Sacudindo a cabeça para clarear sua mente confusa, sentiu a intensidade do calor. Soube instintivamente que, se não saísse da câmara em minutos, o calor o cozinhará vivo. Levantou-se e correu para a porta de pedra mais próxima, puxando e empurrando em desespero. Mas a porta não se moveu, e, por fim, Flick parou, com as mãos ensanguentadas pelo esforço. Passou os olhos pela parede e encontrou uma segunda porta. Foi tropeçando até ela, porém, ela também estava trancada pelo outro lado. Sentiu suas esperanças diminuírem até não serem mais nada, com a certeza de que estava preso. Desajeitadamente, forçou-se na direção de uma terceira. Foi com o pouco que sobrou de sua energia, enquanto puxava e empurrava freneticamente a barricada teimosa, que tocou algo escondido na pedra e disparou o mecanismo que a fazia se abrir. Com um grito de alívio, o jovem abatido caiu pela passagem para o corredor do outro lado, fechando a porta com um chute enquanto ficava deitado na penumbra, trancando-se fora do calor e da morte que ficaram para trás.

Por longos minutos, ficou deitado na escuridão do corredor, exausto. Seu corpo absorvia o frio do chão de pedra e do ar. Ele não tentou pensar, não quis lembrar, apenas desejava se perder na paz e no silêncio do túnel na rocha. Por fim, forçou-se a se ajoelhar, e levantou-se em um último esforço, apoiando-se atordoado contra a pedra gélida da parede enquanto esperava sua força retornar. Percebeu que sua roupa estava rasgada e queimada, quase irreconhecível, as mãos e o rosto chamuscados e escurecidos pelo calor. Olhou ao redor devagar, seu corpo sólido endireitando-se enquanto se afastava da parede. A luz fraca da tocha na parede adiante indicava a direção em que o corredor tortuoso seguia, e andou aos tropeções até conseguir pegar o pedaço incandescente de madeira do seu suporte. Caminhou lentamente, o braço com a tocha estendido para iluminar o caminho. De

algum lugar à sua frente, ouviu gritos e instintivamente sua mão livre foi para o punho de sua faca de caça, desembainhando-a. Depois de vários minutos, o barulho pareceu se distanciar e, então, sumiu de vez, sem que o jovem tivesse visto qualquer coisa. O corredor se enfiava pela rocha de forma curiosa, fazendo Flick passar por várias portas, todas fechadas e trancadas, mas nunca subindo nem se dividindo em outros caminhos. De vez em quando, a escuridão era quebrada pela luz difusa de uma tocha seguramente presa à parede, a luz amarela lançando sua sombra na parede oposta como uma aparição deformada fugindo para a escuridão.

Abruptamente, a passagem se alargou e a luz adiante ficou mais forte. Flick hesitou por um momento, agarrando sua arma com força, o rosto manchado com linhas de fumaça e suor, mas determinado sob a luz bruxuleante. Não havia som nenhum enquanto avançava. Sabia que em algum lugar tinha de haver uma escada subindo para o salão principal da Fortaleza. Até então, fora uma busca longa e inútil, e ele estava ficando exausto. Tarde demais, desejou não ter ficado para trás; queria não ter se separado do grupo. Pensou desanimado que não sabia o que acontecera aos outros e que, vagando naquele labirinto, podia jamais encontrá-los. Prosseguiu um pouco mais depois de uma curva na pedra, os músculos tensos, vasculhando cuidadosamente. Para sua surpresa, estava na entrada de uma câmara redonda de onde saíam várias passagens. Uma dúzia de tochas, ou mais, queimavam alegremente na parede circular. Ele deu um suspiro de alívio quando viu que a câmara estava deserta. Mas logo percebeu que a situação não era melhor do que antes. As passagens pareciam iguais as que tinha percorrido. Não havia portas levando a outras salas, ou escadas levando para o nível superior, e nenhuma indicação de que direção seguir. Olhou ao redor, confuso, tentando desesperadamente diferenciar uma passagem da outra. Sua esperança diminuía a cada segundo e a cada sondagem. Por fim, sacudiu a cabeça. Indo até uma das paredes, sentou-se, exausto, fechando os olhos enquanto se forçava a aceitar a realidade amarga de que estava completamente perdido.

Por ordem de Allanon, o resto do grupo correrá até a escadaria. Durin e Dayel estavam mais próximos da passagem e, sendo os mais rápidos, já

estavam na metade dos degraus antes que os outros tivessem começado a subida. Seus ágeis membros élficos permitiram que subissem o lance de escadas em saltos curtos e rápidos, mal tocando a pedra enquanto corriam. Hendel, Menion e Balinor vinham apressados atrás; o progresso atrapalhado pelas armas pesadas e pelo próprio peso — e em parte por si mesmos, enquanto tentavam não esbarrar uns nos outros na escadaria estreita e tortuosa. Era uma corrida selvagem e desorganizada até o nível superior. Disputavam espaço para alcançar o objetivo daquela longa jornada e escapar da medonha criatura. Na pressa para conseguir, a ausência do infeliz Flick não foi sequer sentida.

Durin foi o primeiro a atravessar a entrada da Fortaleza dos Druidas, praticamente caindo no grande salão ao sair da escada. A forma menor de seu irmão estava logo atrás. O cômodo era impressionantemente luxuoso, um corredor imenso e de pé-direito alto, cujas paredes imensas eram de madeira, polida até brilhar com magnificência sob a luz amarela das tochas que queimavam e sob os tons avermelhados da alvorada que se infiltrava pelas janelas altas e inclinadas. Os painéis estavam decorados com pinturas, prateleiras repletas de figuras esculpidas em pedra e madeira e longas tapeçarias tecidas a mão que desciam até o piso de mármore polido que cobria todo o chão do corredor. Espaçadamente, havia grandes estátuas de ferro e pedra, esculturas de outra era preservadas pelos séculos no abrigo daquele refúgio. Pareciam estar guardando as pesadas portas de madeira que eram belamente decoradas com trancas cor de cobre seguras por presilhas de ferro. Algumas estavam abertas e nas salas do outro lado podiam ver a mesma decoração esplendorosa, brilhando radiante enquanto as janelas de vidro abertas deixavam o sol entrar em longos raios, frescos com o novo dia.

Os irmãos elfos tiveram pouco tempo para admirar a beleza atemporal de Paranor. Um instante depois de terem deixado a escadaria, foram cercados por guardas gnomos que pareciam vir de todos os lugares ao mesmo tempo, os corpos amarelos e distorcidos deslizando de esconderijos atrás de portas, estátuas e até mesmo das paredes. Durin desembainhou a longa faca de caça e estava pronto para o ataque um momento antes de o alcançarem. Dayel foi resgatar o irmão. Usando o arco longo como arma, golpeou os inimigos até que a madeira se quebrou. Por um momento, pareceu que seriam despedaçados antes que seus companheiros mais fortes pudessem ajudá-los,

mas Durin se libertou e pegou uma longa lança, de aparência maldosa, de um guerreiro de aço de outra era e espalhou os gnomos com golpes amplos, afastando-os do irmão. No entanto, logo eles receberam reforços e rapidamente se reagruparam para um segundo assalto. Os irmãos haviam recuado até a parede, ofegando com o esforço, cobertos de cortes e do sangue dos atacantes. Os gnomos se reuniram em um grupo amarelo, as espadas à frente. Pretendiam passar pela lança de Durin e partir os dois elfos em pedaços. Com um grito agudo e selvagem, avançaram para matar.

Infelizmente, para os gnomos, haviam se esquecido de vigiar a escada e não pensaram na possibilidade dos elfos não estarem sozinhos. No momento em que avançaram para Durin e Dayel, os três outros membros do grupo atravessaram a porta e caíram em cima dos desprevenidos atacantes. Os gnomos nunca haviam encontrado homens como aqueles. No centro, estava o imenso homem das fronteiras de Callahorn, sua espada brilhando ao cortar um caminho pelas espadas menores com tanta ferocidade que os gnomos tropeçavam uns nos outros tentando escapar. De um lado, encontraram a maça do poderoso anão, enquanto no outro encararam a lâmina ágil do veloz montanhês. Por um momento, ficaram ali e lutaram como loucos contra os cinco, mas depois vacilaram enquanto o ataque continuava avançando para finalmente desistirem e fugirem, toda a ideia de vencer deixada de lado. Sem uma palavra, os cinco guerreiros apressaram-se pelo magnífico corredor, pulando sobre os mortos e feridos, fazendo suas botas de caça tilintarem no mármore polido. Os poucos gnomos que ainda os enfrentaram logo caíram com o ataque em montes silenciosos e imóveis. Depois de tudo que haviam sofrido e perdido, os cinco remanescentes do pequeno grupo não se negariam a vitória que procuravam tão desesperadamente.

Perto do final do velho corredor, agora coberto de gnomos mortos e feridos, as tapeçarias e as pinturas rasgadas e espalhadas por causa da batalha, um último grupo desesperado de guardas reuniu-se em formação cerrada na frente de um par de portas altas de madeira que permaneciam fechadas e trancadas. Suas espadas curtas ergueram-se à frente como uma barreira de espinhos. Os determinados gnomos estavam preparados para um último esforço. Os atacantes correram o curto espaço até a barreira mortal, tentando quebrá-la no centro, usando as espadas longas de Balinor e

Menion, porém os guardas experientes repeliram o ataque depois de vários minutos de uma árdua luta. Os cinco recuaram, exaustos, arfando e suando com o esforço, seus corpos cortados e batidos. Durin caiu, apoiando-se em um joelho, um braço e uma perna muito feridos pelas espadas dos gnomos. Menion recebeu um corte na lateral da cabeça com a ponta de uma lança. O sangue escorreu da ferida em uma corrente de um vermelho vivo. O montanhês parecia não notar a ferida. Os cinco voltaram a atacar e novamente, depois de longos minutos de combate, foram repelidos. O número de gnomos caíra pela metade, mas o tempo estava acabando. Não havia sinal de Allanon e os gnomos com certeza tinham reforços a caminho para proteger a Espada de Shannara, se ela estivesse mesmo dentro da câmara que procuravam proteger tão desesperadamente.

Então, em uma impressionante demonstração de força pura, o imenso Balinor correu até o outro lado do salão e com um único empurrão, virou um imenso pilar de pedra, que tinha no topo uma urna de metal. O pilar e a urna bateram no chão com um estardalhaço que abalou todos até os ossos, os ecos reverberando pelo salão ensanguentado. A pedra devia ter se estilhaçado, mas o pilar permaneceu inteiro. Com a ajuda de Hendel, o gigante começou a rolar o aríete improvisado até o grupo de gnomos e as portas fechadas. O rolo gigantesco ganhou força e velocidade a cada rotação, enquanto rugia na direção dos guardas indefesos. Por um momento, as criaturas amarelas hesitaram, suas espadas curtas preparadas à espera da aproximação do pilar de pedra. Então, quebraram a formação e correram para se salvar, sua coragem esvaída, a batalha perdida. Mesmo assim, muitos não foram rápidos o bastante para escapar do aríete e foram pegos enquanto ele se chocava contra as portas em meio a uma chuva de pedra e lascas. As portas tremeram e se amassaram com o choque, a madeira se partindo e as dobradiças estalando como um chicote, porém de algum jeito aguentaram o impacto. Entretanto, um momento depois, as dobradiças voaram com um estrondo quando o peso do Príncipe de Callahorn se chocou contra elas e os cinco homens correram para o cômodo para reclamar a Espada de Shannara.

Para surpresa de todos, a sala estava quase vazia. Havia janelas altas e cortinas longas, pinturas magistras alinhadas nas paredes e até várias pequenas peças de mobília decorada, colocadas cuidadosamente no vasto

apostento. Porém, nada da cobiçada lâmina. Chocados e incrédulos, os cinco vasculharam com cuidado toda a sala. Durin caiu pesadamente de joelhos, fraco por causa da perda de sangue, já quase desmaiando. Dayel foi ajudá-lo, rasgando tiras de roupa para fazer bandagens para os ferimentos abertos, levando o irmão até uma das cadeiras, onde caiu inconsciente de exaustão. Menion olhava para todas as paredes, procurando outra saída. Balinor, que estava andando de um lado para outro examinando cuidadosamente o chão de mármore, exclamou algo. Um pedaço do chão, bem no meio da sala, estava marcado e descolorido pela tentativa inútil de esconder o fato de que algo largo e quadrado estivera ali por muito anos.

— O bloco de pedra-tre! — Menion afirmou.

— Mas foi removido e provavelmente faz pouco tempo — Balinor especulou. Sua respiração estava pesada e sua voz cansada enquanto tentava pensar. — Então, por que os gnomos tentaram nos impedir de entrar...?

— Talvez eles não saibam que foi removido — Menion sugeriu, desesperado.

— Talvez seja uma isca...? — Hendel arriscou. — Mas por que perder tempo com um disfarce? A não ser que...

— ... eles quisessem nos manter ocupados aqui, porque a espada ainda estava no castelo e ainda não a tinham levado embora — Balinor completou, eufórico. — Não tiveram tempo de retirá-la, então tentaram nos enganar. Mas onde está a espada agora? Quem está com ela?

Por um momento, os três ficaram perdidos. Será que o Lorde Feiticeiro sabia o tempo todo que estavam a caminho, como o Portador da Caveira na fornalha pareceu indicar? Se o ataque pegara os gnomos de surpresa, o que teria acontecido com a espada depois que Allanon a viu pela última vez naquela câmara?

— Esperem! — Durin exclamou fracamente do outro lado da sala, levantando-se lentamente. — Quando eu cheguei ao salão, havia algo acontecendo na outra escadaria, do outro lado do salão, havia gente subindo as escadas.

— A torre! — Hendel gritou, correndo para a porta. — Eles trancaram a espada na torre!

Balinor e Menion correram atrás do anão que sumia de vista, o cansaço já esquecido. A Espada de Shannara ainda estava ao alcance. Durin e Dayel

seguiam a um passo mais lento, o primeiro ainda fraco, apoiando-se pesadamente no irmão, mas com os olhos brilhando de esperança. Um momento depois, a câmara já estava vazia.

Depois de um breve descanso, Flick levantou-se desanimado e decidiu que só lhe restava escolher uma das passagens e segui-la até o fim, esperando que o levasse até uma escada que subisse até a fortificação. Pensou rapidamente nos outros, em algum lugar dos corredores acima, talvez com a espada. Não deveriam saber da queda de Allanon ou do destino que teve, perdido naqueles túneis impossíveis. Esperava que procurassem por ele, mas percebeu na mesma hora que, se conseguissem a espada, não teriam como perder tempo procurando. Deveriam escapar antes que o Lorde Feiticeiro pudesse mandar os Portadores da Caveira atrás da cobiçada arma. Perguntou-se sobre o que teria acontecido com Shea, se fora encontrado com vida, se fora resgatado. Sabia que Shea jamais deixaria Paranor enquanto Flick estivesse vivo, mas não havia como seu irmão saber que ele não morrera na câmara da fornalha. Precisava admitir que sua situação era bem desesperadora.

Naquele momento, ouviu um barulho alto em um dos túneis, o som de botas batendo no chão de pedra, de homens correndo na direção da câmara redonda. Em um piscar de olhos, o jovem atravessou a sala e apressou-se em se esconder em outro túnel, agachando-se contra a rocha e suas sombras protetoras. Parou no limite da iluminação da câmara e empunhou a faca. Pouco depois, um enxame de gnomos passou correndo pela sala e desapareceu por outra passagem, sem parar. Os sons de sua fuga logo se perderam nas curvas da rocha. Flick não fazia ideia se eles estavam correndo de ou para algum lugar, mas o que quer que fosse, era onde ele queria estar. Havia uma grande chance de terem vindo das câmaras superiores da Fortaleza e era ali que queria chegar. Moveu-se cautelosamente de volta para a câmara iluminada e atravessou o túnel pelo qual os gnomos tinham aparecido. Traçando a rota de fuga deles, entrou no corredor já deserto e desapareceu na escuridão além. Sua faca ia à frente, enquanto tateava o caminho pelas paredes mal iluminadas até alcançar a primeira tocha. Liberando a madeira incandescente de seu apoio, continuou cada vez mais

fundo na passagem, seus olhos ansiosos examinando as paredes ásperas por sinais de uma porta ou de uma escada. Avançara apenas uns cem metros quando, sem aviso, um pedaço da rocha se abriu e um único gnomo surgiu.

Era possível discutir sobre qual dos dois ficou mais surpreso com a aparição do outro. O guarda gnomo era um retardatário do grupo que passara fugindo da batalha nos salões acima e a visão de outro invasor ali nos túneis o espantou. Apesar de menor, o gnomo era forte e estava armado com uma espada curta. Atacou imediatamente. Flick desviou-se por instinto quando a lâmina se aproximou em um arco largo. O jovem do vale pulou sobre o gnomo antes que este pudesse se recuperar e jogou-o no chão de pedra, tentando inutilmente arrancar a espada de seu oponente, a própria faca já perdida na disputa. Flick não era treinado em combate corpo a corpo, mas o gnomo era e isso dava ao homenzinho amarelo uma nítida vantagem. O gnomo já havia matado antes e o fazia de novo sem pensar duas vezes, enquanto Flick só queria desarmá-lo e fugir. Rolaram e lutaram no chão por vários minutos até que o gnomo se libertou e golpeou maldosamente seu adversário, errando por muito pouco a cabeça exposta. Flick jogou-se para trás, procurando desesperadamente sua faca. O pequeno guarda atacou no momento em que seus dedos se fecharam na madeira pesada da tocha que havia deixado cair no primeiro impacto. A espada curta desceu, resvalando no ombro de Flick e cortando dolorosamente a carne desprotegida de seu braço. Na mesma hora, o atordoado jovem do vale levantou a tocha em um movimento amplo e sentiu-a atingir a cabeça erguida do gnomo com um impacto estrondoso. O guarda caiu para a frente com o golpe e não se levantou mais. Flick se ergueu devagar e recuperou sua faca depois de uma breve procura. Seu braço latejava dolorosamente e o sangue ensopara sua túnica, descendo pelo seu braço até sua mão, onde podia vê-lo com clareza. Com medo de sangrar até morrer, rasgou depressa tiras da roupa do gnomo caído e as amarrou em cima do ferimento até o sangramento parar. Pegando a espada do outro, foi até a entrada parcialmente aberta na pedra para ver aonde levava.

Para seu alívio, encontrou uma escadaria tortuosa do outro lado da porta, que subia em espiral. Deslizou pela passagem, fechando a placa de pedra atrás de si depois de vários puxões com o braço bom. As escadas estavam fracamente iluminadas pela luz familiar das tochas e ele começou a subir

com passos lentos e cuidadosos. Tudo estava quieto na passagem enquanto se movia. As longas tochas em seus suportes de metal proporcionavam bastante luz para que soubesse onde pisar na pedra áspera. Alcançou uma porta fechada no fim da escada e parou para escutar, colocando a orelha próxima às dobradiças de ferro. Havia apenas silêncio do outro lado. Com cuidado, empurrou um pouco a porta e observou os antigos salões de Paranor. Atingira seu objetivo. Abriu a porta um pouco mais e saiu, prestando muita atenção ao corredor silencioso.

Foi quando o aperto metálico de uma mão fina e escura baixou sobre seu braço estendido com a arma e o puxou.

Hendel hesitou no pé da escada que levava para a torre da Fortaleza dos Druidas, perscrutando a escuridão acima. Os demais estavam logo atrás em silêncio, seguindo seu olhar. A escada era pouco mais do que um conjunto de degraus de pedra, estreitos e de aparência traiçoeira, que subiam em espiral pelas paredes do torreão circular. Toda a torre estava envolta naquela escuridão, sem tochas ou aberturas na pedra escura. De onde observava, os membros do grupo pouco podiam ver para além das primeiras curvas da escada. Ela também seguia para baixo, rumo a um poço negro. Menion foi até a beira da plataforma onde estavam e olhou para baixo, preocupado com a ausência de qualquer corrimão ali ou nas escadas. Jogou uma pequena pedra no abismo e esperou que batesse no chão. Não ouviu nenhum som. Olhou de novo para as escadas e para a escuridão acima e voltou-se para os companheiros.

— Parece um convite para uma armadilha — declarou.

— Bem provável — Balinor concordou, aproximando-se para olhar melhor. — Mas temos de chegar lá em cima.

Menion assentiu e deu de ombros casualmente, indo até a escada. Os demais o seguiram sem uma palavra, Hendel logo atrás do montanhês, Balinor em seguida e os dois elfos na retaguarda. Moveram-se com cuidado pelos degraus estreitos, alertas a qualquer sinal de armadilha, os ombros encostados na parede, longe da perigosa beirada da escadaria.

Subiram dando voltas na escuridão mofada. Menion estudava cada passo com seus olhos aguçados examinando as emendas da parede à procura de

dispositivos escondidos. De vez em quando, jogava pedras nos degraus à frente para verificar se havia armadilhas que seriam disparadas por peso nos degraus. Mas nada aconteceu. O abismo abaixo era um buraco negro silencioso cortado na escuridão do ar pesado da torre. Nenhum som perturbava sua serenidade sombria além do raspar suave das botas que subiam pelos degraus gastos. Finalmente, uma luz fraca de tochas interrompeu a escuridão muito acima deles, o fogo bruxuleando com o sopro do vento vindo de algum lugar do topo do torreão. Uma pequena plataforma surgiu adiante no topo da escadaria e, além dela, a forma de uma imensa porta de pedra, fechada com ferro. O topo da Fortaleza dos Druidas.

Menion ativou a primeira armadilha. Uma série de longos espinhos cheios de farpas saltou da parede de pedra, disparados pela pressão de seu pé na escada. Se Menion ainda estivesse no degrau, teriam cortado suas pernas desprotegidas, aleijando-o e o empurrando pela beira da escada em direção ao abismo. Mas Hendel ouviu o clique da mola se soltando um instante antes da armadilha agir. Com um movimento rápido, puxou o estupefato montanhês de volta para junto dos outros, quase derrubando a todos dos degraus estreitos. Eles cambalearam na escuridão, a centímetros dos espinhos afiados. Recuperando o equilíbrio, os cinco ficaram encolhidos contra a parede por vários minutos, a respiração audível na escuridão. O taciturno anão esmagou os espinhos com vários golpes de sua maça, abrindo caminho mais uma vez. Passou a liderar o grupo alerta, enquanto o abalado Menion ia atrás de Balinor. Pouco depois, Hendel encontrou uma armadilha do mesmo tipo, disparou-a e quebrou os espinhos, continuando a avançar.

Estavam quase na plataforma, e parecia que chegariam lá sem mais obstáculos, quando Dayel deu um grito. Seus aguçados sentidos élficos captaram algo que os outros deixaram passar, um pequeno clique que significava que outra armadilha fora ativada. Ficaram congelados no lugar por alguns instantes, com os olhos alertas examinando as paredes e os degraus. Mas não encontraram nada e, por fim, Hendel arriscou um único passo para cima. Surpreendentemente, nada aconteceu e o cauteloso anão prosseguiu até o topo das escadas, enquanto os demais permaneciam parados. Assim que alcançou a plataforma a salvo, os outros se apressaram a segui-lo até os cinco estarem no topo, olhando ansiosamente para baixo, para a escada sinuosa no abismo. Não imaginavam como haviam

conseguido escapar da terceira armadilha. Balinor achava que ela falhara por causa dos anos sem manutenção, porém Hendel não se convencia tão facilmente. Não podia deixar de sentir que de alguma forma deixaram passar algo óbvio.

A torre estava suspensa como uma sombra imensa sobre a escadaria. Sua pedra escura estava gelada e molhada ao toque, uma massa de blocos gigantescos reunidos eras antes. Havia resistido teimosamente à devastação do tempo com a resistência da própria terra. A imensa porta parecia ser impossível de ser movida, sua superfície marcada, suas amarras de ferro tão resistentes quanto no dia em que foram colocadas na pedra. Grandes pregos de ferro, presos à pedra, seguravam as dobradiças e a trava. Para os cinco homens à frente da porta, parecia que só um terremoto faria aquele monstruoso pedaço de pedra se mover um centímetro. Balinor aproximou-se da formidável barreira com cuidado e passou as mãos pelas emendas e pela trava, tentando encontrar algum dispositivo escondido que a fizesse se abrir. Cautelosamente, virou a maçaneta de ferro e empurrou a porta. Para o espanto de todos, a placa de pedra deslizou, abrindo-se parcialmente com um tremor e o ranger de metal enferrujado. Um momento depois, o mistério da torre se revelava quando a porta se abriu toda, batendo ruidosamente nas paredes internas.

No meio da câmara redonda, presa na superfície negra e polida do gigantesco bloco de pedra-tre, estava a lâmina apontada para baixo, parecendo uma cruz brilhante de prata e ouro. Enfim, observaram a lendária Espada de Shannara. Sua longa lâmina brilhava com força à luz do sol que entrava pelas janelas altas e gradeadas da torre, refletindo-se no espelho da pedra que a cercava. Nenhum dos cinco jamais vira a fabulosa espada, mas tiveram certeza na mesma hora de que era ela. Por um momento, ficaram na porta olhando, admirados, incapazes de acreditar que, finalmente, depois de todos os esforços, caminhadas sem fim, dias e noites miseráveis se escondendo, ali, na frente deles, estava o antigo talismã pelo qual tanto haviam arriscado. A Espada de Shannara era deles! Tinham sido mais espertos do que o Lorde Feiticeiro.

Lentamente, entraram em fila na câmara de pedra, sorrisos nos rostos, o cansaço sumindo, os ferimentos esquecidos. Ficaram parados por um longo tempo, apenas encarando-a em silêncio, gratos. Não conseguiam dar o

último passo e tirar a espada da pedra. Parecia sagrada demais para mãos mortais. Mas Allanon não estava ali, haviam perdido Shea também, e onde...

— Onde está Flick? — Dayel deu voz à pergunta.

Pela primeira vez, perceberam que ele não estava ali. Examinaram a câmara, entreolhando-se, à procura de uma explicação. Menion, que se voltara preocupado para a espada brilhante, assistiu ao impossível acontecer. O grande bloco de pedra-tre e seu precioso conteúdo começaram a se dissolver diante de seus olhos surpresos. Demorou apenas segundos para tudo sumir, desvanecendo-se em fumaça, depois em um vapor denso, sumindo no ar, até os cinco homens estarem em uma sala deserta encarando o vazio.

— Uma armadilha! A terceira armadilha! — Menion rugiu, recuperando-se do choque inicial.

Atrás deles, já podiam ouvir a imensa placa de pedra se fechando na prisão inescapável, rangendo enquanto as dobradiças enferrujadas cediam com o peso monstruoso da pedra. O montanhês jogou-se pela sala, batendo na porta no momento em que ela se fechava, ouvindo o estalo agudo de suas travas trancando-se. Caiu no chão gasto, o coração batendo violentamente de raiva e frustração. Os outros não haviam se movido. Permaneciam parados em um desespero silencioso, vendo a figura esbelta na porta afundar o rosto nas mãos. O som vago, mas inconfundível de uma gargalhada abafada, ecoou nas paredes geladas, debochando de sua tolice e de sua derrota, amarga e inevitável.

Capítulo XVII

O frio sem vida do céu das Terras do Norte estava suspenso em finas tiras de nevoeiro cinzento contra as bordas monótonas que formavam a montanha solitária de escuridão conflituosa que era o castelo do Lorde Feiticeiro. Acima e abaixo da planície ao redor, no Reino da Caveira, erguendo-se como dentes de uma serra enferrujada, estavam os picos arredondados das Montanhas da Navalha e da Lâmina da Faca, uma barreira impenetrável para os mortais. Entre elas, erguia-se a montanha agonizante do Lorde dos Espíritos, esquecida pela natureza, desprezada pelas estações enquanto lentamente se desfazia. A mortalha que reclamava seus cumes altos, agarrando certa e sem misericórdia suas faces rachadas, lançava uma aura maligna por toda a terra, com seu ódio inconfundível pelos poucos vestígios de vida e beleza que haviam conseguido de alguma forma sobreviver. Uma era condenada aguardava calmamente no reino do Lorde Feiticeiro. Era a hora da morte, na qual os últimos sinais de vida aos poucos desapareciam, voltando ao solo, enquanto somente a casca da presença da natureza, outrora brilhante e magnífica, permanecia.

Dentro da caveira da montanha solitária corriam centenas de cavernas de paredes rochosas que jamais eram tocadas pelo sol no imutável cinza do céu. Retorciam-se na pedra como as voltas impiedosas de uma cobra encurralada, contorcendo-se violentamente através do núcleo de pedra. Tudo era silêncio e morte na névoa cinza do reino espiritual, um ar sombrio e penetrante que marcava a extinção completa da esperança, o enterro de toda a alegria e leveza. Porém, até ali havia movimento, mas não era como a vida conhecida pelos mortais. Sua origem era a única câmara escura no alto da montanha, uma sala monstruosa cuja face norte se abria para a luz fraca do céu triste e para a fila interminável de montanhas ameaçadoras que formavam a entrada norte do reino. Naquela sala cavernosa de paredes úmidas devido ao frio cortante que passava pela pedra, corriam os apressados e sombrios servidores do Lorde Feiticeiro. Suas formas negras e

pequenas rastejavam pelo chão do aposento silencioso, suas estruturas moles curvadas e esmagadas sob o terrível poder que seu Mestre exercia. Mesmo caminhar já era uma redenção para aquela espécie. Eram aparições sem mente própria, mantidas apenas para servir aquele que as escravizava. Resmungavam enquanto corriam, dando pequenos gritos e choramingos de agonia imperdoável. No centro da sala, erguia-se um pedestal largo com uma bacia de água em cima, a turva superfície tranquila e mortal. De tempos em tempos, uma das criaturas rastejantes corria até a beirada da bacia e examinava com cuidado a água fria, dardejando com seus olhos ao redor, esperando e observando com expectativa. Um minuto depois, com um pequeno gemido, saía correndo para se misturar de novo às sombras da caverna. *Onde está o Mestre, onde está o Mestre?* O choro soava como sussurros em meio ao cinza, enquanto os pequenos seres moviam-se desconfortáveis. *Ele virá, ele virá, ele virá*, a resposta ecoava de volta, cheia de ódio.

O ar agitou-se violentamente, como se liberto do espaço que o continha; a névoa parecia condensar-se em uma imensa sombra negra que aos poucos se espremia, materializando-se na beira da bacia. A névoa se juntou e rodopiou dando forma ao Lorde dos Espíritos, uma imensa figura envolta em negro que parecia suspensa no ar. As mangas se levantaram, mas não havia braços dentro, e as dobras da longa túnica não cobriam nada além do chão.

— O Mestre! O Mestre! — a voz das aterrorizadas criaturas cantou em uníssono e suas formas curvadas rastejaram obedientemente na frente dele.

O capuz sem rosto virou-se para eles, olhando para baixo, e naquela escuridão puderam ver as minúsculas fagulhas que queimavam com um ódio satisfeito, brilhando em uma densa névoa verde que ocupava todo o interior do capuz. O Lorde Feiticeiro deu-lhes às costas e os esqueceu enquanto fixava seu olhar nas águas da estranha bacia, esperando que a imagem mental aparecesse. Segundos depois, a escuridão sumiu, dando lugar à sala da fornalha em Paranor, onde o grupo de Allanon novamente encarava o temível Portador da Caveira. Seus olhos incandescentes primeiro observaram o jovem do vale, depois assistiram à batalha entre as duas figuras sombrias até elas caírem pela beira do poço e se perderem nas chamas. Naquele momento, um barulho repentino atrás dele o fez parar e se

virar. Dois outros Portadores da Caveira entravam na sala, vindos de um dos túneis escuros da montanha, e estavam parados em silêncio, esperando sua atenção. Não estava pronto para eles e retornou às águas da bacia, que novamente se limparam, formando uma imagem da torre onde os surpresos membros do grupo estavam paralisados de alívio diante da Espada de Shannara. Esperou por alguns segundos, brincando com eles, apreciando seu controle da situação enquanto se aproximavam da espada como ratos chegando perto de uma ratoeira com queijo. Pouco depois, a armadilha disparou enquanto ele dissolvia a ilusão diante de seus olhos surpresos e via a porta da torre se fechar, prendendo-os na Fortaleza pela eternidade. Atrás dele, as duas criaturas aladas podiam sentir a gargalhada assustadora que emanava de sua forma insubstancial pelo ar da caverna.

Sem virar-se para encará-los, o Lorde Feiticeiro gesticulou para a parede aberta ao norte e os Portadores da Caveira moveram-se sem hesitar. Não precisavam perguntar, sabiam o que era esperado deles. Iriam voar para Paranor e destruir o filho de Shannara sequestrado, o único herdeiro da odiosa espada. Com o último membro da Casa de Shannara morto e a espada em sua posse, não precisavam mais temer um poder místico maior que o deles. Naquele momento, a preciosa espada estava sendo movida dos salões de Paranor até o reino das Terras do Norte, onde seria enterrada e esquecida nas cavernas intermináveis da Montanha da Caveira. O Lorde Feiticeiro virou-se um pouco para observar seus dois servidores caminharem desajeitados pela câmara sombria até alcançarem a parede aberta, onde subiram para o céu cinzento e se viraram para o sul. Com certeza Eventine, o Rei dos elfos, tentaria interceptar a espada e recuperá-la para seu povo. Mas ele falharia e Eventine seria capturado, o último grande líder das terras livres, a última esperança das raças. Com Eventine prisioneiro, a espada em suas mãos, o último herdeiro da Casa de Shannara morto e seu inimigo mais odiado, o Druida Allanon, destruído na fornalha de Paranor, a batalha terminava antes de começar. Ele não seria derrotado na Terceira Guerra das Raças. Ele já ganhara.

Com um movimento da manga de seu manto, a água novamente ficou turva, a imagem dos mortais e da Fortaleza dos Druidas desaparecendo. O ar então começou a correr com violência ao redor do espírito negro e sua forma começou a se dissolver novamente na névoa da câmara,

desvanecendo-se aos poucos até não sobrar nada além da bacia e da sala vazia. Longos momentos se passaram em silêncio até que enfim os rastejantes serviçais do Lorde Feiticeiro tiveram certeza de que o Mestre os deixara de novo. Saíram das sombras e suas pequenas formas negras avançaram ansiosas para a bacia espiando, curiosos, mas, em seguida, choraram e resmungaram sua tristeza para as águas calmas.

Na alta torre de Paranor, na remota e inacessível sala na Fortaleza dos Druidas, quatro membros silenciosos e cansados do pequeno grupo de Culhaven caminhavam desanimados em sua prisão. Apenas Durin estava sentado, encostado em uma das paredes da torre, pois sua ferida doía tanto que não conseguia mais se mover. Balinor balançou-se de leve sobre os calcanhares, parado em frente a uma das janelas altas e gradeadas para observar os raios fracos do sol se infiltrarem em meio à poeira flutuante para iluminar a câmara escura com pequenos quadrados de luz que caíam descuidadamente pelas placas de pedra do chão. Já estavam ali havia uma hora, aprisionados e sem esperanças atrás da gigantesca porta. A espada estava perdida e, com ela, qualquer esperança de vitória.

No começo, esperaram pacientemente, acreditando que Allanon os alcançaria logo, partindo ao meio a grande barreira de pedra que bloqueava o caminho para a liberdade. Havia até mesmo chamado seu nome na esperança de que pudesse ouvi-los e seguir suas vozes até a torre. Menion os lembrara de que Flick não estava com eles, e possivelmente vagava pelos salões de Paranor à procura deles. Mas, depois de algum tempo, a fé começou a vacilar até sumir por completo, enquanto cada um admitia para si mesmo, apesar de não falarem em voz alta, que não haveria resgate e que o corajoso Druida e o pequeno rapaz do Vale Sombrio haviam caído diante do Portador da Caveira. O Lorde Feiticeiro havia vencido.

Menion pensava mais uma vez em Shea, imaginando o que teria acontecido com o amigo. O grupo fizera todo o possível, mas não fora o bastante nem para salvar a vida daquele único ser humano. Ninguém poderia imaginar que fim ele teria, sozinho nas terras selvagens das planícies, tendo de cuidar de si mesmo. Shea estava perdido; provavelmente morto. Allanon acreditara que encontrariam Shea quando alcançassem a

espada, mas haviam perdido a espada e não havia sinal do herdeiro. Allanon também se fora, morto na sala da fornalha do Conselho Druida, o lar de seus ancestrais. Se não tivesse sido morto, estava aprisionado e acorrentado em alguma masmorra, enquanto eles continuavam trancados na torre. Seriam deixados ali para apodrecerem ou algo pior, e tudo aquilo por nada. Deu um sorriso sombrio ao considerar seu destino, desejando ter uma única oportunidade de se confrontar com o verdadeiro inimigo, para golpear o todo-poderoso Lorde Feiticeiro.

De repente, um aviso do sempre alerta Durin fez os demais congelarem onde estavam, seus olhos fixos na grande porta, ouvindo com atenção o som de passos nos degraus de pedra. Menion pousou a mão na Espada de Leah, que descansava em sua bainha de couro no chão, e desembainhou-a em silêncio. O gigantesco Balinor, ao seu lado, já empunhava sua espada larga. Todos se moveram em passos curtos e apressados para cercar a entrada. Mesmo ferido, Durin cambaleou e ficou de pé, mancando dolorosamente até ficar ao lado de seus companheiros. Os passos alcançaram a plataforma e pararam. Houve um momento de silêncio, cheio de presságios.

A grande porta de pedra se abriu de repente, lançando-se para dentro, as dobradiças rangendo um pouco sob o peso da placa de pedra. Da escuridão, emergiu o rosto assustado de Flick Ohmsford, seus olhos correndo selvagememente ao observar os amigos aprisionados, armados e prontos para atacar. Espadas e maças se abaixaram lentamente, como se os homens surpresos que as seguravam fossem brinquedos mecânicos. O jovem baixinho se moveu relutante para a luz fraca da torre, parcialmente coberto pela alta figura vestida de negro que o seguia.

Era Allanon.

Encararam-no sem palavras. Manchado de suor, sua forma escura coberta com várias camadas de cinza e fuligem, ele se moveu em silêncio até o meio deles, uma mão descansando gentilmente no ombro de Flick. Sorriu ao ver a reação dos demais.

— Eu estou bem — assegurou.

Flick ainda balançava a cabeça, sem acreditar que fora salvo por Allanon.

— Eu o vi cair... — tentou explicar aos outros.

— Flick, eu estou bem. — Allanon deu um tapinha em seu ombro.

Balinor deu um passo à frente, como se precisasse se convencer de que realmente era Allanon e não outra aparição.

— Pensamos que você estava... perdido — conseguiu falar.

O costumeiro sorriso debochado apareceu no rosto magro.

— A culpa disso é, em parte, de nosso jovem amigo aqui. Ele me viu cair na fornalha junto com o Portador da Caveira e presumiu que eu estivesse morto. Mas ele não viu que a fornalha é cheia de degraus de ferro, para que os trabalhadores possam descer até o poço e fazer reparos. Como Paranor foi, por séculos, o lar dos Druidas, eu sabia disso. Quando senti aquele ser maligno me puxando sobre o corrimão, estendi a mão e me pendurei em um deles, vários metros abaixo da borda. Flick, claro, não podia ver nada disso, e o rugido do fogo abafou minha voz quando eu o chamei. — Parou para limpar um pouco da sujeira que o cobria. — Flick teve sorte em fugir da câmara, mas se perdeu nos túneis. A batalha com o Portador da Caveira me enfraqueceu e, mesmo tendo uma proteção especial contra o fogo, precisei de algum tempo para sair do poço. Fui procurar Flick, perdido naquele labirinto de corredores subterrâneos, e finalmente o encontrei, quase o matando de susto quando o trouxe para a luz. Então, viemos procurar vocês. Mas precisamos sair daqui, rápido.

— A espada? — Hendel perguntou abruptamente.

— Já se foi. Eles a removeram mais cedo. Podemos falar sobre isso depois. É perigoso ficar aqui. Os gnomos vão mandar reforços para proteger Paranor e o Lorde Feiticeiro enviará mais criaturas aladas para ter certeza de que vocês não causarão outros problemas. Com a Espada de Shannara em mãos e acreditando que vocês estão presos na Fortaleza, ele voltará toda a sua atenção para seus planos de invadir as quatro terras. Se conseguir capturar Callahorn e as regiões de fronteira rápido o bastante, o resto das Terras do Sul cairá sem lutar.

— Então, é tarde demais. Estamos perdidos! — Menion declarou amargamente.

Allanon sacudiu a cabeça.

— Nós fomos enganados, mas não derrotados, Príncipe de Leah. O Lorde Feiticeiro está tranquilo, acreditando que ganhou, que nós estamos destruídos e que não o ameaçamos mais. Talvez possamos usar isso contra ele. Não podemos nos desesperar. Agora, venham comigo.

Ele os fez passar rapidamente pela porta aberta. Um momento depois, a sala da torre estava vazia.

Capítulo XVIII

O pequeno bando de gnomos fez Shea marchar para o norte até o pôr do sol. O rapaz estava exausto quando a caminhada começou e, quando enfim pararam para passar a noite, caiu no chão imediatamente e já dormia antes dos gnomos terminarem de amarrar suas pernas. A longa caminhada os levou das margens do rio desconhecido para a região acidentada a oeste da parte superior da floresta de Anar, nos limites das Terras do Norte. A viagem tornou-se consideravelmente mais difícil, o terreno mudando das pradarias lisas das Planícies de Rabb para formações onduladas de pequenas colinas. Depois de algum tempo, o bando escalava mais do que andava, com constantes mudanças de direção para evitar as colinas mais altas. Era uma bela região: pradarias manchadas com pequenos bosques de árvores marcadas pela idade, seus galhos curvados graciosamente pelos ventos leves da primavera. Mas sua beleza se perdia no exausto habitante do Vale Sombrio, que conseguia apenas se concentrar em colocar um pé na frente do outro enquanto seus desinteressados captores o empurravam, sem descanso. Ao cair da noite, o grupo já havia avançado bastante na região de colinas, e se Shea pudesse consultar um mapa, teria descoberto que estavam acampados a leste de Paranor. Contudo, cansado como estava, o sonho chegou tão rápido que só se lembrou de cair exausto na terra coberta de grama e nada mais.

Os gnomos cuidadosos terminaram de amarrá-lo e acenderam uma fogueira para seu parco jantar. Um gnomo foi colocado de sentinela, mais por força do hábito, já que sentiam que havia pouco a temer tão dentro do próprio território, e um segundo teve ordens de ficar de olho no cativo adormecido. O líder dos gnomos ainda não percebera quem Shea era, nem entendera a importância das Pedras Élficas, apesar de ser bastante inteligente para concluir que deveriam ser valiosas. Seu plano era levar o humano para Paranor, onde consultaria seus superiores sobre o destino do jovem e das pedras. Talvez conhecessem a importância daqueles assuntos.

Sua única preocupação era fazer a coisa certa de acordo com as ordens para patrulhar aquela região. Qualquer coisa além daquele dever, não se preocupava em saber.

O fogo logo foi aceso, e os gnomos comeram uma refeição rápida de pão com tiras de carne. Quando terminaram, reuniram-se ansiosos ao redor da chama quente e contemplaram, curiosos, as três pequenas Pedras Élficas que seu líder mostrava e inspecionava para saciar a curiosidade dos demais. Os rostos enrugados e amarelos aproximaram-se do fogo e da mão estendida do líder, onde as pedras cintilavam na luz brilhante. Um mais audacioso tentou tocá-las, mas uma pancada dolorosa de seu superior o mandou para trás. O líder tocou as pedras, curioso, e as rolou na palma aberta enquanto os demais assistiam, fascinados. Finalmente, os gnomos se cansaram e as pedras foram postas de novo na pequena bolsa de couro que, por sua vez, voltou para a túnica do líder. Uma garrafa de bebida foi aberta para esquentá-los no ar frio da noite e para ajudar os gnomos cansados a esquecerem de seus problemas. A garrafa passou de mão em mão livremente, e os pequenos soldados amarelos riram e brincaram noite adentro, mantendo o fogo aceso. Mesmo a sentinela solitária aproximou-se, sabendo que seu papel de guarda era desnecessário. Por fim, a bebida acabou e os cansados caçadores se recolheram, colocando seus cobertores em um círculo fechado ao redor do fogo. A sentinela ainda teve a presença de espírito de cobrir o prisioneiro, concluindo que não seria bom levá-lo até Paranor com febre. Em pouco tempo, o acampamento estava silencioso, todos dormiam, menos a sentinela, que permanecia sonolenta nas sombras fora da luz da pequena fogueira que aos poucos virava carvão.

Shea dormiu inquieto, o sono perturbado por pesadelos recorrentes sobre sua fuga perturbadora com Flick e Menion até alcançar Culhaven e depois a azarada expedição para alcançar Paranor. Reviveu em seus sonhos a batalha com o Espectro da Névoa, sentindo o toque frio e pegajoso em seu corpo, experimentando novamente o terror de sentir as águas do pântano batendo em suas pernas. Sentiu o desespero tomar conta de si quando os três novamente se separaram nos Carvalhos Negros, mas dessa vez estava sozinho na grande floresta e sabia que não tinha como sair dali. Iria vagar até morrer. Podia ouvir os uivos dos lobos caçando, aproximando-se enquanto tentava correr, desviando-se loucamente atrás do labirinto

infindável de árvores gigantescas. Logo a cena mudou e o grupo estava nas ruínas da cidade no meio das Montanhas Wolfsktaag. Olhavam curiosos para os pedaços de metal, sem saber do perigo que vigiava na floresta. Apenas Shea sabia o que estava para acontecer, mas, quando tentou avisar os outros, descobriu que não podia falar. Viu a enorme criatura movendo-se cuidadosamente para fora de seu esconderijo para atacar os homens, e ele não podia se mover para avisá-los, alheios ao que iria acontecer. A criatura atacou, uma massa de pelo negro e dentes. Depois, Shea estava no rio, batendo e girando loucamente enquanto tentava, em vão, manter a cabeça acima das águas rápidas, para respirar o ar vital. Mas era puxado para baixo e sabia que estava sufocando. Desesperadamente, lutou contra isso, debatendo-se de maneira selvagem ao ser puxado mais e mais para o fundo.

De repente, estava acordado e encarando os primeiros e vagos traços de luz da alvorada que se aproximava, suas mãos e pés frios e dormentes por causa do couro apertado que os prendia. Olhou ansioso ao redor, para os últimos carvões em brasa e para os gnomos imóveis, acomodados em um sono profundo. As colinas estavam silenciosas na penumbra, tão calmas que podia ouvir a própria respiração ofegante naquele silêncio. Em um lado do acampamento, pôde ver a figura da pequena sentinela, uma sombra fraca nos limites da clareira, perto de alguns arbustos. Parecia tão indistinta na névoa da noite agonizante que por vários segundos Shea não teve certeza se ele não era parte da vegetação. Observou, então, o campo silencioso mais uma vez, torcendo-se em cima de um dos cotovelos e limpando o sono de seus olhos enquanto espiava cuidadosamente ao redor. Tentou soltar os laços que o prendiam, com a vaga esperança de que pudesse se soltar e correr para a liberdade antes que os gnomos adormecidos o capturassem. Porém, depois de longos minutos tentando, foi forçado a desistir da ideia. Os laços estavam bem amarrados demais para conseguir soltá-los e não era forte o bastante para arrebatá-los. Por um momento, encarou desamparado o chão à sua frente, convencido de que seria levado para Paranor, onde seria entregue aos Portadores da Caveira e teria um fim rápido.

Foi quando ouviu algo; apenas um sussurro fraco vindo de algum ponto na escuridão além da clareira, mas fez com que levantasse os olhos, em alerta, tentando ouvir mais. Seus olhos élficos viajaram rapidamente pelo acampamento e pelos gnomos; nada, porém, parecia fora de lugar. Demorou

vários minutos para localizar de novo o guarda perto do arbusto, mas ele não se movera. Uma imensa sombra negra saiu do arbusto, logo envolvendo a sentinela, que sumiu. Shea piscou, não acreditando; no entanto não estava enganado. Onde a figura da sentinela estivera um momento antes, não havia mais nada. Um longo tempo passou enquanto Shea esperava que algo mais acontecesse. O sol estava nascendo. Os últimos traços da noite sumiam rapidamente, e a borda do sol dourado da manhã aparecia sobre os picos das distantes colinas ao leste.

Ouviu um som baixo à sua esquerda e virou-se de repente. Sob a proteção de um pequeno grupo de árvores, surgiu uma das coisas mais estranhas que o rapaz já havia visto em sua vida. Um homem vestido de vermelho, como ninguém no Vale Sombrio jamais havia encontrado. Primeiro, pensou que era Menion, lembrando-se de uma roupa de caça bizarra que o vira usar uma vez. Entretanto, imediatamente percebeu que o estranho não era Menion e não se parecia em nada com ele. O tamanho, a postura, a forma de se aproximar eram completamente diferentes. Era impossível distinguir suas feições sob a luz fraca. Carregava uma faca curta em uma mão e na outra um estranho objeto pontudo. A figura escarlate aproximou-se devagar e foi para trás dele antes que pudesse ver bem o seu rosto. A faca passou pelas tiras de couro silenciosamente e com facilidade, liberando o cativo. A outra mão apareceu à frente de seu rosto e os olhos de Shea se arregalaram de choque ao ver que a mão esquerda do homem fora substituída por uma ponta de ferro, de aparência mortal.

— Nem uma palavra — uma voz áspera soou em seus ouvidos. — Não olhe, não pense, apenas vá para as árvores à esquerda e espere. Agora!

Shea não parou para fazer perguntas; agiu rapidamente como ordenado. Mesmo sem ver o rosto de seu salvador, pela voz áspera e pelo membro cortado, era inteligente fazer o que ele dizia. Correu abaixado silenciosamente pelo acampamento, até alcançar a proteção das árvores. Parou ali e virou-se para esperar o outro, mas para sua surpresa a figura escarlate rondava silenciosamente em meio aos gnomos adormecidos, pelo jeito procurando algo. O sol já se levantara todo no leste, e sua luz emoldurava o estranho que se abaixava sobre a figura encolhida do líder dos gnomos. Uma mão enluvada aproximou-se com cautela da túnica do gnomo, mexeu por um momento e voltou segurando a pequena bolsa de

couro com as preciosas Pedras Élficas. Quando a mão parou um instante, o gnomo acordou, agarrando o punho do estranho com uma das mãos enquanto a outra levantava uma espada curta para acabar com o ladrão em um golpe. O salvador de Shea, porém, era rápido demais para ser pego desprevenido. A longa ponta de metal bloqueou o golpe com um choque metálico, e depois voltou em um longo arco na direção do pescoço exposto do gnomo. À medida que o estranho se erguia, afastando-se do corpo já sem vida, o acampamento inteiro acordava com o som da luta. Os gnomos levantaram-se em um instante, espadas já em punho, atacando o intruso antes que pudesse escapar. O salvador escarlate foi forçado a se virar e lutar, a faca curta em uma das mãos enquanto encarava uma dúzia de atacantes.

Shea tinha certeza de que aquele era o fim do homem, e preparou-se para pular de seu local sob a proteção das árvores para tentar ajudá-lo. Mas o espantoso estranho afastou a primeira onda de caçadores gnomos como se fossem ratos, cortando através do ataque desorganizado e deixando dois deles caídos no chão, mortalmente feridos. Deu um grito agudo quando a segunda leva de atacantes se aproximou, e das sombras do outro lado do acampamento, surgiu uma imensa figura negra, segurando um bastão gigantesco. Sem diminuir o passo, a forma escura atacou os surpresos gnomos com fúria indescritível, espalhando-os com golpes poderosos de sua maça como se não fossem mais do que frágeis folhas. Em menos de um minuto, todos os gnomos estavam caídos imóveis no chão. Shea observou, admirado, de seu lugar sob as árvores, quando a imensa figura se aproximou de seu salvador, como um cão fiel procurando a aprovação do dono. O estranho falou suavemente com o gigante por algum tempo e voltou tranquilamente para onde Shea estava, enquanto seu companheiro cuidava dos gnomos.

— Acho que isso é tudo — a voz fluía enquanto a figura em escarlate chegava perto do jovem, segurando a bolsa de couro com a mão boa.

Shea demorou-se estudando o rosto do homem, ainda inseguro sobre quem era seu benfeitor. Pela forma como se movia, não tinha dúvidas de que era um sujeito arrogante, cuja confiança inabalável em si mesmo provavelmente só se comparava à sua inegável eficiência como lutador. O rosto bronzeado era liso, exceto por um pequeno bigode aparado. Tinha um rosto que desafiava o tempo, não parecia nem velho nem novo, mas de uma

idade intermediária. Seu jeito, porém, era jovial, e apenas a pele áspera e os olhos fundos revelavam que jamais teria quarenta anos de novo. O cabelo escuro parecia ter alguns pontos acinzentados, embora a luz nublada do amanhecer tornasse difícil ter certeza. O rosto era largo e seus traços marcantes, especialmente a boca grande e amigável. Era um rosto bonito e cativante, mas Shea logo sentiu que era uma máscara cuidadosamente usada para esconder a verdadeira natureza daquele homem. O estranho estava à vontade à sua frente, sorrindo e esperando alguma indicação de como agiria com seus salvadores, aparentemente inseguro sobre a reação de Shea.

— Quero lhe agradecer — Shea gaguejou rapidamente. — Estaria tudo acabado para mim se não fosse por você.

— Está tudo bem, está tudo bem. Resgatar pessoas não é exatamente meu negócio, mas esses demônios iriam machucá-lo por diversão. Eu mesmo venho das Terras do Sul, sabe? Faz muito tempo que não voltava aqui, mas mesmo assim é meu lar. Você é daqui, dá para ver. Uma das comunidades nas colinas, talvez? Claro, você também tem sangue élfico nas veias...

Sua voz sumiu abruptamente, e por um instante Shea teve certeza de que o homem não apenas sabia quem ele era, mas o que ele era, e que saíra da frigideira para cair no fogo. Uma rápida olhada para a criatura alta perto dos gnomos caídos foi o bastante para lembrar o jovem de que aquele não era um dos Portadores da Caveira.

— Quem é você, amigo, e de onde veio? — o estranho perguntou de repente.

Shea disse seu nome e explicou que viera do Vale Sombrio. Disse que estava explorando um rio ao sul quando seu barco virou, foi levado rio abaixo e deixado inconsciente em uma margem onde o grupo de gnomos o encontrou. A história inventada estava bem próxima da verdade para que o homem acreditasse. Shea ainda não estava pronto para confiar em estranhos toda a sua história, até que soubesse mais sobre aqueles dois. Concluiu declarando que os gnomos o encontraram e decidiram levá-lo como prisioneiro. O homem o encarou por algum tempo, um sorriso divertido cruzando seus lábios enquanto brincava distraído com a bolsa de couro.

— Bem, duvido que você tenha me contado toda a verdade. — Deu uma risada curta. — Mas não o culpo. Se eu estivesse em seu lugar, também não

diria tudo para mim. Haverá bastante tempo para a verdade depois. Meu nome é Panamon Creel.

Ele estendeu a mão larga e Shea a aceitou, sacudindo-a animado. O estranho tinha mão de ferro e o jovem se encolheu com o vigoroso aperto. O homem sorriu vagamente e soltou, apontando para o gigante atrás deles.

— Aquele é meu amigo Keltset. Estamos juntos há dois anos e nunca tive uma companhia melhor, embora eu pudesse querer um que falasse mais, talvez. Keltset é mudo.

— O que ele é? — Shea perguntou curioso, olhando a grande figura se mover lentamente na pequena clareira.

— Você, com certeza, não é desta parte do mundo. — O outro riu, divertindo-se. — Keltset é um troll de pedra. Seu lar era nas Montanhas de Charnal, até seu povo o exilar. Nós dois somos exilados nesse mundo ingrato, mas a vida oferece oportunidades diferentes a cada um, acho. Não temos escolha.

— Um troll de pedra — Shea repetiu, questionador. — Nunca vi um troll de pedra antes. Pensei que todos fossem criaturas selvagens, quase animais. Como você...?

— Cuidado com a língua, amigo — o estranho avisou, rispidamente. — Keltset não gosta desse tipo de conversa e ele é emotivo o bastante para pisar em você se o ouvir. O problema é que você olha para ele e vê um monstro, uma criatura deformada, diferente de nós, e se pergunta se é perigoso. Então, eu digo que ele é troll de pedra e você tem o dobro de certeza de que ele é mais animal do que homem. Parte de sua educação limitada e de sua pouca experiência de vida, garanto. Você deveria ter viajado comigo pelos últimos anos, ah, você teria aprendido que mesmo um sorriso amigável mostra os dentes.

Shea olhou com mais atenção para o troll enquanto ele se inclinava distraído sobre os gnomos caídos, procurando ao redor qualquer coisa que pudesse ter deixado escapar em sua busca nas roupas e sacolas. Keltset tinha forma humana, vestia uma calça até os joelhos e uma túnica presa por uma corda verde. No pescoço e nos pulsos, usava peças de metal protetoras. Sua característica mais diferente era a pele estranha, quase uma casca de árvore, que cobria todo o corpo, com a cor de carne bem passada, mas não queimada. O rosto escuro tinha feições pequenas, inexpressivas e sem nada

marcante, a testa pesada e os olhos fundos. Os membros eram semelhantes aos humanos, exceto pelas mãos. Não tinha o dedo mínimo, apenas o polegar e três dedos grossos e poderosos, quase da grossura dos pulsos de Shea.

— Ele não me parece muito bonzinho — Shea declarou em voz baixa.

— Eis o exemplo perfeito de uma opinião apressada totalmente sem fundamento. Só porque Keltset não parece civilizado nem inteligente, você o rotula como um animal. Shea, meu garoto, pode acreditar em mim quando digo que Keltset é um ser sensível, com as mesmas emoções que você ou eu. Ser um troll nas Terras do Norte é tão normal como ser um elfo nas Terras do Oeste e por aí vai. Você e eu somos os estranhos nessa parte do mundo.

Shea olhou cuidadosamente para o rosto largo e tranquilizador, o sorriso calmo que parecia surgir com naturalidade, e, instintivamente, desconfiou daquele homem. Aqueles dois eram mais do que meros viajantes que passavam pela região quando viram seu sofrimento e vieram ajudar por gostarem de outras pessoas. Eles vigiaram aquele acampamento gnomo com habilidade e esperteza, e quando descobertos, eliminaram todos com eficiência cruel. Por mais que o troll parecesse perigoso, Shea tinha certeza de que Panamon Creel era duas vezes mais mortal.

— Você, com certeza, está mais bem informado sobre o assunto do que eu — Shea admitiu, escolhendo as palavras com cuidado. — Sendo das Terras do Sul e tendo viajado pouco para fora de suas fronteiras, não estou familiarizado com a vida nesta região. Eu devo minha vida a você, e também agradeço a Keltset.

O estranho charmoso sorriu feliz, com uma expressão de gratidão, obviamente satisfeito com o cumprimento inesperado.

— Não precisa agradecer, já disse — respondeu. — Venha aqui e sente-se comigo enquanto esperamos Keltset terminar sua tarefa. Precisamos conversar mais sobre o que trouxe você até esta região. Aqui é muito perigoso, especialmente para quem viaja sozinho.

Ele o guiou até a árvore mais próxima, onde se sentou pesadamente, descansando as costas contra o tronco fino. Ainda segurava a bolsa com as Pedras Élficas na mão boa, e Shea não sentia que seria adequado falar sobre isso ainda. Tinha esperanças de que o estranho perguntasse se pertenciam a ele, para que pudesse recuperá-las e seguir seu caminho para Paranor. Os

outros deveriam estar procurando por ele, nos limites a leste dos Dentes de Dragão ou mais à frente, perto de Paranor.

— Por que Keltset está revistando aqueles gnomos? — o jovem perguntou depois de um breve silêncio.

— Bem, para ter alguma pista de onde vieram e de para onde estavam indo. Podem ter alguma comida, o que seria bem útil agora. E quem sabe, podem até mesmo ter algo valioso...

Parou de falar bruscamente e olhou questionador para Shea, a mão balançando a bolsa de couro com as pedras na frente dos olhos do jovem, segurando-a como uma isca para um animal sendo caçado. Shea engoliu em seco e hesitou, percebendo que o homem sabia o tempo todo que as pedras pertenciam a ele. Tinha de fazer algo rápido, ou iria se revelar.

— São minhas. A bolsa e as pedras são minhas.

— Ah, são? — Panamon Creel sorriu gananciosamente. — Não vejo seu nome na bolsa. Como você as conseguiu?

— Meu pai as deu para mim — Shea mentiu. — Eu as tenho há anos. Carrego-as sempre comigo, para dar sorte. Quando os gnomos me capturaram, revistaram-me e tiraram a bolsa e as pedras de mim. Mas são minhas.

Seu salvador vestido de vermelho sorriu de leve e abriu a bolsa, deixando as pedras caírem em sua mão aberta, segurando a bolsa com a garra de metal. Ele as ergueu e as segurou contra a luz, admirando seu brilho azul. Virou-se para Shea, levantando as sobrancelhas, intrigado.

— Você pode estar dizendo a verdade, mas também pode ser que as tenha roubado. Parecem muito valiosas para andar com elas por aí só para dar sorte. Acho que vou ficar com elas até estar convencido de que você é o verdadeiro dono.

— Mas eu preciso ir embora, preciso encontrar meus amigos — Shea falou desesperadamente. — Não posso esperar que você tenha certeza de que sou o dono delas!

Panamon Creel levantou-se devagar e sorriu, colocando a bolsa e seu conteúdo dentro da túnica.

— Não tem problema. É só me dizer onde posso encontrá-lo e irei levá-las até você depois de verificar sua história. Estarei nas Terras do Sul em alguns meses.

Shea estava completamente fora de si e se levantou com um pulo, enraivecido.

— Você é apenas mais um ladrão, um mísero bandoleiro! — ele esbravejou, desafiando o outro.

De repente, Panamon Creel começou a gargalhar incontrolavelmente, abraçando-se. Quando enfim retomou o controle de si mesmo, sacudindo a cabeça sem acreditar no que ouvia, lágrimas rolavam por seu rosto largo. Shea olhou espantado, sem conseguir ver o que havia de tão engraçado em sua acusação. Mesmo o imenso troll de pedra tinha parado e olhado para eles, seu rosto escuro, plácido e inexpressivo.

— Shea, eu admiro quem fala o que pensa — exclamou o estranho, ainda rindo. — Ninguém pode dizer que você não percebe as coisas.

O irado jovem do vale começou a dar uma resposta, mas se interrompeu quando lembrou toda a situação em sua mente confusa. O que aqueles dois estranhos companheiros estariam fazendo naquela parte das Terras do Norte? Por que teriam se preocupado em resgatá-lo, para começar? Como sabiam que era prisioneiro de um bando de gnomos? Logo entendeu a verdade, era tudo tão óbvio que deixara passar.

— Panamon Creel, meu gentil salvador — debochou, amargo. — Não é de estranhar que tenha achado minha acusação tão engraçada. Você e seu amigo são exatamente o que eu disse. Vocês são ladrões, assaltantes, bandoleiros! Vocês estavam atrás das pedras o tempo todo! Quão baixos vocês...?

— Cuidado com o que fala, meu jovem! — O estranho pulou na frente dele, brandindo a garra de ferro. O rosto largo estava subitamente distorcido de ódio, o sorriso constante tornando-se vil sob o pequeno bigode enquanto a raiva queimava em seus olhos escuros. — É melhor guardar para você sua opinião. Cheguei muito longe nesse mundo, e ninguém nunca me deu nada! E já que é assim, ninguém tira nada de mim!

Shea deu um passo para trás na defensiva, aterrorizado por ter passado dos limites com aquela dupla imprevisível. Sem dúvida, seu salvamento fora algo que surgira depois, a preocupação principal fora o roubo das Pedras Élficas. Panamon Creel não era alguém para se brincar, e uma língua descuidada naquele ponto do jogo poderia lhe custar a vida. O ladrão encarou ameaçadoramente seu cativo assustado por mais um momento e

depois recuou devagar, a expressão zangada relaxando e traços de seu bom humor anterior retornando em um sorriso.

— Por que iríamos negar isso? — Ele andou para trás e ao redor, virando-se subitamente para Shea. — Somos andarilhos da sorte, Keltset e eu. Homens que vivem de sua inteligência e esperteza, mas não somos diferentes dos outros, apenas nossos métodos são. E talvez nosso desprezo pela hipocrisia. Todos os homens são ladrões, de um jeito ou de outro, nós apenas somos o tipo mais tradicional, o tipo honesto que não tem vergonha do que é.

— E como você encontrou este acampamento? — Shea perguntou, hesitante, com medo de ofender ainda mais aquele sujeito temperamental.

— Vimos a fogueira na noite passada, logo depois do pôr do sol — o outro respondeu tranquilamente, sem um vestígio de hostilidade. — Vim até a beira da clareira para olhar mais de perto e vi meus pequenos amigos amarelos brincando com essas três pedras azuis. E vi você também, embalado para entrega. Então, decidi trazer Keltset e matar dois coelhos com uma paulada só. Ah, veja só, eu não estava mentindo quando disse que não gosto de ver um compatriota das Terras do Sul nas mãos desses demônios!

Shea assentiu, feliz em estar livre, mas sem saber se estava melhor naquele momento ou quando era prisioneiro dos gnomos.

— Não se preocupe, amigo — Panamon Creel reconheceu o medo não expressado. — Não queremos lhe fazer mal. Queremos apenas as pedras, elas vão render um bom dinheiro e estamos precisando. Você está livre para voltar para onde veio. A hora que quiser.

Ele virou-se de repente e foi até onde Keltset o esperava, em pé, obedientemente, ao lado de uma pequena pilha de armas, roupas e artigos de valor que havia coletado dos gnomos caídos. O corpo imenso do troll diminuiu a figura alta de seu companheiro, a pele escura e grossa fazia com que parecesse uma árvore retorcida jogando sua sombra sobre o humano vestido de vermelho. Os dois conversaram brevemente. Panamon falando em voz baixa para seu amigo gigante, que respondia com sinais e acenos de sua imensa cabeça. Viraram-se para a pilha de materiais, que o homem vasculhou rapidamente, deixando a maior parte de lado como lixo sem serventia. Shea observou, incerto sobre o que fazer em seguida. Havia

perdido as pedras e sem elas estava praticamente indefeso naquela terra selvagem. Havia perdido seus companheiros no Dentes de Dragão, os únicos que poderiam ficar a seu lado, os únicos que realmente poderiam ajudá-lo a recuperar as Pedras. Tinha chegado tão longe que era impensável recuar, mesmo que pudesse fazê-lo com segurança. Os outros do grupo dependiam dele e ele jamais abandonaria Flick e Menion, sem se importar com os perigos envolvidos.

Panamon Creel olhou de relance sobre o ombro para ver se o jovem se movera para partir e a surpresa registrou-se de leve em seu rosto bonito ao vê-lo ainda no lugar onde o deixara.

— O que você está esperando?

Shea sacudiu a cabeça devagar, indicando que ele mesmo não sabia. O ladrão o observou por um momento e acenou com um breve sorriso.

— Venha e coma algo, Shea — convidou. — O mínimo que podemos fazer é alimentá-lo antes que parta para as Terras do Sul.

Quinze minutos depois, os três estavam sentados ao redor de uma pequena fogueira, observando tiras de carne seca se aquecerem apetitosamente no calor. O mudo Keltset se sentou em silêncio perto do jovem homem do vale, os olhos fundos fixos na carne. Suas mãos grandes estavam juntas, como as de uma criança, enquanto ele se agachava na frente do fogo. Shea sentia uma vontade incontrolável de tocar a estranha criatura, sentir a pele áspera como casca de árvore. A expressão do troll era indescritivelmente vazia, mesmo de perto. Ele não se moveu enquanto a carne cozinhava; ficou sentado, absolutamente parado, como alguma rocha imóvel que o tempo não tinha alterado. Panamon Creel olhou para eles e percebeu que Shea observava a criatura com atenção. Deu um sorriso largo, batendo no ombro do jovem.

— Ele não morde, enquanto estiver alimentado! Eu fico repetindo a mesma coisa para você, mas você não me escuta. É a juventude, selvagem, sem preocupações e sem tempo para ouvir os mais velhos. Keltset é como eu e você, apenas maior e mais quieto, que é como gosto de meus parceiros nesse trabalho. Ele faz o serviço melhor do que qualquer humano com quem já trabalhei, e não foram poucos, posso dizer.

— Ele faz o que você manda, então? — Shea perguntou.

— Claro que faz, claro que faz — foi a rápida resposta, e depois a figura escarlate inclinou-se, aproximando-se do rosto pálido do outro, a ponta de metal levantada para dar ênfase. — Mas não entenda errado, garoto, porque isso não quer dizer que ele seja um animal. Ele pensa por si mesmo quando é preciso. Porém, eu me tornei amigo dele quando ninguém sequer olhava para ele, ninguém! Ele é o ser vivo mais forte que eu já vi. Poderia me esmagar sem o menor esforço. E quer saber? Eu o derrotei e agora ele me segue.

Parou para avaliar a reação do outro, seus olhos arregalados de alegria ao ver a expressão incrédula do jovem. Ele riu feliz e bateu no joelho com humor exagerado pela reação que conseguira.

— Eu o derrotei com amizade, não com força! Eu o respeitei como homem, o tratei como igual, e, barato assim, consegui sua lealdade! Ah, surpreendi você!

Ainda rindo com sua tentativa de fazer piada, o ladrão tirou as tiras de carne do fogo e estendeu o espeto para o troll silencioso, que pegou várias e começou a mastigar, faminto. Shea serviu-se devagar quando foi sua vez e, de repente, percebeu que estava morrendo de fome. Nem sequer se lembrava de quando comera pela última vez e atacou ferozmente a carne suculenta. Panamon Creel sacudiu a cabeça, divertindo-se, e ofereceu um segundo pedaço a Shea antes de se servir. Os três comeram em silêncio por vários minutos até Shea arriscar-se a perguntar mais sobre seus companheiros.

— Por que vocês decidiram virar... ladrões? — perguntou com cuidado.

Panamon Creel olhou-o rapidamente, erguendo as sobrancelhas, surpreso.

— E por que você se importa com nossos motivos? Quer escrever a história de nossas vidas? — Ele parou e se controlou, sorrindo de sua própria irritabilidade. — Não existe nenhum segredo, Shea. Nunca fui bom em viver honestamente, nunca fui muito bom para o trabalho normal. Fui uma criança selvagem, adorava aventuras e ficar fora de casa, e detestava trabalhar. Então, perdi minha mão em um acidente e ficou ainda mais difícil encontrar um trabalho que me garantisse uma vida confortável, que me desse o que eu queria. Eu estava bem no interior das Terras do Sul, vivendo em Talhan, quando entrei em uma pequena encrenca e depois em várias. Antes que percebesse, estava vagando pelas quatro terras roubando para

viver. O mais engraçado é que descobri que era tão bom nisso que não podia parar. E gostava. Muito! Então, aqui estou, talvez não rico, mas feliz, no auge de minha juventude. Ou melhor, de minha maturidade.

— Você nunca pensou em voltar? — Shea insistiu, incapaz de acreditar que o homem estava sendo honesto. — Você nunca pensou em ter uma casa e...?

— Por favor, não seja piegas, rapaz! — O outro gargalhou. — Continue assim e daqui a pouco estarei chorando, implorando perdão em meus joelhos cansados.

Ele começou um surto incontrolável de altas gargalhadas que fez até mesmo o silencioso troll olhá-lo intrigado por um momento antes de voltar à sua refeição. Shea sentiu um intenso rubor de indignação se espalhar por seu rosto e voltou a comer lentamente, mastigando a carne em mordidas ruidosas de raiva e vergonha. Depois de algum tempo, as gargalhadas se tornaram pequenas risadinhas, o ladrão ainda sacudindo a cabeça, divertindo-se enquanto tentava engolir um pouco de comida. Então, sem mais encorajamento, continuou sua história, em um tom mais baixo:

— Quero deixar claro que a história de Keltset é diferente. Eu não tinha nenhum motivo para viver assim, mas ele teve todos. Ele é mudo desde que nasceu e os trolls não gostam de pessoas com defeitos. Uma ironia deles, acho. Fizeram de sua vida um inferno, chutando-o e batendo quando estavam com raiva de algo e não tinham outra forma de descontar. Ele era a vítima de todas as piadas, mas nunca brigou porque eram tudo o que ele tinha. Então, cresceu, cresceu tanto que ficou tão forte que os outros tiveram medo dele. Uma noite, um dos jovens tentou machucá-lo, mas de verdade mesmo, para que fosse embora ou morresse. Mas não funcionou como planejado. Ele chegou ao seu limite e revidou, matando três deles. Como castigo, foi expulso da aldeia, e um troll exilado não tem lugar fora de sua tribo ou onde quer que seja. Então, ele vagou por aí até eu encontrá-lo.

Ele sorriu de leve e olhou para o rosto calmo recurvado sobre as últimas tiras de carne, comendo com gosto.

— Ele sabe o que estamos fazendo, e acho que também sabe que não é um trabalho honesto. Mas ele é como uma criança maltratada, não respeita mais quem nunca fez nada por ele. Além do mais, ficamos nesta região, onde existem apenas gnomos e anões, que são inimigos naturais dos trolls.

Ficamos longe do interior das Terras do Norte e é raro irmos muito para o sul. Nós nos damos bem.

Ele se voltou para o pedaço de carne, mastigando distraído enquanto encarava as brasas do fogo que morria, cutucando-as com a ponta da bota de couro, fazendo as fagulhas subirem em pequenas nuvens e caírem como poeira. Shea terminou de comer sem falar mais nada, perguntando-se o que poderia fazer para conseguir as Pedras Élficas de volta e desejando saber onde seus amigos estariam naquele momento. Pouco depois, a refeição acabou e o ladrão vestido de escarlate levantou-se rapidamente, espalhando as brasas com um chute de sua bota. O imenso troll levantou-se com ele e ficou imóvel, esperando o amigo dar o próximo passo, seu corpo imenso ocultando Shea. O jovem finalmente se levantou, observou Panamon Creel reunir vários pequenos objetos e umas poucas armas e colocá-las em um saco, que passou para Keltset carregar. Virou-se então e assentiu.

— Foi interessante conhecer você, Shea, e lhe desejo boa sorte. Quando pensar nas pequenas pedras dessa bolsa, me lembrarei de você. É uma pena que você não possa mantê-las, mas pelo menos manteve a vida, ou melhor, eu a salvei. Considere as pedras um presente pelos serviços prestados. Deve tornar a perda mais fácil de superar. Agora, é melhor você começar a se mexer se quer alcançar a segurança das Terras do Sul nos próximos dias. A cidade de Varfleet fica a sudoeste daqui e lá você encontrará ajuda. É só se manter em campo aberto.

Ele se virou para partir, indicando a Keltset que devia segui-lo, e deu vários passos antes de olhar sobre o ombro. O jovem do Vale Sombrio não havia se movido, olhava a dupla que partia como se estivesse em transe. Panamon Creel sacudiu a cabeça, desgostoso, e andou mais um pouco, parando, aborrecido, e se virando, sabendo que o outro ainda estava onde fora deixado.

— Qual é seu problema? — perguntou, enraivecido. — Não me diga que está pensando em nos seguir para tentar recuperar as pedras? Isso iria acabar com nossas boas relações, porque eu teria de cortar suas orelhas, ou algo pior! Agora, se mexa, saia daqui!

— Você não entende o que essas pedras significam! — Shea gritou, desesperado.

— Sim, eu entendo — foi a resposta imediata. — Significam que, por um tempo, Keltset e eu seremos mais do que ladrões miseráveis. Significam que não teremos de roubar ou pedir ajuda. Elas significam dinheiro.

Desesperado, Shea correu na direção dos dois assaltantes, incapaz de pensar em qualquer coisa além de recuperar as preciosas Pedras Élficas. Panamon Creel observou, espantado, o rapaz que se aproximava, certo de que o jovem estava louco a ponto de achar que conseguiria atacá-los e recuperar as três pedras azuis. Ele nunca encontrara uma pessoa assim tão insistente em sua vida. Havia poupado a vida do garoto e o libertado, e, mesmo assim, isso não era o bastante para satisfazê-lo. Shea parou, ofegante, a vários metros de distância das duas figuras altas. Em sua mente teimava a ideia de que a paciência deles havia se esgotado e eles iam matá-lo sem pensar duas vezes.

— Eu não contei a verdade antes — ele falou. — Eu não podia... Eu mesmo não sei de tudo. Mas as pedras são muito importantes, não só para mim, mas para todos em todas as terras. Até mesmo para você, Panamon.

O assaltante o olhou com uma mistura de surpresa e desconfiança; o sorriso sumiu, mas os olhos não mostravam raiva. Ele não disse nada, apenas esperou imóvel que o jovem exaltado continuasse a falar.

— Você tem que acreditar em mim! — Shea exclamou com veemência. — Há mais nisso tudo do que você imagina!

— Você realmente parece acreditar nisso — admitiu o outro, seco. Olhou para o imenso Keltset a seu lado, e deu de ombros, incrédulo com o comportamento estranho de Shea. O troll se aproximou rapidamente de Shea, que se encolheu com medo, mas Panamon Creel impediu seu enorme companheiro erguendo a mão.

— Olha, só me faça um favor — Shea implorou desesperado, agarrando-se a qualquer chance de ter mais tempo para pensar. — Leve-me para o norte com você, até Paranor.

— Você deve estar louco — gritou o ladrão, chocado. — Que motivo poderia ter para ir até a Fortaleza? É uma região completamente hostil. Você não iria durar cinco minutos. Vá para casa, garoto. Vá para as Terras do Sul e me deixe em paz.

— Eu preciso ir para Paranor — o outro insistiu. — Era para lá que estava indo quando os gnomos me capturaram. Tenho amigos lá, amigos que estão

me procurando. Preciso encontrá-los em Paranor!

— Paranor é um lugar maligno, um criadouro de seres das Terras do Norte que até mesmo eu tenho medo de encontrar! — Panamon disse. — Além do mais, se você tem amigos lá, provavelmente planeja nos levar a algum tipo de armadilha para conseguir recuperar suas pedras. É isso que você quer, não é? Pois esqueça. Siga meu conselho e vá para o sul enquanto pode!

— Você está com medo, não é? — Shea falou, zangado. — Você está com medo de Paranor e com medo de meus amigos. Você não tem a coragem...

Ele parou de falar de repente ao ver o fogo da raiva se acender explosivamente no ladrão de escarlate, o rosto largo corando com a acusação. Por um momento, Panamon Creel ficou imóvel, seu corpo todo tremendo de raiva enquanto encarava o pequeno rapaz do Vale Sombrio. Shea manteve-se firme, apostando tudo em sua última tentativa.

— Se você não me levar até Paranor, então eu irei sozinho e me arriscarei — prometeu. Observou a reação deles antes de continuar. — Tudo o que estou pedindo é que você me leve até os limites de Paranor. Não vou pedir que me leve além deles, não vou levá-los para uma armadilha.

Panamon Creel sacudiu a cabeça novamente, ainda sem acreditar, mas sem raiva nos olhos e com um sorriso fraco brincando nos lábios ao se voltar para o troll. Deu de ombros e assentiu.

— E por que nos preocuparíamos? — refletiu, debochado. — É seu pescoço em jogo. Vamos, Shea.

Capítulo XIX

Os três estranhos companheiros viajaram para o norte por uma região de colinas até o meio-dia, quando pararam para uma refeição ligeira e alguns minutos de descanso. O terreno não mudara durante a caminhada da manhã, permanecendo uma série constante de elevações e depressões, o que tornou a viagem bastante difícil. Mesmo o poderoso Keltset foi forçado a escalar e a rastejar com os dois homens, sem conseguir encontrar onde se apoiar ou um lugar plano que o permitisse andar ereto. A região não era apenas irregular e distorcida, mas também tinha uma aparência bem estéril e hostil. As colinas eram cobertas de grama e pontilhadas de arbustos e pequenas árvores, que só transmitiam uma sensação de vazio e solidão selvagem que fazia os viajantes se sentirem inquietos e irritados. A grama era alta, parecida com um chicote, e tão forte que batia nas pernas de suas calças em golpes dolorosos. Quando amassada por suas botas pesadas, só ficava abaixada por poucos segundos antes de voltar a se erguer. Ao olhar para trás na direção de onde tinham vindo, Shea não podia dizer, pela aparência do lugar, se alguém havia passado por ali. As árvores espalhadas eram retorcidas e curvadas, cobertas de pequenas folhas, com a aparência de filhas ilegítimas da natureza, rejeitadas ao nascer e deixadas ali, naquela região solitária, para sobreviverem por si mesmas da melhor forma que pudessem. Não havia sinal de vida animal, nem de pássaros, e desde o amanhecer não tinham visto nem ouvido outra criatura.

Porém, assunto não faltava. Na verdade, por várias vezes Shea desejara que Panamon Creel se cansasse da própria voz por alguns minutos. O ladrão mantivera uma conversa contínua com seus companheiros, com ele mesmo, e, por vezes, com ninguém em especial, a manhã inteira. Falou sobre tudo o que se pode imaginar, inclusive algumas coisas sobre as quais nada sabia. O único assunto que ele evitou foi Shea. Ele agia como se o jovem do vale fosse apenas um companheiro de luta, outro ladrão com quem pudesse compartilhar suas experiências selvagens sem medo de ser repreendido. Mas

evitou meticulosamente falar do passado de Shea, das Pedras Élficas ou do motivo daquela viagem. Aparentemente, havia concluído que o melhor jeito de lidar com o problema era levar aquele encenqueiro até Paranor o mais rápido possível, reuni-lo aos amigos e, sem demorar mais um minuto sequer, seguir sua vida. Shea não tinha ideia de para onde os dois tencionavam viajar antes de encontrá-lo. Talvez nem eles mesmos soubessem ao certo. Ouvia com atenção enquanto o ladrão continuava a tagarelar, inserindo comentários quando achava apropriado, ou quando o outro parecia interessado em sua opinião. Porém, na maior parte do tempo, concentrava-se na jornada e tentava decidir a melhor maneira de conseguir recuperar as Pedras Élficas. A situação era insustentável. Independentemente de como agisse, os dois ladrões saberiam tão bem quanto ele que tentaria pegar as pedras. A única pergunta era o método que usaria. Shea estava convencido de que o sagaz Panamon Creel iria apenas brincar com ele, dando bastante corda para descobrir como ele planejava recuperar as pedras e depois alegremente enforcá-lo.

Às vezes, enquanto andavam e conversavam, Shea olhava de relance para o troll silencioso, imaginando que tipo de pessoa estava por baixo daquele exterior inexpressivo. Panamon tinha dito que o troll era um indesejado, uma criatura rejeitada pelo próprio povo, um companheiro para o atraente ladrão porque o homem provara ser seu amigo. Aquilo podia ser verdade, embora a história parecesse um tanto batida à primeira vista, mas havia algo na postura do troll que fazia o jovem se questionar se ele era mesmo um exilado expulso pelo próprio povo. O troll se portava com dignidade inegável, a cabeça erguida, o corpo imenso mantido reto. Ele nunca falava, aparentemente por ser mudo mesmo. E, ainda assim, havia uma inteligência nos olhos fundos que fazia Shea acreditar que Keltset era bem mais complexo do que seu companheiro dissera. Da forma como sentia em relação a Allanon, Shea achava que Panamon Creel não havia lhe contado toda a verdade. Porém, diferentemente do Druida, o ladrão devia ser um mentiroso e ele sentia que não deveria acreditar em nada do que ele dizia. Tinha certeza de que não sabia toda a história por trás de Keltset, fosse por Panamon ter mentido ou porque o homem mais velho simplesmente não a conhecia. Tinha igual certeza de que o aventureiro, que em um minuto

salvara a sua vida e em outro roubara as preciosas Pedras Élficas, era mais do que um bandoleiro.

Terminaram a refeição do meio-dia rapidamente. Enquanto Keltset empacotava seus apetrechos para cozinhar, Panamon explicara para Shea que não estavam longe do Passo Jannisson, nos limites daquela região acidentada, ao norte. Assim que atravessassem o passo, iriam cruzar as Planícies de Streleheim a oeste para alcançar Paranor. Ali, seus caminhos iriam se separar, o ladrão fez questão de dizer, e Shea poderia encontrar seus amigos ou ir para a Fortaleza dos Druidas, como achasse melhor. O jovem assentiu, concordando, percebendo a vaga ansiedade na voz do outro, sabendo que estavam esperando que tentasse recuperar logo as pedras. Porém, não disse nada e não demonstrou que suspeitava de que estivessem tentando incitá-lo a agir, simplesmente pegou o pouco que ainda tinha e continuaram a viagem.

Os três seguiram seu caminho lentamente pelas colinas, na direção das montanhas baixas que apareciam à frente. Shea tinha certeza que as montanhas distantes à sua esquerda eram uma extensão dos formidáveis Dentes de Dragão, mas aquele novo grupo de montanhas parecia ser uma serra completamente diferente; era entre as duas cadeias montanhosas que o passo deveria estar. Estavam bem próximos das Terras do Norte e não havia como voltar.

Panamon Creel começara outra de suas intermináveis séries de histórias sobre suas aventuras. Curiosamente, mencionava raras vezes Keltset, outra indicação na opinião de Shea de que o ladrão sabia menos sobre o troll do que dizia. Ele estava começando a achar que o gigantesco troll era um mistério tão grande para seu parceiro quanto o era para o jovem do vale. Se tivessem vivido juntos como ladrões por dois anos, como Panamon dissera, então algumas das histórias teriam de incluir Keltset. Mais do que isso: se, à primeira vista, Shea achava que o troll era um seguidor quase canino do ladrão de escarlate, agora começava a perceber, ao observar mais de perto, que o troll tinha razões bem diferentes para viajar com o humano. Chegou a essa conclusão muito mais por analisar a conduta silenciosa do troll do que por ouvir Panamon. Shea estava fascinado com as maneiras orgulhosas e seu comportamento isolado. Keltset tinha sido rápido e mortal ao exterminar o grupo de caça de gnomos, mas, pensando bem, parecia que tinha feito

aquilo por que precisava ser feito e não para agradar o parceiro ou para conseguir as pedras. Shea achava difícil fazer suposições sobre quem Keltset era de verdade, mas tinha certeza de que não era um pária maltratado e ignorado, que fora expulso pelo seu povo como um exilado que todos odiavam.

Era um dia especialmente quente e Shea suava muito. O terreno não tinha se nivelado e atravessar as colinas curvas e persistentes era trabalhoso e demorado. Panamon Creel falava o tempo todo, rindo e brincando com Shea como se fossem velhos amigos, companheiros na estrada das aventuras. Contou a ele sobre as quatro terras, já havia viajado por todas elas, visto os diferentes povos e estudado seus hábitos. Shea percebeu que ele era um pouco vago ao falar sobre as Terras do Oeste e duvidava seriamente que o ladrão tivesse aprendido muito sobre os elfos, mas decidiu que não seria sábio levantar o assunto. Ouviu obedientemente as histórias sobre as mulheres que Panamon havia encontrado em suas viagens, incluindo uma narrativa típica sobre a bela filha de um Rei que ele salvara e pela qual se apaixonara, apenas para perdê-la quando o pai se intrometeu e a levou embora para terras distantes. O jovem suspirou com uma paixão exagerada, rindo por dentro, enquanto o angustiado ladrão concluía confessando que ainda a procurava. Shea afirmou que torcia para que Panamon a encontrasse e que ela o fizesse desistir da vida que levava. O homem o olhou repentinamente, estudando o rosto sério de Shea, e ficou em silêncio por alguns minutos enquanto refletia sobre aquela ideia.

Alcançaram o Passo Jannisson quase duas horas depois. O passo era formado por uma quebra no ponto em que as duas cadeias montanhosas se encontravam, uma passagem ampla e acessível que levava até a vasta planície abaixo. A grande cadeia que vinha do sul era uma extensão dos altos Dentes de Dragão, mas a do norte era desconhecida para Shea. Sabia que as Montanhas Charnal, o lar dos trolls de pedra, ficava em algum lugar ao norte; aquela cadeia poderia ser uma extensão dela.

Aqueles picos desolados e praticamente inexplorados permaneciam há séculos uma terra selvagem habitada apenas pelas colônias ferozes e belicosas dos trolls. Os trolls de pedra eram a maior das raças, mas havia vários outros tipos de trolls vivendo naquela área das Terras do Norte. Se Keltset fosse um bom exemplo de troll de pedra, então Shea imaginava que

eram um povo mais inteligente do que os habitantes das Terras do Sul acreditavam. Parecia um pouco estranho que os próprios compatriotas fossem tão mal informados sobre uma raça que habitava o mesmo mundo. Mesmo os livros que ele estudara quando mais novo descreviam os trolls como ignorantes e bárbaros.

Panamon fez com que parassem de repente na entrada do passo e avançou vários metros, espiando com cuidado as altas encostas dos dois lados, obviamente preocupado com o que poderia estar esperando ali. Depois de um exame de vários minutos, ordenou que Keltset investigasse o passo para se certificarem de que era seguro prosseguir. Logo, o troll avançou e sumiu entre as colinas e rochas. Panamon sugeriu que Shea se sentasse, sorrindo da forma confiante que indicava que o ladrão se achava incrivelmente esperto ao tomar essa precaução extra e evitando qualquer armadilha que os amigos de Shea pudessem ter montado para ele. Apesar de se sentir a salvo com Shea a seu lado, pois tinha certeza de que o jovem sozinho não seria uma ameaça, estava preocupado que seus amigos fossem poderosos o bastante para causar problemas. Enquanto esperava pela volta de seu companheiro, o aventureiro tagarela resolveu começar uma nova história de sua vida arrepiante de assaltante de estradas. Shea achou-a, como as outras, inacreditável e obviamente exagerada. Panamon parecia gostar mais de contar aquelas histórias do que qualquer um poderia gostar de ouvi-las, como se cada uma fosse a primeira e não a centésima. Shea aguentou a história em um silêncio estoico, tentando parecer interessado enquanto pensava no que estava à frente deles. Deveria estar bem perto das fronteiras de Paranor, e quando alcançassem aquele ponto, ficaria sozinho. Teria de encontrar seus amigos, e rápido, se quisesse ficar vivo naquela região. O Lorde Feiticeiro e seus caçadores estariam procurando incansavelmente por qualquer pista dele, e se o alcançassem antes que ele estivesse sob a proteção de Allanon e do resto do grupo, sua morte era certa. Além disso, era possível que já tivessem dominado a Fortaleza dos Druidas e conseguido resgatar a preciosa Espada de Shannara. Talvez a vitória já fosse deles.

Keltset apareceu de repente no passo e sinalizou para que avançassem. Correram até ele e os três prosseguiram. Havia poucos lugares para fazer uma emboscada ao longo do passo; estava claro que não teriam problemas ali. Havia alguns montes de pedras e colinas estreitos, mas nenhum era

grande o bastante para esconder mais do que um ou dois homens. O passo era bem longo e os três levaram quase uma hora para alcançar a outra ponta. Mas foi uma caminhada agradável e o tempo passou rápido. Quando chegaram à entrada norte, puderam ver planícies estendendo-se e, além delas, outra cadeia montanhosa, que parecia correr para o oeste. Os viajantes marcharam para fora do passo até o terreno liso das planícies que estavam em uma espécie de bolso, cercado dos três lados por montanhas e florestas e abrindo-se no oeste, como uma ferradura. As planícies tinham uma camada esparsa de uma grama verde-pálida que crescia em tufos desarrumados sobre a terra seca. Pequenos arbustos chegavam aos joelhos de Shea, retorcidos e curvados. Aparentemente, mesmo na primavera, aquelas planícies nunca eram muito verdes, e pouca vida existia naquele solitário pedaço de terra do outro lado de Paranor.

Shea sabia que estavam se aproximando do destino quando Panamon dirigiu o pequeno grupo para o oeste, mantendo a marcha várias centenas de metros para o norte das montanhas e das florestas à esquerda deles, cuidadoso, para se proteger de qualquer ataque surpresa. Quando o jovem do Vale Sombrio perguntou ao líder escarlata, o ladrão apenas sorriu e assegurou que estavam muito próximos. Perguntar mais seria inútil, e o jovem se conformou em ficar no escuro em relação a onde estavam até que o outro decidisse que era a hora de deixar seu companheiro inesperado prosseguir sozinho. Shea voltou, então, sua atenção para a planície adiante, sua vastidão desolada fascinando e surpreendendo-o. Era um mundo totalmente novo para ele, e, embora estivesse compreensivelmente com medo por sua vida, parecia determinado a não perder nada. Aquela era a fabulosa odisséia que Flick e ele sempre sonharam em fazer, e mesmo que terminasse com os dois mortos e esquecidos, a jornada fracassada e a espada perdida, ainda assim iria ver tudo o que pudesse no tempo que lhe restava.

No meio da tarde, os três já estavam suando, aquecidos no calor insistente da planície descoberta. Keltset caminhava afastado dos outros dois, seu passo firme e inalterado, sua face grosseira sem expressão, seus olhos escuros e pouco amigáveis na luz quente do sol. Panamon parara de falar, dedicado apenas em terminar a caminhada do dia e se livrar de Shea, que começara a lhe parecer um fardo desnecessário. Shea estava cansado e dolorido, sua vitalidade limitada bastante exaurida pelos dois longos dias de

viagem constante. Os três estavam andando sob o sol, desprotegidos na planície aberta, os olhos apertados por causa da luz ofuscante. Ficava cada vez mais difícil distinguir o terreno à frente conforme o sol se aproximava do horizonte, e, depois de um tempo, Shea desistiu, confiando na habilidade de Panamon para levá-los até Paranor. Os viajantes já estavam próximos do final da cadeia montanhosa ao norte, e parecia que, onde as montanhas terminavam, a planície se abria em uma extensão sem fim. Era tão vasta que Shea podia ver a linha lateral do horizonte onde o céu se encostava à terra ressecada. Quando finalmente perguntou se aquela era a Planície de Strelheim, Panamon não respondeu de cara. Porém, depois de alguns minutos de reflexão, assentiu confirmando.

Nada mais foi dito sobre onde estavam ou sobre os planos de Panamon Creel para Shea. Eles saíram do vale de formato de ferradura em direção aos limites a leste das Planícies de Strelheim, uma vasta área que se estendia ao norte e a oeste. A terra logo adiante corria paralela aos penhascos e florestas à esquerda. Surpreendentemente, era cheia de colinas. Não era uma mudança de terreno que pudesse ser percebida quando ainda estavam no vale, mas se notava quando estavam quase em cima. Havia inclusive densos grupos de árvores e de arbustos mais à frente e... algo mais, algo que destoava daquela terra. Os três viajantes viram ao mesmo tempo e Panamon sinalizou bruscamente para que parassem, observando, desconfiado. Shea apertou os olhos na luz forte da terra, cobrindo-os com a mão. Viu uma série de mastros estranhos colocados na terra, espalhados por centenas de metros em todas as direções, com montes de tecidos coloridos e pedaços de metais ou vidro brilhante. Ele mal podia distinguir o movimento de vários pequenos objetos negros entre os tecidos e os destroços. Finalmente, Panamon gritou para quem quer que estivesse à frente. Para surpresa dos três, houve um movimento borrado de asas negras acompanhado dos gritos assustadores de aves carniceiras, enquanto os objetos negros mostravam ser grandes abutres, que subiram ao céu lenta e relutantemente, espalhando-se pela luz do sol.

Panamon e Shea ficaram paralisados e mudos de espanto, enquanto o gigante aproximou-se e espiou cuidadosamente. Logo depois, virou-se e sinalizou de forma agressiva para o parceiro. O ladrão assentiu, sério.

— Houve algum tipo de batalha — anunciou secamente. — Tem homens mortos lá.

Os três foram até o sinistro local da batalha. Shea ficou um pouco para trás, de repente com medo de que as formas retalhadas e imóveis pudessem ser de seus amigos. Identificaram os estranhos mastros assim que avançaram: eram lanças e estandartes de batalhas. Os pedaços brilhantes eram as lâminas de espadas e facas, algumas descartadas pelos que fugiram, outras ainda presas às mãos mortas de seus donos caídos. Os montes de tecido eram homens, suas formas imóveis e espalhadas, banhadas em sangue, cozinhando lentamente no calor do sol. Shea engasgou quando o cheiro da morte chegou ao seu nariz pela primeira vez e seus ouvidos captaram o som das moscas zumbindo ocupadas nas carcaças humanas. Panamon olhou para trás e sorriu sombriamente. Ele sabia que o jovem jamais vira a morte de perto e seria uma lição de que não se esqueceria.

Shea lutou contra o enjoo doentio que tomou seu estômago e forçou-se a se aproximar com os outros dois. Centenas de corpos estavam caídos no pequeno pedaço de terreno acidentado, espalhados sem cuidado em meio à morte. Não havia nenhum movimento, estavam todos mortos. Pela posição aleatória dos corpos e pela falta de um lugar onde estivessem concentrados, Panamon rapidamente concluiu que fora uma longa e amarga luta até a morte, sem pedidos de misericórdia, tampouco quem estivesse disposto a concedê-la. Reconheceu os estandartes dos gnomos imediatamente, e os corpos amarelos eram facilmente reconhecíveis. Mas só quando examinou de perto várias formas amontoadas percebeu que a força adversária fora composta de guerreiros élficos.

Finalmente, Panamon parou no meio dos homens mortos, sem saber o que fazer. Shea só conseguia olhar horrorizado para a carnificina; seus olhos assustados iam automaticamente de um rosto morto para outro, de gnomo para elfo, das feridas abertas para o chão ensanguentado. Naquele momento, soube o que era realmente a morte e teve medo. Não havia nada de aventureco naquilo, nenhum propósito ou escolha, nada além de um desgosto doentio e chocante. Todos aqueles homens tinham morrido por algum motivo insensato, morrido talvez sem sequer saber exatamente o que estavam tentando fazer. Nada valia uma chacina daquelas. Nada.

O movimento repentino de Keltset fez com que voltasse a prestar atenção nos outros dois; então, viu o troll pegar um estandarte caído, a bandeira rasgada e cheia de sangue, o mastro quebrado no meio. A insígnia era de uma coroa sobre uma árvore frondosa cercada de uma guirlanda de ramos. Keltset ficou animado e gesticulou vigorosamente para Panamon. O outro franziu a testa e examinou apressado os rostos ao redor, fazendo um caminho em círculo na parte onde estavam seus companheiros. Keltset olhava por todos os lados, ansioso. Parou de repente quando seus olhos fundos encontraram Shea, aparentemente fascinado com algo que vira em seu rosto. Pouco depois, Panamon estava de volta, uma expressão preocupada nublando o rosto largo.

— Estamos com um grande problema aqui, caro Shea — anunciou solenemente, colocando as mãos no quadril e firmando os pés. — Aquele estandarte é da casa real élfica de Elesedil, a guarda pessoal de Eventine. Não encontrei o corpo dele entre os mortos, porém isso não me tranquiliza em nada. Se alguma coisa aconteceu ao Rei dos elfos, uma guerra de proporções incríveis está para começar. Toda a região irá arder em chamas!

— Eventine! — exclamou Shea, aterrorizado. — Ele estava guardando a fronteira norte de Paranor, caso...

Ele se interrompeu bruscamente, com medo de se entregar, mas Panamon Creel ainda estava falando e parecia não tê-lo ouvido.

— Não faz sentido, elfos e gnomos brigando aqui no meio do nada. O que traria Eventine para tão longe da própria terra? Deviam estar lutando por alguma coisa. Eu não consigo ente... — Ele deixou o pensamento suspenso, ficando em silêncio. De repente, olhou para Shea: — O que você estava dizendo? O que tem Eventine?

— Nada — o jovem do Vale Sombrio gaguejou amedrontado. — Eu não disse...

O ladrão agarrou o indefeso jovem pela túnica, aproximando-se e levantando-o do chão, até seus rostos estarem a centímetros de distância.

— Não tente ser esperto, homenzinho! — O rosto corado e com raiva parecia gigantesco e os olhos ferozes se estreitavam desconfiados. — Você sabe alguma coisa sobre isso tudo. Agora fale. Esse tempo todo, suspeitei que você sabia muito mais do que estava dizendo sobre as pedras e sobre o

motivo daqueles gnomos o terem feito prisioneiro. Agora, o tempo de brincar acabou. Desembuche!

Mas Shea jamais soube qual teria sido sua resposta. Enquanto estava suspenso no ar, debatendo-se violentamente no aperto de aço da mão forte do ladrão, uma imensa sombra negra caiu de repente sobre eles e depois passou em um grande bater de asas. Uma forma monstruosa estava descendo do céu de fim de tarde. Seu corpo escuro e gigantesco desceu lenta e graciosamente para o campo de batalha, a poucos metros deles. Horrorizado, Shea sentiu o medo congelante e familiar correr por ele ao ver aquela forma mortífera. Panamon Creel, ainda enraivecido, porém confuso pela aparição súbita da criatura, deixou que caísse no chão e se virou para encarar o recém-chegado. Shea ficou de pé. Suas pernas tremiam enquanto seu sangue congelava em suas veias e seus sentidos se distorciam de pavor — os últimos vestígios de coragem haviam sumido. A criatura era um dos temidos Portadores da Caveira do Lorde Feiticeiro! Não tinha mais tempo para fugir, eles finalmente o tinham encontrado.

Os olhos vermelhos e cruéis da criatura passaram rapidamente sobre o troll, que permanecera imóvel, pararam por um momento no ladrão de vermelho e depois passaram para o pequeno jovem do Vale Sombrio, queimando sobre ele e sondando seus pensamentos. Panamon Creel, embora ainda estivesse chocado com o surgimento daquele monstro alado, não estava em pânico. Voltou-se para encarar o ser maligno, o sorriso largo e demoníaco espalhando-se devagar em seu rosto corado enquanto erguia um braço, apontando.

— O que quer que você seja, criatura, mantenha distância — avisou, rispidamente. — Meu problema é só com este homem, e não...

Os olhos incandescentes se ficaram nele, cheios de ódio, e de repente, Panamon ficou mudo. Encarou a criatura sombria, chocado e surpreso.

— Onde está a espada, mortal? — a voz grunhiu, de forma ameaçadora. — Posso sentir a presença dela. Dê-me a espada!

Panamon Creel encarou o ser sombrio sem entender por um momento e depois olhou para o rosto apavorado de Shea. Pela primeira vez, percebeu que, por algum motivo desconhecido, aquela terrível criatura era inimiga do jovem. Era um momento perigoso.

— É inútil negar que vocês a têm! — A voz irritante perfurou a mente do ladrão. — Eu sei que está aqui entre vocês e eu preciso dela. É inútil lutar contra mim. A batalha terminou para vocês. O último herdeiro da espada foi levado há muito tempo e destruído. Vocês devem me entregar a espada!

Pela primeira vez, Panamon Creel estava sem palavras. Ele não tinha ideia do que a imensa criatura falava, mas percebeu que não ia adiantar tentar convencê-la disso. O monstro alado estava determinado a acabar com eles de qualquer jeito, e a hora para explicações já tinha passado. O ladrão ergueu o braço esquerdo e ajeitou as pontas de seu pequeno bigode com o espeto de metal. Sorriu com coragem, olhando disfarçadamente para a forma imóvel de seu gigantesco parceiro. Sabiam instintivamente que seria uma luta até a morte.

— Não sejam tolos, mortais! — a ordem veio em um assobio agudo. — Não me importo com vocês, apenas com a espada. Eu posso destruí-los facilmente, mesmo à luz do dia.

De repente, Shea teve um lampejo de esperança. Allanon uma vez dissera que o poder dos Portadores da Caveira diminuía com a luz do dia. Talvez não fossem invencíveis quando o sol brilhasse. Talvez os dois experientes ladrões tivessem uma chance. Mas como poderiam derrotar algo que não era mortal, que era o espírito de um homem morto, uma aparição de existência imortal encarnada em forma física? Por alguns minutos, ninguém se moveu até que, de repente, a criatura deu um passo à frente. Imediatamente, a mão direita de Panamon Creel desembainhou com um movimento rápido como um raio a espada que estava em sua cintura; então, o ladrão se abaixou para atacar. A imensa figura de Keltset avançou alguns passos no mesmo instante, mudando da estátua que parecia para uma máquina de lutar com músculos de ferro, um bastão pesado em uma das mãos, as pernas grossas preparadas para o ataque. O Portador da Caveira hesitou e seus olhos incandescentes se fixaram no rosto do troll de pedra, estudando o ser gigantesco com atenção pela primeira vez. Os olhos rubros arregalaram-se de espanto.

— Keltset!

Restou apenas um instante para ponderar como o Portador podia conhecer o gigante mudo, um simples segundo de descrença e surpresa nos olhos da criatura, refletidos nos de Panamon Creel, e então o troll atacou

rápido. A maçã girava no ar, impulsionada por seu braço direito, atingindo a criatura negra da Caveira diretamente no peito, com um estalo doentio. Panamon já pulava para a frente, a ponta e a espada descendo na direção do peito e do pescoço do Portador. Mas a mortífera criatura das Terras do Norte não seria derrotada tão facilmente. Recuperando-se rapidamente do golpe de Keltset, bloqueou as armas de Panamon com a mão em garra, atirando o homem longe. No mesmo instante, os olhos incandescentes começaram a queimar e soltaram raios de uma luz vermelha e penetrante na direção do ladrão. Ele rolou rapidamente para um lado e os raios o pegaram apenas de raspão, queimando sua túnica e o derrubando de novo. Antes que o atacante conseguisse achar seu alvo para tentar outra vez, a forma gigantesca de Keltset já estava sobre ele, forçando-o contra a terra. Mesmo o grande tamanho do monstro alado ficava pequeno se comparado ao troll enquanto os dois rolavam e lutavam no chão ensanguentado. Panamon ainda estava de joelhos, sacudindo a cabeça atordoada, tentando retomar seus sentidos. Percebendo que precisava fazer alguma coisa, Shea correu até o ladrão caído e agarrou seu braço, desesperado.

— As pedras! — implorou. — Me dê as pedras e eu poderei ajudar!

O rosto abatido virou-se para ele e a expressão familiar de raiva tomou seus olhos enquanto empurrava o jovem de forma rude.

— Cala a boca e fique fora disso — ele rugiu, levantando-se inseguro. — Sem truques, amigo. Apenas fique longe!

Recuperando sua espada caída, correu para ajudar o amigo gigantesco, tentando em vão golpear o encapuzado Portador da Caveira. Por um longo tempo, os três lutaram ferozmente de um lado para outro no campo de batalha, debatendo-se de maneira selvagem sobre os cadáveres de elfos e gnomos. Panamon não era tão forte quanto os outros dois, mas era rápido e extremamente resistente. Pulava para se desviar dos golpes, dançando com agilidade para o lado quando a criatura do norte mandava os raios vermelhos em sua direção. A força incrível de Keltset se mostrara um desafio até mesmo para os poderes espirituais do Portador da Caveira, e o ser maligno estava ficando desesperado. A pele grossa do troll estava chamuscada e queimada em uma dúzia de lugares onde o fogo o atingira, mas o gigante apenas se sacudiu e continuou. Shea queria desesperadamente ajudar, mas se sentia diminuído diante do poder e do tamanho deles, e suas

armas eram inadequadas a ponto de parecerem ridículas. Se ele conseguisse ao menos pegar as pedras...

Por fim, os dois mortais começaram a se exaurir com os ataques incansáveis da criatura espiritual. Seus golpes não tinham mais efeito duradouro e começaram lentamente a perceber que só a força física não destruiria o atacante. Estavam perdendo a luta. De repente, o corajoso Keltset tropeçou e caiu de joelhos. No mesmo instante, a criatura o atacou com sua garra, cortando o troll desprotegido do pescoço até a cintura, jogando-o de costas no chão. Panamon gritou enfurecido e atacou o ser espiritual com selvageria, mas seus golpes foram bloqueados e, em sua pressa, abriu a guarda e ficou momentaneamente vulnerável. O emissário do Lorde Feiticeiro atacou cruelmente, detendo com um braço a mão em ponta enquanto os olhos apertados emitiram seus raios de fogo diretamente no peito do homem. Os raios mortíferos queimaram o indefeso Panamon Creel no rosto e nos braços, atingindo-o com força na altura do peito; ele caiu inconsciente. O Portador da Caveira teria acabado com ele naquele instante, não fosse por Shea, que deixou seus medos de lado em face do perigo que o outro corria e jogou um pedaço de lança na cabeça desprotegida do atacante, atingindo-o em cheio no rosto. As mãos em garra ergueram-se tarde demais para evitar o golpe doloroso e taparam o rosto escuro, furioso, tentando se recuperar. Panamon ainda estava deitado imóvel no chão, mas o resistente Keltset já estava novamente em pé, agarrando a criatura em um aperto agonizante, tentando desesperadamente esmagá-la até a morte.

Havia apenas segundos para agir antes que o monstro estivesse livre de novo. Shea correu até Panamon Creel, gritando para ele se levantar. A figura abatida respondeu com coragem sobre-humana, mas caiu para trás no mesmo instante, cega e exausta. Shea implorou, sacudindo-o até acordá-lo, implorando que lhe desse as pedras. Apenas as pedras poderiam salvá-los; o jovem chorava, desesperado! Era a única chance de sobreviverem! Olhou de novo para os dois combatentes e para seu horror viu que o aperto de Keltset estava perdendo força. Em segundos, o ser maligno estaria livre e seria o fim deles. De repente, a pequena bolsa de couro foi enfiada em sua mão pelo punho ensanguentado de Panamon, e ele novamente tinha suas preciosas pedras.

Pulando para longe do ladrão caído, o jovem abriu as amarras da pequena bolsa de couro e colocou as três pedras azuis na mão aberta. Naquele momento, o Portador da Caveira soltou-se do aperto poderoso de Keltset e virou-se para acabar com a luta. Shea gritou de maneira selvagem, segurando as pedras esticadas na direção do atacante, rezando para que seu estranho poder o ajudasse. O brilho azul ofuscante espalhou-se quando a criatura se virou. Então, o Portador da Caveira viu o herdeiro de Shannara trazer à vida o poder das Pedras Élficas, mas já era tarde demais. Demorou demais para focar seus olhos incandescentes no jovem do Vale Sombrio, os raios vermelhos de luz queimando e brilhando ameaçadoramente. A grande luz azul bloqueou e estilhaçou o ataque, interrompendo-o com um poderoso pulso de energia que alcançou a criatura negra. A luz atingiu o imóvel Portador da Caveira com um estalo agudo, aprisionando-o e drenando o espírito sombrio de sua casca mortal enquanto a criatura se retorcia em agonia, gritando seu ódio pelo poder que o destruía. Keltset se levantou em um pulo, pegou uma lança caída e recuou com sua forma gigantesca. Com os braços estendidos, atravessou, com um impulso para a frente, com a lança as costas da criatura encapuzada. O ser do norte tremeu horrivelmente, revirando-se com um último berro e escorregou devagar para o chão, seu corpo se desfazendo em poeira enquanto encolhia. Em um segundo, ele se fora e apenas uma pilha de cinzas restou. Shea ficou imóvel, as pedras estendidas, a cortante luz azul ainda concentrada na poeira que se agitava em mais um tremor. Do meio delas, surgiu uma nuvem negra que saltou como um fino jato de fumaça e desapareceu no ar. A luz cessou abruptamente. A batalha terminara. Os três mortais jaziam como estátuas em meio ao silêncio e ao vazio do chão ensanguentado.

Por vários segundos, ninguém se moveu. Ainda estavam chocados com o súbito fim do combate violento. Shea e Keltset ficaram encarando a pequena pilha de cinzas negras como se esperassem que a criatura voltasse à vida. Panamon Creel estava caído, exausto, apoiando-se em um cotovelo; seus olhos chamuscados tentando, em vão, entender o que acabara de acontecer. Finalmente, Keltset avançou e cutucou as cinzas do Portador da Caveira com um pé, remexendo-as para ver se algo ficara para trás. Shea observou em silêncio, automaticamente retornando as três Pedras Élficas para a bolsa de couro e colocando-a de volta na túnica. Lembrando-se de Panamon, se

virou rapidamente para checar o ladrão ferido, mas o sulista resistente já estava lutando para ficar sentado, seus olhos castanhos fixos e questionadores no jovem. Keltset apressou-se e gentilmente levantou o companheiro. O homem estava queimado e cortado, seu rosto e seu peito nu enegrecidos e em carne viva em alguns pontos, mas não parecia haver nada quebrado. Ele encarou Keltset por um momento, depois soltou o braço forte do outro e mancou até Shea.

— Afinal, eu tinha razão — rosnou, respirando com dificuldade e sacudindo a cabeça. — Você sabe muito mais do que me contou, especialmente sobre as pedras. Por que você não me contou a verdade desde o começo?

— Você não iria me ouvir — Shea justificou-se. — Além do mais, não me contou a verdade sobre você, ou sobre Keltset. — Parou para olhar diretamente para o imenso troll. — Aliás, não acho que você saiba muito sobre ele também.

O rosto abatido encarou o jovem incrédulo, um largo sorriso espalhando-se lentamente. Era como se o ladrão de repente visse algo de engraçado naquela situação toda, mas Shea pensou ter visto um traço de respeito relutante surgir em seus olhos escuros.

— Talvez você esteja certo. Estou começando a achar mesmo que não sei nada sobre ele. — O sorriso virou uma sonora gargalhada e o ladrão olhou para o rosto inexpressivo do grande troll. Depois, voltou-se para Shea. — Você salvou as nossas vidas, Shea, e este é um débito que jamais conseguirei pagar. Mas vou começar dizendo que as pedras são suas. Não irei mais discutir sobre isso. Mais do que isso, você tem minha promessa de que, se um dia precisar, minha espada e minhas habilidades estarão a seu serviço assim que pedir.

Ele parou exausto para recuperar o fôlego, ainda abalado com os golpes que recebera. Shea correu para oferecer ajuda, porém o ladrão o manteve afastado, sacudindo a cabeça negativamente.

— Presumo que seremos grandes amigos, Shea — murmurou, sério. — Porém, não podemos ser amigos se escondermos coisas um do outro. Acho que você me deve uma explicação sobre essas pedras, sobre a criatura que quase acabou com minha ilustre carreira e sobre essa espada que eu nunca

vi. Em troca, irei esclarecer alguns, ah, mal-entendidos sobre Keltset e sobre mim. Concorda?

Shea franziu a testa, desconfiado, tentando ler além do rosto abatido do homem à sua frente. Por fim, assentiu e conseguiu até mesmo sorrir.

— Bom para você, Shea — Panamon falou animado, batendo no ombro estreito do jovem.

Um segundo depois, o ladrão alto caiu, enfraquecido pela perda de sangue e tonto por tentar se mover rápido demais. Os outros dois correram para seu lado, e, a despeito de seus protestos de que estava muito bem, forçaram-no a ficar deitado enquanto o gigante limpava seu rosto com um pano molhado, do mesmo jeito que qualquer mãe faria com uma criança machucada. Shea estava espantado com a mudança repentina do troll, de uma máquina de matar quase indestrutível para um enfermeiro gentil e zeloso. Havia algo de extraordinário nele, e Shea tinha certeza de que de algum modo Keltset estava ligado ao Lorde Feiticeiro e à busca pela Espada de Shannara. Não fora por acaso que o Portador da Caveira reconhecera o troll. Os dois já haviam se encontrado antes, e não se separaram como amigos.

Panamon não estava inconsciente, mas era óbvio que não possuía condições de ir muito longe sobre as próprias pernas. Tentou se levantar em vão várias vezes, mas o cuidadoso Keltset gentilmente o empurrou para trás. O ladrão irascível xingou com veemência e ordenou que o deixassem se levantar, sem sucesso. Por fim, percebeu que não estava chegando a lugar nenhum e perguntou se podiam tirá-lo do sol para descansar um pouco. Shea olhou ao redor pela planície desolada e rapidamente concluiu que não iriam encontrar abrigo ali. A única sombra a uma distância razoável a pé estava ao sul, na floresta ao redor da Fortaleza dos Druidas, dentro dos limites de Paranor. Panamon dissera antes que não iria se aproximar de Paranor, mas essa decisão não era mais sua. Shea apontou para a floresta, a menos de um quilômetro e meio dali; Keltset acenou em concordância. O homem ferido viu o que Shea estava sugerindo e gritou furioso, dizendo que não seria carregado para aquela floresta, mesmo que isso significasse morrer ali onde estava. Shea tentou convencê-lo, assegurando que seus amigos não seriam uma ameaça se por acaso os encontrasse, mas o ladrão parecia mais perturbado pelos estranhos rumores que ouvira sobre Paranor. Shea teve de

rir ao ouvir aquilo, lembrando-se de Panamon se gabando de todos os perigos arrepiantes pelos quais já passara. Enquanto os dois homens conversavam, Keltset havia levantado e estava examinando o lugar ao redor, aparentemente distraído. Os dois ainda estavam conversando quando ele se aproximou e fez um sinal incisivo para Panamon. O ladrão se assustou, o rosto subitamente pálido enquanto assentia. Shea começou a se levantar preocupado, mas a mão forte do ladrão o segurou.

— Keltset acaba de ver algo se movendo nos arbustos ao sul. Mas, daqui, ele não pode dizer o que é. Está na beira do campo de batalha e na metade do caminho entre nós e a floresta.

Shea ficou imediatamente pálido.

— Deixe suas pedras prontas para o caso de precisarmos delas — ordenou em voz baixa, uma clara indicação de que pensava que poderia ser um segundo Portador da Caveira escondido pelos arbustos, esperando o pôr do sol e uma chance de pegá-los desprevenidos.

— O que vamos fazer? — Shea perguntou, com medo, segurando a pequena bolsa.

— Vamos pegá-lo antes que ele nos pegue, que outra escolha temos? — Panamon declarou irritado, sinalizando para que Keltset o erguesse.

O gigante obediente abaixou-se e ergueu Panamon em seus dois braços. Shea recuperou a espada caída do ladrão e seguiu a forma lenta de Keltset, que ia para o sul com passos calmos e relaxados. Panamon continuou falando enquanto andavam, mandando Shea se apressar, reclamando com Keltset por ser rude demais em seu dever de carregar um ferido. Shea não conseguia relaxar e se contentou em ficar na retaguarda, olhando inquieto para os lados enquanto se moviam, procurando inutilmente por qualquer sinal de movimento que indicasse onde estava o perigo. Na mão direita, apertava com força a bolsa de couro com as valiosas Pedras Élficas, sua única arma contra o poder do Lorde Feiticeiro. Estavam a uns cem metros de onde tinham lutado contra o Portador da Caveira quando Panamon pediu que parassem, reclamando amargamente de seu ombro machucado. Com cuidado, Keltset baixou seu fardo e se ergueu.

— Meu ombro jamais irá se recuperar de tanto descuido com meus tendões e ossos — grunhiu irritado e olhou significativamente para Shea.

No mesmo instante, o jovem entendeu que aquele era o lugar e suas mãos tremiam enquanto soltava os laços da bolsa e retirava as Pedras Élficas. Um momento depois, Keltset estava ao lado do ladrão, que ainda reclamava, com a maça na mão. Shea olhou ao redor apressadamente, seus olhos pousando no grande grupo de arbustos à esquerda dos outros dois. Parecia que seu coração ia sair pela garganta quando um pedaço do arbusto se mexeu de leve.

Keltset se moveu. Com um pulo, girou e saltou para o meio do arbusto, sumindo de vista.

Capítulo XX

Um completo pandemônio começou, em seguida. Um berro terrivelmente agudo soou vindo da moita e toda a massa de arbustos tremeu violentamente. Panamon lutou para ficar de joelhos, pedindo a Shea que lhe jogasse sua espada, que o jovem apavorado ainda segurava com a mão esquerda. Shea ficou congelado no mesmo lugar, a outra mão segurando as Pedras Élficas em prontidão, esperando o ataque que com certeza viria da criatura desconhecida no arbusto. Panamon finalmente caiu, exausto, incapaz de chamar a atenção de Shea e de andar até onde o outro estava. Mais alguns poucos gritos saíram dos arbustos densos, alguma agitação e depois silêncio. Logo depois, Keltset apareceu, a maça ainda em uma das mãos. Na outra, um gnomo que se debatia e se retorcia, o pescoço preso no aperto férreo do troll. O corpo amarelo parecia o de uma criança perto de seu gigantesco captor, braços e pernas se movendo em todas as direções, como cobras apanhadas pelo rabo. O gnomo era um dos caçadores já familiares, vestido com uma túnica e botas de couro; portava ainda uma bainha de espada. A bainha estava vazia e Shea supôs corretamente que a luta nos arbustos envolveu desarmar o sujeitinho. Keltset foi até Panamon, que havia conseguido se levantar até ficar sentado, e ergueu o prisioneiro para inspeção.

— Deixe-me ir, deixe-me ir, malditos! — o gnomo derrotado gritou. — Você não tem esse direito! Eu não estava fazendo nada, nem estou armado. Deixe-me ir!

Panamon Creel olhou para a pequena criatura bem-humorado, sacudindo a cabeça com alívio. E enquanto o gnomo continuava a implorar, o ladrão soltou uma gargalhada.

— Mas que terrível inimigo, Keltset! Ele poderia ter nos destruído se você não o tivesse capturado. Deve ter sido uma batalha incrível! Haha, não posso acreditar. E nós com medo de ser outra daquelas monstruosidades aladas.

Shea não estava tão propenso a se divertir com o incidente, lembrando-se com clareza dos encontros terríveis que seu grupo tivera com as pequenas criaturas amarelas enquanto viajavam por Anar. Eram perigosos e engenhosos, um tipo de inimigo que não classificaria como inofensivo. Panamon olhou ao redor e, ao ver a postura séria do outro, parou de debochar do cativo e voltou sua atenção para Shea.

— Não fique com raiva, Shea. É mais por hábito do que por estupidez que eu rio dessas coisas. Rio para continuar sendo um homem são. Mas chega disso. O que faremos com nosso pequeno amigo, hein?

O gnomo encarou com medo o homem que não ria mais. Seus olhos grandes estavam arregalados e a voz insistente diminuía para um choramingo baixo.

— Por favor, deixem-me ir — implorou, humilde. — Irei embora e não direi nada sobre vocês a ninguém. Farei o que vocês quiserem, meus bons amigos. Apenas me deixem ir.

Keltset ainda segurava o indefeso gnomo pela nuca a quase meio metro de altura na frente de Shea e de Panamon, então, o sujeitinho começou se sufocar violentamente com o aperto. Vendo a dificuldade do prisioneiro, Panamon fez um gesto para Keltset baixá-lo e soltá-lo. Parando um pouco para considerar seriamente o pedido ansioso do gnomo, o ladrão virou-se para Shea e piscou rapidamente, virando de maneira abrupta para o cativo e colocando a ponta de metal no fim de seu braço esquerdo no pescoço amarelo.

— Não vejo nenhum motivo para permitir que você continue vivendo, gnomo, muito menos para libertá-lo — anunciou, ameaçadoramente. — Acho que seria melhor para todos os envolvidos se eu apenas cortasse seu pescoço aqui e agora. Assim, nenhum de nós teria de se preocupar com você.

Shea não acreditava que o ladrão estivesse falando sério, mas sua voz soava como se fosse exatamente aquilo que pretendesse fazer. O gnomo aterrorizado engoliu em seco e estendeu as mãos para a frente, em um último pedido desesperado por piedade. Gemeu e chorou tanto que Shea estava quase sentindo vergonha por ele. Panamon não se moveu, ficou apenas sentado, encarando o rosto do infeliz, o horror estampado em sua expressão.

— Não, não, eu imploro, não me matem — o apavorado gnomo pediu, seus grandes olhos verdes indo de um rosto para outro. — Por favor, por favor, deixem-me viver! Eu posso ser útil, posso ajudar! Posso contar o que sei sobre a Espada de Shannara! Posso até mesmo pegá-la para vocês!

Shea assustou-se involuntariamente com a inesperada menção à espada, e colocou a mão no ombro largo de Panamon para contê-lo.

— Então, você pode falar sobre a espada, não é? — a voz gélida do ladrão soou apenas vagamente interessada, ignorando Shea por completo. — O que você sabe sobre ela?

A esguia figura amarela relaxou um pouco, os olhos voltando ao tamanho normal e observando em volta, ansiosos, agarrando-se a qualquer chance de ficar vivo. Mesmo assim, Shea viu algo mais ali, algo que não conseguia definir. Era quase uma astúcia febril, que se revelou quando o gnomo relaxou seus sentimentos cuidadosamente mascarados por um momento. Um segundo depois, a astúcia já era substituída por um olhar de submissão completa e indefesa.

— Posso levá-los até a espada, se quiserem — sussurrou asperamente, como se tivesse medo de alguém escutar. — Posso levá-los até onde ela está, se me deixarem viver!

Panamon moveu a ponta afiada de sua mão para longe do pescoço do gnomo encolhido, deixando apenas um leve traço de sangue na pele amarela. Keltset não se movera e não dera sinal de estar minimamente interessado no que estava acontecendo. Shea queria avisar Panamon sobre como aquele gnomo era importante se houvesse a menor chance de encontrar a Espada de Shannara, porém, percebeu que o ladrão preferia deixar o prisioneiro no escuro. O jovem não sabia ao certo o quanto Panamon Creel sabia sobre a lenda; até então mostrara pouca preocupação com as raças em geral e não indicara que sabia alguma coisa sobre a história da Espada de Shannara. As feições sérias do ladrão relaxaram por um breve instante e um sorriso leve cruzou seus lábios enquanto olhou para o cativo, que continuava tremendo.

— E essa espada é valiosa, gnomo? — interrogou com calma, quase maliciosamente. — Posso vendê-la, trocá-la por ouro?

— Para as pessoas certas, ela não tem preço — o outro prometeu, acenando, ansioso. — Existem pessoas que pagariam qualquer coisa, dariam

qualquer coisa para colocar as mãos nela. Nas Terras do Norte...

Parou de falar bruscamente, temendo ter dito demais. Panamon sorriu de forma gananciosa e acenou para Shea.

— O gnomo diz que ela pode nos dar dinheiro — debochou. — E o gnomo não mentiria, não é, gnomo? — A cabeça amarela sacudiu com força. — Bem, talvez seja melhor deixarmos você viver bastante para provar que tem algo de valor para trocar por sua pele. Eu não quero jogar fora uma chance de ganhar algum dinheiro simplesmente para satisfazer meu desejo inato de cortar o pescoço de um gnomo quando tenho um ao meu alcance. O que você acha, gnomo?

— Você entendeu perfeitamente, sabe meu valor — gemeu a criatura, curvando-se em adulação aos joelhos do ladrão sorridente. — Posso ajudar, posso fazê-los ricos. Podem contar comigo.

Panamon sorria abertamente agora, seu corpo relaxado e sua mão boa no ombro estreito do gnomo, como se fossem velhos amigos. Ele bateu de leve no ombro encolhido algumas vezes, para tranquilizá-lo, e assentiu, olhando do gnomo para Keltset e para Shea e de volta para o gnomo por alguns segundos.

— Conte-nos o que você estava fazendo aqui sozinho, gnomo — Panamon pediu, pouco depois. — Aliás, qual é seu nome?

— Eu sou Orl Fane, guerreiro da tribo dos Pelle, de Anar — respondeu ansiosamente. — Eu estava em uma missão como mensageiro de Paranor quando encontrei este campo de batalha. Estavam todos mortos, todos eles, e não havia nada que eu pudesse fazer. Então ouvi vocês e me escondi. Estava com medo de serem... elfos.

Parou e olhou temeroso para Shea, notando, perturbado, as feições élficas do jovem. Shea não se moveu, apenas esperou para ver o que Panamon faria. O outro olhou compreensivo para o gnomo e sorriu amigavelmente.

— Orl Fane, da tribo dos Pelle — o ladrão alto repetiu devagar. — Uma grande tribo de caçadores corajosos. — Sacudiu a cabeça, como se lamentasse alguma coisa, e virou-se novamente para o espantado gnomo. — Orl Fane, se vamos ser úteis um para o outro, é preciso confiança mútua. Mentiras só iriam atrapalhar o propósito de nossa parceria. Havia um estandarte dos Pelle no campo, o estandarte de sua tribo na nação dos gnomos. Você deveria estar com eles na hora da luta.

O gnomo ficou sem palavras, uma mistura de medo e dúvida voltando aos poucos a seus olhos verdes e inquietos. Panamon continuou a sorrir tranquilamente para ele.

— Olhe para você, Orl Fane! Você está coberto com gotas de sangue e tem um corte feio na testa. Por que esconder a verdade de nós? Você estava lá, não é? — A voz persuasiva arrancou um rápido aceno de cabeça do outro e Panamon riu. — Claro que estava, Orl Fane. E quando foi cercado pelos elfos, você lutou até ficar ferido, talvez inconsciente, hein? E ficou deitado aqui até nós chegarmos. A verdade é essa, não é?

— Sim, a verdade é essa — o gnomo concordou, ansioso.

— Não, essa não é a verdade!

Houve um momento de silêncio chocado. Panamon ainda estava sorrindo e Orl Fane foi pego entre emoções, um traço de dúvida em seus olhos, um meio sorriso nos lábios. Shea olhou para os dois, curioso, incapaz de acompanhar completamente o que estava acontecendo.

— Escute bem, seu roedor mentiroso! — O sorriso tinha sumido do rosto de Panamon, sua expressão endurecera enquanto falava, a voz fria e ameaçadora: — Você mentiu desde o começo! Um membro dos Pelle usaria a insígnia deles, e você não usa nenhuma. Você não foi ferido em batalha, esse arranhãozinho em sua testa não é nada. Você é um carniceiro, um desertor, não é? Não é?

O ladrão agarrara o gnomo aterrorizado pela túnica de caça e o sacudia com tanta força que Shea podia escutar os dentes batendo. O prisioneiro lutava para respirar, arfando, sem conseguir acreditar naquela mudança súbita.

— Sim, sim!

A confissão foi finalmente arrancada dele, e Panamon o soltou com um empurrão rápido, que o fez voltar para o aperto do vigilante Keltset.

— Um desertor de seu próprio povo — Panamon cuspi as palavras, com nojo. — A forma de vida mais baixa é um desertor. Você estava saqueando este campo de batalha procurando objetos valiosos entre os mortos. Onde está o que achou, Orl Fane? Shea, verifique naqueles arbustos onde ele estava escondido.

Quando Shea avançou na direção do arbusto, o gnomo soltou o berro de horror mais assustador possível, fazendo o jovem pensar que Keltset havia

lhe torcido o pescoço. Mas Panamon apenas sorriu e acenou para que continuasse, certo de que o gnomo tinha mesmo escondido alguma coisa nos arbustos. Shea abriu caminho pelos galhos grossos até o centro da moita, procurando cuidadosamente por qualquer indício de saque. O chão e os galhos no centro estavam muito bagunçados e quebrados pela luta entre Keltset e o gnomo, e não havia nada visível à primeira vista. Procurou por ali durante vários minutos sem sucesso. Estava quase desistindo quando seus olhos capturaram um lampejo, algo semienterrado no outro lado da moita, embaixo de folhas, galhos e sujeira. Usando sua faca de caça e as mãos, rapidamente descobriu um grande saco contendo objetos de metal que tilintaram uns contra os outros enquanto cavava. Gritou para Panamon dizendo que havia descoberto alguma coisa, o que imediatamente disparou outra série de choramingos do desesperado prisioneiro. Quando o saque estava desenterrado, ele o puxou para fora dos arbustos, para a luz do sol que sumia e o jogou na frente dos outros. Orl Fane estava muito agitado e Keltset foi obrigado a usar as duas mãos só para contê-lo.

— O que quer que tenha nesse saco é com certeza importante para nosso amiguinho. — Panamon sorriu para Shea e estendeu a mão para o saco.

Shea foi para o lado e espiou sobre os ombros largos de Panamon enquanto este desamarrava a tira de couro que fechava o saco e ansiosamente pôs a mão no interior escuro. Mudando logo de ideia, o ladrão escarlate tirou a mão e, agarrando a parte de baixo do saco, virou-o de cabeça para baixo, derramando seu conteúdo no chão. Os outros olharam o saque, item por item, curiosos.

— Lixo — Panamon Creel grunhiu depois de uma rápida avaliação. — Só lixo. O gnomo é estúpido demais para se preocupar com coisas de valor.

Shea observou o conteúdo do saco sem responder. Nada além de adagas, facas e espadas, algumas ainda em suas bainhas de couro. Algumas peças de joalheria barata brilhavam sob a luz do sol, e havia uma ou duas moedas gnômicas, que praticamente não tinham valor para qualquer um que não fosse um gnomo. Realmente parecia ser lixo inútil, mas o choroso Orl Fane o considerava valioso. Shea balançou a cabeça, com pena do pequeno gnomo. Ele perdera tudo ao desertar, e tudo que ganhara em troca eram aquelas peças de metal sem valor e joias baratas. E parecia certo que

perderia a vida também, por ter se atrevido a mentir para o temperamental Panamon Creel.

— Não vale a pena morrer por isso, gnomo — Panamon grunhiu, acenando para Keltset, que ergueu a maça para acabar com o sujeito.

— Não, não, espere, espere um minuto, por favor — o gnomo gritou, sua voz trêmula com seu desespero. Era o fim para ele, era seu último pedido. — Não menti sobre a espada, eu juro que não. Eu posso pegá-la para vocês. Não entendem o que a Espada de Shannara vale para o Lorde Feiticeiro?

Sem pensar, Shea colocou uma mão no braço de Keltset. O troll pareceu entender. Lentamente, baixou a maça e olhou intrigado para Shea. Panamon Creel abriu a boca, zangado, e hesitou. Queria saber a verdade sobre a presença de Shea nas Terras do Norte, e o segredo daquela espada tinha muito a ver com isso. Encarou o jovem do Vale Sombrio por um momento, voltou-se para Keltset e deu de ombros, desinteressado.

— Sempre poderemos matar você depois, Orl Fane, se estiver nos enganando de novo. Ponha uma corda ao redor desse pescoço inútil e o traga conosco, Keltset. Shea, se você puder me oferecer a mão para me levantar e um braço para me apoiar, acho que consigo chegar à floresta. Keltset vai ficar de olho em nosso pequeno e esperto desertor.

Shea ajudou o ferido a se levantar e tentou apoiá-lo enquanto dava alguns passos cuidadosos. Keltset amarrou Orl Fane e colocou um pedaço de corda em seu pescoço para que pudesse ser conduzido. O gnomo se deixou amarrar sem reclamar, apesar de estar visivelmente perturbado com alguma coisa. Shea imaginou que o sujeito ainda devia estar mentindo ao dizer que sabia onde podiam encontrar a espada e estava tentando desesperadamente pensar em como se libertar antes que descobrissem sua traição e o matassem. Embora Shea não fosse matar o gnomo, e nem sequer concordasse que isso fosse feito, ainda assim sentia pouca compaixão pela criatura enganadora. Orl Fane era um covarde, um desertor, um carniceiro, um homem sem povo ou nação. Shea tinha certeza de que a atitude humilde e chorosa que o gnomo havia mostrado no começo era uma máscara cuidadosamente estudada para encobrir uma criatura engenhosa e desesperada que ficava escondida. Orl Fane cortaria seus pescoços e não sentiria a menor culpa se acreditasse que não havia perigo nisso. Shea quase

desejava que Keltset tivesse terminado com seus problemas minutos antes, matando a criatura. Shea se sentiria mais tranquilo.

Panamon sinalizou que estava pronto para ir até a floresta, mas, antes que tivessem dado dois passos, os pedidos chorosos de Orl Fane fizeram com que parassem. O infeliz gnomo se recusava a avançar. Queria que o deixassem levar seu saco com os tesouros. Ele prosseguiu em um uivo de protesto tão insistente que Panamon estava prestes a esmagar a cabeça da odiosa criatura amarelada.

— Qual o problema, Panamon? — Shea perguntou, exasperado. — Deixe-o levar essas bugigangas, se isso o fizer feliz. Podemos nos livrar disso depois, quando ele se acalmar.

Panamon sacudiu o rosto bonito, descontente, mas aceitando, ainda que relutante. Ele já estava cheio de Orl Fane.

— Muito bem, vou ceder só desta vez — o ladrão concordou e Orl Fane imediatamente calou-se. — Porém, se ele abrir a boca assim de novo, irei cortar sua língua. Keltset, mantenha-o longe daquele saco. Não quero que ele pegue uma das armas por tempo o bastante para se libertar e vir atrás de nós! Essas lâminas são tão ruins que provavelmente não farão o serviço direito e eu morrerei por envenenamento.

Shea teve de rir, apesar de tudo. As armas tinham uma aparência péssima, embora ele até gostasse da espada larga com punho estendido e uma tocha flamejante gravada, ainda assim, estava bastante maltratada, a pintura fajuta de ouro descascada e lascada no punho. Como muitas outras, permanecia em uma bainha de couro gasto, então era difícil dizer em que condições a lâmina estava. De qualquer jeito, seria perigosa nas mãos do esperto Orl Fane. Keltset ajeitou o saco e seu conteúdo sobre um ombro e o grupo continuou o caminho até a floresta.

Foi uma caminhada curta, mas, quando finalmente chegaram ao perímetro da floresta, Shea estava exausto de suportar o peso de Panamon. O grupo parou ao comando do ladrão, que pensou melhor e mandou Keltset voltar para cobrir a trilha deles e criar várias outras falsas, para confundir quem os estivesse seguindo. Shea não fez objeções, pois, apesar de ter esperanças de que Allanon e os demais estivessem procurando por ele, havia uma perigosa possibilidade de que outros caçadores gnomos ou, ainda pior, outro Portador da Caveira, pudessem encontrar seus rastros.

Depois de amarrar o cativo em uma árvore, o troll voltou pelo mesmo caminho até o campo de batalha para apagar qualquer sinal de sua passagem. Panamon caiu de exaustão, apoiando-se no tronco de um grande carvalho; cansado, Shea ficou à sua frente, deitado tranquilamente em um pequeno monte coberto de grama, olhando, distraído, para a copa das árvores e respirando fundo o ar da floresta. O sol estava sumindo rápido com o fim da tarde e leves traços do começo da noite surgiram no céu a oeste, em tiras de púrpura e azul-escuro. Teriam menos de uma hora de luz do sol, e a noite poderia ajudar a escondê-los de seus inimigos. Shea desejava ardentemente a ajuda do grupo, a forte liderança e o conhecimento místico de Allanon, a coragem dos demais: Balinor, Hendel, Durin, Dayel e o feroz Menion Leah. Mais do que tudo, queria que Flick estivesse com ele, com sua lealdade e confiança inquestionáveis e inabaláveis. Panamon era um bom homem para se ter ao lado, mas não havia nenhum laço verdadeiro entre eles. O ladrão vivera tempo demais dependendo de sua esperteza e malícia para entender a verdade e a sinceridade. E o que dizer de Keltset, um enigma mesmo para Panamon?

— Panamon, você disse que iria me explicar melhor alguns fatos sobre Keltset — Shea lembrou, em voz baixa. — Sobre como o Portador da Caveira o conhecia.

Por um momento, não teve resposta, e Shea se levantou para ver se o outro escutara. Panamon o encarava em silêncio.

— Portador da Caveira? Parece que você sabe muito mais sobre o assunto do que eu. Talvez você possa me falar sobre meu companheiro, Shea.

— O que você me contou quando me salvou dos gnomos não é a verdade, certo? — Shea perguntou. — Ele não foi expulso pelo próprio povo de sua aldeia por ser uma aberração. Ele não os matou por ter sido atacado, não é?

Panamon riu alegremente, a ponta de metal coçando o pequeno bigode.

— Talvez seja a verdade. Talvez essas coisas tenham acontecido com ele. Eu não sei. Sempre supus que tivesse passado por algo assim para aceitar ficar com alguém como eu. Ele não é um ladrão, eu não sei o que ele é. Mas é meu amigo, isso é verdade. Não menti sobre isso.

— De onde ele veio? — Shea perguntou depois de um tempo.

— Eu o encontrei ao norte daqui, dois meses atrás. Ele desceu das Montanhas Charnal abatido, derrotado e quase morto. Eu não sei o que

aconteceu com ele, já que nunca me contou voluntariamente e eu não perguntei. Ele tem o direito de guardar seu passado para si, assim como eu. Tomei conta dele por várias semanas. Eu sabia um pouco da linguagem de sinais e ele a entendia, então conseguimos nos comunicar. Eu adivinhei seu nome por meio de sinais. Aprendemos um pouco um sobre o outro, mas só um pouco. Quando ele melhorou, eu o chamei para vir comigo e ele veio. Tivemos bons momentos, sabe. É uma pena ele não ser de fato um ladrão.

Shea sacudiu a cabeça e riu baixinho com aquelas últimas palavras. Panamon Creel não mudaria nunca. Ele não conhecia outro jeito de viver e nem queria. As únicas pessoas que faziam sentido para ele eram aquelas que mostravam o dedo para o mundo e tomavam à força o que queriam. Ainda assim, a amizade era uma mercadoria valiosa, mesmo para um ladrão, algo que não se deixava de lado facilmente. Shea até começava a sentir uma forma estranha de amizade pelo extravagante Panamon Creel, uma amizade improvável, já que o caráter de cada um e seus valores eram completamente opostos. Mas um entendia o que o outro sentia, apesar de não compreender os motivos, e havia a experiência de uma batalha compartilhada contra um inimigo comum. Talvez isso fosse tudo o que era necessário para começar uma amizade.

— Como pode aquela criatura conhecer Keltset? — Shea insistiu.

Panamon deu de ombros, indicando que não sabia nem se importava. Todavia, o jovem, observador, percebeu que não era o único a estar curioso e que Panamon gostaria muito de saber a verdade por trás da aparição de Keltset, dois meses antes. Seu passado escondido tinha relação com a inesperada reação da criatura espiritual, que reconheceu o troll. Um vestígio de medo passara naqueles olhos cruéis e Shea achava difícil imaginar como um mortal podia assustar o poderoso Portador da Caveira. Panamon também vira, e certamente devia estar se fazendo a mesma pergunta.

Quando Keltset se juntou a eles, o sol estava se pondo e os raios fracos do fim da tarde mal iluminavam a floresta. O troll apagara cuidadosamente todos os sinais da passagem deles, deixando várias trilhas falsas e confusas para quem tentasse segui-los. Panamon se sentia bem o bastante para se mover sozinho, porém pediu para que Keltset o ajudasse até alcançarem um lugar adequado para acamparem, pois estava ficando escuro demais para viajar. Shea ficou com a tarefa de guiar o dócil Orl Fane por sua corda, tarefa

que ele não queria, mas que aceitou sem reclamar. De novo, Panamon tentou deixar o saco e seu conteúdo para trás, mas Orl Fane não seria privado de seus tesouros tão facilmente. Na hora, começou a uivar com tanta angústia que o ladrão ordenou que o amordaçassem até que o único som que o indefeso gnomo conseguisse emitir fosse um grunhido abafado. Quando, porém, adentraram mais a floresta, o prisioneiro desesperado jogou-se no chão e se recusou a se levantar, mesmo com um chute doloroso dado por um Panamon furioso. Keltset poderia ter carregado o gnomo e apoiado Panamon ao mesmo tempo, mas não valia a pena. Resmungando ameaças cruéis contra o gnomo chorão, o ladrão fez Keltset pegar o saco e os quatro começaram a jornada pela floresta que escurecia.

Quando ficou escuro demais para saberem em que direção seguiam, Panamon mandou que parassem em uma pequena clareira entre carvalhos gigantescos, cujos galhos entrelaçados teciam um teto para abrigá-los. Orl Fane foi amarrado em um dos carvalhos enquanto os outros três começaram a fazer fogo e a preparar uma refeição. Quando a comida ficou pronta, Orl Fane foi desamarrado por tempo o suficiente para comer. Embora Panamon não soubesse ao certo onde estavam, sentia-se bastante seguro para acender uma fogueira, quase certo de que ninguém os seguiria de noite. Talvez tivesse se sentido um pouco menos seguro se soubesse dos perigos da floresta impenetrável que cercava os penhascos escuros de Paranor. Os quatro estavam acampados em uma floresta ao lado leste das terras perigosas ao redor da Fortaleza. O lugar onde estavam era raramente cruzado pelos servidores do Lorde Feiticeiro e havia poucas chances de alguém passar por ali e descobri-los.

Comeram em silêncio, cansados e famintos depois do longo dia de viagem. Mesmo os lamentos do chato Orl Fane foram temporariamente suspensos enquanto o pequeno gnomo comia vorazmente, seu rosto amarelo curvado perto do calor do fogo; os olhos verdes indo de um para outro. Shea não estava prestando atenção, concentrando-se no que iria dizer a Panamon Creel sobre si, seu grupo e, o mais importante, sobre a Espada de Shannara. Ele ainda não se decidira quando o jantar terminou. O prisioneiro foi novamente amarrado ao carvalho mais próximo e permitiram que ficasse sem a mordaça depois que prometeu não começar a chorar e a gemer de

novo. Ajeitando-se confortavelmente perto do fogo, Panamon voltou sua atenção para um ansioso Shea.

— Chegou a hora, Shea, de você me contar o que sabe sobre toda essa história da espada — começou, rispidamente. — Sem mentiras, sem meias verdades e sem deixar nada de fora. Prometi ajudar, mas precisamos confiar um no outro, e não do jeito que eu falei para esse prisioneiro. Fui justo e sincero com você. Faça o mesmo por mim.

Então, Shea contou tudo. Não era o que ele pretendia quando começou. Não tinha certeza de quanto deveria contar, mas uma coisa levou a outra, e antes que percebesse, toda a história foi revelada. Falou sobre a chegada de Allanon e a subsequente aparição do Portador da Caveira que forçou os irmãos a fugirem do Vale Sombrio. Relatou os eventos da viagem até Leah e o encontro com Menion, seguidos pela terrível fuga através dos Carvalhos Negros até Culhaven, onde se reuniram ao resto do grupo. Deixou de lado os detalhes da jornada até os Dentes de Dragão, pois sua memória sobre esse percurso ainda estava muito nebulosa. Concluiu explicando como caíra da Ruga no rio, sendo levado até as Planícies de Rabb, onde fora capturado pelos gnomos. Panamon ouviu sem interromper, os olhos arregalados de espanto com a história. Keltset estava ao seu lado em um silêncio impenetrável, o rosto inteligente encarando com atenção o pequeno rapaz do vale durante o tempo todo. Orl Fane movia-se inquieto, resmungando e murmurando ininteligivelmente enquanto escutava com os outros dois, os olhos perscrutando o acampamento, como se o Lorde Feiticeiro fosse surgir a qualquer minuto.

— Essa é a história mais fantástica que já ouvi — Panamon declarou. — É tão incrível que até eu acho difícil de acreditar. Mas eu acredito em você, Shea. Acredito porque eu lutei contra aquele monstro de asas negras na planície e porque eu vi o estranho poder que você tem sobre essas Pedras Élficas. Só que essa coisa da espada e de você ser o herdeiro perdido de Shannara... Eu não sei. Você acredita nisso?

— Eu não acreditei no começo — Shea admitiu. — Mas não sei mais o que pensar. Aconteceu tanta coisa que eu não posso decidir mais em quem, ou no que, acreditar. De qualquer jeito, preciso encontrar Allanon e os outros. Talvez eles já estejam com a espada em mãos. Podem estar com a resposta desse enigma sobre minha herança e sobre o poder da espada.

Orl Fane começou a rir de repente, dobrando-se ao meio, sua voz aguda e frenética.

— Não, não, eles não estão com a espada! — berrou como um louco preso em sua loucura. — Não, não, apenas eu posso lhe mostrar a espada! Eu posso levá-lo até ela. Só eu. Você pode procurar e procurar e procurar, ha ha ha, vá em frente. Mas eu sei onde está! Eu sei com quem está! Só eu!

— Acho que ele está enlouquecendo — Panamon Creel resmungou e mandou que Keltset amordaçasse de novo o gnomo chato. — Iremos descobrir o que ele sabe exatamente de manhã. Se sabe mesmo alguma coisa sobre a Espada de Shannara, o que eu sinceramente duvido, vai nos contar ou desejar ter contado!

— Você acha que ele sabe mesmo quem está com ela? — Shea perguntou, sério. — Essa espada pode significar muito, não só para nós, mas para todos os povos das quatro terras. Precisamos descobrir o que ele sabe de fato.

— Você me deixa com lágrimas nos olhos com esse apelo pelos povos — Panamon debochou, desdenhoso. — Por mim, eles podem se enforcar. Nunca fizeram nada por mim, além de viajarem sozinhos, desarmados e de bolsos cheios, e mesmo assim, muito de vez em quando. — Levantou os olhos e viu o rosto desapontado de Shea. Deu de ombros, desinteressado. — Estou curioso sobre a espada, então posso até ajudar você. Afinal, eu ainda lhe devo um grande favor e não sou pessoa que se esqueça disso.

Keltset terminou de amordaçar o gnomo e juntou-se a eles perto da pequena fogueira. Orl Fane estava dando uma série de pequenas risadas agudas, acompanhadas de resmungos incoerentes que mesmo a mordaca não abafava completamente. Shea olhou inquieto para o pequeno prisioneiro, observando o pequeno corpo amarelo se contorcer como se possuído por algum demônio, os olhos escuros arregalados, revirando-se de maneira selvagem. Panamon ignorou os resmungos elegantemente por um tempo, mas perdeu a paciência e se levantou com um pulo, sacando sua adaga para cortar a língua do gnomo. Orl Fane aquietou-se na hora e esqueceram-se dele por um tempo.

— E por que você acha que aquela criatura pensou que estávamos escondendo a Espada de Shannara? — Panamon perguntou. — É estranho, ele nem sequer discutiu. Disse que podia sentir que estava conosco. Como você explica isso?

Shea pensou um pouco e deu de ombros, inseguro.

— Deve ter sido por causa das Pedras Élficas.

— Sim, pode ser — Panamon concordou devagar, pensativo, a mão boa alisando o queixo. — Sinceramente, eu não entendo nada disso. Keltset, o que você acha?

O gigantesco troll de pedra os encarou solenemente por um momento e depois fez vários sinais breves com as mãos. Panamon observou com atenção e depois se virou para Shea, descontente.

— Ele acha que a espada é muito importante e que o Lorde Feiticeiro é um perigo imenso para todos nós. — O ladrão riu, divertindo-se. — Posso dizer que ajudou muito.

— A espada é muito importante! — Shea repetiu, sua voz sumindo na escuridão.

Então, ficaram sentados em silêncio, perdidos em pensamentos.

Já era tarde da noite, a floresta ao redor estava completamente escura, salvo pela luz fraca das brasas avermelhadas da fogueira. As árvores pareciam um muro, fechando-os na pequena clareira, cercando-os dos sons agudos dos insetos e o grito ocasional de alguma criatura distante. O céu acima se mostrava através dos galhos das árvores em pedaços de azul-escuro quebrado por uma ou duas estrelas longínquas. Panamon continuou falando baixinho por mais alguns minutos enquanto as brasas viravam cinzas. Então, se levantou, chutando-as e esmagando-as na terra, dando boa-noite aos companheiros em um tom que desencorajava qualquer tentativa de conversa. Keltset já estava enrolado em um cobertor e adormecido antes mesmo de Shea ter escolhido um lugar adequado no chão da floresta. O jovem sentia-se incrivelmente cansado pelo esforço do longo dia de caminhada e pela batalha com o Portador da Caveira. Deixando seu cobertor cair no chão, deitou de costas, chutou as botas para descalçá-las e encarou a escuridão acima, através da qual mal podia distinguir os galhos das árvores e as sombras do céu.

Shea pensou em tudo que lhe acontecera, mais uma vez traçando sua longa, interminável jornada desde o Vale Sombrio. Tantas coisas ainda continuavam envoltas em mistério. Chegara tão longe, aguentando tanta coisa, e ainda não sabia tudo o que estava acontecendo. O segredo da Espada de Shannara, o Lorde Feiticeiro, a própria linhagem; nada daquilo estava

mais claro agora do que antes. O grupo estava procurando por ele em algum lugar, liderado pelo místico Allanon, que parecia ser o único com as respostas para essas perguntas. Por que ele não havia contado tudo para Shea, desde o começo? Por que insistira em contar a história ao grupo em pedaços, sempre deixando de lado aquela pequena parte, sempre segurando a chave que os deixaria entender completamente o poder desconhecido incrustado na fugidia Espada de Shannara?

Virou-se de lado, espiando na escuridão a forma adormecida de Panamon Creel, a alguns metros. Mais além, do outro lado da clareira, podia ouvir a respiração pesada de Keltset misturando-se aos sons da floresta. Orl Fane estava sentado com as costas retas, os olhos brilhando como os de um gato, sem se mexer, fixos em Shea. O jovem o encarou de volta por um tempo, perturbado com o olhar do gnomo, mas, por fim, forçou-se a virar para o outro lado e fechar os olhos, adormecendo em segundos. A última coisa de que se lembrou foi de apertar a pequena bolsa das Pedras Élficas mais perto do peito, imaginando se seu poder continuaria a protegê-lo dali em diante.

Shea acordou bruscamente sob a luz cinzenta do começo da manhã na floresta, com um longo desfiar de insultos venenosos e exclamações frustradas de um Panamon Creel furioso. O ladrão batia os pés pelo acampamento em uma ira incontrolável, gritando e amaldiçoando ao mesmo tempo. Shea não conseguiu ver o que tinha acontecido, e demorou vários minutos para limpar o sono dos olhos e se levantar em um dos cotovelos, apertando os olhos na penumbra. Sentia-se como se só tivesse dormido por alguns minutos, os músculos doloridos e distendidos, sua mente nublada. Panamon continuou a andar pela pequena clareira, enquanto Keltset estava ajoelhado perto de um dos carvalhos. Foi quando Shea percebeu que Orl Fane não estava mais ali. Levantou-se de um pulo e correu até onde ele estivera, apavorado. Seus piores medos se confirmaram: as cordas que amarravam o engenhoso gnomo estavam em pedaços na base do tronco largo. O gnomo havia escapado e Shea perdera a única chance de encontrar a espada perdida.

— Como ele fugiu? — Shea perguntou, zangado. — Achei que você o tinha amarrado, longe de qualquer coisa que pudesse cortar as cordas.

Panamon Creel olhou para ele como se fosse um idiota, o desprezo estampado em seu rosto ruborizado.

— E eu pareço um idiota? É claro que o mantive longe das armas! Eu o amarrei nessa maldita árvore e o amordacei como precaução. Onde você estava? O demoniozinho não cortou as cordas nem a mordação. Ele as partiu com os dentes! — Agora era Shea que estava chocado. — Estou falando muito sério, garanto — Panamon continuou, zangado. — As cordas foram mastigadas. Nosso pequeno amigo roedor era mais engenhoso do que eu imaginei.

— Ou talvez mais desesperado — o jovem acrescentou, pensativo. — Eu me pergunto por que ele não quis nos matar. Ele tinha todos os motivos para nos matar.

— Muito pouco caridoso de sua parte sugerir tal coisa — o outro declarou, debochando. — Mas vou lhe dizer, já que perguntou: ele estava apavorado com a ideia de ser pego. Aquele gnomo é um desertor, o pior tipo de covarde. Ele não teve coragem de fazer qualquer outra coisa além de fugir! O que foi, Keltset?

O troll havia se aproximado silenciosamente de seu amigo e fizera vários gestos rápidos, apontando para o norte. Panamon sacudiu a cabeça, contrariado.

— Aquele rato fugiu de manhã cedo, horas atrás. Pior ainda, fugiu para o sul, e não, uma perseguição naquele lugar não seria boa para nós. Seu povo provavelmente vai encontrá-lo e se livrar dele em nosso lugar. Eles não vão proteger um desertor. Ah, ele que se vá. Estamos melhor sem ele, Shea. Ele provavelmente estava mentindo sobre a Espada de Shannara.

Shea assentiu em dúvida, ainda não convencido de que o gnomo mentira sobre tudo. Por mais desequilibrado que fosse, realmente parecia ter certeza de que sabia onde a espada estava e quem estava com ela. Só a ideia de que ele soubesse algo assim deixava Shea nervoso. E se ele tivesse ido atrás da espada? E se soubesse mesmo onde estava?

— Esqueça isso, Shea — Panamon exclamou, resignado. — Aquele gnomo estava morto de medo de nós, só pensava em escapar. A história da espada era só um truque para impedir que nós o matássemos. Olhe só para isso! Saiu com tanta pressa que até esqueceu seu precioso saco.

Pela primeira vez, Shea percebeu o saco caído e parcialmente aberto do outro lado da clareira. Era mesmo estranho que Orl Fane tivesse abandonado seus tesouros depois de ter reclamado tanto para convencer que seus captores lhe deixassem trazê-lo. Aquele saco inútil parecera tão importante para ele, e estava ali, largado, seu conteúdo ainda visível como um pequeno monte debaixo do pano. Shea foi até lá, curioso, olhando fixamente e desconfiado. Derramou o conteúdo no chão da floresta, as espadas, as adagas e as joias tinindo enquanto se amontoavam. Shea observou aquele conteúdo, consciente da forma imensa de Keltset a seu lado, o rosto escuro e inexpressivo perto do seu. Ficaram ali juntos, estudando o tesouro abandonado do gnomo como se ele tivesse algum mistério. O outro companheiro os olhou por alguns segundos, murmurou contrariado, então se juntou a eles, observando as armas e as joias.

— Vamos começar a andar — avisou, tranquilamente. — Temos de encontrar seus amigos, Shea, e talvez com a ajuda deles possamos localizar essa espada fujona. O que vocês estão olhando? Já viram esse lixo antes, ele não mudou.

Foi quando Shea percebeu.

— Mudou sim — anunciou, lentamente. — Se foi. Ele levou.

— O que se foi? — Panamon perguntou irritado, chutando a pilha de lixo.
— Do que você está falando?

— Aquela velha espada na bainha de couro. Com um desenho de tocha.

Panamon olhou rapidamente para as espadas amontoadas, franzindo a testa. Keltset endireitou-se e encarou Shea, seus olhos inteligentes fixos nos do jovem. Ele também percebera.

— Então, ele levou uma espada — Panamon grunhiu, sem parar para pensar. — Isso não quer dizer que ele... — Ele se interrompeu, a boca aberta de espanto, revirando os olhos, sem acreditar. — Ah, não! Não pode ser, não pode. Quer dizer que ele tem...?

Ele não conseguiu terminar a frase, engasgado com as próprias palavras. Shea sacudiu a cabeça, em desespero.

— A Espada de Shannara.

Capítulo XXI

A mesma manhã que encontrou Shea e seus novos companheiros encarando a chocante verdade sobre o gnomo fugitivo e a Espada de Shannara também encontrou Allanon e os demais membros do grupo envolvidos em dificuldades. Eles haviam escapado da Fortaleza dos Druidas com o velho místico os liderando com precisão, descendo pelo labirinto de túneis no coração da montanha até a floresta abaixo. No começo, não haviam encontrado nenhuma resistência durante a fuga e depois, esbarraram em uns poucos gnomos espalhados correndo pelas passagens, remanescentes da guarda que fugira antes. Já era noite quando o pequeno grupo saiu das alturas perigosas e começou a ir para o norte na direção da floresta. Allanon tinha certeza de que os gnomos haviam retirado a Espada de Shannara da Fortaleza antes do encontro com o Portador da Caveira na sala da fornalha, mas era impossível dizer exatamente em que momento isso acontecera. Eventine estava patrulhando o perímetro norte de Paranor e qualquer tentativa de deslocar a espada iria encontrar resistência dos seus soldados. Talvez o rei élfico já tivesse conseguido recuperar a espada. Talvez houvesse encontrado Shea. Allanon estava muito preocupado com o jovem. Havia esperado encontrar Shea na Fortaleza dos Druidas. Não se enganara quando fizera a busca mental pelo jovem, no sopé dos Dentes de Dragão. Shea estava em companhia de outros e se moviam para o norte, na direção de Paranor. Algo os impedira de chegar. Porém, Shea era um rapaz esperto e tinha as Pedras Élficas para protegê-lo contra o Lorde Feiticeiro. O Druida só podia desejar encontrá-lo, de algum jeito, sem maiores complicações, e que, quando isso acontecesse, Shea estivesse são e salvo.

No entanto, Allanon nutria outras preocupações que exigiam atenção imediata. Os reforços dos gnomos começaram a chegar em grande número e não demorou muito para que concluíssem que Allanon e seu pequeno grupo de invasores haviam fugido do castelo e estavam em algum lugar da perigosa

Floresta Intransponível que cercava Paranor. Na verdade, os gnomos não tinham ideia de quem estavam procurando, apenas sabiam que o castelo fora invadido e que os intrusos deveriam ser capturados ou destruídos. Os emissários do Lorde Feiticeiro não haviam chegado, e o Rei da Caveira também não percebera ainda que sua presa escapara de novo. Ele descansava contente nos recônditos sombrios de seus domínios, certo de que o incômodo Allanon fora destruído nas fornalhas de Paranor, que o herdeiro de Shannara e os demais eram prisioneiros e que a Espada de Shannara estava segura, a caminho das Terras do Norte, interceptada por um Portador da Caveira que enviara no dia anterior para ter certeza de que não tomariam sua espada preciosa. Então, os gnomos recém-chegados começaram a vasculhar a floresta ao redor de Paranor para encontrar os intrusos desconhecidos, achando que fugiriam para o sul, enviando a maioria de seus caçadores naquela direção.

Allanon e seu pequeno grupo estavam se movendo para o norte sem se desviar, apesar de seu progresso diminuir de tempos em tempos conforme surgiam grandes grupos de busca de gnomos patrulhando a mata. A pequena companhia jamais teria escapado sem ser detectada se tivessem ido para o sul, mas o número de inimigos era bastante reduzido ao norte, de modo que conseguiam enganá-los, escondendo-se até passarem para depois continuarem andando. Já estava claro quando finalmente alcançaram o limite da floresta e puderam olhar para o norte sobre a fantástica Planície de Strelheim, seus perseguidores ainda atrás deles.

Allanon voltou-se para seus amigos, o rosto escuro estava sério e abatido, mas os olhos ainda brilhavam com determinação. Seus companheiros esperaram enquanto ele os estudava um por um, como se os visse pela primeira vez. Finalmente, falou, com palavras lentas e relutantes:

— Alcançamos o fim da estrada, meus amigos. A viagem até Paranor acabou e é hora de o grupo se desfazer e cada um de nós seguir o próprio caminho. Perdemos nossa chance de conseguir a espada, pelo menos por ora. Shea ainda está desaparecido e não podemos saber quanto tempo demoraremos a encontrá-lo. Mas a maior ameaça que enfrentamos agora é uma invasão do norte. Precisamos nos proteger, e também o povo das Terras do Sul, do Leste e do Oeste. Não vimos sinal dos exércitos élficos de Eventine que deveriam estar patrulhando esta região. Parece que recuaram e

isso só aconteceria se o Lorde Feiticeiro começasse a mover seus exércitos para o sul.

— Então a invasão começou? — Balinor perguntou.

Allanon assentiu, solene, e os outros se entreolharam, assustados.

— Sem a espada, não podemos derrotar o Lorde Feiticeiro, então precisamos tentar parar seus exércitos. Para isso, precisamos unir as nações livres rapidamente. Já pode até ser tarde demais para isso. Brona usará seus exércitos para conquistar o centro das Terras do Sul. Para isso, ele só precisa destruir a Legião da Fronteira de Callahorn. Balinor, a Legião precisa defender as cidades de Callahorn para que as nações tenham tempo de reunir seus exércitos e possam contra-atacar o invasor. Durin e Dayel podem acompanhar você até Tyrsis e de lá viajar para a própria terra no oeste. Eventine precisa fazer seus exércitos atravessarem as Planícies de Streleheim para reforçar Tyrsis. Se perdermos ali, o Lorde Feiticeiro conseguirá colocar uma barreira entre os exércitos e teremos poucas chances de uni-los. Pior ainda, todas as Terras do Sul ficarão abertas e desprotegidas. Os homens jamais conseguirão formar seus exércitos a tempo. A Legião da Fronteira de Callahorn é sua única chance.

Balinor assentiu, concordando, e se virou para Hendel.

— Que apoio os anões podem nos dar?

— A cidade de Varfleet é crucial para o setor oriental de Callahorn — Hendel ponderou cuidadosamente a situação. — Meu povo precisa se proteger de ataques vindos de Anar, mas podemos separar muitos homens para ajudar a defender Varfleet. Mas vocês precisam defender Kern e Tyrsis sozinhos.

— Os exércitos élficos irão ajudá-los no oeste — Durin prometeu na mesma hora.

— Esperem um minuto! — Menion exclamou incrédulo. — E Shea? Vocês o esqueceram, foi isso?

— Vejo que ainda está falando antes de pensar — Allanon disse, soturno.

Menion ficou roxo de raiva, mas esperou para ver o que o místico tinha a dizer.

— Eu não vou desistir de procurar o meu irmão — Flick anunciou.

— Nem eu estou dizendo para você fazer isso, Flick. — Allanon sorriu ao ver sua preocupação. — Você, Menion e eu continuaremos a procurar por

nosso jovem amigo e pela espada desaparecida. Tenho a suspeita de que onde encontrarmos um, encontraremos o outro. Lembrem-se das palavras que foram ditas para mim pela Sombra de Bremen. Shea será o primeiro a colocar as mãos na Espada de Shannara. Talvez ele já esteja com ela.

— Então vamos logo procurá-lo — Menion sugeriu, irritado, evitando os olhos do Druida.

— Partiremos agora — Allanon anunciou, mas logo completou: — Você, porém, deve tomar mais cuidado com sua língua. Um Príncipe de Leah deve falar com sabedoria e prudência, com paciência e compreensão, não com raiva tola.

Menion assentiu, a contragosto. Os sete se despediram com emoções confusas e partiram. Balinor, Hendel e os irmãos elfos viraram para o oeste, depois de passarem pela floresta em que Shea e seus companheiros haviam passado a noite, tentando ladear a Floresta Intransponível e atravessar a região acidentada ao norte dos Dentes de Dragão, para, então, alcançarem Kern e Tyrsis em dois dias. Allanon e seus dois jovens companheiros foram para o oeste, atrás de algum sinal de Shea. Allanon estava convencido de que o jovem, em algum momento, deveria ter vindo para o norte, para Paranor, e talvez fosse prisioneiro em algum dos acampamentos gnomos na região. Resgatá-lo não seria fácil, mas o maior medo do Druida era que o Lorde Feiticeiro soubesse de sua captura e descobrisse quem ele era, executando-o imediatamente. Se isso acontecesse, a Espada de Shannara se tornaria inútil e não teriam outra escolha a não ser confiar na força dos exércitos reunidos das três terras cercadas. Não era um pensamento promissor e Allanon rapidamente voltou sua atenção para a região adiante. Menion andava ligeiramente na frente enquanto viajavam, sua visão aguçada examinando as trilhas e estudando as pegadas de todos que passaram por ali. Estava preocupado com o tempo. Se chovesse, jamais acharia a trilha. Mesmo se o tempo continuasse favorável, as súbitas ventanias que sopravam sobre Streleheim teriam o mesmo efeito da chuva, apagando todos os traços da passagem de alguém. Flick seguia atentamente na retaguarda, andando em um silêncio triste, esperando, apesar de tudo, que encontrassem algum sinal de Shea, porém temia nunca mais rever o irmão.

Ao meio-dia, a planície desolada brilhava com o calor intenso do sol quente, e os três viajantes caminhavam o mais perto possível da beira da

floresta para aproveitarem ao máximo as sombras das grandes árvores. Somente Allanon parecia não se perturbar com o calor terrível, o escuro rosto calmo e relaxado sob a luz escaldante do sol, sem o menor traço de transpiração. Flick sentia que estava prestes a cair de exaustão e mesmo o resistente Menion Leah começava a se sentir mal. Seus olhos estavam secos e embaçados, e seus sentidos estavam começando a lhe pregar peças. Via coisas que não existiam; ouvia e cheirava imagens formadas por seu cérebro confuso com aquela planície fervente.

Por fim, os dois sulistas não estavam aguentando mais e o líder deixou que parassem, levando-os para a sombra fresca da floresta. Em silêncio, comeram uma pequena refeição, sem gosto, de pão e carne seca. Flick queria perguntar a Allanon sobre as chances de Shea ter sobrevivido sozinho naquela região desolada, mas não conseguia formular as perguntas. As respostas eram óbvias demais. Sentiu-se estranhamente sozinho, depois que os outros tinham partido. Nunca se sentira próximo de Allanon; estava sempre perturbado pelas dúvidas insistentes sobre os estranhos poderes do Druida. O místico permanecia sendo uma figura gigantesca e nebulosa, misteriosa e mortífera como os Portadores da Caveira que os perseguiram sem descanso. Ele era como uma personificação do espírito imortal de Bremen, que se erguera no Vale do Xisto. Ele era poder e sabedoria, em uma magnitude tal que não parecia fazer parte do mundo de Flick; parecia pertencer aos domínios do Lorde Feiticeiro, aquele canto assustador e sombrio da mente mortal onde o medo manda e a razão não consegue entrar. Flick não conseguia se esquecer da terrível batalha entre o grande místico e a traiçoeira criatura da Caveira que acabara em um clímax flamejante nas chamas da fornalha abaixo da Fortaleza dos Druidas. Porém, Allanon sobrevivera. Estava vivo quando nenhum outro teria conseguido escapar. Isso era mais do que simplesmente maravilhoso, era aterrorizante. Somente Balinor parecia ser capaz de lidar com o Druida, mas ele se fora e Flick sentia-se sozinho e vulnerável.

Menion Leah estava ainda menos seguro de si mesmo. Ele não estava com medo do poderoso Druida, mas sabia que o gigante não o tinha em alta conta e que só permitira que viesse junto por causa de Shea. Shea acreditara no Príncipe de Leah até mesmo quando Flick duvidara dos motivos do aventureiro. Mas Shea não estava com eles. Menion sentia como se só

precisasse irritar o Druida mais uma única vez para o imprevisível místico se livrar dele de uma vez por todas. Comeu em silêncio, acreditando que a discricção era, naquele momento, o melhor caminho.

Quando acabaram a refeição silenciosa, o Druida acenou para que se levantasse. Novamente, caminharam para o leste seguindo os limites da floresta, os rostos banhados pelo calor cáustico do sol, enquanto os olhos cansados examinavam a desolação procurando por Shea. Daquela vez, andaram apenas quinze minutos antes de avistarem sinais de algo fora do comum. Menion viu a trilha quase imediatamente. Um grande número de gnomos havia passado por ali dias antes, de botas e sem dúvida armados. Seguiram a trilha em direção ao norte por quase um quilômetro. Ao encontrarem uma pequena elevação, localizaram os restos dos elfos e gnomos que haviam morrido em uma batalha. Os cadáveres dos três homens apodreciam onde haviam caído, ainda intocados, a poucos metros. Eles desceram com cuidado até o cemitério de ossos esbranquiçados e carne apodrecida. O cheiro horrível subia em ondas nauseantes. Flick não conseguiu avançar e parou onde estava para observar os outros dois caminhando por entre os corpos.

Allanon vagou em silêncio pelos homens caídos, estudando as armas e os estandartes, olhando apenas de relance para os mortos. Quase no mesmo instante, Menion descobriu um conjunto de trilhas recentes e começou a se mover automaticamente pelo campo de batalha, seus olhos fixos no terreno empoeirado. Flick não podia saber ao certo o que estava acontecendo, mas parecia que o montanhês refazia os próprios passos várias vezes, olhando ao redor em busca de novas trilhas, as mãos finas protegendo os olhos avermelhados. Por fim, virou para o sul na direção da floresta e caminhou devagar de volta para onde Flick estava, a cabeça baixa, pensativo. Parou em uma grande moita de arbustos e ficou apoiado em um joelho, observando algo que lhe despertara o interesse. Deixando de lado por um momento sua aversão pelo campo de batalha e seus cadáveres, o jovem curioso se aproximou. Acabara de alcançar o montanhês quando Allanon, parado no centro do campo de batalha, soltou um grito de surpresa. Os outros dois pararam e observaram em silêncio enquanto a figura alta e escura fixava o olhar para baixo, como se quisesse ter certeza de algo. Virou-se, indo até eles a passos largos. O rosto do místico estava corado de entusiasmo quando

chegou perto deles, que ficaram aliviados ao verem o familiar sorriso debochado se espalhando lentamente.

— Impressionante! É realmente impressionante! Nosso jovem amigo é mais esperto do que pensei. Achei um pequeno monte de cinzas, tudo o que sobrou de um dos Portadores da Caveira. E não foi algo mortal que destruiu aquela criatura, foi o poder das Pedras Élficas!

— Então, Shea esteve aqui antes de nós! — Flick exclamou, esperançoso.

— Mais ninguém tem o poder para usá-las — Allanon assentiu, assegurando-lhe. — Há sinais de uma batalha terrível, rastros que mostram que Shea não estava sozinho. Mas não sei dizer se quem estava com ele era amigo ou inimigo. Nem posso dizer se a criatura do norte foi destruída durante ou depois da luta entre gnomos e elfos. O que você encontrou, montanhês?

— Várias trilhas falsas deixadas por um troll muito inteligente — Menion respondeu, ironicamente. — É impossível dizer muito sobre as pegadas, mas tenho certeza de que um grande troll de pedra esteve aqui neste campo. Ele deixou pegadas por todos os lados, mas nenhuma leva a lugar nenhum. Porém, há indícios de que algum tipo de luta aconteceu dentro desses arbustos. Vejam os galhos quebrados e as folhas caídas recentemente, e, o mais importante, observem estas pegadas de um homem pequeno. Podem ser de Shea.

— Você acha que ele foi capturado pelo troll? — Flick perguntou, com medo.

Menion sorriu diante de sua preocupação e deu de ombros.

— Se ele conseguiu cuidar de uma dessas criaturas da Caveira, então duvido que teria muitos problemas com um troll comum.

— As Pedras Élficas não protegem contra criaturas mortais — Allanon ressaltou, friamente. — Tem alguma indicação clara da direção que esse troll foi?

Menion sacudiu a cabeça negativamente.

— Para ter certeza, precisaríamos ter encontrado as trilhas logo. Essas têm quase um dia que foram feitas. O troll sabia o que estava fazendo. Podemos procurar para sempre e jamais descobrir para que lado ele foi.

Flick sentiu o coração se apertar com essas notícias. Se Shea tivesse sido levado por aquela misteriosa criatura, então haviam chegado a outro beco

sem saída.

— Eu achei outra coisa — Allanon anunciou depois de um tempo. — Encontrei um estandarte da casa de Elesedil, a insígnia pessoal de Eventine. Ele pode ter estado presente na batalha. Talvez tenha sido capturado ou até morto. É possível que os gnomos estivessem tentando escapar de Paranor com a espada e foram interceptados pelo Rei Elfo e seus guerreiros. Se assim foi, talvez Eventine, Shea e a espada estejam nas mãos do inimigo.

— Tenho certeza de uma coisa — Menion declarou. — Essas pegadas de troll e a briga aqui nos arbusto aconteceram ontem, enquanto a luta entre gnomos e elfos foi há vários dias.

— Sim... sim, você está certo, claro — o Druida concordou, pensativo. — Houve uma sequência de acontecimentos aqui que não podemos entender com o pouco que sabemos. Receio que não encontraremos todas as respostas aqui.

— O que faremos agora? — Flick perguntou, ansioso.

— Há uma trilha levando para o oeste, através de Streleheim — Allanon refletiu, olhando naquela direção enquanto falava. — A trilha está meio apagada, mas pode ter sido feita por sobreviventes desta batalha...

Olhou questionador para o silencioso Menion, pedindo sua opinião.

— Nosso misterioso troll não foi por ali — Menion declarou, preocupado. — Ele não se daria o trabalho de fazer um monte de trilhas falsas se fosse deixar uma verdadeira para trás. Não gosto disso.

— Temos alguma escolha? — Allanon insistiu. — A única trilha clara deixando este lugar leva para o oeste. Temos de segui-la e torcer para dar certo.

Flick pensou que tanto otimismo não garantia nada na dura realidade da situação e achou os comentários estranhos vindos do sombrio Druida. Mesmo assim, parecia que não tinham mesmo muita escolha. Talvez quem tivesse deixado aquela trilha pudesse falar alguma coisa sobre Shea. O jovem do Vale Sombrio virou-se para Menion e acenou, concordando em seguir a sugestão do Druida. Notou que o rosto fino do montanhês estava consternado. Claramente descontente com aquela decisão, Menion estava convencido de que havia outra trilha a ser encontrada que diria mais sobre o troll e a criatura da Caveira destruída. Allanon gesticulou para eles, e refazendo seu caminho, começaram a longa marcha através das Planícies de

Streleheim até as terras a oeste de Paranor. Flick deu uma última olhada no campo dos homens dizimados — suas carcaças apodrecendo lentamente no calor fervilhante do sol —, evitado pelo homem e pela natureza em sua morte sem sentido. Sacudiu a cabeça. Talvez aquele fosse o fim de todos eles.

Os três viajantes caminharam para o oeste pelo resto do dia. Falaram pouco, perdidos em pensamentos, os olhos seguindo descuidadamente a trilha apagada adiante, enquanto observavam o sol brilhante ficar vermelho no horizonte e morrer com a noite. Quando ficou escuro demais para continuar, Allanon os levou até a floresta, onde acamparam para passar a noite. O trio havia chegado a um ponto perto da parte noroeste da temida Floresta Intransponível e estavam novamente correndo o risco de serem encontrados por grupos de gnomos ou por matilhas de lobos à espreita. O Druida, determinado, explicou que, embora ainda estivessem correndo algum risco de serem descobertos, achava que a procura por eles já fora deixada de lado em função de assuntos mais urgentes. Devido a uma precaução necessária, não acenderiam fogo nenhum e se manteriam em constante vigilância durante a noite por causa dos lobos. Flick rezou em silêncio para que as matilhas não se aventurassem tão perto da planície, que ficassem no interior sombrio da floresta, próximas da Fortaleza. Comeram uma refeição breve e sem gosto, rapidamente se aprontando para dormir. Menion ofereceu-se para o primeiro turno de vigia. Flick adormeceu em segundos, mas parecia que dormira apenas um instante quando o montanhês o acordou para seu turno. À meia-noite, Allanon aproximou-se sem fazer barulho e ordenou que Flick voltasse a dormir. O jovem estava de guarda a pouco mais de uma hora, mas obedeceu sem questionar.

Quando Flick e Menion acordaram de novo, já era manhã. Nos fracos raios de sol vermelhos e amarelos que penetravam aos poucos na floresta sombria, viram o Druida descansando tranquilamente apoiado em uma árvore alta enquanto os encarava. A figura escura parecia quase fazer parte da floresta, sentado ali, imóvel, os olhos fundos negros nas cavernas abaixo de sua testa. Sabiam que Allanon ficara de vigia para eles a noite toda sem dormir. Parecia impossível que estivesse tão descansado; mesmo assim, ele se levantou sem se espreguiçar, o rosto sério, relaxado e alerta.

Fizeram um desjejum rápido e marcharam para fora da floresta, na direção de Streleheim novamente. Pouco depois, pararam, sem acreditar. À

frente, o céu estava azul-claro com a luz do novo dia, o sol erguendo-se com seu brilho ofuscante sobre as montanhas distantes. Ao norte, porém, estava uma gigantesca muralha de escuridão contra o céu, como se todas as nuvens agourentas de tempestade do mundo tivessem sido reunidas e empilhadas uma em cima da outra para formar uma muralha negra de sombra que subia até se perder na atmosfera curva do horizonte, estendendo-se pelas Terras do Norte, imensa, negra e terrível, seu centro sobre o reino do Lorde Feiticeiro. Parecia anunciar a aproximação inevitável de uma noite sem fim.

— O que será isso? — Menion quase não conseguiu formular a pergunta.

Por um momento, Allanon não disse nada, seu rosto refletindo a escuridão da muralha ao norte enquanto a encarava em silêncio. Os músculos de sua mandíbula pareceram se apertar embaixo da pequena barba negra e os olhos se estreitaram, concentrados profundamente. Menion esperou em silêncio e afinal o Druida percebeu que ele falara; então, se voltou para ele.

— É o começo do fim. Brona sinalizou o começo de sua campanha de conquista. Aquela escuridão terrível irá seguir seus exércitos quando descerem para o sul, depois para o leste e para oeste, até toda a terra estar coberta. Quando o sol tiver sumido sobre todas as terras, a liberdade terá morrido.

— Estamos derrotados? — Flick perguntou depois de um tempo. — Fomos mesmo vencidos? Não temos mais esperanças, Allanon?

Sua voz preocupada atingiu um ponto sensível dentro do Druida, que se virou para ele em silêncio, olhando de forma reconfortante dentro dos olhos arregalados e assustados.

— Ainda não, meu jovem amigo. Ainda não.

Allanon os levou para oeste por várias horas. Depois disso, permanecendo perto da orla da floresta, avisou Menion e Flick para ficarem de olhos abertos para qualquer sinal do inimigo. Os Portadores da Caveira podiam estar voando de dia tão bem quanto de noite, com o Lorde Feiticeiro tendo dado início a seus planos de conquista, sem temer mais a luz do sol, sem tentar mais esconder sua presença. O Mestre parara de se esconder nas Terras do Norte, começava a se mover para as outras terras, mandando seus fiéis espíritos à sua frente, como grandes aves de rapina. Ele lhes daria o poder que precisavam para aguentar o sol, poder que ele reunira naquela

grande muralha escura que cobria seu reino e logo começaria a cobrir todas as terras além. Os dias da luz estavam prestes a acabar.

No meio da manhã, os três viajantes viraram para o sul na planície, mantendo-se perto dos limites a oeste da floresta que cercava Paranor. A trilha que seguiam naquele ponto se misturava com outras que vinham do norte para continuar para o sul, na direção de Callahorn. A trilha que deixavam era larga e clara, não tentavam esconder seu número nem direção. Pela largura e pelas impressões deixadas pelas pegadas, Menion concluía que milhares de homens passaram por ali poucos dias antes. As pegadas eram de gnomos e de trolls, obviamente parte das hordas do Lorde Feiticeiro. Allanon tinha certeza de que um exército gigantesco estava se reunindo nas planícies sobre Callahorn para começar uma limpeza pelas Terras do Sul, que dividiria as terras livres e seus exércitos. A trilha ficara tão obscura com a mistura constante de outros grupos no corpo principal que não era mais possível dizer se um pequeno grupo havia seguido outro caminho. Shea ou a espada poderiam ter tomado um rumo diferente em algum lugar, e seus amigos não conseguiriam perceber, continuando a seguir o exército principal.

Andaram para o sul o dia todo, parando apenas de vez em quando para descansar, pois queriam alcançar a imensa colina de homens antes do cair da noite. A trilha do exército invasor era tão evidente que Menion somente olhava para a terra amassada às vezes e por força do hábito. A desolada Planície de Streleheim mudou para uma pradaria verde. Para Flick, era quase como se estivessem voltando para casa. Como se as colinas familiares do Vale Sombrio estivessem logo além da planície. O tempo estava quente e úmido, o terreno era consideravelmente mais amigável. Ainda estavam longe de Callahorn, mas ficou claro que abandonavam a desolação das Terras do Norte e chegavam ao calor e ao verde de seu lar. O dia passou rapidamente, e os viajantes voltaram a conversar. A pedido de Flick, Allanon falou mais sobre o Conselho Druida. Recontou em detalhes a história da humanidade desde as Grandes Guerras, explicando como a raça havia progredido até sua atual situação. Menion falou pouco, contente em ouvir o Druida e em se manter de vigia, observando com cuidado a área ao redor.

Quando começaram o dia de caminhada, o sol estava quente e brilhante e o céu, azul. No meio da tarde, porém, o tempo mudou de repente, e o brilho

do sol foi substituído por nuvens baixas e cinzentas de chuva, uma atmosfera ainda mais úmida que grudava desconfortavelmente na pele exposta. O ar estava pegajoso e úmido, e não havia dúvidas de que uma tempestade se aproximava. Estavam perto da fronteira sul da Floresta Intransponível, e os picos irregulares dos Dentes de Dragão estavam visíveis no horizonte escuro ao sul. Ainda não havia sinal do exército que viajava à frente deles e Menion começava a se perguntar o quanto já teriam entrado no território ao sul. Não estavam longe da fronteira de Callahorn, que ficava imediatamente abaixo dos Dentes de Dragão. Se os exércitos do norte já tivessem tomado Callahorn, então realmente era o fim. A luz cinza da tarde diminuiu bruscamente e o céu se fechou em uma escuridão pesada.

Anoitecia quando ouviram pela primeira vez o agourento ribombar surgindo na escuridão. O som ecoava nos picos gigantescos adiante. Menion reconheceu na hora, pois já ouvira aquele barulho antes, na floresta de Anar. Era o som de centenas de tambores gnômicos, seu ritmo firme pulsando no ar úmido, enchendo a noite com uma tensão sinistra. A terra sacudia com a força de sua batida e toda a vida ao redor ficou muda de medo e espanto. Menion podia dizer, pela intensidade dos tambores, que eram muitos mais do que os que haviam encontrado no Passo de Jade. Se o exército das Terras do Norte pudesse ser medido pelo som daqueles tambores, então devia haver milhares de soldados. Conforme os três avançavam, o som aterrorizante os envolvia completamente, ressoando ao redor em ecos que os faziam tremer. As nuvens cinzentas do fim da tarde ainda cobriam o céu, deixando-os envoltos em uma escuridão profunda. Menion e Flick não conseguiam mais encontrar o caminho sozinhos. Por isso, o Druida silencioso os liderou com precisão espantosa pelas planícies irregulares além de Paranor. Ninguém falava, congelados como estavam, na apreensão vigilante causada pelo ressoar mortal dos tambores. Sabiam que o acampamento inimigo estava logo à frente.

O terreno mudou de forma brusca, das colinas baixas com arbustos espalhados para encostas íngremes cobertas de rochas e plataformas traiçoeiras. Allanon continuou em frente, sem hesitar, sua figura inconfundível mesmo na escuridão quase completa, e os dois sulistas o seguiam com cuidado. Menion calculou que deviam ter alcançado as montanhas menores e colinas logo acima dos Dentes de Dragão e que

Allanon escolhera aquele caminho para evitar o risco de encontrar os membros do exército do norte. Ainda era impossível saber onde os inimigos estavam acampados, mas, pelo som dos tambores, parecia que estavam bem em cima deles.

As três formas escuras traçaram seu caminho cuidadosamente pela noite por quase uma hora, às vezes tateando às cegas pelas rochas e arbustos. Suas roupas estavam esgarçadas e rasgadas, os membros, expostos, arranhados e machucados, mas o Druida não diminuiu o ritmo nem parou para que descansassem. No final daquela longa hora, parou de repente e virou-se para eles, colocando um dedo sobre os lábios franzidos. Então, cuidadosa e lentamente, os levou até um grande agrupamento de rochas. Por vários minutos, os três escalaram, subindo, sem fazer barulho. De repente, viram luzes à distância, luzes amarelas, bruxuleantes e fracas que vinham de fogueiras acesas. Rastejaram até a beira das rochas. Ao alcançarem uma plataforma de pedra que se projetava à frente do grupo de rochas, eles levantaram a cabeça devagar e olharam, sem respirar.

O que viram era fantástico e aterrador. Até onde a vista alcançava, estendendo-se por quilômetros em todas as direções, as fogueiras do exército das Terras do Norte ardiam na noite.

Eram milhares de pontos amarelos incandescentes na escuridão da planície. Movendo-se atarefadas ao redor da luz brilhante estavam as formas difusas dos retorcidos gnomos e dos gigantes trolls. Havia mulheres também, todos armados, todos esperando para atacar o reino de Callahorn. Era inconcebível para Menion e Flick que mesmo a lendária Legião da Fronteira pudesse ter alguma esperança de resistir diante de uma força tão grande. Era como se toda a população de trolls e gnomos estivesse reunida ali abaixo. Allanon evitara qualquer encontro com patrulhas ou guardas, ao se aproximar pelo limite dos Dentes de Dragão, nas bordas ocidentais. E, naquele momento, os três estavam empoleirados em um ponto de observação vários metros acima do exército acampado. Daquela altura, os chocados sulistas podiam ver toda a força reunida para invadir sua terra natal, pobrememente protegida. Os tambores dos gnomos ressoavam em um crescendo firme enquanto os homens observavam abaixo, os olhos indo de um lado para outro do acampamento, sem acreditar. Pela primeira vez, entendiam totalmente contra o que estavam lutando. Antes, eram apenas as

palavras de Allanon descrevendo a invasão; agora podiam ver o inimigo e julgar por si mesmos. Podiam entender a necessidade desesperada em obter a misteriosa Espada de Shannara; a necessidade de ter o único poder capaz de destruir o ser maligno que fizera aquele exército se materializar e marchar contra eles. Só que já era tarde demais.

Por longos minutos, não disseram nada enquanto olhavam para o acampamento inimigo. Menion tocou Allanon no ombro e começou a falar, mas o Druida tapou rapidamente a boca do surpreso montanhês com a mão e apontou para a base da encosta onde estavam escondidos. Menion e Flick espiaram com cuidado e, surpresos, distinguiram as formas vagas dos guardas gnomos patrulhando próximo de seu esconderijo. Nenhum deles acreditara que o inimigo se incomodaria de colocar guardas tão longe do acampamento, porém, pelo visto, não queriam correr riscos. Allanon gesticulou para que saíssem da beira da rocha e eles obedeceram no ato, seguindo-o enquanto ele descia lentamente até as pedras altas. Assim que chegaram ao pé do grupo de rochas, a salvo da beira da plataforma, o Druida se aproximou para uma sincera reunião.

— Temos de ser muito silenciosos — avisou em um sussurro tenso. — O som de nossas vozes teria ecoado naquele penhasco até as planícies. Aqueles gnomos teriam nos escutado. — Menion e Flick assentiram. — A situação é mais séria do que eu pensei — Allanon continuou, sua voz não era mais do que um murmúrio sombrio na escuridão. — Parece que todos nas Terras do Norte se reuniram aqui para atacar Callahorn. Brona pretende esmagar qualquer resistência das Terras do Sul imediatamente, dividindo os exércitos mais preparados do leste e oeste, para que possa lidar com eles de forma separada. O maldito já controla tudo ao norte de Callahorn. Balinor e os demais precisam ser avisados.

Parou por um momento e depois olhou, cheio de expectativas, para Menion Leah.

— Não posso deixar vocês agora! — Menion exclamou, exaltado. — Tenho de ajudá-los a encontrar Shea!

— Não temos tempo para discutir nossas prioridades — Allanon declarou, quase ameaçadoramente, um dedo levantado como uma adaga apontado para o rosto do montanhês. — Se Balinor não for avisado, Callahorn cairá, e em seguida todo o resto das Terras do Sul também,

incluindo Leah. Chegou a hora de começar a pensar em seu povo. Shea é apenas um homem, e, no momento, não há nada que possa fazer por ele. Mas há algo que você pode fazer por milhares de habitantes das Terras do Sul que podem ser escravizados pelo Lorde Feiticeiro, se Callahorn cair.

A voz de Allanon estava tão fria que Flick sentiu calafrios percorrerem sua espinha. Ele podia sentir Menion ficando tenso em expectativa ao seu lado, mas o Príncipe de Leah ficou quieto ao ouvir aquela censura dolorosa. O Druida e o Príncipe se encararam na escuridão por vários minutos intermináveis, os olhos fixos cheios de raiva. Menion desviou o olhar bruscamente e assentiu. Flick deixou escapar um suspiro de alívio.

— Irei para Callahorn para avisar Balinor — Menion resmungou, sua voz ainda abafada com a raiva. — Mas voltarei para encontrar vocês.

— Faça como quiser, depois que encontrar os outros — Allanon replicou, friamente. — No entanto, tentar voltar pelas linhas inimigas seria no mínimo uma tolice. Flick e eu tentaremos descobrir o que aconteceu com Shea e com a espada. Não iremos abandoná-lo, eu prometo.

Menion olhou de novo para Allanon, sem acreditar, mas os olhos do Druida estavam claros e nada escondiam. Ele não estava mentindo.

— Fique perto destas montanhas menores até você passar pelas barreiras inimigas — o andarilho o aconselhou, em voz baixa. — Quando chegar ao Rio Mermidon, acima de Kern, atravesse-o e entre na cidade antes do amanhecer. Acho que o exército das Terras do Norte vai marchar sobre Kern primeiro. Ela não tem muita chance de ser defendida contra uma força tão grande. As pessoas devem ser levadas para Tyrsis antes que os invasores bloqueiem sua fuga. Tyrsis foi construída sobre um platô, contra a face de uma montanha. Defendida apropriadamente, pode aguentar qualquer ataque por vários dias. Deve ser tempo o bastante para Durin e Dayel alcançarem sua terra e voltarem com o exército élfico. Hendel deve conseguir alguma ajuda das Terras do Leste. Talvez Callahorn resista tempo o suficiente para mobilizarmos e unirmos os exércitos das três terras a fim de contra-atacar o Lorde Feiticeiro. É nossa única chance sem a Espada de Shannara.

Menion acenou, indicando que entendera, e voltou-se para Flick, a mão estendida para se despedir. Flick deu um sorriso fraco e apertou a mão com força.

— Boa sorte, Menion Leah.

Allanon aproximou-se e colocou a mão forte no ombro do montanhês.

— Lembre-se, Príncipe de Leah, nós dependemos de você. O povo de Callahorn precisa ser avisado do perigo que correm. Se hesitarem ou falharem, estarão perdidos, e com eles, todas as Terras do Sul. Não falhe.

Menion virou-se abruptamente, movendo-se como uma sombra para as rochas do outro lado. O Druida e o pequeno jovem do vale ficaram olhando silenciosamente enquanto a figura esguia seguia de forma ágil entre as rochas e depois sumia de vista. Ficaram alguns minutos sem falar nada depois que ele se foi, e então Allanon virou-se para Flick.

— Resta-nos a tarefa de descobrir o que aconteceu com Shea e com a espada — ele falou em uma voz baixa, sentando-se pesadamente em uma pequena rocha. Flick aproximou-se. — Também estou preocupado com Eventine. Aquele estandarte quebrado que encontramos no campo de batalha era pessoal. Ele pode ter sido feito prisioneiro, e se assim foi, o exército élfico pode não querer agir até ele ser resgatado. Eles o amam demais para arriscar sua vida, mesmo para salvar as Terras do Sul.

— Quer dizer que os elfos não se importam com o que acontecerá com as pessoas das Terras do Sul? — Flick não podia acreditar. — Eles não sabem o que vai acontecer com eles se as Terras do Sul caírem?

— Não é tão simples quanto parece — Allanon afirmou, respirando fundo. — Aqueles que seguem Eventine, sabem do perigo, mas existem outros que acreditam que os elfos devem se manter fora dos assuntos das outras terras até serem diretamente afetados ou ameaçados. Com a ausência de Eventine, a escolha não será tão óbvia e o debate sobre o que é certo e apropriado pode atrasar qualquer movimentação do exército élfico até ser tarde demais.

Flick assentiu devagar, lembrando-se de outra vez, em Culhaven, quando um amargo Hendel falara a mesma coisa sobre os habitantes das cidades das Terras do Sul. Parecia incrível que as pessoas pudessem ser tão indecisas e confusas ao encararem um perigo tão óbvio. E era assim que Shea e ele haviam reagido quando souberam sobre o direito de nascença de Shea e a ameaça dos Portadores da Caveira. Só quando viram um deles rastejando, procurando por eles...

— Preciso saber o que está acontecendo naquele acampamento — a voz de Allanon interrompeu os pensamentos de Flick com um tom duro de determinação. Ele parou, pensando por um momento, olhando o pequeno rapaz do vale.

— Meu jovem amigo, Flick... — Ele sorriu de leve na escuridão. — O que você acha de virar um gnomo por algum tempo?

Capítulo XXII

Com Shea ainda perdido em algum lugar ao norte dos Dentes de Dragão, e Allanon, Flick e Menion à procura de pistas concretas sobre seu paradeiro, os outros quatro membros da companhia dividida, finalmente, avistavam as grandes torres da cidade murada de Tyrsis. A arriscada jornada pelas linhas do exército das Terras do Norte levara quase dois dias de caminhada constante, tornando-se ainda mais complicada pela formidável barreira montanhosa que separava o Reino de Callahorn da terra de Paranor. O primeiro dia fora longo, mas sem nenhum incidente, enquanto os quatro seguiam para o sul pela floresta ao lado da Floresta Intransponível, repleta de patrulhas de gnomos, para alcançar as planícies além, que formavam a porta de entrada para os Dentes de Dragão.

Os passos das montanhas eram todos guardados pelos gnomos e parecia ser impossível passarem por eles sem lutar. Um truque simples, porém, afastou a maioria dos guardas da entrada do sinuoso Passo Kennon, dando aos quatro uma oportunidade para entrar nas montanhas. A difícil tarefa de sair do outro lado só foi concluída depois de vários gnomos terem sido despachados em silêncio em um acampamento e mais vinte terem ficado aterrorizados por acreditarem que toda a Legião da Fronteira de Callahorn dominara o passo e estava se dirigindo aos desafortunados gnomos com a intenção de matá-los. Quando finalmente alcançaram a segurança das florestas ao sul do passo, Hendel estava rindo tanto que os quatro foram forçados a parar por um momento até que ele conseguisse se recompor. Durin e Dayel se entreolharam, incertos, lembrando-se do comportamento sério e taciturno do anão durante a viagem até Paranor. Eles nunca o viram rir de nada, e de algum jeito isso parecia deslocado. Sacudiram as cabeças, incrédulos, e olharam questionadores para Balinor. Mas o homem da fronteira apenas deu de ombros. Ele era um velho amigo de Hendel e o temperamento volúvel do anão não lhe era estranho. Era bom ouvir sua risada de novo.

Com o crepúsculo, a luz do sol evanesceu em um tom de púrpura e vermelho, no vasto horizonte das planícies ocidentais. Os quatro estavam parados observando seu destino. Seus corpos estavam cansados e doloridos, suas mentes hábeis entorpecidas pela falta de sono e pela viagem incessante, mas seus espíritos se animaram com uma excitação sem palavras ao verem a majestosa cidade de Tyrsis. Pararam por um instante no limite da floresta que corria ao sul dos Dentes de Dragão até Callahorn. Ao leste, estava a cidade de Varfleet, que guardava a única passagem considerável pelas Montanhas de Runne, uma pequena serra que ficava acima do famoso Lago Arco-íris. O lento Rio Mermidon corria pela floresta logo atrás, acima de Tyrsis. A oeste, estava a pequena cidade insular de Kern, e a nascente do rio estava mais para oeste, na vastidão vazia da Planície Streleheim. O rio era largo, formando uma barreira natural contra qualquer inimigo e oferecendo segurança para os habitantes da ilha. Enquanto o rio corria cheio, o que fazia quase o ano inteiro, as águas eram profundas e rápidas, e nenhum inimigo jamais tomara a cidade.

Embora tanto Kern, cercada pelas águas do Mermidon, quanto Varfleet, acomodada nas Montanhas de Runne, parecessem formidáveis e bem defendidas, era a antiga cidade de Tyrsis que acolhia a Legião da Fronteira, a máquina de lutar precisa que, por incontáveis gerações, defendeu com sucesso as fronteiras das Terras do Sul contra invasões. Era a Legião da Fronteira que sempre sentira o grosso de qualquer ataque contra a raça dos homens, oferecendo a primeira linha de defesa contra os invasores. Tyrsis dera origem à Legião da Fronteira de Callahorn, e era incomparável como fortaleza. A velha cidade fora destruída na Primeira Guerra das Raças, mas havia sido reconstruída e se expandira com os anos, até se tornar uma das maiores cidades das Terras do Sul; de longe, era a mais forte da região norte. Fora planejada como uma fortaleza capaz de aguentar qualquer ataque inimigo, um bastião de muralhas altas e ameias irregulares colocadas em um platô natural contra a face de um penhasco impossível de ser escalado. Cada geração de cidadãos contribuía na construção da cidade, tornando-a cada vez mais formidável.

Setecentos anos antes, a grande Muralha Exterior fora construída no limite do platô, estendendo-se ao máximo que a natureza permitia. Nas planícies férteis, abaixo da fortaleza, ficavam as fazendas e as terras de

plantio que alimentavam a cidade, a terra escura nutrida e sustentada pelas águas vitais do grande Mermidon, que corria para o sul e para leste. As pessoas tinham suas casas espalhadas pelo campo ao redor, confiando na proteção das muralhas apenas quando havia invasões. Durante as centenas de anos que se seguiram à Primeira Guerra das Raças, as cidades de Callahorn haviam repellido com sucesso diversos ataques de vizinhos pouco amigáveis. Nenhuma das três jamais foi tomada por um inimigo. A famosa Legião da Fronteira jamais fora derrotada em batalha. Mas Callahorn nunca havia enfrentado um exército do tamanho do que fora enviado pelo Lorde Feiticeiro. O verdadeiro teste de coragem e força estava vindo.

Balinor olhou para as torres distantes de sua cidade com emoções conflitantes. Seu pai fora um grande Rei e um homem bom, mas estava ficando velho. Por anos, comandara a Legião da Fronteira em sua incessante batalha contra assaltantes gnomos vindos das Terras do Leste. Várias vezes, ele se vira forçado a encarar campanhas longas e custosas contra os grandes trolls das Terras do Norte, quando diversas tribos se moveram para sua terra querendo dominar suas cidades e subjugar o povo. Balinor era o filho mais velho e o herdeiro esperado do trono. Ele estudara muito sob a cuidadosa supervisão de seu pai, e era bem amado pelo povo, cuja amizade só podia ser conquistada através do respeito e da compreensão. Trabalhara ao lado das pessoas de seu povo, lutara e aprendera com eles, para que pudesse sentir o que sentiam e ver o que viam. Amava aquela terra o bastante para lutar por sua sobrevivência, como estava fazendo naquele momento, como fizera por vários anos. Ele comandava um regimento da Legião da Fronteira, que usava sua insígnia pessoal: um leopardo agachado. Eles eram a unidade principal de toda a força. Para Balinor, ter o respeito e a devoção de seu povo era a coisa mais importante de todas. Estivera longe por meses, por escolha própria, partindo em um exílio autoimposto para viajar com o misterioso Allanon e o grupo de Culhaven. Seu pai pedira para que não fosse, implorara para reconsiderar sua decisão. Mas ele estava decidido e não iria mudar de ideia, nem mesmo pelo pai. Franziu a testa e um estranho sentimento de melancolia tomou conta de sua mente ao olhar para a terra natal. Sem perceber, ergueu a mão enluvada ao rosto, a cota de malha fria traçando a linha da cicatriz que descia da sobrancelha direita até o queixo.

— Pensando em seu irmão de novo? — Hendel perguntou, apesar de ser mais uma afirmação.

Balinor olhou para ele, momentaneamente surpreso, e depois assentiu.

— Você precisa parar de pensar nesse assunto, sabe? — o anão declarou, seco. — Ele pode ser uma ameaça de verdade se você insistir em pensar nele como um irmão e não como uma pessoa.

— Não é tão fácil esquecer que o sangue dele e o meu nos fazem mais do que filhos nascidos do mesmo pai — declarou, sombriamente, o homem da fronteira. — Não posso ignorar ou esquecer laços tão fortes.

Durin e Dayel olharam um para o outro, incapazes de compreender o que os outros estavam falando. Sabiam que Balinor tinha um irmão, mas nunca o viram e não ouviram nenhuma menção a ele desde o começo da longa jornada, em Culhaven.

Balinor percebeu o olhar confuso dos dois irmãos e deu um sorriso na direção deles.

— Não é tão ruim quanto parece — assegurou, calmamente.

Hendel sacudiu a cabeça e ficou em silêncio por alguns minutos.

— Meu irmão mais novo, Palance, e eu somos os únicos filhos de Ruhl Buckhannah, o Rei de Callahorn — Balinor disse, sem que ninguém lhe perguntasse, os olhos vagando pela cidade distante como se olhasse para outra época. — Éramos muito próximos quando jovens, tão próximos quanto vocês dois. Mas conforme fomos ficando mais velhos, começamos a pensar diferente... desenvolvemos personalidades diferentes, como todos os indivíduos, irmãos ou não. Eu era o mais velho, logo era o próximo na linha de sucessão. Palance sempre soube, é claro, mas isso nos dividiu quando ficamos adultos, principalmente porque suas ideias sobre como governar não eram iguais as minhas... É difícil explicar, entendem?

— Não é tão difícil — Hendel bufou significativamente.

— Tudo bem, não é tão difícil — Balinor concordou, cansado, ao que Hendel respondeu com um aceno afirmativo da cabeça. — Palance acha que Callahorn deve deixar de servir como uma primeira linha de defesa no caso de um ataque aos povos das Terras do Sul. Ele quer dissolver a Legião e isolar Callahorn do resto da região. Não pudemos concordar nesse ponto...

Sua voz sumiu em um silêncio amargo.

— Conte o resto, Balinor — Hendel falou de novo, friamente.

— Meu desconfiado amigo acredita que meu irmão não é mais senhor de si, que diz essas coisas sem querer. Ele se aconselha com um místico chamado Stenmin, um homem que Allanon acha que não tem honra e que levará Palance à destruição. Stenmin disse a meu pai e a meu povo que meu irmão deveria governar, e não eu. Ele o virou contra mim. Quando parti, até Palance parecia acreditar que eu não tinha condições de governar Callahorn.

— E essa cicatriz...? — Durin perguntou em voz baixa.

— Uma discussão que tivemos antes que eu partisse com Allanon — Balinor respondeu, balançando a cabeça ao pensar de novo naquilo. — Não me lembro de como começou, mas de repente Palance estava furioso, havia ódio em seus olhos. Eu me virei para sair e ele agarrou um chicote da parede, me golpeando e cortando meu rosto com a ponta. Foi por esse motivo que decidi me afastar de Tyrsis por um tempo, para dar a Palance uma oportunidade de reaver a razão. Se eu tivesse ficado depois daquele incidente, nós poderíamos ter...

Novamente, sua voz silenciou de forma agourenta e Hendel lançou um olhar aos dois irmãos que não deixava dúvida do que teria acontecido se os irmãos tivessem outra discussão. Durin franziu a testa, incrédulo, se perguntando que tipo de pessoa ficaria contra alguém como Balinor. O homem alto provara repetidas vezes sua coragem e caráter durante a perigosa viagem até Paranor, e até Allanon confiava nele. Mesmo assim, o irmão havia deliberadamente se virado contra ele por vingança. O elfo sentiu uma profunda tristeza por aquele bravo guerreiro, que voltava à terra natal onde a paz lhe era negada até mesmo pela família.

— Vocês precisam acreditar quando digo que meu irmão nem sempre foi assim, e não acho que ele seja um homem mau — Balinor continuou, como se falasse mais para si mesmo do que para os outros. — Esse místico, Stenmin, tem algum poder sobre Palance que o faz ter surtos de ira, voltando-o contra mim e contra o que ele sabe ser certo.

— Ele é mais do que isso — Hendel interrompeu, rispidamente. — Palance é um idealista fanático, ele quer o trono e se voltou contra você com o pretexto de defender os interesses do povo. Ele está engasgado com seu próprio moralismo.

— Talvez você tenha razão, Hendel — Balinor concordou, calmamente. — Mas ele ainda é meu irmão e eu o amo.

— É isso que o torna tão perigoso — o anão declarou, de pé na frente do homem alto, encarando seu olhar com firmeza. — Pois ele não o ama mais.

Balinor não respondeu, apenas fitou a planície a oeste, na direção da cidade de Tyrsis. Os outros também ficaram em silêncio por alguns minutos, deixando o Príncipe ruminar os próprios pensamentos. Por fim, ele se virou, o rosto calmo e relaxado, como se nada estivesse acontecendo.

— Hora de continuar. Queremos alcançar as muralhas da cidade antes da noite cair.

— Não vou até lá com você, Balinor — Hendel afirmou. — Preciso voltar para minha terra e ajudar o exército dos anões a se preparar contra uma invasão de Anar.

— Bem, você pode descansar esta noite em Tyrsis e partir amanhã — Dayel respondeu, sabendo como estavam cansados e preocupados com a segurança do anão.

Hendel sorriu, pacientemente, e balançou a cabeça.

— Não, preciso viajar de noite nestas terras. Se passar a noite em Tyrsis, irei perder um dia inteiro, e tempo é algo muito precioso para nós. O que dirá se as Terras do Sul vão cair ou se manter em pé será o quão rápido conseguiremos reunir nossos exércitos em uma unidade de luta para contra-atacar o Lorde Feiticeiro. Se Shea e a Espada de Shannara estiverem mesmo perdidos para nós, então os exércitos são tudo o que nos resta. Irei viajar até Varfleet e descansar lá. Cuidem-se, meus amigos. Desejo-lhes toda a sorte nos dias que virão.

— E nós a você, bravo Hendel. — Balinor estendeu a mão larga.

Hendel a apertou calorosamente, e depois as dos irmãos elfos, desaparecendo na floresta com um aceno de despedida.

Balinor e os irmãos esperaram até não conseguir mais vê-lo entre as árvores, então começaram a caminhar através da planície até Tyrsis. O sol já se escondera atrás do horizonte, e o céu se transformara de um vermelho-escuro para o cinza e azul-escuro que sinalizavam a breve chegada da noite. Estavam na metade do caminho quando o céu ficou todo negro, revelando a primeira das estrelas noturnas brilhando em um céu limpo e sem nuvens. Enquanto se aproximavam da famosa cidade, sua forma larga espalhando-se contra o horizonte, o Príncipe de Callahorn descrevia a história por trás de cada prédio de Tyrsis em detalhes para os dois irmãos.

Uma série de defesas naturais protegia a fortaleza. A cidade fora construída em um platô alto, que corria contra uma linha de penhascos pequenos, mas traiçoeiros. Os penhascos ladeavam o platô completamente ao sul e de forma parcial a leste e oeste. Apesar de não serem tão altos ou de aparência tão formidável quanto os Dentes de Dragão ou as Montanhas Charnal das distantes Terras do Norte, eram incrivelmente íngremes. A parte dos penhascos voltada para o norte até o platô subia quase na vertical e ninguém jamais a escalara. Assim, a cidade estava com a retaguarda bem protegida. Nunca fora necessário construir defesas na parte sul. O platô sobre o qual a cidade fora construída tinha pouco mais de cinco quilômetros em seu ponto mais amplo, descendo bruscamente para as planícies que se espalhavam sem ser interrompidas, livres ao norte e a oeste, até o Rio Mermidon, e a leste até as florestas de Callahorn. O ligeiro Rio Mermidon, na verdade, formava a primeira linha de defesa contra invasões, e poucos exércitos tinham conseguido passar daquele ponto e alcançar o platô e as muralhas da cidade. O inimigo que conseguisse atravessar o Mermidon até a planície iria dar de cara com a muralha íngreme do platô, que podia ser defendida de cima. A principal rota de acesso era uma imensa rampa de pedra e ferro, que fora amarrada de forma a cair quando tirassem pinos em seu apoio principal.

Mas mesmo se o inimigo conseguisse alcançar o topo do platô e ali se estabelecer, a terceira defesa o esperava, a defesa que nenhum exército jamais rompera. A apenas duzentos metros da beira do platô e envolvendo a cidade em um semicírculo, indo até o penhasco que protegia o lado sul, estava a monstruosa Muralha Externa. Construída com grandes blocos de pedra unidos com argamassa, sua superfície fora alisada para torná-la impossível de ser escalada sem equipamentos. Erguia-se com quase trinta metros, maciça, impenetrável, feroz. No topo da muralha, ameias foram construídas para os homens lutarem de dentro da cidade, com cortes que permitiam que arqueiros escondidos atirassem em atacantes desprotegidos. Tinha um estilo antigo, cru e áspero, mas havia repellido invasores por quase mil anos. Nenhum exército penetrara na cidade desde sua construção, logo depois da Primeira Guerra das Raças.

Depois da Muralha Externa, a Legião da Fronteira estava acomodada em uma série de casernas compridas, entremeadas por prédios usados para

armazenar armas e comida. Aproximadamente um terço daquela grande unidade ficava em serviço; os outros dois terços ficavam em casa com suas famílias, exercendo outras ocupações, como trabalhadores, artesões ou comerciantes. As casernas estavam equipadas para acomodar o exército inteiro, se fosse preciso, como já acontecera em mais de uma ocasião, mas, naquele momento, estavam ocupadas apenas parcialmente. Afastada das casernas, dos armazéns e do pátio de cortejo, estava uma segunda muralha de pedra, separando as habitações dos soldados da cidade em si. Dentro da segunda muralha, ladeando as ruas sinuosas e ordenadas, ficavam as casas e os comércios da população urbana de Tyrsis, prédios cuidadosamente construídos e mantidos com capricho. A cidade espalhava-se na maior parte do platô, indo da segunda muralha até quase alcançar o penhasco no lado sul. Naquele ponto mais interno da cidade, uma terceira muralha baixa fora construída para marcar a entrada dos prédios do governo e do palácio real, com seu fórum e jardins.

Os parques cheios de árvores ao redor do palácio eram o único cenário silvestre na terra aberta e esparsa do platô. A terceira muralha não fora construída como defesa, mas como uma linha demarcando as propriedades do governo separadas para uso do Rei, e, no caso dos parques, de todo o povo. Balinor desviou-se de sua descrição da construção da cidade por tempo suficiente para indicar aos irmãos elfos que o reino de Callahorn era uma das últimas monarquias iluminadas que ainda existiam no mundo. Apesar de tecnicamente ser uma monarquia governada por um Rei, seu governo também era composto por um corpo parlamentar, cujos membros eram escolhidos pelo povo de Callahorn. O parlamento ajudava o governante a fazer as leis do país. O povo tinha grande orgulho de seu governo e da Legião da Fronteira, na qual a maioria já tinha servido, ou servia, no momento. Era um país em que podiam ser homens livres e isso era algo pelo qual valia a pena lutar.

Callahorn era uma terra que refletia o passado e o futuro. De um lado, suas cidades foram construídas primariamente para serem fortalezas capazes de aguentar os assaltos de vizinhos belicosos. A Legião era uma marca remanescente de tempos antigos, quando as nações recém-formadas estavam sempre em guerra, quando um orgulho quase fanático da soberania nacional resultou em uma longa batalha em terras e fronteiras guardadas

quase que com ciúmes, quando a irmandade entre as pessoas das quatro terras ainda era uma distante possibilidade.

A decoração e a arquitetura, antiquadas e rústicas, não eram encontradas em nenhuma outra cidade que crescia rapidamente nas Terras do Sul, cidades onde culturas mais progressistas e políticas menos belicosas começavam a prevalecer. Mesmo assim, ainda era Tyrsis, com suas muralhas bárbaras e guerreiros de ferro, que protegia as Terras do Sul, dando às outras a chance de se expandirem em novas direções. Também havia indícios do que estava para acontecer naquela terra atraente, sinais de tempos futuros não muito distantes. Havia uma manifestação única no povo de tolerância e de compreensão para com todas as raças e pessoas. Em Callahorn, como em nenhum outro país das protegidas Terras do Sul, um homem era aceito pelo que era e assim era tratado.

Tyrsis era a encruzilhada das quatro terras e através de suas muralhas e territórios passavam membros de todas as nações, dando a seu povo a oportunidade de ver e entender que as diferenças físicas que distinguiam as raças exteriormente eram insignificantes. O povo aprendera a julgar quem a pessoa era por dentro. Um troll de pedra gigante não seria encarado e enxotado por causa de sua aparência grotesca pelo povo de Callahorn; trolls eram comuns naquela terra. Gnomos, elfos e anões de todos os tipos e espécies passavam regularmente por ali, e se fossem amigos, eram bem-vindos. Balinor sorriu ao falar daquele fenômeno, novo e crescente, que começara finalmente a se espalhar por todas as terras, e sentia-se orgulhoso por seu povo ter sido o primeiro a deixar de lado os velhos preconceitos e procurar uma base comum de compreensão e amizade. Durin e Dayel ouviram em concordância silenciosa. Os elfos sabiam o que era estar sozinho em um mundo de gente que não conseguia ver além dos próprios limites.

Balinor terminara e os três amigos saíram da grama alta da planície para uma estrada larga. A estrada seguia à frente na escuridão em direção ao platô que crescia contra o horizonte. Estavam perto o bastante para distinguir as luzes da cidade e o movimento de pessoas na rampa. A entrada através da imensa Muralha Externa estava delineada pela luz de tochas, os portões gigantes abertos pelas dobradiças bem lubrificadas e guardados por várias sentinelas vestidas de preto. No pátio interno, brilhavam as luzes da

caserna, mas havia uma ausência de gargalhadas e brincadeiras que Balinor achou estranha. As vozes que conseguiam escutar eram baixas, quase abafadas, como se ninguém quisesse ser ouvido. O homem alto espiou à frente com atenção, preocupado de repente que algo estivesse errado, porém não conseguiu detectar nada fora do comum, além do silêncio. Tirou o assunto de sua cabeça.

Os irmãos seguiram sem dizer nada enquanto o determinado Balinor subia até a forma escura. Várias pessoas passaram por eles enquanto subiam, e aqueles que prestaram atenção, encararam o Príncipe de Callahorn, claramente chocados. Balinor não percebeu aqueles estranhos olhares, preocupado em alcançar a cidade, mas os irmãos não deixaram escapar nada e se olharam como em um aviso silencioso. Havia algo muito errado. Momentos depois, ao alcançarem o platô, Balinor parou, alarmado. Observou com cuidado os portões da cidade e depois olhou ao seu redor, para os rostos anuviados das pessoas, que se espalhavam na noite rapidamente e sem uma palavra ao descobrirem quem ele era. Por um tempo, os três ficaram paralisados e em silêncio, vendo os poucos passantes desaparecerem na escuridão, deixando-os sozinhos.

— O que está acontecendo, Balinor? — Durin finalmente perguntou.

— Não tenho certeza — o Príncipe respondeu, incomodado. — Olhem para as insígnias daqueles guardas no portão. Nenhum deles usa o símbolo do leopardo, o estandarte da minha Legião da Fronteira. Usam o símbolo de um falcão, uma marca que eu não reconheço. As pessoas também... Vocês repararam nos olhares?

Os elfos assentiram ao mesmo tempo, os olhos observando o entorno com apreensão.

— Não importa — o homem declarou. — Esta ainda é a cidade de meu pai e este é meu povo. Saberemos o que está acontecendo quando chegarmos ao palácio.

Novamente, dirigiu-se aos mastodônticos portões da Muralha Externa, os elfos um passo atrás dele. O Príncipe não fez nenhum esforço para esconder o rosto ao se aproximar dos quatro guardas armados, e a reação deles foi a mesma dos transeuntes. Não fizeram nenhum movimento para impedir o Príncipe e não falaram um com o outro, mesmo assim um deles abandonou apressadamente o posto e desapareceu pelos portões da Muralha Interna,

nas ruas da cidade. Balinor e os elfos passaram pela sombra da entrada do portão, que parecia suspenso na escuridão acima deles como um monstruoso braço de pedra. Passaram pelos portões abertos e pelos guardas até o pátio do outro lado, onde puderam ver as casernas baixas e espartanas que abrigavam a famosa Legião da Fronteira. Havia poucas luzes acesas ali e as casernas pareciam abandonadas. Alguns homens espalhados pelo pátio usavam a insígnia do leopardo, mas não usavam armaduras nem estavam armados. Um os encarou quando pararam no centro do pátio e assustou-se, incrédulo, chamando os companheiros com um grito alto. A porta de uma das casernas se abriu de repente e um soldado veterano grisalho apareceu, encarando Balinor e os elfos. Ele deu uma ordem breve e os soldados voltaram relutantemente ao que estavam fazendo, enquanto ele se aproximava depressa dos recém-chegados.

— Meu Lorde Balinor, você veio, finalmente — o soldado exclamou, a cabeça curvando-se de leve ao ficar em posição de sentido na frente de seu comandante.

— Capitão Sheelon, é bom vê-lo. — Balinor apertou a mão do veterano. — O que está acontecendo na cidade? Por que os guardas usam o símbolo de um falcão e não o do nosso leopardo lutador?

— Meu Lorde, a Legião da Fronteira recebeu ordens de dispensa! Poucos de nós ainda estão em serviço, os outros voltaram para suas casas!

Eles encararam o homem como se ele fosse louco. A Legião da Fronteira fora dissolvida no meio da maior invasão que já havia ameaçado as Terras do Sul? Ao mesmo tempo, quase como se fossem um só, eles se lembraram das palavras de Allanon dizendo que a Legião da Fronteira era a única esperança que restava ao povo das terras ameaçadas, que a Legião da Fronteira conseguiria, mesmo que por algum tempo, atrasar a força espantosa reunida pelo Lorde Feiticeiro. Mas o exército de Callahorn estava misteriosamente disperso...

— Por ordem de quem? — Balinor perguntou, a fúria começando a nascer.

— De seu irmão — o veterano grisalho declarou. — Ele ordenou que os próprios guardas assumissem nossas tarefas e que a Legião se dissolvesse até nova ordem. Lordes Acton e Messaline foram até o palácio implorar ao Rei

que reconsiderasse, mas não voltaram. Não havia nada que pudéssemos fazer além de obedecer...

— Todos enlouqueceram? — o furioso Príncipe perguntou, agarrando a túnica do soldado. — E meu pai, o Rei? Ele não governa mais esta terra nem comanda a Legião da Fronteira? O que ele diz desse jogo tolo?

Sheelon desviou o olhar, escolhendo as palavras da resposta que temia dar. Balinor o sacudiu com violência.

— Eu... eu não sei, meu Lorde — o homem murmurou, ainda tentando desviar os olhos. — Ouvimos dizer que o Rei estava doente e depois mais nada. Seu irmão declarou-se governante na ausência do Rei. Isso faz três semanas.

Balinor soltou o homem em silêncio, chocado, e fitou, distraído, as luzes do palácio distante, o lar para o qual ele voltara com tantas esperanças. Deixara Callahorn por causa de uma divergência com o irmão, mas sua partida só piorara as coisas. Precisava encarar o imprevisível Palance nas condições que o irmão criara, encará-lo e persuadi-lo, de algum jeito, que era tolice dispensar a Legião da Fronteira, da qual precisavam desesperadamente.

— Precisamos ir agora mesmo até o palácio e falar com seu irmão — a voz ansiosa e impaciente de Dayel interrompeu seus pensamentos. Ele olhou o jovem elfo por um momento, se lembrando de repente da pouca idade de seu irmão. Seria muito difícil fazer Palance ver a razão.

— Sim, claro, você tem razão — concordou, distraído. — Precisamos ir até ele.

— Não, você não deve ir até lá! — o grito agudo de Sheelon os fez ficarem parados. — Os que foram não saíram. Há rumores de que seu irmão o declarou traidor, dizem que conspirou com o maligno Allanon, o andarilho negro que serve a poderes sombrios. Disseram que você deve ser preso e executado!

— Isso é ridículo! — o homem da fronteira exclamou. — Eu não sou traidor e até meu irmão sabe disso. E sobre Allanon, ele é o melhor amigo e aliado que as Terras do Sul jamais terão. Preciso ir até Palance e falar com ele. Podemos não concordar, mas ele não iria aprisionar o próprio irmão. Ele não tem poder para isso.

— A menos que, talvez, seu pai esteja morto, meu amigo — Durin alertou. — Agora é hora de ser prudente, antes de entrarmos nos limites do palácio. Hendel acredita que seu irmão esteja sob a influência do místico Stenmin, e se for esse o caso, você pode estar enfrentando um perigo maior do que percebe.

Balinor parou e assentiu, concordando. Explicou rapidamente a Sheelon a iminente ameaça a Callahorn, contou sobre a invasão vinda das Terras do Norte, enfatizando que a Legião da Fronteira seria vital para a defesa de seu lar. Depois agarrou os ombros do velho soldado e se aproximou.

— Você irá esperar meu retorno ou a vinda de um mensageiro meu por quatro horas. Se eu não aparecer nem mandar notícias dentro desse prazo, você procurará os Lorde Ginnisson e Fandwick; a Legião da Fronteira deve ser reunida imediatamente! Vá até o povo e peça que meu irmão faça um julgamento aberto de nosso caso. Ele não poderá recusar. Mande também mensagens para o oeste e o leste, para as nações dos elfos e dos anões, informando que somos prisioneiros, tanto eu quanto os primos de Eventine. Você irá se lembrar de tudo o que eu disse?

— Sim, meu Lorde — o soldado assentiu, ansioso. — Farei como ordena. Que a Sorte lhe acompanhe, Príncipe de Callahorn.

Ele se virou e desapareceu nas casernas, enquanto um impaciente e enraivecido Balinor se encaminhava para o interior da cidade. Mais uma vez, Durin sussurrou para o irmão mais novo, pedindo que ficasse fora das muralhas da cidade até que soubesse o que aconteceria com Balinor e com ele, porém Dayel se recusou a ser deixado para trás. Durin sabia que seria inútil discutir mais e finalmente deu a Dayel o direito de acompanhá-los. O elfo esguio ainda não completara vinte anos e sua vida estava apenas começando. Todos os membros do pequeno grupo que saíra de Culhaven desenvolveram um tipo especial de afeto por Dayel, o amor protetor que amigos próximos sempre sentem pelo mais novo. Sua franqueza jovem e amizade fácil eram qualidades raras em uma época onde a maioria dos homens vivia cercada de suspeita e desconfiança. Durin sentia medo, pois Dayel ainda era jovem e tinha muito a viver. Se o rapaz fosse ferido, sabia que uma parte irreparável de si mesmo estaria perdida. Durin observou o irmão em silêncio enquanto as luzes de Tyrsis queimavam na escuridão à frente.

Logo depois, os três atravessaram o pátio e cruzaram os portões da Muralha Interna para as ruas da cidade. Mais uma vez os guardas os encararam espantados, mas não se moveram para impedir a entrada dos viajantes. Balinor parecia crescer conforme os três prosseguiram pelo Caminho Tyrsiano, a principal rua da cidade, sua forma escura enrolada no manto de caça, a cota de malha brilhando nos punhos e pescoço expostos. Parecia ainda mais alto do que antes. Não era mais o viajante cansado no fim de sua jornada, mas o Príncipe de Callahorn voltando para casa. As pessoas o reconheciam na hora, no começo parando e encarando como os outros nos portões exteriores; depois, reunindo coragem com sua atitude orgulhosa, passaram a correr atrás dele, ansiosos para lhe darem as boas-vindas.

A multidão aumentou de umas poucas dúzias para várias centenas, conforme o filho predileto de Callahorn marchava corajosamente pela cidade, sorrindo para quem o seguia, mas se apressando para alcançar o palácio. Gritos e vivas erguiam-se ensurdecedores do meio do povo, passando de algumas vozes espalhadas para um único cântico, aclamando o nome do homem da fronteira. Alguns na multidão conseguiram se aproximar do homem determinado, sussurrando avisos agourentos. Mas o Príncipe não escutava mais palavras cautelosas; balançando a cabeça depois de cada aviso, continuou.

A multidão crescente passou pelo coração de Tyrsis, aglomerando-se embaixo dos arcos gigantes e nas passarelas acima, empurrando-se pelas partes mais estreitas do Caminho Tyrsiano, passando pelos prédios altos de paredes brancas e pelas pequenas residências até a Ponte de Sendic, onde começavam os níveis mais baixos dos parques. Do outro lado, estavam os portões do palácio, escuros e fechados. No alto do amplo arco da ponte, o Príncipe de Callahorn virou-se de repente para encarar a multidão que ainda o seguia fielmente e ergueu as mãos, em um gesto para que parassem. Foi o que fizeram, obedientes, suas vozes se silenciando quando a figura alta se dirigiu a eles.

— Meus amigos. Meus compatriotas — a voz orgulhosa ressoou na penumbra, ecoando como um trovão. — Senti saudades desta terra e de seus corajosos cidadãos, mas voltei para casa e não irei partir novamente. Não há por que ter medo. Esta terra irá se manter pela eternidade! Se há problemas

na monarquia, eu devo encará-los. Vocês devem voltar para suas casas e esperar para que a manhã mostre, em uma luz melhor, que tudo está bem. Por favor, voltem para suas casas, pois devo voltar para a minha!

Sem esperar para avaliar a reação da multidão, Balinor virou-se e continuou pela ponte, na direção dos portões do palácio, os elfos ainda em seus calcanhares. A voz do povo ergueu-se de novo atrás dele, mas a multidão não os seguiu, apesar de muitos quererem acompanhá-lo. Obedientes a seu comando, eles se viraram devagar, alguns ainda gritando seu nome em desafio ao palácio silencioso, embora outros resmungassem profecias tenebrosas do que aguardava o homem alto e seus dois amigos dentro do lar imperial.

Os três viajantes rapidamente sumiram de vista e o povo começou a descer a encosta do arco alto da ponte em passos velozes e determinados. Em minutos, alcançaram os portões altos do palácio dos Buckhannahs. Balinor nem sequer hesitou, esticou a mão para o imenso anel de ferro preso na madeira e o bateu com força contra o portão fechado, em batidas trovejantes. Por um instante, não houve nenhum outro som, enquanto os homens ficaram na escuridão do lado de fora, ouvindo com uma mistura de raiva e apreensão. Uma voz de dentro pediu que se identificassem. Balinor disse seu nome e um comando ríspido para que abrissem logo os portões. Em um instante, as trancas pesadas foram erguidas e os portões se abriram para deixarem os três passar. Balinor foi para o jardim sem sequer olhar para os guardas silenciosos, seus olhos fixos no prédio magnífico e cheio de colunas do outro lado. As janelas altas estavam escuras, exceto as do piso térreo na ala esquerda. Durin gesticulou para Dayel ir à frente, aproveitando a oportunidade para perscrutar as sombras ao redor, e rapidamente descobriu uma dúzia de guardas bem armados. Todos usavam a insígnia do falcão.

O elfo observador soube no mesmo instante que estavam caindo em uma armadilha, como antecipara quando entraram na cidade. Seu primeiro impulso foi de parar Balinor e avisá-lo do que vira. Mas instintivamente sabia que o humano era um lutador experiente demais para não saber no que estava se metendo. Mais uma vez, Durin desejou que o irmão tivesse ficado fora das muralhas do palácio, porém era tarde demais.

Os três passaram pelos caminhos do jardim até as portas do palácio. Não havia guardas e as portas se abriram sem resistência com o empurrão apressado de Balinor. Os salões do edifício antigo brilhavam à luz das tochas, as chamas iluminando o esplendor dos murais e pinturas coloridas que decoravam o lar da família Buckhannah. A decoração de madeira nas paredes era antiga e rica, polida com cuidado e parcialmente coberta por tapeçarias finas e placas de metal com os brasões de gerações da família dos famosos governantes daquela terra. Enquanto os irmãos élficos seguiam o Príncipe pelos corredores silenciosos, lembravam-se sombriamente de outro lugar em um passado recente: a antiga Fortaleza de Paranor. Ali também encontraram uma armadilha esperando por eles entre o esplendor histórico de outra era.

Viraram à esquerda em outro corredor, Balinor ainda vários passos à frente, sua forma enchendo o corredor, o longo manto balançando atrás de si enquanto caminhava. Por um instante, ele fez Durin se lembrar de Allanon: imenso, furioso e perigoso quando se movia como um gato idêntico ao Príncipe de Callahorn naquele momento. Durin olhou ansioso para Dayel, mas o elfo mais novo não percebeu, seu rosto estava corado de entusiasmo. Durin colocou a mão no punho de sua adaga, o metal frio reconfortador na mão quente. Se iriam ser encurralados de novo, não seria sem lutar.

O Príncipe parou subitamente na frente de uma porta aberta. Os elfos correram para seu lado, espiando para além de sua forma larga a sala iluminada do outro lado. Um homem estava em pé quase no fim da câmara elegantemente mobiliada, um homem grande, loiro e de barba, sua figura envolta em uma longa túnica púrpura com o desenho de um falcão. Era vários anos mais novo que Balinor, mas mantinha a postura ereta da mesma maneira, as mãos para trás. Os elfos souberam na hora que aquele era Palance Buckhannah. Balinor deu vários passos para dentro da câmara, sem dizer nada, os olhos fixos no rosto do irmão. Os elfos seguiram o amigo, olhando com cuidado ao redor. Havia portas demais, cortinas demais que podiam estar escondendo guardas armados. Um momento depois perceberam movimento no corredor atrás deles, fora do campo de visão. Dayel se virou para encarar a porta aberta. Durin afastou-se um pouco dos outros, sua longa faca de caça na mão, o corpo esguio levemente curvado.

Balinor não se moveu, ficou em silêncio na frente do irmão, encarando o rosto familiar, surpreso de ver os olhos cheios de um ódio estranho. Sabia que era uma armadilha, sabia que seu irmão estava preparado para eles. Mesmo assim, acreditara o tempo todo que iriam pelo menos conseguir se falar como irmãos, conversar de maneira franca e racional, apesar de suas diferenças. Entretanto, enquanto encarava aqueles olhos e percebia o brilho de fúria ardente, entendeu que seu irmão estava além da razão, talvez além da sanidade.

— Onde está meu pai...?

O interrogatório de Balinor foi interrompido por um súbito assobio que soou quando fios escondidos liberaram uma grande rede de couro e cordas, que estivera suspensa sem ser percebida, acima dos invasores. A rede caiu imediatamente sobre os três. Os pesos os derrubaram no chão. Debateram-se, desesperados, suas armas inúteis contra as cordas reforçadas. Portas abriram-se por todos os lados e as cortinas pesadas agitaram-se quando dúzias de guardas armados correram para subjugar os cativos. Não houve qualquer chance de escaparem da armadilha cuidadosamente preparada, nem mesmo uma oportunidade momentânea de contra-atacar. Os prisioneiros tiveram suas armas recolhidas, as mãos amarradas sem cerimônia às costas e seus olhos vendados. Foram erguidos rudemente e mantidos em seus lugares por várias mãos. Houve um silêncio momentâneo quando alguém se aproximou por trás.

— Você foi tolo em voltar, Balinor — uma voz fria soou na escuridão. — Você sabia o que iria acontecer se eu o encontrasse de novo. Você é três vezes traidor e três vezes covarde pelo que fez ao povo, ao meu pai e até a mim. O que você fez com Shirl? O que você fez com ela? Você irá morrer por isso, Balinor, eu juro! Levem-nos para baixo!

As mãos os giraram, empurrando e arrastando por um corredor e por uma porta, descendo, em seguida, um longo lance de escadas até um andar inferior, e, depois, passaram por outro corredor que dava voltas como um labirinto. Seus pés batiam pesadamente nas pedras úmidas em um silêncio sombrio. De repente, desceram outra escadaria e entraram em outra passagem. Podiam sentir o cheiro do ar úmido e parado, sentir a umidade escorrer pelas paredes e pelo chão de pedra. Um conjunto de trancas pesadas foi aberto lentamente com o guincho de ferro contra ferro antigo.

Uma porta foi aberta. As mãos os viraram bruscamente, soltando-os sem avisar enquanto caíam confusos e doloridos no chão de pedra, ainda amarrados e vendados. A porta se fechou e as trancas deslizaram. Os três companheiros ouviam sem falar nada. Ouviram o som de passos recuando depressa até sumirem por completo. Ouviram o som de metal que batia quando portas eram trancadas e fechadas, uma mais distante do que a outra, até afinal só restar o som da própria respiração no silêncio profundo da prisão. Balinor estava em casa.

Capítulo XXIII

Já era perto da meia-noite quando Allanon ficou satisfeito com o disfarce de um relutante Flick. O Druida esfregou a pele do jovem do Vale Sombrio nas mãos e no rosto com um estranho creme que tinha na bolsa que carregava na cintura até ficar amarelo-escuro. Um pedaço de carvão macio alterou as linhas no rosto e a aparência de seus olhos. Era um trabalho improvisado, mas no escuro ele passaria por um gnomo mais corpulento se não fosse examinado com atenção. Seria uma tarefa perigosa. Até para um caçador inexperiente e destreinado, tentar se passar por um gnomo parecia suicídio. Mas não havia alternativa. Alguém devia entrar naquele acampamento gigantesco e tentar descobrir o que havia acontecido com Eventine, Shea e a espada fugidia. Allanon ir até lá estava fora de questão: ele seria reconhecido em um instante, mesmo com o melhor disfarce do mundo. Então, a tarefa ficou para o assustado Flick, disfarçado de gnomo e coberto pela escuridão. Ele faria o caminho pela encosta abaixo, passaria pelos guardas de vigia até o acampamento ocupado por milhares de gnomos e trolls, e ali descobriria se seu irmão ou se o Rei Élfico desaparecido eram prisioneiros, além de tentar descobrir algo sobre a localização da espada. Para complicar mais, o rapaz do Vale Sombrio teria de sair do acampamento inimigo antes do dia clarear. Se falhasse, certamente alguém veria através de seu disfarce à luz do dia e ele seria capturado.

Allanon pediu que Flick tirasse o manto de caça e trabalhou no tecido da peça por vários minutos, alterando levemente o corte e aumentando a cobertura do capuz para esconder melhor o rosto. Quando terminou, Flick se cobriu e percebeu que, com o manto bem fechado sobre si, nada ficava visível além das mãos e de um pedaço do rosto. Se ficasse longe dos verdadeiros gnomos e continuasse caminhando até o amanhecer, havia uma pequena chance de que descobrisse algo importante e que conseguisse escapar para contar a Allanon. Conferiu para ter certeza de que a pequena

faca de caça estava bem presa à cintura. Era um fraco substituto de arma, caso precisasse enquanto estivesse no acampamento, mas ficou um pouco mais seguro por saber que não estava completamente desprotegido. Levantou-se devagar, sua forma pequena e corpulenta enrolada no manto enquanto Allanon o examinava com atenção, e depois assentiu.

O tempo ficara ameaçador na última hora; o céu, um monte sólido de nuvens agitadas e escuras que escondiam a lua e as estrelas, deixava a terra em uma quase completa escuridão. A única luz visível em qualquer direção vinha das fogueiras ardentes do acampamento inimigo, onde as chamas se elevavam com a súbita aparição de um forte vento norte que uivava feroz através dos Dentes de Dragão para varrer em rajadas altas as planícies desprotegidas abaixo. A tempestade estava a caminho e era bem provável que os alcançasse antes da manhã. O Druida silencioso esperava que os ventos e a escuridão oferecessem ao jovem disfarçado uma cobertura a mais aos olhos do exército adormecido.

Em frases curtas e bruscas, o gigante deu alguns avisos antes de se separarem. Explicou qual seria a organização do acampamento, destacando o padrão no qual os guardas estariam dispostos no perímetro do exército. Explicou como eram os estandartes dos chefes de clã dos gnomos e dos maturens, os líderes dos trolls, que com certeza estariam deitados em algum lugar perto das fogueiras. Ele devia evitar a todo custo falar com qualquer um, pois seu sotaque de sulista o denunciaria na hora. Flick ouviu com atenção, o coração batendo loucamente enquanto esperava. Sua mente já se decidira; não havia como escapar. Seria capturado. Contudo, a lealdade ao irmão era grande demais para permitir que o bom senso interferisse quando a segurança de Shea estava ameaçada. Allanon concluiu a breve explicação prometendo que faria com que o jovem passasse em segurança pela primeira linha de guardas, postados na base daquelas encostas. Sinalizou pedindo silêncio total, então gesticulou para que o outro o seguisse.

Moveram-se para baixo, para fora do abrigo rochoso das pedras altas, fazendo seu caminho pela escuridão até a planície. Estava tão escuro que Flick não podia ver nada e tinha de ser levado pela mão pelo Druida. Pareceu levar um tempo interminável até alcançarem uma saída do labirinto retorcido de pedras, mas finalmente conseguiram voltar a ver as fogueiras do acampamento inimigo queimando na escuridão à frente. Flick estava

machucado e cansado pela descida do alto da montanha, seus membros doendo por causa do esforço, seu manto rasgado em vários lugares. A escuridão da planície parecia ser uma parede inteiriça entre as fogueiras e eles. Flick não podia ver nem ouvir os guardas que sabia que estavam ali. Allanon não disse nada, mas se abaixou no abrigo das rochas, a cabeça levemente inclinada enquanto escutava. Os dois ficaram imóveis por vários minutos, e Allanon levantou-se de repente, acenando para que Flick permanecesse onde estava, e desapareceu silenciosamente na noite.

Quando ele se foi, o jovem olhou ao redor ansiosamente, sozinho e assustado, sem ter ideia do que estava acontecendo. Apoiando seu rosto quente contra a superfície fria da rocha, repassou em sua cabeça o que devia fazer quando entrasse no acampamento. Ele não tinha nenhum plano para se pautar. Apenas, evitaria falar com outras pessoas, se possível, e evitaria chegar perto de alguém. Ficaria longe das áreas iluminadas pelas fogueiras, que poderiam trair seu pobre disfarce. Os prisioneiros, se estivessem mesmo no acampamento, estariam presos em uma tenda vigiada perto do centro das fogueiras, então seu primeiro objetivo seria encontrar aquela tenda. Assim que a encontrasse, tentaria espiar dentro para ver quem estava preso. Depois, presumindo que chegasse tão longe, o que parecia bastante improvável, voltaria para a encosta, onde Allanon estaria esperando para decidirem o que fazer em seguida.

Flick balançou a cabeça, frustrado. Sabia que seria incapaz de enganar alguém com aquele disfarce; não tinha nem o talento nem a esperteza necessários para enganar alguém. Mas, desde que perdera Shea nos limites da Ruga do Dragão dias antes, sua atitude mudara completamente; o velho pessimismo e a teimosia foram substituídos por um sentimento estranho de desespero fútil. Seu mundo familiar mudara tão drasticamente nas últimas semanas que ele não parecia mais ser capaz de se identificar com seus antigos valores e práticas. O tempo tinha quase perdido o sentido nos dias intermináveis e cruéis de correr e se esconder, de lutar com criaturas que pertenciam a outro mundo. Os anos vividos, enquanto crescia na paz e solidão do Vale Sombrio, estavam distantes, dias esquecidos do começo de sua juventude. As únicas forças constantes em sua vida revirada nas últimas semanas foram seus companheiros, especialmente seu irmão. Mas eles também haviam se espalhado, um a um, até que Flick estivesse sozinho, a

ponto de cair de exaustão física e mental, seu mundo parecendo um louco quebra-cabeça de peças e espíritos que perseguiram e o assombravam até o limite do desespero.

A gigantesca presença de Allanon lhe dava muito pouco conforto. O Druida fora, desde seu primeiro encontro, tanto um muro impenetrável de segredos quanto uma força mística com poderes que desafiavam a razão. Apesar da crescente camaradagem do grupo durante a jornada até Paranor e além, o Druida permaneceu isolado e misterioso. Mesmo o que ele contara sobre a própria origem e seus propósitos, pouco fez para levantar o véu escuro de mistério em que havia se enrolado.

Quando o grupo estava unido, a liderança exercida pelo místico sobre eles não parecia tão completa, mesmo tendo permanecido forte e incontestável por trás da perigosa procura pela Espada de Shannara. Mas, com os demais longe, o assustado jovem se sentia sozinho com aquele gigante imprevisível. Flick era incapaz de escapar da terrível grandiosidade que formava a essência daquele homem estranho. Pensou de novo na misteriosa história da famosa espada, e, mais uma vez, ele se lembrou da recusa de Allanon em contar aos membros do grupo toda a história por trás de seu poder. Haviam arriscado tudo por aquele talismã; ainda assim, nenhum deles sabia como a arma poderia ser usada para derrotar o Lorde Feiticeiro. O que era para Allanon saber tanto sobre isso?

Um barulho repentino na escuridão atrás dele fez com que se virasse rapidamente, a faca de caça na mão estendida para se defender. Ouviu um assobio e a figura alta de Allanon aproximou-se silenciosamente. Uma mão forte agarrou seu ombro, levando-o de volta para o abrigo das encostas cobertas de pedras, onde os dois se encolheram na escuridão. Allanon observou o rosto do jovem por um instante como se avaliasse sua coragem, lendo sua mente para ver o que estava pensando. Flick quase não conseguia se forçar a encarar o olhar penetrante, seu coração batendo em uma mistura de medo e excitação.

— Já me livrei dos guardas, o caminho está livre — a voz grave parecia sair das profundezas da terra. — Vá, meu jovem amigo, e mantenha sua coragem e seu bom senso.

Flick assentiu e se levantou. Sua figura encapuzada deslizou rapidamente para fora da proteção das rochas até a escuridão da planície vazia. Sua mente

parou de pensar, de se questionar, enquanto seu corpo tomava o controle e seus instintos vasculhavam a escuridão procurando perigos escondidos. Moveu-se rápido na direção da distante luz do fogo, correndo semiabaixado, parando ocasionalmente para verificar sua posição e procurar sons de movimentação humana. A noite era uma mortalha impenetrável ao seu redor, o céu ainda de um tom cinza pesado, enrolado em um imenso cobertor de nuvens que bloqueava até mesmo a claridade fraca da lua e das estrelas. A única luz vinha das fogueiras do acampamento. A planície era lisa e descoberta, sua superfície um tapete de grama que abafava os passos do jovem enquanto ele corria silenciosamente. Apenas alguns arbustos quebravam a monotonia, e somente uma ou duas árvores finas e retorcidas preenchiam aquela vastidão. Não havia sinal de vida em lugar nenhum daquela escuridão e os únicos sons eram o uivo abafado do vento e sua respiração pesada. As fogueiras, que antes pareciam uma névoa de luz laranja na base das montanhas, espalhavam-se em fogueiras individuais conforme o jovem se aproximava, algumas brilhando com força, suas chamas alimentadas com madeira nova, enquanto outras diminuía e quase já tinham virado carvão, à medida que os soldados responsáveis por elas adormeciam. Flick já estava perto o bastante para ouvir o som de vozes no acampamento adormecido, mas elas ainda não estavam suficientemente distintas para ele entender o que diziam.

Quase meia hora se passara antes que Flick alcançasse o perímetro externo das fogueiras inimigas. Ele parou agachado fora da luz para estudar a configuração do acampamento. O vento frio da noite vindo do norte soprava as chamas crepitantes das grandes fogueiras, mandando finas nuvens de fumaça que rodopiavam pela planície na direção do jovem. Havia um segundo grupo de sentinelas circulando o acampamento, mas era apenas uma linha secundária, colocada descuidadamente em intervalos amplos. Os habitantes das Terras do Norte não sentiam muita necessidade de serem cuidadosos tão perto do acampamento. As sentinelas eram principalmente caçadores gnomos, apesar de Flick também poder distinguir as grandes formas de trolls espalhados ao redor.

Ele parou por um momento para estudar as feições estranhas e incomuns dos trolls. Eram de tamanhos diferentes, com membros largos e cobertos por uma pele escura e áspera como casca de árvore, que parecia ser uma boa

proteção. As sentinelas e os poucos membros do exército que não estavam adormecidos, soldados que pareciam à toa, agachados perto das fogueiras para se aquecer, estavam envoltos em mantos pesados que escondiam a maior parte de seus corpos e rostos. Flick assentiu para si mesmo, satisfeito. Seria mais fácil para ele entrar no acampamento sem ser notado se todos estivessem enrolados em seus mantos, e julgando pelo frio crescente do vento, a temperatura continuaria a cair até o nascer do sol. Era difícil ver muito além das fogueiras externas, tanto por causa da escuridão quanto da fumaça que saía da madeira que queimava.

De algum modo, o acampamento parecia menor de onde estava do que das alturas dos Dentes de Dragão. Flick não tinha mais o mesmo senso de profundidade de sua posição, mas não tentou se enganar. Apesar do que lhe parecia dali, sabia que o acampamento se estendia por mais de dois quilômetros em todas as direções.

Assim que passasse pelas sentinelas, teria de abrir caminho por milhares de gnomos e trolls adormecidos, por centenas de fogueiras brilhantes o bastante para revelar sua identidade; sempre evitando contato com os soldados inimigos que ainda estivessem acordados. O primeiro erro que cometesse poderia revelá-lo. Mesmo que conseguisse evitar ser descoberto, ainda teria de localizar os prisioneiros e a espada. Balançou a cabeça, em dúvida, e foi devagar para a frente.

A curiosidade natural de Flick fez com que quisesse ficar perto dos limites da luz do fogo para estudar mais os gnomos e os trolls ainda acordados, mas resistiu ao impulso, lembrando que já não tinha muito tempo. Apesar de ter vivido sua vida toda no mesmo planeta, com aquelas duas raças estrangeiras, para o sulista era como se fossem espécies de outro mundo. Durante sua jornada para Paranor, lutou contra os espertos e selvagens gnomos várias vezes, uma delas em um combate corpo a corpo no labirinto abaixo da Fortaleza dos Druidas. Mas ainda sabia muito pouco sobre eles. Eram, para ele, simplesmente um inimigo que havia tentado matá-lo. E ele não sabia nada sobre os gigantescos trolls, um povo naturalmente recluso, que vivia sobretudo nas montanhas do norte e em seus vales escondidos. De qualquer forma, Flick sabia que o exército estava sob a liderança do Lorde Feiticeiro, e não havia dúvida sobre quais eram *seus* objetivos!

Ele esperou até o vento carregar a fumaça das fogueiras ardentes entre a sentinela mais próxima e ele em uma série de rajadas ondulantes: então, levantou-se e caminhou de forma casual até o acampamento. Escolhera cuidadosamente um ponto de entrada onde todos os soldados estavam dormindo. A fumaça e a noite disfarçaram sua forma corpulenta enquanto se movia para fora das sombras, para o círculo de fogueiras mais próximo. Um momento depois, estava no meio das figuras que dormiam profundamente. A sentinela continuou a fitar a escuridão atrás dele, sem perceber que passava apressado.

Flick enrolou o manto e o capuz mais perto do corpo, fazendo com que apenas suas mãos ficassem visíveis para quem estivesse passando. Seu rosto era uma sombra fraca debaixo do capuz. Ele olhou rapidamente ao redor, mas ninguém se movia próximo dele. Chegara até ali sem ser notado. Respirou profundamente o ar frio da noite para se acalmar, depois tentou verificar sua posição em relação ao centro do acampamento. Escolheu uma direção que acreditava que o levaria diretamente ao centro das fogueiras. Olhou ao redor de novo para ter certeza de que tudo estava bem, e prosseguiu com passos firmes e calculados. Não havia volta.

Tudo o que viu, escutou e experimentou dentro de sua mente naquela noite deixou uma marca indelével em sua memória. Era como se fosse um pesadelo estranho, impreciso, de visões e sons, criaturas e formas de outro tempo e lugar; coisas que nunca estiveram e jamais pertenceriam a seu mundo; mesmo assim, foram jogados nele como madeira à deriva em um mar sem fim. Talvez fosse a noite e a fumaça esvoaçante das centenas de fogueiras agonizantes o que nublava seus sentidos e criava aquela experiência de sonho. Talvez também fosse efeito tardio de uma mente cansada e assustada que nunca concebera sequer a existência de tais criaturas, nem imaginava que podiam existir em tamanha quantidade.

A noite passou em minutos vagarosos e horas sem fim enquanto o jovem seguia pelo acampamento gigantesco, protegendo o rosto das luzes das fogueiras enquanto avançava com firmeza, procurando, estudando e sempre olhando para todos os lados. Cuidadosamente, escolheu um caminho tortuoso sobre milhares de corpos adormecidos encolhidos próximos das chamas, muitas vezes bloqueando completamente seu progresso e criando uma nova chance de que fosse descoberto e morto. Houve vezes em que teve

certeza de que fora descoberto, vezes em que sua mão se moveu rápida e silenciosamente para a pequena faca de caça, seu coração parando enquanto se preparava para lutar por sua liberdade ao custo de sua vida. Várias e várias vezes, homens vinham em sua direção como se soubessem que era um impostor e quisessem expô-lo a todos; contudo, sempre passavam sem parar, sem falar, e Flick era deixado sozinho novamente, uma figura esquecida em meio a milhares de outras.

Várias vezes, passou perto de grupos de homens falando e brincando em voz baixa enquanto se encolhiam ao redor das fogueiras, esfregando as mãos e tirando das chamas crepitantes o pouco calor que podiam para se proteger do frio crescente da noite. Duas, talvez três vezes, acenaram com as mãos ou com as cabeças, o rosto baixo, o manto fechado ao seu redor, e ele fez um gesto vago em resposta. Várias vezes, teve medo de dar um passo em falso, de não falar quando devia, de andar onde era proibido, mas sempre o terrível momento de dúvida sumia enquanto se apressava, ficando novamente sozinho.

Vagou pelo imenso acampamento por horas sem encontrar nenhuma pista da localização de Shea, Eventine ou da Espada de Shannara. Conforme a manhã se aproximava, começou a se desesperar, certo de que não acharia nada. Passou por inúmeras fogueiras que queimavam fracamente, morrendo com o avanço da noite. Fitou um mar de corpos adormecidos, alguns com os rostos virados para o céu, outros cobertos, todos desconhecidos. Havia tendas por todos os lugares, marcadas pelos estandartes dos líderes inimigos, gnomos e trolls, mas não havia guardas parados na frente para distingui-las. Algumas, examinou mais de perto, pensando que poderia esbarrar em algo, mas não encontrou nada.

Ele ouviu trechos de conversas entre os gnomos e trolls que estavam acordados, tentando continuar sem chamar atenção e, ao mesmo tempo, ficar próximo o bastante para ouvir o que estava sendo dito. Entretanto, a linguagem do troll lhe era completamente estranha e o pouco que entendia do discurso enrolado foi composto de informação inútil. Era como se ninguém soubesse de nada sobre os dois homens desaparecidos e a espada, como se nunca tivessem sido trazidos àquele acampamento. Flick começou a se perguntar se Allanon não estava enganado quanto aos indícios que seguiram naqueles últimos dias.

Ele olhou apreensivo para o céu encoberto da noite. Ele não estava certo da hora, mas sabia que não teria mais muito tempo de escuridão. Por um momento, entrou em pânico, percebendo, de repente, que talvez não tivesse nem tempo para voltar para onde Allanon estava escondido. Deixando o medo de lado, rapidamente concluiu que na confusão do acampamento, ao amanhecer, seria capaz de escapular dos caçadores sonolentos e cobrir rapidamente a pouca distância até as encostas dos Dentes de Dragão antes que o sol o encontrasse.

Houve um movimento súbito na escuridão à sua direita, quando, sob a luz da fogueira, surgiram quatro fortes guerreiros trolls, todos completamente armados, resmungando em voz baixa enquanto passavam pelo jovem espantado. Por impulso, Flick os seguiu por vários metros, curioso para saber onde estavam indo vestidos para batalha enquanto ainda era noite. Iam na direção que o jovem disfarçado escolhera seguir pelo acampamento, e ele ficou atrás deles nas sombras enquanto continuavam firmes através do exército adormecido. Várias vezes, passaram por tendas escuras que Flick acreditara ser seu destino, mas continuaram sem parar.

O jovem percebeu que o estilo do acampamento estava mudando rapidamente naquela área em especial. Havia mais tendas do que antes, algumas com toldos altos e iluminados, e era possível ver as silhuetas de homens se mexendo lá dentro. Viu menos soldados dormindo no chão frio, porém encontrou mais sentinelas patrulhando entre as fogueiras bem alimentadas que ocupavam o espaço entre as tendas. Flick descobriu que era mais difícil manter-se escondido naquela luz; para evitar perguntas e proteger-se contra o risco cada vez maior de ser descoberto, passou, por isso, a caminhar logo atrás dos trolls, como se fosse um deles. Passaram por várias sentinelas que os cumprimentavam rapidamente e os observavam seguir, sem que ninguém tentasse questionar o gnomo encapuzado que acompanhava a pequena procissão.

De repente, os trolls viraram para a esquerda e automaticamente Flick os acompanhou; apenas para ver que estava quase na entrada de uma tenda baixa e comprida, guardada por mais trolls armados. Não dava tempo para dar meia-volta ou para evitar ser visto; então, quando a procissão parou na frente da tenda, o jovem amedrontado continuou andando, passando por eles como se não ligasse para o que estava acontecendo. Os guardas,

evidentemente, não conseguiram ver nada fora do comum, olhando em sua direção rapidamente quando se arrastou para a frente, o manto bem fechado ao seu redor. Em um instante estava além deles, sozinho nas sombras escuras.

Parou bruscamente, o suor escorrendo por seu corpo embaixo da roupa pesada, sua respiração ofegante e trabalhosa. Só conseguira olhar de relance pela frente aberta da tenda iluminada entre as imensas sentinelas trolls que seguravam longas lanças de ferro; um segundo que lhe permitira ver o monstro de asas negras que estava abaixado lá dentro, cercado por figuras menores, trolls e gnomos. Não havia como não reconhecer uma daquelas criaturas mortíferas que os caçara através das quatro terras. Não havia como não reconhecer o sentimento congelante de terror que corria pelo seu corpo enquanto ficava parado sem respirar nas sombras para acalmar seu coração.

Algo de importância vital estava acontecendo dentro daquela tenda fortemente protegida. Talvez os homens desaparecidos e a espada estivessem ali, aprisionados pelos servidores do Lorde Feiticeiro. Era um pensamento aterrorizante, e Flick sabia que teria de espiar. Seu tempo acabara, assim como sua sorte. Só os guardas eram obstáculo para quem quer que tentasse passar pela frente aberta e a presença do Portador da Caveira tornava a ideia suicida. Flick se ajoelhou na escuridão entre as tendas e sacudiu a cabeça, desesperançado. A enormidade da tarefa desencorajava completamente qualquer tentativa, mas que alternativa tinha? Se retornasse para Allanon, naquele momento, não saberiam mais do que antes, e aquela árdua noite arrastando-se pelo acampamento inimigo teria sido, então, em vão.

Olhou com expectativa para o céu noturno, como se fosse encontrar alguma pista de como resolver o dilema. O monte de nuvens mantinha-se solidamente na mesma posição, suspenso ameaçadoramente entre a luz da lua e das estrelas e a escuridão da terra adormecida. A noite estava quase no final. Flick ergueu-se e fechou o manto ainda mais sobre seu corpo. O destino podia ter decidido que ele percorreria todos aqueles quilômetros torturantes apenas para ser morto por uma escolha tola, mas Shea dependia dele, e talvez Allanon e os outros também. Tinha de saber o que havia naquela tenda. Lentamente, começou a avançar com cuidado.

O amanhecer chegou depressa. O céu estava ficando de um tom cinza-claro, pesado pela neblina e pelo silêncio. O tempo não melhorara sobre Streleheim, ao sul da persistente muralha de escuridão que marcava o avanço do Lorde Feiticeiro. Imensas nuvens de tempestade continuavam paradas como uma mortalha agourenta cobrindo o cadáver da terra. Perto da base ocidental dos Dentes de Dragão, as sentinelas inimigas haviam abandonado a vigília para voltar ao acampamento que despertava. Allanon estava sentado em silêncio no abrigo da encosta coberta de rochas. O longo manto negro que cobria seu corpo magro oferecia pouca proteção contra o frio do ar úmido ou a garoa leve que estava rapidamente se tornando uma chuva pesada. Ficara ali a noite toda, seus olhos observando, procurando algum sinal de Flick, suas esperanças morrendo devagar conforme o céu se iluminava no leste e o inimigo acordava para a vida. Ainda assim, esperou, torcendo contra todas as possibilidades que o jovem do Vale Sombrio tivesse, de alguma forma, conseguido esconder sua identidade, atravessar o campo sem ser detectado e encontrado seu irmão, o Rei Élfico e a espada, para, então, de algum jeito, conseguir passar pelas sentinelas antes da luz do dia para alcançar a liberdade.

O inimigo estava levantando acampamento, desmontando e embalando as tendas enquanto o imenso exército se arrumava em colunas que cobriam a planície vasta como gigantescos quadrados negros. Por fim, a máquina de guerra do Lorde Feiticeiro começou a marchar para o sul, na direção de Kern, e o Druida saiu das pedras, indo para um ponto onde poderia ser visto pelo jovem do Vale Sombrio se ele estivesse por perto. Não havia nenhum movimento, nenhum som além do vento soprando suavemente pela pradaria, e a figura alta e escura ficou de pé em silêncio. Apenas seu olhar traía a profunda amargura que sentia.

Por fim, o Druida virou para o sul, escolhendo uma rota paralela a do exército que marchava adiante. Passos largos rapidamente cobriram a distância entre eles e a chuva começou a cair de forma torrencial enquanto deixava a amplidão vazia da planície para trás.

Menion Leah alcançou o sinuoso Rio Mermidon logo ao norte da cidade insular de Kern minutos antes do amanhecer. Allanon não se enganara

quando avisou o Príncipe que teria dificuldades em passar pelas linhas inimigas sem ser detectado. Os postos de sentinela estendiam-se além do perímetro do acampamento espalhado pela planície, dirigindo-se para o oeste acima do Mermidon desde a ponta sul dos Dentes de Dragão. Tudo ao norte daquela linha pertencia ao Lorde Feiticeiro. Patrulhas inimigas vagavam, sem serem desafiadas, pelo limite sul dos imensos Dentes de Dragão, guardando as poucas passagens através daqueles picos formidáveis. Balinor, Hendel e os irmãos elfos tinham conseguido quebrar a segurança de uma dessas patrulhas inimigas no Passo Kennon. Menion não tinha o abrigo protetor das montanhas para se esconder dos nortistas. Ao deixar Allanon e Flick, foi forçado a atravessar as pradarias planas e abertas que se estendiam para o sul até o Mermidon. Mas o montanhês tinha duas coisas a seu favor: a noite permanecia nublada e completamente negra, tornando impossível ver mais do que alguns metros à frente; e, o que era ainda mais importante, Menion era um rastreador e caçador sem igual nas Terras do Sul. Podia se mover através daquela negritude amortalhada com rapidez e discrição, sem ser detectado por quem não tivesse a mais apurada das audições.

Então, moveu-se silenciosamente para longe de seus dois companheiros, ainda enraivecido por Allanon tê-lo forçado a desistir da procura por seu amigo para que avisasse Balinor e o povo de Callahorn da iminente invasão. Ele se sentia estranhamente inquieto por deixar Flick sozinho com o misterioso e imprevisível Druida. Nunca confiara no místico, sabendo que o homem escondia a verdade sobre a Espada de Shannara, sabendo que havia mais em Allanon do que ele contara. Fizeram tudo o que o Druida ordenara, agindo com uma fé cega, confiando nele toda vez que uma crise surgira. Ele tivera razão todas as vezes; mesmo assim, tinham falhado em recuperar a espada e haviam perdido Shea. Além disso, parecia que o exército das Terras do Norte iria invadir com sucesso as Terras do Sul. Apenas o reino fronteiriço de Callahorn estava preparado para resistir ao ataque. Tendo visto o tamanho espantoso da força invasora, Menion não via como poderiam nutrir esperanças de resistir a uma força tão poderosa, e o mesmo valia até para a lendária Legião da Fronteira. Seu bom senso dizia a ele que a única esperança era retardar o avanço do inimigo por tempo o bastante para unir os exércitos de elfos e anões com a Legião e depois contra-atacar. Tinha

certeza de que a espada estava perdida, e mesmo que localizassem Shea, não haveria mais oportunidade para recuperar a estranha arma.

Praguejou em voz baixa quando seu joelho exposto bateu dolorosamente contra a ponta afiada de uma pedra que surgia do solo; então, voltou a pensar no assunto que precisava de sua atenção imediata: toda a especulação sobre o futuro deixada de lado. Como um lagarto, desceu com graça pelas encostas dos Dentes de Dragão, seguindo um caminho tortuoso pelo labirinto de rochas afiadas como facas e pedras que cobriam a lateral da montanha, a Espada de Leah e o arco longo de freixo presos com segurança às suas costas. Chegou à base da encosta sem encontrar ninguém, e espiou na escuridão. Não havia nenhum sinal de vida. Foi com cuidado para as planícies cobertas de grama, avançando poucos metros de cada vez e parando de tempos em tempos para escutar. Sabia que as linhas de sentinelas deveriam estar ali por perto para serem eficientes, mas era impossível ver alguém.

Finalmente, ergueu-se, silencioso como as sombras ao seu redor; sem ouvir nada, começou a andar devagar para o sul pela muralha de escuridão, sua faca de caça na mão. Andou por vários minutos sem que nada acontecesse. Estava começando a relaxar, acreditando ter conseguido de algum jeito passar pelas linhas inimigas sem que eles soubessem, quando ouviu um ruído. Congelou, tentando localizar a fonte, e ouviu novamente uma tosse baixa de alguém na escuridão à frente. Uma sentinela havia se revelado a tempo de evitar que o montanhês tropeçasse nela. Um grito teria bastado para que outros corressem para lá em um instante.

Menion agachou-se, apoiando-se nas mãos e nos joelhos, a adaga apertada na mão. Começou a rastejar para a frente, na direção de onde viera a tosse, movendo-se sem fazer nenhum som. Por fim, seus olhos conseguiram discernir a silhueta difusa de alguém parado logo adiante. Pelo seu tamanho, a sentinela era claramente um gnomo. Menion esperou mais alguns minutos até ter certeza de que o gnomo estava de costas para ele, e se aproximou mais até que só houvesse menos de um metro entre eles. Em único movimento fluido, ergueu-se, elevando-se acima da sentinela, que não desconfiava de nada. Com um braço rígido como aço apertou o pescoço do sujeito, cortando o grito de choque antes que fosse emitido. O punho de sua faca bateu com força na cabeça exposta, logo atrás da orelha e o gnomo caiu

inconsciente no chão. O montanhês não parou, seguindo adiante na escuridão. Sabia que haveria outros por perto e estava ansioso para sair do alcance da audição deles. Segurou a adaga na mão — estava pronto para usá-la —, imaginando que poderia haver outra sentinela. O vento frio soprava insistentemente e os minutos da noite se arrastavam.

Por fim, chegou ao Mermidon, logo acima da cidade insular de Kern, com suas luzes fracas ao longe, no sul. Parou no topo de uma pequena elevação, que descia em uma encosta que formava a margem norte do rio ligeiro. Permaneceu agachado, o longo manto envolvendo seu corpo esguio para protegê-lo do vento da alvorada cada vez mais frio. Estava surpreso e aliviado por ter alcançado o rio sem ter encontrado outras barreiras inimigas. Suspeitava que estivera certo antes e realmente tinha passado por pelo menos uma linha de sentinelas sem perceber.

Observando os arredores com cuidado, o Príncipe de Leah assegurou-se que ninguém estava por perto; então, ergueu-se e se espreguiçou, cansado. Sabia que precisava cruzar o Mermidon mais para baixo se quisesse evitar ter de nadar nas águas geladas. Assim que alcançasse um ponto na frente da ilha, tinha certeza de que acharia um barco ou um serviço de barca que o levasse até a cidade. Prendendo as armas mais alto e sorrindo sombriamente ao sentir o frio, começou a andar para o sul, seguindo a linha do rio.

Não tinha avançado muito, não mais que cem metros, quando o murmúrio do vento diminuiu por um instante e na súbita quietude, ouviu um murmúrio estranho de algum lugar à frente. Na mesma hora, jogou-se no chão, sua figura escura deitada no solo. O vento voltou a murmurar em seus ouvidos enquanto escutava na escuridão. A brisa vigorosa morreu uma segunda vez e de novo ele ouviu o murmúrio baixo, mas, desta vez, teve certeza de sua origem. Era o som abafado de vozes humanas que saía da escuridão adiante, perto da margem do rio. O montanhês rastejou apressadamente de volta para a elevação, onde o terreno o ocultou mais uma vez das luzes fracas da cidade distante. Ergueu-se e prosseguiu curvado, correndo paralelamente ao rio, passando rápido e sem emitir nenhum ruído. As vozes ficaram mais altas e mais distintas, parecendo vir logo depois da elevação, na beira do rio. Ouviu por mais um minuto, mas não conseguiu decifrar o que estava sendo dito. Com cuidado, rastejou de barriga para o

topo da elevação, onde conseguiu ver um grupo de silhuetas escuras próximas do Mermidon.

A primeira coisa que percebeu foi o barco, puxado para cima da margem do rio e amarrado em um arbusto. Ali estava seu transporte, se conseguisse chegar até lá, porém descartou a ideia quase de cara. Perto do barco amarrado, estavam quatro trolls, largos e bem armados, suas imensas figuras inconfundíveis mesmo naquela luz fraca. Falavam com uma quinta figura, menor e mais magra, suas roupas distinguindo-a como uma habitante das Terras do Sul.

Menion os estudou por um momento com muito cuidado, tentando ver seus rostos, mas a luz só o deixava ver breves relances do homem, que não parecia ser alguém que Menion já tivesse encontrado antes. Uma pequena barba escura cobria o rosto fino e encovado do estranho, que tinha o hábito de acariciá-la com tapinhas breves e nervosos enquanto falava.

O Príncipe de Leah, então, viu outra coisa. De um lado do círculo de pessoas, estava um pacote grande, coberto com um manto pesado e bem amarrado. Menion estudou, hesitante, incapaz de dizer o que seria, na escuridão. Contudo, para sua surpresa, o pacote moveu-se ligeiramente — o bastante para convencer o montanhês de que havia algo vivo embaixo das cobertas. Tentou pensar desesperadamente em um jeito de se aproximar do pequeno grupo, mas já era tarde demais. Os quatro trolls e o estranho estavam se separando. Um dos trolls foi até o pacote misterioso e, com um só movimento, jogou-o por cima de seu ombro largo, sem esforço. O estranho estava voltando para o barco. Soltou as amarras e subiu, baixando os remos nas águas agitadas. Várias palavras de despedida foram trocadas e Menion captou pedaços da conversa, incluindo algo sobre a situação estar bem controlada. O comentário final enquanto o barco se movia nas águas rápidas foi um aviso do estranho que disse para esperarem por notícias sobre o Príncipe.

Menion recuou ligeiramente na grama úmida, observando o homem no pequeno barco sumir na escuridão nebulosa do Mermidon. A alvorada enfim chegara, mas em um tom cinzento e nebuloso que impedia a visibilidade quase tão bem quanto a noite. O céu ainda estava encoberto por nuvens grossas e baixas que ameaçavam cair na terra, caso inchassem mais. Uma chuva pesada iria começar em breve e o ar já estava denso com uma

neblina úmida e penetrante que encharcara a roupa do montanhês e deixara a pele exposta e gelada.

O imenso exército das Terras do Norte provavelmente marcharia para a cidade de Kern na próxima hora e talvez a alcançasse ao meio-dia. Tinha pouco tempo para avisar os cidadãos sobre o ataque iminente, um massacre de homens e armas contra o qual a cidade não podia resistir por muito tempo. O povo precisava sair dali imediatamente e ser levado para Tyrsis, ou mais para o sul, onde ficariam protegidos. Balinor tinha de ser avisado de que o tempo acabara, que a Legião da Fronteira deveria ser convocada para lutar, atrasando-os até receberem reforços dos anões e dos elfos.

O Príncipe de Leah sabia que não tinha tempo de ponderar mais sobre o misterioso encontro que testemunhara por acidente, mas ficou ali um pouco mais, enquanto observava os quatro trolls se afastarem do rio em direção à elevação à sua direita, carregando o pacote que se debatia. Menion tinha certeza de que alguém fora feito prisioneiro pelo estranho do barco e entregue àqueles soldados das Terras do Norte. O encontro noturno fora combinado pelos dois lados e a troca feita por motivos conhecidos apenas por eles. Se tinham se dado todo aquele trabalho, o prisioneiro devia ser muito importante para eles, portanto, importante para o Lorde Feiticeiro.

Menion viu os trolls se afastarem na névoa densa da manhã, ainda indeciso se deveria ou não intervir. Allanon lhe dera uma tarefa para executar, uma missão vital que salvaria milhares de vidas. Não havia tempo para incursões selvagens em território inimigo com o único objetivo de satisfazer sua curiosidade, mesmo que significasse salvar... Shea! Mas e se o prisioneiro fosse Shea? O pensamento passou como um raio por sua mente impetuosa e no mesmo instante a decisão foi tomada. Shea era a chave de tudo, e se houvesse alguma chance de ser o prisioneiro enrolado naquele embrulho, Menion tinha de tentar salvá-lo.

Levantou-se com um salto e começou a correr para o norte, por onde viera, tentando manter uma rota paralela à que fora tomada pelos trolls. Na neblina densa, era difícil manter o senso de direção, mas Menion não tinha tempo para se preocupar com isso. Ia ser extremamente difícil libertar aquele prisioneiro de quatro trolls armados, em especial quando só um deles já seria desafio bastante para o esguio montanhês. Ainda havia o perigo de que pudessem, em algum momento, passar através das linhas de sentinelas

do exército das Terras do Norte. Se não conseguisse pará-los antes disso, seria o fim. Qualquer chance de resgate dependia de uma rota de fuga livre até o Mermidon.

Menion sentia o começo da chuva da tempestade que se aproximava atingir seu rosto enquanto corria. Trovões rugiam acima enquanto o vento ficava mais forte. Em desespero, procurou por entre a neblina algum sinal de sua presa, mas não havia nada para ser visto. Certo de que fora lento demais e os perdera, correu em uma velocidade perigosa pela grama, uma sombra negra e selvagem atravessando a névoa, desviando-se das pequenas árvores e arbustos, seus olhos procurando em meio às terras vazias. A chuva batia em seu rosto e entrava em seus olhos, cegando-o e forçando-o a diminuir o ritmo para limpar a mistura quente da chuva com seu suor dos olhos. Balançou a cabeça com raiva. Deviam estar por perto! Não podia tê-los perdido!

De repente, os quatro trolls surgiram, saindo do nevoeiro atrás dele, à esquerda. Menion errara em seu julgamento e os ultrapassara. Agachou-se atrás de uma pequena moita e observou os quatro chegando perto. Se continuassem naquela direção, iriam se aproximar dos arbustos mais à frente, ainda fora de visão, mas na mira de Menion. O montanhês saiu de sob a proteção das plantas e correu de volta para a neblina até não conseguir mais enxergar os trolls. Se o vissem dar aquela breve corrida no nevoeiro, seria seu fim. Estariam esperando por ele quando alcançassem o arbusto. Mas se não o vissem, faria uma armadilha e correria para o rio. Voltou pela planície, mantendo sua esquerda até alcançar um esconderijo nos arbustos onde, ofegante, ficou de quatro e espiou com cuidado através dos galhos.

Por um momento, nada se via além do nevoeiro e da chuva. Depois, quatro figuras largas apareceram em meio à névoa cinzenta, indo diretamente até o lugar onde estava escondido. Jogou o desajeitado manto no chão, completamente encharcado pelas chuvas da manhã. Precisaria ser rápido para fugir dos trolls assim que conseguisse tirar o prisioneiro deles, e o manto só o atrasaria. Tirou as pesadas botas de caça também. Ao lado do manto e das botas, colocou a Espada de Leah, a lâmina afiada fora da bainha de couro. Apressadamente, ajeitou a corda do arco longo e tirou duas flechas negras da aljava. Os trolls aproximavam-se depressa, suas formas escuras visíveis através dos galhos e folhas. Andavam em pares; o primeiro, à frente,

carregando a forma imóvel do prisioneiro. Vinham descuidadamente na direção do homem escondido, tranquilos em um território que acreditavam estar sob o controle de suas forças. Menion devagar apoiou-se em um joelho, uma flecha no arco, e esperou em silêncio.

Os trolls estavam quase do lado do arbusto quando a primeira flecha saiu do nada com um assobio agudo, acertando a panturrilha grossa do nortista que carregava o prisioneiro. Com um urro de raiva e dor, o troll largou seu fardo e caiu, apertando a perna ferida com as mãos. Naquele momento de choque e confusão, Menion disparou a segunda flecha, acertando com força o ombro exposto do outro membro da primeira dupla, fazendo seu corpo gigantesco girar de forma a cair tropeçando nos dois que vinham atrás.

Sem parar, o ágil montanhês pulou para fora do arbusto e correu na direção dos trolls espantados, gritando e balançando a Espada de Leah. Os trolls recuaram alguns passos do prisioneiro, momentaneamente esquecido, e o atacante logo jogou a forma imóvel sobre seu ombro antes que os nortistas chocados pudessem reagir. Em um instante, passou por eles, sua espada cortando um braço do troll mais próximo, que fez um esforço inútil para impedir sua fuga. O caminho até o Mermidon abria-se à frente!

Dois trolls, um ileso e o outro levemente ferido, correram atrás dele na hora, correndo pesadamente, determinados e em silêncio, pelas terras cobertas de chuva. Suas armaduras pesadas e seus corpos largos os retardavam de forma considerável, mas se moviam mais rápido do que Leah esperara e estavam descansados e fortalecidos, enquanto ele já estava se cansando. Mesmo sem o manto e as botas, o esguio montanhês não podia correr muito rápido carregando o prisioneiro, ainda amarrado. A chuva começara a cair cada vez mais forte, o vento fazendo-a bater dolorosamente em sua pele enquanto forçava o corpo cansado a correr ainda mais rápido. Em saltos e pulos, avançou pela planície, desviando de pequenas árvores, arbustos e buracos cheios de água. Mesmo descalço, seu equilíbrio na grama molhada não era completo. Por várias vezes, tropeçou e caiu de joelhos, apenas para se levantar de novo e sair correndo.

Havia pequenas pedras e plantas espinhosas escondidas na grama macia e logo seus pés estavam cortados, sangrando. Porém, não sentiu dor e continuou a correr. Somente as planícies testemunharam a estranha corrida entre as imensas formas que se arrastavam e sua presa envolta em sombras,

enquanto se esforçavam na direção sul, através da chuva forte e do vento congelante. Corriam sem escutar, sem ver, sem sentir nada da vastidão ao redor. Não havia nada para quebrar o terrível silêncio além do murmúrio do vento nos ouvidos dos corredores. Tornou-se um sacrifício solitário e aterrorizante pela sobrevivência, um teste de espírito e resistência que exigiu do jovem Príncipe de Leah sua última reserva de força.

O tempo parara de existir para o montanhês que fugia, enquanto forçava suas pernas a se moverem quando os músculos já tinham havia muito ultrapassado seus limites; mesmo assim, não alcançava o rio. Ele não olhava mais para trás para ver se os trolls estavam se aproximando. Mas podia sentir a presença deles, ouvir a respiração pesada em sua mente; deviam estar se aproximando rápido. Ele tinha de correr mais depressa. Ele tinha de alcançar o rio e libertar Shea...

Quase completamente exaurido, seu inconsciente se referia a pessoa enrolada naquele embrulho como se fosse seu amigo. Soubera no momento em que agarrara o pacote misterioso quem era o prisioneiro pequeno e leve. Não tinha motivos para acreditar que não era o jovem desaparecido. O cativo estava desperto e movia-se desajeitado enquanto o montanhês corria, falando frases abafadas que Menion respondia em frases curtas e ofegantes, dizendo que estavam perto de um lugar seguro.

A chuva intensificou-se, de repente, até ficar impossível ver mais do que alguns metros em qualquer direção, e as planícies encharcadas rapidamente viravam um pântano. Menion tropeçou em uma raiz coberta de água e caiu de cara na grama enlameada, seu precioso fardo aterrissando em uma pilha agitada a seu lado. Machucado e exausto, o montanhês se levantou e ficou de joelhos, a espada pronta, e voltou-se para encarar seus perseguidores. Para seu alívio, não estavam à vista. Com a chuva pesada e o nevoeiro, haviam perdido a presa por alguns momentos. Mas mesmo a visibilidade limitada só os retardaria por um tempo e depois... Menion sacudiu a cabeça com força para limpar a nuvem de chuva e cansaço dos olhos. Rastejou depressa para o monte de tecido ensopado que prendia o prisioneiro. Quem quer que estivesse ali estava em condições boas o bastante para correr a seu lado e a força de Menion praticamente se esgotara. Sabia que não conseguiria mais carregar o peso extra.

Sem jeito, quase sem saber o que estava fazendo, o montanhês cortou os laços com sua espada. Tinha de ser Shea, sua mente dizia e repetia, tinha de ser Shea. Os trolls e o estranho tiveram tanto trabalho para não serem vistos, foram tão misteriosos... Os laços se romperam quando enfim a espada os cortou. Tinha de ser Shea! As cordas se soltaram e o manto caiu para trás quando a pessoa lutou para chegar ao ar livre.

Um chocado Menion Leah limpou a chuva de seus olhos, sem conseguir parar de piscar e encarar, pois ele resgatara uma mulher!

Capítulo XXIV

Uma mulher! Por que os nortistas capturariam uma mulher? Em meio à chuva torrencial, Menion fitou os olhos azuis que piscavam de volta para ele, inseguros. Não era uma mulher qualquer. Era extremamente bonita, a pele morena cobrindo as feições bem-feitas do rosto arredondado, uma figura esguia e graciosa vestida com um tecido sedoso, e seu cabelo...! Ele nunca vira nada como aquilo. Mesmo molhado e colado no rosto dela por causa da chuva, descendo até os ombros e além em mechas longas, a cor estranha mostrava-se no cinza daquela manhã em um tom profundo de vermelho. Por um momento, ele fitou-a, perdido em um transe semiconsciente, até a dor latejante de seus pés cortados o trazer de volta à sua situação e ao grave perigo que ainda enfrentavam.

Depressa, se levantou, encolhendo os ombros com a pressão nas solas expostas, o cansaço fluindo de tal forma que ele pensava que desmaiaria de exaustão. Sua mente lutou ferozmente por vários minutos enquanto balançava como um bêbado, apoiando-se na espada. O rosto assustado da menina — sim, ela ainda podia ser chamada de menina, pensou, de repente — o encarou envolto em uma névoa cinzenta. E ela estava de pé ao seu lado, segurando-o, falando com ele em uma voz baixa e distante. Ele sacudiu a cabeça e depois assentiu, sem pensar.

— Está tudo bem agora, eu estou bem. — As palavras estavam enroladas.
— Corra para o rio, precisamos alcançar Kern.

Voltaram a andar pela chuva e pela neblina, andando rapidamente e tropeçando às vezes no terreno irregular da pradaria pantanosa. Menion sentia que sua mente clareava e sua força voltava enquanto caminhavam. A menina ao seu lado, as mãos agarradas no seu braço, se apoiava nele para se equilibrar ao mesmo tempo em que o ajudava a se estabilizar. Sua visão aguçada vasculhava a penumbra ao redor por algum sinal dos trolls, certo de que não estavam muito longe. De repente, seus ouvidos capturaram um novo som, o pulsar ritmado e corrido do Mermidon, suas águas

transbordando para as margens baixas por causa da chuva, enquanto corria para o sul na direção de Kern. A garota também ouviu e apertou seu braço para encorajá-lo.

Pouco depois, estava no topo da pequena elevação que corria paralela à margem norte. O rio havia inundado as margens mais baixas e continuava a subir. Menion não tinha ideia de qual era sua localização em relação a Kern, mas percebeu que, se atravessassem no lugar errado, não iriam encontrar a ilha. A menina pareceu reconhecer o problema; pegando seu braço, começou a ir na direção em que o rio corria, observando o outro lado das águas na penumbra. Menion deixou que ela o guiasse sem questionar, seus olhos procurando ansiosamente por algum sinal dos trolls. A chuva começara a diminuir e a névoa estava menos densa. Não demoraria muito para a tempestade terminar e a visibilidade retornar, revelando os dois para os caçadores insistentes. Teriam de arriscar a travessia logo.

Menion não sabia por quanto tempo a jovem o havia conduzido pela margem do rio, mas ela, finalmente, parou e indicou, com gestos apressados, um pequeno esquife ancorado na margem coberta de grama. Depressa, o montanhês amarrou a Espada de Leah nas costas; juntos empurraram a pequena embarcação para as águas ligeiras do Mermidon. O rio estava gelado e o choque do frio extremo das ondas cobertas de espuma atingiram Menion até os ossos. Ele remou ferozmente através da corrente, enquanto eram arrastados rio abaixo com uma força terrível, fazendo com que virassem enquanto lutavam para alcançar o outro lado. Foi uma batalha selvagem e desgastante entre o rio e o homem, que parecia não ter fim, e tudo ficou nebuloso e entorpecido na mente de Menion.

O que aconteceu no final nunca ficou claro para ele. Estava vagamente consciente de que mãos o tiraram do esquife até uma margem onde ficou caído, sem fôlego. Ouviu a voz suave da menina falando com ele, e depois a escuridão e o entorpecimento o envolveram enquanto caía na inconsciência. Ficou à deriva, indo e voltando da escuridão, incomodado por um senso de perigo que cutucava sua mente cansada, exigindo que se erguesse e ficasse de prontidão. Mas seu corpo não conseguia responder e, por fim, caiu em um sono profundo.

Quando acordou, ainda estava claro e a chuva caía devagar em uma garoa insistente do céu cinza. Estava deitado no calor e conforto de uma cama,

seco e descansado, seus pés feridos limpos e enfaixados, a terrível fuga dos nortistas deixada para trás. A chuva batia pacificamente nas janelas de vidro que deixavam a luz do dia entrar pelas paredes de madeira e pedra. Olhou distraído ao redor, pelo aposento finamente mobiliado, percebendo que aquela não era a casa de um cidadão comum, mas de nobres. Havia insígnias e brasões nos artefatos de madeira que Menion sabia serem dos reis de Callahorn. Por um momento, o montanhês ficou deitado imóvel e estudou a sala com calma, deixando o sono se dispersar e sua mente descansada acordar por completo. Viu um conjunto de roupas secas em uma cadeira perto da cama e estava prestes a se levantar para se vestir quando a porta se abriu. Uma serviçal idosa apareceu, trazendo uma bandeja com comida fumegante. Acenando educadamente e sorrindo, ela foi até a cama com a bandeja e a colocou no colo do montanhês, acomodando-o com travesseiros e insistindo para que comesse enquanto ainda estava quente. Ela fazia Menion se lembrar de sua própria mãe, uma mulher gentil e cuidadosa que morrera quando ele tinha doze anos. A senhora ficou ali até ele começar a comer; então, virou-se e saiu, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Menion comeu devagar, saboreando a excelente comida, sentindo a força voltar ao seu corpo. Só depois de já ter comido quase metade da refeição é que se lembrou de que não ingerira nada nas últimas vinte e quatro horas, ou talvez mais. Olhou novamente pela janela, para ver a chuva do outro lado, incapaz de dizer se ainda era o mesmo dia. Poderia ser o dia seguinte...

Com um lampejo, lembrou-se do propósito de sua vinda a Kern: avisá-los sobre a invasão iminente do exército das Terras do Norte. Já podia ser tarde demais. Ainda estava paralisado com esse pensamento, um garfo parado no meio do caminho, quando a porta se abriu novamente. Era a jovem que havia salvado, limpa e seca, usando um vestido esvoaçante de cores quentes, seus cabelos longos e vermelhos penteados e brilhando mesmo sob a luz acinzentada do dia nublado. Ela era de longe a mulher mais maravilhosa que o Príncipe de Leah já encontrara. De repente, lembrando-se do garfo semierguido, ele o baixou para a bandeja e sorriu. Ela fechou a porta atrás de si e moveu-se com graça até a cabeceira da cama. Era inacreditavelmente bonita, pensou de novo. Por que fora sequestrada? O que Balinor saberia sobre ela, que respostas poderia lhe dar? Ela parou perto da cama, olhando para ele e o estudando com seus olhos claros e profundos.

— Você está com boa aparência, Príncipe de Leah. — Ela sorriu. — O descanso e a comida o deixaram inteiro novamente.

— Como você sabe quem...?

— Sua espada tem as marcas do Rei de Leah, isso eu sei. Quem além de seu filho carregaria uma arma assim? Mas eu não sei seu nome.

— Menion — o montanhês respondeu, surpreso por aquela menina conhecer sua terra natal, um reino em geral desconhecido por forasteiros.

A jovem estendeu uma mão fina e cor de bronze para apertar a dele em uma saudação calorosa. Assentiu, alegremente.

— Eu sou Shirl Ravenlock e este é meu lar, Menion, a cidade-ilha de Kern. Se não fosse por sua coragem, eu jamais a veria de novo. Por isso, você terá minha gratidão e amizade eternas. Agora, termine de comer enquanto conversamos.

Ela se sentou na cama perto dele e gesticulou para que continuasse a comer. Ele ergueu novamente o garfo, mas, ao se lembrar da invasão, deixou-o cair na bandeja com um grande barulho.

— Você precisa mandar uma mensagem para Tyrsis, para Balinor... A invasão das Terras do Norte começou! Tem um exército acampando logo acima de Kern esperando...

— Eu sei, está tudo bem — Shirl respondeu logo, erguendo a mão para que parasse. — Mesmo dormindo, você falou do perigo. Você nos avisou antes de perder totalmente a consciência. Já mandamos um aviso para Tyrsis. Palance Buckhannah governa na ausência do irmão, o Rei ainda está muito doente. Kern está mobilizando suas defesas, mas agora não há perigo. As chuvas inundaram o vale do Mermidon e tornaram impossível que uma força muito grande atravessasse em segurança. Estaremos protegidos até que a ajuda chegue.

— Balinor deveria ter chegado a Tyrsis dias atrás — Menion declarou alarmado. — E a Legião da Fronteira? Está completamente mobilizada?

A jovem o olhou sem expressão, indicando que não tinha ideia da situação de Balinor ou da Legião. De repente, Menion colocou a bandeja de lado e saltou da cama. Shirl, surpresa, levantou-se também, ainda tentando acalmá-lo.

— Shirl, você pode achar que está a salvo nesta ilha, mas garanto que o tempo está se esgotando para todos nós! — Menion exclamou, pegando suas

roupas. — Eu vi o tamanho daquele exército e nenhuma inundação, não importa o tamanho, irá retardá-lo por muito tempo. E pode esquecer qualquer ajuda, a não ser por um milagre.

Ele parou ao desabotoar o segundo botão de sua camisola, lembrando-se da jovem no quarto. Apontou significativamente para a porta, mas ela sacudiu a cabeça e apenas se virou para não vê-lo se trocando.

— E seu sequestro? — Menion perguntou, vestindo-se o mais rápido possível. — Você tem ideia do motivo de você ser tão importante para os nortistas, além do fato de ser uma mulher linda?

Ele sorriu maliciosamente, um pouco da impetuosidade que Flick detestava voltando. Apesar de não poder ver o rosto dela, o montanhês tinha certeza de que estava corando. Ela ficou em silêncio por um tempo antes de responder.

— Não me lembro exatamente do que aconteceu. Eu estava dormindo. Acordei com um barulho no quarto, então alguém me agarrou e eu apaguei. Acho que me bateram ou... Não, lembro. Foi um pano molhado com um líquido malcheiroso que não me deixava respirar. Desmaiei e depois só lembro de estar deitada na areia perto do rio, presumo que do Mermidon. Você viu como eu estava amarrada naquele cobertor. Não podia ver nada e ouvi apenas um pouco, mas nada que eu entendesse. Você viu alguma coisa?

Menion balançou negativamente a cabeça e deu de ombros.

— Não muito — acrescentou, lembrando que ela estava de costas. — Um homem levou você através do rio em um barco e a entregou para os quatro trolls. Eu não consegui ver o homem direito, mas acho que posso reconhecê-lo se o vir de novo. Agora, que tal responder minha pergunta: por que alguém sequestraria você? Pode se virar. Já estou vestido.

A jovem se virou obedientemente e foi até ele, observando-o com curiosidade enquanto ele colocava as botas.

— Tenho sangue real, Menion — respondeu. Menion parou e olhou para ela. Havia suspeitado de que não fosse uma simples cidadã de Kern quando ela reconheceu o brasão de Leah em sua espada. Talvez pudessem descobrir o motivo por trás de seu rapto. — Meus ancestrais foram reis de Kern, e por um tempo, de toda Callahorn, antes que os Buckhannahs chegassem ao poder há cerca de cem anos. Eu sou... bem, acho que você pode dizer que sou uma princesa... *in absentia*. — Ela riu da tolice da ideia e Menion sorriu

de volta. — Meu pai é um ancião no conselho que governa os assuntos internos de Kern. O Rei é o governante de Callahorn, mas é uma monarquia iluminada, como dizem, e ele interfere pouco na administração da cidade. Seu filho, Palance, gosta de mim já faz um tempo, e não é segredo que planeja se casar comigo. Eu... eu acho que para atingi-lo, um inimigo poderia tentar me fazer mal.

Menion assentiu, sério, uma súbita premonição surgindo em sua mente alerta. Palance não estava na linha sucessória do trono de Callahorn a não ser que algo acontecesse com Balinor. Por que alguém perderia tempo pressionando o filho mais novo, a não ser que tivesse certeza de que Balinor não estaria ali? Lembrou-se de que Shirl nada sabia sobre a chegada do Príncipe de Callahorn, algo que deveria ter acontecido dias antes, algo que todos os habitantes da terra deveriam saber.

— Shirl, por quanto tempo eu dormi? — perguntou, apreensivo.

— Quase um dia inteiro — ela respondeu. — Você estava exausto quando nos puxaram do Mermidon na manhã de ontem, e pensei que você deveria dormir. Você nos avisou...

— Vinte e quatro horas perdidas! — Menion exclamou, zangado. — Se não fosse a chuva, a cidade já teria caído. Nós temos de agir agora, mas... Shirl, seu pai e o conselho! Preciso falar com eles! — Agarrou os braços dela com urgência ao vê-la hesitar. — Não pergunte nada agora, apenas faça o que eu disser. Onde o conselho se reúne? Rápido, me leve até eles.

Sem esperar que a jovem o guiasse, Menion pegou-a pelo braço e a empurrou pela porta até o longo corredor do outro lado. Juntos correram pela casa vazia, passando pela porta da frente para um amplo gramado coberto pela sombra de árvores, correndo para fugir da garoa constante. As calçadas dos prédios ali eram parcialmente cobertas e foram poupados de se molhar de novo. Enquanto prosseguiam na direção do salão do conselho, Shirl perguntou por que ele estava naquela região, mas Menion respondeu evasivamente, ainda relutando em falar sobre Allanon e a Espada de Shannara. Sentia que podia confiar nela, mas o aviso de Allanon de que ninguém entre aqueles que viajaram a Paranor deveria revelar a história por trás da espada desaparecida impedia que contasse a ela. Em vez disso, explicou que viera ajudar Balinor a pedido dele, ao ouvir falar da invasão iminente. Ela aceitou sua história sem questionar e ele se sentiu culpado por

mentir. Se bem que Allanon nunca contara toda a verdade, então talvez ele soubesse mesmo menos do que imaginava.

Alcançaram o salão do conselho, suas antigas câmaras acomodadas dentro de uma estrutura alta de pedra cercada por colunas gastas pela erosão e janelas em arco enfeitadas com rendas metálicas. Os guardas estavam relaxados próximos à entrada e não os questionaram. Os dois apressaram-se para dentro, passando pelos longos corredores e subindo as escadarias sinuosas enquanto as paredes ecoavam o bater das botas no chão gasto de pedra. O conselho se reunia em câmaras situadas no quarto andar do grande prédio. Quando finalmente estavam do lado de fora das portas de madeira, Shirl avisou Menion que iria informar seu pai e os outros membros do conselho sobre seu desejo de falar com eles. Relutante, o montanhês concordou em esperar. Ficou imóvel no corredor depois que ela entrou, ouvindo o murmúrio baixo de vozes enquanto os segundos passavam devagar e a chuva continuava a bater em um ritmo suave e firme no vidro das janelas que ladeavam o corredor silencioso.

Perdendo-se na paz e na solidão do prédio antigo, o montanhês lembrou-se, com breves lampejos, dos rostos de seus amigos no grupo separado, perguntando-se tristemente sobre o que teria acontecido com eles depois de deixarem Paranor. Talvez nunca mais voltassem a ser unidos como haviam sido naqueles dias de medo na estrada até a Fortaleza dos Druidas, mas jamais esqueceria a coragem e o sacrifício deles, além do orgulho que sentia ao se lembrar dos perigos que encararam e venceram. Mesmo o relutante Flick havia mostrado uma bravura e um senso de dever que Menion nunca esperaria.

E Shea, seu amigo mais antigo? Balançou a cabeça ao pensar em seu companheiro desaparecido. Sentia falta da peculiar mistura de teimosia e crenças antiquadas. De alguma forma, Shea não percebia a mudança dos tempos mesmo com o sol se movendo de leste a oeste no céu. Não percebia que a terra e as pessoas estavam crescendo, expandindo-se novamente, que as guerras do passado estavam aos poucos sendo esquecidas. Shea acreditava que qualquer um poderia colocar o passado para trás e construir um mundo e um futuro novo, sem entender que o futuro estava inextricavelmente ligado ao passado, uma tapeçaria de fatos e ideias que jamais conseguiriam ser totalmente separados. De seu pequeno jeito, o jovem do Vale Sombrio

era parte da era que passava, suas convicções uma lembrança do ontem, em vez da promessa do amanhã. Isso era tão, mas tão incrivelmente estranho, Menion pensou de repente, parado no meio do salão, imóvel, seu olhar perdido nas profundezas da parede gasta de pedra. Shea e a Espada de Shannara eram coisas de uma era que estava morrendo lentamente; mesmo assim, eram a única esperança para a hora que se aproximava. Eram as chaves da vida.

As pesadas portas de madeira se abriram atrás do montanhês e seus pensamentos sumiram ao ouvir a voz suave de Shirl. Ela parecia pequena e vulnerável embaixo das travas maciças da entrada, seu belo rosto, ansioso. Não era de se espantar que Palance quisesse aquela mulher como esposa. Menion foi em sua direção, segurando em sua mão quente. Juntos, entraram na sala do conselho. Ele percebeu a austeridade da grande câmara ao entrar na luz cinza que parecia deslizar em faixas cansadas através das janelas altas e envolvidas em ferro. O salão do conselho era antigo e orgulhoso, um marco da cidade na ilha. Vinte homens estavam sentados em uma mesa de madeira longa e polida, seus rostos estranhamente parecidos enquanto esperavam que o montanhês falasse: velhos, talvez sábios, e determinados. Os olhos traíam o medo não expresso que se mantinha atrás das aparências calmas, medo pela cidade e por seu povo. Sabiam o que o exército das Terras do Norte faria quando as chuvas cessassem e as águas do Mermidon baixassem no calor do sul. Ele parou na frente, a menina ainda do seu lado, seus passos sumindo no silêncio cheio de expectativas.

Escolheu as palavras com cuidado, descrevendo a imensa força inimiga que se reunia sob a liderança do Lorde Feiticeiro. Relatou parcialmente a história de sua longa viagem até Callahorn, falando sobre Balinor e sobre os homens do grupo formado em Culhaven que depois se espalharam pelas quatro terras. Não falou sobre a espada e nem sobre a misteriosa origem de Shea, tampouco sobre Allanon. Não tinha motivos para os membros do conselho saberem qualquer coisa além do fato de que a cidade de Kern corria o risco de ser tomada. Ao terminar, conclamando que salvassem seu povo enquanto ainda havia tempo, evacuando a cidade imediatamente antes que toda a esperança de fuga fosse bloqueada, sentiu uma sensação estranha de satisfação. Havia arriscado muito mais do que a própria vida para avisar aquelas pessoas. Se tivesse falhado, teriam perecido sem nenhuma chance de

fugir para um lugar seguro. Era importante, muito importante, para o Príncipe de Leah, ter conduzido aquela tarefa com responsabilidade.

As perguntas dos membros do conselho vieram com gritos de alarme quando ele terminou, alguns com raiva, outros, assustados. Menion respondeu rapidamente, tentando se manter calmo enquanto lhes assegurava que o tamanho do exército das Terras do Norte era tão espantoso quanto descrevera e que o ataque era uma certeza. Com o tempo, o furor inicial diminuiu até uma deliberação mais racional das possibilidades. Uns poucos anciões acreditavam que a cidade deveria ser defendida até que Palance Buckhannah pudesse chegar de Tyrsis com a Legião da Fronteira, mas a maioria era da opinião de que, assim que as chuvas diminuíssem, como deveria acontecer nos próximos dias, o exército invasor alcançaria facilmente a costa da ilha e a cidade estaria indefesa. Menion ouviu em silêncio enquanto o conselho deliberava, pesando em sua mente os cursos de ação possíveis. Por fim, o homem grisalho e corado que Shirl havia apresentado como seu pai virou-se para Menion, levando-o para um canto para falarem em particular enquanto o conselho continuava a debater.

— Você viu Balinor, meu jovem? Sabe onde ele pode ser encontrado?

— Ele deveria ter chegado a Tyrsis dias atrás — Menion respondeu preocupado. — Ele se dirigiu para lá para mobilizar a Legião da Fronteira e se preparar para o ataque. Ele estava acompanhado de dois primos de Eventine Elesedil.

O homem mais velho franziu a testa e balançou a cabeça, seu rosto enrugado mostrando um profundo pesar.

— Príncipe de Leah, devo lhe contar que a situação é pior do que parece. O Rei de Callahorn, Ruhl Buckhannah, ficou gravemente doente há algumas semanas e sua condição não parece ter melhorado. Balinor estava ausente e por isso o filho mais novo do Rei assumiu o lugar do pai. Apesar de sempre ter tido uma personalidade instável, ultimamente tem sido ainda mais volúvel. Um de seus primeiros atos foi dispensar a Legião da Fronteira, reduzindo-a a uma fração mínima de seu tamanho original.

— Dispensada! — Menion exclamou, incrédulo. — Por que, em nome...?

— Considerou que eram desnecessários — o outro continuou. — Então os substituiu por um pequeno grupo de seus próprios homens. A verdade é que ele sempre se sentiu à sombra do irmão; a Legião da Fronteira estava

sob o comando direto de Balinor, por ordem do próprio Rei. É bem provável que Palance tenha sentido que permaneceriam leais ao filho primogênito do Rei e não a ele, e ele não tem intenção nenhuma de devolver o trono para Balinor, caso o Rei morra. Ele já deixou isso bem claro. Os comandantes da Legião da Fronteira e várias pessoas próximas de Balinor foram levados e aprisionados, tudo com muita discrição para que o povo não se enfurecesse com essa ação sem sentido. Nosso novo Rei tem ao seu lado, como seu único conselheiro e confidente, um homem chamado Stenmin, um místico e enganador venenoso que só se preocupa com as próprias ambições e não com o bem-estar do povo ou mesmo de Palance Buckhannah. Não sei como conseguiremos encarar essa invasão com nossas lideranças tão divididas e enfraquecidas. Não estou certo nem se convenceremos o Príncipe de que o perigo existe antes do inimigo estar em nossos portões abertos!

— Então Balinor está correndo grande perigo — Menion disse, sombriamente. — Ele foi para Tyrsis sem saber que seu pai está doente e que seu irmão tomou o comando. Precisamos mandar uma mensagem para ele imediatamente!

Os membros do conselho se levantaram de repente, gritando acaloradamente, ainda discutindo sobre o que deveria ser feito para salvar a condenada Kern. O pai de Shirl correu até eles, mas levou vários minutos para que os poucos membros racionais do conselho desesperado acalmassem os outros o bastante para permitir que a discussão continuasse com alguma ordem. Menion ouviu por mais um tempo, antes que sua atenção se desviasse por um momento para as janelas altas em arco e para o céu solene do outro lado. Não estava mais tão escuro e a chuva continuava a diminuir. Sem dúvida, iria acabar no dia seguinte, e a força inimiga acampada do outro lado do Mermidon iria tentar atravessar. Teriam sucesso em conseguir se estabelecer do outro lado com certeza, mesmo se os soldados estacionados ou vivendo em Kern, em número muito menor, tentassem defender a ilha. Sem um exército grande e bem organizado para proteger a cidade, as pessoas seriam massacradas e Kern cairia. Ele se lembrou rapidamente de sua despedida de Allanon, pensando no que o engenhoso Druida iria fazer se estivesse com ele. A situação não era promissora. Tyrsis era governada por um usurpador irracional e ambicioso. Kern estava sem liderança. O conselho dividido e inseguro debatia ações que

já deveriam estar acontecendo. Menion sentiu seu temperamento emergir. Era loucura continuar ponderando alternativas!

— Membros do conselho! Escutem! — a própria voz ergueu-se em fúria, ressonando nas antigas paredes de pedra conforme as vozes dos anciões de Kern morriam em um silêncio cheio de sussurros. — Não só Callahorn, mas todas as Terras do Sul, meu lar e o de vocês esperam pela destruição certa, se não agirmos agora! Até a noite de amanhã, Kern será um monte de cinzas e seu povo será escravizado. Nossa única chance de sobrevivência é fugir para Tyrsis, nossa única esperança de vitória sobre esse terrível exército das Terras do Norte é a Legião da Fronteira, reunida sob o comando de Balinor. Os exércitos élficos estão prontos para lutar conosco. Eventine irá liderá-los. O povo anão, que por anos esteve envolvido em sua luta contra os gnomos, prometeu nos ajudar. Porém, precisamos resistir sozinhos até todos estarem unidos contra essa ameaça monstruosa à nossa existência!

— Seu clamor foi bem expresso, Príncipe de Leah — o pai de Shirl respondeu quando o montanhês corado se interrompeu. — Mas precisamos de uma solução para o problema imediato que nos aflige, para que nosso povo possa chegar a Tyrsis. O inimigo está acampado à nossa frente, no outro lado do Mermidon, e estamos praticamente indefesos. Precisamos evacuar quase quarenta mil pessoas desta ilha e levá-las em segurança até Tyrsis, que está a quilômetros ao sul. Sem dúvida o inimigo já colocou sentinelas nas nossas costas para impedir qualquer tentativa de atravessar o Mermidon antes do ataque a Kern. Como podemos superar esses obstáculos?

Um sorriso fugidio passou pelos lábios de Menion.

— Iremos atacar — declarou simplesmente.

Por um momento, houve um silêncio chocado enquanto todos encararam incrédulos o rosto enganosamente passivo. Palavras de respostas inflamadas ainda se formavam em seus lábios quando Menion ergueu uma mão.

— Um ataque é exatamente o que eles não estão esperando, sobretudo se for à noite. Um ataque rápido no flanco do acampamento principal. Se executado corretamente, irá confundi-los, fazendo-os pensar que se trata de um assalto de uma força muito armada. Um ataque assim com certeza irá atrair as sentinelas ao redor da ilha. Um pequeno comando pode fazer

muito barulho, acender algumas fogueiras e os ocupar por pelo menos uma hora, talvez mais. Enquanto isso estiver acontecendo, evacuaremos a cidade!

Um dos anciões balançou a cabeça negativamente.

— Mesmo uma hora não seria tempo suficiente, mesmo que seu plano seja ousado o bastante para pegar os nortistas desprevenidos, meu jovem. Mesmo se conseguíssemos atravessar todas as quarenta mil pessoas da ilha para a margem sul do rio, ainda teríamos de levá-las até Tyrsis, ao sul, a oitenta quilômetros daqui. Mulheres e crianças precisariam de dias para viajar essa distância em condições normais, e assim que o inimigo descobrisse que Kern foi abandonada, seguiria nosso povo para o sul. Não temos como andar mais rápido do que eles. Por que tentar?

— Não precisarão andar mais rápido — Menion declarou rapidamente. — Vocês não irão levar essas pessoas para o sul por terra, vocês as levarão pelo Mermidon! Ponha todos em pequenos barcos, canoas, tudo o que vocês tiverem ou que puder ser construído em uma noite e que flutue. O Mermidon flui para o interior de Callahorn, a dezesseis quilômetros de Tyrsis. Desembarquem nesse ponto e irão facilmente alcançar a segurança da cidade ao raiar do dia, antes que o pesado exército das Terras do Norte possa se mobilizar para segui-los.

O conselho voltou a ficar de pé, gritando em aprovação, contaminado pelo fogo e determinação do montanhês. Se havia alguma forma de salvar o povo de Kern, mesmo que a cidade caísse nas mãos das hordas inimigas, tentariam. O conselho foi interrompido depois de uma breve discussão para mobilizar os trabalhadores da cidade. Daquela hora até o pôr do sol, todo cidadão capaz de ajudar deveria se empenhar na construção de grandes jangadas de madeira, capazes de transportar centenas de pessoas. Já tinham centenas de pequenos barcos espalhados pela ilha, que seus habitantes usavam para navegar e alcançar o continente. Além disso, havia várias barcas largas para transporte em massa que poderiam fazer o serviço. Menion sugeriu que o conselho ordenasse uma patrulha na costa, impedindo as pessoas de saírem da ilha. Todos os detalhes do plano de fuga deveriam se manter em segredo de todos, exceto dos membros do conselho, o máximo de tempo possível. A maior preocupação do montanhês era que alguém os traísse, impedindo sua rota de fuga antes que tivessem chance de agir. Alguém capturara Shirl em sua própria casa e a levava da cidade

populosa, atravessando com ela o rio até as mãos dos trolls, uma tarefa que não poderia ser executada por alguém que não conhecesse a ilha. Quem quer que fosse, ainda estava livre e escondido, talvez ainda dentro da cidade. Se o sequestrador soubesse os detalhes exatos do plano de evacuação, tentaria avisar os nortistas, sem dúvida. O sigilo era absolutamente vital para aquele plano arriscado funcionar.

O resto do dia passou depressa para Menion. Naquele momento, esqueceu-se de Shea e de seus companheiros das semanas anteriores. Pela primeira vez desde que Shea fora até ele nas terras altas, o Príncipe de Leah encarava um problema que entendia totalmente, que precisava de suas habilidades para ser resolvido. O inimigo não era mais o Rei Caveira ou as criaturas espirituais que o serviam. O inimigo era de carne e osso, criaturas que viviam e morriam de acordo com as mesmas leis que os outros homens; o montanhês podia entender e analisar sua ameaça. O tempo era o principal fator em seu plano para enganar o exército que esperava. Estava participando daquele que era o mais importante empreendimento de sua vida: o salvamento de uma cidade inteira.

Junto com os membros do conselho, coordenou a construção das barcas gigantescas que seriam utilizadas para transportar a maioria dos cidadãos sitiados de Kern pelo Mermidon ainda cheio até a segurança de Tyrsis. O ponto de embarque deveria ser a costa a sudoeste, logo abaixo da cidade. Ali havia uma larga enseada bem escondida por onde as barcas e os barcos menores poderiam ser lançados, protegidos pela escuridão. Do outro lado do rio, havia uma série de promontórios baixos que corriam até a margem. Menion pensou que um punhado de homens poderia cercar o rio quando o ataque principal começasse, mais tarde naquela noite; uma vez do outro lado, poderiam subjugar o pequeno posto de guarda que estaria de vigia. Depois de despacharem as sentinelas, os barcos e as jangadas seriam lançados, correndo rio abaixo com a corrente, seguindo o braço sul do Mermidon até Tyrsis. Não havia nada que os assegurasse que as embarcações não seriam vistas na hora, mas era a única alternativa. Menion acreditava que, se o céu permanecesse nublado, os grupos de sentinelas recuassem para se defender contra o ataque falso ao acampamento principal e o povo da cidade permanecesse em silêncio nas jangadas, a evacuação seria um sucesso.

Contudo, conforme a tarde avançava, a chuva foi diminuindo e as nuvens começaram a se dispersar, deixando aparecer finas tiras de azul no cinza tumultuado. A tempestade terminava e parecia que o céu noturno seria limpo e a terra estaria exposta à luz reveladora da lua nova e de milhares de estrelas piscantes. Menion estava sentado em um dos cômodos menores do salão do conselho quando viu os primeiros sinais de que a chuva estava parando, sua atenção momentaneamente afastada do grande mapa aberto na mesa à frente. Ao seu lado estavam dois membros dispensados da Legião da Fronteira: Janus Senpre, um tenente comandante da Legião e o oficial de maior posto na ilha, e um veterano grisalho chamado Fandrez. O último conhecia a região ao redor de Kern melhor que qualquer um e fora chamado para aconselhar o esquadrão de ataque em seu golpe contra o gigantesco exército do Norte. Senpre, seu superior, era surpreendentemente jovem para o posto, porém era um soldado astuto e determinado, com uma dúzia de anos servindo no campo. Era um seguidor devotado de Balinor, e, como Menion, estava bastante chateado por saber que nada fora dito sobre a chegada do Príncipe em Tyrsis. Mais cedo naquela tarde, selecionara duzentos soldados experientes dispensados da Legião da Fronteira para formarem a força de ataque que seria dirigida contra o acampamento inimigo.

Menion oferecera ajuda, que fora aceita com entusiasmo. O montanhês ainda estava com cortes e machucados nos pés e nas pernas por causa de sua árdua fuga depois de resgatar Shirl Ravenlock, mas se recusou a ficar para trás com o grupo de evacuação quando a ideia do pequeno grupo de ataque fora sua. Flick teria desconsiderado sua insistência como uma tola mistura de orgulho e teimosia, porém Menion Leah não ficaria em relativa segurança na ilha enquanto uma batalha acontecia do outro lado do rio. Levava anos para encontrar algo pelo que valesse a pena lutar, algo além da satisfação pessoal e do encanto irresistível de mais uma aventura. Não seria um espectador passivo enquanto a ameaça mais temível em muitos séculos dizimava a raça humana.

— Este ponto, aqui perto de Spinn Barr, é onde devemos desembarcar — a voz baixa e áspera de Fandrez interrompeu seus pensamentos, levando sua atenção de volta para o mapa detalhado.

Janus Senpre concordou, olhando para Menion para se certificar de que ele prestara atenção. O montanhês assentiu rapidamente.

— Eles terão sentinelas em toda a pradaria acima da barragem — ele respondeu. — Se não cuidarmos delas imediatamente, irão impedir nossa fuga.

— Seu trabalho será mantê-los longe dali, deixando o caminho aberto — o comandante da Legião declarou. Menion abriu a boca para argumentar, mas foi interrompido. — Admiro seu desejo de ir conosco, Menion, porém teremos de ser mais rápidos que o inimigo e seus pés não estão em condições de correr por muito tempo. Você sabe disso tão bem quanto eu. Então a patrulha da costa é sua. Mantenha nosso caminho até os barcos desimpedidos e você estará nos prestando um serviço mais importante do que se viesse conosco.

Menion concordou em silêncio, apesar de ter ficado muito desapontado. Ele queria estar na vanguarda do assalto. No fundo, ainda tinha esperanças de encontrar Shea preso no acampamento inimigo. Seus pensamentos foram para Allanon e Flick. Talvez eles tivessem encontrado o jovem do Vale Sombrio, como o Druida havia prometido fazer. Balançou a cabeça com tristeza. *Shea, Shea, por que tinha de acontecer com alguém como você, alguém que só queria ficar em paz?* Havia uma loucura no esquema da vida que os homens eram forçados a aceitar com fúria resignada ou simples indiferença. Não havia uma solução final; talvez apenas na morte.

A reunião terminou logo depois, com Menion Leah desanimado e amargo vagando sem rumo para fora da câmara do conselho, ainda perdido em seus pensamentos. Quase sem perceber, desceu a larga escadaria de pedra do prédio até a rua e dali refez o caminho até a casa de Shirl, mantendo-se próximo das calçadas cobertas e das laterais dos prédios. Aonde aquilo tudo levava? A ameaça do Lorde Feiticeiro pairava à sua frente como uma muralha imensurável. Como poderiam esperar derrotar uma criatura que não tinha alma, uma criatura que vivia de acordo com leis de natureza completamente estranhas àquele mundo em que nascera? Por que um simples jovem de uma obscura aldeia seria o único ser mortal com a habilidade de destruir uma criatura tão poderosa? Menion precisava desesperadamente entender o que estava acontecendo com ele e com seus amigos ausentes, mesmo que fosse apenas uma pequena peça entre as

milhares que compreendiam o quebra-cabeça do Lorde Feiticeiro e da Espada de Shannara.

Subitamente, ele se viu na frente da casa dos Ravenlock, as portas fechadas, as trancas de metal parecendo frias e foscas na névoa cinza, ainda suspensa em fiapos no ar frio do fim da tarde. Afastou-se rapidamente da entrada, pois não queria ficar com outras pessoas naquele momento; preferia a solidão da varanda vazia. Devagar, foi pelo caminho de pedra até o pequeno jardim ao lado da casa. As folhas e flores gotejavam com a chuva de vários dias; o chão verde estava úmido.

Ficou imóvel, os próprios pensamentos tão nebulosos e melancólicos quanto o cenário ao redor, abrindo caminho por um breve momento ao desespero profundo que o tomou ao calcular tudo que perdera. Nunca se sentira tão sozinho, mesmo na vastidão escura das terras altas de Leah quando caçara longe de casa e dos amigos. Algo dentro dele insistia com receio de que jamais voltaria ao que fora antes, jamais voltaria para seus amigos, seu lar, sua antiga vida. Em algum momento dos dias que se passaram, perdera tudo. Sacudiu a cabeça, lágrimas indesejadas nas pálpebras enquanto a umidade ao seu redor o envolvia e o frio da chuva alojava-se em seu peito.

Passos repentinos soaram na pedra atrás dele e uma pequena forma esguia parou em silêncio ao seu lado, os cachos vermelhos lançando sombra nos olhos arregalados que o fitaram por um momento antes de se desviarem para o jardim. Os dois ficaram sem falar por um longo tempo, o resto do mundo deixado para trás. No céu, nuvens pesadas passavam, cobrindo os últimos vestígios de azul enquanto a escuridão do começo da noite se aproximava. A chuva caía novamente com força na terra sitiada de Callahorn e Menion notou, com um alívio distraído, que seria uma noite escura e sem lua na ilha de Kern.

Havia passado muito da meia-noite. A chuva caía em uma garoa nebulosa; o céu noturno ainda permanecia impenetravelmente escuro e agourento, quando um exausto Menion Leah andou aos tropeços até uma jangada pequena e mal acabada, amarrada em uma enseada tranquila na costa sudoeste da ilha. Dois braços finos o pegaram quando caiu, e ele observou

surpreso os olhos escuros de Shirl Ravenlock. Ela esperara por ele como dissera que faria, apesar de ele ter implorado para que fosse com os outros quando a evacuação começasse. Cortado e ferido, sua roupa rasgada e sua pele molhada pela chuva e por seu próprio sangue, deixou que ela o envolvesse em um manto ainda seco e quente, o apoiasse em seu ombro, enquanto se agachavam nas sombras da noite e esperavam.

Alguns haviam retornado com Menion e mais uns poucos que estavam embarcando, todos exaustos da batalha, mas ferozmente orgulhosos da coragem e do sacrifício que exibiram naquela noite na planície ao norte de Kern. Nunca o Príncipe de Leah vira tanta bravura contra probabilidades tão adversas. Aqueles homens da famosa Legião da Fronteira tinham perturbado tão completamente o acampamento inimigo que, mesmo naquele momento, horas depois do ataque inicial, a confusão continuava. O número de inimigos era inacreditável, milhares e milhares, atacando qualquer coisa ao seu alcance, ferindo e matando os próprios companheiros. Eram motivados por algo além do medo ou do ódio; eram motivados pelo poder inumano do Lorde Feiticeiro, sua fúria jogando-os na batalha como seres enlouquecidos sem outro propósito além de o destruir. Mesmo assim, os homens da Legião os repeliram, fazendo-os recuar várias vezes, apenas para se reagruparem e atacar novamente. Muitos morreram. Menion não sabia o que preservara sua vida, mas fora algo parecido com um milagre.

As amarras foram soltas e ele sentiu a jangada começar a ser levada para longe da costa pela corrente, que a pegou e a puxou para o centro do cheio Mermidon. Momentos depois, estavam no canal principal, movendo-se silenciosamente rio abaixo até Tyrsis, a cidade protegida por muralhas, para onde o povo de Kern fugira horas antes em uma evacuação perfeitamente executada. Quarenta mil pessoas, amontoadas em jangadas gigantescas, em pequenos barcos e até mesmo em botes para duas pessoas, fugiram sem serem detectadas da cidade sitiada, enquanto as sentinelas do inimigo, que guardavam a margem oeste do Mermidon, voltaram apressadas para o acampamento principal, onde parecia que estava acontecendo um ataque com a força total dos exércitos de Callahorn. Os ruídos da chuva e do rio e os gritos do acampamento distante abafaram os sons das pessoas nas jangadas e barcos, apertadas e amontoadas em uma aposta aterrorizante e desesperada por liberdade. A escuridão do céu nublado escondera a todos; a

coragem coletiva os sustentara. Pelo menos, por enquanto, haviam enganado o Lorde Feiticeiro.

Menion cochilou, consciente apenas do balanço gentil enquanto o rio levava a jangada para o sul. Sonhos estranhos relampejavam em sua mente inquieta, enquanto o tempo escorria em longos minutos de silêncio tranquilo. Porém, vozes o alcançaram, inquietando seu inconsciente, forçando-o a acordar abruptamente, e seus olhos queimaram com um brilho vermelho que enchia o ar úmido ao redor. Apertando os olhos, ergueu-se dos braços de Shirl, a dúvida estampada no rosto magro ao ver o céu ao norte coberto por um brilho avermelhado que se igualava ao dourado do amanhecer. Shirl falava baixo em seu ouvido, as palavras fracas, mas poderosas:

— Eles botaram fogo na cidade, Menion. Eles botaram fogo no meu lar!

Menion baixou os olhos e apertou o braço fino da menina com uma das mãos. Apesar de o povo ter conseguido escapar, a cidade de Kern vira seu último dia e, com uma grandeza terrível, terminara em chamas.

Capítulo XXV

As horas escorriam silenciosamente no negrume tumular da pequena cela. Mesmo depois que os olhos dos prisioneiros se acostumaram com a escuridão impenetrável, ainda havia uma solidão que entorpecia os sentidos e destruía a capacidade de perceber a passagem do tempo. Para além da escuridão vazia daquele aposento e de suas respirações abafadas, os três cativos não escutavam nada, salvo as raras corridas de um pequeno roedor e o constante cair da água gelada na pedra erodida. Por fim, seus ouvidos começaram a pregar peças, escutando sons onde só havia silêncio. Seus movimentos eram insignificantes, pois podiam prevêê-los, identificá-los e descartá-los como algo medíocre e inútil. Uma quantidade de tempo interminável arrastou-se e esmoreceu; mesmo assim ninguém foi até eles.

Em algum lugar acima, na luz e no ar limpo, em meio aos sons das pessoas e da cidade, Palance Buckhannah decidia o destino deles e, indiretamente, o destino das Terras do Sul. O tempo estava se esgotando para Callahorn; o Lorde Feiticeiro aproximava-se mais a cada hora que passava. No entanto, ali, no silêncio escuro da pequena prisão, no mundo isolado dos batimentos do pulso do mundo humano, o tempo não tinha sentido e o amanhã seria idêntico ao hoje. Em algum momento seriam descobertos, mas emergiriam novamente na luz amigável do sol ou seria uma transferência de uma escuridão para outra? Encontrariam apenas a terrível penumbra do Rei Caveira, seu poder estendendo-se não apenas sobre Callahorn, mas até os recantos mais distantes de todas as províncias das Terras do Sul?

Balinor e os irmãos elfos haviam se libertado pouco depois de seus captores terem partido. As cordas que os amarravam não foram feitas com a intenção de impedi-los de escapar, quando estivessem seguramente trancados naquela cela na masmorra. Os três não demoraram a soltar os nós. Agrupados na escuridão, as cordas e as vendas colocadas de lado,

discutiram seu destino. Agachados um ao lado do outro, o cheiro úmido e podre do antigo porão quase os impedia de respirar, e o ar era frio e cortante, apesar de seus mantos pesados. O chão era de terra, as paredes de pedra e ferro; a sala parecia desolada e vazia.

Balinor conhecia o porão sob o palácio, mas não reconheceu a sala em que foram presos. O porão era usado principalmente como armazém, e apesar de ter várias salas onde barris de vinho eram deixados para envelhecer, este não era o caso da cela em que estavam. Com uma certeza terrível, percebeu que haviam sido aprisionados na antiga masmorra, construída séculos antes abaixo do porão, sendo mais tarde trancada e esquecida. Palance devia tê-la descoberto e reaberto as celas para seu uso. Provavelmente, aprisionara os amigos de Balinor em algum lugar daquele labirinto quando vieram até o palácio reclamar da dissolução da Legião da Fronteira. Era uma prisão bem escondida e Balinor duvidava que quem procurasse por eles a encontrasse.

A discussão terminou rápido. Havia pouco a dizer. Balinor deixara suas instruções com o capitão Sheelon. Se não retornassem, ele deveria procurar Ginnisson e Fandwick, dois dos comandantes da confiança de Balinor, e ordenar que reagrupassem a Legião da Fronteira para se defender contra qualquer ataque do Lorde Feiticeiro e de seu exército invasor. Também dissera a Sheelon para mandar uma mensagem para as nações dos elfos e dos anões, avisando sobre a situação e pedindo ajuda imediata. Eventine não permitiria que seus primos ficassem muito tempo como prisioneiros em Callahorn e Allanon viria logo que ouvisse algo sobre o que acontecera. Pensou que quatro horas já haviam se passado fazia muito tempo, então era apenas questão de esperar. Mas tempo era algo precioso e com Palance determinado em obter o trono de Callahorn, suas vidas estavam em grave perigo. Começou a desejar ter ouvido o aviso de Durin e evitado um confronto com seu irmão até ter certeza do resultado.

Ele nunca imaginara que as coisas tomariam aquele rumo. Palance agira como um selvagem, seu ódio era tão avassalador que nem sequer esperara para ouvir o que Balinor tinha a dizer. Porém, não havia mistério naquele comportamento irracional. O que despertara a ação irracional foram mais do que simples diferenças pessoais entre irmãos; fora mais do que a doença do pai, que Palance acreditava ter sido causada por Balinor. O motivo tinha

a ver com Shirl Ravenlock, a mulher deslumbrante por quem Palance se apaixonara meses antes e com quem jurara se casar, apesar da relutância da própria. Algo acontecera com a jovem de Kern, e Balinor ficara com a culpa. Palance faria qualquer coisa para tê-la de volta a salvo, se realmente estivesse desaparecida, como as poucas palavras de seu irmão indicaram, antes de serem trazidos até as masmorras.

Ele explicou a situação para os irmãos elfos. Tinha certeza de que Palance viria até eles em breve e exigiria informações sobre a jovem. Mas ele não acreditaria quando dissessem que não sabiam de nada...

Mais de vinte e quatro horas se passaram e ninguém apareceu. Não havia nada para comer. Mesmo depois que seus olhos se acostumaram com as trevas, não havia nada para se ver além de suas formas sombrias e das paredes ao redor. Revezaram-se para dormir, tentando conservar as forças para o que estava por vir, mas o silêncio fora do normal impedia que dormissem profundamente. Resignaram-se, assim, com cochilos inquietos, que pouco faziam para reanimar seus corpos ou seus espíritos. No começo, tentaram encontrar pontos fracos nas dobradiças da pesada porta de ferro, mas ela estava bem presa. Sem ferramentas, viram que era impossível cavar fundo na superfície gelada e dura como ferro do chão. As paredes de pedra eram antigas, porém ainda estavam firmes e sólidas, sem sinais de pontos fracos. Com o tempo, desistiram de suas tentativas de fuga e voltaram a se sentar em silêncio.

Finalmente, depois de horas intermináveis esperando na escuridão fria, ouviram o som distante de metal ressoando enquanto uma antiga porta de ferro era aberta em algum ponto acima. Ouviram vozes, baixas e abafadas, e depois passos na pedra quando alguém começou a descer as escadas gastas até a masmorra onde os três estavam presos. Levantaram-se rapidamente e foram até a porta da cela, enquanto escutavam, cheios de expectativas, os passos e as vozes que se aproximavam. Balinor conseguiu distinguir a voz do irmão sobre as demais, estranhamente hesitante e derrotada. As pesadas trancas foram abertas, o súbito som do metal raspando metal furando os ouvidos dos três prisioneiros, que haviam se acostumado com o silêncio mortal da prisão. Afastaram-se da porta da cela enquanto ela se abria lentamente para trás. Faixas ardentes de luz de uma tocha irromperam na sala escura, forçando os prisioneiros a protegerem os olhos enfraquecidos.

Assim que se acostumaram com a iluminação, várias figuras entraram no aposento, parando diante da entrada.

O filho mais novo do rei doente estava à frente dos outros três, seu rosto largo e seus lábios apertados. Somente seus olhos revelavam o ódio que o consumia, movendo-se de forma enlouquecida e desesperada de um cativo para o outro enquanto fechava suas mãos em punhos atrás de si. Ele era claramente irmão de Balinor. Possuía a mesma estrutura facial, a mesma boca larga e nariz proeminente, e a mesma forma grande e resistente. Ao seu lado estava um homem que até os irmãos elfos reconheceram, apesar de nunca o terem visto. Era o místico Stenmin, uma figura magra e levemente encurvada, o rosto fino e pontudo, vestido com uma túnica tão vermelha quanto seus outros adereços. Seus olhos tinham uma sombra estranha, refletindo o mal indisfarçável de quem ganhara a completa confiança do autoproclamado novo Rei. Suas mãos se moviam com nervosismo sobre seu corpo, erguendo-se quase automaticamente de tempos em tempos para acariciar a pequena barba negra e pontuda que obscurecia o rosto anguloso. Atrás dele, estavam dois guardas armados, vestidos de preto e usando a insígnia do falcão. Para além deles, logo atrás da porta, estavam mais dois. Todos portavam lanças de aparência cruel. Por um momento, ninguém falou, ninguém nem sequer se moveu enquanto os dois grupos se examinavam na pequena cela iluminada pelo brilho lúgubre da luz da tocha. Palance fez um movimento rápido na direção da porta.

— Falarei com meu irmão a sós. Levem esses dois daqui.

Os guardas obedeceram em silêncio, levando os dois elfos relutantes para fora. O Príncipe esperou até que saíssem e se virou questionador para a figura de vermelho ainda a seu lado.

— Pensei que você talvez precisasse de mim...? — O rosto fino e calculista encarava o impassível Balinor.

— Deixe-nos, Stenmin. Falarei com meu irmão a sós.

O tom de voz que usou beirava a raiva, e o místico assentiu obedientemente, saindo depressa da cela. A porta pesada se fechou com um som ameaçador, deixando os dois irmãos sozinhos, em um silêncio quebrado apenas pelo ruído da chama da tocha que consumia a madeira seca e brilhava em faíscas cintilantes. Balinor não se moveu, esperando pacientemente. Seus olhos tentavam sondar o rosto de seu irmão mais novo,

buscando alcançar os sentimentos de amor e amizade que compartilharam quando crianças. Mas eles haviam sumido, ou então tinham sido cuidadosamente escondidos em algum canto escuro de seu coração, deixando, em seu lugar, uma raiva estranha e incansável, que parecia surgir tanto da insatisfação com o que estava acontecendo quanto da aversão que sentia pelo irmão cativo. Um instante se passou e a fúria e o desprezo sumiram, dando lugar a um isolamento calmo que Balinor considerou falso e irracional, como se Palance estivesse interpretando um papel sem realmente entender a personagem.

— Por que você voltou, Balinor? — As palavras saíram lentas e tristes. — Por que você fez isso?

O homem alto não respondeu, incapaz de entender aquela mudança súbita de humor. Antes, seu irmão estivera disposto a fazê-lo em pedaços para descobrir o paradeiro da bela Shirl Ravenlock, mas agora parecia ter eliminado o assunto de sua mente.

— Não tem importância, não tem importância, suponho — a resposta veio antes que Balinor se recuperasse de seu choque com a mudança repentina. — Você poderia ter ficado longe depois... depois de toda... depois de sua traição. Desejei que ficasse, sabe, porque éramos tão próximos quando crianças e você é, apesar de tudo, meu único irmão. Eu serei o Rei de Callahorn... Eu deveria ter sido o primogênito...

Sua voz sumiu em um sussurro, sua mente vagando por algum pensamento não expresso. *Ele enlouqueceu*, Balinor pensou desesperado, *e não pode mais ser alcançado!*

— Palance, me escute. Apenas me ouça. Não fiz nada para você ou para Shirl. Eu estava em Paranor desde que saí daqui, semanas atrás, e só voltei para avisar nosso povo que o Rei Caveira reuniu um exército de dimensões tão terríveis que irá atravessar todas as Terras do Sul, a não ser que o impeçamos! Pelo bem de toda essa gente, por favor, me escute...

A voz de seu irmão perfurou o ar em um comando agudo.

— Não irei ouvir mais nada dessa conversa tola sobre invasão! Minhas patrulhas checaram as fronteiras e relataram que não viram exército inimigo em lugar nenhum. Além disso, quem ousaria atacar Callahorn, me atacar...? Nosso povo está a salvo aqui. E por que eu deveria me preocupar com o

resto das Terras do Sul? O que eu devo a eles? Sempre nos deixaram lutando sozinhos, guardando essas fronteiras sozinhos. Eu não devo nada a eles!

Deu um passo à frente na direção de Balinor e apontou ameaçadoramente para ele, o estranho ódio queimando com nova força e o rosto jovem distorcido de maneira selvagem.

— Você se virou contra mim, irmão, quando sabia que eu seria o rei. Você tentou me envenenar como envenenou meu pai, você queria que eu ficasse doente e indefeso como ele está agora... Morrendo sozinho, esquecido, sozinho. Você pensou que encontrara um aliado que ganharia o trono para você quando foi embora com aquele traidor chamado Allanon. Como eu odeio aquele homem... Não, não um homem, mas uma coisa maligna. Ele precisa ser destruído! Mas *você* ficará nesta cela, sozinho e esquecido, Balinor, até morrer. O mesmo destino que planejou para mim!

Virou-se de repente, quebrando sua saída com uma risada aguda enquanto se encaminhava para a porta fechada. Balinor pensou que ele já ia abri-la quando o jovem corpulento parou e virou-se em sua direção. Lentamente, voltou os olhos tristes de novo.

— Você poderia ter permanecido longe desta terra e ficado a salvo — murmurou como se estivesse confuso. — Stenmin disse que você voltaria mesmo quando eu lhe assegurei que não. Ele estava certo de novo. Ele sempre está certo. Por que você voltou?

Balinor pensou rápido. Ele tinha de prender a atenção de seu irmão por tempo o bastante para descobrir o que acontecera com seu pai e seus amigos.

— Eu... eu descobri que estava enganado, que estava errado — respondeu devagar. — Voltei para casa para ver nosso pai e você, Palance.

— Pai — a palavra saiu como um nome desconhecido enquanto o Príncipe dava mais um passo. — Ele está além de nossa ajuda, deitado como se já estivesse morto naquele quarto na ala sul. Stenmin cuida dele, assim como eu, mas nada pode ser feito. Ele parece ter perdido a vontade de viver...

— Mas o que há de errado com ele? — A impaciência de Balinor vencia e ele avançou ameaçadoramente na direção do irmão.

— Fique longe, Balinor. — Palance recuou apressado, desembainhando uma adaga longa, que segurou à sua frente.

Balinor hesitou por um momento. Seria fácil pegar a adaga e prender o Príncipe como refém até ser libertado. Porém, algo o impediu, algo dentro de si que o avisou para não dar esse passo. Rapidamente, parou, levantando as mãos e recuando até a parede.

— Você precisa se lembrar de que é meu prisioneiro — Palance assentiu satisfeito, sua voz trêmula. — Você envenenou o Rei e tentou me envenenar. Eu poderia ordenar sua morte. Stenmin me aconselhou a executá-lo imediatamente, mas eu não sou covarde como ele. Também fui comandante da Legião da Fronteira, antes... Mas eles foram dispensados e mandados de volta para suas famílias. Meu reino será uma época de paz. Você não entende isso, não é, Balinor?

O homem da fronteira balançou a cabeça em uma negativa, tentando desesperadamente manter a atenção do irmão por mais alguns minutos. Pelo jeito, Palance enlouquecera, por um defeito latente e congênito de sua mente ou pela tensão do que estava acontecendo desde que Balinor deixara Tyrsis com Allanon; era impossível dizer. De qualquer jeito, não era mais o irmão com quem Balinor crescera e amara como jamais tinha amado outra pessoa. Era um estranho vivendo na casca que era o corpo de seu irmão, um estranho obcecado em se tornar Rei de Callahorn. Stenmin estava por trás disso, Balinor sabia. O místico tinha, de alguma forma, distorcido a mente de seu irmão enlouquecido, direcionando-a para seus próprios fins, enchendo-a com promessas de um destino como Rei. Palance sempre quisera governar Callahorn. Mesmo quando Balinor deixara a cidade, sabia que Palance tinha certeza de que seria Rei um dia. Stenmin estivera ali o tempo todo, aconselhando e avisando como um amigo próximo, envenenando sua mente contra o próprio irmão. Mas Palance fora um homem independente e de vontade forte, mental e fisicamente saudável que não se entregaria com facilidade. Mesmo assim, havia mudado. Hendel estivera errado sobre Palance, mas pelo jeito Balinor também. Nenhum deles havia previsto aquilo e era tarde demais.

— Shirl... o que aconteceu com Shirl? — ele perguntou rápido.

Novamente a raiva sumiu dos olhos inquietos de seu irmão e um sorriso lento tomou seus lábios, relaxando o rosto angustiado por um momento.

— Ela é tão bonita... tão bonita — suspirou de forma tola, a adaga caindo inofensivamente no chão enquanto o Príncipe abria as mãos para enfatizar

seus sentimentos. — Você a tirou de mim, Balinor. Tentou mantê-la longe de mim. Porém, ela está salva agora. Foi salva por um sulista, um Príncipe como eu. Não, eu sou Rei de Tyrsis agora e ele é somente um Príncipe. E de um reino pequeno, que eu nunca ouvi falar antes. Ele e eu seremos bons amigos, Balinor, do jeito como você e eu fomos um dia. Mas Stenmin... diz que não posso confiar em mais ninguém. Eu tive até que prender Messaline e Acton. Eles vieram até mim quando eu mandei a Legião para casa, tentando me persuadir a... bem, acho que a desistir de meus planos de paz. Eles não entenderam... por que...

Parou de repente, os olhos baixos caindo na adaga momentaneamente esquecida. Pegou-a depressa, colocando-a em sua bainha no cinto com um sorriso malandro para seu irmão, parecendo uma criança esperta que acabara de evitar uma bronca. Balinor não tinha mais dúvidas de que seu irmão estava totalmente incapaz de tomar decisões de forma racional. De repente, ficou chocado com seu pressentimento de que, apesar de ser fácil tirar a adaga do irmão e fazê-lo de refém, seria um erro grave. Sabia por que aquele alerta surgira dentro de si. Stenmin sabia da condição de Palance e deixara os irmãos sozinhos na cela de propósito. Se Balinor tentasse desarmar Palance e escapar levando-o como refém, o místico malvado teria conseguido atingir seu objetivo óbvio com um único golpe e matar os dois irmãos. Quem iria questioná-lo quando explicasse que Palance fora morto por acidente enquanto seu irmão tentava fugir da prisão? Com os dois irmãos mortos e seu pai incapaz de governar, o místico conseguiria tomar o governo de Callahorn e sozinho seria o responsável pelo destino das Terras do Sul.

— Palance, me escute, eu imploro — Balinor clamou, em voz baixa. — Já fomos tão próximos. Éramos mais do que apenas irmãos de sangue. Éramos amigos, companheiros. Confiávamos um no outro, amávamos um ao outro e sempre conseguimos resolver os nossos problemas quando tentamos entender um ao outro. Você não pode ter esquecido isso tudo. Escute! Mesmo um rei precisa entender seu povo, inclusive quando eles não concordam com o jeito de se lidar com as coisas. Você concorda com isso, não?

Palance assentiu, muito sério, os olhos vagos e distantes enquanto tentava lutar contra a névoa que bloqueava seus pensamentos. Houve um lampejo

de entendimento, enquanto Balinor parecia determinado a alcançar a memória que estava trancada em algum lugar dentro dele.

— Stenmin está usando você, ele é um homem mau. — Seu irmão se assustou, dando um passo para trás como se tentasse não escutar mais. — Você precisa entender, Palance. Não sou seu inimigo, nem inimigo desse lugar. Não envenenei nosso povo. Não fiz mal a Shirl de forma alguma. Eu só quero ajudar...

Seu apelo foi interrompido de repente quando a porta da cela se abriu com um som agudo e as feições angulares de Stenmin irromperam. Curvando-se condescendentemente, ele entrou na cela, seus olhos cruéis fixos em Balinor.

— Pensei que tivesse me chamado, meu Rei — sorriu, rapidamente. — Você estava sozinho aqui há tanto tempo que pensei que algo poderia ter acontecido...

Palance o encarou por um momento sem entender, depois sacudiu a cabeça em negativa e virou-se para sair. Naquele instante, Balinor pensou em pular em cima do místico e esmagá-lo até a morte antes que os guardas pudessem agir. Mas hesitou por um breve instante, incerto se mesmo aquilo iria salvá-lo ou ajudar seu irmão, e a oportunidade passou. Os guardas entraram de novo na cela, guiando os irmãos elfos, que olhavam ao redor em dúvida, e se uniram ao seu companheiro do outro lado da pequena cela. De repente, Balinor se lembrou de algo que Palance dissera enquanto falava de Shirl. Ele mencionara um Príncipe de um pequeno reino sulista, um Príncipe que resgatara a jovem. Menion Leah! Mas como ele poderia estar ali em Callahorn...?

Os guardas estavam se virando para sair, e com eles o silencioso Palance e seu companheiro maligno, um braço coberto de vermelho guiando o Príncipe para fora da sala. Abruptamente, a figura magra olhou mais uma vez para os três prisioneiros, um sorriso fino nos lábios franzidos enquanto a cabeça inclinava-se com cautela para um lado.

— Caso meu Rei tenha se esquecido de comentar, Balinor... — as palavras soavam repletas de um ódio lento e abrasador. — Os guardas na Muralha Externa viram você falando com certo capitão Sheelon, que fez parte da Legião da Fronteira. Ele estava tentando falar com outras pessoas sobre a sua... situação, quando foi capturado e preso. Eu não creio que ele terá

chances de nos causar mais problemas. O assunto está encerrado e com o tempo até mesmo você será esquecido.

O coração de Balinor se apertou com aquela notícia. Se Sheelon fora capturado e confinado antes que conseguisse avisar Ginnisson e Fandwick, não haveria ninguém para reunir a Legião da Fronteira e ninguém para falar ao povo por ele. Seus companheiros ausentes não saberiam que fora aprisionado ao chegar a Tyrsis, e mesmo que suspeitassem do que poderia se passar, que chances teriam de descobrir o que acontecera com ele? Aquele nível inferior do velho palácio era desconhecido de todos, exceto por uns poucos, e sua entrada era bem escondida.

Os três cativos desanimados assistiram em um silêncio amargo enquanto os guardas colocaram uma pequena bandeja de pão e uma caneca de água logo ao lado da porta e voltaram para o corredor, levando com eles todas as tochas acesas, menos uma. Stenmin, com um sorriso sombrio, segurava essa última luz enquanto esperava que a forma curvada de Palance seguisse os guardas. Porém, Palance parou, hesitante, incapaz de tirar os olhos do rosto orgulhoso e resignado do irmão; a luz fraca da tocha iluminava o rosto largo com faixas vermelhas, e a cicatriz, longa e funda, aparecia escura e cruel na penumbra. Os irmãos se encararam em silêncio por vários minutos, até Palance avançar de novo na direção de Balinor com passos lentos e comedidos. Sacudiu o braço para se soltar da mão de Stenmin quando ele tentou segurá-lo. Parou a centímetros do irmão, os olhos espantados procurando algo, ainda presos naquela expressão de granito como se quisesse assimilar a determinação ali espelhada. Uma mão insegura levantou-se rapidamente, parando por um instante e depois pousando no ombro de Balinor, apertando-o com força.

— Eu quero... saber — as palavras eram quase um sussurro na escuridão.
— Eu quero entender... Você precisa me ajudar...

Balinor assentiu em silêncio, sua mão grande erguendo-se para apertar a do irmão com amor. Por um momento, permaneceram assim, unidos, como se a amizade e o amor da infância não tivessem sumido. Palance virou-se bruscamente e saiu depressa da cela, seguido por um perturbado Stenmin. A porta pesada fechou-se com os ruídos das dobradiças de ferros e das trancas de metal, encarcerando os três amigos e a escuridão impenetrável

novamente. A espera recomeçou, mas qualquer esperança de serem salvos parecia estar irremediavelmente perdida.

Uma forma sombria destacou-se da escuridão das árvores no parque deserto embaixo da Ponte Sendic e disparou em silêncio na direção do palácio dos Buckhannahs. Em passos rápidos e seguros, a forma compacta e poderosa avançou pelas sebes baixas e pelos arbustos, passando entre os olmos majestosos, com um par de olhos observadores estudando as muralhas que cercavam o terreno real, procurando com cuidado algum sinal dos guardas. Perto dos portões de ferro acima do parque, onde a ponte se abria na parte alta, vários guardas com a insígnia do falcão visível na luz das tochas na entrada do portão patrulhavam. Lentamente a figura escura escalou a encosta suave na direção das muralhas cobertas de musgo e hera acima. Ao chegar ao terreno mais alto, misturou-se às sombras da pedra.

Por algum tempo, permaneceu invisível enquanto se afastava do portão principal e da luz fraca das tochas. O intruso voltou a ficar visível. Era um borrão escuro contra a parede oeste, iluminada pela lua. Seus braços fortes se agarraram tenazmente às trepadeiras resistentes, puxando sua forma corpulenta sem provocar som até a beira da pedra. Ali, ergueu a cabeça com cuidado, e a visão aguçada vasculhou os jardins vazios do palácio, conferindo se não havia guardas por perto. Com um empurrão de seus ombros poderosos, o intruso chegou ao topo da muralha e, saltando rapidamente, aterrissou do outro lado com uma batida suave no chão entre as flores do jardim.

Correndo abaixado, a figura misteriosa foi até a sombra de um salgueiro imenso. Parando sem fôlego debaixo da copa feita de galhos protetores da árvore, o intruso ouviu o som de vozes que se aproximavam. Escutando com atenção por algum tempo, concluiu que era apenas a conversa distraída de vários guardas do palácio que faziam suas rondas. Esperou confiante, sua estrutura compacta misturando-se tão bem ao tronco da árvore que ficou invisível a metros de distância. Os guardas apareceram pouco depois, ainda conversando em vozes relaxadas enquanto passavam pelos jardins silenciosos; logo sumiram. Descansando furtivamente por mais alguns minutos, o estranho estudou a forma escura que ocupava o centro daqueles

jardins cobertos de árvores: o antigo palácio dos Reis de Callahorn. Algumas poucas janelas iluminadas quebravam a escuridão nebulosa da grandiosa estrutura de pedra, derramando faixas brilhantes nos jardins desertos. Havia vozes indistintas e abafadas vindas lá de dentro, mas seus donos permaneciam anônimos.

Em uma rápida corrida, atravessou as sombras do prédio, parando brevemente debaixo de uma janela escura em um canto. Suas mãos fortes trabalharam de forma ágil na tranca antiga, empurrando-a e soltando o ferrolho. Por fim, com um estalo audível que pareceu ressoar por todo o palácio, a tranca se quebrou e a janela se abriu silenciosamente para dentro. Sem esperar para ver se os guardas haviam ouvido o som de sua entrada forçada, o intruso deslizou apressado pela pequena abertura. Enquanto a janela se fechava logo atrás, a luz fraca da lua envolta em nuvens bateu por um breve instante no rosto largo e determinado do formidável Hendel.

Stenmin havia cometido um erro grave ao aprisionar Balinor e os primos de Eventine. O plano original era simples e o velho Sheelon fora preso quase no mesmo instante que deixara Balinor, impedindo que cumprisse as instruções do Príncipe e avisasse seus amigos da sua prisão. Com Balinor e os irmãos elfos, seus únicos acompanhantes quando entrara na cidade Tyrsis, presos em segurança abaixo do palácio e com Acton e Messaline, amigos próximos do Príncipe, também confinados, parecia seguro afirmar que ninguém mais na cidade causaria problemas.

A notícia que se espalhara foi de que Balinor viera para uma rápida visita e seguira seu caminho, voltando para a companhia do místico Allanon, cuja fama de ser um inimigo e uma ameaça para a terra de Callahorn Stenmin havia espalhado para Palance Buckhannah e o povo de Tyrsis. Se algum dos amigos de Balinor aparecesse e questionasse a história de sua partida abrupta, iria primeiro ao palácio falar com seu irmão, que se tornara o Rei, e seria apenas uma questão de tirá-los de cena. Sem dúvida, teria sido exatamente assim com todos, exceto Hendel. O anão taciturno estava familiarizado com as ações traiçoeiras de Stenmin e suspeitava que ele conseguira controlar o perturbado Palance. Hendel sabia que não deveria revelar sua presença antes de descobrir o que realmente acontecera a seus companheiros sumidos.

Fora uma reviravolta bem peculiar que o levara de volta a Tyrsis. Quando deixara Balinor e os irmãos perto da floresta ao norte da Fortaleza, realmente pretendia viajar direto para a cidade de Varfleet e dali seguir para Culhaven. Assim que estivesse na própria terra, ajudaria a mobilizar os exércitos anões para defender os territórios ao sul de Anar contra a invasão do Lorde Feiticeiro. Viajou a noite toda pela floresta ao norte de Varfleet e, de manhã, entrou na cidade, onde chamou imediatamente os velhos amigos. Após uma breve reunião, foi dormir. Acordou de tarde e, depois de se lavar e comer, preparou-se para partir até sua terra natal. Não havia alcançado os portões da cidade quando um grupo esfarrapado de anões surgiu vacilante nas ruas, pedindo para ser levado até o conselho. Hendel juntou-se a eles, interrogando um conhecido, enquanto eram escoltados até as salas do conselho. Para sua tristeza, soube que uma grande força de trolls e gnomos estava marchando diretamente para Varfleet, saindo dos Dentes de Dragão, e a atacaria em um dia ou dois. Os anões eram parte de uma patrulha que avistara o exército e tentara passar por ele para avisar os sulistas. Infelizmente, foram vistos e massacrados em uma luta sangrenta. Somente aquele punhado havia conseguido alcançar a cidade.

Hendel sabia que, se uma força armada estivesse se movendo na direção de Varfleet, era muito provável que houvesse uma segunda, muito maior, marchando contra Tyrsis. Tinha certeza de que o Lorde Feiticeiro planejava destruir as cidades de Callahorn rápida e totalmente, deixando a entrada para as Terras do Sul aberta e desguarnecida. Seu primeiro dever era o próprio povo, mas seria uma caminhada de dois dias até Culhaven e mais dois dias para voltar.

Logo descobriu que Balinor se enganara ao acreditar que seu pai ainda era Rei. Se Balinor fosse morto ou aprisionado por seu irmão enlouquecido de ciúmes, ou pelo traidor Stenmin, antes de assegurar o trono para si e ganhar o comando da Legião da Fronteira, Callahorn estaria condenada. Alguém tinha de alcançá-lo antes que fosse tarde demais. Não havia ninguém disponível para esse serviço além dele mesmo. Allanon ainda estava procurando Shea nas Terras do Norte, acompanhado por Flick e Menion Leah. Tomou a decisão em pouco tempo, ordenando que um dos anões da abatida patrulha fosse para Culhaven naquela noite. O que quer que acontecesse, a notícia de que a invasão das Terras do Sul começara e de

que os exércitos anões eram necessários para defender Varfleet seria levada para os anciões anões. As cidades de Callahorn não podiam cair ou as terras ficariam divididas e, então, aquilo que Allanon mais temia, aconteceria. Com as Terras do Sul conquistadas, os exércitos dos anões e dos elfos estariam separados e o Lorde Feiticeiro teria sua vitória assegurada sobre todas as terras. O anão abatido prometeu solenemente a Hendel que não falharia, que eles todos partiriam naquele momento para Anar.

Hendel demorou muitas horas para retornar a Tyrsis, pois a viagem foi lenta e perigosa. A floresta fora penetrada por caçadores gnomos, cuja missão era impedir que as cidades de Callahorn se comunicassem. Mais de uma vez, Hendel foi obrigado a se esconder enquanto uma patrulha passava, e, por vezes, tinha de se desviar muito do caminho para evitar atravessar as linhas de sentinelas fortemente guardadas. A rede de sentinelas estava muito mais densa do que nos Dentes de Dragão, uma indicação clara para o veterano lutador de que o ataque se aproximava. Se os nortistas planejavam atacar Varfleet nos próximos dias, Tyrsis seria atacada ao mesmo tempo. A cidade de Kern, menor, já poderia ter caído. Era manhã quando o anão conseguiu atravessar a última linha de sentinelas e se aproximar das planícies próximas a Tyrsis, o perigo de ser encontrado pelos gnomos ficando para trás enquanto o de ser descoberto pelo maligno Stenmin e o mal orientado Palance se aproximava. Ele estivera com Palance várias vezes, porém duvidava que o príncipe se lembrasse dele; só encontrara Stenmin uma vez. Mesmo assim, seria melhor evitar chamar a atenção.

Entrou em Tyrsis quando a cidade acordava, escondido em meio a dúzias de viajantes e mercadores. Assim que atravessou a Muralha Externa, vagou por horas pelas casernas quase vazias da Legião da Fronteira, falando com os soldados e procurando por alguma pista de seus amigos. Por fim, descobriu que haviam chegado à cidade ao pôr do sol, dois dias antes, e ido diretamente ao palácio. Não foram mais vistos, mas todos acreditavam que Balinor visitara o pai rapidamente e partira. Hendel sabia o que aquilo significava e pelo resto do dia ficou perto do terreno do palácio, procurando algum sinal de seus amigos desaparecidos.

Reparou que o palácio estava bem guardado por soldados que usavam o símbolo do falcão, um símbolo que não reconhecia. Havia soldados postados nos portões principais e andando pela cidade, todos com a mesma

insígnia; aparentemente, eram as únicas unidades ativas em Tyrsis. Mesmo que encontrasse Balinor vivo e conseguisse libertá-lo, não seria uma tarefa fácil retomar o controle da cidade e reativar a Legião.

O anão não ouviu nenhuma menção à invasão e parecia que todos ignoravam a ameaça. Era inacreditável para Hendel que alguém, mesmo perturbado e mal orientado como Palance Buckhannah, se recusasse a preparar a cidade contra uma ameaça tão terrível como o Lorde Feiticeiro. Se Tyrsis caísse, não sobraria um trono para o filho mais novo de Ruhl Buckhannah. Hendel estudou em silêncio o terreno que compunha o Parque do Povo, espalhando-se por baixo do amplo arco da Ponte de Sendic. Quando escureceu, começou seu ataque ao palácio.

Parou por um momento dentro da sala escurecida, fechando bem a janela atrás de si. Estava em um pequeno escritório, as paredes cheias de estantes de livros cuidadosamente marcados e etiquetados. Era a biblioteca pessoal da família Buckhannah, um luxo naqueles tempos onde poucos livros eram escritos e sua circulação era limitada. A Grande Guerra havia praticamente apagado a literatura da face da terra, e pouco fora escrito nos anos tumultuados e desesperados que se seguiram. Ter uma biblioteca particular e ser capaz de se sentar e ler qualquer um daquelas centenas de livros à sua escolha era um privilégio que poucos usufruíam, mesmo nas sociedades mais civilizadas das quatro terras.

Porém, Hendel quase não se preocupou com a sala ao se mover em passos leves como os de um gato até a porta, sua visão aguçada percebendo uma luz fraca passando por baixo. Com cuidado, o anão espiou o corredor iluminado. Não havia ninguém à vista, mas percebeu, de repente, que ainda não decidira qual seria seu próximo passo. Balinor e os irmãos elfos podiam estar em qualquer lugar do palácio. Depois de uma rápida reflexão sobre as alternativas, concluiu que eles estariam presos no porão abaixo do palácio, caso estivessem vivos. Iria procurar lá primeiro. Escutando o silêncio por um momento, o anão respirou fundo e pisou calmamente no corredor.

Hendel conhecia o palácio; já visitara Balinor mais de uma vez. Não lembrava exatamente onde ficava cada sala, mas se recordava da localização dos corredores e das escadas, e uma vez o levaram até o porão onde o vinho e a comida ficavam armazenados. No fim do corredor, virou à esquerda em uma encruzilhada, certo de que as escadas para o porão estavam logo

adiante. Alcançava a porta pesada que bloqueava o frio das passagens inferiores quando ouviu vozes no corredor atrás dele. Depressa, mexeu na porta que, para seu desespero, não se moveu. Empurrou mais uma vez com seus ombros largos contraídos; mesmo assim, a porta não se moveu. As vozes estavam muito próximas e em desespero começou a procurar um lugar para se esconder. Naquele momento, seus olhos bateram em uma tranca de segurança próxima ao chão que não vira antes. Com as vozes já virando pelo corredor e os passos de vários homens ecoando no chão de pedra polida, o anão abriu aquela segunda tranca, abriu a porta pesada e disparou para dentro. A porta se fechou atrás dele no momento em que três sentinelas dobravam a esquina, no caminho para render os guardas do portão sul.

Hendel não esperou para descobrir se fora visto. Disparou pelas escadas de pedra áspera até a escuridão do porão vazio. Parando no fim da escadaria, o anão tateou a pedra fria da parede procurando uma tocha. Depois de vários minutos, encontrou uma, libertou-a da parede e a acendeu com a ajuda de uma pederneira.

Então, devagar e meticulosamente, procurou por todo o porão, sala por sala, canto por canto. O tempo passou depressa e ele não achava nada. Por fim, já havia procurado em todos os cantos sem sucesso. Começou a pensar que seus amigos não tinham sido feitos prisioneiros naquela parte do palácio. Relutante, Hendel se forçou a admitir que podiam estar presos em um dos quartos superiores. Parecia estranho que Palance ou seu conselheiro malévolo arriscassem que os prisioneiros fossem vistos por eventuais visitantes. E também, Hendel considerou, havia a possibilidade de Balinor de fato ter deixado a cidade de Tyrsis e ido à procura de Allanon. Porém, soube que não estava enganado, antes mesmo de completar o pensamento. Balinor não era o tipo de homem que procuraria ajuda de alguém para resolver um problema desses. Iria encarar o irmão, não fugir. Desesperadamente, Hendel tentou imaginar onde o homem da fronteira e os irmãos elfos poderiam ter sido colocados; onde, naquela construção antiga, prisioneiros poderiam ficar escondidos em segurança. O lugar lógico era abaixo do palácio, nas profundezas escuras e sem janelas que ele acabara de...

De repente, Hendel se lembrou de que havia masmorras abaixo daquele porão. Balinor as mencionara casualmente, falando de sua história, destacando que haviam sido abandonadas e sua entrada trancada. Animado, o anão vasculhou a câmara escura, tentando lembrar onde a antiga passagem fora construída. Tinha certeza de que fora para lá que seus amigos haviam sido levados. Era o lugar onde um homem poderia ser deixado sem ser encontrado. Quase ninguém sabia da existência da masmorra, além da família real e pessoas muito próximas a ela. Fora trancada e esquecida havia tantos anos que mesmo o mais velho cidadão de Tyrsis não se lembraria de sua existência.

Ignorando as pequenas salas adjacentes e suas passagens, Hendel, determinado, estudou cuidadosamente as paredes e o chão da câmara central, certo de que fora ali que vira a entrada lacrada. Se de fato fora reaberta, não seria difícil de achar. Porém, não conseguia vê-la em lugar nenhum. As paredes pareciam sólidas e suas emendas firmes. Ele as inspecionava batendo em suas bases. Mais uma vez, sua procura foi infrutífera e sentiu que poderia ter se enganado. Desanimado, deixou-se cair contra um dos barris de vinho que descansava no centro do piso, seus olhos explorando as paredes enquanto tentava se lembrar. O tempo estava se esgotando para Hendel. Se não sáísse antes do amanhecer, provavelmente se juntaria a seus amigos aprisionados. Sabia que estava deixando algo escapar, que não reparara em algo óbvio. Amaldiçoando em silêncio, levantou-se do barril e andou devagar ao redor da câmara ampla, pensando, tentando lembrar. Tinha alguma coisa a ver com as paredes... algo sob as paredes...

Então, lembrou. A passagem não ficava nas paredes, mas no meio do piso! Suprimindo um grito selvagem de alegria, o anão correu até os barris onde descansara tão casualmente duas vezes naquela noite. Forçando seus músculos poderosos até limites quase sobre-humanos, conseguiu fazer vários dos barris rolares para o lado, deixando livre a pedra que cobria a entrada escondida. Agarrando um anel de ferro em uma ponta da pedra, o anão suado puxou para cima com um grunhido. Lentamente, a pedra gemeu em protesto. A pedra gigantesca se abriu e caiu pesadamente no piso. Hendel espiou com cuidado o buraco negro abaixo, estendendo a luz débil da tocha para as profundezas. Havia uma escada antiga de pedra, molhada e coberta com musgo verde, que desaparecia na escuridão. Segurando a luz à

sua frente, o homenzinho desceu para a masmorra esquecida, rezando em silêncio para não estar cometendo outro engano.

Quase de imediato, sentiu o frio cortante do ar velho, passando por sua roupa para se alojar maliciosamente na pele quente. A atmosfera bolorenta, quase irrespirável, fez com que franzisse o nariz com desgosto e se movesse mais rápido pelos degraus. Buracos parecidos com tumbas o assustavam mais do que qualquer outra coisa, e ele começou a duvidar de sua ideia de se aventurar naquela velha prisão. Mas se Balinor realmente estava preso naquele lugar terrível, o risco valia a pena. Hendel não iria abandonar os amigos. Chegou ao fim das escadas e pôde ver um único corredor. Enquanto avançava devagar, tentando espiar pela escuridão úmida que desafiava a luz da tocha, pôde distinguir portas de ferro colocadas nas pedras sólidas das paredes dos dois lados, em intervalos regulares. Aquelas placas antigas e enferrujadas de ferro não tinham janelas e estavam trancadas por imensas travas de metal. Aquela era uma masmorra que aterrorizaria qualquer ser humano, uma fila escura e sem janelas de cubículos onde vidas poderiam ser trancadas e esquecidas como se tivessem acabado.

Por incontáveis anos, os anões viveram daquele jeito, logo depois da devastação das Grandes Guerras, para se manterem vivos e emergirem quase cegos para o mundo esquecido. Aquela memória terrível se entranhara em gerações de anões, deixando-os com um medo instintivo que jamais superariam de lugares fechados e escuros. Hendel o sentia, insistente e odioso como o frio úmido das profundezas da terra nas quais aquele túmulo antigo fora cavado.

Forçando-se a engolir o nó de pavor que estava suspenso em sua garganta, o determinado caçador estudou as primeiras portas. As dobradiças estavam enferrujadas e o metal coberto com camadas de poeiras e teias de aranha intactas. Enquanto passava lentamente pela fileira de portas de ferro, podia ver que nenhuma delas fora aberta em muitos anos. Perdeu a conta de quantas portas inspecionara e mesmo assim o corredor parecia continuar eternamente na escuridão. Esteve tentado a chamá-los, mas o som poderia ecoar até a entrada aberta da câmara. Olhando apreensivamente por cima do ombro, percebeu que não conseguia mais ver as escadas ou a abertura. A escuridão era a mesma para trás e para a frente. Rangendo os dentes e resmungando suavemente para si mesmo, tentando manter sua confiança,

avançou, examinando com cuidado cada porta pela qual passava, procurando sinais de uso recente. Então, para sua surpresa, ouviu o sussurro vago de vozes humanas no silêncio pesado.

Imóvel como uma estátua, escutou com atenção, temendo que seus sentidos o enganassem. Porém, ouviu de novo, vagos, mas definitivamente humanos. Avançando depressa, o anão tentou seguir o som. Mas, tão subitamente quanto surgiram, as vozes pararam. Desesperado, Hendel olhou para as portas dos dois lados. Uma estava enferrujada, mas a outra tinha arranhões recentes no metal, e a poeira e as teias de aranha haviam sido mexidas. A tranca fora azeitada e usada recentemente! Com um gesto rápido, o anão puxou a tranca de metal e abriu a porta pesada, colocando a tocha à sua frente, deixando a luz cair em três figuras surpresas e cegas, que se levantaram hesitantes para encarar o intruso.

Ouviu gritos de reconhecimento, e, após uma corrida de braços abertos, os quatro amigos estavam juntos de novo. O rosto duro de Balinor, por cima dos rostos abatidos dos elfos sorridentes, parecia relaxado e confiante. Somente os olhos azuis denunciavam o alívio profundo que sentia. Mais uma vez, o engenhoso anão salvara suas vidas. No entanto, não havia tempo para mais palavras ou sentimentalismo. Hendel os conduziu para a passagem escura na direção da escada que levava para fora daquela masmorra aterradora. Se o amanhecer os encontrasse ainda vagando pelo palácio, quase certamente seriam descobertos e recapturados. Precisavam fugir para a cidade sem demoras. Em passos apressados, moveram-se pelo corredor, a luz agonizante da tocha segura à frente como a bengala de um cego que procura seu caminho.

Ouviram o súbito raspar de pedra contra pedra e um barulho pesado, como se uma tumba se fechasse. Horrorizado, Hendel correu para a frente, alcançando os degraus úmidos e parando de repente. Acima, a imensa placa de pedra fora fechada, as trancas colocadas no lugar, e a saída para a liberdade bloqueada. O anão ficou ali parado, sem saber o que fazer, ao lado de seus três amigos, sacudindo a cabeça incrédulo. Sua tentativa para salvá-los falhara, só conseguira se tornar um prisioneiro também. A tocha em sua mão estava quase esgotada. Em breve, ficariam na escuridão total e a espera recomeçaria.

Capítulo XXVI

— **L**ixo, apenas lixo! — Panamon Creel rugiu, frustrado, chutando mais uma vez a pilha de lâminas de metal e joias sem valor que estava no chão. — Como posso ter sido tão tolo? Eu deveria ter percebido na mesma hora!

Shea andou em silêncio até o lado norte da clareira, seus olhos fixos na trilha vaga que o esperto Orl Fane deixara no chão da floresta ao fugir para o norte. Ele estivera tão perto. Havia estado com a preciosa espada nas mãos, apenas para perdê-la por falhar de forma imperdoável e não reconhecer a verdade. A figura gigantesca de Keltset pairava a seu lado, inclinando-se para mais perto do chão úmido e coberto de folhas, o rosto indecifrável perto do seu, enquanto os olhos estranhamente gentis estudavam e procuravam. Shea voltou-se para o enraivecido Panamon.

— Não foi sua culpa, você não tinha motivo para suspeitar da verdade — murmurou, desanimado. — Eu deveria ter prestado mais atenção às loucuras dele, deveria ter sido mais sábio e menos... sei lá. Eu sabia que sinais procurar e me esqueci de manter meus olhos abertos quando mais precisei.

Panamon assentiu e deu de ombros, acariciando o bigode cuidadosamente aparado com a ponta de metal. Com um último chute nos objetos descartados, chamou Keltset e sem mais discussões os dois começaram a levantar acampamento, guardando o equipamento que usaram para passar a noite. Shea os observou por um tempo, ainda incapaz de aceitar seu fracasso em obter a espada. Panamon o chamou, mal-humorado, pedindo que ajudasse, e ele obedeceu em silêncio. Não conseguia encarar a inevitável consequência de seu revés mais recente. Panamon Creel tinha obviamente chegado ao seu limite, acompanhando um pequeno jovem do Vale Sombrio tolo e incrivelmente estúpido nas perigosas fronteiras de Paranor, procurando pessoas que poderiam muito bem se revelar suas inimigas, por uma espada sobre a qual apenas Shea tinha informações,

porém era incapaz de reconhecê-la quando a segurava nas próprias mãos. O bandoleiro escarlate e seu companheiro gigantesco quase perderam a vida uma vez por causa da misteriosa espada, e isso provavelmente era mais do que o bastante. O jovem não teria outra escolha além de tentar localizar seus amigos. Quando os encontrasse, porém, teria de confrontar Allanon e lhe dizer como falhara com todos. Ele tremia ao pensar em encarar o sério Druida, sentir aqueles olhos sem remorso espiarem seus pensamentos mais escondidos para encontrar toda a verdade. Não seria agradável.

De repente, lembrou-se da estranha profecia que lhes fora relatada no Vale do Xisto, naquela alvorada escura e nebulosa, mais de uma semana antes. Fora a Sombra de Bremen que os avisara sobre os perigos nos ameaçadores Dentes de Dragão, como um deles não veria Paranor, um deles não chegaria ao outro lado da montanha e, mesmo assim, seria o primeiro a colocar as mãos na Espada de Shannara. Tudo fora previsto, mas Shea se esquecera, com o esforço e a euforia dos dias anteriores.

O jovem cansado fechou os olhos, isolando-se do mundo por um tempo e imaginando como poderia ser parte daquele enigma incrível, que se revolia ao redor de uma espada lendária e de uma guerra por poder, dentro do mundo espiritual. Sentia-se tão pequeno e indefeso que parecia que o caminho mais fácil a seguir seria se enterrar e rezar por um fim rápido. Tanta coisa dependia dele, caso acreditasse em Allanon. Desde o começo fora totalmente inadequado para a tarefa. Fora incapaz de fazer qualquer coisa sozinho; dependera da força dos outros para chegar tão longe. Quantas coisas haviam sacrificado por ele, para que pudesse colocar as mãos na espada mágica. Porém, quando ela estivera ao alcance...

— Decidido. Vamos atrás dele.

A voz grave de Panamon Creel cortou a quietude da pequena clareira como uma lâmina de ferro passando pela madeira seca. Shea encarou o rosto largo e sério, surpreso.

— Você quer dizer... para as Terras do Norte?

O ladrão lhe lançou um daqueles olhares que o faziam parecer um idiota incapaz de entender os homens sensatos.

— Ele me fez de bobo. Prefiro cortar minha própria garganta a deixar aquele rato fugir de mim. Quando eu puser minhas mãos nele dessa vez, vou transformá-lo em jantar de minhocas.

O rosto bonito estava inexpressivo, mas o ódio no tom ameaçador de sua voz era inconfundível, cortava até o osso. Aquele era o outro lado de Panamon, o profissional frio que havia cruelmente destruído um acampamento de gnomos e depois batalhado contra o poder incomparável de um Portador da Caveira. Não estava fazendo aquilo por Shea ou mesmo para obter a Espada de Shannara. Aquela reação era motivada estritamente por seu orgulho ferido e seu desejo de se vingar da infeliz criatura que se atrevera a fazê-lo de bobo. Shea olhou rapidamente para o imóvel Keltset, mas o troll de pedra não demonstrava aprovar ou desaprovar, o rosto de casca de árvore estava vazio, os olhos fundos, sem expressão. Panamon riu, dando passos rápidos na direção do jovem hesitante.

— Pense assim, Shea. Nosso amigo gnomo facilitou muito as coisas ao revelar a localização exata da espada que você estava procurando há tanto tempo. Agora, não precisa mais procurá-la, pois sabemos onde ela está!

Shea assentiu, concordando silenciosamente, ainda desconfiado dos verdadeiros motivos do aventureiro.

— Acha que temos chance de alcançá-lo?

— Isso mesmo, é esse o espírito que precisamos. — Panamon sorriu para ele, uma máscara de confiança em seu rosto. — Claro que iremos alcançá-lo, é apenas uma questão de tempo. A dificuldade será se outra pessoa encontrá-lo primeiro. Keltset conhece as Terras do Norte tão bem quanto qualquer outro de seus habitantes. O gnomo não vai conseguir se esconder de nós. Ele terá de correr, correr e continuar correndo, pois não tem a quem recorrer, nem mesmo a seu próprio povo. É impossível saber exatamente como ele encontrou a espada, ou mesmo como sabia de seu valor, mas eu sei que não me enganei e ele é um desertor e um carniceiro.

— Ele pode ter sido um membro do bando de gnomos que transportava a espada até o Lorde Feiticeiro. Ou então um prisioneiro — Shea sugeriu, pensativo.

— O último é mais provável — o outro concordou, hesitando ao tentar se lembrar de algo, fitando o norte na neblina cinza da manhã.

O sol já limpava o horizonte na porção oriental do mundo, sua luz quente e brilhante infiltrando-se aos poucos nos cantos escuros da floresta. Mas a névoa do amanhecer ainda não se dissipara totalmente, deixando os três companheiros envoltos em uma mistura nebulosa da luz do sol com a

penumbra. O céu do norte parecia indescritivelmente escuro e ameaçador, mesmo para o começo do dia, fazendo com que o em geral tagarela Panamon o contemplasse sem palavras por vários minutos. Enfim, virou-se de volta para eles, seu rosto tomado pela dúvida.

— Algo estranho está acontecendo no norte. Vamos andando, Keltset, vamos encontrar aquele gnomo antes que ele consiga tropeçar em uma patrulha. Não quero dividir seus momentos finais neste mundo com mais ninguém!

O troll assumiu a liderança em passos rápidos e tranquilos, a cabeça baixa enquanto examinava o chão adiante, captando os sinais deixados por Orl Fane em sua fuga. Panamon e Shea seguiam de perto, silenciosos e concentrados. A trilha de sua presa foi facilmente detectada pelos olhos aguçados de Keltset, que se virou para os outros e fez um gesto rápido com a mão; Panamon traduziu para o curioso Shea dizendo que significava que o gnomo estava indo muito rápido, sem se preocupar em esconder seus rastros e parecia saber para onde estava indo.

Shea começou a especular para onde o pequeno sujeito amarelado poderia estar indo. Com a espada em mãos, poderia se redimir aos olhos de seu próprio povo ao entregá-la para que apresentassem o Lorde Feiticeiro. Mas Orl Fane parecera ser bastante irracional quando fora prisioneiro e Shea tinha certeza de que o gnomo não estivera fingindo. Ele resmungara como se tomado por uma loucura que só conseguia controlar parcialmente, pronunciando frases enroladas que, de uma forma caótica, revelaram a verdade sobre a localização da espada. Se Shea o tivesse analisado com mais cuidado, poderia ter percebido; saberia que Orl Fane possuía o cobiçado talismã consigo. Não, o gnomo já cruzara a barreira mental entre sanidade e loucura e suas ações não seriam de todo previsíveis. Ele fugia, mas para quem ele iria correr?

— Lembrei agora — Panamon interrompeu seus pensamentos, enquanto continuavam seguindo o caminho de volta à Planície de Streleheim. — Aquela criatura alada insistiu, dizendo que nós tínhamos a espada quando nos confrontou ontem. Ficou falando que podia sentir a presença da espada, e podia mesmo, pois Orl Fane estava escondido no arbusto com a arma guardada naquele saco.

Shea assentiu em silêncio, lembrando-se com amargura do incidente. O Portador da Caveira havia, sem querer, indicado que a preciosa espada estava naquela área, mas falharam em notar a importante dica em meio ao calor e à fúria da batalha. Panamon continuou a resmungar com raiva mal disfarçada, ameaçando acabar com Orl Fane assim que o alcançassem, de várias formas extremamente desagradáveis. De repente, os arredores da floresta se abriram para a amplidão vasta da Planície de Streleheim.

Atônitos, os três pararam ao mesmo tempo, seus incrédulos olhos fixos no espetáculo aterrorizante que se agigantava ao norte; uma imensa e ininterrupta muralha de escuridão subia em direção ao céu até sumir no espaço infinito, estendendo-se pelo horizonte para encobrir todas as Terras do Norte. Era como se o Rei Caveira houvesse confinado aquela terra antiga na mortalha negra que cobria o mundo espiritual. Era mais do que a escuridão de uma noite nublada. Era uma nebulosidade densa que rodopiava e se agitava em tons de cinza cada vez mais escuros conforme se dirigiam para o norte, na direção do centro do Reino da Caveira. Era a visão mais aterradora que Shea já havia testemunhado. Seu medo inicial duplicou com uma certeza súbita e inexplicável de que aquela muralha gigantesca estava lentamente se arrastando para o sul, cobrindo o mundo inteiro. Aquilo significava que o Lorde Feiticeiro estava chegando...

— Pelos céus, o que é aquilo...? — A voz de Panamon sumiu em um silêncio estupefato.

Shea sacudiu a cabeça, distraído. Não havia resposta para aquela pergunta. Aquilo era algo que estava além da compreensão dos mortais. Os três ficaram olhando a muralha maciça de escuridão por vários minutos, como se esperassem que algo acontecesse. Por fim, Keltset inclinou-se para examinar cuidadosamente a pradaria, seguindo adiante por vários metros de uma só vez, até se distanciar. Ergueu-se e apontou para o centro da agourenta nuvem negra. Panamon assustou-se, o rosto congelado.

— O gnomo está indo na direção daquele negócio — resmungou, zangado. — Se não o alcançarmos antes, a escuridão irá cobrir a trilha completamente. E nós o perderemos.

Vários quilômetros à frente, na região acinzentada da escura muralha de neblina e cerração, a forma pequena e curvada de Orl Fane hesitou por um

momento em sua fuga exaustiva, os assustados olhos verdes observando sem entender a escuridão rodopiante. O gnomo movera-se para o norte desde que escapara dos três estranhos no começo da manhã, correndo enquanto sua energia aguentava, depois, forçando-se a continuar em um trote vacilante, sempre olhando para trás, esperando a inevitável perseguição. Sua mente não funcionava mais de forma racional; vivera de seus instintos e de sua sorte por várias semanas, roubando dos mortos e evitando os vivos. Ele não conseguia se forçar a pensar em nada além de sua sobrevivência, um instinto primário para viver outro dia entre aqueles que não o queriam e não o aceitavam como um dos seus. Mesmo seu próprio povo lhe dera as costas, desprezando-o como se fosse uma criatura mais desprezível do que os insetos que rastejavam na terra aos seus pés. Estava cercado por terras selvagens, uma terra em que ninguém conseguia sobreviver sozinho por muito tempo. E ele ficou sozinho. Sua mente, que um dia fora sã, lentamente se enterrou em si mesma, isolando os medos entranhados ali até que a loucura começou a controlá-lo e toda a razão passou a morrer.

A morte inevitável não viera de forma tranquila, conforme o destino intervinha com humor distorcido, favorecendo o pária com um último lampejo de falsas esperanças. Ele colocara em suas mãos uma maneira de obter novamente o calor da companhia humana, o que antes lhe parecia inalcançável. Apesar de ainda ser um carniceiro, de ainda estar lutando uma batalha perdida para continuar vivo, o gnomo desesperado descobrira a presença da lendária Espada de Shannara. O segredo fora revelado em um arquejo final, como um aviso, dos lábios de um moribundo na Planície de Strelheim, sua visão perdida falhando quando o fio da vida se partiu. A espada estava ao seu alcance, a chave do poder sobre os mortais nas mãos de Orl Fane.

A loucura, porém, continuou, seus medos e dúvidas atacando sem cessar a razão claudicante, enquanto ele pensava no que fazer. Aquela hesitação fatal resultara na captura do gnomo e na perda da valiosa espada; sua única chance de salvamento voltara para seu próprio povo. A razão dera lugar ao desespero e ao delírio, e a mente já bastante desequilibrada ruiu. Havia lugar para apenas um pensamento abrasador: a espada tinha de ser sua ou sua vida acabaria. Ele se gabou sem pensar para seus captores, dizendo que a espada era sua, que apenas ele sabia onde encontrá-la, traindo sua última

chance de mantê-la consigo. Mas os estranhos não conseguiram ler nas entrelinhas, ignorando-o e considerando-o apenas louco. Então, veio a fuga, a captura da espada, e a corrida para o norte.

Ele parou, encarando inexpressivamente a misteriosa muralha de escuridão que bloqueava seu caminho para o norte. Sim, para o norte, para o norte, divagou, sorrindo torto, os olhos arregalando-se em sua loucura. Lá estava a segurança e a redenção do exilado. Dentro de si, podia sentir um desejo quase irresistível de retornar para o local de onde viera. Mas o pensamento continuava preso em sua mente; sua salvação estava nas Terras do Norte e só lá. Lá ele encontraria... o Mestre. O Lorde Feiticeiro. Seu olhar foi até a lâmina antiga presa firmemente em sua cintura, arrastando-se no chão atrás dele. As mãos nodosas e amarelas passearam de leve pelo punho entalhado, tocando a mão gravada, erguida com uma tocha em chamas, a tinta dourada soltando-se e revelando o punho polido por baixo. Ele apertou com força, como se quisesse recuperar suas próprias forças segurando a espada. Tolos! Tolos todos, que não o trataram com o respeito que passara a exigir. Pois ele era o portador da espada, o guardião da maior lenda que seu mundo já conheceria e seria ele quem iria... Ele bloqueou o pensamento rapidamente, com medo que o vazio ao redor pudesse ler sua mente, espiar seus pensamentos secretos e roubá-los.

Adiante, a assustadora escuridão esperava que entrasse. Orl Fane estava com medo disso, assim como de todo o resto, mas não havia outro caminho a seguir. Lembrou-se vagamente daqueles que o perseguiam: o troll gigantesco, o homem com uma única mão, cujo ódio sentira instintivamente, e o jovem que era metade homem, metade elfo. Havia algo nele que o gnomo não conseguia explicar, algo que incomodava insistentemente sua mente já atormentada.

Sacudindo a cabeça redonda com força, o homenzinho avançou para as bordas acinzentadas da muralha negra, o ar ao redor morto e silencioso. Ele não olhou para trás até que a escuridão estivesse em todas as direções e o silêncio desaparecesse com uma súbita rajada de vento e umidade gelada. Quando olhou rapidamente para trás, viu, horrorizado, que não havia nada, nada além da mesma escuridão que estava à sua volta em camadas densas e impenetráveis.

O vento começou a soprar com violência enquanto avançava; então, percebeu outras criaturas na escuridão. Primeiro surgiram como um vago pressentimento em sua mente, depois como gritos que pareciam se infiltrar no nevoeiro e rodeá-lo inquisitivamente. Enfim, apareceram com corpos vivos, tocando suavemente com dedos frios a carne de seu corpo. Ele riu em um frenesi enlouquecido, de alguma forma sabendo que não estava mais no mundo das criaturas vivas, mas em um mundo de morte, onde seres sem alma vagavam em busca desesperançada de uma saída de sua prisão eterna. Ele andava aos tropeços no meio deles, rindo, falando, até mesmo cantando alegremente, sua mente alheia de seu ser mortal. Ao redor, as criaturas do mundo escuro o seguiam em um companheirismo aterrorizante, sabendo que o mortal era quase um deles. Era só questão de tempo. Quando sua vida mortal se fosse, seria como eles, perdido para sempre. Orl Fane finalmente estaria entre os seus.

Passaram-se quase duas horas, calculadas pela lenta e deliberada travessia do sol da manhã; os três perseguidores estavam nos limites da muralha de névoa onde sua presa desaparecera. Eles pararam como ele fizera, estudando silenciosamente a escuridão ameaçadora que marcava o limite do reino do Lorde Feiticeiro. O nevoeiro parecia cair sobre a terra morta em camadas, uma mais escura que a outra à medida que os olhos espiavam mais fundo no centro invisível, uma mais hostil que a outra conforme a mente visualizava os medos indeterminados do coração. Panamon Creel andava de um lado para outro em passos comedidos, seus olhos fixos na escuridão enquanto tentava reunir coragem para continuar. O imenso Keltset, depois de um exame minucioso do chão e de um movimento breve para indicar que o gnomo tinha mesmo ido para o norte, recaíra em uma imobilidade de estátua, os grandes braços cruzados no peito e os olhos como vagas fendas de vida embaixo da testa.

Não havia escolha, Shea raciocinou, sua mente já decidida, sua esperança não se abatera ainda com o pensamento de perder a trilha temporariamente na escuridão. Ele recuperara um pouco de sua velha fé na providência, desde que começaram aquela perseguição, certo de que encontrariam Orl Fane e recuperariam a espada. Havia algo que o puxava, assegurando e confiando

que não falharia, algo no fundo de seu coração que lhe renovava a coragem. Esperou, impaciente, que Panamon desse ordem para continuarem.

— Há certa loucura no que estamos fazendo — o ladrão escarlate resmungava ao passar por Shea. — Posso sentir a morte até no ar dessa muralha...

Sua voz sumiu, de repente, até que parou e esperou que Shea falasse.

— Precisamos continuar — Shea respondeu, friamente.

Panamon virou-se devagar para seu amigo gigantesco, mas o troll de pedra não se moveu. O outro esperou um pouco mais, claramente preocupado por Keltset não ter opinado desde que começaram aquela jornada até as Terras do Norte. Antes, quando eram apenas os dois, o gigante sempre mostrara sua concordância quando Panamon procurara por seu apoio, mas nos últimos dias o troll estava estranhamente descomprometido.

Por fim, o aventureiro concordou e os três foram na direção da nebulosidade cinzenta, resolutos. A terra era plana e desolada, e, no começo, avançaram sem dificuldades. Aos poucos, a névoa começou a se adensar à volta deles, a visão começando a falhar até que parecessem apenas sombras vagas um para o outro. Panamon fez com que parassem, tirou um pedaço de corda de sua mochila e sugeriu que se amarrassem uns aos outros para que não se separassem. Assim fizeram e continuaram. Não havia nenhum som além do arranhar ocasional das botas na terra endurecida. A névoa não era muito úmida. Ainda assim, parecia se agarrar na pele exposta de forma muito desagradável, fazendo Shea se lembrar do ar fétido e doentio do Pântano das Névoas. Pareciam estar se movendo mais rápido conforme avançavam, mas não sentiam nenhum vento impulsionando as rajadas cada vez mais amplas. Finalmente, fechou-se sobre eles em todas as direções e os três ficaram em completa escuridão.

Andaram pelo que pareceram ser horas, mas sua noção da passagem do tempo ficara confusa no nevoeiro negro e silencioso que encobria seus frágeis corpos mortais. A corda os isolava da solidão de morte que permeava o nevoeiro, suas pontas alcançando não só até o outro, mas também até o mundo de visão e luz do sol que deixaram para trás. Aquele lugar em que haviam se atrevido a entrar era um limbo, um mundo de semivida, onde os sentidos eram nublados e os medos cresciam em uma imaginação

desimpedida. Podiam sentir a presença da morte fragmentando a escuridão, um toque aqui, um toque ali, passando suavemente pelos mortais que um dia reclamaria. O irreal tornava-se quase aceitável naquela escuridão estranha, conforme todas as restrições dos sentidos humanos desvaneciam-se como lembranças de um sonho, e as visões da mente interior, do inconsciente, vinham rapidamente à tona, procurando entender o que estava acontecendo.

Por um tempo, foi quase prazeroso ser capaz de deslizar para aquela desculpa do inconsciente; depois não era mais agradável, apenas entorpecedor. Por um longo tempo, essa sensação perdurou, tranquilizadora, acariciando suas mentes até o desinteresse e o tédio, deixando corpos e mente no transe preguiçoso dos antigos comedores de lótus. O tempo desapareceu completamente, o mundo de névoa estendendo-se para sempre.

Dos fracos recantos do mundo dos vivos vinha a lenta sensação de dor ardente, correndo abruptamente pelo corpo entorpecido de Shea. Com um puxão repentino, sua mente foi libertada da apatia que nublara seus pensamentos; uma sensação abrasadora ardia forte em seu peito. Ainda lento, seu corpo estranhamente leve, apalpou devagar sua túnica, sua mão enfim encontrando a fonte da irritação, uma pequena bolsa de couro. Sua mente então despertou, ficando alerta enquanto ele apertava com força as preciosas Pedras Élficas, e, mais uma vez, acordava.

Com horror, percebeu que estava totalmente estirado no chão; parara de andar e não sabia mais para onde ele estivera indo. Delirantemente, agarrou a corda em sua cintura e puxou com força. Foi recompensado com um grunhido preguiçoso vindo da outra ponta; seus companheiros ainda estavam com ele. Lutando pesadamente, levantou-se, cambaleante, e percebeu o que acontecera. Aquele limbo aterrador de sono eterno quase os reclamara para si, embalando-os, acalmando-os, nublando seus sentidos até que caíssem e ficassem cada vez mais próximos de uma morte silenciosa. Apenas o poder das pedras os salvara.

Shea sentia-se incrivelmente fraco, porém, reunindo as poucas energias que lhe restavam, puxou com desespero o pedaço de corda, arrastando Keltset e Panamon Creel para fora do abismo da morte, de volta para o mundo dos vivos. Gritou furiosamente enquanto puxava a corda, depois foi

tropeçando até eles, chutando os corpos apáticos até que a dor os trouxesse de volta à consciência. Vários minutos depois, estavam acordados o bastante para terem noção do que acontecera; ao despertarem o espírito da vida, fizeram ressurgir a vontade de sobreviver, enquanto os dois se forçavam a se levantar. Agarraram-se um no outro com os membros ainda entorpecidos e emaranhados, as mentes lutando para continuarem conscientes. Finalmente, começaram a andar, tropeçando às cegas na escuridão ininterrupta, um pé na frente do outro, cada passo lutando incrivelmente com a mente e com o corpo. Shea liderava, sem saber para onde ir, mas confiando no instinto aceso pelas poderosas Pedras Élficas para os guiarem.

Por um longo tempo, prosseguiram na escuridão sem fim, lutando para continuar acordados e alertas conforme o nevoeiro entorpecedor rodopiava preguiçosamente ao redor. A sensação estranha e sonolenta da morte agarrava-se a eles, tentando dominar suas mentes cansadas, sugerindo silenciosamente a seus corpos exaustos que aceitassem o descanso merecido que os esperava. Mas os mortais resistiram com determinação férrea, sua força era um pequeno fragmento de coragem e desespero que, quando tudo mais se fora, ainda não desistia.

Enfim, aquela fadiga profunda começou a recuar para o nevoeiro escuro. A morte falhara em apagar sua vontade de viver. Haveria outras chances de apanhar aqueles três, mas, naquele momento, viveriam um pouco mais no mundo dos homens. A lentidão passou e a sonolência sumiu, não na forma comum do sono, mas com avisos silenciosos de que voltaria. Os três companheiros eram, de repente, os mesmos de antes, os músculos inalterados como se não tivessem dormido, a mente livre, mais do que acordada. Não havia vontade de se espreguiçar ou bocejar, mas apenas uma memória persistente de que o sono da morte não trazia sensações nem tempo.

Por um longo tempo, ninguém falou, apesar de estarem completamente reanimados, ainda remoendo com medo não expresso e em desespero silencioso o gosto da morte que haviam experimentado, sabendo que um dia seu toque inevitável os apanharia para sempre. Por vários segundos, estiveram à beira da vida e olharam para a terra proibida do outro lado, algo que nenhum mortal podia fazer antes do fim de sua vida natural. Terem

estado tão perto era entorpecedor, assustador e até mesmo enlouquecedor. Eles não deviam ter sobrevivido.

Mas as memórias se foram, quase por completo, exceto o leve conhecimento de que os três tinham escapado por pouco de morrer. Reconstituindo-se, continuaram a procurar um fim para a escuridão que os aprisionava. Panamon falou com Shea em voz baixa, perguntando se ele sabia se estavam indo na direção certa. A resposta relutante foi um aceno breve com a cabeça. Que diferença faria se não soubesse, o jovem perguntou a si mesmo, zangado. Que outra direção podiam tomar? Se seus instintos estivessem errados, não havia nada mais que pudesse ajudá-los. As Pedras Élficas o salvaram uma vez; teria de confiar nelas de novo.

Imaginava como Orl Fane se saía em sua tentativa de passar pela estranha muralha de neblina. Talvez o gnomo enlouquecido tivesse encontrado uma forma de escapar de seus efeitos entorpecentes, mas não parecia provável. E se o sujeitinho tivesse caído no caminho, a espada estaria perdida em algum lugar da escuridão impenetrável e jamais a recuperariam a tempo. Tal possibilidade desagradável fez o jovem parar de pensar por vários minutos, pensando as possibilidades da espada estar caída na névoa, talvez a alguns metros, esperando que alguém a descobrisse de novo.

De repente, a escuridão desbotou para um tom de cinza melancólico e a muralha de neblina ficou para trás. Aconteceu tão rápido que foram pegos totalmente de surpresa. Em um minuto estavam envoltos no negrume, quase incapazes de ver os companheiros, e no seguinte estavam de pé em um silêncio chocado debaixo do céu cinza-chumbo das Terras do Norte.

Estudaram por um momento a região onde haviam emergido. Era a terra mais lúgubre que Shea já vira, mais ameaçadora que as planícies monótonas de Clete e dos assustadores Carvalhos Negros, nas distantes Terras do Sul. O terreno era desolado e vazio, o solo de um tom de cinza amarronzado totalmente desprovido da luz do sul e de vida vegetal. Nem mesmo o mais resistente arbusto havia sobrevivido; um aviso silencioso de que aquele de fato era o reino do Lorde das Trevas. A terra estendia-se para o norte em colinas baixas e irregulares de terra endurecida, sem ser maculada nem por um fiapo de grama. Rochas arredondadas espalhavam-se no horizonte cinza, e em certos pontos a planície era cortada por barrancos empoeirados, onde rios haviam secado. Não havia sons de vida em lugar nenhum, nem mesmo

o leve zumbido de insetos para quebrar a quietude assombrosa. Nada permanecia naquela terra que já fora viva, só a morte. Longe e ao norte, erguia-se uma série de picos de aparência traiçoeira. Sem precisar de confirmação, Shea soube que aquele era o lar de Brona, o Lorde Feiticeiro.

— O que você propõe agora? — Panamon Creel perguntou. — Perdemos totalmente a trilha. Nem sequer sabemos se nosso amigo saiu daquele negócio vivo. Na verdade, não acho que ele tenha conseguido.

— Temos de continuar procurando por ele — Shea replicou no mesmo tom.

— Enquanto aquelas criaturas voadoras continuam procurando por nós — o outro lembrou. — Tem mais coisas em jogo aqui do que eu gostaria de apostar, Shea. Não me importo de dizer que estou perdendo o interesse nessa caçada, principalmente por não saber contra o que estou lutando. Quase morremos lá atrás e eu nem podia ver o que estava nos matando!

Shea assentiu, compreensivo, subitamente no controle da situação. Pela primeira vez na vida. Panamon Creel estava preocupado em ficar vivo, mesmo que isso significasse recuar com o orgulho ainda mais ferido. Estava nas mãos de Shea assegurar que a jornada continuaria. Keltset estava parado, longe dos dois, os olhos castanhos fixos no jovem com as sobrancelhas grossas unidas, compreendendo-o. Mais uma vez, Shea foi surpreendido pela inteligência que viu, profunda e simples, nos olhos gentis da grande criatura. Continuava sem saber nada sobre aquele troll, mas havia muito que gostaria de saber. Keltset era a chave para algum segredo estranho, que nem mesmo Panamon Creel conhecia, apesar de se gabar sobre serem grandes amigos.

— Nossas escolhas são limitadas — o jovem finalmente respondeu. — Podemos procurar por Orl Fane neste lado da névoa e nos arriscar com as criaturas da Caveira, ou nos arriscamos a atravessar de volta...

Sua voz sumiu, cheia de presságios, deixando o pensamento não dito enquanto observava Panamon ficar um tom mais branco.

— Não quero voltar para aquilo, pelo menos não agora — o ladrão nervoso declarou com veemência, a mão com a ponta de ferro erguendo-se como que para defendê-lo do ar que carregava uma possibilidade tão insana.

Então, quase docilmente, o sorriso largo e habitual voltou conforme o velho Panamon Creel recuperava o controle. Era uma pessoa endurecida

demais, um profissional experiente demais no jogo da vida, para deixar qualquer coisa assustá-lo por muito tempo. Soterrou as memórias do que sentira enquanto tropeçava às cegas por aquele mundo morto na escuridão, usando sua longa experiência como aventureiro e ladrão para reconstruir a confiança. Se ele estava destinado a morrer naquela aventura, iria encontrar a morte com a coragem e a determinação que o fizeram ir em frente por tantos anos difíceis.

— Agora, deixe-me pensar sobre essa situação — divagou, andando de um lado para outro, o velho jeito retornando. — Se o gnomo não saiu da barreira, a espada ainda está lá, podemos pegá-la a qualquer hora. Mas se escapou, como nós, então onde...?

Parou sem completar a frase, seus olhos estudando a região ao redor enquanto tentava enumerar as possibilidades. Keltset rapidamente se aproximou e apontou para os picos irregulares que marcavam os limites do Reino da Caveira.

— Sim, claro, você está certo de novo — Panamon concordou com um leve sorriso. — Ele deve estar indo para lá. É o único lugar para onde poderia ir.

— O Lorde Feiticeiro? — Shea perguntou em voz baixa. — Ele está levando a espada diretamente para o Lorde Feiticeiro?

O outro assentiu. Shea ficou um pouco mais pálido com a ideia de rastrear o gnomo fugitivo até a porta do Rei dos Espíritos sem ter sequer as poderosas habilidades místicas de Allanon ao seu lado. Se fossem descobertos, estariam completamente indefesos, a não ser pelas Pedras Élficas. Mas, se por um lado, as pedras conseguiam derrotar os Portadores da Caveira, parecia muito difícil terem alguma chance contra uma criatura tão terrível quanto Brona.

A primeira pergunta era se Orl Fane conseguira ou não passar pela névoa traiçoeira. Decidiram seguir os limites da muralha para o oeste, para ver se cruzavam novamente com alguma trilha que o gnomo pudesse ter deixado ao entrar na região. Se não descobrissem nada naquela direção, tentariam na mesma distância para leste. Se ainda não encontrassem nenhum vestígio de Orl Fane, assumiriam que ele caíra na névoa assassina e seriam forçados a entrar nela de novo para encontrar a espada. Ninguém preferia essa última alternativa, porém Shea os tranquilizou ao prometer que iria usar o poder

das Pedras Élficas para encontrar o talismã perdido, apesar dos riscos. Usar as pedras preciosas com certeza alertaria o mundo espiritual de sua presença, mas era uma aposta que tinham de fazer se quisessem encontrar algo naquela escuridão.

Rapidamente, os três começaram a caminhar para o norte, a visão aguçada de Keltset estudando o chão duro à procura de pegadas do gnomo. Grupos de nuvens grossas bloqueavam o céu, envolvendo as Terras do Norte em um nevoeiro cinza e hostil. Shea tentou estimar quanto tempo se passara desde que cruzaram a muralha, porém não tinha certeza. Poderiam ter sido poucas horas ou até mesmo dias. De qualquer jeito, o cinza estava ficando mais escuro, sinalizando a chegada da noite e de um fim temporário para as buscas por Orl Fane.

Acima, as gigantescas nuvens cinzentas de chuva ficaram mais escuras, agitando-se no céu. O vento aumentara, soprando com força pelas colinas e penhascos desolados, empurrando com raiva alguns grupos de rochas que impediam seu progresso. A temperatura caía rapidamente e ficou tão frio que foram forçados a se enrolar em seus mantos enquanto continuavam. Não demorou muito para perceberem com raiva que uma tempestade estava se formando e que a chuva pesada iria apagar todas as pegadas deixadas pelo gnomo fugitivo. E se fossem forçados a adivinhar se ele tinha ou não escapado...

Mas em um raro golpe de sorte, Keltset descobriu pegadas na terra desolada, pegadas que saíam da muralha de névoa e continuavam para o norte. O troll mostrou para Panamon Creel que as pegadas pertenciam a alguém pequeno, possivelmente um gnomo, que, fosse quem fosse, estava andando com passos trôpegos e vacilantes, por ferimentos ou exaustão. Animados por essa descoberta e certos de que tinham encontrado Orl Fane novamente, seguiram a trilha vaga para o norte, indo muito mais rápido do que antes. Esqueceram-se da provação daquela manhã. Esqueceram-se da ameaça do onipresente Lorde Feiticeiro. Esqueceram a exaustão e o desespero que sentiram desde que perderam a preciosa Espada de Shannara. Orl Fane não escaparia deles mais uma vez.

O céu continuava a escurecer em cima deles. Do oeste, ainda muito longe, veio o som grave de um trovão, um rugido ameaçador que era carregado por toda a extensão das Terras do Norte pelo vento que aumentava de

velocidade. Ia ser uma tempestade terrível, como se a natureza estivesse decidida a dar nova vida àquela terra agonizante, limpando-a para que voltasse a ser um solo fértil para seres vivos. O ar estava de um frio mordaz e, apesar da temperatura ter se estabilizado, rajadas de vento entravam pelas roupas dos três viajantes. Eles, porém, pouco sentiam, os olhos examinando ansiosamente o horizonte ao norte, procurando sinais de sua presa. A trilha estava ficando mais fresca, ele estava em algum lugar bem à frente.

A terra estava mudando notavelmente. A região desolada mantinha sua principal característica, o chão endurecido coberto com pedras espalhadas e rochas amontoadas, mas ficara bem mais elevada e mais irregular, tornando a viagem cada vez mais difícil. A terra seca e rachada era particularmente difícil de transpor, pois não possuía a vegetação que em geral dava equilíbrio. Conforme as colinas e os vales subiam e desciam mais abruptamente, os três perseguidores avançavam aos escorregões e tropeços.

O vento oeste crescera em força até se tornar um uivo ensurdecedor, por vezes quase derrubando os homens desprotegidos enquanto soprava pelos topos das colinas desoladas em rajadas frenéticas. O solo solto voava em todas as direções pela ação impiedosa do vento, atingindo a pele, os olhos e as bocas dos três em dolorosas estocadas. Logo estava tão forte que toda a região estava envolta em vento e poeira, como uma tempestade de areia em um deserto. Era difícil respirar, e mais ainda enxergar; mesmo os olhos aguçados de Keltset não podiam mais discernir nada da trilha que seguiam. Provavelmente, não havia mais nada para se ver, pois o vento havia remexido completamente a terra desprotegida; mesmo assim, os três continuaram.

O rugido distante dos trovões crescera para um ressoar constante, intercalado com clarões irregulares de raios diretamente a oeste, quase em cima deles. O céu ficara todo negro, mas com a cegueira causada pelo vento e pela poeira, mal notaram mais aquela dificuldade para enxergar. Pouco a pouco, um denso nevoeiro aproximava-se, vindo do oeste, um nevoeiro que era claramente formado por camadas e mais camadas de chuva soprada pelo vento uivante. E então, ficou tão ruim que Panamon berrou acima do barulho do vento, pedindo que parassem.

— Não dá mais! Temos de procurar abrigo antes que aquela tempestade nos atinja.

— Não podemos desistir agora — Shea gritou com raiva, suas palavras quase abafadas pelo ressoar súbito de um trovão.

— Não seja idiota! — o ladrão veio com esforço até o seu lado, apoiando-se em um joelho enquanto espiava pela poeira que revoava, suas mãos protegendo os olhos das partículas que cegavam.

À direita, percebeu uma colina larga pontilhada de grupos de rochas suspensas que pareciam proporcionar algum abrigo da força do vento. Sinalizando para os outros dois, abandonou qualquer tentativa de prosseguir para o norte e virou-se para as rochas. Grossas gotas de chuva estavam começando a cair, causando um efeito arrepiante contra a pele quente dos homens suados, e o som do trovão aumentara de forma ensurdecadora. Shea continuou a vasculhar o norte, sem querer aceitar a decisão de Panamon de abandonar a caçada, sabendo que estavam perto.

Haviam quase alcançado o abrigo das pedras quando viu algo se mover. O clarão brilhante de um raio delineou uma pequena figura perto do topo de uma colina alta, bem mais à frente, lutando loucamente para chegar ao cume mesmo com o vento forte. Gritando de forma frenética, o pequeno jovem do Vale Sombrio agarrou o braço de Panamon e apontou para a colina distante, quase invisível na escuridão. Por um segundo, os três ficaram paralisados, analisando a escuridão enquanto a tempestade caía sobre eles em lençóis de chuva, encharcando-os completamente em segundos. Um raio brilhou com uma claridade fragmentada mais uma vez, revelando a colina distante e seu pequeno lutador, ainda se debatendo, procurando se equilibrar, perto do topo. A visão sumiu e a chuva continuou a cair.

— É ele! É ele! — Shea berrou, delirante, ao reconhecê-lo. — Vou atrás dele!

Sem esperar pelos outros dois, o jovem eufórico escorregou pela encosta do barranco molhado, determinado a não deixar a espada escapar novamente.

— Shea. Não, Shea! — Panamon o chamou em vão. — Keltset, pegue-o!

Caindo rapidamente colina abaixo, o troll ultrapassou o jovem com vários pulos, levantando-o do chão com um braço só, sem esforço, e levando-o de volta para onde Panamon os esperava. Shea gritava e chutava furiosamente, mas não tinha como escapar do aperto de ferro do troll. A tempestade chegara ao seu clímax; a chuva cortava o cenário desprotegido em grandes

pedaços de terra e pedra que corriam até os desfiladeiros, formando pequenos rios selvagens. Panamon levou-os até as pedras, ignorando as ameaças e apelos de Shea enquanto procurava abrigo na encosta leste da colina, longe da força do vento e da chuva. Depois de um rápido exame, escolheu um ponto alto, perto do topo, com três grandes grupos de rochas que ofereciam proteção contra a força da tempestade, mesmo que não isolassem totalmente o frio e a umidade. Rastejando, cansados, lutando com as poucas forças que lhes restavam contra a pressão do vento, os três finalmente alcançaram o abrigo, onde caíram exaustos. Panamon sinalizou a Keltset para que largasse Shea, que ainda se debatia. Irado, o jovem confrontou o aventureiro, a chuva escorrendo em rios por seus olhos e por sua boca.

— Você enlouqueceu? — explodiu por cima do uivo do vento e do constante ribombar da tempestade. — Eu poderia tê-lo alcançado! Eu poderia estar com...

— Shea, escute! — Panamon interrompeu rapidamente enquanto espiava através da neblina cinzenta para encontrar o olhar zangado do outro. Por um momento, as vozes se acalmaram no rugido da tempestade das Terras do Norte enquanto Shea hesitou. — Ele estava longe demais para ser alcançado com uma tempestade dessas. Nós teríamos sido arrastados pelo vento ou nos ferido com deslizamentos de lama. É perigoso demais andar meio metro nessas colinas com uma chuva pesada, imagine quilômetros. Relaxe um pouco e se controle. Podemos pegar o que sobrou do gnomo quando esta ventania acabar.

Por um segundo, Shea sentiu vontade de contestá-lo, mas parou de novo e a raiva rapidamente diminuiu quando seu bom senso voltou, percebendo que Panamon tinha razão.

A força da tempestade estava rasgando a terra desprotegida, desnudando sua face desolada e remodelando suas feições duras. Lentamente, as colinas iam descendo para os despenhadeiros cheios de água e a antiga Planície de Streleheim começou a alargar-se aos poucos nas vastas Terras do Norte. Encolhido por causa do frio das rochas, Shea olhava as cascatas de chuva conforme iam e vinham em torrentes infinitas, disfarçando a desolação daquela terra agonizante e sem vida. Pareceria que não havia mais nada vivo

além deles três. Talvez, se a tempestade demorasse a passar, também seriam carregados pela água e a vida poderia recomeçar, pensou desconsolado.

Apesar de a chuva não cair diretamente em cima deles dentro do pequeno refúgio, não conseguiram escapar da umidade congelante da roupa ensopada, e continuaram desconfortáveis. Primeiro, sentaram-se em silêncio, cheios de expectativas, esperando que a tempestade diminuísse e a perseguição pudesse continuar, mas foram ficando cansados da vigília solitária e procuraram passar o tempo, convencidos de que a chuva e o vento iriam durar o dia inteiro. Comeram um pouco, mais por bom senso do que por fome, e tentaram dormir o melhor possível no espaço apertado. Panamon conseguira resgatar dois cobertores em sua mochila, enrolados em um embrulho a prova d'água, e passou-os para Shea. Agradecido, o jovem recusou, oferecendo-os para os amigos, porém Keltset, que raramente se incomodava com qualquer coisa, já estava dormindo. Panamon e Shea enrolaram-se no calor dos cobertores, encolhidos um contra o outro em um lado do abrigo, e encararam a chuva em silêncio.

Depois de um tempo, começaram a falar sobre coisas antigas, de tempos calmos e lugares distantes, coisas que sentiam que eram boas para serem compartilhadas naquele momento de desânimo e solidão. Como de costume, Panamon conduziu a conversa, mas as histórias de suas viagens não eram as mesmas de antes. Os elementos *impossíveis* e *selvagens* foram deixados de lado, e, pela primeira vez, Shea soube que o criativo ladrão estava falando sobre o verdadeiro Panamon Creel. Foi uma conversa distraída, quase despreocupada entre os dois homens, como a conversa de dois amigos que não se viam havia muitos anos.

Panamon falou de sua juventude e dos tempos difíceis pelos quais passavam as pessoas ao redor enquanto crescia. Não houve desculpas, nem arrependimentos, apenas a simples narrativa de anos distantes que permaneciam na memória. O jovem falou de sua juventude com seu irmão Flick, lembrando-se das expedições selvagens e animadas até a floresta de Duln. Falou sorrindo sobre o imprevisível Menion Leah, que de forma vaga parecia um Panamon Creel jovem. O tempo passou enquanto falavam, bloqueando a tempestade e aproximando estranhamente aqueles dois pela primeira vez desde que se encontraram. Conforme as horas passaram e a escuridão veio, Shea começou a entender o outro homem, a conhecê-lo

como seria impossível antes. Talvez o ladrão conseguisse entender Shea um pouco melhor. Pelo menos, era o que o jovem queria acreditar.

Finalmente, quando a noite envolveu a terra e até a chuva sumira de vista e nada restava além do som do vento e o chapinhar das poças e dos rios, a conversa voltou-se para o adormecido Keltset. Em voz baixa, os dois especularam sobre a origem do troll de pedra, tentando entender o que o havia trazido até eles, o que o levara a participar daquela jornada suicida para dentro das Terras do Norte. Aquele era seu lar, sabiam disso, e talvez planejassem voltar para as distantes montanhas Charnal. Mas ele não fora expulso de lá por seu próprio povo ou por algo tão poderoso e convincente quanto? O Portador da Caveira o reconheceria, mas como? Até Panamon admitia que Keltset era mais do que um simples ladrão aventureiro. Havia coragem e orgulho em seu jeito, uma inteligência profunda em sua determinação silenciosa, e, em algum lugar de seu passado, um segredo terrível que escolhera não compartilhar com ninguém. Algo inconfessável lhe acontecera e os dois homens podiam sentir que tinha a ver com o Lorde Feiticeiro, mesmo que de forma indireta. Havia medo nos olhos do Portador da Caveira quando ele reconheceria o troll. Os dois conversaram mais um pouco até o sono chegar, já no começo da manhã, quando, enrolados nos cobertores para se proteger do frio da chuva e da noite, caíram no sono.

Capítulo XXVII

— **V**ocê aí! Espere um instante!
O comando veio da escuridão atrás de Flick, cortando sua coragem já vacilante. Em choque, o aterrorizado jovem virou-se, sem ter presença de espírito suficiente para sequer tentar correr. Finalmente fora descoberto. Era inútil usar a pequena faca de caça ainda segura firmemente por baixo do manto, mas seus dedos não obedeceram e ficaram fixos no punho enquanto seus olhos encontraram a silhueta difusa do inimigo que se aproximava. Entendia pouco da língua dos gnomos, mas só o tom de voz bastara para que compreendesse aquela ordem. Rígido, observou uma forma corpulenta emergindo da escuridão das tendas.

— Não fique aí parado — a voz estrilou zangada enquanto a forma arredondada se bamboleava para mais perto. — Dê uma ajuda para quem precisa!

Surpreso, o jovem observou com mais atenção a figura curvada enquanto o gnomo que o descobrira caminhava até ele, os braços grossos cheios de bandejas e pratos, prestes a deixar tudo cair a cada passo hesitante das pernas gorduchas. Quase sem pensar, Flick pulou para ajudar o sujeito, removendo a camada superior de bandejas e as acomodando em seus próprios braços, seu nariz captando o cheiro saboroso de carne com vegetais cozidos que vazava da cobertura dos pratos quentes.

— Isso, assim está bem melhor. — O corpulento gnomo soltou um suspiro de alívio. — Poderia ter derramado tudo se desse mais um passo. Um exército inteiro acampado aqui e alguém me ajuda a carregar o jantar dos chefes de clã? Nem um gnomo sequer se ofereceu. Tive de fazer tudo. É enlouquecedor, mas você foi legal em me dar uma ajuda. Vai ser recompensado com uma boa refeição, hein?

Flick não entendeu boa parte do que o sujeito tagarela estava falando e não se importava. O que importava é que não fora descoberto. Respirando em gratidão silenciosa, Flick ajustou seu carregamento de comida enquanto

o novo companheiro continuava a falar feliz sobre nada, as bandejas pesadas balançando precariamente nos braços grossos. Por debaixo da escuridão do vasto capuz que usava, o cauteloso jovem do Vale Sombrio acenava, fingindo entender o que o outro falava, os olhos ainda fixos nas sombras que se moviam dentro da grande tenda à frente.

Um pensamento estava marcado em sua mente: ele tinha de entrar naquela tenda; precisava saber o que estava acontecendo ali. Então, quase como se tivesse lido a mente de Flick, o pequeno gnomo começou a andar na direção da estrutura de lona com passos cuidadosos, as bandejas à frente, o rosto amarelado meio virado em sua direção para que seu monólogo interminável pudesse ser ouvido melhor pelo recém-encontrado companheiro. Não havia mais dúvidas. Iriam entregar o jantar das pessoas naquela tenda, para os chefes das duas nações que compunham aquele exército gigantesco e para o temível Portador da Caveira.

Isso é loucura, Flick pensou. Serei descoberto no momento em que colocarem os olhos em mim. Mas ele precisava olhar lá dentro...

Estavam na entrada da tenda, de pé, em silêncio na frente dos dois trolls de guarda, que pareciam gigantes perto deles, como árvores perto de grama. Flick só conseguia olhar para baixo, apesar de estar consciente de que, caso se ajeitasse totalmente para encarar o inimigo, encararia o peito nodoso e coberto de armadura.

Apesar de ser muito menor, o autoproclamado amigo de Flick latiu uma ordem ríspida para que o deixassem entrar, aparentemente convencido de que sua presença era de fato desejada por quem estava lá dentro; ou, pelo menos, que a comida que carregava era. Logo, uma das sentinelas entrou no interior iluminado do toldo para falar com alguém, reaparecendo um minuto depois, sinalizando silenciosamente para que entrassem. Com um aceno de cabeça rápido por sobre o ombro para o trêmulo Flick, o pequeno gnomo passou pelos guardas e o jovem, mal se atrevendo a respirar, seguiu com cuidado, rezando por mais um milagre.

O interior da imensa estrutura de lona, se comparado ao lado de fora, era bem iluminado por tochas presas em postes de ferro ao redor de uma mesa de madeira ampla e pesada, que estava desocupada, no centro do ambiente. Vários trolls de diferentes tamanhos andavam ocupados dentro da grande tenda, alguns carregando rolos de mapas e outros documentos para um

grande baú com detalhes em bronze, enquanto os demais se preparavam para se sentar e começar a tão esperada refeição noturna. Todos usavam os adereços militares e a insígnia de maturens, os comandantes trolls.

A parte de trás da tenda estava fechada por uma tapeçaria suspensa que nem a luz brilhante das tochas podia penetrar. O ar no quartel general do exército era fumacento e fétido, tão denso que Flick tinha dificuldade em respirar. Armas e armaduras estavam empilhadas de forma organizada pela sala, e escudos amassados pendiam em armações de ferro, em uma tentativa primitiva de decoração. Flick podia sentir a inconfundível presença do aterrorizante Portador da Caveira, e logo concluiu que o monstro sombrio estava atrás da tapeçaria na outra seção da tenda. Uma criatura como aquela não comia, sua forma mortal virara pó havia muito tempo e o espírito que permanecera só precisava do fogo do Lorde Feiticeiro para saciar sua fome.

De repente, o jovem viu outra coisa. Na parte de trás daquele segmento da tenda, próximo à tapeçaria e meio escondido pela fumaça das tochas e pelos trolls, estava uma forma magra sentada em uma cadeira de madeira. Flick assustou-se por um instante certo de que o homem era Shea. Os trolls famintos se aproximavam dele, removendo os pratos de comida e os colocando na mesa, e por um momento bloquearam a figura. Os trolls conversavam em voz baixa entre si, próximos aos dois serviçais, sua língua estranha incompreensível para Flick, que estava se encolhendo ainda mais nas dobras encobertas de seu manto na luz reveladora das tochas. Deveria ter sido descoberto, mas os comandantes trolls estavam cansados e com fome, e preocupados demais com os planos de invasão para repararem no rosto incomum de um gnomo maior do que o habitual.

A última bandeja foi removida e colocada na mesa enquanto os maturens se reuniam à sua volta para começar a comer. O pequeno gnomo que havia trazido Flick até ali se virou para sair, mas o ansioso jovem parou mais um pouco para estudar a figura mais no fundo.

Não era Shea. O prisioneiro era um elfo, um homem aparentando ter trinta e cinco anos, com um rosto forte e inteligente. Era impossível dizer mais do que isso à distância, mas Flick tinha certeza de que era Eventine, o jovem Rei Élfico que Allanon dissera ser a diferença entre a vitória ou a derrota para as Terras do Sul. Era nas Terras do Oeste, o grande e isolado reino do povo élfico, que ficava o mais poderoso exército dos povos livres. Se

a Espada de Shannara estava mesmo perdida, somente aquele homem tinha força para impedir o fabuloso poder do Lorde Feiticeiro — aquele homem, que era um prisioneiro, cuja vida poderia ser tirada com um simples comando.

Flick sentiu uma mão em seu ombro e se sobressaltou com o toque inesperado.

— Vamos, vamos, precisamos sair — disse séria e persuasiva a voz baixa do gnomo. — Você pode ficar olhando para ele outra hora. Não vai sair daqui.

Flick hesitou de novo, um plano súbito e ousado formando-se enquanto estava ali parado. Se tivesse tempo para pensar melhor, a ideia o teria aterrorizado, mas não havia mais tempo e ele não tinha como ponderar naquele momento. Já era tarde demais para escapar do acampamento e voltar até Allanon antes do amanhecer, e ele fora até aquele lugar horrível para executar uma importante tarefa, que ainda estava incompleta. Ele não podia sair ainda.

— Vamos, já disse, nós temos de... ei, o que você está fazendo...? — o pequeno gnomo gritou sem querer quando Flick o agarrou pelo braço e o empurrou na direção dos comandantes trolls, que pararam de comer por um momento ao ouvir o grito agudo, olhando curiosos para as duas pequenas figuras. Rapidamente, Flick ergueu uma das mãos e apontou questionadoramente para o prisioneiro amarrado. Os trolls seguiram seu olhar automaticamente e Flick esperou sem fôlego até um deles dar uma ordem breve e os demais darem de ombros e assentirem.

— Você está louco, perdeu a cabeça! — O pequeno gnomo estava atônito, tentando em vão continuar a sussurrar. — O que importa a você se o elfo tem algo para comer ou não? O que importa se ele morrer de fome...?

Seus comentários foram interrompidos. Um troll os chamou, a mão retorcida estendendo um prato de comida. Flick hesitou por um momento, olhando para seu companheiro surpreso, que sacudia a cabeça e resmungava inaudivelmente diante daquela situação.

— Não olhe para mim! — exclamou. — A ideia foi sua, dê você a comida para ele!

Flick não conseguiu entender tudo o que o gnomo disse, mas pegou o espírito da afirmação e rapidamente segurou o prato. Em momento algum

olhou no rosto de alguém mais do que um instante, assim as sombras de seu capuz mascararam sua identidade. Manteve seu manto bem enrolado enquanto se movia com cuidado até o prisioneiro do outro lado da tenda, congratulando-se loucamente por sua aposta ter dado certo. Se conseguisse chegar perto o bastante da figura amarrada de Eventine, poderia informá-lo de que Allanon estava por perto e que alguma tentativa de resgate seria feita. Ainda preocupado, olhou para trás, para os demais ocupantes da tenda, mas os comandantes trolls haviam voltado para seu jantar e apenas o cozinheiro gnomo ainda olhava para ele. Se tivesse tentado aquela loucura em algum lugar que não o centro das forças inimigas, Flick tinha certeza de que seria descoberto imediatamente. Mas ali, no quartel-general dos comandantes, com o formidável Portador da Caveira a metros de distância e completamente cercados por milhares de habitantes das Terras do Norte, a ideia de alguém entrando no acampamento era ridícula, ainda mais sozinho.

Sem fazer barulho, Flick aproximou-se do cativo que esperava, o rosto ainda escondido pela escuridão do capuz, o prato de comida estendido à frente. Eventine tinha o peso e a altura normais de um humano, mas, para um elfo, era grande. Usava roupa de caçador, coberta pelo que restava de uma cota de malha, a insígnia da casa de Elessedil ainda vagamente visível na luz das tochas. Seu rosto estava abatido e ferido, possivelmente pela batalha que resultara em sua captura. À primeira vista, parecia não haver nada muito especial nele, não era o tipo de homem que se destacaria em um grupo. Sua expressão estava fria e impassível quando Flick parou à sua frente; seus pensamentos aparentemente estavam em outro lugar. Moveu a cabeça um pouco como se tivesse percebido que estava sendo observado e olhos verdes e profundos fixaram-se na pequena figura que o encarava.

Quando Flick viu aqueles olhos, ficou congelado pelo choque. Eles refletiam uma determinação feroz, uma força de caráter e uma convicção interna que faziam o jovem se lembrar, estranhamente, de Allanon. Eles o alcançaram, como se prendessem sua mente, exigindo sua atenção e obediência. Ele nunca vira aquele olhar em homem nenhum, nem mesmo em Balinor, que o atraía como um verdadeiro líder. Assim como os do Druida, os olhos do Rei Élfico o assustavam. Olhando para baixo, para o prato em suas mãos, Flick parou para pensar no que fazer. Automaticamente, colocou um pedaço da carne ainda quente na ponta de

um garfo. O canto na tenda larga estava fracamente iluminado e fuligem da fumaça das tochas ajudava a esconder seus movimentos de seus inimigos. Apenas o pequeno gnomo o observava, mas um único erro faria com que todos viessem para cima dele.

Devagar levantou o rosto até que a luz das tochas revelasse totalmente suas feições para o cativo. Seus olhos se encontraram, um lampejo de curiosidade atravessando o rosto do elfo impassível que ergueu uma sobrancelha. Depressa, Flick franziu os lábios, avisando-o que deveria ficar em silêncio, e olhou de novo para a comida. Eventine estava incapacitado de se alimentar sozinho, então o jovem começou a alimentá-lo devagar enquanto planejava o próximo passo. O cativo já sabia que não era um gnomo, mas Flick temia falar com ele, temendo que mesmo um vago sussurro pudesse ser ouvido. Abruptamente, lembrou que o Portador da Caveira estava logo do outro lado da tapeçaria, talvez a apenas alguns centímetros de distância, e se ele tivesse uma audição sobrenatural... Mas não havia alternativa, precisava se comunicar com o prisioneiro antes de sair. Não teria outra chance. Reunindo a pouca coragem que guardara, o jovem inclinou-se uns poucos centímetros para a frente ao levantar o garfo, cuidadosamente se colocando entre Eventine e os trolls.

— Allanon.

A palavra foi dita em um sussurro quase inaudível. Eventine pegou o bocado de comida oferecido e respondeu com um leve aceno, sua face pétrea e impassível. Flick aguentara o máximo que pôde. Estava na hora de sair dali antes que sua sorte acabasse. Pegando o prato ainda não terminado, lentamente se virou e voltou pela tenda até onde o cozinheiro o esperava, seu rosto mostrando uma mistura de nojo e ansiedade. Os comandantes trolls ainda comiam, em meio a uma conversa lenta e confiante quando passou por eles. Nem sequer ergueram os olhos. Flick entregou o prato ao gnomo ao passar por ele, resmungando algo incoerente e depois se apressou em deixar a tenda, saindo entre os dois guardas antes que seu atônito companheiro pudesse pensar em agir. Enquanto se afastava despreocupadamente, o gnomo apareceu de repente na entrada, gritando e resmungando frases embaralhadas que o jovem nem sequer sonhava em entender. Virando-se, acenou rapidamente para a pequena figura um leve sorriso de satisfação no rosto largo e desapareceu na escuridão.

Ao amanhecer, o exército das Terras do Norte começou sua marcha para o sul em direção a Callahorn. Flick fora incapaz de encontrar um caminho para fora do acampamento; então, enquanto um amargo e muito preocupado Allanon observava de seu esconderijo, o motivo de sua apreensão era forçado a continuar com seu disfarce por mais um dia. As chuvas pesadas da manhã quase convenceram o jovem a se arriscar a correr para um lugar seguro, certo de que o aguaceiro lavaria a coloração amarela que Allanon colocara em sua pele. Mas escapar à luz do dia era impossível; então, enrolou-se ainda mais no manto e tentou continuar a caminhar sem ser notado. Em pouco tempo, estava completamente ensopado. Porém, para sua grata surpresa, a coloração amarela não parecia estar saindo. Desbotou um pouco, mas na confusão gerada com a locomoção do acampamento ninguém tinha tempo de reparar nos demais. Foi o tempo terrível, na verdade, que salvou Flick de ser desmascarado. Se tivesse sido um dia quente e seco de verão, cheio de luz e bom humor, o exército estaria mais preocupado em trocar gentilezas. Se o sol estivesse brilhando, não precisaria usar o manto pesado e Flick chamaria a atenção de todos ao redor por continuar vestindo o seu. Assim que o removesse, os nortistas veriam imediatamente seu pobre disfarce. A luz brilhante do sol iria revelar para qualquer um, mesmo que olhasse de relance, que o jovem não se parecia nada com um gnomo, na estrutura dos ossos do rosto e em outras características particulares. As chuvas pesadas e o vento salvaram Flick disso tudo e permitiram que continuasse isolado e escondido enquanto a imensa força invasora marchava com firmeza através das pradarias até o Reino de Callahorn, nas Terras do Sul.

O tempo ruim continuou pelo resto daquele dia e também por vários dias depois. As nuvens de tempestade se fixaram entre o sol e a terra em grandes massas cinzentas e negras que se agitavam e rolavam com descontentamento feroz. As chuvas caíam sem parar, algumas vezes em cascatas poderosas guiadas pela força incansável do vento oeste; em outras, em uma firme garoa melancólica que dava a falsa esperança de que o fim da tempestade se aproximava. O ar estava frio e, às vezes quase amargo, deixando um exército molhado trêmulo e desconsolado.

Flick continuou andando durante a cansativa e desagradável marcha, encharcado pelas chuvas, mas aliviado por poder se mover sem chamar atenção. Decidiu evitar andar com qualquer grupo em particular por muito tempo, sempre ficando de lado, sempre evitando situações que pudessem obrigá-lo a conversar com alguém. A força de invasão era tão vasta que não era difícil não parar ao lado dos mesmos soldados duas vezes, e seu truque ficava mais facilitado pelo fato de, ao que parecia, não haver tentativas de exercer disciplina de marcha sobre o grande exército. Ou a disciplina era extremamente relaxada ou estava tão embrenhada em cada soldado que os oficiais superiores não precisavam manter a ordem. Flick não podia imaginar aquela última situação e concluiu que o medo dos sempre presentes Portadores da Caveira e de seu misterioso Mestre impediam gnomos e trolls de fazerem algo estúpido. De qualquer forma, o jovem permaneceu como qualquer outro membro do exército das Terras do Norte, matando o tempo até o cair da noite, quando pretendia escapar de volta para Allanon.

No meio da tarde, o exército já alcançara as margens inchadas do Mermidon, do outro lado da cidade-ilha de Kern. Novamente, a força invasora acampou. Seus comandantes perceberam de imediato que, por causa da chuva pesada, seria muito perigoso atravessar o Mermidon e, mesmo que atravessassem, precisariam de jangadas largas, capazes de transportar um grande número de soldados para assegurar a margem distante. E não tinham jangadas, precisariam construí-las. Isso demoraria vários dias, e, nesse tempo, a tempestade já teria diminuído e as águas do Mermidon baixado o bastante para permitir uma travessia fácil. Do outro lado, na cidade de Kern, a força invasora fora avistada enquanto Menion Leah ainda dormia na casa de Shirl Ravenlock, e as pessoas começavam a entrar em pânico ao perceberem a extensão do perigo. O inimigo não poderia se permitir simplesmente passar por Kern e prosseguir até Tyrsis, seu objetivo principal. Kern tinha de ser tomada; considerando o tamanho da cidade e o exército reduzido que a defendia, aquilo não seria difícil. Apenas o rio transbordado e a tempestade fortuita atrasavam sua queda.

Flick não sabia nada sobre aquilo, sua mente permanecia ocupada com seus planos de fuga. A tempestade poderia parar em questão de horas, deixando-o indefeso no coração do acampamento inimigo. Pior ainda, com

a invasão, uma batalha contra a Legião da Fronteira de Callahorn aconteceria a qualquer minuto. E se fosse forçado a entrar na batalha como um gnomo caçador e lutar contra seus amigos?

Flick mudara consideravelmente desde seu primeiro encontro com Allanon, semanas antes, no Vale Sombrio; desenvolvera uma força interior, uma maturidade e uma confiança em si mesmo que jamais acreditou que teria. Contudo, as últimas vinte e quatro horas revelaram-se um teste supremo de coragem e perseverança que mesmo um guerreiro veterano como Hendel teria considerado assustador. O pequeno jovem do vale, inexperiente e vulnerável, podia sentir que estava à beira de não resistir à tremenda pressão, de se entregar completamente ao terrível sentimento de medo e dúvida que se agarrava a ele a cada movimento.

No começo, Shea fora a razão por trás de sua decisão de fazer a perigosa jornada para Paranor, mas, mais que isso, fora a única influência estabilizadora em um Flick pessimista e desconfiado. Shea estava perdido havia vários dias e pouca coisa indicava se estava vivo ou morto; seu irmão fiel, embora se recusasse a desistir de pensar que iriam encontrá-lo em algum momento, jamais se sentira tão sozinho. Não apenas estava em uma terra estranha, envolvido em uma empreitada louca contra uma criatura misteriosa que nem era do mundo dos mortais, como também estava isolado no meio de milhares de nortistas que o matariam sem pensar duas vezes, no momento em que descobrissem quem realmente era. A situação toda era impossível e ele estava começando a duvidar se havia mesmo algum sentido no que fizera.

Enquanto o exército acampava às margens do Mermidon, nas sombras do fim da tarde e no cinza do crepúsculo, um desconsolado e assustado jovem do Vale Sombrio moveu-se inquieto pelo acampamento, tentando desesperadamente manter firme a sua determinação. A chuva continuava a cair de forma insistente, cobrindo rostos e corpos até serem apenas sombras que se moviam, ensopando homens e solo com uma neblina fria e triste. Fogueiras estavam fora de questão em um tempo como aquele, então a noite permaneceu escura e impenetrável, e os homens, sem rosto. Enquanto caminhava pelo acampamento, Flick anotou mentalmente a organização da área dos comandantes, o arranjo das forças de trolls e gnomos e a posição

das linhas de sentinelas, pensando que aquele conhecimento poderia ter algum valor para Allanon planejar o resgate do Rei Élfico.

Ele localizou mais uma vez, sem dificuldade, a grande tenda que acomodava os maturens trolls e seu prisioneiro valioso. Como o resto do acampamento, ela estava escura e fria, envolta em neblina e chuva. Não tinha como saber se Eventine ainda estava lá; poderia ter sido levado para outra tenda ou mesmo sido retirado do acampamento durante a marcha. Os dois trolls sentinelas continuavam na entrada, mas não havia nenhum sinal de movimento lá dentro. Flick estudou a estrutura silenciosa por vários minutos e, depois, afastou-se.

Conforme a noite caía e trolls e gnomos se recolheram para um sono frio e molhado, mais parecido com um cochilo inquieto, o jovem decidiu que era hora de fugir. Não tinha ideia de onde encontraria Allanon, podia apenas supor que o Druida seguira a força invasora para o sul. Na chuva e na escuridão seria quase impossível localizá-lo, e o melhor que podia fazer era se esconder em algum lugar até o dia clarear e então tentar encontrá-lo. Foi em silêncio para a borda leste do acampamento, pisando com cuidado sobre as formas encolhidas dos soldados semiadormecidos, abrindo caminho entre bagagem e armadura, ainda enrolado no manto ensopado.

Podia muito bem ter andado pelo acampamento sem qualquer disfarce naquela noite. Além da escuridão e da garoa insistente, que enfim começavam a diminuir, uma neblina baixa movera-se sobre a pradaria, cobrindo tudo tão completamente que um homem não conseguiria ver mais do que uns poucos metros à frente do nariz. Sem querer, Flick se viu pensando em Shea. Encontrar o irmão fora o motivo principal de sua decisão de ir até o acampamento disfarçado de gnomo. Não descobrira nada sobre Shea, embora esperasse mesmo por isso. Estivera totalmente preparado para ser descoberto e capturado em minutos depois de entrar no vasto acampamento. Mesmo assim, continuava livre. Se pudesse escapar e encontrar Allanon, talvez conseguissem achar um jeito de ajudar o Rei Élfico aprisionado e...

Flick parou, seu progresso abruptamente interrompido enquanto se agachava perto de uma pilha de bagagem coberta por lona. Mesmo se por acaso encontrasse seu caminho de volta para o Druida, o que poderia fazer por Eventine? Demorariam para alcançar Balinor na cidade murada de

Tyrsis e tinham pouco tempo. O que seria de Shea enquanto estivessem tentando descobrir um jeito de resgatar Eventine, que era inquestionavelmente mais importante para as Terras do Sul do que seu irmão, desde que perderam a Espada de Shannara? E se Eventine soubesse algo sobre Shea? E se soubesse onde Shea estava? Talvez até mesmo soubesse para onde a poderosa espada fora carregada.

A mente cansada de Flick começou a considerar as possibilidades. Precisava encontrar Shea; nada era mais importante para ele. Não havia ninguém para ajudá-lo desde que Menion seguira para avisar as cidades de Callahorn. Mesmo Allanon parecia ter esgotado em vão seus muitos recursos. Mas Eventine podia saber onde Shea estava, e somente Flick tinha como fazer algo a esse respeito.

Tremendo no ar frio da noite, limpou a chuva dos olhos e espiou pela neblina, em uma incredulidade entorpecida. Como ele nem sequer podia pensar em voltar? Já estava quase entrando em pânico e caindo de exaustão, não precisava se arriscar mais. Porém, a noite estava perfeita: escura, nebulosa, impenetrável. Uma oportunidade daquelas não surgiria de novo no pouco tempo que tinha e não havia ninguém mais para aproveitá-la além dele. Loucura! Loucura!, ele pensou, desesperadamente. Se voltasse, se tentasse libertar Eventine sozinho... seria morto.

Mesmo assim decidiu de repente que faria isso mesmo. Shea era o único com quem realmente se preocupava e o Rei Élfico aprisionado parecia ser o único homem que poderia ter alguma ideia do que acontecera a seu irmão perdido. Ele viera de tão longe sozinho, tentando por horas tortuosas ficar escondido, ficar vivo em um acampamento cheio de inimigos e, de algum jeito, ninguém o notara. Tinha até mesmo conseguido entrar na tenda dos comandantes troll, chegar perto bastante do grande Rei do povo élfico para passar-lhe aquela breve mensagem. Talvez tudo tivesse sido apenas o resultado de uma sorte cega, milagrosa e fugidia; todavia, poderia fugir tendo conseguido tão pouco? Sorriu debilmente de seu fraco senso de heroísmo, um desafio irresistível que ignorara antes, mas que o tomava e provavelmente seria sua ruína. Ainda assim, exausto, com frio, à beira do colapso físico e mental, fazia aquela última aposta apenas porque as circunstâncias o haviam colocado ali naquele lugar e naquele momento. Só ele. Como Menion Leah riria ao ver aquilo, pensou sombriamente, ao

mesmo tempo em que desejava que o montanhês louco estivesse ali para lhe emprestar um pouco de sua coragem. Mas Menion não estava ali e o tempo passava rápido...

Quase sem perceber, refez seus passos pelos soldados adormecidos e pela neblina; abaixado, sem respirar, parou a poucos metros da longa tenda dos maturens. A neblina e o próprio suor corriam em pequenos rios por seu rosto quente em direção a suas roupas ensopadas enquanto fitava imóvel e em silêncio seu objetivo. Dúvidas passavam sem remorso por sua mente. A criatura terrível que servia o Lorde Feiticeiro estivera ali mais cedo, um instrumento negro e desalmado que destruiria Flick sem pensar. Provavelmente, ainda estava lá dentro, esperando acordado por esse tipo de tentativa tola de libertar Eventine. Ou, pior ainda, o Rei Élfico poderia ter sido levado para algum outro lugar...

Flick deixou as dúvidas de lado e respirou fundo. Devagar, reuniu sua coragem enquanto terminava seu estudo da área coberta pela lona, pouco mais do que uma sombra enevoadada na escuridão adiante. Ele não podia nem sequer distinguir as formas das sentinelas. Uma das mãos foi para dentro da túnica embaixo do manto e tirou a faca curta de caça, sua única arma. Mentalmente, marcou a posição na lona da tenda silenciosa onde imaginava que Eventine estivera amarrado na hora em que o alimentara na noite anterior. E devagar rastejou para a frente.

Flick abaixou-se próximo da lona molhada de tenda, a sensação fria do tecido áspero contra sua bochecha enquanto tentava ouvir sons de vida humana que se remexia inquieta lá dentro. Deve ter ficado ali por quinze longos minutos, imóvel na neblina e na escuridão, enquanto escutava com atenção os sons abafados de respirações pesadas e roncos intermitentes emitidos pelos nortistas adormecidos. Por um instante, pensou em tentar entrar pela frente, mas rapidamente descartou a ideia ao perceber que, uma vez lá dentro, precisaria encontrar seu caminho na escuridão sobre vários trolls adormecidos para encontrar Eventine. Em vez disso, escolheu a parte da tenda onde imaginava que a tapeçaria formava uma divisória, o canto em que o Rei Élfico estava amarrado em uma cadeira. E com uma lentidão agonizante, colocou a ponta da faca na lona ensopada e começou a cortar para baixo, um fio de cada vez, milímetros a cada golpe.

Jamais conseguiria se lembrar de quanto tempo demorara para fazer um corte de sete centímetros, só se lembrava do ato eterno de cortar no silêncio da noite, com medo de que qualquer som de tecido rasgando pudesse acordar a tenda inteira. Enquanto os minutos passavam, sentiu como se estivesse completamente sozinho no acampamento, abandonado por toda a vida na mortalha negra da neblina e chuva. Ninguém se aproximou, ou pelo menos não viu ninguém passar; o som de vozes não alcançava seus ouvidos. Ele poderia ter ficado mesmo sozinho no mundo por aqueles breves e desesperados momentos...

Uma abertura na vertical o encarava na lona brilhante, ansiosa, convidando-o a entrar. Avançou com cautela, sentindo o caminho cuidadosamente com as mãos na abertura. Não havia nada além do chão de lona, seco, mas frio como a terra úmida ao redor de seus pés e joelhos. Com cuidado, inseriu a cabeça, perscrutando temeroso a escuridão profunda do interior, repleta dos sons de homens adormecidos. Esperou que seus olhos se ajustassem a essa nova escuridão, tentando desesperadamente controlar sua respiração até não ser mais do que um sussurro regular e sem ruído. Sentia-se horrivelmente exposto, já que seu corpo ficava para fora da tenda, vulnerável a qualquer um que passasse.

Seus olhos demoraram muito a se adaptar e ele não podia correr o risco de ser descoberto por um passante casual; então, foi um pouco mais para a frente, passando seu corpo largo pela abertura do abrigo escuro da tenda. As respirações pesadas e os roncos continuaram sem ser perturbados; ele ouviu o som ocasional de um corpo mudando de posição em algum lugar na escuridão. Mas ninguém acordou. Flick ficou agachado na entrada por mais alguns intermináveis minutos, seus olhos trabalhando loucamente para distinguir as formas vagas de soldados, mesa e bagagem no negrume da noite.

Pareceu demorar uma eternidade, mas enfim conseguiu distinguir as formas encolhidas e adormecidas espalhadas pelo chão da tenda, os corpos enrolados no calor dos cobertores. Para sua surpresa, percebeu que uma das formas imóveis estava deitada a meros centímetros dele. Se tivesse tentado se arrastar mais um pouco antes dos olhos se adaptarem à escuridão, teria tropeçado e sem dúvida despertado o ser adormecido. A velha sensação de medo voltou com força e, por um momento, lutou contra um pânico que

ordenava que se virasse e corresse. Podia sentir o suor escorrendo por seu corpo abaixado, por baixo da roupa encharcada, deixando linhas finas na pele quente enquanto sua respiração se tornava cada vez mais irregular. Naquele momento, estava consciente de cada sensação, sua mente à beira do colapso — porém, mais tarde não se lembraria disso. Misericordiosamente, tudo seria bloqueado de sua memória; tudo se resumiria a uma única pintura de trolls adormecidos e de Eventine, o objeto de sua busca, marcado indelevelmente em sua mente. Flick o avistara logo, a forma esguia não mais sentada na cadeira de madeira no canto da tapeçaria, mas deitada no chão de lona a poucos centímetros do jovem do vale, seus olhos escuros abertos e à espreita. Flick julgara corretamente o ponto de entrada e passou a se esgueirar com movimentos felinos até o Rei, a faca de caça cortando rapidamente as cordas apertadas que prendiam suas mãos e pés.

Em um instante, o elfo estava livre, e as duas figuras sombrias corriam depressa para alcançar a abertura vertical na lateral da tenda. Eventine parou por um momento para pegar alguma coisa ao lado de um dos trolls. Flick não esperou para ver o que o elfo pegara, apressando-se para escapar pela abertura e chegar à escuridão nebulosa. Uma vez lá fora, agachou-se em silêncio próximo à tenda, olhando ansioso ao redor, procurando algum sinal de movimento. Mas só a garoa persistente da chuva quebrava o profundo silêncio da noite. Segundos depois, a lona se abriu de novo e o Rei Élfico passou por ela e abaixou-se ao lado de seu salvador. Carregando um manto e uma espada larga. Enquanto se envolvia no manto, parou por um momento e sorriu para um assustado porém animado Flick e apertou sua mão em gratidão muda e calorosa. O jovem sorriu de volta satisfeito e assentiu.

Assim Eventine Elesedil foi resgatado, retirado das garras do inimigo adormecido. Foi o melhor momento de Flick Ohmsford. Ele sentia que o pior já havia passado, que assim que saísse da tenda dos maturens com Eventine livre, escapar do acampamento era garantido. Nem sequer pensou em planejar algo além de sua entrada nos aposentos dos comandantes dos trolls. Era hora de seguir em frente, mas enquanto os dois hesitaram nas sombras, o momento passou e se perdeu.

Três sentinelas trolls armados passaram por eles, saindo do nada, e, no mesmo instante, viram as duas figuras agachadas ao lado da tenda. Por um instante, todos ficaram parados; então, lentamente, Eventine se levantou,

ficando em pé na frente do rasgo na lona. Para surpresa de Flick, o elfo, de pensamento rápido, gesticulou para os três se aproximarem, falando fluentemente na língua deles. Hesitantes, as sentinelas se aproximaram, as longas lanças abaixadas descuidadamente ao ouvirem o som familiar do próprio idioma. Eventine deu um passo para o lado, revelando a abertura, acenando com a cabeça para avisar Flick, enquanto os trolls avançavam velozes. O assustado jovem saiu do caminho, a mão segurando firme a faca de caça sob o manto. Quando os trolls os alcançaram, os olhos ainda fixos na lona rasgada, Eventine golpeou com sua espada.

Dois deles foram silenciados antes de terem uma chance de se defender, as gargantas cortadas. A última sentinela gritou por ajuda e atacou furiosamente Eventine, cortando a carne exposta do ombro do elfo, antes de também cair sem vida no chão enlameado. Por um momento, novamente houve silêncio. Flick se apoiava na parede da tenda, o rosto pálido encarando, apavorado, os trolls mortos, enquanto o elfo ferido tentava em vão conter o fluxo de sangue no ombro cortado. Ouviram o som de vozes se aproximando.

— Por onde? — Eventine sussurrou ríspidamente, a espada ensanguentada ainda firme em sua mão boa.

Em silêncio, o jovem correu ao lado do elfo e apontou para a escuridão atrás deles. As vozes estavam ficando mais altas, vindas de mais de uma direção; agilmente e sem trocar palavras, os dois fugitivos se distanciaram do dormitório dos trolls. Tropeçando entre as tendas envoltas na neblina e na bagagem, incapazes de se equilibrar no solo encharcado. Cegos pela escuridão e pela névoa flutuante, os dois lutavam para se afastar de seus perseguidores. As vozes diminuía nos dois lados e ficaram para trás, erguendo-se em gritos de alarme quando os corpos foram descobertos. Os dois aceleraram quando o som assombroso e grave de um chifre troll estilhaçou o sono do exército das Terras do Norte e, por todos os lados, soldados acordaram com o chamado de batalha.

Flick liderava, tentando delirante se lembrar do caminho mais rápido para os limites do acampamento. Corria às cegas, aterrorizado, já completamente irracional; seu único pensamento era alcançar a segurança da escuridão silenciosa do outro lado daquele campo odioso. Lutando com a dor para acompanhar o jovem, o ombro sangrando, Eventine percebeu o que

acontecera com seu salvador e o chamou, inutilmente, tentando avisá-lo para ter cuidado.

Tarde demais. As palavras mal saíram de seus lábios quando esbarraram em um bando de nortistas ainda tontos de sono, acordados bruscamente pelo sopro do chifre. Todos caíram em um emaranhado de braços e pernas, os dois lados pegos completamente de surpresa e incapazes de evitar a colisão. Flick sentiu o manto ser arrancado de seu corpo enquanto era chutado e socado por mãos e pés invisíveis; enlouquecido de terror, lutou de volta, cortando de maneira selvagem com a faca qualquer coisa que se aproximasse. Uivos de dor e fúria subiram de seus atacantes, e por um momento, os braços e pernas recuaram. Estava livre de novo. Levantou de um salto, apenas para ser atingido por um novo ataque. Avistou o brilho fosco de uma espada que vinha na direção de sua cabeça e ergueu sua faca para bloquear o golpe. Por vários minutos, tudo ficou caótico enquanto o jovem do Vale Sombrio rolava e abria caminho aos empurrões pelos corpos pesados e pelas mãos que o agarravam, a noite coberta de nevoeiro como um labirinto de gritos selvagens e figuras lutando. Ele foi cortado e socado sem piedade, enquanto lutava para se libertar. Foi derrubado algumas vezes no chão, mas se levantava em segundos, e se esforçava para avançar, gritando por Eventine.

Ele não percebera que esbarrara em um bando de nortistas desarmados que foram pegos completamente de surpresa quando ele atacou enlouquecido, brandindo a faca de caça. Por vários minutos, tentaram derrubá-lo e desarmá-lo, mas o jovem aterrorizado lutava tão violentamente que não conseguiam contê-lo. Eventine correu para ajudar, abrindo caminho pela massa de atacantes até chegar ao jovem; então, finalmente, se luraram, espalhando-se na proteção da escuridão. Cuidando rapidamente do último e persistente nortista, um gnomo bem largo que havia se agarrado com força em Flick, o Rei Élfico pegou seu salvador pelo colarinho da túnica e o colocou de pé. O jovem continuou a se debater por mais um momento, depois percebeu quem o segurara e relaxou de repente, seu coração batendo loucamente. Ao redor, os sons dos chifres de batalha ressoavam em tons ensurdecedores pelo acampamento, misturando-se aos gritos do exército inquieto. Tentou em vão escutar o que o outro estava dizendo, sua cabeça massacrada ainda zumbindo com os golpes que recebera.

— ...acho o caminho mais rápido para fora. Não corra, ande com firmeza, mas sem pressa. Correr só chamará a atenção. Agora, vá!

As palavras de Eventine morreram na escuridão enquanto a mão forte agarrava o ombro de Flick e o virava de frente para ele. Seus olhos se encontraram, mas o jovem só conseguia sustentar o olhar cortante do Rei Élfico por um instante, sentindo-o queimar direto em seu coração assustado. Então, foram na direção do limite do acampamento, lado a lado, as armas a postos. Flick voltara a pensar rápido e claramente, lembrando-se de alguns sinais dentro do acampamento que indicavam estar na direção certa. O medo foi enterrado enquanto uma determinação fria o dominou, alimentada em parte pela forte presença que caminhava a seu lado. Poderia ter sido Allanon em pessoa, tão inabalável era a confiança irradiada pelo Rei Élfico.

Dúzias de inimigos passavam correndo por eles, alguns bem perto, mas nenhum deles os parou ou falou com eles. Sem serem incomodados, os dois atravessaram em silêncio o caos que engolfara os nortistas com o inesperado chamado, indo com firmeza na direção das linhas de sentinelas que cercavam o acampamento. Os gritos continuavam lá dentro, apesar de diminuírem pouco a pouco. A chuva tinha parado completamente, mas o nevoeiro denso permanecia, envolvendo toda a planície de Streleheim até o Mermidon. Flick olhou uma vez para seu companheiro silencioso, notando com preocupação que a figura esbelta estava curvada pela dor, o braço esquerdo caído e imóvel, sangrando profusamente. O valente elfo estava se cansando rápido, cada vez mais fraco pela perda de sangue, o rosto pálido e abatido pelo esforço de ficar em pé. Inconscientemente, Flick diminuiu o ritmo, andando próximo ao seu companheiro para o caso de ele tropeçar.

Alcançaram o perímetro do campo em pouco tempo; tão rápido que notícias do que acontecera no quartel-general dos maturens ainda não haviam alcançado as sentinelas. Porém, o toque de batalha os colocara em alerta; por isso, andavam perto do acampamento em pequenos grupos, as armas preparadas. Ironicamente, acreditavam que o perigo vinha de um inimigo externo. Seus olhos observavam cuidadosos os pontos mais distantes, permitindo que Eventine e Flick se aproximassem da beira das linhas sem serem detectados. O Rei Élfico não hesitou, avançando entre os postos com passos firmes, confiando na escuridão, na neblina e na confusão

para impedir que fosse descoberto. O tempo estava acabando. Dentro de minutos, o exército inteiro estaria mobilizado e pronto para a batalha; assim que descobrissem que conseguira escapar, rastreadores começariam a procurar por ele. Conseguiria ficar em segurança se alcançasse os limites de Kern, logo ao sul, ou se conseguisse alcançar a proteção dos Dentes de Dragão e das florestas ao redor, ao leste. Contudo, demoraria várias horas em qualquer um dos casos e suas forças se esvaíam. Ele não podia parar, mesmo que isso significasse se arriscar a ser descoberto por entrar em terreno aberto e desprotegido.

Corajosamente, os dois andaram em meio a dois grupos de sentinelas, sem olhar para a esquerda nem para a direita enquanto se dirigiam à vastidão das pradarias do outro lado. Haviam conseguido não chamar atenção de ninguém até estarem além do perímetro dos guardas. De repente, várias sentinelas os viram ao mesmo tempo e gritaram. Eventine virou um pouco e acenou com o braço bom, respondendo na língua dos trolls, enquanto mantinha o passo e ia cada vez mais para dentro da escuridão. Flick seguia com cuidado, esperando ansioso enquanto as sentinelas os encaravam, ainda indecisos. Abruptamente, um deles chamou-os com rispidez e começou a segui-los, gesticulando para que voltassem com movimentos agitados. Eventine gritou para Flick correr, e a caçada começou. Enquanto os dois corriam para a segurança, quase vinte guardas os perseguiram, brandindo suas lanças e gritando furiosamente.

Foi uma disputa desigual desde o começo. Tanto Eventine quanto Flick eram mais leves e em condições normais teriam deixado seus perseguidores para trás. Mas o elfo estava seriamente machucado e fraco com a perda de sangue, enquanto o jovem continuava fisicamente exausto pelos sacrifícios dos dois últimos dias. Os perseguidores estavam descansados e fortes, além de bem alimentados. Flick sabia que a única esperança era se esconderem na neblina e na escuridão, torcendo para seus inimigos não os encontrarem. Respirando com dificuldade, tropeçando em passos pesados, forçaram seus corpos até os limites da resistência física. Tudo se tornara um borrão escuro feito da neblina agitada ao redor e da grama escorregadia sobre seus pés. Correram até achar que não conseguiriam mais aguentar; ainda assim, não havia montanhas nem florestas nem lugares para se esconder.

De repente, saindo da escuridão adiante, uma lança com ponta de metal fiascou, pegando o manto de Eventine e prendendo-o no solo molhado. O perímetro externo de sentinelas, Flick pensou horrorizado. Tinha se esquecido deles! Uma forma vaga pulou da neblina, jogando-se em cima do elfo caído. Com a última força que lhe restava, o rei ferido contorceu-se para um lado e evitou a lâmina que se enterrou na lama ao lado de sua cabeça. No mesmo instante, levou sua arma para cima. A figura apressada caiu para a frente com um breve arquejo, empalada.

Flick ficou paralisado, olhando ansiosamente ao redor à procura de outros atacantes. Porém, só havia a sentinela solitária. Rapidamente, correu para o lado de seu companheiro, retirando a lança e puxando o elfo exausto até ficar em pé com um esforço sobre-humano. Eventine deu alguns passos antes de cair de joelhos. Temeroso, o jovem caiu ao seu lado, tentando acordá-lo.

— Não, não... É meu fim. — A resposta veio rouca. — Não consigo mais...

Atrás deles os gritos dos nortistas saíam da escuridão. Seus perseguidores se aproximavam. Novamente, Flick tentou puxar a forma caída, mas não teve resposta desta vez. Desamparado, o jovem do vale olhou para a escuridão à sua volta, a faca curta na mão. Aquele era o fim. Em seu desespero, chamou loucamente em direção à escuridão da neblina.

— Allanon! Allanon!

O chamado morreu rapidamente na noite. A chuva começara de novo, caindo em uma garoa lenta em um terreno já mais do que saturado, para formar poças ainda mais largas na pradaria. Faltava menos de uma hora para o amanhecer, apesar de ser impossível saber ao certo naquele momento. Flick abaixou-se perto do Rei Élfico inconsciente e ficou ouvindo os sons dos soldados que se aproximavam. Podia saber pelo som de vozes próximas, apesar de ainda não os ter visto. E como se para debochar ainda mais da loucura de sua situação, percebeu que apesar de arriscar tudo para salvar Eventine, não conseguira descobrir o que acontecera com Shea. Gritos repentinos à esquerda o fizeram se voltar e ver figuras vagas aproximando-se no nevoeiro. Havia sido encontrado! Sombriamente ergueu-se para encará-los.

Um instante depois, a escuridão nebulosa entre eles explodiu em um clarão ofuscante de fogo que parecia emergir da terra, a força terrível

jogando Flick no chão, confuso e cego. Uma chuva de fagulhas e grama queimada caía à sua volta e o ressoar de uma longa série de explosões sacudiu o chão com violência. Em um instante, as figuras sombrias dos nortistas foram apanhadas pela luz brilhante e no outro, haviam sumido. Colunas de fogo crepitante subiam ao céu como pilares gigantes, passando pela escuridão e pelo nevoeiro para alcançar o espaço. Observando aquele rodado de destruição, Flick achou que era o fim do mundo. Por vários minutos, a muralha de fogo queimou em direção ao céu com fúria, quebrando a terra em fragmentos escuros, esquentando o ar noturno até o calor começar a queimar a pele de Flick. Com um clarão final de energia, a muralha se incendiou e desapareceu com um suspiro de fumaça e vapor, misturando-se rapidamente com a neblina e com a chuva, até só restar o intenso calor no ar noturno, fluindo devagar.

Flick levantou-se com cuidado e ficou apoiado em um joelho enquanto espiava o vazio à frente; virou-se depressa quando sentiu, mais do que ouviu, a aproximação de alguém atrás de si. Da neblina agitada misturada com vapor, saiu uma figura alta e negra, vestida com roupas esvoaçantes e elevando-se como se fosse o anjo da morte que viera reclamar um dos seus. Flick o encarou em horror entorpecido e, depois, assustou-se ao reconhecer a figura assombrosa diante de si. Era o andarilho negro. Era Allanon.

Capítulo XXVIII

A madrugada chegara enfim com claridade ofuscante contra um céu azul profundo e sem nuvens, quando o último grupo de refugiados da cidade de Kern passou pelos portões da grande Muralha Externa e entrou em Tyrsis. A neblina úmida e impenetrável se fora, assim como o vasto teto escuro de nuvens de tempestade que cobrira a terra de Callahorn por tantos dias. As pradarias continuavam molhadas e cheias de poças que a terra saturada ainda não conseguira absorver, mas as chuvas insistentes haviam se deslocado e foram substituídas por um sol quente que trazia uma nova alegria para a manhã. O povo de Kern chegara aos poucos, em grupos isolados, ao longo de várias horas, todos cansados, horrorizados com o que acontecera e com medo do que estava para acontecer. Seu lar fora completamente destruído, embora alguns ainda não soubessem que os invasores das Terras do Norte tinham queimado tudo depois do ataque inesperado ao seu acampamento.

A evacuação da cidade condenada fora um milagroso sucesso, pois, apesar de suas casas terem sido destruídas, estavam vivos e seguros, por enquanto. Os nortistas não tinham detectado a fuga em massa, com a atenção completamente voltada para o corajoso grupo de soldados da Legião que atacara o acampamento central e os afastara até mesmo dos postos avançados, ao acreditarem erroneamente que um ataque com força total estava acontecendo. Quando perceberam que não passara de uma manobra para confundi-los, a ilha já tinha sido evacuada e seu povo já estava longe, Mermidon abaixo, além do alcance do inimigo enlouquecido.

Menion Leah foi um dos últimos a entrar na cidade murada, seu corpo esbelto abatido e exausto. As feridas em seus pés tinham se reaberto durante a caminhada de quinze quilômetros do Mermidon até Tyrsis, mas ele se recusara a ser carregado. Foi com suas últimas forças que lutou para subir a ampla rampa que levava aos portões da Muralha Externa, apoiado de um

lado pela fiel Shirl, que se recusara a abandoná-lo até para dormir, e do outro escorado com firmeza por um Janus Senpre igualmente cansado.

O jovem comandante da Legião sobrevivera àquela terrível batalha noturna, escapando da ilha sitiada na mesma pequena jangada que carregava Menion e Shirl. A provação pela qual haviam sido submetidos os aproximara, e na viagem para o sul tinham falado abertamente, porém em voz baixa, sobre o desmembramento da Legião da Fronteira. Estavam todos de completo acordo de que, se a cidade de Tyrsis fosse resistir a um ataque de uma força do tamanho do exército das Terras do Norte, ela precisaria da Legião. Além disso, apenas o desaparecido Balinor possuía o conhecimento e as táticas de batalha necessários para liderá-los. O Príncipe precisava ser encontrado rapidamente para ser posto no comando, mesmo que seu irmão se opusesse a isso, como certamente faria, assim como seria contra a reunirem a lendária Legião que havia tão estupidamente desmobilizado.

Nem o montanhês nem o comandante da Legião tinham percebido até aquele momento como a tarefa seria difícil, apesar de suspeitarem que Balinor fora aprisionado por seu irmão ao entrar em Tyrsis, dias antes. Mesmo assim, estavam decididos a não deixar Tyrsis ser destruída tão facilmente quanto Kern. Daquela vez, iriam ficar e lutar.

Um esquadrão de guardas palacianos vestidos de negro encontraram o grupo do lado de dentro dos portões da cidade, estendendo os cumprimentos calorosos do Rei e insistindo para que fossem até ele imediatamente. Quando Janus Senpre lembrou que escutara que o Rei estava de cama, gravemente doente, o capitão logo emendou, embora atrasado, que era Palance quem fazia a oferta em nome do pai. Nada poderia ter agradado Menion mais, afinal estava ansioso para entrar nas muralhas do palácio e olhar ao redor. Esqueceu-se da fadiga e da dor, apesar de seus companheiros ainda estarem por perto para lhe apoiar. O capitão sinalizou para os guardas perto da Muralha Interna e uma carruagem decorada foi trazida para levar o privilegiado grupo até o palácio. Menion e Shirl subiram, porém Janus Senpre recusou-se a acompanhá-los, explicando que queria primeiro cuidar do bem-estar de seus soldados nas casernas vazias da Legião. Com um sorriso desconcertante, prometeu que se juntaria a eles depois.

Conforme a carruagem se afastava para a Muralha Interna, o jovem comandante acenou uma vez em saudação a Menion, com o rosto

impassível. Depois, acompanhado pelo grisalho Fandrez e vários outros oficiais, marchou decidido para as casernas da Legião. Na carruagem, Menion sorriu brevemente para si mesmo e apertou a mão de Shirl.

A carruagem passou pelos portões da Muralha Interna e foi lentamente pelo lotado Caminho Tyrsiano. O povo da cidade murada se levantara cedo, ansioso para dar as boas-vindas aos desafortunados fugitivos da cidade-irmã, em oferecer comida e abrigo para amigos e estranhos. Todos queriam saber mais sobre a imensa força invasora que avançava sobre suas próprias casas. Grupos de pessoas preocupadas e assustadas ficavam pelas ruas movimentadas, falando entre si, parando para observar com curiosidade a carruagem escoltada pelos guardas do palácio que passava lentamente por eles. Alguns apontaram ou acenaram em surpresa ao reconhecerem a moça que ia lá dentro, o cabelo escuro e cor de ferrugem escondendo o rosto cansado e abatido. Menion se sentava perto dela, repentinamente consciente da dor que dava pontadas em seus pés feridos. Estava grato por não precisar mais andar.

A grande cidade parecia correr por ele em rápidos lampejos de prédios e passagens, todos lotados de homens, mulheres e crianças de todas as idades e aparências, todos correndo para algum lugar em ondas barulhentas. O montanhês respirou fundo e se acomodou no assento acolchoado, sua mão ainda segurando a de Shirl, seus olhos fechando-se por um momento enquanto permitia que a mente cansada deslizasse pela névoa cinzenta que nublava seus pensamentos. A cidade e suas multidões desapareceram rapidamente em um zumbido fraco que o confortava, aninhado, tranquilo, em direção a um sono confortável.

Estava quase adormecendo profundamente quando um suave sacudir em seu ombro o trouxe de volta; seus olhos se abriram para ver os distantes terrenos do palácio conforme a carruagem entrava na larga avenida da Ponte Sendic. O jovem admirou os parques e jardins iluminados pelo sol embaixo da ponte, seus gramados cobertos pelas sombras de árvores, pontilhados pela cor de incontáveis canteiros de flores coloridas, caprichosamente cuidados. Tudo estava em paz e no calor, como se aquele ponto da cidade conseguisse não ser parte da existência humana tumultuada que a criava.

Na outra extremidade da ponte, os portões do palácio estavam completamente abertos e convidativos. Menion olhou para a frente, incrédulo. Toda a entrada parecia repleta de soldados da guarda do palácio alinhados, todos vestidos imaculadamente em seus uniformes pretos com o emblema do falcão, em posição de sentido. De dentro das muralhas, trombetas anunciaram a chegada da carruagem e de seus passageiros. O montanhês estava atônito. Recebiam as boas-vindas formais reservadas apenas para os maiores líderes das grandes terras, uma política estritamente observada pelas poucas monarquias remanescentes nas Terras do Sul. A pompa e a exibição de uma saudação militar completa claramente indicava que Palance Buckhannah não ignorava apenas as circunstâncias sob as quais chegaram, mas também as tradições invioláveis de séculos.

— Ele deve ser louco, completamente louco! — o enraivecido sulista explodiu. — O que ele acha que é? Estamos sitiados por um exército invasor e ele prepara suas tropas para uma parada!

— Menion, tenha cuidado com o que fala. Nós precisamos ser pacientes, se quisermos ajudar Balinor. — Shirl agarrou seu ombro e o encarou por um momento, sorrindo calorosamente. — Lembre-se também de que ele me ama, embora esteja iludido. Já foi um bom homem e ainda é o irmão de Balinor.

Apesar de ser impaciente e impulsivo como sempre, Menion percebeu que ela estava certa. Não havia nada a ganhar mostrando sua fúria com aquele desfile tolo e um bom caminho a se traçar era seguir os caprichos do Príncipe até Balinor ser localizado e libertado. Sentou-se em silêncio na carruagem que entrava pelos portões do palácio, passando em lenta exibição pelas fileiras de soldados inexpressivos que formavam a elite da guarda pessoal do Rei. As fanfarras continuavam a soar em todos os lados, e um pequeno esquadrão de cavalaria virou-se em formação precisa no pátio para o deleite dos recém-chegados. A carruagem parou suavemente, e a grande figura do novo governante de Callahorn apareceu na porta da carruagem, o rosto largo sorrindo de alegria nervosa.

— Shirl, Shirl, eu achei que jamais voltaria a vê-la! — Ele estendeu a mão e ajudou a esguia moça a descer, abraçando-a com força por um momento e recuando para vê-la melhor. — Eu... eu realmente pensei que tinha perdido você.

Guardando sua raiva em silêncio, um impassível Menion desceu sozinho da carruagem, ficando ao lado deles, sorrindo levemente quando Palance virou-se para cumprimentá-lo.

— Príncipe de Leah, você é realmente muito bem-vindo em meu reino. — O homem cumprimentou o montanhês, estendendo calorosamente a mão. — Você me prestou... um grande serviço. Tudo o que eu tenho é seu, tudo! Nós seremos grandes amigos, você e eu! Grandes amigos! Faz... tanto tempo... desde...

Sua voz sumiu de repente enquanto olhava com intensidade para Menion, perdido em seus pensamentos. Sua fala era hesitante e nervosa, quase como se não soubesse o que dizer em seguida. Se ainda não estava completamente louco, pensou Menion, certamente estava muito doente.

— Estou muito contente por estar em Tyrsis — respondeu. — Apesar de desejar que as circunstâncias fossem mais agradáveis para todos os envolvidos.

— Você quer dizer meu irmão, é claro. — A questão foi disparada com o outro baixando o rosto corado.

Menion se sobressaltara com a surpresa.

— Palance, ele estava falando da invasão dos nortistas, do incêndio de Kern — Shirl interveio rapidamente.

— Sim... Kern...

De novo parou de falar, desta vez olhando ansiosamente ao redor, como se faltasse alguém. Menion também olhou ao redor inquieto, notando que o místico Stenmin estava estranhamente ausente. De acordo com Shirl e Janus Senpre, o Príncipe não ia a lugar algum sem seu conselheiro. Logo percebeu o olhar cuidadoso de Shirl.

— Tem algo errado, meu Lorde? — Menion usou a maneira formal de se dirigir ao outro para prender sua atenção, sorrindo para assegurar que era um amigo preocupado e disposto a ajudar. A farsa trouxe resultados inesperados.

— Você pode me ajudar... e a este reino, Menion Leah — Palance respondeu. — Meu irmão quer ser Rei no meu lugar. Ele tentou me matar. Meu conselheiro Stenmin me salvou... Mas há outros inimigos... em todo o lugar. Você e eu precisamos ser amigos. Precisamos nos juntar contra aqueles que querem tomar meu trono, que querem fazer mal a essa linda

mulher que você trouxe de volta para mim. Eu... eu não posso falar com Stenmin... do jeito que falaria com um amigo. Mas, com você, eu poderia falar com você.

Como uma criancinha, olhou avidamente para o espantado Menion Leah, esperando uma resposta. Um súbito sentimento de piedade por aquele filho de Ruhl Buckhannah tomou o montanhês, que realmente desejou que houvesse alguma coisa a fazer para ajudar o infeliz. Sorrindo tristemente, concordou com a cabeça.

— Sabia que você ia ficar do meu lado! — o outro exclamou animadamente, rindo, deliciado. — Nós dois somos homens de sangue real, e isso... nos une. Você e eu seremos grandes amigos, Menion. Mas agora... você precisa descansar.

Ele pareceu se lembrar, de repente, que os guardas do palácio ainda estavam de pé, em posição de sentido, esperando pacientemente que o Príncipe os dispensasse. Com um brusco aceno da mão, o novo governante de Callahorn levou os convidados para a casa dos Buckhannahs, acenando para que o comandante de sua guarda pessoal sinalizasse que seus soldados estavam dispensados para reassumirem seus postos. O trio passou pela entrada da construção antiga, onde vários serviçais esperavam para escoltar os convidados até seus quartos. Parando brevemente mais uma vez, o anfitrião voltou-se para seus hóspedes, aproximando-se para sussurrar:

— Meu irmão está trancado nas masmorras sob nós. Não precisa ter medo. — Ele os encarou de maneira significativa por um momento, olhando rapidamente para os serviçais curiosos e respeitosos que o aguardavam. — Ele tem amigos em toda a parte, você sabe.

Menion e Shirl assentiram, sabendo que era isso que esperava.

— Então ele não irá escapar das masmorras?

— Ele tentou na noite passada... com seus amigos. — Palance sorriu satisfeito. — Mas nós os pegamos e os prendemos para sempre nas masmorras. Stenmin está lá agora... Você precisa conhecê-lo...

Mais uma vez, ele se endireitou, deixando o pensamento em suspenso, sua atenção virada para os serviçais, vários dos quais pediu para que se aproximassem. Com rispidez, ordenou que escoltassem seus amigos para os aposentos, onde poderiam tomar banho e colocar roupas limpas antes de se juntarem a ele para o desjejum. Fazia apenas uma hora que amanhecera e os

refugiados de Kern não comiam nada desde a noite anterior. Menion precisava de cuidados médicos para suas feridas tratadas às pressas, e o médico da casa estava a postos para trocar as bandagens e aplicar medicamentos. Ele precisava descansar, mas isso podia esperar. O pequeno grupo percorreu um longo corredor quando de repente uma voz distraída chamou Shirl, e o novo governante veio atrás dela, aproximando-se da menina curiosa com passos hesitantes, para finalmente parar à frente dela e abraçá-la. Menion virou o rosto, mas ouviu as palavras com clareza.

— Você não pode mais ir para longe de mim, Shirl — era uma ordem, não um pedido, apesar das palavras terem sido ditas com suavidade. — Seu novo lar deve ser em Tyrsis, como minha esposa.

Houve um longo silêncio.

— Palance, eu acho que nós... — a voz de Shirl tremeu enquanto tentava dar alguma explicação.

— Não diga nada. Não precisamos discutir isso agora... Agora não — Palance interrompeu. — Mais tarde... quando estivermos a sós, quando você estiver descansada... teremos tempo. Você sabe que amo você... sempre amei. E você já me amou, eu sei.

Novamente, um longo silêncio e, de repente, Shirl passou veloz por Menion, forçando os serviçais a se apressarem para levá-los até os aposentos de hóspedes. O montanhês logo se pôs ao lado da bela moça, sem ousar fazer contato enquanto o anfitrião estava parado silenciosamente, observando-os percorrerem o corredor. O rosto dela estava abaixado, coberto pelo longo cabelo ruivo, as mãos finas e bronzeadas apertadas com força à sua frente. Nenhum dos dois falou nada enquanto os serviçais os levavam pelo amplo corredor até os quartos na ala oeste. Separaram-se brevemente enquanto Menion permitia que o médico insistente tratasse de suas feridas e as enrolasse em novas bandagens. Roupas limpas estavam na imensa cama de dossel e um banho quente o esperava, mas o angustiado Menion os ignorou. Rapidamente, fugiu de seu quarto para o corredor vazio, bateu de leve na porta do quarto de Shirl e entrou. Ela se levantou lentamente da cama enquanto ele fechava a pesada porta de madeira, depois correu para ele e seus braços o envolveram e o apertaram contra si.

Ficaram em silêncio por vários minutos, apenas abraçados, sentindo o calor da vida fluindo rapidamente por seus corpos, unindo-se e

entrelaçando-se em vínculos inquebráveis. Menion acariciou os cabelos vermelhos, gentilmente pressionando o belo rosto contra seu peito. Ela precisava dele, o pensamento trouxe alívio à sua mente entorpecida. Quando sua própria força, sua própria coragem falhara, ela fora até ele, e Menion percebeu que a amava desesperadamente.

Era muito estranho aquilo acontecer justamente naquele momento, quando o mundo parecia destinado a se desmanchar à sua volta e a morte esperava nas sombras. Porém, a vida turbulenta de Menion nas últimas semanas o levava de um luta assustadora para outra, sempre uma batalha por sobrevivência que parecia sem sentido em termos mortais e só tinha lógica na estranha lenda da mística Espada de Shannara e do Lorde Feiticeiro. Naqueles dias terríveis, desde Culhaven, a vida se espalhou ao seu redor, como uma batalha, e ele cruzara seu centro sem direção. Sua profunda amizade e amor por Shea, e seu companheirismo, no momento rompido, com os membros da companhia que viajara até Paranor e além, deram-lhe um vago sentido de estabilidade, uma indicação de que algo continuaria enquanto o resto do mundo corria. E, inesperadamente, encontrara Shirl Ravenlock, e o ritmo acelerado dos eventos e perigos compartilhados, havia poucos dias, combinados com uma previsível mistura com seus interesses pessoais, os aproximara e os unira inextrincavelmente. Menion fechou os olhos e a puxou para mais perto.

Palance tinha sido útil em ao menos uma coisa: contara-lhes que Balinor, assim como os outros com ele, estava aprisionado nas masmorras abaixo do palácio. Uma fuga evidentemente já falhara, e Menion estava determinado a não cometer mais nenhum erro. Em voz baixa, conversou com Shirl, tentando decidir qual deveria ser o próximo passo. Se Palance insistisse em manter Shirl perto dele para se assegurar de sua proteção, seus movimentos seriam controlados. Uma ameaça ainda maior era a obsessão do Príncipe em se casar com ela, acreditando erroneamente que ela também o amava. Palance Buckhannah parecia estar no limite da mais completa loucura, sua sanidade sustentando-se em um equilíbrio precário. A qualquer hora, cairia, e se isso acontecesse enquanto Balinor ainda fosse prisioneiro...

Menion parou, consciente de que o tempo que tinham não permitiria especular sobre o que poderia acontecer no dia seguinte. Até lá faria pouca diferença, pois a força da invasão dos nortistas estaria em seus portões e

seria tarde demais para fazer qualquer coisa. Balinor precisava ser libertado imediatamente. Menion tinha um forte aliado em Janus Senpre, mas o palácio estava protegido pelos soldados vestidos de negro que serviam somente ao governante, e, no momento, pareciam servir apenas a Palance Buckhannah. Ninguém parecia saber o que acontecera com o velho Rei, que não era visto havia semanas. Evidentemente, era incapaz de se levantar de seu leito, mas isso era somente a palavra de seu filho — e seu filho confiava na palavra do estranho místico.

Shirl dissera uma vez que nunca vira Palance sozinho por mais de alguns minutos sem seu conselheiro por perto, porém, quando chegaram, Stenmin não estava à vista. Aquilo era peculiar, especialmente por ser de conhecimento geral que Stenmin era o verdadeiro poder por detrás do instável Príncipe. O pai de Shirl declarara nas salas do conselho de Kern que o maligno místico parecia ter algum tipo de estranho controle sobre o filho mais novo de Ruhl Buckhannah. Se ao menos Menion pudesse descobrir que poder era aquele... Tinha certeza de que o místico era a chave do comportamento errático do Príncipe. Mas não restava tempo. Precisava fazer o melhor possível com o pouco que já sabia.

Quando deixou Shirl e voltou para o próprio quarto, pronto para o banho quente e uma troca de roupas, um plano para libertar Balinor se formou em sua mente. Ainda estava acertando os detalhes quando terminou o banho e ouviu uma batida na porta. Vestindo um robe que seu anfitrião providenciara, atravessou o quarto e abriu a porta. Um dos serviçais lhe trouxera a Espada de Leah. Sorrindo com gratidão, agradeceu ao homem e colocou a preciosa arma na cama, lembrando que a deixara no assento da carruagem durante a vinda para o palácio e se esquecera de pegá-la. Sua mente vagou enquanto se vestia, lembrando-se com orgulho do que aquela arma já gasta tinha feito. Passaram por tanta coisa desde que Shea aparecera em Leah semanas antes; dava para preencher a vida de qualquer um.

Parando momentaneamente, refletiu com tristeza sobre seu amigo perdido e se perguntou pela milésima vez se o jovem ainda estaria vivo. Ele não deveria estar ali, repreendeu-se amargamente. Shea dependera dele para se proteger, mas parecia que confiara na pessoa errada. Menion, por várias vezes, se deixara ser conduzido pelos desejos de Allanon, e sua consciência sempre o avisara de que estava em falta com seu companheiro ao seguir o

que o Druida lhe falava. Sentia uma raiva profunda por pensar que ignorara sua responsabilidade com o rapaz do Vale Sombrio; mesmo assim, as escolhas que o levaram até Tyrsis haviam sido suas. Havia outros além de Shea que precisavam desesperadamente dele...

Cruzando o quarto espaçoso em passos comedidos, ainda perdido em pensamentos, deixou-se cair pesadamente na maciez bem-vinda da cama larga, sua mão esticada descansando no metal frio da espada. Passou os dedos pela lâmina enquanto ficava deitado, cansado, pensando nos problemas que iria encarar. O rosto assustado de Shirl permanecia em sua mente, seus olhos procurando os de Menion. Ela era muito importante para ele; não poderia deixá-la para voltar a procurar Shea, não importavam as consequências. Era uma escolha amarga a ser feita, se é que havia alguma escolha ali, pois seu dever corria além daquelas duas vidas, para aquelas de Balinor e seus companheiros aprisionados, e, no fim, para as do povo de Callahorn. Ficara a cargo de Allanon e Flick resgatar o jovem perdido, se ainda estivesse vivo. Tanta coisa dependia dele, pensou, distraído, sua mente e corpo cansados já fluindo para o sono tão precioso. Só podia rezar pedindo para terem sucesso... rezar e esperar. Ele flutuou à beira do sono e, então, suavemente se entregou.

Um momento depois, sua mente adormecida sacudiu-se bruscamente e acordou no mesmo instante. Talvez um leve ruído ou talvez somente um sexto sentido bem desenvolvido, mas, o que quer que fosse, trouxera o Príncipe de volta de um sono que poderia ter acabado em morte. Ficou imóvel na cama imensa enquanto seus ouvidos atentos captaram um ligeiro som de algo raspando na parede oposta; pelas fendas de suas pálpebras, viu um pedaço de uma tapeçaria se sacudir. Uma parte da pedra pesada atrás da tapeçaria foi empurrada para fora e uma figura curvada e vestida de escarlate deslizou sem ruído.

Menion se forçou a continuar respirando em intervalos cuidadosos, apesar de seu coração estar batendo desesperadamente, instigando-o a pular da cama e agarrar o intruso misterioso. A figura encapuzada moveu-se silenciosamente pelo quarto, o rosto desconhecido observando rapidamente o aposento e, em seguida, voltando-se para a forma deitada do montanhês. O intruso estava a centímetros da cama quando uma mão fina escorregou para debaixo do manto escarlate e emergiu segurando uma adaga longa.

A mão estendida de Menion descansava frouxa na Espada de Leah, mas mesmo assim não se moveu. Esperou por mais um instante até que o atacante ficou a um metro da cama, a adaga em sua cintura; então, com a velocidade de um gato, atacou. O corpo esguio pulou para cima e na direção do espantado intruso. Uma mão apertava a espada ainda embainhada enquanto estalava o lado da lâmina no rosto desprotegido do homem, atacando como um tapa doloroso. A figura misteriosa caiu para trás, a adaga levantada defensivamente. A espada o atingiu uma segunda vez, e a arma caiu no chão enquanto os dedos dormentes do atacante se apertavam com uma dor súbita. Menion não parou, jogando-se na figura escarlate, seu próprio peso arrastando o homem para o chão, onde rapidamente o prendeu, torcendo um braço enquanto seus dedos se fechavam com força em seu pescoço.

— Pode falar, assassino! — Menion grunhiu, ameaçadoramente.

— Não, não, espere, você se enganou... eu não sou um inimigo... por favor, não consigo respirar...

A voz falhou e a respiração do homem arquejava de modo irregular enquanto o aperto do montanhês continuava firme e os olhos frios vasculhavam o rosto do cativo. Até onde sabia, Menion jamais vira aquele homem. O rosto era contido e fino, emoldurado por uma pequena barba negra e cheio de linhas de dor. Mesmo enquanto estudava aqueles olhos trincados de raiva, queimando de ódio, o montanhês sabia que não havia cometido nenhum engano. Pulando rapidamente para o lado, puxou o intruso para que ficasse de pé, uma mão ainda presa em seu pescoço fino.

— Conte-me sobre este engano, então. Você tem um minuto antes que eu corte sua língua e o entregue aos guardas.

Ele soltou o pescoço do homem, sua mão abaixando-se para agarrar a frente da túnica escarlate. Jogando sua espada na cama, pegou a adaga caída, deixando-a pronta para o caso de seu atacante tentar mais alguma coisa.

— Isso era apenas um presente, Príncipe de Leah... apenas um presente do Rei. — A voz parou levemente enquanto o sujeito lutava para reconquistar sua compostura. — O Rei queria mostrar sua gratidão e eu... eu vim por outra porta para não perturbar seu sono.

Ele parou como se esperasse por alguma coisa, os olhos argutos presos nos do montanhês. Não estava esperando para ver se ele ia acreditar naquela

história — era outra coisa, como se estivesse esperando Menion ver algo além... O Príncipe de Leah sacudiu-o bruscamente, colocando o rosto fino perto do seu.

— Essa é sem dúvida a história mais tola que eu já ouvi. Quem é você, assassino?

Os olhos queimavam nos seus com um ódio intenso.

— Eu sou Stenmin, o conselheiro pessoal do Rei. — Ele parecia ter recuperado o bom senso. — Eu não menti para você. A adaga foi um presente de Palance Buckhannah, que me pediu para trazê-la até você. Não queria lhe fazer mal. Se não acredita em mim, vá até o Rei. Pergunte a ele!

Havia um tom de confiança na voz do homem que convenceu Menion de que Palance confirmaria a história de seu conselheiro, fosse verdadeira ou não. Tinha em suas mãos o homem mais perigoso de Callahorn, o místico maligno que virara o poder por trás da monarquia, o homem que precisava eliminar para salvar Balinor. O motivo de ter resolvido atacá-lo, mesmo nunca tendo se visto antes, era algo que Menion não entendia, mas estava claro que se o soltasse ou mesmo se o levasse até Palance para tentar desacreditá-lo, o montanhês perderia a vantagem e colocaria sua vida em perigo de novo. Jogou o místico de forma rude em uma cadeira próxima e ordenou que ficasse imóvel. O homem se sentou, em silêncio, seus olhos vagando sem rumo pelo quarto, as mãos se movendo nervosamente, apalpando a pequena barba pontuda. Menion o encarou distraído, sua mente considerando cuidadosamente as escolhas que tinha. Levou apenas um momento para se decidir. Ele não podia mais perder tempo esperando o momento certo para libertar seus amigos; a decisão não estava mais em suas mãos.

— De pé, místico, ou como quer que você prefira ser chamado! — O rosto maligno o encarou ameaçadoramente, e, em fúria, Menion tirou o homem da cadeira com violência. — Eu deveria matá-lo sem pensar no assunto; o povo de Callahorn estaria muito melhor assim. Mas, por ora, eu preciso de seus serviços. Leve-me até as masmorras onde Balinor e os outros estão presos! Agora!

Os olhos de Stenmin arregalaram-se de choque ao ouvir o nome de Balinor.

— Como você pode saber sobre ele... Um conhecido traidor deste reino?
— o místico exclamou, atônito. — O Rei ordenou que seu irmão deve ficar preso até morrer naturalmente, Príncipe de Leah, e mesmo eu...

A sua frase terminou em um arquejo estrangulado quando Menion o agarrou bruscamente pelo pescoço e começou a apertar. O rosto de Stenmin aos poucos ficou púrpura.

— Não pedi desculpas ou explicações. Apenas leve-me até ele!

Apertou mais uma vez e finalmente o cativo ofegante assentiu. Menion o soltou com um estalo de seu punho e o homem quase sufocado caiu tonto de joelhos. Rapidamente, o montanhês despiu-se de seu robe e vestiu suas roupas, prendendo a espada e enfiando a adaga no cinto. Por um instante, pensou em acordar Shirl no quarto ao lado, mas logo deixou a ideia de lado. Seu plano já era bem perigoso. Não havia motivo para arriscar a vida dela também. Se tivesse sucesso em libertar seus amigos, teria bastante tempo para voltar até ela. Virou-se para seu prisioneiro, tirando a adaga do cinto e segurando-a para que pudesse ver.

— O presente que você me trouxe com tanta gentileza será devolvido a você, assassino, se você tentar me enganar ou me trair de alguma forma — avisou em seu tom de voz mais ameaçador. — Então, não tente ser esperto. Quando sairmos deste quarto, você irá me levar pelos corredores e escadas até a prisão onde Balinor e seus companheiros estão. Não tente alertar os guardas, eles não serão rápidos o bastante. Se você duvida do que estou dizendo, saiba de uma coisa: fui mandado para esta cidade por Allanon!

Stenmin pareceu ficar pálido ao ouvir o nome do Druida gigantesco e seus olhos se arregalaram, mostrando um medo não disfarçado. Aparentemente coagido a ajudar seu captor, o místico escarlata moveu-se silenciosamente até a porta do quarto e Menion foi atrás, a adaga de volta ao cinto, uma mão apertando seu punho. O tempo era o fator mais importante. Ele tinha de agir rapidamente, libertar Balinor e os outros membros aprisionados da companhia de amigos, e capturar o louco Palance antes que os membros da guarda do palácio fossem alertados. Então, uma rápida mensagem para Janus Senpre iria trazer aqueles ainda leais a Balinor para ajudá-los, e o poder da monarquia poderia ser restaurado sem uma batalha.

O enorme exército das Terras do Norte já estava se mobilizando nas pradarias sobre a ilha de Kern, preparando-se para ir para Tyrsis. Se a

Legião da Fronteira pudesse ser reunida e posicionada rapidamente ainda naquele dia, havia uma chance de que os invasores pudessem ser impedidos na costa norte do Mermidon. Seria uma tarefa quase impossível cruzar o rio com uma força de defesa guardando a margem oposta e levaria dias para o inimigo conseguir manobrar para o flanco, tempo mais do que suficiente para que os exércitos de Eventine os alcançassem. Menion sabia que tudo dependeria dos próximos poucos minutos.

Os dois homens pisaram com cuidado no corredor do outro lado do quarto. Menion olhou para os dois lados, procurando qualquer sinal das sentinelas vestidas de negro, mas o corredor estava deserto e o montanhês sinalizou para Stenmin avançar. O místico levou com relutância seu captor pelas salas internas do palácio central, fazendo seu caminho pelos corredores que iam até a parte de trás do prédio antigo, passando cuidadosamente pelas salas ocupadas. Por duas vezes, cruzaram com membros da guarda, mas Stenmin não fez qualquer comentário ou saudação, seu rosto escuro permanecendo abaixado em sombria determinação.

Pelas janelas trabalhadas do castelo, Menion podia ver os jardins que decoravam o terreno do lar dos Buckhannahs, a luz do sol caindo calorosamente nas flores coloridas. Já estavam no meio da manhã, e não demoraria muito para que a movimentação de visitantes e negociantes começasse. Não havia sinal de Palance Buckhannah, e Menion esperava que o Príncipe estivesse preocupado com seus próprios assuntos.

Enquanto os dois andavam lentamente pelos corredores, o som de vozes vinha de todas as direções. Serviçais começaram a aparecer em maior número, caminhando ocupados com suas devidas tarefas. Quando passavam, ignoravam deliberadamente Stenmin e seu companheiro, o que era uma boa indicação de que não gostavam nem confiavam no místico. Ninguém questionou a presença deles e, por fim, se aproximaram da porta maciça que levava ao porão do castelo. Duas sentinelas armadas estavam posicionadas na frente da porta e uma grande trava de metal mantinha os fechos no lugar.

— Cuidado com o que vai dizer — Menion avisou com um sussurro quando se aproximaram dos guardas.

Pararam devagar na frente da porta, o cuidadoso montanhês colocando a mão de forma discreta no punho da adaga enquanto parava atrás de Stenmin. Os guardas olharam com curiosidade para ele, e depois voltaram sua atenção para o conselheiro do Rei, que começara a falar com eles.

— Abram a porta, guardas. O Príncipe de Leah e eu iremos inspecionar o porão e as masmorras.

— Todos estão proibidos de entrar aqui por ordem do Rei, milorde — o guarda à direita declarou.

— Estou aqui por ordem do Rei! — Stenmin gritou zangado, fazendo Menion lhe dar uma cotovelada de aviso.

— Sentinela, este é o conselheiro pessoal do Rei, não um inimigo do Reino — o montanhês apontou, com um sorriso enganador. — Ele estava me mostrando o palácio, e já que fui eu quem resgatou a prometida do Rei, ele acredita que eu possa reconhecer os sequestradores da dama. Agora, se for necessário, eu posso perturbar o Rei e trazê-lo até aqui...

Deixou a voz sumir cheia de significados, rezando para que os guardas tivessem conhecimento do comportamento irracional de Palance e pensassem duas vezes antes de chamá-lo. Os guardas hesitaram por um momento e depois assentiram, liberando as trancas da porta e dando passagem. Empurraram a pesada porta para revelar a escada que descia. Stenmin foi à frente sem falar nada. Aparentemente, decidira seguir as instruções de Menion, mas o cauteloso montanhês sabia que o místico não era nenhum idiota. Se Balinor fosse de fato resgatado e restaurado no comando da Legião da Fronteira, o poder de Stenmin sobre o trono de Callahorn acabaria. Com certeza, ele tentaria alguma coisa, mas o tempo e o lugar ainda não haviam chegado. A porta pesada fechou-se silenciosamente atrás deles; então, começaram a descer até o porão iluminado por tochas.

Menion viu a porta no centro do piso do porão quase imediatamente. Os guardas não se preocuparam em escondê-la de novo com os barris de vinho, mas prenderam uma série de barras e trancas na placa de pedra, efetivamente impedindo quem estivesse ali aprisionado de se libertar. Apesar de ser impossível que Menion soubesse, os prisioneiros não foram levados de volta às suas celas depois da tentativa frustrada de fuga mais cedo naquela manhã. Em vez disso, foram deixados vagando na escuridão dos corredores. Dois guardas estavam posicionados perto da entrada lacrada,

sua atenção voltada para os dois homens que haviam sido autorizados a descer. Menion viu um prato de queijo e pão meio comido em um dos barris de vinho e duas canecas colocadas perto de uma jarra pela metade. Haviam bebido. O montanhês sorriu levemente.

Quando os dois alcançaram o piso de pedra, Menion fingiu observar a adega com grande interesse, começando uma conversa jovial com o silencioso Stenmin. Os guardas se levantaram devagar e ficaram atentos ao verem o conselheiro do Rei, que parecia estar bem preocupado com alguma coisa. Menion sabia que os pegara desprevenidos com a visita inesperada e decidiu usar aquilo a seu favor.

— Estou vendo o que quer dizer, milorde — rosou ferozmente para o místico ao se aproximarem dos guardas. — Esses homens estavam bebendo em serviço! E se os prisioneiros tivessem escapado enquanto os dois estivessem caídos de bêbados? O Rei precisa ser avisado disso assim que terminarmos aqui.

Os guardas empalideceram de medo com a menção do Rei.

— Milorde, você está enganado — um deles implorou. — Estávamos apenas bebendo um pouco de vinho com nosso desjejum. Não fomos relapsos...

— O Rei decidirá isso — Menion o interrompeu com um gesto da mão.

— Mas... o Rei não vai ouvir...

Stenmin os encarou com fúria por estarem sendo enganados, mas os guardas entenderam errado e rapidamente presumiram que ele queria que fossem punidos. O místico tentou dizer algo, mas Menion adiantou-se, como se tentasse impedir que avançasse contra os infelizes guardas, puxando a adaga e segurando-a perto do peito desprotegido do homem.

— Sim, claro que estão mentindo — Menion continuou sem mudar o tom de voz. — Porém, o Rei é um homem ocupado e detestaria ter de incomodá-lo com probleminhas. Talvez uma advertência...?

Olhou sobre os ombros para os guardas, que assentiram, agarrando qualquer chance de evitar a ira de Stenmin. Como todos no reino, morriam de medo do poder que o místico tinha sobre Palance e pareciam mais do que ansiosos para evitar sua raiva.

— Muito bem, vocês foram advertidos — Menion embainhou a adaga e voltou-se para as sentinelas, ainda abalados. — Agora, abram a porta das

masmorras e trazem os prisioneiros.

Ficou perto de Stenmin, olhando-o rapidamente. O rosto sombrio não parecia mais vê-lo, os olhos fixos vagamente na placa de pedra que impedia a entrada para a masmorra abaixo. As sentinelas não se moveram, mas se entreolharam desesperadas.

— Milorde, o Rei proibiu que qualquer um visse os prisioneiros... por qualquer motivo. — Um deles engoliu em seco. — Eu não posso tirá-los das masmorras.

— Então vocês bloqueiam o conselheiro do Rei e seu convidado. — Menion sequer hesitou. Estava esperando por isso. — Então não temos escolha, além de chamar o Rei aqui...

Só precisou dizer isso. Não houve mais questionamentos enquanto as sentinelas correram para a placa de pedra, rapidamente abrindo as trancas e travas. Preparando-se, os guardas puxaram o anel de ferro e a porta levantou-se e caiu pesadamente contra o chão, deixando um buraco aberto. Com as espadas prontas, as sentinelas gritaram para a escuridão, ordenando que os prisioneiros saíssem. Ouviram passos na antiga escadaria de pedra enquanto Menion esperava ansiosamente ao lado de Stenmin, a espada desembainhada. Sua mão livre apertou o braço do místico com força e em um sussurro avisou o conselheiro para não falar ou se mover. A forma larga de Balinor surgiu do poço, seguida de perto pelos irmãos élficos e pelo resistente Hendel, cuja tentativa de resgatar seus amigos fora frustrada horas antes. Em um primeiro momento não viram o montanhês. Rapidamente, Menion deu um passo à frente, ainda segurando o silencioso Stenmin.

— Isso mesmo, mantenha-os andando e juntos. Homens assim precisam ser vigiados de perto. São sempre perigosos.

Os exaustos prisioneiros olharam ao redor, mal disfarçando sua surpresa ao ver o Príncipe de Leah. Menion piscou atrás das costas dos guardas e os quatro cativos se viraram, apenas o lento sorriso no rosto jovem de Dayel traíndo a súbita alegria que sentiam ao ver o velho amigo. Estavam fora da masmorra e parados em silêncio a poucos metros dos guardas, que estavam de costas para o montanhês. Mas antes que Menion pudesse agir, Stenmin, que até então parecia pacífico, sacudiu sua forma fina, soltando-se do aperto de seu captor. Livre, pulou de lado e gritou um rápido alarme para os guardas:

— Traidores! Guardas, é um truque...

Ele não conseguiu terminar. Enquanto as sentinelas distraídas se viravam, Menion pulou como um gato em cima do místico, derrubando-o com força no chão. Os soldados perceberam o erro tarde demais. Os quatro prisioneiros partiram para a ação, cruzando o pequeno espaço que os separava de seus carcereiros e os desarmando antes que pudessem se recuperar. Em segundos, os guardas foram subjugados, amarrados e amordaçados, arrastados até um canto do porão onde ficaram fora da vista. Um Stenmin bastante machucado foi colocado de pé sem cerimônias para encarar os novos captores. Menion olhou ansioso para a porta no topo da escadaria do porão, mas ninguém apareceu. Provavelmente não ouviram o grito. Balinor e os demais vieram até ele. Sorrindo de gratidão com seus rostos cansados, batiam em suas costas e apertavam sua mão.

— Menion Leah, nós lhe devemos mais do que seremos capazes de pagar um dia. — O gigantesco homem da fronteira apertou sua mão com força. — Não pensei que o veria de novo. Onde está Allanon?

Rapidamente, Menion explicou como deixara Allanon e Flick escondidos sobre o acampamento do exército das Terras do Norte e como viera para Callahorn para avisar do ataque iminente contra Tyrsis. Parando para amordaçar Stenmin, caso ele decidisse tentar gritar de novo para avisar os guardas do lado de fora da porta, o montanhês falou sobre como resgatara Shirl Ravenlock, fugindo para Kern e depois para as muralhas de Tyrsis após a cidade-ilha ser sitiada e destruída. Seus amigos o escutaram até o fim.

— O que quer aconteça no final disso tudo, montanhês — Hendel declarou —, você mostrou seu valor hoje e nós jamais iremos nos esquecer disso.

— A Legião da Fronteira precisa ser reunida e enviada para assegurar o Mermidon imediatamente — Balinor interrompeu. — Precisamos avisar a cidade baixa. E precisamos encontrar meu pai... e meu amigo. Mas eu quero assegurar o palácio e o exército sem uma luta. Menion, podemos confiar que Janus Senpre virá nos ajudar se o chamarmos?

— Ele é leal a você e ao Rei — Menion assentiu.

— Você precisa mandar uma mensagem para ele enquanto nós ficamos aqui — disse o Príncipe de Callahorn, andando de um lado para o outro na

direção do cativo. — Assim que chegar com ajuda, não haverá mais problemas, meu irmão não terá apoio. Mas e meu pai?

Erguendo-se sobre a forma escura do místico, removeu a mordaça da boca do cativo e o encarou com frieza. Stenmin encontrou seu olhar brevemente, seus olhos furtivos e cheios de ódio. O místico sabia que estaria derrotado se Palance fosse capturado e retirado do governo de Callahorn e estava ficando cada vez mais desesperado conforme o fim se aproximava e seus planos começavam a se desmanchar.

Ficando ao lado dos irmãos élficos e de Hendel enquanto Balinor confrontava o cativo, Menion perguntou a si mesmo o que o homem esperara conseguir ao encorajar Palance a tomar as atitudes que tomara. Não era nenhum mistério o motivo de ter apoiado o distraído e instável Príncipe para assumir o cargo de Rei de Callahorn. Sua própria posição estava assegurada com o irmão de Balinor governando. Mas por que encorajaria Palance a dispensar a Legião da Fronteira quando sabia que um exército ameaçava invadir o pequeno reino das Terras do Sul e colocar um fim à sua monarquia iluminada? Por que tinha se esforçado tanto para aprisionar Balinor e esconder seu pai em uma ala distante do palácio quando poderiam ser silenciosamente removidos? E por que tentara matar Menion Leah, um homem que jamais vira antes?

— Stenmin, seu governo sobre esta terra e seu povo e seu domínio sobre meu irmão terminaram — Balinor declarou com fria determinação. — Se você vai ou não ver a luz de outro dia depende do que você fará a partir de agora até o momento em que eu estiver no controle da cidade de novo. O que você fez com o meu pai?

Houve um longo silêncio enquanto o místico olhava em desespero ao seu redor, o rosto escuro cinza de medo.

— Ele... ele está na ala norte... na torre — a resposta foi um sussurro.

— Se ele foi ferido, místico...

Balinor virou de costas, bruscamente, deixando o homem aterrorizado esquecido por um instante. Stenmin encolheu-se contra a parede, olhando para a figura alta do Príncipe. Uma mão se ergueu para apalpar a pequena barba pontuda. Menion observou-o, quase com pena, e, de repente, algo estalou em sua memória. Uma imagem relampejou, a lembrança de uma cena que testemunhara dias antes nas margens do Mermidon, ao norte da

ilha de Kern, enquanto estava escondido observando uma pequena praia sob o vento. Aquela mesma mania, acariciar a pequena barba pontuda! Sabia exatamente o que Stenmin estivera tentando fazer! Seu rosto virou uma máscara de raiva e avançou, passando por Balinor como se ele não estivesse ali.

— Você era o homem da praia, o sequestrador! — acusou, sua fúria livre.
— Você tentou me matar porque pensou que eu o reconheceria! Você é o homem que sequestrou Shirl, o homem que a entregou para os nortistas! Seu traidor! Você queria trair a todos nós, entregar a cidade para o Lorde Feiticeiro!

Ignorando os gritos de seus companheiros, correu na direção do místico histórico, que de algum jeito conseguira evitar seu ataque inicial e fugir na direção da escadaria. Com um pulo, Menion estava atrás dele, a espada brilhante de seu pai preparada para golpear. Na metade dos degraus de pedra, ele o alcançou, uma mão sacudindo a figura escura enquanto esta berrava de terror. Mas o fim não chegou, pois enquanto a espada se afastava para golpear e Menion segurava o enlouquecido Stenmin contra a parede de pedra, a pesada porta até o antigo porão se abriu de repente. A força do empurrão fez a porta coberta de ferro bater contra a parede com um barulho alto. Emoldurado na entrada estava a figura larga de Palance Buckhannah.

Capítulo XXIX

Por um momento, ninguém se moveu. Mesmo o aterrorizado Stenmin ficara imóvel contra a parede do porão, o rosto escuro olhando inexpressivamente para a forma silenciosa que esperava como uma estátua no topo da escada. A face enrugada do Príncipe estava sem cor, os olhos refletindo uma curiosa mistura de raiva e confusão. Determinado, Menion Leah encarou aqueles olhos inquisitivos, seu braço da espada baixando devagar, seu próprio ódio sumindo com aquela reviravolta. Suas vidas estariam perdidas se não agisse rápido. Rudemente, ergueu Stenmin e o jogou, cheio de desdém, na direção do Príncipe.

— Eis seu traidor, Palance, o verdadeiro inimigo de Callahorn. Foi esse homem que entregou Shirl Ravenlock para os nortistas. É esse homem que entregaria Tyrsis para o Lorde Feiticeiro...

— Milorde, o senhor chegou bem na hora — o místico recuperara sua presença de espírito rápido o bastante para interromper Menion antes que causasse mais danos. Ele se levantou, cheio de medo e aos tropeços, e subiu correndo as escadas, jogando-se aos pés de Palance e apontando para o grupo de amigos.

— Eu os descobri enquanto escapavam! Estava correndo para avisá-lo! O montanhês é amigo de Balinor e veio matá-lo! — as palavras saíam de sua boca cheia de um ódio mal disfarçado enquanto agarrava a túnica de seu benfeitor e lentamente se erguia ao seu lado. — Eles teriam me matado, e depois seria a sua vez, milorde. Não vê o que está acontecendo?

Menion lutou contra a vontade de subir os degraus e cortar a língua mentirosa do místico, forçando-se a ficar calmo, seu olhar preso no do espantado Palance Buckhannah.

— Você foi traído por esse homem, Palance — continuou no mesmo tom. — Ele envenenou seu coração e sua mente. Drenou sua vontade de pensar por si mesmo. Ele não se importa com você, nem com esta terra que vendeu barato para o inimigo que já destruiu Kern. — Stenmin rugiu de fúria,

porém Menion continuou, ignorando-o: — Você me disse que seríamos amigos, e amigos precisam confiar um no outro. Não se deixe enganar agora ou seu reino estará perdido.

No final da escada, Balinor e seus amigos observavam em silêncio, com medo de que qualquer interrupção pudesse quebrar o estranho feitiço que Menion Leah estava invocando, pois Palance ainda escutava, sua mente nublada tentando quebrar a muralha de confusão que a cercava. Devagar, deu um passo à frente, fechando silenciosamente a porta e passando por Stenmin como se não o visse. Seu conselheiro hesitou confuso, olhando incerto para a porta do porão, como se debatesse internamente se era sábio tentar fugir. Mas ele ainda não estava preparado para aceitar sua derrota, e voltou-se depressa, pegando Palance pelo braço e colocando seu rosto magro perto de sua orelha.

— Você enlouqueceu? Está tão insano quanto dizem por aí, meu Rei? — ele sussurrou, venenoso. — Irá jogar tudo fora agora, devolver tudo para seu irmão? Foi ele que nasceu para ser rei ou foi você? Isso é tudo mentira! O Príncipe de Leah é amigo de Allanon. — Palance virou-se ligeiramente na direção dele, seus olhos arregalando-se. — Sim, Allanon! — Stenmin sabia que atingira um nervo e estava determinado a insistir no ponto. — Quem você acha que capturou sua prometida em Kern? Esse homem que fala de amizade fez parte do sequestro. Foi tudo um truque para entrar no palácio e depois assassiná-lo. Você seria morto!

Abaixo da escadaria, Hendel deu um passo à frente, mas Balinor o segurou. Menion permaneceu em silêncio, sabendo que qualquer movimento súbito só confirmaria as acusações de Stenmin. Dirigiu um olhar gélido para o místico, voltando-se rapidamente para Palance e sacudindo a cabeça.

— Ele é um traidor. Ele pertence ao Lorde Feiticeiro.

Palance desceu vários degraus da escadaria, olhando rapidamente para Menion, mas fixando o olhar em seu irmão, que esperava, paciente, no pé das escadas. Um sorriso fraco passou por seus lábios enquanto parava, confuso.

— O que você acha, irmão? Estou realmente... louco? Se não eu, então... ora, deve ser o resto do mundo e somente eu sou... são. Diga alguma coisa,

Balinor. Nós devemos ter essa conversa agora... Antes... Eu quero dizer uma coisa...

Mas a frase ficou incompleta enquanto endireitava as costas e olhava de volta para Stenmin, que assumira a aparência de um animal perigosamente acuado, agachado e esperando para atacar.

— Você é patético, Stenmin. Levante-se! — O comando brusco fez a figura curvada do místico se levantar de uma vez. — Aconselhe-me sobre o que fazer. Mando matar a todos? Isso iria me proteger?

Em um instante, Stenmin estava ao seu lado, com seus olhos sagazes frios de fúria.

— Chame seus guardas, milorde. Mate os assassinos agora!

Subitamente, Palance pareceu oscilar, sua figura encolhendo-se, os olhos vagando pelas paredes do porão em um estudo concentrado de suas pedras. Menion percebeu que o Príncipe de Callahorn mais uma vez perdia contato com a realidade e voltava ao mundo nublado da loucura que aleijara sua razão, antes firme. Stenmin também percebeu, um sorriso sombrio espalhando-se no rosto escuro, sua mão subindo para acariciar a pequena barba pontuda. De repente, Palance falou:

— Não, sem soldados... sem mortes. Um Rei deve ser um bom juiz... Balinor é meu irmão, apesar de querer ser Rei em meu lugar. Ele e eu precisamos conversar agora... Ele não deve ser ferido... não deve. — Sua voz sumiu e ele sorriu inesperadamente para Menion. — Você trouxe Shirl de volta... Pensei que a tinha perdido, sabe por que... por que você faria isso... se você fosse um inimigo?

Stenmin gritou de fúria, agarrando a túnica do outro, mas o Príncipe não parecia perceber que ele estava ali.

— É difícil para mim... pensar claramente, Balinor — Palance continuou em um sussurro baixo, sacudindo a cabeça devagar. — Nada mais é claro... Nem estou mais zangado com você por querer ser Rei. Eu sempre... quis ser Rei. Eu quis, você sabe. Mas eu preciso ter... amigos... alguém com quem conversar...

Virou-se desiludido para Stenmin, com os olhos inexpressivos. Algo neles fez o místico largar a túnica e encolher-se de novo na parede, sua boca aberta de medo. Apenas Menion estava perto o bastante para perceber o que estava acontecendo. Qualquer poder que o místico tivera sobre Palance se

fora. O pensamento já nublado do homem ultrapassou o limite; tornaram-se impossíveis coisas básicas como identificar pessoas: Stenmin era apenas outro rosto em um mar de seres indistinguíveis que assombravam o mundo de pesadelos do enlouquecido Príncipe de Callahorn.

— Palance, me escute — Menion chamou suavemente, tentando atravessar a teia de escuridão que o envolvia, mesmo que só por um instante. A figura larga virou-se parcialmente. — Mande chamar Shirl. Chame-a e ela irá ajudar.

O Príncipe hesitou por um momento, como se tentasse lembrar, e um pequeno sorriso cruzou sua face miserável; uma calma profunda se acomodou em seu corpo. Ele se lembrou da voz suave, do jeito gentil, da beleza frágil, memórias que traziam paz e serenidade, momentos de profunda afeição que nunca tivera com outro ser humano. Se ele pudesse ficar com ela só um pouco...

— Shirl — repetiu o nome dela baixinho e voltou-se para a porta do porão, uma mão estendida.

Quando passou por Stenmin, o místico abaixado pareceu enlouquecer. Berrando de raiva e frustração, jogou-se em cima do outro homem, agarrando-o de maneira selvagem pela frente da túnica. Reagindo instantaneamente, Menion Leah pulou para a plataforma para separar os dois homens engalfinhados. Mas ainda estava longe quando a mão fina de Stenmin afastou-se momentaneamente, erguendo no alto uma adaga longa que estava escondida debaixo de suas roupas. Ergueu a arma que, por um terrível segundo, ficou suspensa acima dos dois enquanto Balinor gritava, em choque, sem poder fazer nada. Então, baixou. Palance Buckhannah esticou-se de repente, a adaga enterrada em seu peito largo até o punho, uma palidez terrível invadindo o rosto jovem.

— Estou lhe devolvendo o seu irmão, seu tolo! — berrou o enlouquecido Stenmin, empurrando o corpo rígido escada abaixo.

O Príncipe golpeado caiu pesadamente nos braços estendidos de Menion, jogando-o contra a parede e fazendo com que se desequilibrasse por um momento, perdendo a chance de alcançar o odioso inimigo. Stenmin já se virara para fugir, puxando freneticamente a porta maciça. Balinor já subia a escada aos pulos, tentando, desesperado, impedir a fuga do místico, os irmãos elfos imediatamente atrás dele enquanto gritava pelos guardas. A

figura escarlate conseguira abrir um pouco a porta e estava escapulindo para a liberdade quando Hendel, ainda parado no pé da escada, pegou uma maça largada no chão e jogou-a contra o fugitivo, atingindo seu ombro exposto com força para esmagar o osso. Um grito de dor ecoou pelas paredes úmidas. Mesmo assim, não foi o bastante para impedi-lo e um momento depois desaparecera pela porta. Podiam ouvir seus gritos vindos do corredor além, dizendo que os prisioneiros haviam matado o Rei.

Balinor interrompeu sua perseguição apenas por um instante para olhar para a forma imóvel deitada em silêncio nos braços fortes de Menion Leah; depois correu pela porta aberta. Dois guardas vestidos de negro apareceram de repente vindos do outro lado do corredor, espadas desembainhadas, para enfrentar o homem desarmado. Eles podiam ser estátuas por todo impacto que sua aparição inesperada causara em Balinor, que passou por cima deles com um ataque veloz, pegando ainda uma espada enquanto desaparecia de vista. Durin e Dayel estavam passos atrás. Menion ajoelhou-se sozinho nas escadarias, observando-os sumir enquanto segurava o ferido Palance, embalando gentilmente o corpo do autoproclamado Rei de Callahorn.

Em silêncio, Hendel subiu os degraus de pedra para ficar ao seu lado, sacudindo sua cabeça grisalha com tristeza. O Príncipe ainda estava vivo, a respiração irregular e rasa, as pálpebras tremendo de vez em quando. O anão se abaixou enquanto Menion segurava a forma imóvel e lentamente puxou a lâmina mortal, jogando-a longe. O anão curvou-se para ajudar o montanhês a erguer o homem ferido, que abriu os olhos abruptamente. Palance falou baixinho, um murmúrio quase imperceptível, e depois voltou à inconsciência.

— Ele está chamando por Shirl — Menion sussurrou, lágrimas em seus olhos enquanto encarava o outro. — Ele ainda a ama. Ainda a ama.

No corredor, Balinor e os elfos esforçavam-se para pegar Stenmin. Tudo estava muito confuso enquanto guardas, serviçais da casa e visitantes corriam pelo palácio, tomados pelo pânico. Gritos de terror ecoavam pelas paredes antigas, decretando a morte do Rei e avisando sobre a presença de assassinos à solta, que estavam matando a todos. Os sons de outra batalha vinham dos portões do palácio aumentar o crescente caos. Balinor e seus dois companheiros abriram caminho pelos grupos de pessoas assustadas, que pareciam entrar em histeria ao verem armas desembainhadas. Alguns

poucos guardas espalhados até tentaram impedir sua passagem, mas o gigantesco guerreiro apenas jogava os infelizes para o lado sem parar e continuava correndo atrás da figura escarlate que tropeçava adiante. Stenmin ainda estava à vista quando os três perseguidores alcançaram o corredor central, mas atravessara os grupos reunidos e começava a se afastar. Com fúria inacreditável, Balinor prosseguiu, sem cuidados, derrubando quem estava em seu caminho, o rosto sombrio e terrível.

De repente, as portas do palácio tremeram com o peso de dúzias de homens lutando e se abriu com estrondo na frente de Balinor e de seus amigos elfos. A confusão ficou completa quando um imenso grupo de homens lutando correu de maneira selvagem pela entrada e pelos corredores do outro lado, gritando por Balinor e brandindo suas armas em grandes floreios. Por um momento, o Príncipe não soube quem eram, mas depois se virou e viu que estavam usando a insígnia do leopardo da Legião da Fronteira. Os poucos guardas palacianos que ainda estavam lá fugiram ou jogaram suas armas e se deixaram capturar. Os soldados da Legião imediatamente viram Balinor e correram para ele, agarrando-o e levantando-o em seus ombros com gritos de vitória. Durin e Dayel foram separados dele e a massa de homens que celebrava impediu a perseguição de Stenmin, que sumira. Balinor gritou e se debateu, furiosa e desesperadamente, tentando se libertar, mas a força da multidão o impediu de resistir à maré que subitamente avançou, levando-o de volta para o porão.

Os elfos frustrados enfim atravessaram a massa de corpos, correndo atrás da presa, que virara em um corredor diferente e ficara por uns instantes fora de vista. Os elfos esguios eram rápidos e reduziram a distância entre eles e Stenmin em questão de segundos. Ao dobrar uma esquina, viram o inimigo mais uma vez, o rosto escuro corado de terror, o braço direito pendurado, imóvel e inútil. Silenciosamente, Durin se amaldiçoou por não ter apanhado um arco. De súbito, o fugitivo parou e tentou, em vão, abrir uma das muitas portas que havia no lado esquerdo da passagem. A tranca aguentou os esforços do místico; por fim, virou-se mais uma vez e correu para a próxima porta no outro lado do corredor. Durin e Dayel estavam a metros de distância quando Stenmin conseguiu abrir uma das portas e desapareceu, fechando-a com estrondo. Mas os elfos a alcançaram em segundos. Encontraram a porta trancada por dentro; à força arrebentaram a tranca de

ferro com suas espadas. Ela era resistente e foram necessários vários minutos intermináveis para forçá-la. Quando finalmente abriram a porta e entraram na sala com as espadas na mão, ela estava deserta.

Menion Leah continuava em silêncio no portão frontal da casa dos Buckhannahs enquanto Balinor conversava em voz baixa com os comandantes da Legião da Fronteira. Shirl estava ao seu lado, um braço fino preso no seu, seu rosto jovem enrugado de preocupação debaixo do sol do meio-dia. Menion olhou para ela rapidamente e sorriu para reconfortá-la, puxando-a para mais perto. Além da grande Muralha Externa da cidade de Tyrsis, duas divisões da recomposta Legião da Fronteira esperavam pacientemente pela ordem que os levaria para a batalha contra o impressionante exército das Terras do Norte. A imensa força invasora alcançara as margens norte do inchado Mermidon e, naquele mesmo momento, começava a travessia. Se a Legião conseguisse assegurar a margem sul, mesmo que por uns poucos dias, isso daria aos exércitos dos elfos chance de se mobilizar e vir ajudá-los. Tempo, Menion pensou com amargura, tudo o que precisavam era um pouco mais de tempo, e não conseguiam. A Legião fora recomposta o mais rápido possível assim que a cidade ficou segura e Balinor foi reinstalado como comandante, porém, os nortistas já haviam alcançado o Mermidon e começado a se preparar para atravessá-lo.

Balinor tornou-se Rei de Callahorn, embora não houvesse motivo para celebrar. Seu irmão estava em coma, enfraquecido e perto da morte. Os melhores médicos em Tyrsis o haviam examinado com muita paciência, em um esforço para determinar a causa de seu comportamento irracional; depois de algum tempo, concluíram que recebera uma poderosa droga por muito tempo a fim de quebrar suas resistências e reduzi-lo a uma marionete. No final, a dosagem aumentara a tal ponto que sua mente e seu corpo ultrapassaram os limites da resistência física e mental. Sua loucura tornou-se real.

Balinor ouviu suas conclusões sem fazer comentários. Uma hora antes, encontrara o pai em um quarto vazio na torre norte do palácio. O velho Rei estava morto havia vários dias; um relatório médico revelara que ele fora

sistematicamente envenenado. Stenmin mantivera todos fora daquele quarto, exceto ele mesmo e o já desequilibrado Palance, então fora fácil manter o segredo da morte de Ruhl Buckhannah. Se o místico tivesse conseguido matar Balinor, teria sido igualmente fácil convencer Palance a abrir os portões para os exércitos do Lorde Feiticeiro e assim assegurar-se da destruição de Tyrsis. Ele quase conseguira uma vez e ainda podia tentar. Stenmin conseguira despistar os irmãos élficos e se escondera em algum lugar da cidade.

O futuro das Terras do Sul estava nas mãos do Príncipe de Callahorn. O povo de Tyrsis precisava da família Buckhannah por seu governo responsável e forte liderança. A Legião da Fronteira funcionava melhor quando Balinor a comandava. E agora, ele era o último de sua família e o homem a quem todos procuravam como líder, direta ou de indiretamente. Se qualquer coisa lhe acontecesse, a Legião perderia seu melhor comandante e o coração de sua força, enquanto a cidade perderia o último Buckhannah. Os poucos que entendiam a gravidade da situação perceberam que Tyrsis precisava ser defendida contra o avanço do exército das Terras do Norte, ou as Terras do Sul estariam perdidas, pois uma barreira seria colocada entre os exércitos dos elfos e dos anões. Allanon avisara que isso aconteceria se o Lorde Feiticeiro ganhasse. Tyrsis era a chave do sucesso ou do fracasso e Balinor era a chave de Tyrsis.

Janus Senpre fizera sua parte em defender a cidade mais cedo, naquela manhã. Depois de deixar Menion Leah nos portões, procurou os comandantes Fandwick e Ginnisson. Secretamente, reuniram membros importantes da Legião debandada e, atacando rápida e silenciosamente, tomaram os portões e as casernas. Movendo-se com rapidez para o palácio, ganharam força sem encontrar oposição, até que enfim a cidade inteira ao redor da casa e dos jardins dos Buckhannahs estava retomada. Esperando do lado de fora do palácio por um sinal de Menion, os três comandantes e seus seguidores ouviram os gritos do assassino; temendo o pior, forçaram os portões, acabando por atrapalhar Balinor em sua captura ao fugitivo Stenmin. Quase não se perderam vidas na breve revolta, e os seguidores de Palance foram ou aprisionados ou soltos para se juntarem às suas unidades na Legião. Duas das cinco divisões da Legião já haviam sido restauradas, e outras três estavam formadas e devidamente armadas ao pôr do sol. Mas

patrulheiros relataram a Balinor o progresso dos habitantes das Terras do Norte no Mermidon e concluíram que o Rei deveria agir imediatamente para impedir que atravessassem.

Hendel e os irmãos élficos estavam inquietos, à direita dos degraus, na frente do palácio, seus rostos espelhando emoções diversas. O anão parecia tão resoluto como sempre, sua postura implacável enquanto olhava casualmente para o montanhês e sua bela carga. Durin parecia mais velho, seu fino rosto élfico nublado pelo conhecimento do que estava por vir, enquanto Dayel, embora encoberto pela mesma incerteza, conseguia sorrir alegre. Menion colocou seu olhar de novo sobre Balinor e os comandantes da Legião; Ginnisson era forte, com cabelo vermelho e braços poderosos; Fandwick era velho e grisalho, com um bigode branco e semblante fechado; Acton era um homem de altura média e aparência comum, cuja habilidade com cavalos era tida como imbatível; Messaline era alto e de ombros largos, parecia quase arrogante balançando-se descuidadamente nos calcanhares enquanto Balinor falava; por fim, Janus Senpre, recém-promovido capitão em reconhecimento à sua corajosa atuação em Kern e seu papel vital na retomada de Tyrsis. Menion estudou os dois por longos minutos como se sua aprovação pudesse garantir o sucesso do trabalho. Então Balinor virou-se e foi até ele, gesticulando para que Hendel e os elfos se juntassem a ele.

— Estou partindo imediatamente para o Mermidon — ele os informou em voz baixa quando ficaram juntos. Menion começou a falar, mas ele logo o interrompeu. — Não, Menion, eu sei o que você vai pedir, e a resposta é não. Você vai ficar aqui na cidade. Eu confiaria minha vida a qualquer um de vocês, e já que minha vida é de importância secundária em comparação à dos habitantes de Tyrsis, peço que você proteja a cidade. Janus ficará com você no comando das defesas da cidade, e eu o instruí para que informasse você de tudo.

— Eventine virá — Dayel falou, esforçando-se arduamente para soar alegre.

Balinor sorriu e concordou.

— Allanon nunca falhou comigo. Não irá falhar conosco agora.

— Não se exponha sem necessidade — Hendel avisou, sério. — Esta cidade e seu povo contam com você. Precisam de você vivo.

— Até mais, velho amigo. — Balinor apertou a mão do anão com força. — Eu dependo de você mais do que todos, você tem duas vezes a minha experiência e meu talento como estrategista. Tome cuidado.

Ele se virou rapidamente, gesticulando para seus comandantes, e entrou na carruagem que os levaria até os portões da cidade. Janus Senpre acenou para Menion enquanto o coche do palácio se afastava, a escolta montada em formação logo atrás. A galante procissão galopou com o ressoar dos cascos revestidos de ferraduras para a Ponte Sendic. Os quatro companheiros e Shirl Ravenlock ficaram olhando até sumirem de vista e o trovão dos cavalos diminuir até o silêncio. Hendel resmungou, distraído, sobre checar o palácio mais uma vez por algum sinal do desaparecido Stenmin; sem esperar resposta, entrou. Durin e Dayel o seguiram, sentindo-se estranhamente desconsolados. Era a primeira vez que se separavam de Balinor por mais de algumas horas desde o começo da longa jornada em Culhaven, semanas antes, e era uma experiência inquietante permitir que fosse sozinho para o Mermidon.

Menion sabia exatamente como se sentiam, a própria natureza inquieta o instigava a ir atrás dele, juntar-se à batalha crucial contra as hordas do Lorde Feiticeiro. Mas ele estava quase exausto, não dormia havia três dias. O esforço da batalha sobre a ilha de Kern, a longa fuga Mermidon abaixo e a rápida série de eventos que culminaram na liberdade de Balinor e dos outros haviam drenado sua grande resistência. Quase como um bêbado, guiou Shirl para os jardins ao lado do palácio, caindo pesadamente em um banco de pedra. A garota sentou-se com ele, observando seu rosto enquanto ele fechava os olhos e forçava sua mente a relaxar.

— Eu sei o que você está pensando, Menion — sua voz gentil flutuou por seu cansaço. — Você queria estar com ele.

O montanhês sorriu e assentiu devagar, os pensamentos nublados e confusos.

— Você precisa dormir um pouco, sabe?

Mais uma vez, ele concordou e, de repente, pensou em Shea. Onde ele estaria? Para onde o jovem vagara em sua procura inútil pela fugidia Espada de Shannara? Acordando de repente, se ergueu num pulo e se virou para Shirl quase como se pensasse que ela não estaria ali. Estava exausto, mas queria falar, precisava falar, porque talvez não tivesse outra chance. Em voz

baixa e séria, começou contando sobre ele e Shea, desenrolando as tramas e situações que os tinham unido nos anos em que se conheciam. Falou dos tempos que passaram nas terras altas de Leah, contando a história completa por trás da jornada até Paranor e da procura pela espada. Por vezes, divagava em tentativas vãs de explorar com profundidade a razão por trás dos sentimentos que compartilhavam e das filosofias conflitantes. Conforme continuou, Shirl começou a perceber que não era realmente Shea quem Menion estava tentando descrever, mas a si mesmo. Enfim, ela o interrompeu, colocando uma mão sobre seus lábios, sem pensar.

— Ele foi a única pessoa que você de fato chegou a conhecer, não é? — perguntou em voz baixa. — Ele era como um irmão... Você se sente responsável pelo que aconteceu com ele?

Menion deu de ombros, desconsolado.

— Eu não podia ter feito nada além do que eu fiz. Mantê-lo em Leah só teria prolongado o inevitável. Mas saber disso não ajuda. Eu ainda sinto uma espécie de... culpa...

— Se ele sente tanto por você quanto você sente por ele, então ele sabe, no fundo do coração, a verdade, onde quer que esteja — ela respondeu rapidamente. — Nenhum homem pode encontrar falhas na coragem que você demonstrou nos últimos cinco dias, e eu amo você, Menion Leah.

Menion encarou-a estupidamente; a declaração repentina o pegara desprevenido. Rindo com sua confusão, a jovem o envolveu em seus braços, os cachos vermelhos caindo como um véu suave sobre seu rosto enquanto se agarrava a ele. Menion a abraçou por um momento, depois agarrou seus ombros gentilmente e a puxou para estudar seus olhos e seu rosto. Ela sustentou seu olhar com firmeza.

— Eu queria dizer isso. Eu queria que você escutasse, Menion. Se vamos mesmo morrer...

Ela se engasgou com as palavras e desviou o olhar, e o curioso sulista viu as lágrimas rolando por suas bochechas. Estendeu a mão e rapidamente as secou, sorrindo em seu jeito habitual enquanto ficava de pé, arrastando-a consigo.

— Eu percorri um longo, longo caminho — murmurou. — Podia ter morrido uma centena de vezes, mas sobrevivi. Vi o mal que há neste mundo e em mundos que mortais apenas imaginam em sonhos. Não há nada que

possa nos ferir. O amor nos dá um tipo de força capaz de enfrentar até a morte. Mas você precisa ter um pouco de fé. É só acreditar, Shirl. Acredite em nós.

Ela sorriu, apesar de tudo.

— Eu acredito em você, Menion Leah. Agora você precisa se lembrar de acreditar em si mesmo.

O rapaz cansado sorriu de volta, apertando suas mãos com força. Ela era a mulher mais bonita que já vira, e ele a amava tanto quanto sua própria vida. Inclinou-se e a beijou calorosamente.

— Tudo vai dar certo — ele assegurou. — Tudo vai funcionar.

Ficaram mais alguns minutos na solidão dos jardins, falando baixinho e seguindo distraídos os pequenos caminhos que se enveredavam pelo meio das flores perfumadas. Mas Menion estava lutando para ficar acordado e Shirl rapidamente ordenou que fosse dormir um pouco enquanto tinha a oportunidade. Ainda sorrindo para si mesmo, ele se recolheu para o quarto no palácio, onde se jogou, ainda de roupa, em uma das grandes camas macias e imediatamente caiu em um sono profundo e sem sonhos. Enquanto dormia, a tarde passou devagar; o sol descendo para o oeste e, finalmente, afundando em um brilho escarlate atrás do horizonte. Com a chegada da escuridão, o montanhês acordou, descansado mas perturbado. Correu para encontrar Shirl e juntos andaram pelos corredores quase desertos do palácio, procurando Hendel e os dois irmãos. Os longos corredores ecoavam o bater de suas botas conforme passavam pelas sentinelas imóveis como estátuas e por salas escuras, parando apenas para observar a forma imóvel e quase morta de Palance Buckhannah, enquanto seus médicos o observavam com rostos inexpressivos. Sua condição era a mesma, seu corpo ferido e seu espírito estilhaçado lutando para sobreviver sob o peso esmagador de uma morte que estava lenta e inevitavelmente vindo em sua direção. Quando as duas figuras silenciosas se afastaram da cama, havia lágrimas nos olhos escuros de Shirl.

Convencido de que seus amigos tinham ido para os portões da cidade para esperar o retorno do Príncipe de Callahorn, Menion selou dois cavalos e o casal cavalgou pelo Caminho Tyrsiano. Era uma noite fria e sem nuvens, iluminada pelo brilho prateado da lua e das estrelas; as torres da cidade estavam claramente desenhadas contra o céu. Conforme os cavalos

passavam pela Ponte Sendic, Menion sentiu o frio bem-vindo de uma brisa noturna soprando em ondas reconfortantes em seu rosto quente. Fazia um estranho silêncio no Caminho, as ruas estavam desertas e as casas que o ladeavam, iluminadas, porém, sem risadas ou conversas. Uma calma se abatera sobre a cidade sitiada, um sussurro sombrio que estava suspenso e esperava pela morte que vinha com a batalha. Os dois seguiram ansiosos por aquele estranho silêncio, tentando encontrar algum conforto na beleza do céu estrelado que parecia prometer milhares de dias vindouros para todas as raças. As imensas alturas da Muralha Externa erguiam-se escuras à distância; em suas ameias, queimavam centenas de tochas, iluminando o caminho de casa para os soldados de Tyrsis. Eles já tinham partido havia um bom tempo, Menion pensou consigo mesmo. Mas talvez tivessem tido mais sucesso do que esperavam. Talvez tivessem assegurado o Mermidon contra as hordas do norte...

Momentos depois, os dois desmontavam frente aos gigantescos portões da muralha. As casernas da Legião estavam agitadas enquanto a guarnição trabalhava febrilmente na preparação para a batalha que se aproximava. Havia grupos de soldados a cada esquina e foi com bastante dificuldade que Menion e Shirl finalmente conseguiram alcançar as ameias no topo das largas muralhas, onde foram cumprimentados calorosamente por Janus Senpre. O jovem comandante mantivera aquela posição de vigia desde que Balinor partira, sem descanso, e o rosto fino estava marcado pelo cansaço e ansiedade. Depois de um tempo, Durin e Hendel saíram da escuridão para se juntarem a eles, seguidos mais tarde por Dayel. O pequeno grupo ficou em silêncio, observando a escuridão que se estendia para o norte, para o Mermidon e a Legião da Fronteira. De longe, podiam ouvir os gritos abafados de homens lutando, os sons flutuando zombeteiramente pelo vento fresco da noite até os ouvidos dos que esperavam.

Janus comentou distraído que mandara meia dúzia de patrulhas para descobrir o que estava acontecendo no rio, mas nenhum voltara; um mau sinal. Decidira várias vezes ir até lá pessoalmente, mas um azedo Hendel o lembrara sempre de que fora encarregado da defesa de Tyrsis; e acabava sempre descartando, relutante, a ideia. Durin resolvera que, se Balinor não voltasse até a meia-noite, iria procurar o amigo. Um elfo conseguiria viajar sem ser detectado através de quase qualquer obstáculo. Mas, por enquanto,

esperava como os outros em apreensão crescente. Shirl falou brevemente sobre a condição inalterada de Palance Buckhannah, porém, apenas recebeu uma resposta desinteressada e acabou desistindo da tarefa impossível de tentar tirar suas mentes da batalha no rio. O pequeno grupo esperou uma hora, depois duas. Os sons ficavam cada vez mais altos e mais desesperados, parecia que a luta se aproximava da cidade.

De repente, uma vasta formação de cavaleiros e soldados de infantaria apareceu na escuridão quase diretamente à frente da subida, vindo em colinas irregulares pela rampa de pedra larga que levava à cidade. Sua aproximação quase imperceptível e sua aparição inesperada, como que do nada, fizeram com que todos no topo da Muralha Externa se surpreendessem. Janus Senpre pulou alarmado na direção do mecanismo que segurava as travas de ferro dos portões gigantescos, com medo de que de algum jeito o inimigo tivesse conseguido passar por Balinor. Mas Hendel o chamou de volta. Ele entendeu o que estava acontecendo antes que os outros sequer suspeitassem. Inclinando-se sobre a beira da muralha, o anão gritou em seu idioma e recebeu uma resposta quase imediata. Assentindo sombriamente para os outros, Hendel apontou o cavaleiro alto que se movera para a extremidade da longa coluna. Na luz fraca da lua, o rosto coberto de poeira de Balinor olhou para cima, sério, confirmando o que todos suspeitaram desde o momento em que o reconheceram. A Legião não conseguira manter o Mermidon e o exército do Lorde Feiticeiro se movia na direção de Tyrsis.

Já era perto da meia-noite quando os cinco remanescentes do pequeno grupo de Culhaven se reuniram em uma pequena e isolada sala de jantar no palácio dos Buckhannahs para uma breve refeição. A longa batalha para manter o Mermidon contra o exército das Terras do Norte fora perdida, embora o custo em vidas tivesse sido alto para o inimigo. Por um tempo, parecera que os soldados veteranos da Legião da Fronteira iriam conseguir impedir os nortistas de ganharem a margem sul do rio. Mas os inimigos eram milhares e onde centenas caíam, milhares os substituíam. Os cavaleiros de Acton tinham passado como raios nas bordas da Legião, estilhaçando qualquer tentativa do inimigo de atacar o flanco dos soldados entrincheirados. Avanços inimigos no coração das forças do sul tinham resultado na morte de centenas de gnomos e trolls. Era o maior massacre

que Balinor já vira, e, depois de um tempo, o Mermidon começou a mudar de cor com o sangue dos feridos e agonizantes. Mesmo assim, continuavam tentando, tentando como se fossem criaturas sem mentes, sem sentimentos, sem sensações, sem medo. O poder do Lorde Feiticeiro escravizara tão completamente a mente coletiva do imenso exército que nem a morte tinha mais significado. Ao fim, um largo bando de ferozes trolls de pedra rompeu a ponta mais à direita da linha de defesa da Legião; apesar de terem sido todos massacrados, a tática de distração forçara os tyrsianos a diminuir seu flanco esquerdo. No fim, os nortistas atravessaram.

Naquela hora, o sol já estava se pondo, e Balinor rapidamente percebeu que mesmo os melhores soldados do mundo seriam incapazes de retomar e manter a margem sul depois que a escuridão chegasse. A Legião sofrera poucas perdas durante a luta daquela tarde; por isso, ordenou que as duas divisões recuassem para uma pequena elevação vários metros ao sul do Mermidon e se reagrupassem em formação de batalha. Manteve a cavalaria ocupada nos flancos esquerdo e direito, fazendo breves avanços contra o inimigo para deixá-los despreparados e prevenir um contra-ataque organizado. Então, esperou pela escuridão. As hordas do norte começaram a atravessar em peso quando o crepúsculo caiu. Em um mistura de medo e fascínio, os homens da Legião observaram as centenas que cruzaram primeiro virarem milhares e continuarem vindo. Era um espetáculo assustador, um exército de um tamanho tão absurdo que cobria completamente a terra nos dois lados do Mermidon até onde a vista alcançava.

Mas seu tamanho diminuiu sua capacidade de manobra e a cadeia de comando parecia desorganizada e confusa. Não houve um esforço concentrado para desalojar os tyrsianos entrincheirados na pequena elevação. Em vez disso, o exército vagou pelos barrancos da margem sul depois de atravessarem-no, como se esperassem que alguém dissesse o que fazer em seguida. Vários esquadrões de trolls bem armados fizeram uma série de ataques ao comando da Legião, mas seus números eram iguais e os soldados veteranos rapidamente os repeliram. Quando a escuridão enfim chegou, o exército inimigo começou a se organizar em colunas, e Balinor soube que o primeiro ataque organizado iria quebrar a Legião em pedaços.

Com a habilidade e a ousadia que o fizeram ser o espírito por trás da famosa Legião da Fronteira e o melhor comandante de campo em todas as Terras do Sul, o Príncipe de Callahorn começou a executar uma difícil manobra tática. Sem esperar que o inimigo atacasse, dividiu seu exército e atacou a esquerda e a direita das colunas do exército inimigo. Atacando bruscamente em fintas breves e tirando vantagem da escuridão, em terreno bem conhecido pelos homens da fronteira, os soldados da Legião cercaram os flancos do inimigo com um semicírculo irregular. Conforme o círculo se adensava, os tyrsianos iam mais para trás. Balinor e Fandwick seguravam o flanco esquerdo enquanto Acton e Messaline comandavam o direito.

O inimigo enfurecido começou a atacar loucamente, tropeçando desajeitado no terreno desconhecido, os soldados da Legião sempre a poucos passos de distância. Lentamente, Balinor fechou mais seus flancos e estreitou suas linhas, puxando os nortistas consigo. Então, quando todos os soldados já tinham recuado, cobertos pela escuridão e pela batalha atrás, a cavalaria se uniu em uma manobra final e passou pela armadilha que se fechava. Subitamente, os flancos direito e esquerdo do exército das Terras do Norte se encontraram, cada um acreditando que o outro era o odiado inimigo que o enganara por várias horas. Sem hesitar, atacaram.

Quantos trolls e gnomos foram mortos pelo seu próprio povo jamais saberiam, mas a luta ainda estava acontecendo quando Balinor e as duas divisões da Legião chegaram a salvo nos portões de Tyrsis. Os cascos dos cavalos e os pés dos soldados foram abafados para encobrir sua fuga. Com exceção de um esquadrão de cavaleiros, que seguiram demais para o oeste e foram pegos e dizimados, a Legião escapara intacta. Mesmo assim, o dano feito ao mastodôntico exército das Terras do Norte não parara seu avanço, e o Mermidon, a primeira linha de defesa de Tyrsis, fora perdido.

O vasto acampamento do inimigo espalhava pelas pradarias abaixo da cidade as fogueiras noturnas acesas até onde os olhos podiam enxergar na escuridão iluminada pela luz da lua. Ao amanhecer, começariam o ataque a Tyrsis, e a força unida de milhares de trolls e gnomos, obedecendo à vontade do Lorde Feiticeiro, iria se jogar contra a imensa massa de pedra e ferro que formava a Muralha Externa. Um dos dois iria se partir.

Hendel, sentado pensativo à frente de Balinor, na pequena mesa de jantar, lembrou-se de novo da sensação estranha que tivera mais cedo, ao

inspecionar as fortificações da grande cidade com Janus Senpre. Inquestionavelmente, a Muralha Externa era uma barreira formidável, mas havia algo errado. Ele fora incapaz de apontar exatamente o que o deixava inquieto, mas, mesmo na calma da sala de jantar e na companhia calorosa de seus amigos, não conseguia se livrar da suspeita de que algo vital não fora visto ao se prepararem para o longo cerco que se aproximava.

Mentalmente, traçou as linhas de defesa que protegiam a cidade. Na beira do penhasco, os homens de Tyrsis construíram um baluarte baixo para impedir o inimigo de se estabelecer no platô. Se os nortistas não pudessem ser contidos nas pradarias abaixo, então a Legião recuaria para a cidade e confiaria na Muralha Externa para deter o avanço do inimigo. A retaguarda de Tyrsis era protegida pelos penhascos que se erguiam a centenas de metros no ar, atrás do palácio. Balinor havia lhe assegurado que os penhascos não podiam ser escalados; eram camadas lisas de rochas, sem rachaduras ou cantos para servir de apoio. As defesas ao redor de Tyrsis eram tidas como impenetráveis, mesmo assim Hendel não estava satisfeito.

Por um momento, seus pensamentos se voltaram para sua terra natal, para Culhaven e sua família, que não via havia semanas. Nunca passava muito tempo com eles, sua vida consistia em constantes batalhas em Anar. Sentia falta das florestas e da cobertura verde que vinha com os meses de primavera e verão; subitamente perguntou-se como podia ficar tanto tempo sem voltar para casa. Talvez nunca mais voltasse. O pensamento passou por sua cabeça e sumiu; não tinha tempo para se lamentar.

Durin e Dayel conversavam seriamente com Balinor, seus pensamentos centrados nas Terras do Oeste. Dayel, assim como Hendel, estava pensando no lar. Tinha medo da batalha que se aproximava, mas a aceitava, encorajado pela presença dos outros e determinado a não fazer menos do que eles contra o exército que se aproximava para destruí-los. Pensou em Lynliss; seu rosto tímido e quente era para ele uma imagem constante. Lutaria pela segurança dela, assim como pela sua. Durin estudou o irmão, percebendo o sorriso, e sabia, sem perguntar, que o jovem estava pensando na elfa com quem iria se casar. Nada era mais importante para Durin do que a segurança de Dayel; desde o começo, sempre ficara perto de seu irmão para protegê-lo. Várias vezes durante a longa jornada até Paranor, quase

perderam suas vidas. O amanhã traria um perigo ainda maior, e, mais uma vez, Durin cuidaria do irmão.

Pensou brevemente em Eventine e nos poderosos exércitos élficos, imaginando se chegariam a tempo a Tyrsis. Sem sua presença para reforçar a da Legião, as hordas do Lorde Feiticeiro iriam, em algum momento, passar pelas defesas da cidade. Pegou seu copo de vinho e bebeu com gosto, o líquido quente descendo por sua garganta. Seus olhos aguçados vagaram pelos rostos dos outros e se fixaram momentaneamente no semblante preocupado de Menion Leah.

O esbelto montanhês devorara o jantar, já que não comera nada nas últimas vinte e quatro horas. Terminando bem antes de seus companheiros, ele se contentara com uma taça fresca de vinho, fazendo perguntas constantes a Balinor sobre a batalha daquela tarde. Nas horas tranquilas do começo da manhã, com o jantar terminado e o vinho fluindo por ele como uma sonolência, ocorreu-lhe subitamente que a chave para tudo o que acontecera desde Culhaven, e tudo o que aconteceria nos dias à frente, era Allanon. Não conseguia mais pensar em Shea e na espada, ou mesmo em Shirl. Só conseguia ver em sua mente a figura sombria e ameaçadora do misterioso Druida. Allanon tinha as respostas para todas as perguntas. Somente ele sabia o mistério do talismã que os homens chamavam de Espada de Shannara. Somente ele sabia o propósito por trás da aparição no Vale do Xisto, o Druida Bremen, um homem morto havia mais de quinhentos anos. Somente ele, a cada passo da perigosa jornada a Paranor, sabia exatamente o que esperar e como agir. Mesmo assim, o homem ainda era um enigma.

Até ele mesmo se fora, e apenas Flick, se ainda estivesse vivo, poderia lhe perguntar o que aconteceria com eles. Dependiam de Allanon para sobreviver, mas o que o Druida faria? O que lhe restara quando perderam a Espada de Shannara? O que lhe restara quando o jovem herdeiro de Jerle Shannara se perdera e provavelmente morrera? Menion mordeu o lábio com raiva enquanto o odioso pensamento atravessava sua mente antes de ser banido. Shea tinha de estar vivo!

Menion amaldiçoou tudo o que os levara até aquele final infeliz. Haviam se deixado encurralar. E apenas um caminho permanecera aberto à frente deles. No holocausto da batalha, humanos morreriam e poucos saberiam o

motivo. Era uma parte inevitável da guerra; homens sempre morriam por razões que desconheciam, isso acontecia havia séculos. Mas aquela guerra estava além da compreensão humana, uma guerra entre um ser espiritual e mortais. Como algo tão maligno quanto o Lorde Feiticeiro poderia ser destruído se não conseguiam entender o que ele era? Apenas Allanon parecia saber a verdadeira natureza da criatura. Mas onde estava o Druida quando mais precisavam dele?

As velas queimavam baixo na mesa, e a escuridão da sala aumentou. Nas paredes decoradas com tapeçarias e madeira, tochas crepitavam lentamente e as cinco vozes viraram apenas murmúrios, tão baixos como se a cidade fosse uma criança que pudesse acordar a qualquer momento. A cidade de Tyrsis dormia, assim como, na pradaria além, dormia o exército das Terras do Norte. Na paz e na tranquilidade da noite enluarada, parecia que toda a vida descansava e que a guerra, com sua promessa de morte e dor, era apenas uma memória vaga e esquecida de anos passados. Os cinco que falavam em voz baixa de dias melhores e da amizade que compartilhavam não podiam, nem por poucos momentos, abafar completamente a percepção de que o horror da guerra não estava mais distante do que o nascer do sol e era tão inevitável quanto a escuridão do Lorde Feiticeiro, estendendo-se lenta e inexoravelmente vinda do norte para acabar com suas frágeis vidas.

Capítulo XXX

Na manhã do terceiro dia em que procuravam por Orl Fane, as chuvas torrenciais que haviam assolado a vastidão das desoladas Terras do Norte diminuíram e o sol reapareceu como uma bola fraca e nebulosa de fogo branco, queimando a lama e a terra pedregosa com a fúria de um forno através da escuridão deixada na passagem da muralha negra do Lorde Feiticeiro. A tempestade mudara completamente a topografia do lugar, pois as chuvas varreram quase todos os pontos de referência, deixando apenas quatro horizontes idênticos de montes rochosos e vales enlameados.

No começo, o nascer do sol foi bem-vindo. O calor de seus raios penetrava a odiosa penumbra que se fixara permanentemente na superfície desolada e eliminava o frio deixado pela tempestade enquanto a temperatura subia; a aparência da região começava a se alterar de novo. Mas depois de uma hora, a temperatura aumentou trinta graus e continuava subindo. Os rios que corriam pelos desfiladeiros sinuosos cavados pela força da chuva começavam a virar vapor e neblina no calor; a umidade se espalhava, ensopando tudo em uma maneira nova e ainda mais desconfortável.

A pouca vida vegetal que nascera em consequência da tempestade devastadora secou e morreu sufocada, sem receber a claridade vital do sol e sufocada pelo calor que permeava a neblina cinza. A terra enlameada não tinha proteção contra o calor e logo cozinhou em uma argila dura e rachada que não suportava nenhuma vida. Os rios, lagos e poças começaram a secar e não demorou nada para que sumissem. A superfície exposta das imensas rochas que pontilhavam a terra seca absorviam o calor como ferro sobre carvão aceso. Lenta e inexoravelmente, a terra voltava ao que fora antes da chuva varrer sua superfície: uma placa seca e desolada de terra, desprovida de vida, silenciosa e ameaçadora, abaixo de um céu sem nuvens. O único movimento vinha do arco lento imutável de um sol desinteressado enquanto

este seguia seu caminho incessante do leste para o oeste, transformando dias em anos e anos em séculos.

Três figuras curvadas saíram com cuidado do abrigo de uma gruta rochosa em uma das inúmeras colinas, os corpos apertados estendendo-se lentamente, seus olhos perscrutando sombriamente a muralha de neblina. Ficaram parados por longos momentos na penumbra sem vida, encarando aquela terra moribunda que parecia se estender para sempre, um desolado cemitério de montes rochosos que cobriam os restos mortais daqueles que se aventuravam a entrar na região. O silêncio absoluto infiltrava-se malignamente na neblina cinzenta, deixando seu aviso de morte pairando na mente das três criaturas vivas. Ficaram alertas e apreensivas, observando a vastidão ao redor.

Shea virou-se para seus companheiros. Panamon estava curvando as costas e esfregando os membros em um esforço para acordar os músculos adormecidos. Seu cabelo escuro estava desgrenhado, seu rosto largo, encoberto pela barba de três dias. Ele tinha uma aparência abatida, mas os olhos brilhavam cautelosamente ao encontrar a expressão inquisitiva de Shea. O grande Keltset se movera em silêncio até o topo da colina e vasculhava o horizonte ao norte.

Haviam se acomodado no pequeno abrigo oferecido por aquela gruta por quase três dias, enquanto a feroz tempestade rugira sem parar nas terras vazias ao redor. Três dias perdidos, quando deveriam ter perseguido Orl Fane e a Espada de Shannara; três dias em que todos os traços do fugitivo foram completamente destruídos. Haviam permanecido agachados e inquietos entre as rochas, comendo porque precisavam, dormindo porque não havia mais o que fazer. Conversar tinha dado a Shea e Panamon uma melhor compreensão um do outro, apesar de Keltset permanecer um completo enigma. Shea insistiu que deviam ter ignorado a tempestade e perseguido sua presa, mas Panamon recusara-se a discutir a ideia. Ninguém poderia viajar muito longe com uma tempestade daquela, por isso, Orl Fane seria forçado a procurar abrigo ou se arriscar a ser pego em um deslizamento de lama ou ainda a se afogar nos riachos. De qualquer forma, o gnomo não teria avançado muito. Keltset desceu do topo da colina, fazendo um gesto de varredura. O horizonte estava claro.

Não discutiram mais o que deveriam fazer. Já estava decidido. Pegando as poucas posses, caminharam lenta e dolorosamente pela encosta íngreme da colina, indo para o norte. Daquela vez Shea e Panamon estavam de acordo. A procura pela Espada de Shannara se tornara mais do que orgulho ferido, mais do que missão para recuperar um misterioso talismã. Havia se tornado uma caçada perigosa e frenética pela única maneira, ainda que questionável, de conseguirem sobreviver naquela terra selvagem.

A Fortaleza do Lorde Feiticeiro estava no meio dos picos negros diretamente ao norte. A mortífera muralha de neblina que marcava os limites do Reino da Caveira ficara para trás. Para escapar daquela terra odiosa, teriam de passar por um ou por outro. A escolha óbvia seria voltar pela escuridão nebulosa, mas, embora as Pedras Élficas pudessem mostrar uma passagem para as Terras do Sul, usá-las também revelaria a presença deles ao mundo espiritual. Allanon assim dissera em Culhaven a Shea, que, por sua vez, contara a Panamon. A Espada de Shannara era a única arma que poderia protegê-los do Lorde Feiticeiro, e se a tivessem, garantiriam pelo menos uma chance de lutar. Basicamente, o plano era retomar o talismã e escapar pela muralha de escuridão o mais rápido possível. Dificilmente poderia ser considerada uma estratégia brilhante, mas, naquelas circunstâncias, teria de servir.

Viajar estava sendo tão difícil quanto antes da tempestade. O chão estava duro, cheio de detritos e terra solta, o que tornava o equilíbrio precário. Rastejando e se agarrando para conseguirem abrir caminho no terreno árido, logo os três estavam cobertos de poeira e contundidos por diversas quedas. Por causa da irregularidade da topografia, era difícil saber onde estavam e praticamente impossível calcular seu avanço. Não existiam pontos de referência e a região parecia a mesma em todas as direções. Os minutos se passaram com lentidão agonizante e não descobriam nada. A umidade continuou a aumentar e as roupas estavam completamente encharcadas de suor. Tiraram os mantos e os amarraram às suas mochilas; faria frio quando a noite caísse.

— Foi aqui que o vimos da última vez.

Panamon parou imóvel no topo da colina ampla que haviam acabado de escalar, respirando com dificuldade. Shea chegou ao seu lado e olhou ao redor, desconsolado. Todas as colinas ao redor eram exatamente iguais

àquela, a não ser por pequenas variações em tamanho e forma. Olhou incrédulo para o horizonte. Não sabia direito nem de onde tinham vindo.

— Keltset, o que você está vendo? — o outro perguntou.

O troll de pedra caminhou lentamente pela colina, observando o chão à procura de qualquer traço da passagem do pequeno gnomo, mas a tempestade apagara todos os sinais. Moveu-se silenciosamente por vários minutos, virando-se depois e sacudindo a cabeça em negativa. O rosto sujo de Panamon ficou subitamente vermelho de raiva.

— Ele estava aqui. Vamos andar mais um pouco.

Proseguiram em silêncio, descendo aquela colina de qualquer jeito e escalando a seguinte. Não houve discussão. Não existia mais nada a ser dito. Se Panamon estava errado, ninguém tinha uma ideia melhor, além de continuar procurando. Uma hora se arrastou enquanto caminhavam para o norte. Ainda sem encontrar nada. Shea começou a perceber como aquela tarefa era desesperadora. Seria impossível procurar em toda a região de leste a oeste; se o gnomo tivesse viajado apenas vinte metros para qualquer lado, talvez jamais descobrissem. Poderia ter sido enterrado junto com a espada em um deslizamento de lama durante a tempestade e nunca mais os encontrariam.

Os músculos de Shea doíam pelas escaladas difíceis; pensou em pedir para fazerem uma pausa rápida, para confirmar se deveriam prosseguir naquela direção. Talvez não devessem continuar tentando achar a trilha. Mas um olhar fugaz para o rosto escuro de Panamon fez com que desistisse de sequer sugerir tal coisa na mesma hora. O aventureiro tinha o mesmo olhar que Shea vira dias antes, quando destruíra os gnomos. Ele era novamente o caçador. Se Panamon o encontrasse, Orl Fane era um homem morto. Shea teve um calafrio e desviou o olhar.

Várias colinas depois, encontraram um pedaço do que estavam procurando. Keltset o viu quando estava no topo de uma pequena colina, sua visão aguçada captando o objeto deslocado semienterrado na terra do fundo de uma ravina. Encaminhando os outros dois, rapidamente escorregou pela encosta pedregosa da colina e correu para o objeto descartado, pegando-o e erguendo-o para os outros. Era um pedaço grande de tecido, que fora uma boa parte da manga de uma túnica. Ficaram observando o pano por um momento e Shea olhou para Keltset em busca da

confirmação de que era de Orl Fane. O troll assentiu solenemente. Panamon Creel empalou o pedaço de pano em seu espeto metálico, sorrindo sinistramente.

— Então o encontramos de novo. Dessa vez ele não irá escapar!

Mas não o encontraram naquele dia nem descobriram mais sinais de sua passagem. Na terra, as pegadas do gnomo deveriam ter aparecido claramente, mas não havia nenhuma. Apesar da opinião anterior de Panamon, Orl Fane conseguira vagar durante a tempestade, escapando de deslizamentos e afogamentos. A chuva lavara sua trilha, mas, com perversidade cruel, tinha deixado à mostra a manga rasgada. Podia ter vindo de qualquer lugar, então não havia como dizer de que direção o gnomo vinha ou para qual ia. Ao cair da noite, a escuridão envolveu a região; era tão densa que se tornou impossível ver qualquer coisa além de poucos metros à frente, e a busca foi relutantemente adiada. Com Keltset no primeiro turno de vigia, Panamon e Shea caíram exaustos e adormeceram quase de imediato. O ar noturno estava frio, apesar de a umidade continuar e eles se enrolaram mais uma vez nos mantos ainda úmidos.

A manhã retornou rápida demais com aquela neblina cinza já familiar. O dia não estava tão úmido quanto o anterior, mas nem por isso parecia mais alegre; o sol continuava praticamente bloqueado pela neblina densa que ficava suspensa e imóvel acima deles. O mesmo silêncio estranho persistia e os três homens olharam ao redor com sentimento de completo isolamento do mundo dos vivos. A vastidão vazia estava começando a gerar um efeito perceptível em Shea e Panamon Creel. Shea estava ficando nervoso e ansioso nos últimos dias e Panamon, geralmente alegre e tagarela, estava quase mudo. Somente Keltset continuava com seu comportamento habitual, seu rosto inexpressivo e implacável.

Um pequeno desjejum foi consumido sem interesse, e a busca recomeçou. Retomaram a caçada quase com nojo; seu desejo em comum era terminar aquela jornada exaustiva logo. Prosseguiram em parte por um senso de autopreservação e em parte por que não tinham mais para onde ir. Apesar de não perceberem, Panamon e Shea começavam a se perguntar por que Keltset continuava a busca. Aquela era sua terra e ele podia ter sobrevivido sozinho, se tivesse escolhido seguir seu caminho. Os dois homens tentaram decifrar os motivos de Keltset para continuar com eles durante os três dias

de chuva, mas estavam cansados demais para pensar nisso. Acabaram aceitando sua presença, desconfiados, com a crescente determinação de que deveriam saber quem e o que ele era antes que aquela jornada terminasse. Prosseguiram pela poeira e pela neblina, enquanto a manhã se arrastava monotonamente até o meio-dia.

Quando Panamon os fez parar, foi algo totalmente inesperado.

— Uma trilha!

O ladrão deixou escapar um berro de alegria e correu enlouquecido para a pequena vala na lateral, deixando Keltset e Shea estupefatos. Momentos depois, o trio se ajoelhava avidamente perto de um conjunto de pegadas bem definidas na poeira densa. Não tinha como não reconhecer sua origem; até mesmo Shea via que foram feitas por botas de gnomo, gastas e rachadas no calcanhar. A trilha que deixavam não estava disfarçada; levava na direção norte, mas variando como se o destino daquele homem não fosse mais certo. Parecia que Orl Fane estava vagando sem rumo. Pararam apenas por um momento e depois se apressaram ao comando urgente de Panamon. As pegadas tinham sido feitas havia poucas horas e, a julgar por sua natureza errática, Orl Fane poderia ser facilmente derrubado. Panamon mal podia disfarçar o brilho maligno que surgiu em seus olhos ao ver que o fim da caçada se aproximava. Sem falar mais nada, os três ergueram seu pesado equipamento e foram para o norte, determinados. Aquele seria o dia em que alcançariam Orl Fane.

A trilha deixada pelo pequeno gnomo seguia de forma tortuosa e confusa pelos montes empoeirados das Terras do Norte. Às vezes, os três se viam quase indo para oeste e em seguida mudarem completamente de direção. A tarde passava com precisão tediosa e, apesar de Keltset indicar que as pegadas estavam ficando mais frescas, não pareciam estar se aproximando. Se a noite caísse antes que o alcançassem, poderiam perdê-lo novamente. Duas vezes já quase o tinham alcançado e sempre um acontecimento inesperado fizera com que abandonassem temporariamente a busca. Não estavam com ânimo de ver isso ocorrer uma terceira vez e Shea fizera uma promessa silenciosa que, se fosse preciso, iria rastrear Orl Fane mesmo na escuridão.

Os picos gigantescos do Reino da Caveira se erguiam ameaçadores à distância, suas pontas negras e afiadas subindo como facas no horizonte.

Havia uma sensação de medo na mente do jovem da qual não conseguia se livrar, um medo que ficava cada vez mais forte enquanto os três entravam mais e mais nas Terras do Norte. Tinha começado a sentir que já passara muito mais tempo do que havia imaginado, e que, de alguma forma, a procura por Orl Fane e pela Espada de Shannara era apenas uma pequena parte de uma série de eventos muito maiores. Ainda não estava em pânico, mas era movido por um sentimento de urgência para terminar aquela caçada insana e voltar para sua terra.

Era o meio da tarde quando o terreno irregular começou a se transformar em uma planície que permitia aos três enxergarem uma distância maior e andarem de maneira quase relaxada pela primeira vez desde que ultrapassaram a muralha. A região adiante se espalhava em uma desolação impressionante, uma planície vazia e devastada de terra marrom e rochas cinzentas que ia para o norte na direção dos picos altos que cercavam o Reino da Caveira e o lar do Lorde Feiticeiro. Aquelas vastas terras planas diminuía conforme o olhar seguia para o norte, quebrando-se em massas de pedras e terrenos montanhosos que levavam por pedras íngremes até os assustadores picos do outro lado. A região inteira, nua, quente e desolada estava envolta no mesmo silêncio estranho e mortal. Nada se movia, nenhuma criatura se agitava, nenhum inseto zumbia, nenhum pássaro voava, nem mesmo o vento corria pela poeira. Em todo lugar, o mesmo vazio, intocado pela vida, envolto pela morte. A trilha sinuosa deixada por Orl Fane levava até aquela vastidão e desaparecia mais à frente. Era como se a terra o tivesse engolido.

Os caçadores pararam por vários minutos, seus rostos refletindo uma óbvia relutância em prosseguir naquela terra hostil. Mas não havia tempo para pesar os méritos daquela decisão; continuaram. O caminho irregular era visível a uma grande distância naquela terra plana, e os três perseguidores conseguiam segui-lo em um curso mais direto. Começaram a ganhar tempo. Menos de duas horas depois, Keltset indicou que estavam a menos de uma hora atrás de sua presa. O crepúsculo aproximava-se veloz, o sol mergulhando atrás do horizonte entrecortado a oeste. O leve ocaso era mais fraco por causa da neblina cinzenta sempre presente; o terreno começava a ganhar uma aparência difusa.

O trio seguira a trilha do gnomo até um vale, formado por uma série de penhascos altos cobertos de pequenas reentrâncias e várias formações rochosas. A luz do sol que sumia se perdia quase completamente nas sombras daquele vale escuro e Panamon Creel, que assumira avidamente a liderança havia algum tempo, foi forçado a apertar os olhos para encontrar as pegadas na poeira. Diminuíram até quase parar, enquanto o ladrão se curvava vasculhando o chão. Tão concentrado estava em estudar a trilha que ficou chocado quando ela terminou bruscamente. Shea e Keltset já estavam ao seu lado. Foi apenas devido a um estudo cuidadoso do chão que descobriram que alguém havia metodicamente apagado todos os traços da passagem do pequeno gnomo.

Quase ao mesmo tempo, imensas formas escuras começaram a se separar das sombras da vala, avançando pesadamente no crepúsculo que aumentava. Foi Shea que os viu primeiro, achando que seus olhos lhe pregavam uma peça. Panamon foi mais rápido em perceber o que estava acontecendo. Levantando rapidamente, o ladrão sacou a grande espada e ergueu sua ponta metálica. Ele poderia estar prestes a correr na direção do círculo que se fechava, mas o normalmente previsível Keltset fez algo surpreendente. Pulando veloz para a frente, puxou o atônito ladrão para trás. Panamon encarou seu silencioso companheiro sem acreditar e depois baixou as armas com relutância. Havia pelo menos uma dúzia de figuras em pé ao redor dos três homens, e mesmo através do crepúsculo enevoadado, Shea percebeu, aterrorizado, que haviam sido descobertos por um grupo de trolls.

Os cavaleiros elfos exaustos seguravam as rédeas de suas montarias suadas e olhavam distraídos para baixo, onde as encostas encontravam a larga extensão do vale do Rhenn. Três quilômetros de terra vazia espalhavam-se para o leste à frente, as encostas subindo em penhascos íngremes ladeados por pequenas aglomerações de árvores e arbustos. No lendário passado fora por mais de mil anos uma passagem entre a planície de Streleheim para as grandes florestas das Terras do Oeste, a porta do lar dos elfos. Naquele famoso passo o poderio assombroso dos exércitos do Lorde Feiticeiro fora derrotado pelas legiões élficas de Jerle Shannara. Ali que Brona enfrentara e fugira do velho Bremen e do misterioso poder da Espada de Shannara;

escapara com seus grandes exércitos de volta para as planícies, apenas para ser detido pelo exército dos anões, para ser encurralado e destruído. O Passo de Rhenn viu o começo da queda da maior ameaça que o mundo já encontrara desde as devastadoras Grandes Guerras; os povos de todas as raças tinham aquele vale pacífico como uma referência histórica. Era um monumento natural da história da humanidade que muitos viajavam metade do mundo apenas para visitar e se sentir parte daquele terrível acontecimento.

Jon Lin Sandor deu ordem para desmontar e os cavaleiros élficos desceram de seus animais, agradecidos. Sua preocupação não era com histórias do passado, mas com o futuro imediato. Reflexivo, olhou para a densa muralha negra que descia das Terras do Norte pela Planície de Streleheim, sua sombra nebulosa a cada dia mais perto das fronteiras das Terras do Oeste e do lar dos elfos. Seus olhos penetrantes perscrutaram o horizonte distante ao leste, onde a escuridão já havia envolvido as florestas ao redor da antiga Fortaleza de Paranor. Sacudiu a cabeça amargamente e amaldiçoou o dia em que se permitira sair do lado de seu Rei e melhor amigo. Ele crescera com Eventine, e quando o amigo se tornara Rei, fora nomeado conselheiro e se autoproclamara seu braço direito. Juntos, haviam se preparado para a invasão dos exércitos de Brona, o Lorde dos Espíritos que acreditavam ter sido destruído na Segunda Guerra das Raças. O misterioso andarilho Allanon, porém, advertira o povo élfico de que ele ainda estava vivo, e, embora alguns tenham zombado e desdenhado dele, Eventine foi mais sábio. Allanon nunca estivera errado; sua habilidade de prever o futuro podia ser assustadoramente eficaz.

O povo élfico seguiu o aviso de Eventine e se preparara para a guerra, mas a invasão não veio como era esperada. Paranor caíra, assim como a Espada de Shannara. Novamente, Allanon viera até eles, pedindo que patrulhassem a Planície de Streleheim acima de Paranor de forma a impedir qualquer tentativa dos gnomos que defendiam a Fortaleza de levar a espada para o norte, até o castelo do Lorde Feiticeiro. Novamente, obedeceram sem questionar.

Mas o inesperado acontecera, e acontecera enquanto Jon Lin Sandor estava longe do Rei. Os gnomos presos em Paranor decidiram fugir para a segurança das Terras do Norte e três patrulhas atacaram as linhas élficas.

Eventine e Jon Lin tinham liderado comandos diferentes para interceptar duas dessas forças e teriam destruído facilmente os gnomos não fosse pela intervenção planejada de um exército de gnomos e trolls, destacados da força de invasão do Lorde Feiticeiro. O grupo de Jon Lin foi praticamente aniquilado; ele quase não escapara com vida. Fora incapaz de alcançar Eventine, e o Rei Élfico desaparecera com sua patrulha. Jon Lin Sandor o procurava havia quase três dias.

— Nós iremos encontrá-lo, Jon Lin. Ele não é fácil de matar, vai conseguir achar um jeito de sobreviver.

O elfo deu um aceno quase imperceptível com a cabeça de cabelos curtos, seus olhos rápidos relanceando o rosto jovem do homem ao seu lado.

— Pode parecer estranho, mas eu sei que ele está vivo — o outro continuou. — Não sei bem explicar como, mas eu sinto.

Breen Elesedil era o irmão mais novo de Eventine; também seria o próximo Rei dos Elfos das Terras do Oeste se seu irmão estivesse morto. Era uma posição para a qual ainda não estava pronto e que honestamente não queria. Desde o desaparecimento de Eventine, não fizera nada para assumir o controle dos exércitos élficos enfraquecidos ou do desanimado Conselho do Rei, mas se juntara imediatamente às buscas pelo irmão. Como resultado, o governo estava em caos, e o que duas semanas antes fora um povo unido contra a ameaça de uma invasão iminente tornara-se um conjunto de grupos indecisos e divididos, apavorados por não haver ninguém preparado para liderá-los.

Os elfos não entraram totalmente em pânico, eram disciplinados demais para deixar tudo ruir tão completamente. Mas era inegável que a personalidade de Eventine era muito poderosa. O povo estivera solidamente unido desde a sua ascensão ao trono. Jovem, mas dotado de grande força de caráter e de um infalível bom senso, sempre estivera ali para aconselhá-los. E todos sempre o ouviam. Os rumores sobre seu desaparecimento abalaram profundamente o povo.

Contudo, nem Breen Elesedil nem Jon Lin tinham tempo para se preocupar com qualquer coisa além de encontrar o Rei desaparecido. Depois de se desviar de patrulhas de gnomos e do corpo principal do exército das Terras do Norte enquanto procuravam, os sobreviventes abatidos das patrulhas dizimadas haviam retornado para a pequena vila de

Koos, onde conseguiram cavalos descansados e suprimentos. Então, retornaram à busca.

Jon Lin Sandor acreditava saber onde poderia encontrar Eventine, se o Rei ainda estivesse vivo. O gigantesco exército nortista se movera para o Sul, na direção do Reino de Callahorn, quase uma semana antes, e não avançaria enquanto a famosa Legião da Fronteira não fosse destruída. Se Eventine fosse um prisioneiro, como ele e Breen acreditavam, iriam encontrá-lo junto dos comandantes da força de invasão de Brona como um refém de grande valor. Com Eventine Elessedil derrotado, cidades cujos governantes não fossem tão formidáveis poderiam estar mais dispostas a se render.

De qualquer forma, o Lorde Feiticeiro reconhecia a importância de Eventine para o povo élfico. Ele era o mais reverenciado e adorado líder que os elfos já tiveram desde Jerle Shannara e fariam qualquer coisa para tê-lo de volta a salvo. Morto, não tinha nenhum valor para o Rei dos Espíritos, e sua execução poderia enfurecer tanto os elfos que, então, se reuniriam com o desejo compartilhado de destruí-lo. Vivo, Eventine era de valor imensurável, pois o povo élfico não arriscaria ferir seu filho preferido. Jon Lin Sandor e Breen Elessedil não alimentavam ilusões de que Eventine seria devolvido em segurança, mesmo se o exército não interviesse na invasão das Terras do Sul. Agiam por conta própria, apostando tudo na chance de encontrarem seu amigo e irmão antes que sua utilidade terminasse, antes que as Terras do Sul caíssem.

— Chega. Montem!

A voz impaciente de Jon Lin cortou a tranquilidade momentânea com uma rispidez amarga, e os cavaleiros ficaram de pé com um pulo. Ele encarou a escuridão distante uma última vez; então, virou-se e subiu com facilidade em sua montaria, pegando as rédeas com um movimento ágil. Breen já estava ao seu lado; segundos depois, o pequeno grupo de cavaleiros descia pelo vale em um trote rápido. Era uma manhã cinzenta, o ar ainda com o forte cheiro da chuva da noite anterior. A grama alta estava molhada e macia embaixo dos cascos dos cavalos, abafando seu impacto. No sul, ao longe, um traço de céu azul podia ser visto além das nuvens. Era um dia frio e os elfos cavalgavam confortavelmente na temperatura amena.

Alcançara o fim do vale logo, colocando suas montarias em um trote lento enquanto entravam no corredor oriental do passo. Os cavaleiros

conversavam em tons baixos, pois os limites das Terras do Norte estavam logo além da entrada do passo. A linha de cavaleiros serpenteou pelos penhascos altos que emolduravam a entrada oriental e momentos depois emergiram na vastidão das Planícies de Streleheim. Jon Lin olhou distraidamente para aquele vazio que se estendia adiante e de súbito deteve seu cavalo.

— Breen, um cavaleiro!

Na mesma hora, o outro parou ao seu lado e juntos observaram o cavaleiro distante indo rapidamente na direção deles. Os elfos olharam curiosos, incapazes de distinguir o rosto na luz nebulosa. Por um breve instante, Breen Elessedil pensou que fosse seu irmão voltando, mas um momento depois suas esperanças sumiram ao perceber que o homem era pequeno demais para ser Eventine. E com certeza não era um cavaleiro. Enquanto se aproximava, puderam ver que estava agarrado nas rédeas e no chifre da sela como se temesse por sua vida, o rosto largo, vermelho e suado. Não era um elfo, mas um sulista.

Fez sua montaria se deter bruscamente na frente do grupo de elfos, parando e tomando fôlego antes de falar. Estudou os semblantes que pareciam se divertir à sua frente e seu rosto ficou ainda mais vermelho.

— Encontrei um homem alguns dias atrás — o estranho começou. Hesitou para ver se estavam prestando atenção. — Ele me pediu para que procurasse o braço direito do Rei dos Elfos.

O ar de diversão sumiu instantaneamente e os cavaleiros élficos se aproximaram.

— Eu sou Jon Lin Sandor — o comandante da patrulha apresentou-se.

O cavaleiro exaustou deu um suspiro agradecido e assentiu.

— Eu sou Flick Ohmsford e vim de Callahorn para encontrar você. — Com bastante esforço, ele desmontou e esfregou as costas doloridas. — Se me der alguns minutos de descanso, eu o levarei até Eventine.

Shea marchou em silêncio entre dois de seus captos trolls, incapaz de se libertar da sensação de que Keltset os traía. A emboscada fora feita de forma inteligente, mas podiam ao menos ter tentado lutar para fugir. No entanto, por causa do gesto inesperado de Keltset, não resistiram e deixaram

que os desarmassem. Shea tivera esperanças de que Keltset conhecesse algum dos trolls do grupo ou que, sendo da mesma raça, pudesse debater com eles e conseguir sua liberdade. Mas o troll nem sequer tentara se comunicar com seus captores, permitindo docilmente que amarrassem suas mãos, sem oferecer nenhuma resistência. Além das mãos atadas, Panamon Creel e Shea tiveram suas armas removidas, e os três cativos foram levados para o norte, para as desoladas planícies. O jovem ainda estava com as Pedras Élficas, mas elas eram inúteis contra trolls.

Observou as costas largas de Panamon, que estava à sua frente, imaginando o que o irascível ladrão estaria pensando. O homem ficara tão atônico com a rápida rendição de seu companheiro que desde então não falara uma palavra. Obviamente, não conseguia acreditar que julgara tão mal o gigante silencioso, cuja vida salvara e cuja amizade tinha um valor imenso. O comportamento do troll era um completo mistério para os dois; mas enquanto Shea estava apenas confuso, Panamon Creel parecia profundamente decepcionado. O que quer que houvesse entre eles, Keltset fora seu amigo, o único com quem pudera contar. A incredulidade do aventureiro veterano logo se tornaria ódio e Shea sempre soubera que, em qualquer circunstância, Panamon Creel era um homem perigoso para se ter como inimigo.

Era impossível determinar para onde estavam sendo levados. O céu estava escuro e sem lua e Shea foi forçado a ocupar a mente com a tarefa de manter o equilíbrio, enquanto o grupo prosseguia em seu caminho para o norte através de rochas espalhadas e penhascos cobertos de terra e pedras soltas. A língua dos trolls lhe era completamente desconhecida. E como Panamon caíra em um silêncio mal-humorado, não havia como Shea saber mais nada. Se os trolls tivessem motivo para suspeitar de quem era, iriam levá-los até o Lorde Feiticeiro. O fato de não terem se incomodado com as Pedras Élficas mostrava que tinham sido capturados como meros intrusos, sem que seus captores soubessem o que os levara até as Terras do Norte. Mas isso não era muito reconfortante, os trolls iriam descobrir logo. Ele se perguntava o que teria acontecido com Orl Fane. A trilha acabava onde foram pegos, então o gnomo também deveria ser um prisioneiro. Mas para onde o levaram? E o que acontecera com a Espada de Shannara?

Caminharam por horas na escuridão impenetrável. Shea logo perdeu a noção das horas e, por fim, acabou desmaiando de exaustão e teve de ser carregado como um saco em cima do ombro largo de um de seus captores pelo resto da viagem. Acordou com a luz cintilante das fogueiras que queimavam lentamente quando o grupo chegou a um acampamento desconhecido, onde foi baixado ao chão e levado pela abertura de uma tenda larga. Lá dentro, suas mãos foram checadas para se certificarem de que o laço estava firme e seus pés amarrados também. Momentos depois, foi deixado sozinho. Panamon e Keltset foram levados para outro lugar.

Debateu-se contra as tiras de couro que prendiam suas mãos e seus pés, mas elas não cederam e, finalmente, ele desistiu. Podia sentir que estava adormecendo, o cansaço da longa marcha fluindo pelo corpo dolorido. Tentou lutar contra isso, forçando-se a pensar em um plano de fuga. Quanto mais tentava, mais difícil era pensar em qualquer coisa, e tudo começava a ficar cada vez mais nebuloso. Adorreceu em cinco minutos.

Parecia que tinham se passado segundos quando foi acordado por mãos ásperas que o sacudiram para tirá-lo do sono profundo. Levantou-se, confuso, enquanto um troll corpulento falava algo que Shea não entendeu e apontava para um prato de comida antes de sair da tenda para a luz do sol. Shea apertou os olhos na escuridão da tenda, distraído e notando o cinza familiar que sinalizava o começo de uma nova manhã nas Terras do Norte. Percebeu com uma leve surpresa que as tiras de couro haviam sido removidas e começou a esfregar com força os pulsos e tornozelos para restaurar a circulação antes de comer rapidamente a refeição preparada para ele.

Parecia haver uma grande agitação fora da tenda, e os gritos e chamados de trolls apressados pelo acampamento enchiam o ar matinal. O jovem do Vale Sombrio terminou a refeição e já havia decidido que iria arriscar uma olhada pela entrada da tenda, quando ela se abriu de repente. Um robusto guarda entrou e indicou que Shea deveria ir com ele. Com uma mão apertando com força a parte da frente de sua túnica, onde podia sentir o formato reconfortante das Pedras Élficas, o jovem seguiu relutante.

Uma escolta de trolls o levou por um largo acampamento, constituído por tendas de vários tamanhos e cabanas de pedra construídas em um vasto promontório, cercado por uma série de penhascos baixos. Olhando para o

horizonte distante, pôde ver que estavam acima das planícies desoladas que haviam cruzado no dia anterior. O acampamento parecia deserto e as vozes que Shea ouvira antes haviam sumido. As fogueiras da noite anterior se consumiram até virarem cinzas e as tendas e as cabanas estavam todas vazias. Um arrepio súbito atingiu o assustado cativo e lhe ocorreu que talvez estivesse sendo levado para sua própria execução. Não havia sinal de Panamon nem de Keltset. Allanon, Flick, Menion Leah e todos os outros estavam em algum lugar das Terras do Sul, sem saber de suas dificuldades. Estava sozinho e iria morrer. Estava tão paralisado pelo medo que não conseguia nem tentar fugir. Caminhou rigidamente entre seus captores enquanto atravessavam o campo silencioso. Um penhasco baixo, marcando o limite do acampamento, erguia-se à frente. Logo, já estava além das cabanas e das tendas, de pé em uma clareira aberta. Shea olhou sem acreditar.

Dezenas de trolls estavam sentados em um amplo semicírculo de cara para o penhasco, suas cabeças momentaneamente voltadas para ele quando entrou na clareira. Na base do penhasco, sentavam-se três trolls de tamanhos diversos e, embora Shea não pudesse ter certeza, provavelmente de idades diferentes também, cada um segurando um cajado de cor viva com um estandarte preto. Panamon Creel estava sentado dentro do amplo círculo. Ele tinha uma expressão pensativa que não mudou ao ver Shea. A atenção de todos estava focada na forma maciça de Keltset, parado no meio dos trolls, os braços cruzados enquanto encarava os três portadores de cajados. Ele não se voltou enquanto Shea era levado até o círculo e colocado sentado ao lado do pensativo Panamon. Houve um momento de completo silêncio. Era o espetáculo mais estranho que Shea jamais presenciara. Então, um dos três trolls sentados no vértice do círculo levantou-se cerimoniosamente e bateu seu cajado de leve na terra. A assembleia se ergueu como uma só pessoa, virou-se de maneira brusca para o leste e falou em uníssono várias frases curtas em sua própria língua. Depois, sentaram-se em silêncio.

— Imagine só. Eles estavam rezando.

Aquelas eram as primeiras palavras que ouvia Panamon dizer, e Shea se surpreendeu. Olhou de relance para o ladrão, mas ele estava virado para Keltset. Outro dos três trolls que presidiam a estranha assembleia levantou-

se e falou brevemente para a plateia atenta, gesticulando várias vezes na direção de Panamon e Shea. O homem mais baixo olhou com expectativa para seu companheiro.

— Isso é um julgamento, Shea — o ladrão declarou em um tom estranhamente impassível. — Não para nós, no entanto. Nós seremos levados para a Montanha da Caveira além da Lâmina da Faca, o reino do Lorde Feiticeiro, onde seremos presos por... Não importa. Não acho que saibam quem nós somos. É ordem do Lorde dos Espíritos que todos os forasteiros sejam levados até ele, e nós não seremos tratados de forma diferente. Porém, ainda temos esperanças.

— Mas um julgamento...? — Shea duvidou.

— Para Keltset. Ele exigiu o direito de ser julgado por seu próprio povo em vez de ser levado até Brona. É um costume antigo e o pedido não pode ser negado. Ele foi encontrado conosco enquanto seu povo está em guerra com nossa raça. Qualquer troll encontrado com um humano é um traidor. Não há exceções.

Shea olhou involuntariamente para Keltset. O imenso troll estava sentado com a solidez de uma rocha no centro da assembleia, enquanto a voz do outro troll continuava a falar. Estavam enganados, Shea pensou, agradecido. Keltset não os traía; ele não os entregara. Mas por que permitira que fossem capturados com tanta facilidade, enquanto sabia que a própria vida estaria em risco também?

— O que vão fazer com ele se decidirem que é um traidor? — perguntou impulsivamente.

Um leve sorriso apareceu nos lábios do homem mais alto.

— Sei o que você está pensando. — Havia um toque de ironia na voz debochada. — Ele está arriscando tudo nesse julgamento. Se acharem que é culpado, vai ser jogado do penhasco mais próximo. — Ele parou significativamente e, pela primeira vez, olhou direto para o jovem. — Eu também não entendo.

Ficaram em silêncio mais uma vez quando o orador terminou seu longo discurso e se sentou. Depois de um momento, um único troll foi até a frente dos três ao centro, que Shea deduziu serem os juízes, e fez uma breve declaração. Foi seguido por vários outros, cada um falando rapidamente, respondendo a questões feitas pelos juízes. Shea não entendia nada do que

estava acontecendo, mas supunha que aqueles trolls eram parte do grupo que os capturara na noite anterior. O interrogatório parecia se arrastar eternamente; mesmo assim, Keltset não movera um músculo.

Shea estudou o gigante imóvel, incapaz de entender por que deixara as coisas tomarem aquele rumo. Tanto Shea quanto Panamon sabiam, já havia algum tempo, que Keltset não era um exilado qualquer, expulso de sua casa e de seu povo por ser incapaz de falar. Nem era apenas o ladrão aventureiro que Panamon tentara torná-lo. Havia inteligência naqueles olhos estranhamente gentis. Havia um conhecimento não expresso sobre a Espada de Shannara, sobre o Lorde Feiticeiro, e até sobre Shea, algo que ele nunca revelara. Havia um passado escondido dentro do coração daquele gigante. Era como Allanon, Shea pensou de repente. De alguma forma, os dois tinham a chave para o segredo do poder da Espada de Shannara. Era uma revelação estranha e o jovem sacudiu a cabeça, duvidando de seu raciocínio. Mas não havia mais tempo para pensar.

As testemunhas haviam terminado e os três juízes chamaram o acusado para se levantar e se defender. Houve um impossivelmente longo e agonizante momento de silêncio enquanto os juízes, os trolls reunidos, Panamon Creel e Shea esperavam ansiosos que Keltset se erguesse. O gigante ficou sentado imóvel como se no meio de um transe inatingível. Shea foi tomado por uma vontade quase incontrollável de gritar, só para quebrar o silêncio insuportável, mas o som ficou preso em sua garganta. Os segundos se arrastaram. Então, sem aviso, Keltset ergueu-se.

De repente, ele esticou o corpo imenso e ficou ereto, parecendo que de algum jeito era mais do que um simples mortal. A postura demonstrava seu orgulho enquanto encarava o tribunal, os olhos fixos nos três juízes. Sem desviar o olhar, colocou a mão por baixo do grande cinto de couro em sua cintura e retirou um largo pingente de metal negro em uma corrente. Por um momento, ele o ergueu mostrando-o aos juízes, que se inclinaram para a frente, surpresos. Shea viu de relance uma cruz no centro de um círculo, e o gigante ergueu a corrente cerimoniosamente sobre a cabeça e lentamente colocou-a ao redor de seu pescoço.

— Pelos deuses que nos deram a vida... Eu não acredito! — Panamon arfou, surpreso.

Os juízes também se levantaram, atônitos. Conforme Keltset se virava lentamente para o círculo de trolls curiosos, gritos de excitação saíram de suas bocas. Eles se ergueram imediatamente, gesticulando para o impassível gigante no meio deles. Shea observava, completamente confuso.

— Panamon, o que está acontecendo?! — gritou.

O intenso rugido da animada assembleia quase sufocou suas palavras, e Panamon Creel levantou-se de repente, uma mão larga batendo no ombro de Shea.

— Não acredito! — o ladrão repetiu, cheio de alegria. — Por todos esses meses, eu nunca sequer suspeitei! Era isso que ele estava escondendo, meu jovem! Foi por isso que deixou que nos trouxessem sem lutar. Mas deve ter mais ainda...

— Você pode me contar o que está acontecendo? — Shea perguntou.

— O pingente, Shea! A cruz no círculo! — o outro gritou, de maneira selvagem. — É o Irix Negro, o maior prêmio, a maior honra que o povo troll pode dar a um dos seus! Seria bem incomum você chegar a ver três serem dados durante sua vida. Para receber um, precisa ser a imagem viva de tudo que a nação troll admira e tem como objetivo. Você deve ser o mais próximo de um deus que um mortal consegue ser. Em algum momento, Keltset ganhou essa honra, e nós nem suspeitávamos!

— Mas e sobre ele ter sido encontrado conosco...? — o jovem só conseguiu fazer uma parte da pergunta.

— Qualquer um que carregue o Irix jamais trairia o próprio povo — Panamon interrompeu. — A honra carrega consigo uma confiança inquebrável. Quem o usa jamais descumpriria as leis de seu povo; ele é incapaz de sequer contemplar tal coisa. Eles acreditam que violar tal confiança significaria uma eternidade de sofrimento horrível demais para ser imaginada. Nenhum troll nem sequer consideraria isso.

Shea olhou chocado para Keltset enquanto a gritaria continuava. O troll estava novamente virado para os juízes, que tentavam em vão restaurar a ordem na assembleia agitada. Demorou vários minutos para o barulho diminuir o bastante para alguém ser ouvido. Os trolls sentaram-se, ansiosos para que Keltset falasse. Houve uma breve pausa enquanto um intérprete troll apareceu ao lado do réu silencioso e Keltset começou a se comunicar em linguagem de sinais. Os olhos nas mãos grandes de Keltset, o intérprete

traduziu a explicação para os juízes na língua troll. Houve uma breve conversa com um dos juízes, que Shea foi incapaz de acompanhar, mas felizmente Panamon havia começado a própria tradução, sussurrando para o amigo.

— Ele disse que veio de Norbane, um das grandes cidades dos trolls na parte mais ao norte das Montanhas Charnal. Seu sobrenome é Mallicos, uma família muito antiga e honrada. Mas eles foram todos mortos, supostamente por anões que tentaram saquear sua casa. Aquele juiz à esquerda perguntou a Keltset como ele escapou, pois julgavam que ele também estava morto. Deve ter sido uma tragédia para conhecerem a história em uma aldeia distante como esta. Mas... espere até ouvir isso, Shea! Keltset diz que os emissários do Lorde Feiticeiro destruíram sua família! Os Portadores da Caveira foram até Norbane quase um ano atrás, querendo controlar o governo e ordenando os exércitos trolls a aceitarem seu comando. Conseguiram convencer quase toda a cidade de que Brona voltara dos mortos, que sobrevivera por milhares de anos e que não poderia ser assassinado por mãos mortais. A família Mallicos era uma das que governavam Norbane e que não aceitaram se submeter, exigindo que a cidade se mantivesse firme contra o Lorde Feiticeiro. A palavra de Keltset tinha muito peso por causa do Irix Negro. O Lorde Feiticeiro fez com que toda a família fosse dizimada, exceto Keltset, a quem trouxe para sua fortaleza. A história dos saqueadores anões foi um engodo para inflamar o ódio dos trolls que se juntaram à invasão. Mas Keltset conseguiu escapar antes de ser levado para a prisão, vagando para o sul até que eu o encontrasse. O Lorde Feiticeiro ordenou que sua voz fosse apagada para impedir que se comunicasse com outros seres, mas ele aprendeu a linguagem de sinais. E esperou uma oportunidade de voltar para as Terras do Norte...

Um dos juízes o interrompeu de repente e Panamon parou por um momento.

— O juiz perguntou por que ele voltara agora. Nosso grande amigo disse, então, que descobriu que Brona tem muito medo da Espada de Shannara pois soube da lenda que um filho da casa dos elfos iria aparecer para pegar a espada...

A voz de Panamon sumiu abruptamente enquanto o intérprete se virava para Keltset. Pela primeira vez, o troll encarou Shea, os olhos estranhamente gentis fixos no jovem. Um arrepio percorreu Shea. Seu enorme companheiro gesticulou para os juízes. Panamon hesitou e depois continuou, em voz baixa:

— Ele diz que devem ir com ele até o Reino da Caveira, e, uma vez dentro da Fortaleza, você, Shea, irá destruir o Lorde Feiticeiro!

Capítulo XXXI

Palance Buckhannah morreu ao amanhecer. Sua morte chegou em silêncio, quase inesperadamente, enquanto os primeiros raios dourados do sol começavam a surgir na escuridão do horizonte. Morreu sem recobrar a consciência. Quando avisaram a Balinor, ele simplesmente acenou com a cabeça e virou-se. Os amigos ficaram com ele por um momento até Hendel silenciosamente indicar que deveriam deixá-lo. No corredor, reuniram-se e falaram em voz baixa. Balinor era o último dos Buckhannahs. Se morresse na batalha que se aproximava, a família iria sumir da terra. Apenas a história se lembraria deles.

Na mesma hora, o ataque a Tyrsis começava. Também chegou em silêncio, nascendo com a morte da noite. Enquanto os soldados da Legião da Fronteira espionavam a planície cinzenta abaixo das muralhas da grande cidade, a luz do sol que se erguia lentamente revelou o imenso exército das Terras do Norte espalhado por todo o lugar, até o distante Mermidon, suas formações cuidadosamente alinhadas dando ao verde-escuro da pradaria uma aparência de tabuleiro. Em um minuto, o vasto exército estava ali sem fazer barulho, parado na planície, sombras da noite transformadas pela alvorada em figuras de carne e osso, ferro e pedra; no minuto seguinte, começaram a avançar contra os defensores tyrsianos. O silêncio se quebrou com o súbito ressoar dos tambores de guerra dos gnomos, a batida grave e pulsante soando como um augúrio contra as muralhas de pedra de Tyrsis.

Os nortistas avançavam devagar, com firmeza, as batidas dos tambores sincronizadas com as batidas de pés calçados em marcha; metal batendo agudamente contra metal enquanto armas e armaduras se preparavam para o ataque. Vinham sem voz, aos milhares, figuras sem rosto em armaduras, na penumbra da manhã. Grandes rampas feitas de madeira presa com ferro estalavam alto ao serem empurradas e puxadas em rodas cobertas de metal à meia luz, caminhos móveis para as alturas do penhasco fortificado.

Os segundos se passavam enquanto a poderosa força de ataque movia-se até uma distância de cem metros da Legião que esperava; os tambores mantinham seu ritmo sem pressa. A borda do sol ficou visível a leste e, à noite, desapareceu completamente no oeste. Os tambores pararam de repente e o exército espalhado parou junto. Por um instante, houve um profundo silêncio, suspenso no ar da manhã em uma hesitação temerosa. Um rugido ensurdecedor saiu das gargantas dos habitantes das Terras do Norte; em uma grande maré, o colosso atacou, onda após onda, correndo para abordar os homens da Legião da Fronteira.

Do outro lado dos portões fechados da Muralha Externa, Balinor observava o impressionante ataque, seu rosto largo estava frio e impassível. Sua voz demonstrava calma e firmeza quando falou brevemente para seus mensageiros, mandando um deles encontrar Acton e Fandwick no flanco esquerdo e outro, Messaline e Ginnisson no direito. No mesmo instante, seus olhos se voltaram para o terrível espetáculo além dos baluartes, enquanto o ataque selvagem se aproximava. Atrás das defesas construídas apressadamente, os arqueiros e lanceiros da Legião esperavam, pacientes, por seu comando. Balinor sabia que eles poderiam quebrar até mesmo aquele ataque poderoso da posição defensiva onde estavam, mas primeiro precisavam destruir as cinco amplas rampas que rolavam devagar até a base do penhasco. Havia corretamente antecipado que iriam usar algo assim para escalar o platô e seus baluartes abaixo, assim como o inimigo previra que destruiria a rampa da cidade. A vanguarda dos nortistas estava a cinquenta pés do penhasco e o novo Rei de Callahorn observava e esperava.

Abruptamente, o chão se abriu sob os pés dos inimigos e grandes buracos surgiram; os atacantes caíram gritando no círculo de fossos camuflados por toda a base do platô. Duas das monstruosas rampas tropeçaram nas aberturas, as rodas se soltando e a madeira estilhaçando-se. A primeira onda de ataque hesitou. De cima dos baluartes, os arqueiros da Legião ergueram-se com o esperado sinal de Balinor para atirarem nas fileiras do inimigo subitamente confuso. Os mortos e feridos caíram indefesos ao chão e foram esmagados debaixo da segunda onda de ataque contínuo, que tentava alcançar a Legião entrincheirada.

Três das grandes rampas evitaram os buracos e continuavam a rolar desimpedidas na direção dos baluartes. Os arqueiros prontamente soltaram

uma nuvem de flechas de fogo na superfície de madeira das rampas, porém dezenas de pequenos corpos amarelos subiram na madeira em chamas para diminuir o fogo. Os arqueiros gnomos também já estavam em posição; por vários minutos, um fluxo concentrado de flechas voou pelas fileiras dos dois lados. Os gnomos completamente expostos, que rastejavam pelas rampas, foram feitos em pedaços. Em toda parte, homens caíam gritando de dor enquanto os projéteis mortíferos encontravam os alvos. Os feridos da Legião estavam protegidos de outros ferimentos pelos baluartes e poderiam receber tratamento médico. Mas os nortistas caídos ficavam indefesos e desprotegidos no campo aberto, e centenas morreram antes de serem levados para um lugar seguro.

As três rampas remanescentes ainda rolavam na direção da base do platô fortificado, apesar de uma delas arder em chamas, grandes nuvens de fumaça esvoaçante obscurecendo a visão de todos que passavam a centenas de metros. Quando as duas rampas que sobraram estavam a vinte metros dos baluartes, Balinor sinalizou para usarem a última defesa. Imensos caldeirões foram erguidos até o alto das defesas sulistas e seu conteúdo jogado na planície abaixo, no caminho das rampas. Antes que os atacantes tivessem tempo de virar em qualquer direção, tochas foram arremessadas no meio do óleo que se espalhava e a área toda sumiu em uma massa de fogo e densa fumaça preta.

O ataque inimigo se separou enquanto as sucessivas ondas de atacantes hesitavam com medo ante a muralha de chamas que os confrontava. As linhas de vanguarda do inimigo foram queimadas vivas e apenas uns poucos conseguiram escapar da carnificina na base das defesas da Legião. O vento soprava a fumaça escura pelas planícies na direção oeste; por algum tempo, o centro e o flanco esquerdo dos dois grandes exércitos perderam contato visual um com outro e com os feridos e agonizantes que estavam caídos no meio da fumaça.

Na hora, Balinor viu sua chance. Um contra-ataque repentino iria acabar com o assalto completamente e afugentar o exército das Terras do Norte. De pé, sinalizou para Janus Senpre no topo da Muralha, que fora deixado no comando da guarnição da cidade. Imediatamente, os imensos portões envoltos em ferro se abriram e o regimento montado da Legião da Fronteira, armado com espadas curtas e longas lanças, as cores do leopardo voando

sobre eles, galoparam para a beira do penhasco, dobrando bruscamente para a esquerda, para seguir o caminho aberto ao longo da muralha. Em instantes, chegaram ao flanco esquerdo da linha defensiva da Legião, onde Acton e Fandwick tinham o comando dos homens entrincheirados. Uma rampa portátil foi baixada apressadamente da beira do penhasco, e os cavaleiros da Legião, liderados por Acton, desceram estrondosamente e foram para a esquerda em um círculo amplo.

As instruções de Balinor diziam que o célebre regimento deveria passar ao largo da muralha de fumaça e lançar um ataque contínuo no flanco direito do inimigo. Enquanto os nortistas se virassem para enfrentar esse contra-ataque, Balinor traria um regimento de infantaria para golpear a frente exposta, fazendo o inimigo recuar de volta para o Mermidon. Se o contra-ataque falhasse, os dois comandos deveriam voltar imediatamente para a proteção da fumaça e subir pelas rampas. Era uma aposta arriscada. Os nortistas excediam a Legião na proporção de pelo menos vinte para um, e se os tyrsianos fossem interrompidos, seriam dizimados.

Pequenos comandos de infantaria da Legião já tinham descido a rampa móvel no flanco esquerdo e ensaiavam um breve contra-ataque nas linhas inimigas como medida defensiva para proteger o único elo do regimento montado com a cidade sitiada. Por enquanto, o inimigo parecia ter desaparecido no flanco esquerdo, totalmente obscurecido pela fumaça que era soprada em nuvens ofuscantes das rampas que queimavam no meio da linha defensiva.

No flanco defensivo direito, a luta era feroz. Apenas uma leve neblina de fumaça e poeira obscurecia a visão dos exércitos naquele ponto, e o assalto dos nortistas continuava. Os arqueiros da Legião entrincheirada haviam dizimado a primeira onda de atacantes, mas a segunda alcançara a base do penhasco e estava tentando ganhar altura ao subir com a ajuda de escadas rudemente fabricadas. Linhas de gnomos arqueiros atiravam centenas de flechas nos baluartes baixos, tentando manter os defensores presos tempo suficiente para permitir que os escaladores expostos conseguissem passar sobre as defesas tyrsianas. Os arqueiros da Legião atiravam fogo enquanto seus companheiros usavam suas lanças com ponta de ferro na beira das defesas para empurrar os assaltantes para longe.

Era uma longa e sangrenta batalha durante a qual nenhum lado descansava. Em um momento, um bando particularmente selvagem de trolls quebrou as defesas da Legião e correu para o espaço aberto. Uma batalha feroz se espalhou por pouco tempo enquanto o corpulento comandante Ginnisson, o rosto tão vermelho quanto seu longo cabelo, reunia seus soldados para resistirem aos grandes trolls; em um combate corpo a corpo, os legionários mataram o pequeno bando de atacantes e fecharam a brecha.

No topo da Muralha Externa, quatro velhos amigos estavam em silêncio com Janus Senpre, observando o terrível espetáculo abaixo. Hendel, Menion Leah, Durin e Dayel foram deixados na cidade, tendo sido designados para observar o progresso da batalha e ajudar Balinor a coordenar os movimentos da Legião. As nuvens de fumaça rodopiantes obscureciam totalmente a visão dos movimentos do regimento montado, e apenas os que estivessem no topo das muralhas da cidade poderiam aconselhá-lo do progresso dos cavaleiros para que pudesse lançar o próprio assalto do centro da linha defensiva no momento certo. O Rei confiava especialmente na opinião de Hendel, pois o anão taciturno lutava havia quase trinta anos nas guerras da fronteira de Anar.

O caçador grisalho, o sulista e os irmãos elfos observavam ansiosamente o panorama que se espalhava nas planícies abaixo. No flanco defensivo direito, onde a luta estava mais pesada, os nortistas continuavam a bater na Legião entrincheirada, lutando para escalar a face do penhasco. A Legião aguentava, mas precisava dar tudo de si para rechaçar o ataque feroz. A planície imediatamente abaixo dos portões da cidade, no centro do baluarte, estava obscurecida pelo óleo que queimava e pelas rampas de madeira que haviam se partido em massas de madeira em chamas. Nos limites de fumaça, os desorganizados nortistas tentavam, em vão, reunir suas linhas de ataque para renovarem o assalto. À esquerda, os cavaleiros da Legião saíram da proteção da fumaça e encontraram os primeiros sinais de resistência.

Um grande esquadrão da cavalaria gnômica fora estacionado no flanco direito dos atacantes como medida defensiva contra exatamente o tipo de manobra que estavam fazendo. Porém, os nortistas previram que haveria algum tipo de aviso antes do ataque e foram pegos desprevenidos. Os cavaleiros gnomos, mal treinados, foram logo espalhados pela Legião e o ataque no flanco exposto do exército inimigo começou de verdade. Indo em

movimento amplo para o norte, o famoso regimento abaixou as lanças em gancho e formou uma parede com três colunas de profundidade, atacando diretamente o centro do inimigo. Acton liderou seus soldados em uma investida precisa que cortou profundamente o flanco exposto e quase afugentou o lado mais à direita do exército das Terras do Norte. O pequeno grupo no topo da Muralha assistia enquanto o inimigo reajustava suas linhas para a direita para enfrentar esse novo ataque; quando fizeram isso, Hendel sinalizou na hora para Balinor. Uma segunda rampa foi baixada do centro das linhas defensivas e a figura alta de Messaline apareceu na frente de um segundo regimento de soldados da Legião, que desceram a pé até a planície coberta de fumaça. Uma retaguarda ficou estacionada no pé da rampa móvel, enquanto o segundo regimento desaparecia na fumaça escura. Balinor fechou suas linhas de defesa e rapidamente juntou-se aos seus amigos no topo da grande muralha para observar o que iria acontecer.

O contra-ataque fora executado com perfeição. Assim que o surpreso flanco direito do imenso exército se virou para encarar o iminente assalto do regimento montado da Legião da Fronteira, os soldados de infantaria comandados por Messaline atacaram, saindo da fumaça no centro da linha defensiva. Em uma falange firmemente unida, as lanças brilhando através de uma muralha de escudos alinhados, a altamente treinada Legião avançou para o meio dos inimigos confusos e despreparados. Como gado, os nortistas foram guiados para trás, muitos caindo a cada passo, mortos ou feridos. Os cavaleiros de Acton continuaram a pressionar pela esquerda. A ala direita inteira da linha inimiga entrou em colapso e os gritos de terror ficaram tão estridentes que mesmo o assalto feroz no lado direito dos defensores diminuiu por um momento, enquanto os nortistas estupefatos olhavam para o oeste, tentando, inutilmente, descobrir o que aconteceria. Do topo da Muralha Externa, Menion Leah observava, maravilhado.

— É incrível! A Legião realmente está conseguindo fazer com que recuem. Eles foram derrotados!

— Ainda não — Hendel sussurrou. — O verdadeiro teste começa em breve.

Os olhos do montanhês voltaram para a batalha. Os nortistas ainda recuavam com a força do ataque da Legião, mas havia algo acontecendo atrás das linhas do inimigo. O exército do Lorde Feiticeiro não seria

derrotado tão facilmente; o que lhe faltava em treinamento compensava em tamanho. Um vasto comando de gnomos montados já estava correndo na retaguarda dos soldados de infantaria, chamados para enfrentar o ataque dos cavaleiros da Legião. Os gnomos se reuniram ao norte dos cavaleiros de Acton; apoiados por várias linhas de arqueiros e atiradores de funda, correram para o ataque. De trás do centro do exército inimigo, um grande grupo de figuras altas e cobertas por armaduras se uniu em formação fechada como uma caixa. Avançavam por seu próprio exército na direção da infantaria da Legião. Por um momento, os homens do topo da Muralha observaram fazendo especulações, mas depois se sobressaltaram ao ver os guerreiros de armaduras começarem a abrir caminho com lanças e espadas através dos homens de seu próprio exército. Era o ato mais selvagem que Menion já testemunhara.

— Trolls de pedra! — Balinor exclamou. — Eles vão matar Messaline e seu comando. Sinalize a retirada, Janus.

Obediente, o mais novo de seus comandantes colocou uma bandeira vermelha em um cajado. Menion Leah observou com curiosidade. Parecia que a batalha estava quase ganha; mesmo assim, ele mandava que recuassem. O Rei percebeu e sorriu sombriamente com a pergunta não falada nos olhos do montanhês.

— Trolls de pedra são treinados para luta desde que nascem, é sua vida. Em combate corpo a corpo, são mais bem preparados do que os homens da Legião. Tiveram um melhor treinamento e são muito mais fortes. Não temos nada a ganhar se pressionarmos mais. Já os ferimos bastante e ainda mantivemos o penhasco. Se quisermos derrotá-los, precisamos quebrar sua força pedaço por pedaço.

Menion assentiu, compreendendo. Com um breve aceno, Balinor deixou a amurada para voltar ao comando. Sua principal preocupação consistia em proteger o caminho de retirada de seus dois regimentos; isso significava defender com sucesso as rampas móveis, o único elo entre os soldados e a cidade. O montanhês o observou desaparecer de vista; depois, voltou-se para a muralha. A carnificina na planície abaixo era assustadora. Os corpos de homens mortos e feridos se espalhavam da face do penhasco até a retaguarda do exército do norte. Era o pior massacre que qualquer um do grupo já vira; observavam sem palavras enquanto a terrível luta continuava.

Ao longe, os soldados da Legião sob o comando de Messaline começaram a bater em retirada, organizando-se de volta as defesas da cidade, porém os trolls estavam quase conseguindo forçar seu caminho através da vanguarda do próprio exército e se preparavam para perseguir os odiados tyrsianos. Enquanto os soldados de infantaria se retiravam sem encontrar oposição, o regimento montado encontrara uma resistência inesperada nos gnomos montados. As duas forças estavam engajadas em uma batalha feroz à esquerda dos trolls. Acton aparentemente estava incapaz ou sem vontade de se separar dos insistentes atacantes; seus cavaleiros, sujeitos ao fogo cruzado de uma linha dupla de arqueiros gnomos posicionada diretamente ao norte. Um grupo de gnomos e trolls abriu caminho atrás dos cavaleiros e Acton estava preso por três lados.

Hendel começou a resmungar, zangado, para si mesmo. Pela primeira vez, Menion ficou preocupado. Até Janus Senpre passou a percorrer a passagem de um lado para outro, nervoso. Seus piores medos se realizaram um momento depois. Os perseguidores trolls, descansados para a perseguição, avançaram tão depressa que os homens de Tyrsis que recuavam, cansados pelo contra-ataque, foram incapazes de alcançar a segurança do penhasco. A quase cem metros da rampa que os esperava, viraram-se para lutar. A fumaça ondulante dos fogos espalhados subia como uma muralha preta frente aos baluartes baixos, tampando completamente a visão de Balinor enquanto esperava diante dos portões; entretanto aquela reviravolta inesperada estava visível para os homens horrorizados que observavam em cima da muralha.

— Eu preciso avisar Balinor! — Hendel exclamou abruptamente, deixando sua posição no parapeito. — Aquele comando inteiro vai ser retalhado!

Janus Senpre foi com ele, mas Menion e os dois elfos continuaram a observar, desamparados, incapazes de desviar os olhos enquanto os gigantescos trolls de pedra atacavam os homens cansados de Messaline. Os soldados da Legião se fecharam com os escudos unidos e as lanças estendidas, as varas apoiadas na terra para o impacto. Os trolls também haviam entrado em formação de falange, mais ampla do que longa, com a clara intenção de se aproximar dos sulistas pelos três lados e quebrar sua defesa com força bruta. Menion olhou rapidamente por cima da muralha,

mas Balinor não se movera, ainda sem saber que um regimento inteiro da famosa Legião estava prestes a ser aniquilado. No momento em que o montanhês desviou os olhos de volta para a planície, viu Hendel e Janus alcançarem o homem alto, gesticulando loucamente. *Não vai dar tempo*, Menion gritou para si mesmo. Iam chegar tarde demais.

Porém, algo estranho aconteceu. O comando inteiro de Acton, que o grupo na muralha deixara de lado momentaneamente, afastou-se dos gnomos a cavalo de maneira abrupta e perfeita, em um arco a leste e atrás dos trolls. Em máxima velocidade, os cavaleiros passaram pelos gnomos que impediam seu caminho. Ignorando a chuva de flechas que vinha dos raivosos arqueiros inimigos, correram diretamente para os trolls. Lanças abaixadas, o regimento atacou a vanguarda da falange troll com um movimento de corte, continuando sua varredura para o leste através da planície. Os guerreiros gigantescos foram pegos de surpresa e dezenas caíram ao chão quando as lanças os feriram.

Todavia, aqueles eram os melhores combatentes do mundo e se recuperaram logo, fechando suas fileiras e voltando-se para enfrentar a nova ameaça. Enquanto os cavaleiros de Acton avançavam mais uma vez para o oeste, cavalgando em alta velocidade, cortando a retaguarda da falange troll de novo, os nortistas atacaram cruelmente com maçãs e lanças. Mais de uma dúzia de cavaleiros caiu sem vida; um número equivalente permaneceu ferido em suas selas enquanto o regimento virava para o leste e depois bruscamente para o sul, para a segurança de Tyrsis.

Acton tinha conseguido o que queria; sua distração tinha permitido ao regimento cercado de Messaline fazer um recuo para a fumaça. Foi uma manobra brilhantemente executada e quem lhe assistiu no cimo da Muralha Externa gritou de admiração.

Apesar de perseguidos pela vanguarda de trolls furiosos, os soldados de infantaria da Legião conseguiram escapar para a fumaça, e a maioria, com a ajuda de Balinor no comando de um esquadrão, conseguira chegar à segurança da rampa. Uma escaramuça aconteceu no pé do penhasco enquanto o regimento lutava para recolher a rampa móvel antes que o inimigo conseguisse capturá-la. No final, foi apenas solta dos baluartes e jogada na planície abaixo, onde ficou intacta por poucos segundos antes dos tyrsianos a incendiarem, destruindo-a.

No flanco defensivo esquerdo, a retaguarda em posição lutou bravamente para assegurar a outra rampa, enquanto o comando de Acton corria de novo dentro do alcance dos arqueiros inimigos; mais homens morreram. Era uma batalha corrida em todo o caminho e em um ponto os cavaleiros tiveram de investir no centro de uma linha de espadachins que corriam para interromper sua fuga. Mas, enfim, os cavaleiros exaustos alcançaram o refúgio do penhasco, galopando rampa acima sem diminuir e indo direto para os portões abertos da cidade, onde foram saudados por grupos de soldados e civis. Quando o último alcançou o alto, a retaguarda rapidamente recuou suas defesas e subiu a rampa.

Já era meio-dia, e o calor do sol pairava como um cobertor úmido sobre os homens dos dois exércitos. Com relutância, o exército das Terras do Norte recuou da batalha para se reagrupar, arrastando as centenas de mortos e feridos. A fumaça do óleo queimado permanecia, formando em uma neblina imóvel sobre as planícies estranhamente silenciosas, enquanto o vento matinal se enfraquecia.

O chão abaixo do penhasco estava coberto com os corpos queimados dos mortos, e pequenos focos ainda ardiam insistentes, enquanto as grandes toras das rampas estilhaçadas viravam cinzas aos poucos. Um cheiro ruim começou a subir do terrível campo de batalha, e aves carniceiras, voando e rastejando, apareceram com gritos agudos e vorazes para o banquete. Através da terra ferida, os dois exércitos se encaravam com ódio evidente, cansados e com dor, mas ansiosos para retomar a matança que lhes fora confiada. Por várias horas, a região, antes verde, ficou vazia debaixo do céu azul e sem nuvens, enquanto sua superfície machucada secava no calor do sol do verão. Para quem deixou a razão de lado e se encheu de esperanças, parecia que o ataque terminara, que a destruição acabara. Pensamentos voltaram a ser sobre a família e amigos; não mais sobre morte e sobrevivência.

Então, no final da tarde, o exército das Terras do Norte atacou novamente. Linhas de arqueiros gnomos fizeram chover sobre os baluartes e o penhasco do outro lado uma rajada sem fim de flechas, grandes grupos de espadachins trolls e gnomos faziam investidas súbitas contra as defesas das Terras do Sul, tentando em vão descobrir um ponto fraco. Rampas, escadas de escalada e ganchos com cordas; tudo foi tentado para criar uma brecha nas fileiras da

Legião, mas em todas as vezes os atacantes foram repelidos. Era um ataque desgastante, planejado para cansar e desencorajar os homens de Tyrsis. O longo dia morria lentamente no crepúsculo, e a batalha ainda continuava. Terminou em escuridão e tragédia para a Legião da Fronteira. Enquanto o anoitecer caía sobre a terra ensanguentada, os exaustos inimigos lançaram uma saraivada de lanças e flechas dos dois lados pelo vazio nebuloso através do qual mal podiam enxergar. Uma flecha perdida atingiu Acton no pescoço, enquanto o comandante da cavalaria da Legião retornava de seu comando no flanco esquerdo, derrubando o grande guerreiro de sua montaria para os braços de seus soldados, onde morreu pouco depois.

O reino do Lorde Feiticeiro era a região mais desolada e perigosa do mundo conhecido — um círculo árido e sem vida de armadilhas mortais. A tenra e vital mão da natureza havia muito fora expulsa daquele ingrato domínio de escuridão; a pouca vida que restara ficava em silêncio. Sua fronteira leste atolava-se na escuridão e no mau cheiro do vasto Pântano de Malg, um lodaçal amplo e lúgubre que nenhuma criatura viva jamais conseguira atravessar. Sob as águas rasas, nas quais flutuavam manchas soltas de plantas sem cor, que nasciam e morriam em um dia, o solo virara lama e areia movediça, e tudo o que chegava ao seu alcance era logo sugado e desaparecia. Diziam que o Malg não tinha fundo e, mesmo que espalhados em sua grande extensão, pequenos pedaços de terra sólida e grandes esqueletos de árvores agonizantes ainda podiam ser vistos, embora estivessem desaparecendo aos poucos.

No recanto mais ao norte, estendendo para o oeste do Malg, havia uma série de montanhas baixas chamadas apropriadamente de Navalhas. Não havia passagens por essas montanhas; suas encostas amplas eram placas de pedra escarpadas que sobressaíam da terra como se tivessem sido empurradas das profundezas da terra. Um alpinista experiente e determinado podia até achar que as Navalhas eram escaláveis — um ou dois haviam tentado —, não fosse a espécie particularmente venenosa de aranhas que habitava em grandes números aquelas montanhas áridas. Os ossos brancos dos mortos, espalhados em pequenas manchas entre as rochas escuras, eram testemunhas de sua presença incontornável.

Havia uma ruptura naquele círculo mortífero onde as Navalhas formavam colinas na ponta noroeste do reino, e por mais de oito quilômetros ao sul a região era de passagem fácil, abrindo-se no centro do círculo de barreiras. Não havia nenhuma proteção natural contra intrusos, mas aquela pequena porta de entrada para o interior do reino também era a escolha óbvia; assim era o início da armadilha onde o Lorde e Mestre esperava o incauto. Olhos e ouvidos que respondiam somente a seu comando guardavam a estreita tira de terra cuidadosamente. O círculo podia ser fechado na hora. Logo abaixo das colinas, um descampado vasto e árido chamado Deserto Kierlak corria para o sul por quase oitenta quilômetros. Um vapor pesado e venenoso pairava invisível sobre a planície coberta de areia, atraído das águas do Rio Lethe, um curso d'água venenoso que corria preguiçosamente até o vazio feroz do sul e se esvaziava em um pequeno lago em seu interior. Mesmo pássaros que se arriscassem a voar perto demais da neblina pereciam em segundos. Criaturas que morressem na terrível fornalha de areia e ar venenoso apodreciam em poucas horas e viravam pó, nada restando para mostrar que haviam passado por ali.

Porém, a mais formidável barreira de todas estendia-se ameaçadoramente pela fronteira ao sul daquele domínio, começando na ponta sudeste do Deserto Kierlak e correndo para o oeste até a borda pantanosa do Malg. A Lâmina da Faca. Como grandes lanças de pedra, espetadas na terra dura por algum gigante monstruoso, aquelas montanhas erguiam-se a centenas de metros. Não tinham a aparência de montanhas, mas de uma série de picos impressionantes sobressaindo-se em linhas irregulares que bloqueavam o horizonte como dedos dolorosamente esticados. Em sua base, corriam as águas venenosas do Rio Lethe, que tinha origem no Malg e seguia para o oeste na base da grande barreira de pedra para desaparecer nos vapores do Deserto Kierlak. Apenas alguém movido por inexplicável loucura tentaria escalar a Lâmina da Faca.

Havia uma passagem naquela barreira, um pequeno desfiladeiro sinuoso que dava em uma série de colinas escarpadas que corriam várias centenas de metros até a base — uma única e ameaçadoramente solitária montanha que ficava logo nos limites ao sul do círculo. A superfície marcada da montanha estava quebrada e gasta pelo tempo e pelos elementos, dando à face sul uma aparência desafiadora. Mesmo ao exame mais distraído, qualquer um ficaria

espantado com a semelhança que o lado sul tinha com uma caveira humana, despida de carne e vida, o topo redondo e brilhante sobre as órbitas vazias dos olhos, as bochechas afundadas, a mandíbula uma linha torta de dentes e ossos. Aquele era o lar do Lorde e Mestre. Aquele era o reino de Brona, o Lorde Feiticeiro. Em todo lugar se via a figura da caveira, a indelével marca da morte.

Era o meio do dia, mas o tempo parecia estar suspenso; a vasta e desgastada Fortaleza, envolvida em uma calmaria pouco habitual. O cinza familiar bloqueava o sol e o céu, e o terreno amarronzado de pedra e terra não possuía vida. Mesmo assim, havia algo a mais no ar naquele dia, cortando através do silêncio e do vazio até a carne e o sangue dos homens na fila sinuosa que passava pelo único portão. Era uma sensação de urgência suspensa sobre a face árida do reino do Lorde Feiticeiro, como se os eventos por acontecer tivessem corrido pelo tempo rápido demais, e unidos em antecipação, esperavam seu momento.

Os trolls caminhavam com cuidado através do desfiladeiro, os corpos grandes parecendo menores ante a altura dos picos, como se fossem formigas perto da rocha atemporal. Entraram no reino dos mortos da forma como crianças entram em um quarto escuro e desconhecido, assustados e hesitantes por dentro, mas mesmo assim determinados a ver o que havia do outro lado. Marcharam sem oposição, apesar de terem sido vistos. Eram esperados. Sua aparição não era uma surpresa e entravam sem serem ameaçados pelos servidores do Mestre. Os rostos impassíveis disfarçavam suas verdadeiras intenções, ou jamais teriam passado pela margem sul do Rio Lethe, pois entre eles estava o último de uma linhagem que o Rei dos Espíritos pensara ter destruído, o último filho da casa élfica de Shannara.

Shea caminhava logo atrás da forma ampla de Keltset, suas mãos aparentemente amarradas às costas. Panamon Creel vinha atrás, preso do mesmo jeito, os olhos cinzentos e perigosos observando atentamente as grandes muralhas de pedra nos dois lados da fila. O engodo funcionara com perfeição. Como cativos dos trolls de pedra, os dois sulistas haviam caminhado até a margem do Lethe, o rio lento e vil que flanqueava a fronteira sul do Reino da Caveira. Os trolls e seus prisioneiros silenciosos entraram em uma jangada larga de madeira e espetos de ferro, cujo capitão mudo era uma criatura curvada e coberta por um capuz que parecia mais

um animal do que um ser humano, seu rosto escondido nas dobras do manto embolorado, suas mãos recurvadas e cobertas de escamas visíveis enquanto apertavam com força o leme retorcido e guiava a velha embarcação pelas águas tépidas e venenosas. Os passageiros inquietos ficavam com cada vez mais asco pela presença do piloto e ficaram claramente aliviados quando, após enfim permitir que desembarcassem na outra margem, desapareceu com sua barca na neblina acima das águas escuras do rio.

A parte baixa das Terras do Norte estava totalmente fora da vista deles, o cinza espalhado de uma forma tão densa no ar seco e parado que nada além do rio era visível. Em contraste, os penhascos escuros da Lâmina da Faca erguiam-se à frente, os grandes dedos de pedra tocando a neblina na luz fraca do meio-dia no norte. O grupo passou sem falar nada pelo corredor que dividia os picos, entrando ainda mais no domínio do Lorde Feiticeiro.

O Lorde Feiticeiro. De algum jeito, Shea sentia como se soubesse desde o princípio, desde o dia em que Allanon contara sobre sua incrível linhagem, que iria acontecer daquele jeito, que as circunstâncias exigiriam que enfrentassem aquela criatura assombrosa que tentava tão desesperadamente matá-lo. Tempo e acontecimentos uniram-se em um único instante: um lampejo de memórias confusas dos longos dias em fuga, correndo para ficar vivo, correndo na direção desse confronto assustador. O momento estava se aproximando e ele o encararia praticamente sozinho na terra mais selvagem do mundo conhecido, seus amigos mais antigos e confiáveis espalhados, seus únicos companheiros sendo um grupo de trolls, um ladrão e um gigante vingativo e enigmático. O último convencera o tribunal a colocar um grupo de trolls guerreiros sob seu comando; obedeceram não por acreditarem que o jovem insignificante que o acompanhava tivesse mesmo o poder para destruir o imortal Brona, mas por seu enorme compatriota ter um dos honrados Irix Negro.

Os três juízes também revelaram o destino de Orl Fane. Os trolls haviam capturado o pequeno fugitivo uma hora antes de seus perseguidores terem sido capturados também e o levaram sob escolta até o acampamento. O tribunal dos maturens logo concluiu que o gnomo estava completamente louco. Ele balbuciou insanamente sobre segredos e tesouros, seu rosto amarelo contorcido em um sorriso horrível e permanente. Às vezes, parecia

falando com o ar, passando a mão nos braços e pernas como se coisas vivas estivessem ali. Seu único elo com a realidade parecia ser a antiga espada, sua única posse, a qual se agarrava tão violentamente que seus captores não a conseguiram tirar dele. Permitiram que ficasse com o pedaço de metal sem valor, amarrando suas mãos amarelas em sua bainha enferrujada. Uma hora depois, fora levado para o norte, para o calabouço do Lorde Feiticeiro.

O desfiladeiro corria perigoso entre os picos da Lâmina da Faca, às vezes diminuindo de uma trilha ampla até pouco mais do que uma brecha entre as rochas. Os trolls corpulentos se arrastavam pela passagem retorcida sem descansar. Alguns já tinham estado ali antes e lideravam os demais em um ritmo cansativo e firme. Velocidade era essencial. Se demorassem muito, o Rei dos Espíritos iria saber que Orl Fane e a espada antiga que nunca largava estavam trancados em seu próprio calabouço.

Shea tremeu ao pensar nessa possibilidade. Podia já ter acontecido — podiam estar andando diretamente para a própria execução. Na longa jornada que começou em Culhaven, o Lorde Feiticeiro parecia saber de cada movimento que faziam, estava sempre esperando por eles. Era loucura, um risco terrível. E mesmo que conseguissem, mesmo que Shea finalmente segurasse a Espada de Shannara... E então? Shea riu internamente. Conseguiria encarar o Lorde Feiticeiro sem Allanon ao seu lado, sem ter ideia de como ativar o poder escondido no talismã? Ninguém jamais saberia que tivera a espada.

O jovem não sabia o que os outros pretendiam, mas já se decidira que, se por algum milagre conseguisse pôr as mãos na arma, correria para se salvar. Os outros podiam fazer o que quisessem. Ele tinha certeza que Panamon Creel teria aprovado o plano, mas os dois mal tinham trocado dez palavras desde que a viagem para o Reino da Caveira começara. Shea sentia que pela primeira vez na vida, repleta de escapadas por um triz e fugas de arrepiar os cabelos, o ladrão escarlata estava assustado. Mas tinha ido com Keltset e Shea, porque eram seus únicos amigos, porque seu orgulho não permitiria outra coisa. Seu instinto mais básico era o de sobreviver a todo o custo, mas ele não se permitiria ser envergonhado mesmo ao custo de sua vida.

Os motivos de Keltset para essa empreitada perigosa eram menos aparentes. Shea pensou que entendia por que o troll insistira em recuperar a Espada de Shannara, e era por muito mais do que uma simples vingança

pelo assassinato da sua família. Havia algo em Keltset que lembrava Shea de Balinor, uma confiança tranquila dando-lhe a força de que precisava. Shea sentiu isso quando Keltset indicara que precisavam ir atrás de Orl Fane e da espada. Aqueles olhos gentis e inteligentes disseram ao jovem que acreditava nele, e embora Shea não conseguisse explicar em termos racionais, sabia que precisava ir com o amigo gigante. Se fossem embora, depois das longas semanas procurando a Espada de Shannara, estaria traindo a si mesmo e a seus amigos.

As paredes dos penhascos dos lados sumiram abruptamente e o desfiladeiro deu lugar a um vale irregular que parecia uma ampla depressão no interior escarpado do Reino da Caveira, sua superfície árida e seca, a terra quebrada por colinas rochosas e leitos de rios secos. O grupo parou em silêncio, cada par de olhos atraído involuntariamente para a montanha solitária no centro do pequeno vale. A face sul os encarava sem ver por duas imensas aberturas que lembravam os olhos de uma caveira. O rosto devastado esperou por seu Mestre com antecipação eterna. Parado na boca do vale, Shea sentiu os pelos da nuca se arrepiarem e um calafrio repentino passar pelo seu corpo.

Várias criaturas deformadas saíram das rochas nos dois lados, andando pesadamente, os corpos grandes e sombrios como aquela terra, os rostos praticamente sem expressão. Um dia podiam ter sido humanos, porém não eram mais. Ficavam de pé em duas pernas e dois braços balançavam ao lado do corpo, mas a semelhança acabava aí. Sua pele tinha textura de pasta de gesso, quase uma borracha; moviam-se como se não pensassem. Como aparições saídas de algum pesadelo, as estranhas criaturas cercaram os trolls, encarando-os como se quisessem se certificar que tipo de seres viera até eles. Keltset virou-se levemente e sinalizou para Panamon Creel.

— Os trolls os chamam de mutens — o aventureiro sussurrou em voz baixa. — Fique calmo. Lembre-se de que você é um prisioneiro. Fique tranquilo.

Um dos seres deformados falou em tons ríspidos com os trolls da frente, gesticulando brevemente para os dois homens amarrados. Houve uma rápida conversa e um dos trolls disse algo para Keltset, que imediatamente acenou para que Shea e Panamon o seguissem. O trio se afastou do grupo principal. Acompanhados por outros dois trolls, seguiram em silêncio um

dos mutens enquanto ele se virava e se movia um tanto incerto na direção da parede do penhasco à esquerda.

Shea olhou para trás e viu os trolls se espalhando à toa pelos dois lados da entrada do desfiladeiro. Os outros mutens não se moveram. Olhando para a frente mais uma vez, o jovem viu que a face do penhasco estava dividida por uma longa rachadura de vários metros e que essa abertura dava passagem para algum lugar. O pequeno grupo foi até a muralha de pedra, seus olhos tentando se adaptar à súbita escuridão. Houve uma pausa enquanto o guia pegava uma tocha na parede e a acendia, passando-a, distraído para um dos trolls antes de prosseguir. Aparentemente, seus olhos estavam acostumados à escuridão, pois continuou na frente.

O grupo passou por uma caverna úmida e malcheirosa que se dividia em várias outras passagens. De algum lugar adiante, Shea pensou ter ouvido sons fracos e arrepiantes de gritos soando várias e várias vezes como ecos nas paredes de pedra. Panamon xingou algo sob a luz da tocha, seu rosto amplo coberto de suor. O desatento e silencioso muten enveredou por uma passagem, e a luz fraca da abertura virou escuridão.

O eco persistente dos pés na rocha era o único som enquanto os homens seguiam pelo corredor escuro, seus olhos vagando pelas portas de ferro presas na pedra dos dois lados da passagem. Os gritos ainda soavam vagamente em seus ouvidos, mas já pareciam mais distantes. Não havia nenhum som humano vindo das celas por onde passavam. Finalmente, o guia parou na frente de uma das portas pesadas, gesticulando brevemente e falando nos mesmos tons guturais com os trolls. Ele se virou para continuar andando e deu um passo quando o troll mais à frente levantou sua maça de ferro, esmagando a grande cabeça da criatura. O muten caiu sem vida no chão da caverna. Keltset soltou as cordas que amarravam Panamon e Shea enquanto os outros dois trolls ficavam de guarda diante da cela. Quando seus amigos estavam livres, o imenso nortista foi até a porta de ferro e deslizou as travas. Agarrando as barras, puxou a porta antiga. Com um rangido agudo, a porta pesada se abriu.

— Agora nós vamos ver. — Panamon respirou fundo. Pegando a luz na mão de Keltset, entrou cuidadosamente na pequena cela, seus dois companheiros logo atrás.

Orl Fane estava sentado encolhido encostado na parede oposta, suas pernas magras presas em correntes no chão da cela, sua roupa rasgada e suja. Claramente não era mais a mesma criatura que capturaram dias antes na Planície de Strelenheim. Encarou os três semblantes sem se preocupar, seu rosto magro e amarelo fixo em um sorriso horrível enquanto balbuciava sem sentido para si mesmo. Seus olhos estavam estranhamente dilatados à luz da tocha e ele olhava ao redor enquanto falava, comportando-se como se tivesse outras pessoas naquela cela, criaturas invisíveis para todos, menos para ele.

Os dois homens e o troll observaram sua condição rapidamente, seus olhos indo para as mãos ossudas que ainda apertavam possessivamente a bainha gasta de metal e couro que guardava o fugidio objeto daquela longa perseguição. O punho antigo cintilava sob aquela luz, dando-lhes uma imagem sombria da mão erguida segurando uma tocha. Tinham encontrado a Espada de Shannara!

Por um momento ninguém se mexeu enquanto viam o gnomo enlouquecido mais de perto; seus olhos mostravam um lampejo de reconhecimento ao ver a ponta afiada brilhando no fim do braço de Panamon, que se erguia lentamente. O aventureiro se aproximou ameaçador e se colocou de modo a deixar o rosto em frente ao do gnomo.

— Eu vim pegar você, gnomo — disse.

Orl Fane pareceu passar por uma súbita transformação diante do som da voz de Panamon Creel e um berro assustador saiu de seus lábios enquanto lutava para recuar mais.

— Dê-me a espada, seu rato traiçoeiro! — o ladrão exigiu.

Sem esperar resposta, agarrou a arma, tentando arrancá-la das mãos surpreendentemente fortes do gnomo, aterrorizado. Mas mesmo com a morte o encarando, Orl Fane não conseguia desistir da preciosa espada. Sua voz ergueu-se em um grito, e, em fúria súbita, Panamon desceu o pedaço de ferro que era sua mão contra o crânio desprotegido do gnomo, que caiu inconsciente no chão.

— Todos esses dias perseguindo esse miserável! — Panamon gritou. Ele parou de repente e baixou a voz até um sussurro áspero. — Achei que teria ao menos o prazer de vê-lo morrer, mas... não vale a pena.

Descontente, colocou a mão no punho da espada, tencionando tirá-la da bainha, mas Keltset aproximou-se e colocou a mão em seu ombro. Ainda com raiva, o ladrão olhou friamente para trás e o troll apontou para Shea, que o observava, e os dois se afastaram.

A Espada de Shannara era de Shea por direito de nascença. Ele viera de tão longe, passando por tanta coisa, tudo por aquele momento — e percebia que estava com medo. Sentiu frio dentro de si enquanto olhava para a velha arma. Por um instante, pensou em recusar, sabendo que uma parte de si não podia aceitar a imensa responsabilidade que estavam pedindo que assumisse, uma responsabilidade que lhe fora imposta. Lembrou-se do terrível poder das Pedras Élficas. E o poder da Espada de Shannara? Na sua mente, vieram os rostos de Flick, Menion e dos outros que lutaram tanto para conseguir pegar a espada para ele. Se lhes virasse as costas, teria traído a confiança que lhe tinham depositado. Estaria lhes dizendo que tudo pelo que haviam passado por ele fora inútil. Viu novamente o rosto escuro e enigmático de Allanon, ralhando com ele por causa de seus ideais tolos, por se recusar a ver os homens como eram. Teria de responder a ele também e Allanon não ficaria satisfeito...

Rígido, foi até o caído Orl Fane e se inclinou sobre ele, seus dedos se fechando no metal frio do punho da arma, sentindo a imagem encravada da tocha em sua palma suada. Parou. Depois, lentamente, puxou a Espada de Shannara.

Capítulo XXXII

O segundo dia da batalha de Tyrsis testemunhou o mesmo massacre dos homens do exército das Terras do Norte que o primeiro. A gigantesca força de invasão atacou ao amanhecer, marchando na direção do penhasco em uma formação precisa ao rufar dos tambores de guerra dos gnomos, parando em silêncio a cem metros; então, com um berro ensurdecedor, o exército investiu precipitadamente na mesma luta para subir. Com o mesmo completo desinteresse por suas próprias vidas, os atacantes se jogavam em onda após onda contra as defesas externas da entrincheirada Legião da Fronteira. Vinham sem a ajuda das monstruosas rampas, pois não tiveram tempo de reconstruí-las, confiando em milhares de pequenas escadas e ganchos de escalada. Era uma competição feroz, impiedosa e amarga. Centenas de nortistas morreram nos primeiros minutos.

Com Acton morto, Balinor escolhera não arriscar uma segunda vez o comando montado da Legião contra-atacando o imenso exército inimigo. Em vez disso, decidiu se firmar na face do penhasco e manter sua posição o máximo possível. Óleo queimado e arqueiros da Legião retalharam a primeira onda de atacantes, mas, daquela vez, não se separaram e fugiram. Vinham em uma carga infinita, e, finalmente, conseguiram passar tanto pelas flechas quanto pelas chamas para alcançar a base do amplo platô onde escadas foram apoiadas no penhasco. O enxame de nortistas aos berros lutava para subir e a luta se reduziu ao combate corpo a corpo.

Por quase oito horas, os valentes defensores de Tyrsis repeliram um inimigo vinte vezes maior. Escadas e ganchos foram sistematicamente estilhaçados e cortados. Os nortistas eram empurrados assim que pisavam no platô; buracos momentâneos nas linhas de defesa se fechavam antes que uma brecha se formasse. Os atos de bravura dos membros da Legião foram numerosos demais. Lutaram contra todas as possibilidades e sem descanso, sem alívio, o tempo todo sabendo que não receberiam piedade do inimigo,

se falhassem. Por oito horas, o enraivecido exército das Terras do Norte lutou para passar pelo baluarte da Legião sem sucesso. Contudo, ao fim, uma brecha se abriu no flanco esquerdo da defesa. Com um grito áspero de vitória, o inimigo investiu.

Depois da morte de Acton, o velho Fandwick ficara sozinho no comando daquela seção de fileiras. Chamando suas reservas, já bem diminuídas, o comandante moveu-se para bloquear a investida dos nortistas. Uma batalha intensa e feroz se deu na brecha aberta por longos minutos, enquanto os determinados atacantes tentavam manter e aumentar a abertura recém-conquistada. Dezenas morreram dos dois lados, incluindo o valente Fandwick.

Balinor enviou mais reforços do meio da linha na tentativa de fechar a abertura e, depois de um tempo, conseguiu. Mas, logo em seguida, um segundo e um terceiro buraco se abriram no flanco esquerdo e o comando inteiro começou a vacilar e se romper. O Rei de Callahorn percebeu que seu exército não conseguiria mais manter as defesas externas e mandou uma mensagem para que seus comandantes comesçassem uma retirada ordenada. Convocando o despedaçado flanco esquerdo, reuniu suas defesas mais externas enquanto mantinha o inimigo longe; veloz, moveu o comando inteiro para a cidade.

Foi um momento amargo para os sulistas, que corriam para defender a grande Muralha Externa. No entanto, o inimigo não avançou para o ataque. Em vez disso, começou a desmontar os baluartes e movê-los para a frente, onde construíram a própria posição defensiva, fora do alcance dos arqueiros da Legião. Os exaustos soldados de Tyrsis observaram silenciosamente do topo das muralhas enquanto a tarde ensolarada se desvanecia aos poucos no crepúsculo, acima dos invasores atarefados. O acampamento dos nortistas se transportou para a pradaria abaixo da cidade e o exército começou a acender suas fogueiras enquanto a escuridão se fechava ao redor.

Nos últimos momentos de luz do dia, o inimigo revelou uma parte de seu plano para escalar as muralhas de Tyrsis: grandes rampas inclinadas foram apressadamente colocadas entre a planície e o penhasco, apoiadas por pedras e troncos sobre os vestígios das antigas passagens. Depois, três imensas torres de cerco saíram do crepúsculo, cada uma com a altura da Muralha Externa. As torres foram levadas e ancoradas para a retaguarda do

acampamento inimigo em pleno campo de visão da cidade. Era claramente uma peça de guerra psicológica para amedrontar a Legião da Fronteira.

Acima dos portões da cidade, Balinor observava impassível com seus comandantes e seus companheiros de Culhaven. Ele flertou um pouco com a ideia de um ataque noturno contra o acampamento inimigo com o propósito de queimar as torres, mas logo a descartou. Esperavam que tentasse algo assim, e os portões estariam sobre cuidadosa vigilância durante toda a noite. Além disso, assim que se aproximassem, não seria um problema incendiar aquelas torres com a mesma facilidade com que incendiaram as rampas móveis.

Balinor sacudiu a cabeça e franziu a testa. Tinha algo muito errado em todo o plano de ataque do exército das Terras do Norte, mas não conseguia descobrir o quê. Certamente tinham consciência de que as torres nunca conseguiriam romper a Muralha Externa. Deviam estar planejando outra coisa. Perguntou-se pela centésima vez se o exército élfico conseguiria alcançar a cidade cercada a tempo. Não acreditava que Eventine pudesse falhar com eles. Estava escuro e, depois de ordenar vigilância dobrada em todos os setores da muralha, chamou seus homens para jantarem com ele.

Escondidos em um bosque no topo de um penhasco baixo a vários quilômetros de Tyrsis, um pequeno bando de cavaleiros observava a carnificina da terrível batalha abaixo enquanto a noite caía. Viram em silêncio quando as imensas torres foram colocadas em posição na retaguarda do exército das Terras do Norte para o ataque de manhã na cidade murada.

— Devíamos mandar uma mensagem para ele — Jon Lin Sandor sussurrou. — Balinor ia gostar de saber que nosso exército está a caminho.

Flick olhou com expectativa para a figura cheia de bandagens de Eventine. Os olhos estranhos pareciam queimar enquanto estudava a cidade sitiada.

— Acredito que o exército esteja a caminho — o Rei Élfico murmurou. — Breen partiu há três dias. Se não voltar até amanhã, irei pessoalmente.

Seu amigo colocou a mão compreensivamente no ombro são do Rei.

— Você não está em condições de viajar, Eventine. Seu irmão não vai falhar. Balinor é um guerreiro experiente e, desde que foram construídas, as

muralhas de Tyrsis nunca foram rompidas por um invasor. A Legião vai aguentar.

Houve um momento longo de silêncio. Flick olhou novamente para a cidade escurecida e se perguntou se os amigos estariam bem. Menion devia estar dentro daquelas muralhas também. O montanhês não sabia o que acontecera com Flick, nem com Eventine, tampouco com o imprevisível Allanon, que, sem motivo aparente, desaparecera logo depois que o jovem do vale voltara com o grupo de busca dos elfos. Apesar de o Druida ter sido propositalmente vago em várias coisas desde que aparecera no Vale Sombrio, nunca partira sem dar uma explicação. Talvez tivesse falado com Eventine...

— A cidade está cercada e vigiada — a voz de Eventine surgiu na escuridão crescente. — Seria muito difícil passar pelas fileiras inimigas por tempo o bastante para mandar uma mensagem para Balinor. Mas você está certo, Jon Lin, ele precisa saber que não o esquecemos.

— Nós não temos uma força suficientemente grande para chegar até Tyrsis ou mesmo para atacar a retaguarda dos nortistas — seu amigo declarou, reflexivo. — Mas...

Ele olhou rapidamente para a imensa forma das torres vazias nas planícies.

— Um pequeno gesto — o Rei completou, significativamente.

Ainda não era meia-noite quando Balinor foi chamado às pressas para a torre de vigia acima dos portões. Momentos depois, ficou sem palavras, nas ameias, em companhia de Hendel, Menion, Durin e Dayel, olhando para baixo, onde o caos se espalhava pelo acampamento inimigo. Na retaguarda do vasto acampamento, o centro das três gigantescas torres de cerco ardia em chamas, iluminando a pradaria por quilômetros. Nortistas frenéticos corriam de maneira selvagem pelas toras das torres próximas, tentando desesperadamente impedir que o fogo se espalhasse. Era óbvio que o atacante fora pego de surpresa. Balinor olhou para os outros e sorriu. A ajuda não estava tão longe assim.

A manhã do terceiro dia chegou com uma calma pesada, que ficou suspensa como uma mortalha sobre a terra de Callahorn e sobre os exércitos

do norte e do sul. O ressoar poderoso dos tambores dos gnomos silenciara, assim como o bater abafado de botas marchando para a batalha e os gritos trovejantes de ataque. O sul surgiu em um vermelho forte no leste, o tom escuro espalhando-se pela noite que partia escorrendo como sangue. Uma neblina densa ocultava a face coberta de orvalho da terra. Havia uma completa ausência de som, de movimento. Nas muralhas de Tyrsis, os soldados da Legião da Fronteira esperavam nervosos, os olhos espiando a penumbra à procura de sinais do inimigo.

Balinor estava no comando da parte central da Muralha Externa. Ginnisson segurava à direita e Messaline à esquerda. Janus Senpre estava novamente no comando da guarnição da cidade e dos reforços. Menion, Hendel e os dois elfos estavam em silêncio ao lado de Balinor e tremiam com o frio do começo da manhã. Tinham descansado pouco, mas se sentiam estranhamente alertas e calmos. Aceitaram sua situação nas últimas quarenta e oito horas. Viram homens morrerem aos milhares, e as próprias vidas pareciam insignificantes se comparadas à terrível carnificina que envolvera aquela terra antiga e, ao mesmo tempo, muito preciosa. A pradaria abaixo da cidade fora dilacerada, a terra, manchada de sangue e coberta com morte. Não havia nada a esperar além do mesmo, até um exército ou o outro ser destruído. Os defensores de Tyrsis se esqueceram do propósito moral por baixo da palavra sobrevivência; a guerra se tornara um reflexo mecânico que servia como desculpa para os atos que os homens cometiam.

O vermelho do sol da manhã ficou mais forte e as formas de homens e cavalos apareceram enquanto o exército das Terras do Norte era mais uma vez revelado, um labirinto de formações cuidadosamente organizadas, espalhado por todo o campo de batalha do dia anterior, desde as defesas do penhasco até os restos incinerados de duas torres de cerco. Não se moviam, não falavam. Apenas esperavam. Hendel reconheceu o que estava acontecendo e sussurrou depressa para Balinor. Rapidamente o comandante da Legião mandou mensageiros pelas muralhas até seus subordinados, avisando-os do que esperavam e pedindo que mantivessem seus soldados calmos e no lugar.

Menion estava prestes a perguntar o que estava acontecendo quando de repente viram um movimento logo abaixo dos portões da cidade. Um único

guerreiro de armadura saiu lentamente da penumbra, alto e ereto, até ficar diante da grande muralha. Em uma das mãos carregava um longo cajado com um único estandarte vermelho. Com movimentos deliberados, plantou o mastro na terra, virando-se cerimoniosamente e voltando para suas linhas. De novo, houve um momento de completo silêncio. O grito longo e choroso de um chifre distante soou tristemente pela planície — uma, duas, três vezes. Depois, mais silêncio.

— A vigia da morte — Hendel quebrou a quietude com um sussurro. — Significa que não terão piedade. Pretendem matar a todos.

O ar foi quebrado violentamente pelo súbito ressoar dos tambores de guerra e todos começaram a se mover ao mesmo tempo. Em uma investida, milhares de flechas gnômicas encheram o céu, chovendo nas ameias das muralhas. Lanças, dardos e maçãs foram arremessados pelos nortistas. Da neblina que cobria a planície, surgiu a forma da torre de cerco remanescente, rangendo e gemendo com seu peso enquanto centenas de inimigos puxavam e empurravam o mastro de madeira até a rampa recém-construída na Muralha Externa. De dentro da cidade, os arqueiros da Legião atiravam nas figuras rápidas de seus inimigos enquanto o resto dos homens da Legião da Fronteira espalhava-se pelas pedras das defesas e esperava pelas ordens de Balinor.

O homem alto esperou até a torre de cerco estar a vinte metros da muralha. O inimigo já tentava escalar a grande barreira com ganchos e escadas; a pedra áspera estava pontilhada de pequenas figuras tentando em vão se arrastar até o topo. Abruptamente, caldeirões de óleo foram jogados pelas ameias, batendo em homens e máquinas até encharcar o chão abaixo. Tochas acesas se seguiram e na hora toda a vanguarda do ataque do norte estava envolta em chamas. A torre de cerco e os homens ao seu redor apenas desapareceram enquanto a fumaça negra subia, bloqueando a visão da carnificina dos homens da Legião, mas não os gritos de terror e agonia. Os atacantes que tentavam escalar a Muralha estavam encurralados. Alguns conseguiram chegar às ameias onde eram rapidamente mortos, mas a maioria apenas se desequilibrava ou era derrotada pela fumaça espessa e caía gritando no fogo.

Em minutos, o ataque foi repellido e o exército das Terras do Norte novamente sumira de vista. Os homens nas ameias espiavam com cuidado a

fumaça rodopiante, tentando em vão descobrir como seria o próximo assalto. Balinor olhou para seus companheiros e sacudiu a cabeça.

— Isso foi uma completa loucura. Deviam saber que isso iria acontecer, e mesmo assim prosseguiram. Eles estão loucos?

— Talvez tenham feito isso para nos confundir... — Hendel falou em voz baixa. — Como essa cortina de fumaça que tão amavelmente providenciamos para eles.

— Todas essas mortes só para conseguirem uma cortina de fumaça? — Menion exclamou incrédulo.

— Se foi assim, eles têm algo bem conclusivo em mente, algo que têm certeza de que não irá falhar — Balinor declarou. — Fique de olho daqui. Vou descer para os portões.

Ele se virou abruptamente e desapareceu correndo pela escada de pedra. Os outros o viram partir sem nenhum comentário e voltaram para a muralha. À frente, grossas nuvens da densa fumaça preta ainda subiam para o céu, enquanto o óleo continuava a queimar. Os gritos de morte tinham parado e havia um estranho silêncio.

— O que pretendem fazer? — Menion enfim deu voz à questão.

Por um momento não houve resposta.

— Eu queria ter sido capaz de pegar Stenmin — Durin resmungou. — Eu não me sinto seguro mesmo dentro dessas paredes sabendo que aquele louco está solto em algum lugar da cidade.

— Nós quase o pegamos — Dayel interveio. — Nós o seguimos até aquela sala, mas ele sumiu! Devia ter uma passagem secreta.

Durin concordou e a conversa se interrompeu novamente. Menion olhou para a fumaça e pensou em Shirl esperando por ele no palácio; pensou em Shea, em Flick, em seu pai e em sua terra natal, uma série apressada de imagens que inundaram sua mente. Como aquilo acabaria para eles?

— Sombras! — Hendel o sacudiu com tanta força que ficou assustado. — Eu fui um idiota. Estava na minha frente o tempo todo. Uma passagem secreta! No porão do palácio, embaixo da adega, na masmorra selada por todos esses anos... Uma passagem que leva através das montanhas até a planície lá embaixo. O velho Rei falou sobre ela uma vez, anos e anos atrás. Stenmin deve saber disso também!

— Uma entrada pela cidade! Eles vão nos pegar pelas costas. — Parou subitamente. — Hendel! Shirl está lá!

— Nós não temos muito tempo. — Hendel já estava descendo a escada. — Menion, venha comigo. Dayel, encontre Janus Senpre e diga para mandar ajuda para o palácio agora. Durin, ache Balinor e o avise. Corram, e rezem para não ser tarde demais.

Desceram a escadaria gasta correndo, espalhando-se pelo pátio da caserna como se estivessem possuídos. Hendel e Menion começaram uma corrida enlouquecida, abrindo caminho sem olhar para os lados por grupos de soldados até os portões em direção ao Caminho Tyrnsiano. Devagar, a mente de Menion gritou! Ele quase derrubou Hendel ao puxá-lo até um pequeno grupo de cavalos selados amarrados à esquerda. Derrubando um pajem que veio ver o que estava acontecendo, os dois pularam nas selas das montarias mais próximas e seguiram até a cidade. Galopando, os cavalos passaram pelo portão aberto, por guardas espantados e por grupos de reforços estacionados logo além dos portões; com o caminho aberto, correram em uma velocidade desesperada para o palácio.

Tudo parecia surgir em uma investida que negava tempo e espaço. Pessoas e prédios passavam por eles em um borrão, enquanto os dois cavaleiros galopavam sobre as pedras antigas do Caminho Tyrnsiano. Momentos preciosos foram perdidos até o arco amplo da Ponte de Sendic se erguer à distância, sobre o Parque do Povo até o palácio dos Buckhannahs. Um comboio de carroças com bagagens espalhou-se quando os dois cavaleiros as ultrapassaram sem diminuir a velocidade, correndo pelo arco de pedra na direção dos portões abertos do lar da monarquia. Indo para o pátio cercado de jardins, Hendel e Menion fizeram seus cavalos suados pararem de repente e pularam para o chão.

Tudo estava silencioso. Nada parecia estar errado. Um único escudeiro saiu tranquilamente das sombras de um grande salgueiro para pegar seus cavalos, seus olhos refletindo apenas uma leve curiosidade. Hendel o encarou de cara fechada e o dispensou, pedindo para que Menion o seguisse enquanto dirigia-se apressado para a porta da frente. Ainda nada. Talvez tivessem chegado a tempo. Quem sabe, talvez estivessem até enganados...

Os corredores da mansão antiga estavam vazios e silenciosos, enquanto os dois investigadores pararam mais uma vez no saguão, olhando rapidamente

por portas abertas e em aposentos escondidos, puxando tapeçarias e cortinas. Menion virou-se para procurar Shirl, mas seu companheiro o impediu. A filha ruiva de reis teria de esperar. Lentamente, e silencioso como um gato, o anão levou o ansioso montanhês pela passagem oposta, na direção da porta do porão. Na virada do corredor, hesitaram, e depois, encostando-se na parede de madeira polida, arriscaram uma espiada.

A maciça porta para a já conhecida adega estava aberta. Em sua entrada, três homens armados vigiavam. Todos usando a insígnia do falcão. Menion e Hendel recuaram em silêncio. Pela primeira vez, o Príncipe de Leah percebeu que estava desarmado. Ele deixara a Espada de Leah pendurada no chifre da sela de seu cavalo. Rapidamente examinou a sala vazia atrás de si, seus olhos enfim encontrando um conjunto de dardos presos na parede oposta. Um dardo não era bem a arma de que precisava, mas não tinha escolha. Sem ruído, pegou uma das lanças e se juntou a Hendel. Trocaram um longo olhar. Teriam de ser rápidos. Se a porta do porão fosse fechada por dentro antes que a alcançassem, teriam perdido a oportunidade de pegar Stenmin e segurar a passagem. E eram apenas dois. Quantos inimigos mais estariam lá embaixo?

Eles não pararam para pensar. Em uma súbita investida, saíram do esconderijo e desceram o corredor. Os três guardas mal tiveram tempo para olhar antes que seus atacantes estivessem sobre eles. Menion enfiou sua lança no homem mais próximo da porta e enfrentou o segundo logo depois. O último guarda caiu com um golpe da maça de Hendel. Praticamente terminou antes de começar e os dois passaram pela entrada do porão, descendo pelos degraus gastos para enfrentar a batalha mais mortífera de suas vidas.

A antiga adega estava completamente iluminada por tochas. Os pequenos fogos pareciam vir de todas as paredes, cortando a escuridão embolorada como a luz do sol corta a neblina do começo da manhã. No centro da vasta câmara, a grande porta no chão, que levava para a masmorra esquecida abaixo, estava aberta; da escuridão do fosso, vinham os sons distantes de metal batendo na pedra. O porão estava repleto de homens armados que caíram sobre os dois intrusos, vindos de todas as direções.

Hendel e Menion enfrentaram a investida com um contra-ataque feroz que os carregou até o meio de seus atacantes. O montanhês apanhara uma

espada dos guardas caídos no topo da escada. De costas coladas às de Hendel, começou a cortar os atacantes. Pelo canto do olho, viu uma figura escarlate surgir do fosso negro da masmorra; ao ver o odioso Stenmin, o Príncipe de Leah foi tomado por uma raiva selvagem. Com fúria renovada, atacou os guardas inimigos, tentando passar por eles para chegar ao homem que os traíra. Medo passou pelo rosto magro do místico enquanto se encolhia para longe da terrível batalha.

Costas com costas, o anão e o montanhês lutavam como se estivessem loucos. Homens jaziam mortos e agonizantes aos seus pés. Os dois estavam feridos em dezenas de lugares, mas não sentiam dor. Por duas vezes, Menion escorregou e caiu no chão ensanguentado; nas duas vezes, Hendel rechaçara os atacantes enquanto o montanhês voltava a se levantar. Apenas cinco inimigos ainda estavam de pé, mas Hendel e Menion Leah estavam no fim de suas forças. Lutavam mecanicamente, seus corpos ensopados de sangue e suor, suas mentes pesadas e entorpecidas. Como se subitamente tivesse recuperado a razão, o aterrorizado Stenmin correu para a beira do poço e começou a gritar por socorro. O Príncipe de Leah reagiu na hora. Com um último sopro de energia, investiu contra dois inimigos, jogando-os no chão. Um terceiro correu para pará-lo, mas o montanhês enfiou a espada no homem até o punho e a deixou lá. Agarrando uma lança caída, pulou até o místico encolhido e o atordoou com um golpe da grande arma. Enquanto a figura magra caía, desengonçada, no chão de pedra, Menion Leah agarrou a beira da porta da masmorra e puxou com o que restava de sua força.

Era como se a pedra tivesse sido amarrada naquela posição no chão da adega. Não se moveu. Ao longe, os sons de metal chocando-se contra pedra pararam e foram substituídos pelo bater de pés enquanto homens avançavam para a porta. Só lhe restavam segundos. Se alcançassem as escadas, Menion estava morto. Preparando-se, o homem ferido jogou todo o seu peso para erguer o pedaço maciço de pedra, que dessa vez se moveu. Gemendo com o esforço, o montanhês puxou a grande porta, até que finalmente ela cedeu e caiu no lugar com uma grande batida que ressoou nas paredes da adega. Com as mãos entorpecidas e suadas, amarrou as correntes nas travas e colocou a tranca no lugar. A passagem estava fechada. Se o exército das Terras do Norte quisesse passar por ali teria de abrir caminho por vários metros de pedra e ferro.

— Menion!

O som de seu nome quebrou o silêncio repentino com um sussurro. O montanhês caíra de joelhos, mas sua mão encontrou uma espada e ele ergueu o rosto machucado. Do outro lado do chão coberto por uma massa embaralhada de guardas inimigos, seus corpos distorcidos mortos ou nos minutos finais que antecedem a morte, os olhos do Príncipe de Leah encontraram seu amigo. O anão estava de costas para a parede perto do final da escada, a grande maça apertada com força em uma das mãos. Havia corpos ao seu redor. Ele matara todos. Ninguém escapou. Os olhos duros encontraram os de Menion por apenas um instante, e era como se estivessem se encontrando pela primeira vez nas planícies do outro lado dos Carvalhos Negros. Ele era o velho Hendel — taciturno, rabugento e habilidoso. A maça escorregou de sua mão, seus olhos embaçaram-se; com um longo suspiro, seu corpo escorregou devagar, sem vida, entregando-se à morte que finalmente viera reclamá-lo.

Hendel! O nome correu pela mente incrédula e chocada de Menion, enquanto lutava para se erguer e ficava de pé, balançando-se sem firmeza nas sombras tremeluzentes. Lágrimas subiram aos seus olhos vermelhos e correram em rios escuros por seu rosto. Com passos duros, caminhou entre os corpos sem vida dos mortos do inimigo, arfando de fúria e desamparo. Estava apenas ligeiramente consciente de que Stenmin estava acordando em algum lugar atrás dele. Chegou ao lado do anão e ajoelhou-se, gentilmente embalando o corpo imóvel em seu peito. Quantas vezes Hendel salvara sua vida? Quantas vezes salvara a de todos, apenas para...? Ele não pôde terminar o pensamento. Ele só podia chorar. Tudo parecia se quebrar dentro dele.

Stenmin se levantou lentamente, apoiando-se em um joelho, e observou, inexpressivo, a massa de cadáveres entrelaçados na adega. Seus homens estavam todos mortos, a porta fechada e acorrentada e... O medo percorreu seu corpo dolorido. Um dos intrusos ainda estava vivo: o montanhês! Ele odiava aquele homem, odiava tanto que chegou a pensar em tentar matá-lo, mas o medo voltou mais forte que antes e, de repente, sua mente se virou para a fuga. Fugir para continuar vivo! Havia apenas uma saída, pelas escadas atrás do homem ajoelhado até a porta aberta da adega. Ele já estava

em pé, movendo-se sem ruído pela carnificina, meio andando, meio rastejando até os degraus desprotegidos.

O montanhês estava de costas para ele, ainda segurando o corpo do anão. Suor surgiu em gotas na testa de Stenmin e seus lábios se curvaram ameaçadoramente, mas o medo fez com que continuasse caminhando. Apenas mais alguns passos e estaria livre de novo. A cidade estava condenada, todos iriam morrer, todos os seus inimigos. Mas ele sobreviveria. Teve de lutar contra o impulso de rir alto. A mão tocou a pedra da escadaria antiga, o pé acompanhou; o montanhês estava a centímetros, ainda sem suspeitar de nada, a porta da adega aberta e desprotegida. Liberdade! Apenas passos...

Menion se virou. Um berro agudo de terror escapou dos lábios do místico ao ver a terrível expressão no rosto do Príncipe de Leah. Stenmin rastejou freneticamente na direção da porta aberta, tropeçando às cegas na longa roupa vermelha.

Estava apenas na metade do caminho quando Menion o alcançou.

Nas muralhas de Tyrsis, o impossível acontecia. Ao descer das ameias da Muralha Externa, Balinor fora depressa para os portões da cidade. Os guardas da Legião, parados à frente dos grandes portais de ferro, tinham rapidamente ficado em posição de sentido. Tudo parecia estar como deveria. A série de trancas internas, controladas mecanicamente pela sala do portão, estavam bem presas nas dobradiças que o prendiam. A pesada barra de ferro que servia de salvaguarda estava acomodada nos encaixes colocados por todo o comprimento dos dois portões. Balinor olhou fixamente para a muralha, uma dúvida persistindo. Algo estava para acontecer, ele podia sentir. Os portões eram a chave para a cidade, o único elo fraco nas impenetráveis paredes de pedra que cercavam Tyrsis. Torres de cerco, ganchos, escadas... Tudo isso era apenas uma tentativa fútil para passar pela grande muralha e o Lorde Feiticeiro certamente sabia disso. Os portões eram a chave.

Seus olhos vagaram até o céu, para a sala do portão, um cubículo pequeno e sem janelas que abrigava o mecanismo que controlava as travas internas. Dois soldados da Legião guardavam a única porta. Um esquadrão

selecionado ficara responsável por proteger aquele mecanismo crucial, homens selecionados por Balinor e comandados pelo capitão Sheelon. Dos dois lados do pequeno cubículo, os homens da Legião defendiam as ameias. Parecia impossível que os nortistas pensassem em dominar a sala. Mesmo assim...

O Rei já estava no pé na escada estreita que levava até lá e começara a subir os blocos gastos de pedra. Gritos repentinos vindos da muralha o distraíram e ele parou para ouvir o ar ressoar com o zumbido de milhares de arcos sendo disparados e da investida de flechas sobre as ameias das Muralhas Externas. Depressa, Balinor subiu e em três passos alcançou a muralha. Olhou com atenção para baixo, para a planície coberta de corpos e detritos, pontilhada por pequenas fogueiras de óleo que queimavam fumacentas na neblina da manhã. Os nortistas abandonaram as tentativas de um ataque direto. Em vez disso, fileiras de arqueiros com cinco homens de profundidade atacavam os defensores nas ameias em um fluxo contínuo.

A razão daquela nova tática era óbvia. Na beira do penhasco, um destacamento de trolls de pedra envoltos em armaduras pesadas empurrava um imenso aríete, protegido nas laterais e por cima por um grande toldo de ferro. Enquanto a Legião era detida pelo fogo intenso dos arqueiros, os trolls poderiam mover o imenso aríete até os portões da cidade e forçar sua entrada.

O plano poderia parecer prepotente e inviável. Entretanto, se a sala do portão caísse nas mãos do inimigo, as trancas internas se abririam e apenas a longa barra de ferro manteria os portões fechados. Sozinha, ela não seria o bastante para resistir ao gigantesco aríete. Balinor correu até a pequena sala do portão. Seus guardas ficaram em sentido. Ele lhes lançou um olhar rápido, sua mão indo ansiosa para a maçaneta. Sheelon não estava à vista. A porta se abriu para dentro e ele já tinha dado um passo na sala apertada quando percebeu que não reconhecia nenhuma das sentinelas.

O homem alto reagiu instintivamente, desviando-se da investida silenciosa dos guardas atrás dele. Agarrou a lança estendida que mal arranhou suas costas e a arrancou de seu pretense assassino. De costas para a parede, o Rei tinha apenas um momento para inspecionar a sala mal iluminada. Os corpos de Sheelon e seus homens estavam jogados em um canto, contorcidos; seus cadáveres rígidos haviam sido despidos de

armaduras e roupas. Das sombras nos fundos do aposento, surgiu um grupo de atacantes sem rosto que investiu contra ele, adagas levantadas para matar. Balinor jogou a lança pesada contra eles e correu para a porta aberta. Mas, vendo-o, a outra sentinela que ficara do lado de fora, rapidamente fechou a porta por fora. O encurralado Rei não tinha tempo para forçá-la e sair. Mal tivera tempo de desembainhar a espada antes que seus atacantes estivessem em cima dele. Eles o jogaram com força no chão, as adagas batendo na protetora cota de malha que salvara sua vida tantas vezes. Com um empurrão poderoso, Balinor se libertou e ficou de pé. Na luz fraca da sala, seus atacantes eram apenas sombras, porém seus olhos estavam se acostumando ao escuro e ele os atacou enquanto se moviam em sua direção. Duas das formas escuras gritaram e caíram sem vida quando a grande lâmina os atravessou, mas seus companheiros conseguiram passar pelo ataque amplo da espada e se aproximaram do Rei.

Mais uma vez, Balinor foi derrubado e de novo se libertou e a batalha explodiu na pequena sala. A confusão do ataque do lado de fora abafava completamente os sons da luta dentro do cubículo de pedra; o homem da fronteira sabia que, se não conseguisse abrir a porta, ninguém viria ajudá-lo. Ficou de costas para a parede e balançou a espada larga quando os inimigos voltaram a atacar. Três estavam mortos e vários feridos, mas aqueles que permaneciam lutando começavam a cansá-lo com suas investidas contínuas. Tinha de se libertar rápido. Foi quando ouviu o som de engrenagens e alavancas rangendo. O som encheu a sala dos portões e o Rei percebeu horrorizado que alguém estava liberando as trancas internas. Com uma investida selvagem, correu até o mecanismo de travas, mas os determinados atacantes bloquearam o caminho e o forçaram a circular, desviando-o de seu objetivo. Um momento depois, houve um ranger agudo de metal contra metal, seguido por uma série de batidas. Estavam destruindo as alavancas! Sem ligar para sua segurança, o enfurecido Balinor jogou-se em cima dos inimigos remanescentes.

A porta abriu-se de repente e o corpo da sentinela traidora foi jogado violentamente pela entrada. A luz acinzentada do dia inundou a sala escura e a figura esguia de Durin apareceu do nada ao lado de seu amigo. Em um silêncio sombrio, retalharam os poucos inimigos restantes, forçando-os a se afastarem do maquinário emperrado, para longe da porta aberta, até o canto

mais afastado do pequeno cubículo. Ali, unidos em um terrível combate corpo a corpo, eles o destruíram. Sem olhar uma segunda vez para os mortos, o Rei ensanguentado correu de volta para o mecanismo destruído, seu rosto enfurecido enquanto inspecionava a massa retorcida de alavancas e engrenagens. Zangado, jogou seu peso contra a alavanca principal. Ela não se moveu. Durin empalideceu ao entender o que acontecera.

— Nós não temos muito tempo! — Balinor explodiu, empurrando violentamente as alavancas emperradas.

Um grande estampido ressoou nas paredes de pedra, fazendo-as vibrar e sacudindo os dois homens.

— Os portões! — Durin exclamou desesperado.

Um segundo choque balançou a sala, e então um terceiro. O som de botas apressadas soou do lado de fora e um momento depois o rosto escuro de Messaline apareceu na entrada. Ele começou a falar, mas Balinor já estava dando ordens e indo para as ameias.

— Limpe essa sala e traga nossos mecânicos para tentarem liberar o mecanismo! As travas foram abertas e emperradas! — Messaline parecia ter recebido um golpe mortal. — Fortaleça os portões com toras e ponha seu melhor regimento em formação de falange a cinquenta passos para trás e dos dois lados. Os nortistas não podem atravessar. Ponha duas fileiras de arqueiros na Muralha Interna para proteger a entrada do portão. Os reforços e a guarnição da cidade irão defender a Muralha Interna. Todos os demais devem ficar onde estão na Externa. Iremos aguentar o máximo possível. Se ela cair, a Legião irá recuar para a defesa secundária e aguentar. Se também a perdermos, iremos nos reagrupar na Ponte de Sendic. Essa será nossa última linha de defesa. Mais alguma coisa?

Rapidamente, Durin explicou onde Hendel fora. Balinor sacudiu a cabeça, cansado.

— Somos traídos a cada passo. Hendel vai ter de fazer o possível sem ajuda por enquanto. Se o palácio cair e eles nos atacarem pela retaguarda, estaremos mesmo condenados. Messaline, você comandará o flanco direito da falange, Ginnisson, o esquerdo, e eu estarei no centro. O inimigo não pode atravessar! Rezem para que Eventine chegue antes que nossas forças nos deixem.

Messaline desapareceu, correndo agachado. Os golpes demolidores do aríete continuavam a sacudir a grande muralha enquanto Balinor e Durin se encaravam na pequena sala. A luz do dia já começava a diminuir conforme a sombra do Lorde Feiticeiro se aproximava da agourenta cidade condenada. O homem da fronteira estendeu o braço e apertou a mão fina de seu amigo elfo.

— Adeus, meu amigo. Este é nosso fim. Nosso tempo acaba de se esgotar.

— Eventine não deixaria de vir por vontade própria... — o elfo começou, intensamente.

— Eu sei, eu sei — Balinor respondeu. — Nem Allanon. Ele não achou a espada nem o herdeiro de Shannara. Seu tempo também acabou.

Houve um breve silêncio entre eles, quebrado pelos gritos dos homens nas muralhas e pelas batidas do aríete contra os portões de Tyrsis. Balinor limpou o sangue de um corte fundo acima do olho.

— Encontre seu irmão, Durin. Mas, antes de deixar a Muralha Externa, certifique-se de que jogaram o resto do óleo naquele aríete e atearam fogo. Se não os podemos impedir, pelo menos vamos esquentar um pouco as coisas.

Deu um sorriso sombrio e deslizou para fora da sala do portão. Durin observou, sem expressão, imaginando que destino perverso os trouxera àquele fim injusto. Balinor era o homem mais extraordinário que o elfo já conhecera. Mesmo assim, perdera tudo: sua família, sua cidade, seu lar. Até sua vida estava para ser tirada. Que tipo de mundo permitia uma injustiça tão terrível, onde homens bons eram despedidos de tudo e criaturas sem alma, feitas de malícia e ódio, sobreviviam para se glorificar de mortes sem sentido? Ele já pensara que não iriam falhar, que de alguma forma achariam um jeito de destruir o odioso Lorde Feiticeiro e salvar as quatro terras, mas aquele sonho acabara.

Durin olhou para cima surpreso quando vários corpulentos mecânicos entraram na sala para começar o trabalho inútil de tentar consertar o mecanismo emperrado. Rapidamente, o elfo saiu para as ameias. Era hora de encontrar Dayel.

A luta pela Muralha Externa estava incrivelmente violenta. Apesar da devastadora força concentrada contra os homens da Legião da Fronteira pelos arqueiros gnomos, os valentes defensores conseguiram chegar aos

trolls que manipulavam o grande aríete na frente dos portões enfraquecidos. Os caldeirões de óleo restantes foram movidos até as fortificações acima do aríete e derramados na máquina inimiga e em seus encarregados. As tochas se seguiram e na hora a área inteira foi engolida por uma massa de chamas e fumaça negra. O metal derreteu e pegou fogo, e os trolls foram queimados vivos, passados os primeiros minutos de calor; suas armaduras virando fornalhas das quais não podiam fugir. Entretanto, novos soldados inimigos rapidamente encheram a brecha e o aríete continuou a bater contra os portões da cidade em golpes retumbantes que primeiro curvaram e depois partiram a barra e as toras que seguravam os portais altos.

O céu cinza estava ficando negro com a fumaça oleosa que se erguia acima da pradaria em chamas, envolvendo as muralhas da cidade e seus defensores em um nevoeiro denso e turvo. O cheiro de carne queimada sufocava o nariz e os pulmões dos soldados da Legião. Os corpos queimados e escurecidos dos atacantes trolls se empilhavam na frente das Muralhas Externas. Em desespero, os dois oponentes tentavam quebrar a resistência um do outro, mas o empate continuava. Por um tempo, parecia que o dia terminaria sem mudanças na sorte dos dois exércitos.

Contudo, ao fim, a grande barra de ferro se partiu em duas, as toras de apoio se estilhaçaram e o gigantesco aríete forçou uma abertura pelos portões de Tyrasis. Correndo, os primeiros nortistas entraram nos pátios e caíram imediatamente ante as flechas dos arqueiros posicionados no topo da Muralha Interna. Unidos como uma caixa de três lados com a abertura voltada aos portões externos, a falange da Legião preparou-se para a investida do inimigo, lanças estendidas à frente de escudos unidos. O aríete empurrou mais uma vez e os portões se abriram ainda mais; a vanguarda invasora fluiu pelo buraco e se jogou contra as lanças da Legião da Fronteira. As defesas balançaram lentamente, mas aguentaram, fazendo os atacantes irem para trás, onde ficavam correndo em confusão enquanto eram retalhados pelos arqueiros posicionados nas paredes acima e atrás. Em segundos, o pátio estava coberto pelos corpos dos mortos e feridos das Terras do Norte. O buraco nos portões fora tão bem protegido momentaneamente que as forças de invasão não conseguiam avançar mais.

Durin se posicionara do lado da sala do portão na Muralha Externa, e dali observou o assalto se partir contra a falange da Legião. Descobrira que seu

irmão fora com Janus Senpre para o palácio, e relutantemente decidiu ficar com Balinor pelo máximo de tempo possível. O inimigo tentava recuperar seu ímpeto; na planície abaixo, matrens dirigiam os grandes comandos de trolls de pedra na direção da abertura nos portões na cidade sitiada. O exército das Terras do Norte estava reunindo toda sua força em um esforço determinado para esmagar os sulistas de uma vez por todas. A Muralha Externa estava novamente sob ataque por todos os lados, enquanto hordas de gnomos e trolls menores corriam com escadas, cordas e ganchos. As fileiras enfraquecidas dos defensores ainda nas ameias lutavam desesperadamente para impedir que os invasores passassem desimpedidos, mas seus homens estavam morrendo e os numerosos inimigos pareciam não ter fim. A batalha virara uma guerra de pressão que os homens de Tyrsis não tinham esperanças de vencer.

Da escuridão ameaçadora ao norte da cidade sitiada, surgiram duas figuras aladas que planaram ameaçadoramente e Durin sentiu o sangue congelar. Portadores da Caveira! Estavam tão certos da vitória que se atreviam a andar sob a luz do dia? O elfo sentiu o coração se apertar. Fizera tudo o que podia ali; estava na hora de encontrar o irmão. Qualquer destino que os aguardasse, ao menos, o encarariam juntos.

Agilmente, moveu-se pela muralha, correndo curvado, até estar bem atrás do flanco esquerdo da falange da Legião. Um passadiço íngreme descia até as casernas que ficavam entre as muralhas, a várias centenas de metros da retaguarda da Legião. Um rugido ensurdecido emergiu dos homens em batalha nas muralhas. Enquanto Durin aproximava-se da base da rampa, viu as formas altas e cobertas por armaduras dos grandes trolls de pedra passando pela brecha nos portões da Muralha Externa. Parou involuntariamente, sentindo que os próximos minutos seriam cruciais para a Legião da Fronteira.

A falange fechou mais a formação e preparou-se para o impacto enquanto os trolls cerravam as fileiras e moviam-se lentamente para o centro da linha defensiva, onde Balinor comandava. Três metros separavam os combatentes quando, para surpresa de todos, o regimento troll se virou abruptamente para a esquerda e investiu contra o flanco da Legião. Houve um estalo quando as duas forças se chocaram: um estrondo de metal de lanças encontrando maçãs e escudos e atingindo armaduras. Por um momento, a

falange aguentou firme e a vanguarda dos trolls foi morta. Mas a força superior e o peso dos nortistas pressionaram os homens da Legião, em menor número, até que por fim o lado direito da falange começou a ruir.

A figura imperiosa de Ginnisson moveu-se rapidamente para a abertura, seu cabelo vermelho voando enquanto lutava para manter a linha. Os trolls recuaram passo a passo conforme Balinor se aproximava pela direita e Messaline por trás. Foi o mais feroz combate corpo a corpo que Durin já testemunhara naquele terrível conflito. Assistiu espantado aos trolls de pedra repelirem o ataque e mais uma vez avançarem. Um instante depois, forçaram uma brecha na falange e Ginnisson sumiu de vista completamente, quando a investida dos atacantes o subjugou, ao correrem na direção das casernas e da Muralha Interna.

Durin estava no caminho deles. Poderia ter tido tempo de chegar à segurança das muralhas, mas o elfo já estava com um dos joelhos no chão, o arco de freixo armado, quando atirou. O primeiro troll caiu a cinquenta passos, o segundo, dez passos mais perto e o terceiro, a vinte e cinco. Soldados da Legião correram das muralhas, e arqueiros da Muralha Interna, mais baixa, tentavam desesperadamente conter a ofensiva troll. Tudo na frente do elfo era confuso, trolls e legionários vinham em sua direção, unidos em combate corpo a corpo. Mesmo assim, os imensos nortistas continuavam a vir. Durin atirou sua última flecha.

Jogou fora o arco e pela primeira vez pensou em fugir. Não havia, porém, mais tempo e mal conseguiu agarrar uma espada caída antes da massa tumultuada de lutadores se lançar sobre ele. Lutou furiosamente para manter seu equilíbrio conforme era forçado contra as paredes das casernas. Um troll se ergueu à sua frente, uma massa negra de pele nodosa e armadura. O elfo girou para um lado conforme a imensa maçã descia. Sentiu uma dor terrível no ombro esquerdo, seguida de uma estranha dormência. Sombriamente, tentava manter a consciência, a dor retornando em um fluxo que sacudiu seu corpo magro. Mas ele já estava falhando. Seu rosto estava no chão enquanto respirava em arquejos. Um peso incrível desceu sobre ele enquanto a maré da batalha se movia do outro lado. Tentou ver o que acontecia; o esforço, contudo, foi grande demais e ele caiu, inconsciente, a dor o dominando em grandes golpes.

Menion Leah curvou seu rosto manchado de sangue sobre o corpo de Hendel e com cuidado ergueu a forma inerte em seus braços. Com passos cuidadosos, caminhou por entre os corpos inimigos caídos para alcançar as escadas e subir lentamente na direção da porta aberta, passando, sem olhar, sobre o corpo sem cabeça amontoado em uma massa informe de roupa vermelha espalhada grotescamente pelo centro da antiga escadaria. Atordoado, o montanhês passou pela entrada do porão e andou pelo palácio vazio, agarrando o corpo sem vida do anão. Andou sem rumo, seus olhos em choque, seu rosto afligido com uma expressão de atordoamento que parecia gritar em silenciosa agonia. Alcançou o saguão do palácio e parou, ao ouvir o som de pés correndo e ecoando pelo corredor leste. Gentilmente, colocou seu fardo no chão polido enquanto a garota de cabelos vermelhos parava à sua frente, as lágrimas já correndo por seu belo rosto.

— Ah, Menion — ela sussurrou, fracamente. — O que eles fizeram?

Seus olhos tremeram e sua boca se moveu enquanto ele lutava à procura de palavras que não vinham. Shirl estendeu-lhe os braços, envolvendo o corpo rígido, o rosto perto do dele. Um momento depois, ela sentiu os braços fortes ao redor de seus ombros e a terrível agonia presa dentro dele se libertou e fluiu para sumir em seu calor e silêncio.

Nas ameias da Muralha Interna, Balinor completou um exame final das defesas da Legião e parou, cansado, sobre os portões pesadamente protegidos. Os nortistas já se reuniam para uma investida final. Momentos antes, a inexpugnável Muralha Externa caíra e os corajosos soldados da Legião da Fronteira tiveram de recuar para a segunda linha de defesa. Balinor encarou os inimigos que enxameavam as alturas da grande muralha adiante; sua mão apertou o punho da espada até os nós dos dedos ficarem brancos. Seu manto e sua túnica foram retalhados no terrível combate para controlar a abertura dos portões da Muralha Externa. Balinor mantivera o centro da falange da Legião, mas os dois flancos caíram. Ginnisson estava morto, Messaline seriamente ferido e centenas de sulistas haviam perdido a vida defendendo a Muralha Externa até toda a esperança sumir. Até mesmo Durin desaparecera no combate. O Rei de Callahorn estava sozinho.

Gesticulou bruscamente para os homens que seguravam as toras que suportavam os portões; a cota de malha em seu braço brilhava sob a luz acinzentada, exibindo onde uma dezena de golpes tinha machucado e arranhado o metal protetor. Por um momento, permitiu que sua coragem cedesse ao desespero. Eles falharam com ele. Todos eles. Eventine e o exército élfico. Allanon. As Terras do Sul. Tyrsis estava à beira da aniquilação total e com ela a terra de Callahorn; mesmo assim, ninguém viera ajudá-los. A Legião lutara sozinha para salvar a todos, a última defesa das Terras do Sul. E com que propósito? Ele se controlou, deixando de lado as dúvidas e o desânimo. Não havia tempo para isso. Havia muitas vidas a salvar. Elas dependiam dele.

O exército das Terras do Norte juntava suas fileiras na base da Muralha Externa, as escadas, cordas e ferros já familiares prontos para o assalto. Bandos espalhados de trolls tinham escalado a Muralha Interna durante a batalha e entrado na cidade. Perguntou-se o que teria acontecido com Hendel e Menion Leah. Aparentemente, tinham assegurado o palácio e prevenido qualquer ataque por trás, ou a cidade já teria caído. Teriam de aguentar caso grupos isolados de inimigos passassem pela Muralha Interna e se dirigissem ao palácio.

Pedaços de fuligem da fumaça negra do óleo queimado faziam seus olhos arderem, e ele os esfregou até ficarem cheios de água. Tudo parecia envolto em uma densa neblina cinzenta enquanto olhava rapidamente para as fortificações da muralha. A Legião fora colocada em posição impossível de defesa contra um inimigo tão grande que a perda de centenas de suas fileiras era insignificante. Pensou nas palavras de Hendel depois da morte de seu pai e de seu irmão. O último Buckhannah. O nome iria morrer com ele, assim como Tyrsis e seu povo. O rugido familiar ergueu-se em ecos trovejantes das gargantas dos nortistas: então, investiram contra a defesa murada da Legião. A grande cicatriz na bochecha do homem da fronteira exibiu um tom mais escuro de púrpura e ele ergueu a espada, ameaçadoramente.

Quase no mesmo momento, os primeiros remanescentes da investida troll se reuniram no pé da Ponte de Sendic e hesitaram. Uma fileira de determinados soldados da Legião protegia o centro do amplo arco de pedra, impedindo a passagem para a casa dos Buckhannahs. Janus Senpre a encabeçava, com Menion Leah de um lado, o corpo ereto enquanto segurava

a Espada de Leah com as mãos, e Dayel do outro, o jovem rosto abatido, mas resolutivo. Atrás dos trolls, a fumaça deixava o ar espesso, enquanto incêndios recentes tomavam os prédios da cidade. Gritos assustados soavam acima do clamor da batalha na Muralha Interna. À distância, podiam ver pessoas correndo pelo Caminho Tyrsiano para a segurança de suas casas. Silenciosamente, as forças se encararam, o número de trolls crescia rapidamente enquanto outros apareciam para engrossar suas fileiras. Estudaram os sulistas com a expressão calma e experiente de soldados profissionais, confiantes por saberem que eram a unidade de luta mais bem treinada do mundo. Os defensores na ponte eram menos de cinquenta.

O céu da tarde, de repente, ficou negro e uma estranha quietude se abateu sobre os dois exércitos. De algum lugar na cidade em chamas, Menion ouviu o choro fraco de uma criança. Ao seu lado esquerdo, Dayel sentiu o vento frio que vinha do norte morrer em um sussurro baixo, como um suspiro. Adiante, os trolls entraram cuidadosamente em formação, as maçãs seguras em suas mãos; então, como se fossem um, avançaram pesadamente. No centro da ponte, a última linha de defesa da cidade preparou-se para o impacto.

No penhasco a oeste da cidade, Flick Ohmsford e o pequeno grupo de cavaleiros élficos assistia à destruição de Tyrsis acontecer, sem poderem fazer nada. Ladeado por Eventine e Jon Lin Sandor, o jovem do Vale Sombrio sentiu o último vestígio de esperança sumir quando as hordas do imenso exército das Terras do Norte fluíram desimpedidas pelos portões quebrados da Muralha Externa. Nuvens de fumaça negra subiam de dentro da cidade, e os remanescentes da orgulhosa Legião da Fronteira foram varridos das muralhas. As defesas da cidade foram partidas. Ele olhou com horror as grotescas figuras dos Portadores da Caveira planarem sobre o inimigo que avançava, as asas negras se estendendo contra o céu escurecido do meio-dia. O pior acontecera, como Allanon previra. O Lorde Feiticeiro vencera.

Um grito agudo soou de um cavaleiro à sua esquerda e a fisionomia eufórica de Eventine cobriu sua visão conforme o elfo incitava sua montaria a avançar, empurrando Flick, apressado. No oeste, do outro lado da vastidão da pradaria, surgiu uma linha escura contra o cinza do horizonte. Um

ribombar baixo de cascos batendo surgiu ao longe para se misturar com o clamor e a fúria da batalha abaixo.

A linha escura crescia rapidamente e se transformava em cavaleiros, centenas deles, bandeiras e lanças brilhando com cor e ferro. Claro e estridente, o ressoar estrondoso de uma trompa de guerra saudou sua chegada. Vivas surgiram entre o pequeno bando de elfos conforme o enorme grupo de cavaleiros começava a cobrir a planície, correndo a toda velocidade para Tyrsis. Avisados de que estavam chegando, a retaguarda do exército nortista já cerrava fileiras e se virava para enfrentar os inimigos que se aproximavam. Era o exército élfico que viera — pelos defensores de Tyrsis, pelas nações ameaçadas das três terras, por tudo que a humanidade lutara tanto para preservar. Mas talvez fosse tarde demais!

Capítulo XXXIII

Em um único movimento silencioso, Shea deslizou a lâmina para fora de sua bainha desgastada. O metal brilhou sob a luz da tocha em um tom de azul profundo. A superfície de ferro não tinha nenhuma falha, era como se a espada jamais houvesse sido usada em batalha. Era surpreendentemente leve, uma lâmina fina e equilibrada, feita com maestria, o punho entalhado com capricho com o já familiar símbolo da mão erguida levantando uma tocha acesa. Shea segurou-a com cuidado, olhando rapidamente para Panamon Creel e Keltset, à procura de segurança, de repente com medo do que estava para acontecer. Seus companheiros, os rostos sérios, permaneceram imóveis, as expressões vazias e impassíveis. Segurou a espada com as mãos, erguendo a lâmina até apontá-la para cima. Suas palmas suavam e ele sentia o corpo ficando frio na escuridão da cela. Algo se mexeu de leve ao seu lado e um gemido fraco surgiu nos lábios de Orl Fane. Algum tempo se passou. Shea sentia o entalhe com o símbolo pressionando as palmas de suas mãos apertadas. E nada acontecia.

...Na luz cinza e fraca da câmara vazia no pico da Montanha da Caveira, as águas escuras da bacia de pedra estavam calmas e lisas. O poder que constituía o Lorde Feiticeiro estava adormecido...

De repente, a Espada de Shannara ficou quente nas mãos de Shea, e uma onda pulsante de calor fluiu do ferro escuro até as palmas do atônito jovem; depois desapareceu. Perplexo, ele deu um passo rápido para trás e baixou um pouco a lâmina. Um instante depois, o calor foi substituído por uma sensação de formigamento que fluía da arma para seu corpo. Apesar de não haver dor, o choque da sensação fez com que se encolhesse automaticamente, sentindo seus músculos se contraírem. Por instinto, quis largar o talismã; para sua surpresa, descobriu que não podia. Algo dentro dele o impedia e suas mãos se fecharam ao redor da empunhadura.

A sensação correu por ele; estava consciente de um fluxo de energia que puxava sua força vital, levando-a até o metal frio da espada. A arma se

tornava parte dele. A tinta dourada que cobria o punho entalhado começou a se desfazer sob suas mãos; a alça voltou a ser de prata polida, com detalhes em linhas avermelhadas de luz que pareciam queimar e se torcer no metal brilhante como se estivessem vivas. Shea sentiu os primeiros movimentos de algo que acordava, algo que era parte dele e, ainda assim, algo que lhe era estranho. Puxava-o sutilmente, mas com firmeza, levando-o mais fundo para dentro de si mesmo.

A vários passos de distância, Panamon Creel e Keltset observavam com preocupação enquanto o jovem parecia entrar em transe; suas pálpebras caindo pesadamente, sua respiração ficando mais lenta, sua forma ficando imóvel como uma estátua na luz fraca da cela. Ele segurava a Espada de Shannara à sua frente com as mãos, a lâmina erguida e apontada para cima. A empunhadura de prata estava brilhando. Por um instante, Panamon pensou em agarrar Shea e sacudi-lo até acordá-lo, porém algo o impediu. Nas sombras, Orl Fane começou a rastejar pelas pedras lisas em direção à sua preciosa espada. Panamon hesitou um instante e depois o empurrou para trás com a bota.

Shea sentia-se atraído para dentro de si, levado como uma rolha em uma corrente. Tudo ao seu redor começou a desbotar. As paredes, o teto e o chão da cela de pedra desapareceram primeiro, depois a figura encolhida e chorosa de Orl Fane sumiu; por fim, as formas de Panamon e Keltset esvaneceram também. A estranha corrente parecia envolvê-lo completamente; viu que não podia resistir. Aos poucos, foi levado até os recantos mais profundos de seu ser, até tudo ser escuridão.

...Um tremor momentâneo fez ondular as águas da bacia na caverna no topo da solitária cabeça, e os seres assustados e rastejantes que serviam ao Mestre correram de seus esconderijos nas paredes de pedra. O Lorde Feiticeiro fora acordado...

No vórtice de emoção e identidade que compunham a região mais íntima de seu ser, o portador da Espada de Shannara encontrou-se frente a frente consigo mesmo. Por um momento, houve um caos de impressões incertas, depois a corrente pareceu reverter-se, carregando-o em uma direção totalmente nova. Imagens e impressões ergueram-se à sua frente. Jogando repentinamente na frente de seus olhos, o mundo que era o seu lar e fonte de vida, do passado até do presente. Tudo se abria e se revelava para ele. Ele foi

despido das ilusões que alimentava tão cuidadosamente e viu a realidade da existência em toda a sua dureza. Sem sonhos suaves colorindo sua visão de mundo, sem fantasias esperançosas vestindo a crueldade de suas próprias escolhas, sem visões autoconcebidas de esperança suavizando a crueza de seus julgamentos. No meio daquela vastidão, ele se viu exibindo a insignificante faísca momentânea de vida digna de pena que representava.

A mente de Shea parecia ter explodido dentro de si. Estava paralisado com o que vira. Lutou furiosamente para se agarrar à imagem de si mesmo que sempre o sustentara, que fora seu elo com a sanidade, lutando para se proteger da visão impressionante de sua nudez interna e da fraqueza da coisa que se sentia obrigado a reconhecer como si mesmo.

A força da corrente pareceu diminuir um pouco. Shea forçou os olhos a se abrirem, evitando por aquele instante a visão interior. À sua frente, estava a espada erguida, iluminada com uma luz branca e ofuscante que descia da lâmina para o punho. Além dela, podia ver Panamon e Keltset, imóveis, com os olhos fixos nela. O olhar do gigante se moveu, focando a espada. Houve um estranho entendimento e uma urgência no gesto, e quando Shea voltou a olhar para a Espada de Shannara, sua luz parecia pulsar febrilmente. Havia uma impaciência naquele movimento enquanto se esforçava para avançar da lâmina até seu corpo, sendo impedida em seus esforços.

Por mais um momento, o jovem lutou contra esse avanço, mas seus olhos se fecharam de novo e a visão interior voltou. O primeiro choque da revelação passara, e ele se esforçou para entender o que estava acontecendo. Concentrou-se nas imagens de Shea Ohmsford, afundando-se completamente nos pensamentos, emoções, julgamentos e motivações que faziam aquele personagem ser, ao mesmo tempo, estranho e familiar.

As imagens tornaram-se mais claras e com uma precisão assustadora; de repente, viu outro lado de si mesmo, um lado que nunca fora capaz de reconhecer — ou talvez tivesse simplesmente se recusado a aceitar. Ele se revelou em uma linha interminável de eventos, caricaturas das memórias em que tanto acreditara. Havia um relato de cada dor que causara aos outros, todos os ciúmes mesquinhos que sentira, seus preconceitos enraizados, suas meias verdades deliberadas, sua autopiedade, seus medos; tudo o que era escuro e que se escondia dentro de si. Ali estava o Shea Ohmsford que fugira do vale, não para salvar e proteger a família e os amigos, mas com medo pela

própria vida, procurando uma desculpa para seu pânico — o Shea Ohmsford que de maneira egoísta permitira que Flick compartilhasse aquele pesadelo e minimizasse sua dor. Ali estava o jovem habitante do Vale Sombrio que desprezara e fizera pouco do código moral de Panamon Creel, ao mesmo tempo em que deixara o ladrão arriscar sua vida para salvar a sua. E ali...

As imagens continuaram, sem fim. Shea Ohmsford recuou horrorizado diante do que via. Não podia aceitar aquilo. Jamais poderia aceitar aquilo!

Mesmo assim, puxando de alguma fonte interna de força e compreensão, sua mente se abriu receptivamente para as imagens, expandindo-se para abraçá-las, persuadindo-o — ou talvez o forçando — a admitir a realidade do que fora mostrado. Não podia conscientemente negar aquele outro lado de seu caráter; assim como a limitada imagem da pessoa que sempre acreditara ser, aquele também era apenas uma pequena parte do verdadeiro Shea Ohmsford — uma pequena, mas indiscutivelmente, parte de si, embora fosse difícil de aceitar.

Mas ele tinha de aceitar. Era a verdade.

...Cheio de uma fúria ardente, o Lorde Feiticeiro acordou totalmente...

Verdade? Shea abriu os olhos novamente para encarar a Espada de Shannara, brilhando branca da lâmina até o punho. Uma sensação quente e pulsante espalhou-se rapidamente por ele, sem trazer uma nova visão de si mesmo, apenas uma profunda consciência.

De repente, percebeu que sabia o segredo da espada. A Espada de Shannara tinha o poder de revelar a Verdade, de forçar o homem que a segurava a reconhecer a verdade sobre si mesmo, talvez até mesmo de revelar a verdade sobre outros que entrassem em contato com ele. Por um instante, não conseguiu acreditar. Hesitou em sua análise, tentando desesperadamente continuar para além daquela inesperada revelação; queria encontrar algo mais, porque devia haver algo mais. Mas não tinha nada mais a ser descoberto. Era essa a gloriosa magia da espada. Além disso, não era nada mais do que parecia ser — uma arma finamente forjada em outra era.

O conhecimento do que aquilo significava rasgou sua mente e o deixou em choque. Não era por menos que Allanon jamais revelara o segredo da espada. Que arma era aquela contra o incrível poder do Lorde Feiticeiro? Que defesa poderia oferecer contra um ser capaz de arrancar sua vida com

um pensamento? Com uma certeza apavorante, Shea soube que fora traído. O lendário poder da espada era uma farsa! Ele se sentiu entrar em pânico e fechou os olhos com força contra o calafrio que sentia. A escuridão ao redor começou a se agitar violentamente até deixá-lo tonto e fazê-lo perder a consciência.

...No vazio cinzento e desolado de seu refúgio montanhoso, o Lorde Feiticeiro observou e escutou. Lentamente, sua raiva começou a diminuir e a escuridão nebulosa embaixo do capuz assentiu satisfeita. O jovem do Vale Sombrio que pensara ter sido destruído, sobrevivera. Apesar de tudo, ele encontrara a espada. Porém, o homem era fraco, sem ter o conhecimento necessário para entender o talismã. Ele já estava coberto de medo e estaria vulnerável. Sem fazer ruído, o Mestre deslizou para fora da câmara cavernosa...

A figura alta de Allanon parou hesitante no topo de uma colina desolada sob o vento. Seus olhos escuros estavam invisíveis sob as sobrancelhas enquanto estudavam a linha rígida e solitária de montanhas que se erguiam assombrosamente contra o horizonte cinzento ao norte. Pareciam encará-lo de volta, suas faces cavernosas gastas e marcadas, refletindo a alma da terra que as criara, tantos anos antes. Um silêncio profundo pairava sobre toda a vastidão desolada das Terras do Norte. Mesmo os ventos fortes das montanhas tinham morrido em calmaria. O Druida enrolou a roupa negra ao seu redor e respirou fundo. Não se enganara; seu alcance mental não mentiria sobre isso. O que lutara tanto para conseguir finalmente acontecera. Nos recônditos profundos da Lâmina da Faca, ainda muito longe de onde ele estava, Shea Ohmsford empunhara a Espada de Shannara.

Porém estava tudo errado! Mesmo que o jovem fosse capaz de aguentar e aceitar a verdade sobre si mesmo e talvez reconhecer o segredo da espada, ainda não estava preparado para usar o talismã do jeito certo contra o Lorde Feiticeiro. Não haveria tempo para ele adquirir a confiança necessária enquanto estava sozinho e sem ajuda, isolado do conhecimento que só Allanon poderia lhe fornecer. Ficaria cheio de dúvidas sobre si mesmo e tenso de medo, uma presa fácil para Brona. O Druida podia sentir o inimigo acordando. O Lorde Negro começava a descer de seu refúgio na montanha,

confiando totalmente que o portador da espada era cego para o poder do talismã. Seu ataque chegaria rápido e selvagem, e Shea seria destruído antes que pudesse aprender como sobreviver.

Faltavam apenas alguns minutos para o confronto, e Allanon sabia que não chegaria a tempo para ajudar. Por fim, percebera que Shea e a Espada de Shannara, de algum jeito, tinham ido para o norte. Deixando os outros em Callahorn, correria para ajudar o jovem. Contudo, tudo acontecera rápido demais. Só lhe restava uma chance de ser de alguma utilidade para Shea — se é que realmente tinha alguma —, mas ainda estava muito longe. Apertando sua túnica ao redor do corpo, o Druida desceu a encosta da colina, espalhando a poeira em pequenas nuvens, seu semblante fechado e determinado.

Panamon Creel deu um passo à frente quando Shea caiu em um joelho, mas o braço forte de Keltset se moveu primeiro. O troll estava de frente para a entrada das cavernas, escutando. Panamon não podia ouvir nada, porém uma súbita sensação de medo e um horror crescente o atingiram por dentro, impedindo que avançasse até o jovem. Os olhos de Keltset se viraram, como se marcando o progresso de alguém passando pelo corredor na frente da cela e Panamon sentiu seu medo aumentar.

Uma sombra caiu sobre tudo. A luz da tocha que delineava a pequena sala cavernosa diminuiu bruscamente. Na porta da cela, estava uma forma alta, enrolada em uma longa túnica negra. Por instinto, Panamon Creel soube que era o Lorde Feiticeiro. Onde deveria haver um rosto, sob o capuz, não havia nada além de escuridão e uma névoa densa e verde que se movia lentamente ao redor de duas fagulhas gêmeas de fogo vermelho. As faíscas primeiro se viraram na direção de Panamon e Keltset, congelando-os imediatamente, fazendo todos os medos e temores que jamais sentiram correrem por suas formas paralisadas. O ladrão tentou gritar um aviso para o jovem, mas descobriu que não conseguia falar, e assistiu sem poder fazer nada enquanto o capuz sem rosto se virava para Shea.

O jovem do Vale Sombrio sentiu-se voltar à consciência na umidade escura da pequena cela. Tudo parecia estranhamente distante, apesar de haver uma vaga sensação de alerta soando em algum lugar de sua mente

nublada. Porém, respondeu devagar e por um tempo só sentiu o cheiro mofado do ar parado e de pedras, além do brilho fraco de uma única tocha. Através da névoa, pôde ver as formas imóveis de Panamon e Keltset a poucos metros dele, medo refletido em seus rostos. Orl Fane estava agachado no fundo da cela, contorcido em uma pequena bola que chorava e resmungava incoerentemente. À frente, a lâmina da Espada de Shannara brilhava com força.

No mesmo instante, o segredo da espada voltou à sua mente, e com ele, o desamparo de sua situação. Começou a erguer a cabeça, mas seus olhos pareciam fixos em outro ponto. Subitamente, medo e desespero passaram por ele como um rio de gelo e sentiu como se estivesse se afogando. Começou a suar frio; suas mãos tremiam. Um único pensamento berrava em sua mente: *Fugir!* Fugir, antes que a temível criatura cujo reino ameaçador se atrevera a invadir descobrisse sua presença e o destruísse! O propósito pelo qual arriscara tudo não importava mais; em sua mente, o que permaneceu foi a necessidade de fugir.

Ele vacilou sobre os próprios pés. Todas as fibras de seu ser gritavam para que corresse até a porta, que largasse a espada e corresse. Mas ele não podia. Algo dentro de si se recusava a largá-la. Desesperadamente, lutou para controlar seu medo, as mãos apertando a empunhadura com força, agarrando o metal até suas juntas ficarem brancas com a dor. Era tudo o que lhe restara, tudo que estava entre ele e o pânico completo. Agarrou-se a ele em desespero, sua sanidade mantida por um talismã que sabia ser inútil.

— CRIATURA MORTAL, AQUI ESTOU!

As palavras eram um eco apavorante no silêncio profundo. Os olhos de Shea lutaram para olhar na direção da porta. Primeiro, só viu sombras, que se apertaram devagar, unindo-se para formar a figura encapuzada do Lorde Feiticeiro. Ele pairava ameaçador na porta da cela, um manto impenetrável, escuro e sem forma. Do fundo do seu capuz, a névoa verde rodopiava e as faíscas que eram seus olhos brilhavam e aumentavam.

— CRIATURA MORTAL, AQUI ESTOU. AJOELHE-SE PERANTE MIM.

Shea ficou branco de medo. Algo imenso e negro atacou sua mente e ele balançou precariamente, à beira do pânico total. Um abismo sem fim parecia se abrir à sua volta. Bastaria apenas um pequeno empurrão...

Forçou-se a se concentrar na espada e em sua própria necessidade desesperada de continuar vivo. Uma neblina vermelha se espalhou por sua mente, trazendo consigo as vozes de incontáveis criaturas condenadas, que gritavam por piedade, sem esperança. Coisas rastejantes e distorcidas agarravam-se a seus braços e pernas, puxando-o, arrastando-o na direção do abismo. Sua coragem virou pó. Ele era tão pequeno, tão vulnerável. Como podia resistir a um ser tão terrível como o Lorde Feiticeiro?

Do outro lado da cela, Panamon Creel viu a figura sombria se aproximar de Shea. O Lorde Feiticeiro parecia algo sem substância, um capuz sem rosto, um manto vazio. Mas obviamente era demais para Shea enfrentar sozinho, com ou sem a espada. Com um leve aceno para Keltset, Panamon lutou contra a sensação de pânico que o atingia e atacou, o braço terminado em ponta subindo em um golpe impiedoso. Quase casualmente, a figura negra virou-se para ele. Não parecendo ser um ser vazio, mas sim cheio de um poder terrível. Um braço gesticulou e o ladrão sentiu algo como ferro apertando seu pescoço e jogando-o de volta contra a parede. Lutou de novo para se libertar, mas fora preso assim como Keltset. Sem poder fazer nada, viram o Lorde Feiticeiro se virar outra vez para o jovem.

A luta quase acabara para Shea. Ele ainda segurava a espada defensivamente diante de si, mas o final de sua resistência cedia ante o ataque do Lorde Sombrio. Não conseguia mais pensar racionalmente. Estava indefeso contra as emoções que o partiam em pedaços. Da escuridão do capuz, uma ordem terrível foi arremessada contra ele:

— BAIXE A ESPADA, CRIATURA MORTAL!

Desesperado, Shea lutou contra a vontade de obedecer. Tudo se tornara nebuloso e ele se esforçava para respirar. Muito ao longe em sua mente, uma voz familiar parecia chamar seu nome. Tentou responder, gritando internamente por ajuda. A voz do Lorde Feiticeiro atacou-o de novo:

— BAIXE A ESPADA!

A lâmina caiu um pouco. Shea sentiu sua mente ficando entorpecida e a escuridão se aproximar. A espada era inútil para ele. Por que não a largava logo e acabava com tudo? Ele não era nada se comparado àquele ser magnífico. Era apenas um mortal frágil, insignificante.

A espada baixou mais. Orl Fane de repente gritou aterrorizado e caiu soluçando no chão da cela escura. Panamon ficara branco. A forma de

Keltset estava pressionada contra a parede da cela. A ponta da Espada de Shannara estava a centímetros do chão, balançando lentamente.

A voz na mente de Shea chamou-o de novo. Do nada, as palavras chegaram até ele em um sussurro tão baixo que mal pôde distingui-lo:

— *Shea, tenha coragem. Confie na espada.*

Allanon!

A voz do Druida penetrou o medo e a dúvida que se apertavam ao redor do jovem. Mas estava tão longe. Tão longe...

— *Acredite na espada, Shea. Todo o resto é ilusão...*

As palavras de Allanon desaparecerem em um grito de raiva do Lorde Feiticeiro quando a criatura bloqueou a voz do odiado Druida da mente do jovem. Mas era tarde demais. Allanon jogara uma corda de salvação para Shea e ele a agarrara, puxando-se de volta da quase derrota. O medo e a dúvida recuaram. A espada subiu.

O Lorde Feiticeiro pareceu ir para trás; o capuz sem rosto virou-se na direção de Orl Fane. Na mesma hora, o choroso gnomo ficou ereto com movimentos de um boneco de madeira. Sem se controlar mais, a marionete do Lorde Sombrio avançou, as retorcidas mãos amarelas tentando desesperadamente agarrar a espada. Seus dedos se fecharam na lâmina exposta e puxaram em vão. De repente, Orl Fane gritou em agonia, soltando as mãos do talismã. Seu rosto se contorceu ao cair no chão, tapando os olhos com as mãos, como se para bloquear alguma visão horrível.

Novamente, o Lorde Feiticeiro gesticulou. A forma trêmula ficou de pé com dificuldade e o gnomo se jogou mais uma vez na luta, gritando, desesperado. De novo, agarrou a lâmina brilhante. Outra vez, gritou de agonia e caiu de joelhos, soltando o talismã uma segunda vez, lágrimas correndo de seus olhos.

Shea olhou para a forma encolhida. Ele sabia o que estava acontecendo. Orl Fane vira a verdade sobre si mesmo, assim como Shea, ao tocar a espada pela primeira vez. Mas, para o gnomo, a verdade era insuportável. Havia algo estranho ali. Por que Brona não tentara, ele mesmo, pegar a espada? Seria algo simples; porém, o Lorde Feiticeiro tinha primeiro usado ilusões para forçar Shea a largar a espada, e depois se valera do já enlouquecido Orl Fane, como se este fosse sua marionete. Dominando tanto poder, Brona

parecia ser incapaz de pegar a espada. Não seria um esforço grande; tateou pela resposta, tão perto estava. E viu a primeira fagulha de compreensão.

Orl Fane ficara de pé novamente, ainda desesperançado e obediente ao comando do Lorde Feiticeiro. Foi até Shea em desespero enlouquecido, seus dedos torcidos agarrando furiosamente o ar à sua frente. O jovem tentou evitar a investida, mas Orl Fane estava além da razão, sua mente se fora, sua alma não era mais sua. Com um berro de medo e frustração, jogou-se contra a espada. Por um instante, a forma magra tremeu contra o metal brilhante; o gnomo se segurava na única coisa que ainda importava para ele neste mundo. Por um instante, ela era sua afinal. Depois, ele morreu.

Atônito, Shea recuou libertando a espada do corpo sem vida. No mesmo instante, o Lorde Feiticeiro atacou de novo, golpeando violentamente a mente de Shea, em um esforço para esmagar toda a sua resistência. Brutal e direto, não usou as distorções da dúvida, as insinuações de incertezas ou truques de autoenganação. Havia apenas medo, devastador e avassalador, jogado com a força de um golpe de marreta. Visões fluíram pela mente de Shea: o poder absurdo do Lorde Feiticeiro descrito em mil maneiras horrendas, todas direcionadas à sua extinção. Sentiu-se diminuído até ser a menor, a mais insignificante das coisas vivas a rastejarem sobre a terra; em mais um segundo, o Lorde Feiticeiro moeria o humano indefeso até transformá-lo em pó.

No entanto, a coragem de Shea aguentou firme. Ele quase sucumbira à loucura uma vez, mas agora tinha de ficar forte, acreditar em si mesmo e em Allanon. As duas mãos agarraram a espada e ele se forçava a dar um pequeno passo à frente na neblina sufocante, na muralha de medo que o assediava. Tentou acreditar que tudo era ilusão, que o medo e o pânico crescente que sentia não eram seus. A parede cedeu ligeiramente, e lutou com mais força contra ela. Lembrou-se da morte de Orl Fane e construiu sobre essa memória uma imagem mental de todos os outros que iriam morrer se falhasse. Lembrou-se das palavras sussurradas de Allanon. E se concentrou no que acreditava ser a fraqueza do Lorde Feiticeiro, revelada em sua recusa em tocar a espada. Shea se forçou a acreditar que o verdadeiro segredo do poder do talismã era uma lei simples que afetava até mesmo uma criatura tão poderosa quanto Brona.

A neblina afinou, de repente, e a parede de medo se estilhaçou. Shea estava de novo na frente do Lorde Feiticeiro e as faíscas vermelhas piscavam furiosamente nas névoas verdes embaixo do capuz. Os braços cobertos ergueram-se velozes como para se proteger de algum perigo, e a figura sombria encolheu-se. Na escuridão da parede oposta, Panamon Creel e Keltset se libertaram e avançaram correndo, armas na mão. Shea sentiu os últimos traços de resistência do Lorde Feiticeiro se partirem e desvanecerem. A Espada de Shannara desceu.

Um berro mudo, aterrorizado e sobrenatural soltou-se da mortalha convulsionada; um longo braço esquelético agitava-se. O jovem pressionou a lâmina brilhante com força contra a forma que se contorcia, obrigando-a a recuar até a parede mais próxima. Não haveria escapatória, jurou. Haveria um fim para o terrível mal daquela criatura. À sua frente, o manto negro tremeu enquanto os dedos tortos agarravam dolorosamente o ar úmido da cela. O Lorde Feiticeiro começou a se desfazer e gritou seu ódio pela criatura que o destruíra. Por trás de seu grito, havia o eco de mil outras vozes que clamavam pela vingança que lhes fora negada por tanto tempo.

Shea sentiu o horror da criatura correr pela espada até sua mente, mas com isso veio a força daquelas outras vozes; ele não cedeu. O toque da espada carregava consigo uma verdade que não podia ser negada por toda a ilusão e enganação do Lorde Feiticeiro. Era uma verdade que não podia admitir, não podia aceitar, não podia cumprir; por isso, era uma verdade contra a qual não tinha defesa. Para o Lorde Feiticeiro, a verdade era a morte.

A existência de Brona era apenas uma ilusão. Havia muito que os meios que usara, quaisquer que fossem, para estender sua vida mortal haviam falhado, e seu corpo morrera. Porém sua convicção obsessiva de que não podia morrer manteve uma parte dele viva, sustentando-se através da feitiçaria que o enlouquecera. Negando a própria morte, manteve seu corpo sem vida para alcançar a imortalidade que lhe escapara. Uma criatura existindo como parte de dois mundos, seu poder parecia incrível. Mas a espada o forçava a se ver como realmente era: uma casca sem vida e decadente, sustentada apenas por uma crença mal concebida na própria realidade, um simulacro, uma fantasia criada por pura força de vontade, tão efêmera quanto o ser físico que criara. Ele era uma farsa que existira e

crecera com o medo e as dúvidas dos mortais, uma mentira que criara para esconder a verdade. Mas agora a farsa fora exposta.

Shea Ohmsford tinha sido capaz de aceitar a fraqueza e a fragilidade que eram parte de sua natureza humana, como de qualquer outro homem. Porém, o Lorde Feiticeiro jamais aceitaria o que a espada revelara, porque a verdade era que a criatura que ele supunha ser, deixara de existir quase mil anos antes. Tudo o que restara de Brona era uma mentira; e aquilo também foi tirado dele pelo poder da espada.

Ele gritou pela última vez, um choro de protesto que ecoou tristemente pela cela, misturando-se com o grito de triunfo que crescia em um coro de outras aparições. Então, todo o som cessou. O braço esticado começou a murchar e virar pó, caindo sobre sua forma trêmula como cinzas enquanto seu corpo se partia sobre o manto. As pequenas faíscas vermelhas brilharam uma vez na névoa que se desfazia e desapareceram. O manto se amassou e afundou, caindo no chão em uma pilha, com o capuz gradualmente se encolhendo, até só sobrar um monte de tecido puído.

Um instante depois, Shea começou a tremer, instável. Emoções demais tinham percorrido seus nervos e ele passara por muita tensão durante muito tempo. Então, tudo isso estava cobrando um preço ao corpo mais do que exaurido. O chão pareceu se inclinar sobre seus pés enquanto caía lentamente para a escuridão.

Na cidade de Tyrsis, a longa e terrível disputa entre mortais nascidos da terra e criaturas de espírito chegou ao ápice com uma rapidez surpreendente. Das profundezas de seu coração incrustado de rochas, a terra começou a vibrar, os tremores chegando à superfície de forma firme e ameaçadora. Nas colinas baixas ao leste de Tyrsis, o pequeno grupo de cavaleiros elfos lutava para controlar suas montarias assustadas e um abatido Flick Ohmsford assistiu assombrado à terra à sua volta começar a se sacudir com as estranhas vibrações. No topo da Muralha Interna, a figura alta e indestrutível de Balinor repelia ataque após ataque enquanto o exército das Terras do Norte procurava em vão quebrar as defesas das Terras do Sul e por vários minutos os tremores passaram despercebidos na ferocidade da batalha. Na Ponte de Sendic, os trolls pararam e olharam inquietos ao redor

enquanto os tremores continuavam. Menion Leah pulou quando longas rachaduras apareceram na pedra antiga e os defensores da ponte prepararam-se para correr. As profundas vibrações cresceram rapidamente, acumulando-se com poder assustador até uma avalanche titânica de tremores ressoantes que varreram pedra e rocha.

O vento soprou sobre a região com golpes ferozes que derrubaram e espalharam o exército élfico ainda correndo para socorrer Tyrsis. De Culhaven, a Anar, até os recantos mais distantes das vastas Terras do Oeste, o grande vento rugiu. Imensas árvores estilhaçaram-se e se partiram nas florestas, e partes de montanhas se desgarraram e se esfarelaram em pó, enquanto a força esmagadora do vento e do terremoto invadia as quatro terras. O céu ficara de um negro sólido, sem nuvens, sem sol e vazio, como se os céus tivessem sido obliterados com uma simples passada de um imenso pincel. Imensos raios vermelhos cortavam a escuridão, cobrindo a abóbada celeste, em uma rede impossível de energia elétrica. Era o fim do mundo. Era o fim de toda a vida. O holocausto prometido desde o começo finalmente chegara.

Todavia, um momento depois, tudo parou, morrendo instantaneamente em uma completa e absoluta quietude. O silêncio pairava como uma mortalha, até que da escuridão impenetrável surgiu o som de clamores lamentosos, desesperados, logo tornando-se gritos de agonia. Na cidade de Tyrsis, a batalha estava esquecida. Nortistas e sulistas observaram horrorizados quando os Portadores da Caveira subiam aos céus como aparições sem forma, murchando em agonia indescritível, seus membros em gancho contorcendo-se enquanto gritavam. Pairaram por um momento à vista de todos. Os exércitos empalideceram de horror, mas não conseguiam desviar os olhos. As formas aladas começaram a se desintegrar, seus corpos escuros aos poucos virando cinzas e flutuando para a terra. Segundos depois, só sobrara a escuridão vasta e vazia, que varreu tudo para o norte, enrolando suas bordas como se fossem as pontas de um cobertor. Primeiro no sul, depois no leste e no oeste, o céu azul surgiu e o sol varreu as terras com sua claridade esfuziante. Surpresos, os mortais viram aquela escuridão impossível se dobrar em uma única nuvem negra ao norte, que pairou imóvel sobre o horizonte, depois se afundou na terra e sumiu para sempre.

O tempo vagava para longe enquanto Shea flutuava sem sentir nada em um vazio vasto e negro.

— Acho que ele não resistiu.

A voz alcançou sua mente vinda de longe, muito longe. Seu rosto e suas mãos sentiram o súbito frio da pedra lisa contra sua pele quente.

— Espere, ele está piscando. Acho que está voltando a si!

Panamon Creel. Shea abriu os olhos e encontrou-se deitado no chão da pequena cela, a luz amarelada da tocha tremeluzindo pela escuridão em um brilho enevoado. Ele era ele mesmo de novo. A mão ainda apertava a Espada de Shannara, mas o poder do talismã o deixara, e o estranho elo que os unira brevemente se fora. Ergueu-se desajeitado e ficou de joelhos, mas um tremor profundo sacudiu a caverna e ele caiu. Mãos fortes o agarraram antes de tocar o chão.

— Calma, não tenha pressa. — A voz áspera de Panamon ressoou quase em seu ouvido. — Deixe-me olhar para você. Aqui, olhe para mim. — Ele praticamente virou o jovem e seus olhos se encontraram. Houve apenas um traço de medo no olhar duro do ladrão e depois ele sorriu. — Ele está bem, Keltset. Agora, vamos sair daqui.

Ele ergueu Shea e começou a ir na direção da porta aberta. A forma gigantesca de Keltset se arrastava vários metros à frente. Shea deu alguns passos incertos e parou. Alguma coisa o segurou ali.

— Eu estou bem — murmurou.

De repente, tudo voltou à sua mente: o poder da espada correndo pelo seu corpo para uni-los, suas visões da verdade sobre si mesmo, a assustadora batalha contra o Lorde Feiticeiro, a morte de Orl Fane... Ele gritou e quase caiu.

Panamon Creel estendeu o braço bom e segurou-o perto de si.

— Calma, calma. Está tudo acabado, Shea. Você conseguiu, você venceu. O Lorde Feiticeiro foi destruído. Mas essa montanha está se sacudindo toda. Temos que sair daqui antes que caia sobre nossas cabeças.

O ribombar baixo aumentara, e pedaços de pedra estavam sendo desalojados das paredes e do teto da caverna, caindo em uma chuva de poeira e cascalho. Rachaduras apareciam na pedra antiga, enquanto os tremores fortes continuavam. Shea olhou para Panamon e assentiu.

— Você vai ficar bem. — O ladrão vestido de escarlate se levantou. — Eu vou tirar você daqui. É uma promessa.

Rapidamente, os três homens foram para a passagem escura fora da câmara. O túnel escarpado se contorcia pelo coração da Lâmina da Faca, as paredes ásperas partidas por fissuras e veios irregulares. Mais aberturas surgiam enquanto os tremores ficavam mais fortes e as paredes começaram a se partir e cair aos pedaços. A montanha sacudiu-se como se a terra ameaçasse se abrir para engoli-la inteira, tremendo com a força das reverberações trovejantes que ecoavam do núcleo da terra. Passaram por inúmeras e pequenas passagens e câmaras, movendo-se com firmeza, porém incapazes de achar uma saída. Várias vezes, um deles caía sob uma cascata de pedra e poeira, libertando-se em seguida. Grandes pedaços de pedra rolavam na frente deles e bloqueavam a passagem do túnel, mas o poderoso Keltset os levantava e os colocava de lado; então, o pequeno grupo continuava veloz. Shea começou a perder completamente o sentido do que estava acontecendo com eles, um cansaço estranho apoderando-se de seu corpo, pressionando-o sem remorsos para baixo e drenando a pouca energia que lhe sobrara. Quando achou que não ia mais aguentar, Panamon estava ao seu lado para apoiá-lo, seu braço forte levantando-o e arrastando-o pelos detritos.

Alcançara uma parte particularmente estreita do caminho que se virava abrupto para a direita quando um tremor violento sacudiu a montanha agonizante. O teto inteiro do corredor se quebrou com um estalo e começou a descer lentamente. Panamon gritou desesperado e puxou Shea para a frente, tentando proteger o jovem com o próprio corpo. No mesmo instante Keltset estava lá, sua figura gigantesca aguentando enquanto os ombros grandes inclinavam-se para cima contra as toneladas de rocha quebrada. Poeira subia em nuvens ofuscantes, e, por um momento, tudo ficou obscurecido. Panamon Creel puxou Shea para que se erguesse, apressando-o para passar pela forma do troll de pedra. Shea olhou para cima enquanto rastejava e se arrastava pela pedra quebrada; os olhos gentis encontraram os seus. O teto caiu mais vários centímetros, e aquele apoio vivo jogou toda a fabulosa força de um troll de pedra contra ele, o corpo com aparência de tronco rígido reagindo com o tremendo esforço. Shea hesitou, mas Panamon o agarrou com força pelos ombros, empurrando-o, jogando-o para o outro

lado da curva do túnel até um corredor mais amplo. Caíram em uma pilha de pedras soltas e poeira, lutando para respirar. Tiveram um vislumbre de Keltset, sua grande estrutura ainda aguentando a pedra que se esfarelava. Panamon fez um movimento para voltar à passagem; no entanto, um tremor rasgou o núcleo da montanha; em um gemido de pedras se movendo e escorregando, o túnel atrás deles se partiu e caiu. Toneladas de pedra foram abaixo e o caminho desapareceu completamente. Shea gritou e se jogou contra a parede de rocha, Panamon, porém, o puxou de volta, de maneira rude, apontando a mão de metal para seu rosto.

— Ele está morto! Não podemos ajudá-lo! — O rosto abatido do jovem o encarou em choque. — Mexa-se, saia daqui! — O ladrão estava lívido de raiva. — Você quer que ele tenha morrido por nada? Mexa-se!

Ele puxou Shea com violência e o fez se levantar, jogando-o na direção da parte aberta do túnel. Os tremores profundos continuavam a vibrar pela montanha, e uma série de sacudidas rápidas e fortes quase os jogou ao chão enquanto avançavam aos tropeços. Shea corria às cegas, seus olhos nublados com lágrimas e poeira. Estava difícil ver com clareza; piscou, apertando os olhos em um esforço para limpar a visão. A respiração difícil de Panamon estava perto de seu ouvido e ele sentiu a ponta de metal encostando em suas costas, forçando-o a correr mais rápido. Estilhaços de rocha soltavam-se das paredes e do teto, chovendo sobre seu corpo desprotegido, cortando e machucando, rasgando sua roupa até ficar em farrapos que se agarravam ao corpo magro e suado. Nas mãos, apertou a Espada de Shannara, inútil agora a não ser para provar que tudo o que lhe acontecera não fora só sua imaginação enlouquecida.

Abruptamente, o túnel se dissolveu na luz cinzenta do céu das Terras do Norte; então, estavam livres da montanha. À frente, os corpos espalhados de trolls e mutens quebrados e mortos. Sem diminuir a velocidade, os dois correram para a boca do sinuoso passo que dividia a monstruosa Lâmina da Faca.

A terra endurecida se sacudia com violência, longas rachaduras irregulares aparecendo na base da Montanha da Caveira e serpenteando de forma tortuosa até o círculo de ameaças naturais que cercava a região. Um estalo súbito rugeu, mais alto do que qualquer outro antes, fazendo os dois se virarem. Em um espanto sem palavras, viram o rosto descarnado da

caveira começar a afundar e a quebrar. Tudo pareceu se partir na mesma hora e a marca do Lorde Feiticeiro desapareceu em um cascata de toneladas de rochas que jorraram. A Montanha da Caveira não existia mais. Uma densa nuvem de poeira amarela subiu para o céu e um som alto explodiu nas entranhas da terra, ecoando na vastidão das Terras do Norte. Ventos violentos varreram o que sobrou da montanha agonizante e os tremores começaram a ressoar de novo. Horrorizado, Shea viu a monstruosa Lâmina da Faca começar a tremer com a força daquela nova convulsão. O reino inteiro estava se desintegrando.

Panamon já estava correndo para o passo, puxando um atônito Shea consigo. Mas o jovem não precisava mais ser convencido e rapidamente acompanhou o ritmo, sua figura voando pelo emaranhado de corpos. De algum último reservatório de coragem e determinação, convocou o resto de suas forças, e um surpreso Panamon Creel, de repente, viu-se tendo de correr para acompanhá-lo. Quando alcançaram a boca do passo, pedaços da Lâmina da Faca começavam a se quebrar e cair, soltando-se com estalos altos enquanto os tremores continuavam a sacudir a terra. Pedras imensas caíam com força esmagadora no desfiladeiro tortuoso. Então, uma densa avalanche de pedras soltas deslizou das alturas dos picos antigos, crescendo em força rapidamente. No centro daquele holocausto, os dois sulistas desviaram-se e giraram, o ladrão de uma mão e o meio-elfo esfarrapado, que ainda brandia a antiga espada. A força do vento batia em suas costas, impelindo-os a ir mais rápido através do halo de pedras e poeira. Curvas e torções no caminho surgiam e desapareciam; sabiam que estavam se aproximando do fim do desfiladeiro e das colinas do outro lado. Shea subitamente percebeu que sua visão estava embaçando de novo e tropeçou, incerto, a mão livre esfregando os olhos, nervosa, para limpá-los.

De repente, a parede oeste inteira do desfiladeiro pareceu se quebrar e ir abaixo, caindo sobre os dois homens, enterrando-os em uma investida sufocante de pedras e poeira. Algo duro golpeou sua cabeça exposta e por um momento Shea deslizou na escuridão. Estava caído, parcialmente coberto pelos detritos, sua mente tentando acordar. Panamon começou a cavar para libertá-lo, o braço forte libertando-o das pedras partidas e o segurando. Através de uma névoa cinza, Shea viu sangue no rosto do

homem. Shea aos poucos ficou de pé, apoiando-se pesadamente na Espada de Shannara.

Panamon ficou de joelhos. A mão de ferro apontou para o passo atrás deles. Shea olhou de relance, ansioso. Para seu desgosto, viu uma criatura deformada e pesada lentamente se aproximando, saindo das nuvens de poeira. Um muten! O rosto sem forma estava virado na direção deles; o monstro cambaleava para a frente. Panamon olhou para cima e sorriu sombriamente para Shea.

— Ele está nos seguindo desde a outra ponta. Achei que conseguiríamos despistá-lo no desfiladeiro, mas ele é teimoso. — Ele levantou-se devagar e desembainhou a espada larga. — Mexa-se, Shea. Alcanço você logo, logo.

O estupefato jovem do Vale Sombrio sacudiu a cabeça, sem palavras. Devia ter entendido errado.

— Podemos correr mais que ele — conseguiu soltar finalmente. — Já estamos quase no fim do passo mesmo. Podemos lutar com ele aqui, juntos!

Panamon sacudiu sua cabeça e sorriu com tristeza.

— Temo que não dessa vez. Dei um mau jeito em minha perna. Não posso mais correr. — Ele sacudiu a cabeça, enquanto Shea abria a boca para falar. — Não quero ouvir, Shea. Agora, corra. E continue correndo!

Lágrimas escorriam pelas bochechas do rapaz enquanto encarava o outro homem.

— Eu não posso fazer isso!

Um tremor súbito sacudiu a Lâmina da Faca, deixando Panamon e Shea de joelhos de novo. Pedras vieram abaixo pela encosta que se desfazia, enquanto as pesadas convulsões continuavam nas profundezas da terra. O muten continuava vindo na direção deles, sem ser afetado pelos tremores. Panamon ergueu-se trêmulo, puxando Shea.

— O passo todo está se desfazendo — declarou, calmo. — Não temos tempo para discutir. Posso tomar conta de mim mesmo, como eu fazia antes de encontrar você ou Keltset. Agora, quero que você corra, saia logo desse passo!

Ele colocou a mão no ombro do jovem e o empurrou gentilmente. Shea deu vários passos para trás e hesitou, erguendo a Espada de Shannara em uma postura quase ameaçadora. O rosto largo de Panamon Creel mostrou

um lampejo de surpresa e o sorriso familiar e habitual apareceu; seus olhos pegaram fogo.

— Iremos nos encontrar de novo, Shea Ohmsford. Espere por mim.

Ele acenou com a mão de metal em despedida e virou-se para enfrentar o muten. Shea o observou por um momento. Sua visão deveria estar piorando; por instantes pareceu que o ladrão escarlate não estava nem mancando. Os tremores novamente rasgaram o passo, e o jovem correu para a segurança das colinas. Escorregando e tropeçando pelas pedras soltas, desviando-se da cascata de pedras e destroços que desciam das alturas da Lâmina da Faca, correu sozinho.

Capítulo XXXIV

A tarde já quase se fora. A luz do sol se esgueirava em faixas longas e nevoentas pelas nuvens brancas que fluíam sobre o terreno vazio e desolado das Terras do Norte, aquecendo alguns pontos. Aqui e ali a luz caía providencialmente em pequenas manchas de verde, os primeiros sinais da vida que um dia floresceria permanentemente naquela terra que fora desolada e ressecada por tantos anos. À distância, os picos da entrecortada Lâmina da Faca surgiram rudemente contra o horizonte; pelo vale devastado além, a poeira ainda estava suspensa sobre as ruínas do Reino da Caveira.

Shea parecia ter surgido do nada, vagando sem rumo pelo emaranhado de ravinas e valas que esculpam as colinas logo abaixo da Lâmina da Faca. Meio cego e completamente exausto, a figura esfarrapada estava quase irreconhecível. Ele foi na direção de Allanon sem vê-lo, as mãos agarrando com força a empunhadura prateada da espada. Por um instante, o Druida observou, sem palavras, o estranho espetáculo daquele hesitante e esfarrapado espadachim. Depois, com um grito agudo de alívio, correu para abraçar a figura fina e abatida de Shea Ohmsford e apertá-la contra si.

O jovem dormiu por muito tempo e, quando acordou novamente, já era de noite. Ele estava deitado no abrigo de uma plataforma de pedra incrustada em uma colina, que se abriu para uma ravina profunda e ampla. Uma pequena fogueira de madeira crepitava tranquilamente, fornecendo mais calor do que era proporcionado pelo manto no qual estava enrolado. Sua visão estava começando a clarear. Observou o céu noturno brilhante, coberto de estrelas, que se estendia como um toldo acima dele. Sorriu apesar de tudo. Podia se imaginar no Vale Sombrio mais uma vez. Pouco depois, a sombra negra de Allanon moveu-se até a luz da fogueira.

— Está se sentindo melhor? — o Druida perguntou em saudação e se sentou. Havia algo estranho em Allanon. Ele parecia mais humano, menos ameaçador e havia um calor incomum em sua voz.

Shea assentiu.

— Como você me encontrou?

— Você que me encontrou. Você não se lembra?

— Não, de nada... nada depois... — Shea parou, hesitando. — Tinha mais alguém... você viu mais alguém?

Allanon estudou o semblante ansioso por um momento, como se pensasse no que responder, então balançou o rosto escuro.

— Você estava sozinho.

Shea sentiu algo bloquear sua garganta. Deitado no calor dos cobertores, engoliu em seco. Então, Panamon também se fora. De algum jeito, ele não esperava que terminasse assim.

— Você está bem? — A voz do Druida foi até ele na escuridão. — Você quer comer alguma coisa? Acho que faria bem se comesse.

— Sim.

Shea se ergueu para se sentar, o manto ainda enrolado protetoramente ao seu redor. Do lado do fogo, Allanon servia sopa em uma pequena tigela. O aroma era convidativo e ele respirou fundo. Subitamente, lembrou-se da Espada de Shannara e procurou-a na escuridão. Viu-a quase na hora, deitada ao seu lado, o metal brilhando de leve. Em seguida, bateu os bolsos de sua túnica pelas Pedras Élficas. Mas não conseguiu achá-las. Em pânico, começou a procurar desesperadamente por sua roupa pela pequena bolsa, com o mesmo resultado. Uma sensação de perda o atingiu e ele se deitou de novo, fraco. Talvez Allanon...

— Allanon, eu não consigo encontrar as Pedras Élficas — disse rapidamente. — Você...

O Druida foi até seu lado e entregou-lhe a tigela fumegante de sopa e uma pequena colher de madeira. Seu rosto era uma sombra negra impenetrável.

— Não, Shea. Você deve tê-las perdido quando escapou da Lâmina da Faca. — Ele viu o olhar cabisbaixo do outro e bateu-lhe no ombro, reconfortando-o. — Não há motivo para se preocupar com elas agora. As pedras já serviram ao seu propósito. Quero que você coma alguma coisa e volte a dormir; precisa descansar.

De forma mecânica, Shea tomou um gole da sopa, incapaz de esquecer tão facilmente a perda das Pedras Élficas. Elas estavam com ele desde o começo; elas o protegeram em cada passo do caminho. Várias vezes, salvaram sua vida. Como podia ter sido tão descuidado? Em vão, tentou se lembrar, por um momento, de onde poderia tê-las perdido, mas foi inútil. Podia ter acontecido em qualquer lugar.

— Lamento pelas Pedras Élficas — ele se desculpou em voz baixa, sentindo que deveria dizer alguma coisa.

Allanon deu de ombros e sorriu de leve. Ele parecia cansado e mais velho ao se sentar do lado do jovem.

— Talvez elas apareçam mais tarde.

Shea terminou sua tigela em silêncio e Allanon a encheu de novo sem que pedisse. O líquido quente relaxou o jovem, ainda cansado, e uma sonolência avassaladora começou a tomar lentamente seu corpo. Já estava adormecendo de novo. Seria muito fácil se entregar àquela sensação, mas não podia. Ainda havia muitas coisas o incomodando. Muitas perguntas sem respostas. Queria aquelas respostas do único homem que as tinha. Ele merecia pelo menos isso depois de tudo o que passara.

Lutou para se manter sentado, consciente de que Allanon o observava com atenção na escuridão além da pequena fogueira. À distância, o grito agudo de um pássaro noturno quebrou o silêncio profundo. Shea parou. A vida estava voltando às Terras do Norte, depois de tanto tempo. Colocou a tigela de sopa no chão perto dele e se virou para Allanon.

— Podemos conversar? — O Druida assentiu em silêncio. — Por que você não me contou a verdade sobre a espada? — o jovem do Vale Sombrio perguntou suavemente. — Por quê?

— Eu contei tudo o que você precisava saber. — O rosto escuro de Allanon estava impassível. — A espada contou o resto. — Shea o encarou, incrédulo. — Era necessário que você aprendesse o segredo da Espada de Shannara por si mesmo — o Druida continuou gentilmente. — Não era algo que eu pudesse explicar, era algo que você tinha de experimentar. Precisava aprender a aceitar a verdade sobre você mesmo antes que a espada pudesse lhe ser útil como um talismã contra o Lorde Feiticeiro. Era um processo em que eu não podia me envolver diretamente.

— Bem, você não podia ao menos ter me contado por que a espada iria destruir Brona? — Shea insistiu.

— E no que isso o teria ajudado, Shea?

O jovem franziu a testa.

— Não entendi.

— Se eu contasse tudo o que poderia lhe contar sobre a espada, lembrando que você não teria o benefício da retrospectiva como tem agora para lhe ajudar, isso teria lhe ajudado em termos práticos? Você teria sido capaz de continuar sua busca pela espada? Teria sido capaz de usar a espada contra Brona, sabendo que ela não faria nada além de revelar a ele a verdade sobre si mesmo? Você teria sequer acreditado em mim quando eu dissesse que uma coisa tão simples poderia destruir um monstro com o poder do Lorde Feiticeiro? — Ele se agachou para mais perto de Shea na luz fraca da fogueira. — Ou você teria desistido da jornada e de si mesmo na mesma hora? O quanto da verdade você teria aguentado?

— Eu não sei — Shea respondeu, em dúvida.

— Então eu irei lhe dizer algo que eu não podia dizer antes. Jerle Shannara, quinhentos anos atrás, sabia disso tudo. E mesmo assim falhou.

— Mas eu pensei...

— Que ele tivesse sido bem-sucedido? — Allanon completou o pensamento. — Se ele tivesse conseguido, o Lorde Feiticeiro não teria sido destruído? Não, Shea, Jerle Shannara não conseguiu. Bremen confiou ao Rei Élfico o segredo da espada porque também achou que saber como o talismã seria usado poderia preparar seu portador melhor para o confronto com Brona. Só que não preparou. Mesmo tendo sido avisado que seria exposto à verdade sobre si mesmo, Jerle Shannara não estava preparado para o que descobriu. Na verdade, não havia forma de se preparar adequadamente para isso. Nós construímos barreiras demais para conseguirmos ser completamente honestos conosco. E eu não acho que ele jamais tenha acreditado no aviso de Bremen sobre o que aconteceria quando segurasse a espada. Jerle Shannara era um rei guerreiro, e seu instinto natural era de confiar na espada como uma arma física, mesmo tendo sido advertido de que ela não o ajudaria dessa forma. Quando confrontou o Lorde Feiticeiro e o talismã começou a funcionar exatamente como Bremen avisara, ele entrou em pânico. Sua força física, sua habilidade como guerreiro, suas experiências

em batalhas, nada disso foi útil. Como resultado, o Lorde Feiticeiro conseguiu escapar.

Shea ainda não estava convencido.

— Poderia ter sido diferente comigo — disse, mas o Druida não pareceu ter escutado.

— Eu deveria ter estado com você quando achou a Espada de Shannara, e quando o segredo do talismã se revelasse, eu teria explicado a relevância como uma arma contra o Lorde Feiticeiro. Mas o perdi nos Dentes de Dragão, e só depois percebi que você tinha encontrado a espada e vindo para o norte sem mim. Eu vim atrás de você, mas já era quase tarde demais. Pude sentir seu pânico quando descobriu o segredo da espada e sabia que o Lorde Feiticeiro também sentiria. Mas eu ainda estava longe demais para alcançá-lo a tempo. Tentei chamá-lo, projetar minha voz em sua mente. Não havia tempo para lhe dizer o que fazer; o Lorde Feiticeiro impediria isso. Eu só tinha algumas palavras.

Ele parou, quase como se tivesse entrado em transe, seu olhar escuro fixo no ar entre eles.

— Mas você descobriu a resposta sozinho. E sobreviveu.

O jovem desviou o olhar, lembrando que, apesar de estar vivo, todos os que tinham ido com ele para o reino da Caveira estavam mortos.

— Poderia ter sido diferente — ele repetiu.

Allanon não disse nada. Aos seus pés, a pequena fogueira morria lentamente em brasas avermelhadas enquanto a noite se fechava ao redor. Shea pegou a tigela de sopa e a terminou rapidamente, sentindo a sonolência vir outra vez. Estava cochilando quando Allanon se mexeu inesperadamente na escuridão e foi até ele.

— Você acha que eu estava errado por não ter contado o segredo da espada? — murmurou suavemente. Era mais uma declaração do que uma pergunta. — Talvez você esteja certo. Talvez tivesse sido melhor para todos se eu tivesse revelado tudo para você desde o começo.

Shea levantou os olhos para ele. O rosto fino era uma máscara de vazios escuros e ângulos que pareciam envolver um enigma eterno.

— Não, você estava certo — o jovem respondeu lentamente. — Não sei se eu teria aguentado a verdade.

Allanon inclinou a cabeça de leve para um lado, como se considerasse a possibilidade.

— Eu deveria ter tido mais fé em você, Shea. Mas eu estava com medo. — Parou ao ver um traço de dúvida passar pelo rosto do jovem. — Você não acredita, mas é verdade. Para você, e para os outros também, eu sempre fui algo mais do que humano. Era necessário, ou você jamais teria aceitado seu papel quando eu o desse. Mas um Druida ainda é um ser humano, Shea. E você esqueceu algo importante. Antes de ser o Lorde Feiticeiro, Brona era um Druida. Então, pelo menos em parte, os Druidas têm sua responsabilidade pelo que ele se tornou. Nós permitimos que ele virasse o Lorde Feiticeiro. Nosso aprendizado lhe deu a oportunidade, nosso subsequente isolamento da humanidade permitiu que evoluísse. Toda a raça humana poderia ter sido escravizada ou destruída, e a culpa seria nossa. Por duas vezes, os Druidas tiveram a oportunidade de destruí-lo; por duas vezes, falharam. Sou o último de meu povo; se eu também falhasse, não haveria mais ninguém para proteger as raças contra esse mal monstruoso. Sim, eu estava com medo. Um pequeno engano e poderia deixar Brona livre para sempre.

A voz do Druida baixou até ser um sussurro; então, ele olhou para o chão.

— Há mais uma coisa que você deve saber, Bremen foi mais do que um simples ancestral meu. Ele era meu pai.

— Seu pai! — Shea acordou totalmente por um instante. — Mas isso não é po...

Sua voz sumiu, incapaz de terminar. Allanon sorriu.

— Você certamente deve ter pensado algumas vezes que sou mais velho do que qualquer humano normal poderia ser. Os Druidas descobriram o segredo da longevidade depois da Primeira Guerra das Raças. Mas há um preço, um preço que Brona se recusou a pagar. São muitas as exigências e disciplina necessárias, Shea. Não é um presente. E por nosso tempo prolongado, acumulamos um débito que precisa ser pago em um sono especial que nos restaura de nosso envelhecimento. Há muitos passos para a verdadeira longevidade, e alguns não são... agradáveis. Nenhum é fácil. Brona procurou uma forma diferente da dos Druidas, uma forma que não teria o mesmo preço nem os mesmos sacrifícios. No fim, só encontrou ilusão. — O Druida pareceu retirar-se para dentro de si por um momento, e

depois continuou: — Bremen era meu pai. Ele teve uma chance de acabar com a ameaça do Lorde Feiticeiro, mas cometeu erros demais e Brona escapou. Sua fuga foi culpa de meu pai, e se o Lorde Feiticeiro tivesse tido sucesso, meu pai seria o responsável. Eu vivi com medo de isso acontecer até virar uma obsessão. Jurei não cometer os mesmos erros que ele. Temo dizer que nunca tive muita fé em você. Temia que você fosse fraco demais para fazer o que precisava ser feito, e escondi a verdade para utilizá-la conforme minhas próprias necessidades. De muitas formas, fui injusto com você. Mas você era minha última chance de redimir meu pai, limpar meu próprio sentimento de culpa pelo que ele fez e apagar para sempre a responsabilidade dos Druidas pela criação de Brona. — Ele hesitou e olhou diretamente nos olhos de Shea. — Eu estava errado, jovem do Vale Sombrio. Você é um homem melhor do que eu pensei que fosse.

Shea sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não, Allanon. Você que estava falando em retrospectiva. Escute suas próprias palavras, historiador.

Na escuridão à frente, o Druida retribuiu o sorriso, melancólico.

— Eu queria... queria que tivéssemos mais tempo, Shea Ohmsford. Tempo para aprendermos a nos conhecer melhor. Mas eu tenho um débito que precisa ser pago... muito em breve...

Sua voz sumiu, quase com tristeza, o rosto magro abaixando-se para a sombra. O intrigado jovem esperou por um momento, pensando que ele diria mais alguma coisa. Não disse.

— De manhã, então. — Shea se espreguiçou, cansado, e se enterrou mais no manto, quente e relaxado pela sopa e pelo fogo. — Temos uma longa jornada de volta para as Terras do Sul.

Allanon não respondeu imediatamente.

— Seus amigos estão por perto, procurando você — respondeu, afinal. — Quando o encontrarem, você vai lhes contar tudo o que eu lhe relatei?

Shea quase não o ouviu, seus pensamentos vagando para o Vale Sombrio e para a esperança de estar em casa de novo.

— Você pode fazer isso melhor do que eu — murmurou, sonolento.

Houve outro longo momento de silêncio. Depois, ouviu Allanon se movendo na escuridão, e quando o homem alto falou, sua voz soou estranhamente distante:

— Eu posso não ser capaz disso, Shea. Estou muito cansado. Eu me exauri fisicamente. Por um tempo, eu preciso... dormir.

— Amanhã — Shea murmurou. — Boa noite.

A voz do Druida veio como um sussurro:

— Adeus, meu jovem amigo. Adeus, Shea.

Mas o jovem já estava dormindo.

Shea acordou sobressaltado, o sol da manhã batendo nele. Seus olhos se abriram com o som de cascos e botas, e ele se viu cercado por um grupo de figuras esguias vestidas de verde. Instintivamente, sua mão foi para a Espada de Shannara e ele lutou para se sentar, apertando os olhos para ver seus rostos. Eram elfos. Um elfo alto de rosto duro saiu do grupo e se curvou perto dele. Olhos verdes penetrantes fixaram-se nos seus e a mão firme descansou reconfortante em seu ombro.

— Você está entre amigos, Shea Ohmsford. Nós somos homens de Eventine.

Shea se levantou lentamente, ainda apertando a espada.

— Allanon...? — perguntou, olhando ao redor, procurando-o.

O homem alto hesitou por um momento e depois sacudiu a cabeça.

— Não tem mais ninguém aqui. Só você.

Atônito, Shea passou por ele e abriu caminho pelo círculo de cavaleiros, seus olhos procurando pela extensão da ampla ravina. Rocha cinzenta e poeira o encararam de volta, uma passagem vazia e deserta que se retorceu e sumiu de vista. Além dos cavaleiros elfos e dele mesmo, não havia mais ninguém ali. Algo que o Druida dissera voltou a sua mente — e então ele soube que Allanon realmente se fora.

— Dormindo... — ele se ouviu sussurrar.

Rigidamente, ele se virou para os elfos que o esperavam, e hesitou enquanto lágrimas desciam pelo rosto abatido. Mas Allanon voltaria para ele quando fosse preciso, disse a si mesmo, zangado. Assim como sempre fazia. Limpou as lágrimas e olhou por um momento para o azul-brilhante do céu das Terras do Norte. Por apenas um instante, pareceu ouvir a voz do Druida lhe chamando de muito, muito longe. Um leve sorriso surgiu em seus lábios.

— Adeus, Allanon — respondeu, baixinho.

Capítulo XXXV

Então terminou. Pouco mais de dez dias depois, os remanescentes do pequeno grupo que saíra de Culhaven tantas semanas antes se despediram uns dos outros pela última vez. Era um dia claro e brilhante, cheio de luz do sol e do frescor do verão. Vinda do oeste, uma brisa gentil mexia o tapete verde-esmeralda das planícies tyrsianas e, à distância, o rugido preguiçoso do Mermidon flutuava suavemente pela calmaria do começo da manhã. Estavam juntos na estrada que levava para fora da cidade murada. Durin e Dayel, o primeiro com o braço esquerdo imobilizado em uma tala — Dayel o encontrara entre os feridos; ele estava se recuperando rapidamente. Em seguida, vinham Balinor Buckhannah em sua cota de malha com um manto azul real, um Shea Ohmsford ainda pálido, o fiel Flick e Menion Leah. Eles falaram em voz baixa por um tempo, sorrindo bravamente, tentando parecer amigáveis e relaxados sem muito sucesso, olhando de tempos em tempos para os cavalos amarrados que pastavam satisfeitos atrás deles. Por fim, houve um silêncio constrangido e mãos foram estendidas e apertadas, promessas resmungadas de visitas em breve foram trocadas. Era uma despedida dolorosa, e por trás dos sorrisos e dos apertos de mão, havia tristeza.

Então, cavalgaram, cada um para o próprio lar. Durin e Dayel viajaram para o oeste, para Beleal, onde Dayel finalmente se reuniria à sua amada Lynliss. Os Ohmsford viraram para o sul para o Vale Sombrio e, como Flick repetidamente anunciara para seu irmão, para um merecido descanso. Para Flick, seus dias de viagem estavam terminados. Menion Leah foi com eles até o vale, determinado a garantir pessoalmente que nada mais aconteceria a Shea. Dali, voltaria por um tempo para as terras altas para se encontrar com seu pai, que deveria estar sentindo sua falta. Porém, sabia que em breve voltaria para a região da fronteira e para a filha ruiva de reis que o estaria esperando.

De pé em silêncio na estrada vazia, Balinor observou os amigos se afastarem até que não fossem mais do que pequenas sombras no verde distante das pradarias. Lentamente, montou seu cavalo e voltou para Tyrsis.

A Espada de Shannara permaneceu em Callahorn. Shea insistira com firmeza em deixar o talismã com o povo da fronteira. Ninguém dera tanto para preservar a liberdade das quatro terras. Ninguém tinha mais direito de receber a incumbência de cuidar e preservar a lâmina. Assim, a lendária espada foi cravada em um bloco de mármore vermelho e colocada em um cofre no centro dos jardins do Parque do Povo em Tyrsis, coberta pela ampla e protetora Ponte de Sendic, para sempre. Gravada na face de pedra do cofre havia uma inscrição:

*Aqui descansa o coração
E a alma das nações,*

*Seu direito a serem homens
Livres,*

*Seu desejo de viverem em
Paz,*

*Sua coragem para procurar a
Verdade.*

*Aqui descansa a Espada
De Shannara.*

Semanas mais tarde, Shea balançava-se cansado em um dos bancos altos de madeira na cozinha da hospedaria, observando sem apetite o prato de comida no balcão à sua frente. Ao seu lado, Flick já estava em seu segundo prato. Era o começo da noite, e os Ohmsford tinham passado o dia inteiro reparando o telhado da varanda. O sol de verão estivera quente e o trabalho fora tedioso; mesmo assim, apesar de cansado e levemente mal-humorado, Shea não conseguia encontrar vontade de comer. Ele ainda estava separando a comida de um lado para outro quando seu pai apareceu na porta do

corredor, resmungando zangado para si mesmo. Curzad Ohmsford veio até eles sem dizer uma palavra e bateu no ombro de Shea.

— Por quanto tempo essa bobagem vai continuar? — perguntou.

Shea levantou os olhos, surpreso.

— Não sei o que você quer dizer — respondeu sincero, olhando para Flick, que deu de ombros.

— Também não está comendo muito, pelo visto. — Seu pai espiou o prato de jantar. — Como você espera recuperar suas forças se não come direito?

Ele parou por um momento e depois pareceu lembrar que saíra completamente do assunto.

— Estranhos, foi isso que eu quis dizer. Agora, suponho que você vai sair por aí de novo. Pensei que isso tinha acabado.

Shea o encarou.

— Eu não vou a lugar nenhum. Sobre o que você está falando, afinal?

Curzad Ohmsford sentou-se pesadamente em um banco livre e olhou com atenção para seu filho adotivo, aparentemente resignado com o fato de que não teria uma resposta direta sem um pouco de esforço desnecessário.

— Shea, nós nunca mentimos um para outro, não é? Quando você voltou de sua visita ao Príncipe de Leah, eu nunca o pressionei para que falasse o que aconteceu enquanto você estava lá, apesar de ter me deixado no meio da noite, sem dizer uma palavra a ninguém, mesmo tendo voltado como um fantasma do que era e evitando cuidadosamente me contar como você ficou desse jeito. Agora, me responda — ele continuou rapidamente quando Shea tentou argumentar. — Eu nunca pedi para você me contar nada, não é?

Shea sacudiu a cabeça em silêncio. Seu pai assentiu, satisfeito.

— Não, porque por acaso eu acredito que o que um homem faz é de sua conta e de mais ninguém. Mas eu não posso esquecer que da última vez que você desapareceu do vale foi logo depois que aquele outro estranho apareceu por aqui, perguntando por você.

— Outro estranho! — os irmãos exclamaram juntos.

Instantaneamente, todas as velhas memórias voltaram: a aparição misteriosa de Allanon, o aviso de Balinor, os Portadores da Caveira, a fuga, o medo... Shea escorregou lentamente de seu banco.

— Tem alguém... procurando por mim?

Seu pai assentiu, seu rosto largo se fechando ao ver o olhar preocupado do filho se voltando furtivamente para a porta.

— Um estranho, como antes. Ele chegou faz vários minutos, procurando por você. Ele está esperando no salão. Mas eu não vejo...

— Shea, o que vamos fazer? — Flick interrompeu, apressado. — Nós não temos mais nem as Pedras Élficas para nos proteger.

— Eu... eu não sei — seu irmão respondeu balbuciante, tentando desesperadamente pensar, perdido em sua confusão. — Nós poderíamos sair pela porta de trás...

— Agora, esperem um minuto! — Curzad Ohmsford ouvira o bastante. Apertou os ombros dos filhos com força e os virou até ficarem de frente para ele, encarando-os incrédulo. — Não criei meus filhos para fugirem dos problemas! — Estudou seus rostos preocupados e sacudiu a cabeça. — Vocês precisam aprender a encarar problemas e não a fugir deles. Afinal, estão em sua própria casa, entre família e amigos que irão apoiá-los e vocês ficam falando sobre fugir. — Ele os soltou e deu um passo para trás. — Agora, nós vamos todos lá para fora juntos encarar esse homem. Ele parece ser um tipo durão, mas foi bastante amigável quando conversamos. Além do mais, não acho que um sujeito com uma mão só é páreo fisicamente para três homens, mesmo com aquele espeto de metal.

Shea parou de repente.

— Uma mão...?

— Ele parece ter viajado muito para chegar aqui. — O Ohmsford mais velho não parecia ter escutado. — Ele está carregando uma pequena bolsa de couro que diz pertencer a você. Eu me ofereci para recebê-la, mas ele não me deu. Disse que não a daria a ninguém a não ser você.

De repente Flick entendeu.

— Deve ser algo importante — seu pai declarou. — Ele disse que você deixou cair a caminho de casa. Agora, como pode ter acontecido isso?

Curzad Ohmsford teve de esperar um pouco pela resposta. Apressados, seus filhos já tinham passado por ele, atravessado a porta da cozinha e estavam na metade do corredor para o salão.

LEIA NAS PRÓXIMAS PÁGINAS UM TRECHO DE

As Pedras Élficas de Shannara

LIVRO DOIS DA TRILOGIA A ESPADA DE SHANNARA

Um mal antigo ameaça os elfos: Ellcrys, a árvore criada pela magia élfica que se perdeu há muito tempo, está morrendo, colocando em risco o feitiço que mantém os demônios afastados do mundo. O temível Ceifador já conseguiu se libertar. Jogar uma nova semente no misterioso Fogossangue é a única forma de trazer a árvore de volta à vida e afastar os demônios.

Amberle, uma jovem elfa, está encarregada da missão de encontrar o Fogossangue. O caminho, no entanto, é perigoso, e ela vai precisar de um protetor. Will Ohmsford, herdeiro da magia élfica de Shannara, é o escolhido para acompanhá-la. Mas será que Will conseguirá libertar a magia das misteriosas Pedras Élficas de Shannara para salvar as quatro terras?

“Uma viagem maravilhosa e fantástica.”

– Frank Herbert

“Se Harry Potter o deixou sedento por fantasia e você ainda não descobriu a magia de Terry Brooks, prepare-se para se deliciar.”

– Rocky Mountain News

“Esta obra confirma o lugar de Terry no topo do mundo da fantasia.”

– Philip Pullman

Capítulo I

O céu noturno brilhava vagamente ao leste devido à aurora que se aproximava, quando os Escolhidos entraram nos Jardins da Vida. Do lado de fora, a cidade élfica de Arborlon continuava dormindo, seu povo ainda envolto no calor e na serenidade de suas camas. No entanto, para os Escolhidos, o dia já começara. Suas roupas brancas e compridas esvoaçaram de leve com uma rajada de vento de verão. Passaram entre as sentinelas da Guarda Negra, rígidas e distantes como sempre estiveram, por séculos, na frente do portão de ferro em arco e decorado com prata e marfim. Seguiram rápido, e apenas suas vozes e o som de suas sandálias no caminho de cascalho perturbavam o silêncio do novo dia, enquanto se deslocavam para a escuridão das sombras dos pinheiros mais à frente.

Os Escolhidos eram os guardiões de Ellcrys, a estranha e fabulosa árvore que ficava no centro dos Jardins — a árvore que, segundo a lenda, servira como proteção contra um mal primitivo que quase destruía os elfos séculos antes; um mal que fora expulso da terra antes da alvorada da velha raça dos homens. Em todo o tempo que se seguiu, houve Escolhidos para cuidar da Ellcrys. Aquela tradição passava de geração em geração de elfos; um serviço tradicional que consideravam tanto uma honra cobiçada quanto um dever solene.

Porém, havia pouca solenidade na procissão que passava pelos Jardins naquela manhã. Duzentos e trinta dias de serviço haviam se passado, e aqueles espíritos joviais não podiam mais ser facilmente controlados. A primeira sensação de deslumbramento com a responsabilidade que receberam já passara havia muito tempo, e os Escolhidos dos elfos eram apenas seis jovens rapazes a caminho de uma tarefa que tinham executado todos os dias desde que foram escolhidos, uma tarefa que se tornara antiga e familiar — a saudação da árvore ao primeiro raio do nascer do sol.

Apenas Lauren, o mais novo dos Escolhidos daquele ano, estava em silêncio. Ficou um pouco atrás dos outros, enquanto andavam, sem

participar da conversa. Sua cabeça vermelha estava curvada em concentração e sua testa, profundamente franzida. Tão envolvido estava em seus pensamentos que não percebeu quando o barulho adiante cessou, nem quando os passos se reduziram para acompanhá-lo, até que certa mão tocou seu braço. Seu rosto preocupado se ergueu, então, para ver Jase a observá-lo.

— O que houve, Lauren? Você está doente? — Jase perguntou. Como era o mais velho de todos, mesmo que só por alguns meses de diferença, Jase era o líder incontestável dos Escolhidos.

Lauren confirmou com a cabeça, mas a expressão fechada não deixou seu rosto.

— Estou bem.

— Tem *algo* incomodando você. Ficou de cara fechada a manhã toda. E, pensando bem, você esteve bem calado ontem à noite também. — A mão de Jase em seu ombro fez o elfo mais novo se virar para encará-lo. — Vamos, desembuche. Ninguém espera que você trabalhe se não estiver se sentindo bem.

Lauren hesitou, depois suspirou e assentiu.

— Tudo bem, então. É a Ellcrys. Ontem, ao pôr do sol, pouco antes de sairmos, pensei ter visto manchas em suas folhas. Parecia que estava murchando.

— Murchando? Tem certeza? Nunca aconteceu nada parecido com Ellcrys, pelo menos é o que sempre nos disseram — Jase disse, em dúvida.

— Posso ter me enganado — Lauren admitiu. — Estava escurecendo. Disse para mim mesmo que, provavelmente, eram as sombras sobre as folhas. Mas quanto mais tento me lembrar de como era mais eu penso que realmente vi as folhas murchando.

Houve um murmúrio desconcertado entre os outros, e um deles falou:

— É culpa de Amberle. Eu disse que algo ruim viria por escolherem uma garota.

— Já houve outras garotas entre os Escolhidos e nada aconteceu por causa disso — Lauren protestou. Ele sempre gostara de Amberle. Era fácil falar com ela, mesmo sendo neta do Rei Eventine Elesedil.

— Não nos últimos quinhentos anos, Lauren — o outro disse.

— Tudo bem, já chega — Jase interrompeu. — Nós concordamos em não falar sobre Amberle. Vocês sabem disso. — Ele ficou em silêncio por um

momento, pensando no que Lauren dissera. Deu de ombros. — Seria muito ruim se algo acontecesse com a árvore, especialmente enquanto ela estiver sob nossos cuidados. Afinal, nada dura para sempre.

Lauren parecia chocado.

— Mas Jase, quando a árvore enfraquecer, a Proibição acabará e os demônios serão libertados...

— Você realmente acredita nessas antigas histórias, Lauren? — Jase riu.

Lauren encarou o elfo mais velho.

— Como você pode ser um Escolhido e *não* acreditar?

— Não me lembro de ninguém ter me perguntado no que eu acreditava quando fui escolhido, Lauren. Perguntaram a você?

Lauren negou com a cabeça. Nunca perguntavam nada aos candidatos à honra de serem Escolhidos. Simplesmente, eram levados até a árvore; jovens elfos que tinham chegado à maturidade no ano anterior. No nascimento do novo ano, reuniam-se para passar por baixo de seus galhos, um de cada vez, parando momentaneamente para serem aceitos. Aqueles que a árvore tocava nos ombros se tornavam os novos Escolhidos, para servir até o fim do ano. Lauren ainda conseguia se lembrar da mistura de êxtase e orgulho que sentira no momento em que um galho fino se inclinara para tocá-lo e ele a ouvira chamando seu nome.

E ele também se lembrava do espanto de todos quando Amberle fora chamada...

— É apenas uma velha história para assustar crianças — Jase continuava dizendo. — A verdadeira função da Ellcrys é servir como lembrete ao povo élfico de que eles, assim como ela, sobrevivem, apesar de todas as mudanças que aconteceram na história das quatro terras. Ela é um símbolo da força de nosso povo, Lauren; nada mais.

Ele fez um gesto para que retomassem a caminhada até os Jardins e se virou. Lauren voltou a mergulhar em seus pensamentos. A despreocupação casual do elfo mais velho pela lenda da árvore o perturbou. Jase era da cidade, claro, e Lauren já observara que as pessoas de Arborlon pareciam levar as velhas crenças menos a sério do que aquelas da pequena aldeia ao norte de onde viera. Mas a história da Ellcrys e da Proibição não era apenas uma história; era a base de tudo o que era élfico, o acontecimento mais importante na história de seu povo.

Tudo ocorrera muito tempo antes, antes mesmo do nascimento do novo mundo. Houvera uma grande guerra entre o bem e o mal — uma guerra que os elfos finalmente ganharam ao criar a Ellcrys e uma Proibição que banuiu os malignos demônios para uma escuridão atemporal. E enquanto Ellcrys estivesse bem, o mal seria mantido fora daquela terra.

Enquanto a Ellcrys estivesse bem...

Ele sacudiu a cabeça em dúvida. Talvez o murchar das folhas fosse apenas imaginação. Ou um efeito de luz. E se não fosse, teriam simplesmente de encontrar uma cura. Sempre haveria uma cura.

Pouco depois, já estava com os outros em frente à árvore. Hesitante, olhou para cima e suspirou aliviado. Ellcrys parecia inalterada. Perfeitamente formado, seu tronco era de um branco prateado que subia para os céus em uma rede simetricamente equilibrada de galhos cobertos de largas folhas de cinco pontas de um tom vermelho-sangue. Em sua base, faixas de musgo verde cresciam em tapetes de retalhos pelas rachaduras e fendas da casca lisa, como riachos cor de esmeralda descendo uma encosta montanhosa. Não havia divisões para manchar as linhas do tronco, nenhum galho partido ou quebrado. Tão linda, ele pensou. Olhou de novo e, ainda assim, não conseguiu ver nenhum sinal da doença que temia.

Os outros foram pegar as ferramentas que usariam na manutenção dos Jardins, para alimentar e cuidar da árvore. Jase, porém, segurou Lauren.

— Você gostaria de fazer a saudação hoje, Lauren? — perguntou.

Lauren gaguejou um agradecimento surpreso. Jase estava abrindo mão da sua vez na tarefa mais especial, em um óbvio esforço para animá-lo.

Deu um passo à frente, embaixo dos galhos espalhados, para colocar as mãos no tronco liso. Os outros se reuniram ao redor alguns passos atrás para recitar a saudação matutina. Ele olhou para cima, cheio de expectativa, à procura do primeiro raio de sol que cairia sobre ela.

Abruptamente, afastou-se. As folhas logo acima dele estavam murchas e escurecidas. Seu coração se apertou. Havia manchas em outros lugares também, espalhadas pela árvore. Não era uma ilusão causada pela luz e pelas sombras. Era real.

Agitado, gesticulou para Jase e apontou quando o outro chegou perto. Como era costume naquele momento, não se falaram, mas Jase arquejou ao ver o tamanho do dano já feito. Lentamente, os dois rodearam a árvore,

descobrimo manchas em todos os lugares, algumas quase invisíveis, enquanto outras já tinham escurecido tanto aquelas folhas que a cor de sangue parecia ter lhes sido drenada.

Quaisquer que fossem suas crenças sobre a árvore, Jase ficara profundamente abalado; seu rosto expressava seu desespero quando se reuniu ao outros para conversar em sussurros. Lauren se moveu para juntar-se a eles, mas Jase rapidamente sacudiu a cabeça, apontando para o alto da árvore, onde a luz da alvorada já quase alcançara os galhos mais acima.

Lauren conhecia seu dever e voltou-se outra vez para a árvore. O que quer que estivesse acontecendo, os Escolhidos deveriam saudar Ellcrys naquele dia como a haviam saudado a cada dia, desde o começo da Ordem.

Colocou as mãos gentilmente na casca prateada e as palavras da saudação estavam se formando em seus lábios quando um galho fino da velha árvore se abaixou lentamente para tocar seu ombro.

— *Lauren...*

O jovem elfo pulou ao ouvir seu nome. Contudo, ninguém falara nada. O som fora em sua mente, a voz não era mais do que uma imagem de seu próprio rosto.

Era Ellcrys!

Ele prendeu a respiração, girando a cabeça levemente para olhar de relance o galho em seu ombro antes de virar para frente de novo. A confusão o tomou. Ela só falara com ele uma vez — no dia em que fora Escolhido. Ela dissera seu nome, dissera o nome de todos eles. Fora a última vez. Ela nunca mais falara com nenhum deles depois disso. Nunca — exceto com Amberle, claro, mas Amberle não fazia mais parte do grupo.

Ele olhou apressadamente para os outros. Todos o encaravam, curiosos para saber por que tinha parado. O galho sobre seu ombro deslizou levemente para baixo para se enrolar nele, fazendo-o encolher-se involuntariamente com seu toque.

— *Lauren. Chame os Escolhidos para mim...*

As imagens surgiram rapidamente em sua mente e sumiram. Hesitante, Lauren chamou os companheiros. Eles avançaram, as perguntas se formando em seus lábios, enquanto olhavam para cima, para os galhos prateados da árvore. Galhos se abaixaram tocando cada um deles, e a voz da Ellcrys sussurrou, suavemente:

— *Escutem-me. Lembre-se do que irei dizer. Não falhem...*

Um calafrio percorreu seus corpos, e os Jardins da Vida foram envoltos em silêncio, como se só eles continuassem vivos em todo o mundo. Imagens encheram suas mentes, fluindo uma depois da outra, em uma rápida sucessão. As imagens continham horror. Se fossem capazes, os Escolhidos teriam virado as costas para a árvore para poderem fugir e se esconder até que aquele pesadelo passasse e fosse esquecido. Mas a árvore os manteve presos; as imagens continuaram a fluir e o horror a crescer, até que sentiram que não aguentavam mais.

Finalmente, terminou. Ellcrys ficou em silêncio mais uma vez, seus galhos se ergueram sobre seus ombros e se esticaram para captar o calor do sol da manhã.

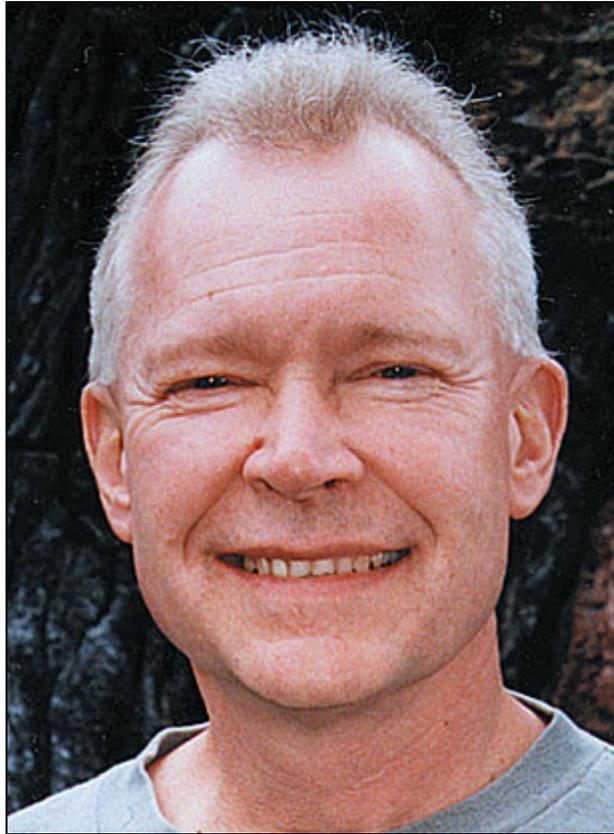
Lauren ficou paralisado. Lágrimas rolavam por suas bochechas. Despedaçados, os seis Escolhidos se entreolharam, e em cada mente a verdade sussurrava sem emitir qualquer som.

A lenda não era lenda. A lenda era vida. O mal realmente estava além de uma Proibição que Ellcrys sustentava. Apenas ela mantinha o povo élfico a salvo.

E ela estava morrendo.

SOBRE O AUTOR

© Judine Brooks 2011



Com 12 milhões de livros impressos e 18 títulos consecutivos na lista de mais vendidos do *The New York Times*, Terry Brooks é considerado um dos mestres da fantasia. Ele nasceu em 1944, em Illinois, e estudou na Hamilton College, onde se formou na Faculdade de Direito.

Brooks sentiu-se inspirado a escrever fantasia depois de ler *O Senhor dos Anéis*. Apesar de trabalhar como advogado durante o dia, à noite dedicava-se à escrita e, em 1977, publicou *A Espada de Shannara*. O livro foi um sucesso imediato e se tornou a primeira obra de ficção a figurar na lista de livros de bolso mais vendidos do *The New York Times*, onde permaneceu por mais de cinco meses.

Terry Brooks vive com a esposa, Judine.

Os dois moram parte do tempo em Seattle e parte no Havaí.

Para mais informações consulte:

 www.sdebrasil.com.br

 [/editora.sde.brasil](https://www.facebook.com/editora.sde.brasil)

 [@SdE Brasil](https://twitter.com/SdE_Brasil)

 [/SdE Brasil](https://www.instagram.com/SdE_Brasil)

OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO BANG!



MAGO APRENDIZ

LIVRO UM DE A SAGA DO MAGO

Raymond E. Feist

Na fronteira do Reino das Ilhas existe uma vila tranquila chamada Crydee. É lá que vive Pug, um órfão franzino que sonha ser um guerreiro destemido a serviço do rei. Mas a vida dá voltas e Pug acaba se tornando aprendiz do misterioso mago Kulgan. Nesse dia, o destino de dois mundos se altera para sempre.

Com sua coragem, Pug conquista um lugar na corte e no coração de uma princesa, mas subitamente a paz do reino é desfeita por misteriosos inimigos que devastam cidade após cidade. Ele, então, é arrastado para o conflito e, sem saber, inicia uma odisseia pelo desconhecido: terá de dominar os poderes inimagináveis de uma nova e estranha forma de magia... ou morrer.

A *Saga do Mago* é uma aventura sem igual, uma viagem por reinos distantes e ilhas misteriosas, onde conhecemos culturas exóticas, aprendemos a amar e descobrimos o verdadeiro valor da amizade. E, no fim, tudo será decidido na derradeira batalha entre as forças da Ordem e do Caos.

“Um dos 100 melhores livros de todos os tempos.”

– BBC



MAGO MESTRE

LIVRO DOIS DE A SAGA DO MAGO

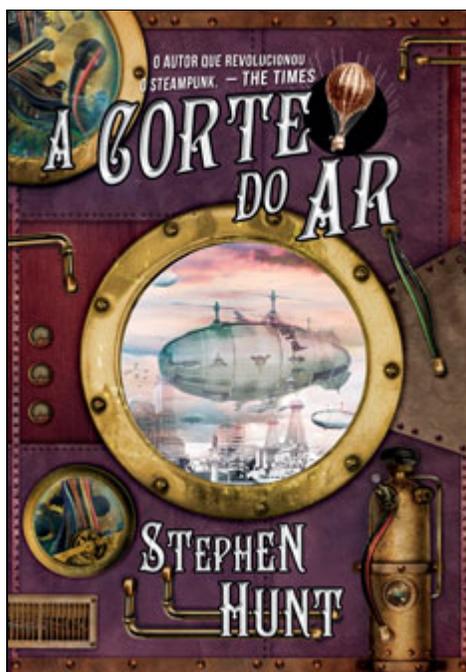
Raymond E. Feist

A saga épica de Midkemia continua...

Passaram-se três anos desde o terrível cerco a Crydee. Os três rapazes que eram os melhores amigos do mundo encontram-se agora a quilômetros uns dos outros. Pug, um escravo dos Tsurani, está prestes a se tornar um dos maiores magos que já existiram. Tomas, um grande guerreiro entre os elfos, arrisca-se a perder sua humanidade para a armadura encantada que veste. Arutha, príncipe de Crydee, luta desesperadamente contra invasores e traidores para salvar seu reino.

Mago Mestre é recheado de aventura, emoção e ameaças tão antigas quanto o próprio tempo. Com o segundo volume de *A Saga do Mago*, Raymond E. Feist volta a provar que é um dos maiores nomes da literatura fantástica na atualidade.

“Um dos 100 melhores livros de todos os tempos.”
– BBC



A CORTE DO AR

Stephen Hunt

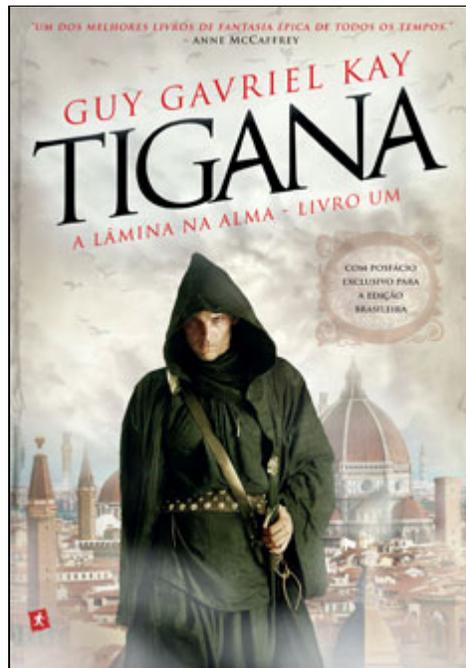
Quando a órfã Molly Templar testemunha um assassinato brutal no bordel onde foi colocada como aprendiz, seu primeiro instinto é correr de volta para o orfanato em que cresceu. Ao chegar lá e encontrar todos os seus amigos mortos, percebe que ela era o verdadeiro alvo, pois seu sangue contém um segredo muito cobiçado pelos inimigos do Estado.

Enquanto isso, Oliver Brooks é acusado pela morte do tio, seu único familiar, e forçado a fugir na companhia de um misterioso agente da Corte do Ar. Perseguido pelo país, Oliver se vê cercado de ladrões, foras da lei e espíões, e pouco a pouco desvenda o segredo que destruiu sua vida.

Molly e Oliver serão confrontados por um poder antigo que se julgava destruído há milênios e que agora ameaça a própria civilização.

Seus inimigos são implacáveis e numerosos, mas os dois órfãos terão a ajuda de um formidável grupo de amigos nesta aventura cheia de ação, drama e intriga.

“O autor que revolucionou o steampunk.”
– The Times



TIGANA

Guy Gavriel Kay

Tigana é uma encantadora obra de mito e magia que vai marcar os leitores para sempre. É a história de uma nação oprimida que luta para se libertar depois de cair nas mãos de conquistadores implacáveis. O povo foi tão amaldiçoado pela feitiçaria do Rei Brandin que o próprio nome da sua bela terra não pode ser lembrado ou pronunciado.

Mas, anos após a devastação de sua capital, um pequeno grupo de sobreviventes, liderado pelo Príncipe Alessan, inicia uma cruzada perigosa para destronar os reis despóticos que governam a Península da Palma, numa tentativa de recuperar o nome banido: Tigana.

Num mundo ricamente detalhado, onde impera a violência das paixões, um povo determinado luta para alcançar seus sonhos. *Tigana* é um épico sublime que mudou para sempre as fronteiras da fantasia.

“Guy Gavriel Kay mostra nesta obra por que é considerado o verdadeiro herdeiro da tradição de Tolkien.”

– Booklist



A FILHA DO SANGUE

LIVRO UM DA TRILOGIA DAS JOIAS NEGRAS

Anne Bishop

Reino Distorcido se prepara para o cumprimento de uma antiga profecia: a chegada de uma nova Rainha, a Feiticeira que tem mais poder que o próprio Senhor do Inferno. Mas ela ainda é jovem, e por isso pode ser influenciada e corrompida. Quem a controlar terá domínio sobre o mundo.

Três homens poderosos – inimigos viscerais – sabem disso. Saetan, Lucivar e Daemon logo percebem o poder que se esconde por trás dos olhos azuis daquela menina inocente. Assim começa um jogo cruel, de política e intriga, magia e traição, no qual as armas são o ódio e o amor. E cujo preço pode ser terrível e inimaginável.

“Tremendamente sensual, rico em detalhes, um mundo em que se subvertem todos os clichês do gênero fantástico. Simplesmente genial.”

– Library Journal

COLEÇÃO **BANG!**

A MELHOR FANTASIA, FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

1. Mago – Aprendiz – Livro Um
Raymond E. Feist
2. A Corte do Ar
Stephen Hunt
3. Tigana – A Lâmina na Alma –
Livro Um
Guy Gavriel Kay
4. Mago – Mestre – Livro Dois
Raymond E. Feist
5. A Filha do Sangue – Livro Um –
Trilogia das Joias Negras
Anne Bishop
6. A Espada de Shannara – Livro Um –
Trilogia A Espada de Shannara
Terry Brooks

Próximos Títulos

Tigana – A Voz da Vingança –
Livro Dois
Guy Gavriel Kay

REVISTA **BANG!**

a sua dose diária de fantasia, ficção científica e horror



Já conhece a revista especializada na cultura do fantástico, da literatura ao cinema e HQs, não faltando entrevistas, ensaios e ficção? Venha descobrir em:

www.revistabang.com

Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:



Sumário

[Créditos](#)

[Mapa](#)

[Carta do Editor](#)

[Nota do autor](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Capítulo XXV](#)

[Capítulo XXVI](#)

[Capítulo XXVII](#)

[Capítulo XXVIII](#)

[Capítulo XXIX](#)

[Capítulo XXX](#)

[Capítulo XXXI](#)

[Capítulo XXXII](#)

[Capítulo XXXIII](#)

[Capítulo XXXIV](#)

[Capítulo XXXV](#)

[Trecho do livro *As Pedras Élficas de Shannara*](#)

[Capítulo I](#)

[Sobre o autor](#)

[Outros títulos da Coleção Bang!](#)

[Ficha da Coleção Bang!](#)